

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

REYTH DA CUNHA RIBEIRO

“CANTAREI COM O ESPÍRITO E COM O ENTENDIMENTO”: A HARPA CRISTÃ
E A DECLARAÇÃO DE FÉ DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

São Leopoldo

2022

REYTH DA CUNHA RIBEIRO

**“CANTAREI COM O ESPÍRITO E COM O ENTENDIMENTO”: A HARPA CRISTÃ
E A DECLARAÇÃO DE FÉ DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL**

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de
Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação
Linha de Pesquisa: Fenômeno Religioso e
Práxis Educativa na América Latina

Orientador: Prof. Dr. Flávio Schmitt

São Leopoldo

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R334c Ribeiro, Reyth da Cunha
"Cantarei com o espírito e com o entendimento": a Harpa Cristã e a Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil / Reyth da Cunha Ribeiro; orientador Flávio Schmitt. – São Leopoldo: EST/PPG, 2022.
345 p. : il. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2022.

1. Harpa Cristã - Hinário. 2. Pentecostalismo – Brasil – História. I. Assembleia de Deus. II. Schmitt, Flávio, orientador. III. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

REYTH DA CUNHA RIBEIRO

**“CANTAREI COM O ESPÍRITO E COM O ENTENDIMENTO”: A HARPA CRISTÃ E
A DECLARAÇÃO DE FÉ DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL**

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de
Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião e Educação

Data de Aprovação: 13 de outubro de 2022

PROF. DR. FLÁVIO SCHMITT (PRESIDENTE)
Assinado digitalmente

PROF.^a DR.^a LAUDE ERANDI BRANDENBURG (EST)
Assinado digitalmente

PROF. DR. ONEIDE BOBSIN (EST)
Assinado digitalmente

PROF. DR. BELMIRO MEDEIROS DA COSTA JÚNIOR (FBN)
Participação por webconferência

PROF.^a DR.^a LILIANE COSTA DE OLIVEIRA (UFAM)
Participação por webconferência

Assinado
digitalmente por
Flávio Schmitt
Data: 24/10/2022
11:02:49 -03:00



Assinado digitalmente
por
Laude Erandi
Brandenburg
Data: 26/10/2022
10:49:04 -03:00



Assinado
digitalmente por
Oneide Bobsin
Data: 02/11/2022
10:08:06 -03:00



*À minha querida esposa, Luciana Ribeiro,
por todo amor, compreensão e por me
apoiar em cada momento da produção
desta tese, ao meu pai, Agostinho Ribeiro,
pelo apoio e confiança, à minha mãe,
Izaneth Cunha, por todo amor e atenção
dedicado a mim, ao meu irmão, Lemmos
Ribeiro e às minhas irmãs, Brenda
Nascimento e Leyenne Nascimento, pelo
companheirismo.*

AGRADECIMENTOS

Tarefa difícil é esta, citar nominalmente, todas as pessoas que colaboraram de alguma forma, não apenas na produção de uma tese, mas na construção de um sonho. Por isso, peço licença para citar apenas alguns nomes, se não fosse assim, seria mais uma tese a ser escrita.

Agradeço a Deus pelo privilégio de cumprir na minha vida esta promessa, uma vez vaticinada enquanto era apenas um adolescente. Agradeço pela ideia do tema e por estar ao meu lado em cada instante, em cada etapa da produção desta tese, em cada viagem, e, principalmente, nos momentos mais difíceis, que não foram poucos.

À minha querida esposa, Luciana Ribeiro, pelo amor, companheirismo, apoio e confiança, por compreender as minhas ausências no momento das viagens desde a época do mestrado e depois no doutorado. Me comprometo em lhe acompanhar quando for a sua vez, seja no seu mestrado bem como no seu doutoramento. Amo você, você é minha vida.

À minha mãe, Izaneth Freitas da Cunha e ao meu pai, Agostinho Ribeiro do Nascimento, que não tiveram a mesma oportunidade que estou tendo neste momento, mas sempre me incentivaram em meus estudos, esse doutorado dedico a vocês. Aos meus irmãos, Brenda Nascimento Feijó (antiga Cunha do Nascimento), Lemmos Cunha Ribeiro e Leyenne Cunha do Nascimento, companheiros de longos dias. E aos meus sobrinhos, Geovana Nascimento Feijó e Nicolas Cunha Muller.

Ao meu orientador, pastor, professor e doutor Flávio Schmitt, por toda a paciência, pelo zelo, pelas conversas, pela honrosa visita a minha cidade, Manaus. Agradeço pelas orientações, seja presencialmente ou a distância, muito me ensinou com sua sabedoria, conhecimento e simplicidade, muito obrigado!

Aos professores e às professoras do Doutorado Interinstitucional (DINTER), por todo o aprendizado e companheirismo.

À Faculdade Boas Novas na pessoa da Prof^a. Dr. Maria José Costa Lima (Mazé), e ao Pastor Edivaldo Lopes de Lima, pelo incentivo, apoio e bravura na I pela educação em nosso Estado.

Aos amigos e às minhas amigas do doutorado, mas em destaque aos companheiros Miquéias e Belmiro, pelo tempo juntos, nas viagens, nos estudos na biblioteca e nos momentos que precisávamos “flautear”. Meu muito obrigado!

RESUMO

A presente pesquisa pretende uma análise histórica, bíblica e teológica da Harpa Cristã e da Declaração de Fé das Assembleias de Deus, os dois escritos oficiais da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil. Cada um desses documentos possuem suas características e finalidades próprias bem como seu tempo de atuação no ambiente institucional. O primeiro e mais antigo, desde 1922, tem cumprido seu papel litúrgico no cenário pentecostal brasileiro, se tornando por várias décadas a única coletânea de hinos pentecostais oficialmente chancelada pela Assembleia de Deus e instrumentalizada tanto por esta denominação quanto por outras igrejas pentecostais brasileiras nas mais diversificadas frentes de atuação eclesiástica. Já o segundo e mais recente, tem encontrado seu lugar no ambiente assembleiano ao ser reconhecido, a partir de 2017, como o único documento eclesiástico autorizado pela Assembleia de Deus que contém em seu arcabouço vinte e quatro artigos de fé de interpretação bíblico-pentecostal. E o que se pretende no presente estudo é analisar a relação doutrinária entre a Harpa Cristã e a confissão de fé assembleiana e estabelecer os marcos históricos e influencia institucional destes dois documentos do assembleianismo brasileiro.

Palavras-chave: Assembleia de Deus; Declaração de Fé; Harpa Cristã; Música.

ABSTRACT

The present research aims to conduct a historical, biblical and theological analysis of the Christian Harp and the Declaration of Faith of the Assemblies of God, which are the two official writings of the Assemblies of God Evangelical Church in Brazil. Each one of these documents has its own characteristics and purposes and also its specific time of use in the institutional environment. The first and oldest one, adopted in 1922, has fulfilled its liturgical role in the Brazilian Pentecostal scenario, becoming for several decades the only Pentecostal hymn collection officially sanctioned by the Assemblies of God and used both by this denomination and by other Brazilian Pentecostal churches in the most diversified ecclesiastical action fronts. On the other hand, the second and most recent one has found its place in the Assemblies environment since 2017, when it was recognized as the only ecclesiastical document – authorized by the Assemblies of God – that contains twenty-four articles of faith of Pentecostal biblical interpretation in its framework. And the present study is intended to analyze the doctrinal relationship between the Christian Harp and the confession of faith of the Assemblies and establish the historical milestones and institutional influence of these two documents of the Brazilian Assemblies of God.

Keywords: Assemblies of God; Declaration of Faith; Christian Harp; Music.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Hinários na Assembleia de Deus entre 1917 à 1996.....119

TABELA 2 - Edições da Harpa Cristã com música - entre 1929 À 2007.....134

TABELA 3 - Desenvolvimento da Declaração de Fé Assembleiana em sua Segunda Fase.....211

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	22
1.1 UMA BREVE HISTÓRIA DA ASSEMBLEIA DE DEUS.....	24
1.2 A MÚSICA NA ASSEMBLEIA DE DEUS.....	27
1.3 PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO.....	29
2 ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA HARPA CRISTÃ: UMA ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA E CRÍTICA.....	34
2.1 O SURGIMENTO DA HARPA CRISTÃ: A IDEALIZAÇÃO E CONCEPÇÃO DO PROJETO.....	37
2.2 O CAMINHO DA HINÓDIA ASSEMBLEIANA.....	54
2.2.1 Salmos e Hymnos, o primeiro hinário usado pelos assembleianos.....	56
2.3 HINÁRIOS “ASSEMBLEIANOS”	62
2.3.1 Hinários anteriores.....	63
2.3.1.1 <i>O Cantor Pentecostal: O primeiro hinário assembleiano?..</i>	<i>69</i>
2.3.2 Hinário posterior: O Psaltério Pentecostal, uma dissidência carioca?.....	85
2.4 O HINÁRIO OFICIAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS.....	103
2.4.1 A Harpa Cristã com música.....	123
2.4.2 Outras publicações da Harpa Cristã.....	137
2.4.3 A Harpa Cristã na atualidade.....	140
2.4.4 Missão Harpa.....	143
3 A DECLARAÇÃO DE FÉ DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL: UMA CONFISSÃO DE FÉ PENTECOSTAL.....	152
3.1 DECLARAÇÕES DE FÉ ANTERIORES: DOS CREDOS AS CONFISSÕES.....	154
3.1.1 A influência das confissões de fé do protestantismo histórico na Declaração de Fé assembleiana.....	156
3.1.2 “Antes tarde do que nunca”: mas porque demorou tanto?.....	160

3.1.3	A identidade assembleiana na Declaração de Fé: algumas características peculiares.....	163
3.2	AS DUAS TRADIÇÕES NA DECLARAÇÃO DE FÉ ASSEMBLEIANA: DA ORALIDADE À TRADIÇÃO ESCRITA.....	169
3.2.1	A oralidade no assembleianismo brasileiro.....	170
3.2.2	A tradição escrita no assembleianismo brasileiro.....	174
3.3	AS TRÊS FASES DA DECLARAÇÃO DE FÉ ASSEMBLEIANA: DA INFORMALIDADE À UNIFORMIZAÇÃO.....	184
3.3.1	1ª Fase - A concepção do Credo assembleiano (1910-1919): da informalidade à formalização.....	185
3.3.2	2ª Fase - A adaptação e construção da confissão de fé assembleiana, o Cremos (1919-2017): da formalização à oficialização.....	195
3.3.3	3ª Fase - A Declaração de Fé das Assembleias de Deus: da oficialização a uniformização? (2017- Atual).....	219
3.4	O PANO DE FUNDO HISTÓRICO: A FORMULAÇÃO E OFICIALIZAÇÃO DO DOCUMENTO.....	220
3.4.1	Os 24 artigos da Declaração de Fé: uma síntese crítica da confissão assembleiana.....	224
3.4.1.1	<i>Capítulo 1 - Sobre as Sagradas Escrituras.....</i>	224
3.4.1.2	<i>Capítulo II - Sobre Deus.....</i>	226
3.4.1.3	<i>Capítulo III - Sobre a Trindade.....</i>	228
3.4.1.4	<i>Capítulo IV - Sobre a identidade do Senhor Jesus Cristo..</i>	231
3.4.1.5	<i>Capítulo V - Sobre as obras de Cristo.....</i>	235
3.4.1.6	<i>Capítulo VI - Sobre o Espírito Santo.....</i>	236
3.4.1.7	<i>Capítulo VII – Sobre o Homem (humanidade).....</i>	238
3.4.1.8	<i>Capítulo VIII - Sobre as criaturas espirituais.....</i>	239
3.4.1.9	<i>Capítulo IX - Sobre o pecado e suas consequências.....</i>	241
3.4.1.10	<i>Capítulo X - Sobre a salvação.....</i>	242
3.4.1.11	<i>Capítulo XI - Sobre a igreja.....</i>	245
3.4.1.12	<i>Capítulo XII - Sobre o batismo em águas.....</i>	246

3.4.1.13	<i>Capítulo XIII - Sobre a ceia do Senhor.....</i>	247
3.4.1.14	<i>Capítulo XIV - Sobre a forma de governo.....</i>	248
3.4.1.15	<i>Capítulo XV - Sobre a verdadeira adoração.....</i>	250
3.4.1.16	<i>Capítulo XVI - Sobre a igreja e o Estado.....</i>	251
3.4.1.17	<i>Capítulo XVII e XVIII - Sobre a Lei e Sobre os dez mandamentos.....</i>	252
3.4.1.18	<i>Capítulo XIX - Sobre o batismo no Espírito Santo.....</i>	253
3.4.1.19	<i>Capítulo XX - Sobre os dons do Espírito Santo.....</i>	254
3.4.1.20	<i>Capítulo XXI - Sobre a cura divina.....</i>	255
3.4.1.21	<i>Capítulo XXII e XXIII - Sobre o mundo vindouro e Sobre a vinda de Cristo.....</i>	255
3.4.1.22	<i>Capítulo XXIV - Sobre a família.....</i>	257
3.4.2	Os credos ecumênicos.....	259
4	“CANTAREI COM O ESPÍRITO, MAS TAMBÉM CANTAREI COM O ENTENDIMENTO”: CANTAR A DECLARAÇÃO DE FÉ DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS ATRAVÉS DA HARPA CRISTÃ.....	262
4.1 A	HARPA CRISTÃ E A TÉTRADE CONFISSÃO DE FÉ ASSEMBLEIANA.....	263
4.1.1	“Jesus salva...”	266
4.1.2	“... Jesus cura...”	273
4.1.3	“... Jesus batiza no Espírito Santo...”	281
4.1.4	“...Jesus voltará”	289
4.2	A HARPA CRISTA E A DECLARAÇÃO DE FÉ DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS: UMA BREVE AVALIAÇÃO.....	297
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	300
	REFERÊNCIAS.....	307
	ANEXOS.....	327

1 INTRODUÇÃO

O pentecostalismo que surgiu no início do século XX, também conhecido como pentecostalismo moderno¹ tem sido muito bem representado, seja no Brasil ou em outras partes do mundo por diversas denominações que creem e ensinam a contemporaneidade dos dons e demais manifestações do Espírito Santo², em especial, o falar em línguas (glossolalia)³, além das curas e demais ações do Espírito nos dias atuais. Esses grupos pentecostais mantêm vínculos com o protestantismo histórico, pois no geral, preservam as mesmas doutrinas fundamentais ensinadas durante a Reforma Protestante que ocorreu no século XVI, como por exemplo, a centralidade das Escrituras, a salvação pela graça entre muitas outras doutrinas⁴.

Apesar disso, não podemos considerar que haja um consenso geral entre pentecostais e as demais denominações cristãs protestantes, considerando que um número significativo de congregações evangélicas são cessacionistas⁵. Deste modo, o distanciamento doutrinário de algumas denominações oriundas da Reforma no que se refere as características fundamentais do pentecostalismo moderno são, em geral, a crença no continuísmo a partir de uma interpretação literalista e normativa dos fenômenos vinculados a experiência dos apóstolos e demais pessoas cristãs na festa

¹ Designação usada para distinguir o pentecostalismo moderno do século XX, dos diversos movimentos antecedentes de efusão do Espírito na história da igreja cristã. Após verificação histórica é possível perceber os diversos relatos históricos que asseguram a manifestação do Espírito e a atualidade dos dons no decorrer da história da igreja como movimentos de avivamento e entusiasmo. Deste modo, de acordo com a doutrina pentecostal, historicamente, o início e impulso do movimento tem suas raízes no início da década de 30 d. C., durante a festa judaica de Pentecostes, (daí o termo pentecostal), festa que ocorria cinquenta dias após ao domingo de Páscoa. O relato contido no livro de Atos, especificamente no capítulo 2, narra a descida do Espírito Santo sobre os primeiros discípulos, cristãos de origem judaica, quando estes se achavam reunidos para a festa em Jerusalém, este episódio narra o fenômeno que os permitiu, de forma sobrenatural e imediata, falar em outras línguas, esse mesmo fenômeno se repetiu em vários momentos históricos, seja na Europa ou na América, todavia, o pentecostalismo moderno se refere aos movimentos que surgiram em diversos momentos nos Estados Unidos no início do século XX, encontros onde se ensinava a atualidade dos dons do Espírito Santo, das curas divinas, mas, principalmente no falar em outras línguas.

² Os nove dons do Espírito Santo descritos em I Coríntios 12. 4-11.

³ Termo derivado de *glossais lalein*, uma frase grega usada no Novo Testamento, significando literalmente “falar em [ou ‘com’ ou ‘por’] línguas”. ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 331. Para a maioria dos pentecostais o “falar em outras línguas ou falar em línguas estranhas” é a maior evidência do batismo no Espírito Santo, uma experiência de revestimento de poder pós conversão.

⁴ FAJARDO, Maxwell. **Onde a luta se travar**: uma história das Assembleias de Deus no Brasil. Curitiba: Prismas, 2017, p. 62.

⁵ Denominações Históricas e Reformadas basicamente são cessacionistas e se opõem aos continuístas que defendem a continuidade dos dons. O cessacionismo sustenta que (todos ou alguns) os dons do Espírito Santo cessaram no final do primeiro século, período de atividade apostólica em que o Segundo Testamento não havia sido ainda encerrado.

de Pentecostes descrita no livro de Atos dos Apóstolos⁶, além de um forte discurso para um escatologismo como negação do mundo⁷, uma persistente soteriologia arminiana e uma ênfase rigorosa quanto a moral individual puritana.

À vista disso, não se pode negar que o pentecostalismo é um movimento bastante fragmentado, assim como é o protestantismo como um todo, e com o passar do tempo tem se tornado cada dia mais variado e segmentado. No tocante ao pentecostalismo brasileiro, nem sempre foi assim, pois o movimento no Brasil, em seu estágio inicial, não era tão diversificado como hoje. Por isso, mesmo que seja incoerente falar de homogeneidade, podemos considerar o usufruto de uma longa “hegemonia” das primeiras igrejas pentecostais brasileiras, uma vez que o movimento era representado, exclusivamente por duas denominações, a Congregação Cristã do Brasil (CCB) e a Assembleia de Deus (AD), isso ocorreu até a primeira metade do século XX no início de sua aclimação em solo brasileiro.

O pentecostalismo brasileiro nunca foi homogêneo. Desde o início, conteve diferenças internas. Congregação Cristã e Assembleia de Deus, as duas primeiras igrejas pentecostais fundadas no Brasil, a primeira em 1910, a segunda em 1911, sempre apresentaram claras distinções eclesiásticas e doutrinárias, que, com o passar do tempo, geraram formas e estratégias evangelísticas e de inserção social bem distintas. Na década de 50 [...] teve início a fragmentação denominacional do pentecostalismo, diversificação institucional que repercutiu igualmente em suas ênfases doutrinárias e inovações proselitistas⁸.

Estas duas igrejas se desenvolveram, cada uma ao seu modo, partindo de estratégias e lugares diferentes, não tinham qualquer tipo de relacionamento e claramente possuíam suas diferenças doutrinárias, mas não havia entre elas disputas ou rivalidades como ocorreu entre a AD e a Igreja Católica⁹. Ainda assim, elas

⁶ Livro que descreve a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e demais discípulos e discípulas, curas divinas, exorcismos entre outros eventos na vida diária da primeira igreja.

⁷ ALENCAR, Gedeon Freire. **Assembleia de Deus: Origem, Implantação e Militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010, p. 141.

⁸ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999, p. 23.

⁹ ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 21-23. O autor comenta que os pentecostais assembleianos tiveram que enfrentar tenaz resistência e luta oriundas do catolicismo tradicional de impacto muito mais abrangente no país. Esta perseguição se dava por sua atividade proselitista, que na maioria dos casos, procurava, a partir da evangelização converter novos adeptos advindos de ambientes católicos. As ofensas e destratos variavam desde o afastamento do trato social e a recusa de cumprimentos quando se cruzavam pelas

desfrutaram de uma inegável hegemonia, se tornando as únicas igrejas pentecostais de grande porte no Brasil até o princípio da década de 1950. Logo, foram necessários um pouco mais de quarenta anos para surgirem outras igrejas pentecostais que com o tempo foram alcançando seu espaço¹⁰. Não obstante, em meio a atual constelação de denominações de orientação pentecostal, damos devido destaque a Igreja Evangélica Assembleia de Deus (IEAD), considerada a matriz do movimento no Brasil.

1.1 UMA BREVE HISTÓRIA DA ASSEMBLEIA DE DEUS

Fundada por Gunnar Vingren¹¹ e Daniel Berg¹², dois missionários suecos de origem batista que logo após serem batizados no Espírito Santo receberam o chamado de Deus para irem a um lugar no Brasil chamado Pará, assim contaram os pioneiros e os historiadores oficiais assembleianos¹³. Vindos a partir da América do Norte¹⁴ os dois pregadores pentecostais chegaram a esta nação em 19 de novembro de 1910, sem qualquer pretensão de fundar uma nova denominação.

Porém, diante de inúmeras circunstâncias, iniciaram no Brasil, na cidade de Belém, capital do Estado do Pará, em 18 de junho de 1911 com mais 18 pessoas a Missão da Fé Apostólica, primeiro nome dado à Assembleia de Deus, entretanto, sem qualquer vínculo com homônima americana¹⁵. O nome Sociedade Evangélica

ruas além do uso de termos pejorativos até hostilidade aos templos. Essa perseguição se amainou apenas na década de 1950 quando a Igreja Católica deslocou sua atenção aos interesses sociais.

¹⁰ CÉSAR, Elben M. Lenz. **História da evangelização do Brasil: dos Jesuítas aos Neopentecostais**. Viçosa: Ultimato, 2000, p. 129. O autor cita os três grupos pentecostais que surgiram no país, a Igreja do Evangelho Quadrangular em 1951, a Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo em 1955 e a Igreja Pentecostal Deus é Amor em 1961.

¹¹ Adolph Gunnar Vingren (1879-1933). Missionário sueco, pastor, fundador das Assembleias de Deus no Brasil. Nasceu em 8 de agosto de 1879, em Östra Husby, Östergötland, Suécia. ARAÚJO, 2007, p. 898.

¹² Daniel Gustav Högberg (1884-1963). Missionário sueco, pastor, evangelista e fundador das Assembleias de Deus no Brasil. Nasceu em 19 de abril de 1884, na pequena cidade de Vargön, na Suécia, às margens do lago de Vernern. ARAÚJO, 2007, p. 122.

¹³ BERG, David. **Daniel Berg: enviado por Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 1995, p. 53; CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. 6 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 24; VINGREN, Gunnar. **O diário do pioneiro**. 5 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000, p. 27

¹⁴ Os missionários embarcaram em Nova Iorque no navio Clement, no dia 05 de novembro e aportaram no Brasil, no porto de Belém em 19 de novembro de 1910.

¹⁵ Provavelmente em referência ao avivamento catalizador do movimento pentecostal moderno que ocorreu cinco anos antes, liderado pelo pastor William Joseph Seymour, pregador afro-americano e fundador da Missão da Fé Apostólica na rua Azusa, 312, em Los Angeles, Califórnia, contudo, destaca-se que não havia quaisquer vínculos uma com a outra.

Assembleia de Deus foi preferível como pessoa jurídica e adotado somente a partir de 1918 como destaca Gunnar Vingren no seguinte relato registrado em seu diário:

O ano de 1918 foi de suma importância para a continuação do movimento pentecostal no Brasil. O trabalho já contava alguns anos. Agora chegara o momento de registrar a Igreja para que ela se tornasse pessoa jurídica. Isto aconteceu no dia 11 de janeiro de 1918, quando a Igreja foi registrada oficialmente com o nome de “Assembléia de Deus”¹⁶.

Para além dessas questões burocráticas a igreja cresceu, nenhuma outra denominação evangélica havia experimentado um crescimento tão rápido. Somente nos quatro primeiros anos de seu surgimento, entre 1911-1914 foram registrados 384 batismos em águas¹⁷, quase noventa anos mais tarde vemos o mesmo vigor em outro registro surpreendente, a grande concentração que a AD conseguiu agregar em setembro de 1997, por ocasião de seu Congresso Mundial, onde cerca de um milhão de pessoas assembleianas se reuniram no Campo de Marte na cidade de São Paulo¹⁸. Por isso, a denominação prefigura como a maior igreja pentecostal brasileira e atualmente a maior denominação evangélica do mundo¹⁹.

Esse vertiginoso crescimento e seus números impressionantes tem sido registrados nos três últimos dados censitários²⁰, esses registros tem apresentado a ação das Assembleias de Deus no tocante a evangelização, se tornando desta forma, como já observamos, a maior igreja evangélica brasileira com mais de 12 milhões de

¹⁶ VINGREN, 2000, p. 104. No entanto, considera-se a preferência de um nome jurídico sem descartar o uso corrente e paralelo dos dois nomes até 1918 como afirma o jornal Voz da Verdade, primeiro jornal pentecostal não oficial das Assembleias de Deus que em sua primeira edição destaca a seguinte notícia: “Os nossos irmãos Samuel Nystron e Daniel Berg em uma viagem evangelística que fizeram em seis igrejas da fé apostólica, no interior deste Estado, batizara 90 pessoas. A Assembléia de Deus em São Luiz (Pará) tem crescido tanto que o vasto salão da Casa de Oração se tornou pequeno para acomodar os irmãos que ali se reúnem. O pastor Gunnar Vingren batizou, no batistério da Assembléia de Deus nesta cidade (Belém), 12 pessoas que se entregaram a Jesus. O nosso irmão Severino Moreno foi para Manaus e lá testificou acerca da verdade gloriosa [de] que Jesus batiza com o Espírito Santo; foi tão abençoado que precisou ir para aquela capital um missionário da Fé Apostólica (Assembleia de Deus)”. ARAÚJO, 2007, p. 907-908.

¹⁷ CÉSAR, 2000, p. 121.

¹⁸ ARAÚJO, Isael de. **José Wellington**: biografia. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 291. De acordo com Elben César, neste evento, havia 700 mil assembleianos no Campo de Marte no dia de encerramento que contou com presença do então presidente da República Fernando Henrique Cardoso. CÉSAR, 2000, p. 122.

¹⁹ ALENCAR, 2010, p. 21.

²⁰ Censos de 1991, 2000 e 2010, respectivamente, conduzidos pelo IBGE.

adeptos, segundo estimativas geradas pelo IBGE no censo de 2010²¹, contudo, conforme Wulforth, na primeira metade da década de 1990 a Assembleia de Deus já teria em média cerca de 13 milhões de fiéis, o autor apresenta esses números a partir dos dados oferecidos pela Associação Evangélica Brasileira (AEVB)²².

Todo este aumento quantitativo pode ser explicado a partir do labor incansável da liderança, e na maior parte, da própria membresia assembleiana, trabalho na maioria das vezes realizado por leigos e leigas contrariando as estruturas e costumes do protestantismo tradicional da época que se preocupava mais com a preservação dos valores de suas colônias de fé com um evangelismo mais voltado para o alcance étnico-cultural²³ do que o evangelismo de cunho proselitista²⁴ adotado pela Assembleia de Deus. Por este motivo a AD foi alcançando o país de forma periférica e enfrentando todo o preconceito religioso com o rótulo de “seita pentecostista”²⁵.

De caráter marginal, a maioria de seus membros eram formados dos extratos sociais mais baixos e acostumados à marginalização²⁶. A liderança assembleiana, e principalmente sua membresia, desbravou o Brasil da década de 1910 e marcou surpreendente presença, estabelecendo templos em quase todo o território nacional num curto período de 20 anos²⁷. As informações a seguir demonstram esta presença e o crescimento acelerado do assembleianismo no Brasil.

²¹ Estas estimativas consideram a amplitude do crescimento do movimento pentecostal e a representação da denominação Assembleia de Deus, pois segundo os dados apresentados, os adeptos de denominações pentecostais representam mais de 70% do número de evangélicos no Brasil, por conseguinte, os fiéis da Assembleia de Deus representam quase a metade do número destes pentecostais brasileiros. IBGE. **Censo, amostra – religião**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>. Acesso em: 12 de julho de 2019.

²² WULFHORST, Ingo. **O pentecostalismo no Brasil**. In: Revista Estudos Teológicos. Programa de Pós-Graduação em Teologia. São Leopoldo, v.35, nº 1, 1995, p. 08, 1995.

²³ ROLIM, 1985, p. 21.

²⁴ O proselitismo religioso é o esforço desenfreado empregado por diversos grupos religiosos na conversão à filiação religiosa de pessoas ou determinados grupos não importando se o alvo do evangelismo proselitista for pessoas adeptas de outras religiões.

²⁵ A Assembleia de Deus, na década de 1920, era retratada nos jornais das denominações tradicionais como “seita pentecostista”. ALENCAR, 2010, p. 48.

²⁶ ALENCAR, 2010, p. 49.

²⁷ Até o ano de 1931, exatamente, 20 anos após a fundação da Assembleia de Deus no Brasil, a denominação já estava presente em 21 estados brasileiros, a saber, 1. Pará (1911); 2. Ceará (1914); 3. Alagoas (1914); 4. Paraíba (1914); 5. Roraima (1915); 6. Pernambuco (1916); 7. Amapá (1916); 8. Amazonas (1917); 9. Rio Grande do Norte (1918); 10. Maranhão (1921); 11. Espírito Santo (1922); 12. Rondônia (1922); 13. Rio de Janeiro (1923); 14. São Paulo (1923); 15. Rio Grande do Sul (1924); 16. Bahia (1926); 17. Piauí (1927); 18. Minas Gerais (1927); 19. Sergipe (1927); 20. Paraná (1928); 21. Santa Catarina (1931). Anos mais tarde, a Assembleia de Deus foi prosseguindo no processo de implantação da denominação nos demais estados brasileiros, 22. Acre (1932); 23. Goiás (1936); 24. Mato Grosso (1936); 25. Mato Grosso do Sul (1944) e 26. Distrito Federal (1956). ARAÚJO, 2007, p. 56.

A AD, que em início em 1911 com vinte membros [...] em 1930 tem 14.000 membros, em 1950, 120.000 membros. Um crescimento de aproximadamente 69.000% em 19 anos e 108.000% em 38 anos, respectivamente. No total, mais 600.000% de crescimento nas quatro primeiras décadas, algo em torno de 15.000% ao ano!²⁸

Para acentuar ainda mais esta realidade, pontuamos outro motivo do sucesso da expansão pentecostal-assembleiana, a saber, a sua dinâmica enquanto um grupo denominacional que interpreta a Bíblia a partir de suas próprias realidades e vicissitudes, um público que busca se aproximar das pessoas a partir de seus contextos e vida cotidiana e incentivando sua membresia a exercerem a mesma função e força evangelizadora como projeto divino para a sua igreja nesta terra²⁹.

Não importava se eram pobres, negros, negras, mulheres ou pessoas analfabetas, se possuíam ou não alguma formação básica ou instrução teológica ou mesmo algum cargo eclesiástico, somente com a Bíblia e a Harpa Cristã em mãos, batizados/as no Espírito Santo e com ousadia no falar cada qual poderia ensinar, pregar, compartilhar experiências ou testemunhar publicamente sua fé em Jesus, ou seja, a pujança do movimento era autorizada pelo poder do Espírito Santo que legitimava, indiscriminadamente, a cada pessoa assembleiana a exercer seus dons e ministérios, pois neste sentido “é a experiência que legitima a regra teológica”³⁰.

1.2 A MÚSICA NA ASSEMBLEIA DE DEUS

Apesar dessa realidade existe uma outra particularidade no assembleianismo brasileiro que envolve um dos instrumentos utilizados em sua operacionalização do canto congregacional. Além da música entusiástica e empolgante que distingue a

²⁸ ALENCAR, 2010, p. 19.

²⁹ Muito do que diz respeito à evangelização e expansão do assembleianismo no Brasil se deu a partir do trabalho incansável de sua membresia, como no exemplo de Celina Albuquerque e Maria de Jesus Nazareth, respectivamente, a primeira e segunda mulheres assembleianas a serem batizadas no Espírito Santo no contexto do assembleianismo brasileiro. Ambas exerceram forte trabalho evangelístico, Maria de Nazareth é considerada a fundadora da Assembleia de Deus no Ceará, o segundo Estado brasileiro a receber a mensagem pentecostal em 1914, ao partir para o interior do Ceará para pregar para seus familiares. ARAÚJO, Isael de. **História do movimento pentecostal no Brasil**: o caminho do pentecostalismo brasileiro até os dias de hoje. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 45. Outro exemplo é o de Severino Moreno de Araújo, pioneiro da Assembleia de Deus em Manaus, Amazonas. Severino Araújo foi transferido para a cidade de Manaus para trabalhar como condutor de bonde, mas chegando na cidade iniciou um trabalho evangelístico que culminou com a fundação da Assembleia de Deus na capital do Amazonas. ARAÚJO, 2007, p. 27.

³⁰ ALENCAR, 2010, p. 43, 44.

Assembleia de Deus de outras igrejas tradicionais, esse instrumento assembleiano sempre se mostrou um forte recurso na proclamação das doutrinas assembleianas, não importa se na particularidade ou na coletividade, certo é que o canto congregacional na Assembleia de Deus desempenha seu papel em diversas frentes de atuação eclesial.

Por isso, era de se esperar que a Assembleia de Deus prontamente buscasse repetir, pelo menos em alguns casos, as mesmas estratégias usadas por outras denominações evangélicas de sua época, proporcionando para si um conjunto de hinos que caracterizassem a própria instituição e que abrangessem os seus ideais pentecostais, tendo em vista a relevância que um hinário poderia proporcionar ao ambiente denominacional, como podemos perceber na citação a seguir.

O hinário é, ao lado da Bíblia, o mais importante livro da igreja evangélica. Como nenhum outro livro, ele reúne em si a tensão entre tradição e atualidade, a qual deve ser redefinida a cada vez que se publica um novo hinário. Ele contém o roteiro de culto para a comunidade e, como tal, ensina a linguagem da fé. Ele tem sua função nas atividades da comunidade e no ensino, além de servir até o passado mais recente, como livro de uso doméstico, para o crescimento da espiritualidade pessoal e conforto em situações difíceis na vida da pessoa³¹.

Por isso, se a Bíblia aberta em um círculo comunitário pode proporcionar horas exaustivas de intensos debates teológicos, um hinário aberto na coletividade, do contrário, pode promover momentos agradáveis de louvor a Deus e mesmo que não intencionalmente, um instante raro de aparelhamento teológico entre as pessoas cantantes. De outro modo, neste mesmo contexto, havendo desacordo com a teologia impressa no hino entoado, uma pessoa da comunidade pode até escolher ficar calada, mas o simples fato de estar ali a ouvir pode configurar comunhão com os ideias da canção, ou seja, com sua teologia como descreve Christa Reich:

³¹ REICH, Christa. O hino sacro. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich (Eds.). **Manual de ciência litúrgica: Ciência litúrgica na teologia e prática da igreja**. Tradução: Luís Marcos Sander e Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/Centro de Recursos Litúrgicos da Faculdades EST, 2016, p. 154. Volume 4 (Práticas especiais do culto cristão).

O canto é um evento sonoro no qual a comunhão se torna audível. Cantar um hino sacro é manifestação conjunta. Pressupõe decisão livre e consciente de participar. Envolver-se no canto não é algo que possa ser ordenado [...] Mas o canto em si pode induzir a que se cante junto. [...] Não são convicções ou sentimentos prévios que criam a comunhão, e sim o envolvimento no canto [...] Mesmo as pessoas presentes que não estão cantando junto ouvem que, pelo canto conjunto, a comunhão se faz presente ao se fazer ouvir³².

É por isso que um hinário e seus respectivos hinos inserem as pessoas cantantes, durante o canto comunitário, numa condição teológica conjunta e homogênea. Mesmo que haja complexidade, variedade e heterodoxia em círculos de debates no movimento pentecostal e nos diversos ambientes de conversas, sejam formais ou informais, como fazem as convenções denominacionais, é durante o canto comunitário que se calam as polêmicas e disputas dos melhores argumentos e a diversidade de concepções teológicas cessam, mesmo que temporariamente, pois é a partir dos versos das canções comunitárias que homens e mulheres cantam em unísono a teologia nos versos das canções.

1.3 PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO

Neste sentido, o hinário oficial das Assembleias de Deus no Brasil, a Harpa Cristã (HC), constitui-se nosso objeto de pesquisa, e o que se pretende como objetivo geral é analisá-lo em consonância com a Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil, bem como reconstituí-lo historicamente e avaliar o conteúdo doutrinário das suas canções em conformidade com o credo assembleiano. A motivação para esta pesquisa surgiu a partir da vivência e experiência cotidiana no assembleianismo brasileiro, especialmente na cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas.

São mais de 20 anos como membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas (IEADAM), dois quais 12 anos dedicados como pastor da Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Amazonas (CEADAM). Além do mais, acrescenta-se as experiências nas unidades educacionais da IEADAM, atuando como professor de ensino superior na Faculdade Boas Novas (FBN), como professor do ensino básico no Instituto de Educação Boas Novas (IEBN) e como professor e

³² REICH, 2016, p. 143.

coordenador de núcleo do Instituto Bíblico da Assembleia de Deus no Amazonas (IBADAM).

E foi durante as inúmeras atividades magisteriais e pastorais nas instituições e comunidades por onde passamos que foi possível observar o uso e representação simbólica da Harpa Cristã no ambiente denominacional. Aliás, foi pensando na centenária utilização da Harpa Cristã no cenário pentecostal-assembleiano e na recente e ao mesmo tempo tardia publicação da Declaração de Fé das Assembleias de Deus que surgiram as seguintes indagações:

Os hinos da Harpa Cristã refletem a teologia defendida na Declaração de Fé das Assembleias de Deus? Porque a Assembleia de Deus tardou em oficializar a sua Declaração de Fé? Antes da oficialização da regra de fé assembleiana a Harpa Cristã sagrou-se como representante da confissão de fé ensinada pela Assembleia de Deus? Atualmente, qual é o lugar da Harpa Cristã na Assembleia de Deus? A Harpa Cristã tem perdido seu espaço na liturgia assembleiana? O que a Assembleia de Deus tem feito para manter a instrumentalização da Harpa Cristã no contexto pentecostal? Foi a partir dessas indagações que buscamos oferecer respostas a cada uma dessas perguntas, e, para tanto, executamos os seguintes passos.

Em nosso segundo capítulo, realizamos uma reflexão histórico-crítica da Harpa Cristã, partindo do período que antecede o seu surgimento marcado pelo 'processo seletivo' das primeiras coleções hínicas publicadas regularmente nos periódicos institucionais até a sua atual situação no ambiente denominacional. Desse modo, foi fundamental compreender a necessidade litúrgica da Assembleia de Deus e ao mesmo tempo situar seu desejo por manter firme a sua identidade teológica. Para iniciar essa etapa tomamos como referência os documentos e órgãos oficiais da instituição bem como a historiografia assembleiana, pondo à prova a sua veracidade histórica ao registrar os primeiros hinários usados na liturgia pentecostal como o congregacional *Salmos e Hinos* em detrimento do batista *Cantor Cristão*.

Além da abordagem desses hinários, prosseguimos na análise de outros cancionários que tiveram sua memória registrada na história da Assembleia de Deus, dentre os quais citamos, o *Cantor Pentecostal*, considerado pelos historiadores assembleianos como o "primeiro" hinário da instituição e o *Psaltério Pentecostal*, surgido posteriormente, este último, por um breve período, acabou se tornando o

“concorrente litúrgico” da Harpa Cristã no sudeste brasileiro. Durante esse percurso histórico também foram analisados os ambientes e personagens que participaram do processo de publicação e sucessivas edições da Harpa Cristã, momento onde buscamos avaliar os múltiplos contextos, mudanças editoriais, novas configurações e formatos que o hinário assembleiano recebeu ao longo do tempo.

Além do mais, na última parte do segundo capítulo, discorreremos sobre a incessante tarefa da Assembleia de Deus em manter viva a utilização da Harpa Cristã na liturgia e na memória de cada pessoa assembleiana, principalmente entre as gerações mais jovens, pois embora assembleianos/as estes/as chegaram a perder, se é que uma vez possuíram, um vínculo afetivo com a Harpa Cristã, realidade motivada pelas novas tendências musicais que adentraram o culto assembleiano e o inevitável afastamento histórico destas gerações que por não conhecerem a história da Harpa Cristã não entendem a relevância litúrgica e teológica do hinário que por muitos anos manteve sua hegemonia como item “obrigatório” na liturgia pentecostal.

No terceiro capítulo, realizamos uma análise bíblica e teológica de alguns hinos extraídos da Harpa Cristã, dando prioridade para as canções que se encaixam no eixo teológico fundamental da doutrina pentecostal-assembleiana, a saber, “Jesus Cristo salva, cura, batiza no Espírito Santo e em breve voltará”. Essas foram as primeiras doutrinas pentecostais anunciadas pelos pioneiros antes mesmo da fundação da própria denominação, uma vez que foram anunciadas desde a sua chegada ao Brasil. Desta forma explicamos a preferência por essas quatro doutrinas fundamentais em relação às outras vinte que juntas compõem os vinte e quatro artigos que totalizam a Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil.

No quarto e último capítulo nos ocupamos em apresentar uma fundamentação histórica, bíblica e teológica da Declaração de Fé das Assembleias de Deus, começando pelas declarações de fé do protestantismo histórico e as suas influências no texto da confissão assembleiana. Após isso e antes de iniciar a análise histórica da construção desta declaração, refletimos acerca da demora da Assembleia de Deus na publicação de sua confissão de fé, ato que se deu após mais de cem anos do surgimento da denominação. Em seguida, iniciamos nossa reflexão acerca do longo processo que culminou com a oficialização da declaração de fé assembleiana, a considerar as duas tradições (oral e escrita) e as três fases (informalidade, formalidade

e oficialização) como estágios necessários para o amadurecimento de uma confissão de fé que já circulava informalmente e por anos no contexto assembleiano.

No que tange à relação entre a Harpa Cristã e a Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil, consideramos que ainda há muito a se pesquisar e aprofundar, neste caso, nosso trabalho pretende se tornar uma fonte para futuras pesquisas que não apenas buscarão aprofundar tais discussões, mas trarão novas reflexões e ressignificações às temáticas abordadas no presente texto.

Neste sentido, nossa pesquisa, de maneira bem simples, objetiva proporcionar e desenvolver novos conhecimentos científicos nesses ou em outros contextos até aqui abordados com vistas à construção de novas teorias ao apresentar hipóteses para estudos posteriores³³. Nesta perspectiva nossa pesquisa pode ser conceituada como uma pesquisa exploratória levando em conta o tipo de pesquisa que habitualmente envolve levantamento bibliográfico e documental, que foram nossas principais fontes nesta pesquisa e coleta de dados³⁴.

Por se tratar de uma pesquisa que se ocupou em fazer o livre uso desses recursos bibliográficos e documentais ela constitui-se uma pesquisa bibliográfica, pois nos detemos no exame de material já publicado em livros, artigos, periódicos, teses e dissertações e qualquer material escrito sobre o assunto em questão³⁵. Quanto a abordagem, a pesquisa foi qualitativa, tendo em vista que a presente pesquisa dificilmente poderia ser traduzida em indicadores quantitativos, uma vez que se ocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, por lidar com um conjunto de fenômenos que fazem parte da realidade social³⁶.

³³ GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008. p. 26, 27.

³⁴ GIL, 2008, p. 27.

³⁵ PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. p. 54.

³⁶ MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 21-22.

2 ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA HARPA CRISTÃ: UMA ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA E CRÍTICA

A Harpa Cristã (HC) se constitui desde 1922, ano de seu surgimento no contexto assembleiano, como um dos principais instrumentos da hinódia³⁷ protestante nacional, se tornando na sequência histórica da hinologia evangélica o quarto hinário a ser publicado no Brasil³⁸, considerando apenas os hinários lançados em língua portuguesa. Esse hinário de orientação pentecostal tem sido instrumentalizado em todo o território nacional pela Igreja Evangélica Assembleia de Deus (AD), além de ser usado por inúmeros ministérios eclesiais que surgiram do cerne assembleiano, mas que ao se emanciparem se tornaram independentes, além de ser utilizado por diversas denominações evangélicas que se identificam com o conteúdo dogmático-pentecostal em destaque na letra de cada um de seus atuais 640 cânticos.

Este cancionário tornou-se um grande legado não apenas musical, além disso teológico-pentecostal a todo o protestantismo brasileiro. Hinário desenvolvido e amparado pela Assembleia de Deus, que em seus dez primeiros anos de atuação no Brasil, ainda na missão sueca³⁹, aos poucos foi organizando, a partir de suas necessidades litúrgicas e dogmáticas, a sua própria coletânea de hinos. Coleção que resultou ao longo do tempo no surgimento de um dos maiores instrumentos de auxílio da fundamentação e disseminação da doutrina assembleiana, e, conseqüentemente, da teologia pentecostal, no entanto, muito mais que uma coletânea de hinos ou

³⁷ Hinódia é o conjunto de hinos de produção protestante adotados, seja compostos e/ou traduzidos, por algumas confissões religiosas para uso no momento litúrgico ou outras ocasiões específicas de caráter expressamente religioso/sagrado. Para maiores informações acerca destes e outros termos ver. KEITH, Edmond D. **Hinódia Cristã**. Tradução de Bennie May Oliver. 2 ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 1987, p. 12.

³⁸ O primeiro hinário evangélico, em língua portuguesa, publicado no Brasil foi o Salmos e Hinos, lançado pela primeira vez em 1861, o segundo hinário foi o Hinos e Cânticos publicado em 1876 e o terceiro cancionário evangélico, o Cantor Cristão, foi lançado em 1891, sendo a Harpa Cristã publicada apenas 31 anos depois em 1922.

³⁹ A missão sueca, quando o assunto é Assembleia de Deus, se refere a forte atuação e liderança predominante destes missionários escandinavos que atuaram na implementação e expansão do assembleianismo brasileiro. O período de dominação exclusiva destes missionários suecos se estendeu desde a fundação da AD em 1911 até o início da década de 1930 quando o poder e hegemonia sueca foi concedendo oportunidade a atuação da liderança dos pastores brasileiros, a princípio, especificamente nordestinos. Gedeon Alencar comenta acerca desta influência e liderança sueca que suprimia, muitas vezes, a participação direta dos pastores brasileiros nas decisões e rumos das Assembleias de Deus no Brasil, esta característica foi sendo minimizada a partir da Convenção de 1930, quando os suecos iniciaram o processo de compartilhamento da liderança das AD's, mas ainda assim, com forte atuação na presidência das convenções nacionais. ALENCAR, 2010, p. 50.

instrumento dogmático de viés pentecostal, a Harpa Cristã se tornou, de igual modo, uma forma clássica de identificação da pessoa assembleiana como afirma Alencar.

Houve um tempo em que quando se mencionava; Igreja Batista, Presbiteriana, Assembléia de Deus ou Metodista sabíamos exatamente o significado dado a isso. Mesmo que fossem estereótipos. Mas existiam marcos teóricos distintos, estilos eclesiais específicos e posições doutrinárias definidas [...] Por exemplo, os hinários. Tradicionalistas eram a cara da igreja. Uma pessoa com um Cantor Cristão, era batista; Harpa Cristã, assembleiano; Salmos e Hinos, presbiteriano, sem medo de errar⁴⁰.

Diversos/as são os/as personagens envolvidos/as no ambiente de sua construção e identificação hinológica, assim, dentre todas as pessoas cristãs que contribuíram na sua formação estão personalidades notadamente conhecidas pelo protestantismo mundial, mas outras nem tanto. Muitos/as foram os/as missionários/as e pastores da própria denominação, entre vultos históricos até figuras pouco conhecidas, quer personalidades estrangeiras ou nacionais, sejam elas do efusivo movimento pentecostal ou do vasto protestantismo histórico, entre composições originais e/ou traduções de hinários suecos ou norte-americanos, mas todas essas pessoas e hinos contribuíram para dar nome e extrema relevância a este cancionário pentecostal, que se mantém influente desde seu surgimento como até os dias de hoje.

O envolvimento direto dos missionários pioneiros Gunnar Vingren e Daniel Berg quanto ao uso da música congregacional e a herança deixada na confecção de um proto-hinário com letra e música entre seus cadernos, diários e rascunhos, é considerado um fator influenciador para a concretização da atual Harpa Cristã. Frida Maria Strandberg Vingren, ou apenas, Frida Vingren⁴¹ também foi um nome de forte influência na construção e divulgação da música e fervor pentecostal. Frida sempre se mostrou bastante dedicada à música em toda a sua atuação no Brasil, ela cantava e tocava órgão e violão, além de ser responsável por compor muitos hinos e traduzir

⁴⁰ ALENCAR, **Protestantismo tupiniquim**: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. 2 ed. São Paulo: Arte Editorial, 2007, p. 24, 25.

⁴¹ Frida Maria Strandberg Vingren (1891-1940). Missionária sueca, esposa de Gunnar Vingren, enfermeira, poetisa, compositora, musicista, redatora, pregadora, ensinadora e tradutora. ARAUJO, 2007, p. 903.

outros que hoje fazem parte da Harpa Cristã⁴², desse repertório constam vinte e três hinos assinados por Frida Vingren, alguns de sua autoria outros frutos de tradução⁴³.

É certo que os cânticos congregacionais sempre tiveram seu espaço nos cultos dos círculos evangélicos de qualquer orientação confessional, sejam das denominações mais tradicionais bem como das pentecostais, sobretudo estes últimos, conhecidos em toda a sua história por manterem o entusiasmo e a ‘explosão’ efusiva do Espírito Santo em todos os momentos de sua liturgia. Neste sentido, o uso frequente dos cânticos durante os cultos assembleianos foi exigindo com o tempo uma coletânea consistente de hinos que pudessem ser pensados e elaborados intencionando a glorificação a Deus, como principal objetivo, mas também a comunhão e o fortalecimento da comunidade, além de se tornar um inegável difusor e conservador eficaz das doutrinas bíblicas sustentadas por esta denominação.

Este é o aspecto que pretendemos destacar, pois o elemento doutrinário denominacional poderia ser potencialmente fortalecido e divulgado por intermédio da instrumentalização dos hinos de um cancionário oficial e institucional. Esta hinódia proporcionaria um ambiente favorável para a propagação e o fortalecimento bíblico-teológico de cada congregação local através dos hinos repetidamente cantados e recantados em cada ambiente eclesiástico ou até mesmo fora dele, permitindo o desenvolvimento da identidade do grupo e a elevação do sentimento de pertencimento denominacional. Aliás, um hinário poderia servir a toda uma comunidade mesmo na ausência de um acompanhamento instrumental, ou seja, somente a capela⁴⁴ com canções que atendessem as necessidades e realidades de uma congregação local.

Nosso principal objetivo nesta pesquisa constitui uma análise crítica do desenvolvimento histórico da Harpa Cristã estabelecendo, a partir do mesmo rigor, um exame de sua relação bíblico-teológica com a Declaração de Fé das Assembleias

⁴² SOUZA JUNIOR, 2011, p. 110.

⁴³ São 23 músicas assinadas por Frida Vingren, 7 composições e 16 traduções, a saber, 28 – Deus vai te guiar; 59 – Eu creio, sim; 85 – Deixa entrar o Espírito de Deus; 97 – Há um caminho santo; 121 – Maravilhoso é Jesus; 126 – Bem-aventurança do crente; 158 – Que farás de Jesus Cristo?; 177 – Salvo estou; 196 – Uma flor gloriosa; 246 – O descanso em Jesus; 255 – Meu Redentor; 316 – Em busca de Sião; 320 – Seguir a Cristo; 361 – O peregrino da glória; 379 – Salvo de graça; 390 – Um coração bondoso; 391 – Jesus no monte da ascensão; 394 – A mão ao arado!; 397 – O Salvador me achou; 445 – Resgatado com o Sangue de Cristo; 472 – Em meu lugar; 515 – Se Cristo comigo vai; 516 – Cristo meu vero Amigo.

⁴⁴ A capela, quer dizer, quando a música não é acompanhada por instrumentos musicais, ou seja, é somente vocal.

de Deus no Brasil, destacando-se como patrimônio e herança à hinologia cristã evangélica nacional. Assim, pretendemos iniciar esta análise pelo seu processo de formação, revelando todo o contexto de seu surgimento e desenvolvimento histórico com todas as influências anteriores e decorrentes que sofreu ao longo do tempo, um bom exemplo de um desses tipos de influência foi a do hinário *Salmos e Hinos*⁴⁵, conhecido como o primeiro hinário em português publicado no Brasil e utilizado por várias denominações evangélicas no Brasil, inclusive pelas Assembleias de Deus.⁴⁶

2.1 O SURGIMENTO DA HARPA CRISTÃ: A IDEALIZAÇÃO E CONCEPÇÃO DO PROJETO

A Harpa Cristã é o hinário oficial das Assembleias de Deus no Brasil, seu surgimento se deu a partir das necessidades da organização do canto congregacional durante os cultos e outros momentos litúrgicos que acompanhavam a vida da novel igreja, tais como: Santa Ceia, batismo, casamento, funeral entre outras.⁴⁷ A Harpa Cristã tornou-se por muito tempo a única coletânea de hinos oficialmente utilizada durante estes inúmeros períodos litúrgicos.⁴⁸ Além do mais, se tornou característica marcante na identificação da membresia assembleiana⁴⁹. Não é de hoje que, dentre as demais pessoas cristãs evangélicas, os/as assembleianos/as são facilmente identificados/as, pelo menos nos círculos mais tradicionais, como aqueles/as que carregam sempre dois livros quando vão “à igreja”, a saber, a Bíblia e a Harpa Cristã⁵⁰.

Porém, nem sempre foi assim, pois a Harpa Cristã não foi criada concomitantemente ao surgimento das AD's. Antes, a primeira representante da hinódia pentecostal brasileira passou por um simples, porém, prolongado procedimento de seleção e desenvolvimento até que finalmente pudesse ser lançada para servir a comunidade pentecostal em seus diversos cenários litúrgicos e em todo o território nacional. Todo este processo só foi concretizado após onze anos da

⁴⁵ Salmos e Hinos é a primeira coletânea de hinos em língua portuguesa publicados no Brasil e foi por muito tempo o hinário utilizado por diversas denominações evangélicas. Foi organizado pelo casal Robert Reid Kalley e Sarah Poulton Kalley fundadores da Igreja Evangélica Fluminense. A publicação deste hinário se deu em 1861, seis anos após a chegada do casal ao Brasil.

⁴⁶ ARAUJO, 2007, p. 341

⁴⁷ ARAUJO, 2007, p. 341.

⁴⁸ ALENCAR, 2010, p. 92.

⁴⁹ ALENCAR, 2007, p. 25.

⁵⁰ FAJARDO, 2017, p. 176.

fundação das AD's, enquanto isso os pioneiros da Missão da Fé Apostólica⁵¹, durante este período, utilizaram para condução de sua liturgia o repertório musical do primeiro cancionário protestante em português publicado no Brasil, o hinário *Salmos e Hinos* (SH), isso é o que afirmam os historiadores da tradição historiográfica assembleiana⁵².

Além destas informações difundidas a décadas pelo movimento pentecostal, acrescenta-se mais uma, que o Salmos e Hinos foi do mesmo modo bastante aproveitado por outras denominações evangélicas de sua época⁵³ como até hoje é utilizado pelas Igrejas Evangélicas Congregacionais e entre outras igrejas⁵⁴. Uma das formas de constatar, no passado, o uso constante deste hinário pelos pioneiros das Assembleias de Deus é a constante citação de alguns de seus hinos nos periódicos oficiais da instituição⁵⁵. Conseqüentemente, esta informação abre margem para uma breve consideração que explique a razão de seu uso e preferência, pois o Salmos e Hinos, não era o único hinário evangélico em português que circulava no Brasil nessa época, uma vez que já haviam outros hinários em circulação nesse mesmo período.

Como eram originalmente de confissão batista⁵⁶, era de se esperar que os pioneiros utilizassem o Cantor Cristão (CC)⁵⁷, coletânea de hinos publicado pela primeira vez em 1891, era largamente utilizado entre as congregações batistas da

⁵¹ Primeiro nome da Igreja Evangélica Assembleia de Deus.

⁵² ARAUJO, 2007, p. 341; CONDE, 1960, p. 48.

⁵³ MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **A crise do culto protestante no Brasil**. In: MARASCHIN, Jaci Correia (Ed.). Revista semestral de estudos e pesquisas em religião. São Bernardo do Campo, Ano I, Nº 2, p. 46, outubro de 1985, p. 46.

⁵⁴ Gedeon Alencar informa que o Salmos e Hinos também já fora utilizado pelas Igrejas Presbiterianas. ALENCAR, 2007, p. 24, 25.

⁵⁵ Encontramos, especialmente nas edições do jornal Boa Semente, diversos cânticos extraídos do hinário Salmos e Hinos, citamos apenas alguns: O Hino Victoria do Crente nº 401 do Salmos e Hinos citado em BOA SEMENTE. Belém, 16 de abril de 1919, ano I, nº 02, p. 2. Noticiando a ida de Gunnar Vingren, Frida Vingren e família ao Rio de Janeiro, a então capital da República, a edição do Jornal Boa Semente menciona alguns versos do hino nº 528 do hinário Salmos e Hinos. BOA SEMENTE. Belém, ano VI, maio de 1924, nº 36, p. 3; e o Hino Ancora da Alma nº 598 do Salmos e Hinos citado em BOA SEMENTE. Belém, ano VI, agosto de 1924, nº 39, p. 1.

⁵⁶ VINGREN, 2000, p. 36.

⁵⁷ O Cantor Cristão, é primeiro hinário pertencente aos grupos batistas brasileiros. Resultado do trabalho de Salomão Ginsburg, judeu nascido na Polônia em 1867. Ginsburg foi expulso da família após conversão ao cristianismo, veio para o Brasil em 1890, após seus estudos na Inglaterra, para trabalhar com o casal Kalley. Vinculando-se com a Igreja Batista exerceu diversas atividades entre os Batistas por todo o Brasil, foi escritor e tradutor de hinos, reuniu 16 deles em um pequeno folheto, intitulado "Cantor Christão" publicado em Pernambuco em 1891, dando origem ao segundo hinário evangélico brasileiro. Com o tempo, novas edições foram sendo publicadas e novos hinos foram sendo adicionados. Informação extraída do prefácio publicado por Bill H. Ichter, diretor do departamento de música da JUERP. HINÁRIO, **Cantor Cristão**. 36 ed. Edição revista e documentada. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, JUERP, 1986, p. 3,4. (Edição com 581 títulos); GINSBURG, Salomão L. **Um judeu errante no Brasil**: autobiografia. Tradução: Manoel Avelino de Souza. 2 ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1970.

época, inclusive a congregação Batista de Belém. Aliás, vale a pena destacar que o Cantor Cristão foi o terceiro hinário evangélico em língua portuguesa lançado no Brasil, publicado trinta anos após o lançamento do SH, sendo adotado pelas congregações batistas brasileiras. O segundo hinário legado ao protestantismo brasileiro, foi lançado quinze anos após o surgimento do *Salmos e Hinos*, estamos nos referindo ao cancionário *Hinos e Cânticos*⁵⁸, hinário que pertence a Igreja Evangélica Casa de Oração, essa coletânea de hinos foi publicada no Brasil em 1876.

Uma forma de esclarecer a preferência inicial da Assembleia de Deus pelo SH pode ser explicada pelo relacionamento entre os pioneiros e os batistas brasileiros no período que antecede a fundação da AD no Brasil. No início, o vínculo de familiaridade destes batistas com os pioneiros se mostrou bastante promissor. Gunnar Vingren chega a informar em seu diário que o grupo da congregação batista que os acolhera se reunia em oração com certa regularidade para pedir a Deus que enviasse missionários ao Brasil, além disso, destaca que chegaram a pensar que suas orações haviam sido atendidas com a chegada de Vingren e Berg a Belém. Gunnar ainda revela que muitas pessoas desta congregação aguardavam um melhor domínio da língua portuguesa de sua parte para que após isso o aclamassem como seu pastor⁵⁹.

No entanto, a cordialidade e a esperança que a pequena comunidade batista de Belém depositara nos missionários foi drasticamente frustrada, pelo menos para uma parte do rebanho. Visto que, após alguns meses da chegada dos missionários, a pregação e o ensino sobre o batismo no Espírito Santo sustentado por eles dividiu opiniões, e, desta forma, não teve a plena aceitação de toda a membresia da pequena congregação, situação que se agravou com a experiência do batismo no Espírito Santo recebido dias antes por duas irmãs, Celina Albuquerque e Nazaré, que eram membros da Igreja Batista de Belém⁶⁰. Estas circunstâncias causaram um alvoroço

⁵⁸ Publicado em 1876 o hinário Hinos e Cânticos foi o segundo hinário a ser publicado em território nacional. Sua primeira edição contava com 46 hinos e foi publicada com o auxílio de Richard Holden. Atualmente conta com 686 hinos em seu repertório. ASSOCIAÇÃO Cristã Editora. **Hinário Hinos e Cânticos**: um patrimônio das “Casas de Oração” para ser amado, conservado e amado. São Paulo: Associação Cristã Editora. Publicado em: março de 2016. Disponível em: <https://hinosecanticos.com.br/>. Acesso em 11 de julho de 2018.

⁵⁹ VINGREN, 2000, p. 37, 39.

⁶⁰ Celina Albuquerque e Nazaré foram batizadas com o Espírito Santo e falaram em outras línguas dias antes de serem excluídas da Primeira Igreja Batista de Belém, fato que ocorreu no dia 13 de junho de 1911. VINGREN, 2000, p. 40, 41.

que culminou com a discórdia da pequena comunidade ao ponto de ocasionar a imediata exclusão da maioria daqueles/as crentes e o cisma naquela congregação.

A história destes infortúnios e da relação entre os pentecostais e os batistas de Belém foi registrada em duas versões, a dos missionários e historiadores assembleianos⁶¹, que relataram como ilegais os processos de convocação para a sessão extraordinária na qual sentenciou à exclusão, por decisão arbitrária, a maioria da congregação⁶², e a versão batista que acusavam os missionários suecos de causarem desordem e se auto intitulem batistas vinculados a alguma convenção americana com a promessa de apresentarem suas cartas de recomendação como prova de sua palavra veraz, este ponto de vista versa o apoio de uma parte da pequena congregação batista, que, ao dividir a comunidade, apoiou a exclusão da comunhão da igreja a aqueles que concordavam com a falsa doutrina pentecostal⁶³.

Tendo como base essas informações levantamos algumas conclusões hipotéticas na tentativa de dar sentido as informações oferecidas pela historiografia oficial assembleiana. As seguintes deduções pretendem responder a preferência dos pioneiros pelo *Salmos e Hinos* em detrimento do *Cantor Cristão*, mesmo sendo estes de matriz batista. Poderíamos apontar o favoritismo do *Salmos e Hinos* quanto a quantidade de hinos em sua coleção frente ao possível repertório reduzido do *Cantor Cristão*⁶⁴, todavia, sabemos que a edição de 1907 do CC já contava com 300 hinos, isto é, três anos antes dos pioneiros aportarem no Brasil. Além disso, em 1921, um ano antes da publicação da Harpa Cristã, foi publicada a 17ª edição do CC, publicação mais encorpada e com maior número de hinos, já contando com 571 canções⁶⁵.

Desta forma, se a razão da rejeição do *Cantor Cristão* não pode ser creditada a quantidade de hinos, é mais provável que tenha sido pelo conturbado rompimento das relações entre os missionários suecos e os batistas de Belém, circunstância que deve

⁶¹ BERG, 1995, p. 90, 91, 97; CONDE, 1960, p. 23, 25, 26; VINGREN, 2000, p. 40, 41.

⁶² De acordo com Berg foram dezoito pessoas BERG, 1995, p. 97. Versão que combina com o número de pessoas apresentadas por VINGREN, 2000, p. 41. Diferindo dos dados apresentados por CONDE, 1960, p. 26, pois onde apresenta o número de dezessete e mais três que são menores de idade. Todavia, Almeida registra dezenove ALMEIDA, 1982, p. 27.

⁶³ MESQUITA, Antônio Neves de. **História dos batistas do Brasil: de 1907 até 1935**. Volume II. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962, p. 144, 145.

⁶⁴ De acordo com CARDOSO, 2004a, p. 292. A sétima edição do Salmos e Hinos lançado em 1883, isso 27 anos antes da chegada dos pioneiros no Brasil, já contava com 200 títulos. E conforme KEITH, 1987, p. 124. O Cantor Cristão contava com 63 títulos em 1893, ou seja, 17 anos antes da chegada de Vingren e Berg ao Brasil.

⁶⁵ CANTOR CRISTÃO, 1986, p. 3,4.

ter sido acentuada após a divulgação da versão batista destes fatos difundida pelos congregacionais, tudo isso deve ter gerado um sentimento de rejeição, da parte dos pentecostais, de toda a herança batista e tudo que a estes pertenciam, e, provavelmente, vice e versa. Em tal caso, o desentendimento que ocorrera com os batistas de Belém pode ter produzido nos missionários suecos um afastamento não apenas da denominação em si, mas de tudo que pertencia ao movimento batista. Contudo, mesmo diante dessas suposições, esta questão insiste em ficar em aberto.

Não obstante, ao analisarmos mais atentamente as questões que cercaram a preferência por hinários e as razões que motivaram a suposta predileção pelo SH, separamos os elementos primários do que julgamos ser secundários para chegarmos à uma conclusão plausível. Nota-se, da parte dos pioneiros, um cuidado com a seleção e indicação dos cânticos a serem entoados pelos/as fiéis assembleianos/as, com isso, a preocupação destes líderes revela algo interessante, e que pode responder a esta questão, pois os motivos do favoritismo do Salmos e Hinos poderia não estar ligado exatamente ao movimento batista, mas unicamente a preferência pelo conteúdo doutrinário dos hinos. Diante disso, o hinário que estivesse mais próximo da doutrina pentecostal teria primazia frente a qualquer outro cancionário.

Destaca-se que a nossa tentativa de reconstituição histórica até aqui elaborada repousa sobre a perspectiva dos eventos narrados pelos historiadores pentecostais, desta maneira, nossas descrições histórico-hipotéticas foram construídas a partir dos relatos perpetuados por esta historiografia. Tentamos de diversas maneiras entrar em acordo com a narrativa oficial assembleiana apresentada até aqui, todavia, desconfiamos de algumas informações ao identificarmos certas lacunas que até hoje se mantém em aberto exigindo devidas respostas a alguns pequenos detalhes que não receberam merecida atenção, desta forma, para analisarmos esta questão com maior profundidade ao ponto de encerrarmos ou acirrarmos este debate, apontamos uma relação que apresenta a quantidade de hinos do SH e do CC presentes na HC.

Desta maneira, ao compararmos as canções da HC com as canções dos dois hinários anteriormente citados, veremos que uma quantidade significativa de hinos é compartilhada entre os três hinários. Esta análise nos leva a um número exato de canções que são comuns entre um hinário e seus congêneres, ou seja, hinos que são encontrados em dois ou até mesmo nos três hinários. Estes dados revelam fatos

interessantes e até mesmo incongruentes, pois não correspondem a algumas das realidades narradas pela historiografia oficial assembleiana, uma vez que a quantidade de hinos do CC encontrados na HC é superior a quantidade de canções do SH inseridos no hinário pentecostal, do contrário, a alegada preferência pelo SH deveria, obviamente, conceder muito mais deste hinário do que de qualquer outro⁶⁶.

No entanto, este levantamento de dados pode até ser harmonizado ou no máximo adaptado às informações oficiais dos historiadores assembleianos, mas apenas se considerarmos que a quantidade superior de hinos do Cantor Cristão encontradas na Harpa Cristã advenha de uma data posterior à geração dos/as primeiros/as assembleianos/as e da descrição destas informações históricas. Em outras palavras, uma quantidade de hinos do Cantor Cristão teriam sido inseridos, gradativamente na Harpa Cristã, e, por este motivo, ultrapassando a quantidade dos hinos do Salmos e Hinos inseridos na HC, ou seja, alterando substancialmente as informações apresentadas pela historiografia assembleiana. Todavia, essas questões e demais peculiaridades podem ser melhor desenvolvidas em pesquisas posteriores.

Contudo, não era de se esperar que o Salmos e Hinos ou qualquer outro hinário protestante da época pudesse representar integralmente, em todo o conjunto da obra, toda a pentecostalidade assembleiana, pois muitas canções do Salmos e Hinos não estampavam, sejam em partes ou por inteiro, o que era ensinado pelo assembleianismo. Com isso, novas alternativas foram surgindo para poder mitigar estas diferenças e carências doutrinárias. Neste caso a opção mais razoável foi aproveitar apenas o que lhes interessava, desta forma, somente os hinos que melhor embasassem a doutrina pentecostal seriam selecionados e preservados, sejam

⁶⁶ O cantor e músico Joaquim O. P. da Silva Júnior elaborou um comparativo da Harpa Cristã com outros seis hinários evangélicos publicados no Brasil, a saber, Salmos e Hinos - SH (publicado em 1861); Cantor Cristão – CC (publicado em 1891); Hinário Adventista – HA (publicado em 1933); Hinário Evangélico – HE (publicado em 1945); Hinário para o Culto Cristão – HCC (publicado em 1991) e o Hinário das Igrejas Evangélicas Reformadas do Brasil – HIERB (publicado em 1998). Nesta tarefa Joaquim Júnior chegou a determinar com precisão a quantidade de hinos na Harpa Cristã presentes nestes cancioneiros, sejam de hinos que a Harpa Cristã recebeu de hinários anteriores ou de hinos que a HC compartilhou com os hinários posteriores. O comparativo demonstrou que a quantidade de canções do Salmos e Hinos (1861) presentes na Harpa Cristã (1922) é inferior a quantidade de hinos do Cantor Cristão (1876) encontrados na Harpa Cristã, neste sentido, temos as seguintes informações. Um total de 50 hinos em comum entre o SH e a HC, enquanto que a quantidade de canções em comum entre o CC e HC é de 91 hinos. SILVA JÚNIOR, Joaquim O. P. da. **Comparativo da Harpa Cristã com outros hinários**. s/d, p. 01.

músicas de hinários nacionais ou traduções de hinários estrangeiros⁶⁷. Todavia, o que a AD faria com o material selecionado? Onde seria inserido? Como divulgaria?

Nos anos que antecederam o surgimento da Harpa Cristã e diante da ausência de um hinário oficial que representasse doutrinariamente a instituição, a solução adotada pela liderança da AD foi a seleção e publicação de hinos em seus periódicos oficiais, uma medida até certo ponto eficiente. Com o tempo e a cada publicação esta atitude ia proporcionando, a toda a sua membresia, uma coleção de hinos que poderiam expressar seu louvor a Deus sem se apartar de suas convicções doutrinárias. Esta publicação periódica de hinos é demonstrada nas páginas do jornal Boa Semente⁶⁸ sendo sua recomendação apresentada em sua segunda edição, numa breve sessão intitulada *Nossos Hymnos*. Vejamos a seguir o trecho onde o diretor busca encorajar o colecionamento das canções publicadas no jornal Boa Semente⁶⁹.

Pedimos aos nossos amados, que se interessam pela causa do Senhor, a lembrança de colleccionar os nossos hymnos, pois elles são em verdades, outras 'boas-sementes', que devemos ter em nosso 'celleiro espiritual', onde guardamos a abundancia do 'trigo' bemdito que Jesus nós dá. Amen.⁷⁰

Uma análise expositiva da citação extraída deste periódico nos inclina a refletir e a levantar algumas suposições que pretendemos discutir ao longo do texto. Pois o que acabamos de ler foi um apelo do fundador da Assembleia de Deus e então editor do periódico Boa Semente, que, a partir da segunda edição do jornal, e, em uma breve nota, solicita dos/as leitores/as a prática de colecionar as canções que seriam publicadas pontualmente a cada edição do periódico. Esta petição foi provavelmente motivada pelas peculiaridades teológico-doutrinárias da instituição que reclamava para si a urgente necessidade de apresentar e recomendar a toda comunidade

⁶⁷ Entre os hinários estrangeiros prefiguravam o hinário sueco Segertoner e os hinários norte-americanos Lovangstoner, Best of all e Songs of Victory. ARAÚJO, 2007, p. 497.

⁶⁸ O Boa Semente, foi o primeiro jornal oficial das Assembleias de Deus no Brasil, fundado em dezembro de 1918 pelo missionário sueco Gunnar Vingren, começando a circular em janeiro de 1919 em Belém do Pará, teve como seus redatores o próprio missionário Gunnar, além de Samuel Nyström, Nels Nelson e Plácido Aristóteles. O periódico circulou até novembro de 1930, quando a primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB), realizada em Natal (RN), decidiu pela unificação deste periódico com jornal o Som Alegre, a ideia da unificação era dar lugar a um único jornal que representasse a denominação, O Mensageiro da Paz. ARAÚJO, 2007, p. 133. Ver a imagem da segunda página da segunda edição do jornal Boa Semente nos anexos (Anexo 1).

⁶⁹ *Ipsis litteris*, pelas mesmas letras; literalmente, ou seja, fiel ao seu original.

⁷⁰ BOA SEMENTE, 1919, p. 04. Ver a imagem do recorte do jornal nos anexos (Anexo 2).

assembleiana os hinos que destacavam sua doutrina e fervor pentecostal. Posteriormente, muitos desses hinos fariam parte de outra coleção oficial, a atual HC.

Daqui em diante, pretendemos dissecar em pequenas partes esta breve citação para compreendermos passo a passo e em detalhes, a partir de nossa perspectiva, o que Gunnar Vingren pretendia informar com esse comunicado. Pois, mesmo sendo breve, este trecho é rico em informações ao lançar luz sobre a gênese do processo de idealização da Harpa Cristã. Neste sentido, o primeiro aspecto que ressaltamos desta citação é a explícita apropriação dos hinos indicados neste periódico caracterizada pelo pronome possessivo acrescido do conteúdo pertencente, ou seja, “*Nossos Hymnos*”. Esta chamada é um exemplo que sustenta nossa tese, da identificação institucional com canções extraídas da hinódia nacional ou estrangeira, mas que foram incorporadas como sendo parte integrante da liturgia assembleiana.

Reparamos também, que a tarefa de escolher canções e publicá-las nos periódicos descarta algumas ideias como, a mera publicação de hinos sem aparente propósito ou uma forma de ocupar espaço na falta de matérias para o recém jornal. Do contrário, nota-se que a seleção e a publicação desses cânticos indicavam uma oportuna alternativa de fixação da identidade doutrinária assembleiana por intermédio de uma hinologia. Podemos considerar ainda um importante detalhe, cada edição do Boa Semente carregando em seu bojo, uma “peça” que gradativamente seria montada pelo/a fiel assembleiano/a, revelando, desde cedo, a proposta futura de um projeto que culminaria com a produção e oficialização de um hinário que seria executado tão logo se vislumbrasse a aceitação destas canções entre seus membros/leitores⁷¹.

Em outras palavras, um retorno positivo dos/das leitores/as quanto aos cânticos publicados no Boa Semente, possibilitaria uma provável confecção de um hinário vinculado a instituição, a partir das propostas de aceitação ou mesmo de rejeição das canções para a futura inserção e montagem de um futuro hinário oficial, no qual em seu escopo, apresentariam apenas canções com letras que ressaltariam os fundamentos da teologia pentecostal. O próprio título “*Nossos Hymnos*” elucida a questão acerca dos hinos que foram extraídos de outros hinários, mas que passaram a ser aceitos como parte da hinódia assembleiana. Lembrando que esta edição do

⁷¹ Os/as leitores/as, eram o público alvo destes periódicos, que, em sua maioria, eram formados/as por pessoas cristãs das diversas congregações das Assembleias de Deus.

periódico foi publicada três anos antes do surgimento do hinário oficial assembleiano, tempo suficiente para o aguardo da adesão ou não adesão destes respectivos hinos.

Outro detalhe que podemos supor a respeito do título “*Nossos Hymnos*” e que aliás já é bastante sugestivo, bem como tendencioso e possessivo, levanta a hipótese que compreende a busca por uma hinologia nitidamente assembleiana, em outras palavras, os hinos que iam sendo gradativamente publicados no periódico Boa Semente eram aqueles que haviam passado pelo “controle de qualidade assembleiano”, o rigoroso crivo da liderança sueca e da membresia pentecostal. Entendemos que estes dois grupos de assembleianos faziam o serviço de peneira no processo de escolha e aceitação e/ou rejeição desses hinos. Isto posto, daqui em diante, pretendemos dar devido destaque a outros detalhes da citação anterior, partindo de nossa interpretação deste recorte, chegamos as seguintes conclusões.

Primeiramente, entendemos que o apelo feito pelo diretor do jornal, aos leitores e as leitoras que se “*interessam pela causa do Senhor*”, pode oferecer diversos significados. No entanto, sabemos que a expressão “*causa do Senhor*”, tanto naquela época como até os dias de hoje é utilizada no movimento pentecostal para representar as inúmeras frentes de trabalho eclesial organizado pela liderança e promovidos pelas AD’s, sendo desempenhadas principalmente por sua membresia, entre as quais destacamos: cultos, evangelismos, escolas bíblicas, reuniões de oração, testemunho pessoal, música, missões, abertura de templos, diaconato, serviço pastoral entre outras coisas, entretanto, apenas uma dessas causas se destaca na redação deste texto, aquela da qual o leitor e a leitora estão sendo convocados/as a desempenhar.

Desta maneira, entre todas essas atividades listadas além de muitas outras não mencionadas, uma em especial sobressai, a instrumentalização das canções que além de promover louvores a Deus também intencionavam fixar a doutrina e a confissão de fé pentecostal⁷². Vingren não poderia estar se referindo a qualquer outra causa além desta. Na verdade, é bem provável que esses hinos já fossem entoados durante a liturgia assembleiana, o convite feito aos/as leitores/as do periódico serve apenas como lembrança, pois sua cooperação é imprescindível na aceitação destes

⁷² Nesta pesquisa usaremos algumas expressões a seguir: *confissão de fé, declaração de fé, regra de fé, confissão pentecostal, doutrina pentecostal, doutrina assembleiana ou doutrina pentecostal-assembleiana*. Essas expressões quando usadas terão o mesmo sentido, pois significam o conjunto oficial de ensinamentos abordados, sustentados e sancionados pela Assembleia de Deus a partir de uma pesquisa pentecostal-assembleiana. Este conjunto de ensinamentos foram autenticadas oficialmente pela denominação como *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*.

hinos, o que traria uma maior credibilidade na criação de um hinário com a marca pentecostal. Por isso, consideramos que a “*causa do Senhor*” está relacionada não apenas com a aceitação de alguns hinos, mas com a futura confecção de um hinário.

Para reforçar esta hipótese, consideramos que a espera por uma reação positiva da membresia assembleiana acabou por se tornar uma excelente alternativa utilizada pelos missionários suecos na promoção da autenticação destas canções, essa atitude possibilitaria à publicação daquilo que futuramente se tornaria a Harpa Cristã. Uma vez que alguns hinos que foram incorporados no hinário oficial assembleiano, passaram antes pelo Boa Semente o que só reafirma a tentativa de padronização da doutrina assembleiana desses hinos e afastando a ideia de uma mera indicação musical. A despeito disso e das informações sobre as canções que foram publicadas nos periódicos assembleianos bem como o seu conteúdo requerem um maior aprofundamento. Além disso essa assertiva nos leva a seguinte e segunda conclusão.

No recorte desta mesma citação encontramos outros pormenores, num trecho que versa sobre a “*lembrança de colleccionar os nossos hymnos*”. Vejamos que a expressão *nossos hymnos* (nossos hinos) aparece não somente como título desta sessão, mas também consta no corpo do breve trecho da sessão do jornal. Todavia, só não estamos certos se é esta parte do texto que empresta o nome ao título da sessão ou vice-versa, além do mais, esse mesmo trecho traz consigo alguns questionamentos. Dar-se-ia o caso de o editor do jornal Boa Semente estar realmente lembrando os seus leitores e as suas leitoras de propostas ou acordos apresentados em alguma outra ocasião? Isso teria sido uma forma de recordar alguma solicitação ou pedido anterior feito em momento oportuno ou uma mera força de expressão?

Infelizmente, não conseguimos identificar nenhum outro pedido semelhante ou qualquer inferência equivalente na primeira edição do Boa Semente ou em qualquer outro periódico institucional deste período ou mesmo em edições posteriores. Neste caso, a alternativa mais satisfatória e deverasmente plausível que traria uma resposta razoável para esta questão está mais relacionada ao simples emprego do termo e a interpretação de seu contexto, visto que, a ênfase do termo em uso não pretendia fazer lembrar aos/as leitores/as de acordos anteriores contratados entre a liderança sueca e a membresia assembleiana, mas poderiam apenas expressava as aspirações do editor em encorajar toda a pessoa assembleiana para este fim proveitoso, medida que de alguma forma auxiliaria na execução do canto congregacional assembleiano.

Além desse aspecto, há outro detalhe ligado a sugestão de “*colleccionar os nossos hymnos*”, pois, se a intenção de compilar os hinos indicados nos periódicos estivesse ocorrendo, isso poderia indicar a instituição um retorno positivo quanto a aceitação comunitária destas canções. Mas como essa hipótese poderia ser considerada válida? A partir dos encontros comunitários é claro. Se as canções publicadas nos periódicos estivessem sendo cantadas pelos membros/leitores durante a liturgia comunitária ou em outros momentos litúrgicos, isso seria um sinal positivo para uma posterior publicação destes hinos. Deste modo, a aceitação dos membros/leitores seria fundamental para “oficialização” destes hinos, um sinal de que estas canções poderiam ser recolhidas para compor o hinário oficial assembleiano.

Prosseguindo no exame detalhado da citação em questão, passemos para outro recorte do trecho que afirma, categoricamente, que estes hinos “*são em verdades, outras boas sementes*”. Neste outro caso, na leitura da citação como um todo, fica explícito o que Gunnar Vingren quer dizer acerca das “*outras boas sementes*”, pois elas são nitidamente os hinos dos quais ele deseja que sejam colecionados, deixando implícito quais são as primeiras sementes classificadas como grãos de boa qualidade. Seguindo este percurso, podemos considerar uma dupla compreensão deste trecho a partir de dois detalhes que tecnicamente nos levam a uma mesma conclusão. A princípio, sabemos do nome escolhido para dar voz ao jornal assembleiano, um nome bastante sugestivo e que refletia bem os objetivos que o periódico pretendia alcançar.

Provavelmente, Vingren faz uso de um recurso hermenêutico, uma metáfora⁷³, entre o nome do jornal e sua finalidade como mecanismo de transmissão da Palavra de Deus, a genuína semente. Em todo caso, consideramos que a analogia da semente segundo alguns textos bíblicos⁷⁴ se encaixa perfeitamente neste cenário, onde a semente é citada, em várias ocasiões, como metáfora para a Palavra de Deus unida ao seu desempenho na produção de resultados positivos na vida de cada indivíduo.

⁷³ A metáfora consiste em uma comparação em que um elemento é, imita ou representa outro (sendo que os dois são essencialmente diferentes), mas existe na metáfora alguma característica comum a ambas as partes, a qual, normalmente, não é conhecida como comum. ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica**: meios de se descobrir a verdade da Bíblia. Tradutor: Cesar de F. A. Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 174.

⁷⁴ A parábola do semeador encontrada nos três Evangelhos canônicos, conhecidos como sinóticos, e no apócrifo Evangelho de Tomé, é um ótimo exemplo do uso da semente como uma metáfora para a Palavra de Deus, ver Mateus 13:1-9; Marcos 4:3-9; Lucas 8:4-8 e Evangelho de Tomé dito 9. RAMOS, Lincoln (Org). **Fragmentos dos evangelhos apócrifos**. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 71. (Coleção Bíblia apócrifa).

Deste modo, se conseguirmos captar o possível significado, conscientemente, deixado por Gunnar Vingren, quando produzia o texto⁷⁵, podemos insinuar que, como pastor e editor do jornal, Vingren se referia a dois elementos indispensáveis no culto, a pregação da Palavra, que é a boa semente, e as canções, “*outras boas sementes*”.

A consideração valorativa destes elementos possui seu cerne no século XVI, visto que, foi durante este período que a pregação da Palavra voltou ao seu devido lugar no centro do culto protestante sendo a música um elemento importante e indispensável durante a condução de uma liturgia, porém, frente a pregação bíblica se torna um elemento secundário. Estamos nos referindo ao contexto das interpretações oriundas da Reforma Protestante que ocasionaram algumas mudanças na liturgia cristã, neste período o altar eucarístico foi sendo gradativamente substituído pelo púlpito, tornando a pregação da Palavra o centro da liturgia protestante⁷⁶. Todavia, mesmo não estando no cerne do culto, a música sacra possui sua relevância, pois, estando baseada na Palavra se torna um ótimo meio de glorificação à Deus.

Se estivermos corretos quanto a esta perspectiva, então a frase vingreniana que apela para o colecionamento destes hinos está apontando para o surgimento do futuro componente que uniria, em uma só obra, estes dois essenciais elementos, a Palavra e o louvor, pois estas “*outras boas sementes*” são, sem sombra de dúvidas, outro meio possível de se proclamar as verdades do evangelho, verdades apregoadas através das canções que entoam a Palavra de Deus, e, que da mesma maneira, cantariam a interpretação pentecostal da Palavra, ou seja, a doutrina assembleiana. Vale destacar que o resultado da compilação destes hinos não pretendia resultar na substituição da pregação da Palavra, nem mesmo numa redução de seu significado, mas seriam apenas elementos contribuintes e fixadores da mensagem pentecostal proclamada.

Dando prosseguimento ao detalhamento desta frase nos deparamos agora com uma outra fração desta citação, que exorta ao colecionamento dos hinos “*que*

⁷⁵ De acordo com Robert Stein, um dos objetivos quando se interpreta a Bíblia é encontrar o significado do texto, todavia, existem alguns componentes responsáveis pela produção deste significado, o autor, nesta obra, oferece três alternativas como possíveis fatores determinantes do significado do texto bíblico que podem ser o autor, o leitor ou o próprio texto. Neste caso citamos a perspectiva do autor como fator determinante para a interpretação deixada no texto, para considerar a tentativa da aproximação do texto e seu significado deixado por Gunnar Vingren. STEIN, Robert H. **Guia básico para a interpretação da Bíblia**: interpretando conforme as regras. Tradução: Adão Pereira da Silva. Rio de Janeiro: CPAD, 2013, p. 20-25.

⁷⁶ WHITE, James F. **Protestant worship**: traditions in transition. Kentucky: Westminster John Knox Press, 1989, p. 37.

devemos ter em nosso celeiro espiritual". Neste novo recorte, Gunnar Vingren, notadamente, faz uso de uma nova figura de linguagem para transmitir uma outra mensagem aos/as seus/suas leitores/as. Nesta segunda metáfora o editor busca comparar a um armazém de cereais (sementes) a coleção de hinos que três anos mais tarde se tornaria a Harpa Cristã. A metáfora do celeiro também é representada na Bíblia, especialmente nos Evangelhos canônicos⁷⁷, como um lugar onde se guarda cereais como o trigo, um elemento indispensável no preparo de pães, bolos e entre outras coisas que faziam parte da dieta e do cardápio palestino na época de Jesus.

Todavia, precisamos estar atentos/as quanto a leitura e interpretação deste trecho da frase, pois é necessário discernir com precisão o que o diretor do jornal desejava realmente comunicar aos/as seus/suas leitores/as quando se referia a preservação destes hinos em um celeiro espiritual. Em todo o caso, é possível afirmar até o momento, que suas ideias se referiam ao que ali deveria ser guardado e preservado, ou seja, um celeiro espiritual para sementes espirituais, ou melhor, um hinário espiritual para armazenar hinos espirituais. No entanto, a leitura desta etapa não se configura uma tarefa fácil para a compreensão deste trecho do texto escrito, pois sua interpretação pode parecer um pouco confusa sendo capaz de oferecer, de acordo com nossa perspectiva, até mesmo duas possibilidades de interpretação.

Vejam, brevemente, cada uma dessas duas alternativas interpretativas. Neste caso em nossa primeira opção, a descrição deste celeiro espiritual se refere a algo específico, tanto físico e ao mesmo tempo espiritual, mas espiritual no sentido religioso, já que este celeiro é um ambiente criado por uma denominação, mas com finalidade espiritual, quer dizer, um hinário para elevação da adoração comunitária, pois apenas um cancionário poderia ser o lugar onde uma coleção de hinos poderiam ser guardados. Em contrapartida, a segunda opção oferece uma alternativa até certo ponto aceitável mesmo que mais abrangente, quando se interpreta o celeiro espiritual não apenas como um, mas vários ambientes. Devido a origem destes hinos, eles deveriam ser guardados no próprio coração, pois são sementes divinas ao seu povo.

Neste caso, consideramos que a primeira alternativa corresponde a uma melhor opção interpretativa, pois ressalta objetivos mais claros de serem alcançados pela membresia assembleiana, uma coleção possível de ser armazenada em um hinário

⁷⁷ Mateus 3. 12; Lucas 3. 17.

físico. Neste contexto, estas comparações elaboradas pelo diretor do periódico têm muito a dizer sobre o olhar da Instituição acerca do teor de espiritualidade gravada nestas canções, como também sobre o processo de recepção e composição destes hinos, visto que suas letras têm muito a dizer acerca da origem, compreensão e transmissão da espiritualidade assembleiana. Pois mesmo tendo sido elaborados por pessoas humanas, estas composições revelam profundas histórias de experiências com Deus vividas por seus/suas autores/as e refletidas nas letras de suas canções⁷⁸.

Em todo o caso, esta é a ênfase que importa destacar sobre a distinta linguagem empregada nesta frase que diz respeito ao próprio conceito de espiritualidade utilizado no ambiente assembleiano. Uma vez que, no pentecostalismo, há uma inegável predileção por questões transcendentais, um assunto que, comumente, é designado como espiritual. Este tema é prioritário e encontrado em abundância nas obras assembleianas além de ser uma peculiaridade do movimento pentecostal, assim, as ações e eventos sobrenaturais sinalizam uma das principais características da interpretação e da pentecostalidade no assembleianismo⁷⁹. Por isso, na letra destes hinos estão arrolados conteúdos que descrevem relatos de cura física, milagres, salvação, libertação, derramamento do Espírito e muitas outras intervenções divinas.

É neste sentido que se desenvolve a seleção natural destes hinos, pelo conteúdo espiritual que suas letras contêm ou se lhes atribuem, uma vez que a interpretação bíblica pentecostal possui suas peculiaridades e está alicerçada num ambiente onde

⁷⁸ Para uma abordagem mais aprofundada acerca das composições de alguns hinos da Harpa Cristã que foram compostas a partir das experiências de fé e caminhada com Deus vividas por cada qual dos autores e autoras, indicamos a leitura da seguinte obra, DANIEL, Silas. **A história dos hinos que amamos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. Este livro conta a história que está por trás dos 117 hinos clássicos da hinologia cristã mundial selecionados na obra citada dentre os quais 103 deles constam na atual Harpa Cristã.

⁷⁹ Apresentamos um resumo das principais características da leitura e interpretação bíblica pentecostal que são conhecidas e apresentadas por Jaldemir Vitória, quais sejam: O privilégio aos textos referentes a manifestação do Espírito Santo, seus dons extraordinários, milagres, curas e sinais como a única forma de capaz de renovar a sua Igreja; A interpretação literal das Escritura e sua inerrância, além de uma forte inclinação para o fundamentalismo, o que é bastante comum em diversos ramos do cristianismo; A derrocada de toda ação maligna ao revelar as suas formas de atuação. Entende que a vida humana está envolta em uma contínua guerra espiritual contra o inimigo de Deus; A forte fundamentação das experiências de cura centrada na vida e ministério de Jesus Cristo em destaque na leitura dos Evangelhos canônicos; Interesse pelo Antigo Testamento limitado a textos que apresentam relatos prodigiosos, considerando a semelhante e atual atuação de Deus como no passado; A supervalorização do indivíduo em detrimento dos ideais comunitários; Fundamental interesse pela leitura apocalíptica e uma visão milenarista da história centrada expectativa da segunda vinda de Cristo. VITÓRIO, Jaldemir. **Os estudos bíblicos em novas perspectivas**. In: Revista Perspectiva Teológica. Departamento de Teologia do Programa de Pós-Graduação em Teologia. Belo Horizonte, v. 31, nº 85, set/dez de 1999, p. 354-357.

a reflexão teológica é impulsionada pela ênfase na ação sobrenatural do Espírito Santo. Diante disso, os problemas, experiências e vicissitudes de cada pessoa pentecostal é interpretada no contexto desta realidade, aliás, a própria descida do Espírito sobre os/as primeiros/as discípulos/as em Pentecostes que dá vida e nome ao movimento. Neste caso, se reconhece que a leitura pentecostal do mundo é muito mais abrangente do que se imagina e não se concentra apenas na Bíblia e na composição de hinos, pois perpassa a dimensão bíblica e o ambiente eclesial.

Dessa maneira, vemos um projeto que buscava servir a toda comunidade pentecostal, um hinário que pretendia fortalecer e perpetuar os fundamentos em que estava baseado a doutrina assembleiana, obviamente, a noção de espiritualidade também estaria contida através das reflexões, imagens e histórias estampadas nestas composições. Deste modo, as evidências até aqui apresentadas são utilizadas para sustentar a tese de que um pouco mais de três anos antes do lançamento da HC, as lideranças das AD's já preparavam o terreno para o advento de um hinário que, por onde quer que fosse, carregaria duas características fundamentais, a espiritualidade assembleiana marcada pelo seu fervor e o seu conjunto de doutrinas, tudo isso sem ainda ter em mente o real alcance que a atual Harpa Cristã teria no cenário brasileiro.

Em vista disso, estes e muitos outros detalhes serão melhor abordados no próximo capítulo desta pesquisa que pretende se aprofundar no conteúdo teológico de alguns destes hinos para demonstrar os principais temas da confissão de fé assembleiana abordados nas canções de seu hinário. Mas o que até aqui se pode inferir é que a entoação destes hinos, seja no ambiente comunitário ou fora dele, nutre, até os dias de hoje, a espiritualidade dos/as assembleianos/as. No entanto, até aqui nos atemos as considerações feitas por Gunnar Vingren ao celeiro espiritual como o ambiente onde estes hinos são recolhidos e armazenados, pois também tem muito a dizer acerca da interpretação pentecostal sobre a origem e atribuição divina destes hinos e como estes também foram e até hoje são considerados inspirados por Deus⁸⁰.

Por fim, consideramos o exame da última parte da frase de Gunnar Vingren que versa o seguinte *trecho* “onde guardamos a abundancia do ‘trigo’ bemdito que Jesus nós dá. Amen”. Na análise anterior, consideramos acerca do celeiro espiritual (hinário)

⁸⁰ O conceito de inspiração é largamente utilizado no contexto teológico para explicar o processo de recepção do texto bíblico. Mesmo que alguns biblistas sejam bastante rigorosos quanto ao conceito de inspiração em uso no contexto teológico, todavia, este termo é popularmente utilizado para se referir a ideias brilhantes ou capacidades extraordinárias.

onde estas boas sementes (hinos) deveriam ser guardadas, agora, pretendemos encerrar esta investigação pontuando detalhadamente a última parte desta citação. Portanto, a partir de nossa leitura da frase, acreditamos que o trigo mencionado no trecho desta frase demonstra ser apenas mais uma metáfora utilizada pelo diretor do jornal para representar as canções que futuramente fariam parte de uma coletânea de hinos para Instituição, que por sinal, se tornou a atual Harpa Cristã. Estas canções, antes comparadas a boas sementes, também foram assemelhadas ao trigo divino.

Contudo, não pretendemos perder tempo em discussões desnecessárias que se ocupem em discutir, minuciosamente, as diferenças e os detalhes entre as sementes e os cereais apresentados por Vingren, tendo em vista que tanto as sementes quanto o trigo são mencionados na frase descrita por Gunnar. Todavia, é bastante improvável que o próprio autor da frase tivesse um profundo conhecimento sobre os frutos da terra que ele mesmo menciona ou que ainda pretendesse discutir suas diferenças. Portanto, é mais plausível aceitar que o editor do jornal tivesse apenas escolhido, aleatoriamente, algumas metáforas bíblicas alusivas aos produtos da terra para compará-las a coleção de hinos, que, da mesma forma, deveriam ser preservadas, assim, não havia quaisquer outras intenções do autor se não as aqui apresentadas.

Neste contexto, o trigo citado nesta passagem é indicado, após a representação das sementes, como um segundo elemento com conotações e comparações espirituais semelhantes e ao mesmo tempo distintas da primeira metáfora, devido as suas características. Além do mais, é utilizada para dar ênfase a primeira comparação feita a partir do trocadilho com o nome do jornal, as *“outras boas sementes”*, neste sentido, o elemento “trigo” está sendo usado para reforçar a ideia de armazenamento, um recurso extraído e fortemente usado no contexto neotestamentário, especialmente nos Evangelhos canônicos⁸¹. Em todo o caso, neste trecho vemos uma forma singela de se referir a algo precioso, aqui o trigo também é usado como termo genérico para representar tudo aquilo que é concedido por Deus, seja a Palavra, sejam os cânticos.

No tocante a relação direta entre o celeiro e o *“trigo bendito que Jesus [...] dá”* vislumbramos a intenção do autor em oferecer uma combinação de imagens que se impõe como uma forma de se referir aos cânticos e seu processo de oficialização

⁸¹ Ver Mateus 13.2. Nesta passagem temos a referência sobre o armazenamento do trigo no celeiro, uma das principais matérias-primas para a produção do principal item do cardápio de um judeu do primeiro século.

administrada pela Igreja. Neste sentido, todas as canções colecionadas, só seriam reunidas, porque foram de antemão selecionadas pela liderança da AD para servirem de alimento espiritual a toda a comunidade pentecostal. Segundo o texto bíblico apenas o trigo é digno de ir ao celeiro sendo a palha consumida totalmente pelo fogo, contudo, mesmo não citados, os hinos que não estão neste celeiro, não são, necessariamente, tidos como indignos e não podem ser considerados como palha, pois são apenas hinos inapropriados para serem guardados no celeiro assembleiano.

A forma pelo qual o diretor do jornal encerra a sua frase deixa a entender o que temos comentado ao longo de toda esta pesquisa, a saber, a origem e a concepção divina do que seria publicado em cada edição deste periódico. Gunnar Vingren deixa claro essa garantia ao destacar que Jesus é o concessor abundante destes elementos publicáveis, por isso, não é sem motivo que a referência ao trigo é caracterizada por sua qualidade abençoada. Além disso, neste contexto, o “trigo bendito” é usado como um recurso comum que busca representar os principais elementos presentes no jornal e imprescindíveis na liturgia pentecostal. A abundância em destaque nesta passagem também revela um dado interessante, a quantidade significativa destes elementos, prescrevendo o volume do material que seria periodicamente publicado no jornal.

Finalmente, as avaliações graduais desta citação vingreniana e suas respectivas interpretações, apenas buscaram fundamentar e sustentar nossa compreensão, pois apontam para os primórdios da HC. Aliás, todos os indícios até aqui apresentados, se inclinam favoravelmente a esta hipótese, porém, supomos que seria pouco provável que a AD tivesse estipulado um prazo para a publicação deste hinário, mas se sim, os quase três anos que se seguiram desde a segunda edição do Boa Semente até a lançamento do hinário assembleiano constituem-se um ótimo prazo para a seleção dos hinos e a formação do hinário, porém não estamos certos disso. Acreditamos que todo esse processo deve ter ocorrido naturalmente, mas, pelo menos de algo estamos convictos, que, a Harpa Cristã fazia parte dos projetos da instituição assembleiana.

2.2 O CAMINHO DA HINÓDIA ASSEMBLEIANA

Sabemos de toda a representação simbólica e da identidade imagética⁸² que a Harpa Cristã presta as Assembleias de Deus no Brasil e de toda a memória afetiva que ela proporciona, principalmente, na membresia mais tradicional. Neste sentido, para melhor entender o seu significado no assembleianismo e para compreender mais profundamente sua relevância e função no ambiente litúrgico pentecostal, indo muito além dos sentimentos e lembranças que ela produz, propomos uma análise de seu momento histórico gestacional, principiando pelo ambiente e contextos em que surgiram as primeiras canções, versões e coleções hínicas que a antecederam e para entendermos os processos que culminaram com o surgimento do hinário que buscava atender as demandas da liturgia assembleiana e de todas as suas esferas cúlticas.

Essa análise histórica busca apresentar não apenas os cenários, processos e influências que conduziram o surgimento do hinário oficial assembleiano, além do mais, buscamos dar devido destaque aos personagens que colaboraram para a sua formação. A propósito, buscamos também descrever o envolvimento direto deste hinário nas disputas internas com as lideranças assembleianas e sua relação com um outro cancionário pentecostal surgido posteriormente, e, provavelmente, inspirado na Harpa Cristã. É certo que o interesse por um hinário visava proporcionar subsídios para o canto congregacional em uma perspectiva assembleiana, todavia, mais que um hinário que refletisse a identidade evangélico-pentecostal, a Harpa Cristã também acabou por se tornar uma testemunha frente algumas disputas e cismas institucionais.

Logo, objetivamos reconstituir e apresentar um breve itinerário deste hinário assembleiano e apresentar, detalhadamente, sua trajetória histórico-dogmática no movimento pentecostal brasileiro. Este histórico justifica-se ainda, entre outros motivos, pelo fato de, até alcançar seu formato atual e sua popularidade no pentecostalismo nacional, a Harpa Cristã passou por um extenso processo de mudanças, inserções e adaptações. Assim, veremos o percurso dos hinários que antecederam e sucederam a Harpa Cristã e que serão apresentados para melhor compreender sua relevância e influência dogmático-musical no pentecostalismo. Para

⁸² Por representação simbólica e identidade imagética compreendemos a maneira como a instituição enxerga seu hinário oficial e como esse cancionário acaba por se tornar, com o tempo, um dos grandes símbolos que permitem identificar e reproduzir a imagem da própria instituição. No decorrer da pesquisa veremos que ter em mãos uma Harpa Cristã demonstrou ser uma forma simples de identificar uma pessoa assembleiana.

tanto, faz-se necessário extrairmos da historiografia oficial assembleiana e de outras fontes históricas confiáveis, informações que nos ajudem nessa reconstituição.

Entretanto, antes de iniciar este processo de formação histórica da Harpa Cristã consideramos relevante o destaque para a seguinte justificativa, a escassez de pesquisas científicas, até hoje publicadas, para auxiliar na tarefa de execução deste processo reconstitutivo. Atualmente, muitos/as são os/as pesquisadores/as, assembleianos/as ou não, que se dedicaram e até hoje se dedicam na produção de pesquisas relevantes sobre o pentecostalismo, e, em especial, sobre as Assembleias de Deus e suas inúmeras interfaces, em contrapartida, raros são até o presente momento, as pesquisas sobre esta coletânea centenária de hinos. Das raras pesquisas que já foram publicadas, poucas citam diretamente a Harpa Cristã, e as que a citam, poucas se ocupam ou se preocupam em aprofundar-se em sua história.

O que pretendemos daqui em diante é apresentar uma análise mais acurada da Harpa Cristã para atestar a sua relevância no assembleianismo e no pentecostalismo brasileiro, do mesmo modo, cogitamos a partir desta análise, contribuir no impulsionamento de pesquisas sobre o assembleianismo, mas em especial, sobre o manejo da Harpa Cristã e sua atuação no amplo e efusivo ambiente pentecostal. Considerando que ainda a muito para se pesquisar acerca deste hinário e sua influência na construção, consolidação e perpetuação da identidade dogmática na Assembleia de Deus e no pentecostalismo brasileiro. Por isso, constitui-se um grande desafio o aprofundamento histórico, bíblico e teológico desta pesquisa, tendo em vista, como já comentamos, a carência de materiais e pesquisas sobre o assunto.

Como última etapa desta tarefa pretendemos descrever a atual situação da Harpa Cristã e o que tem sido realizado pela instituição diante da proximidade e dos desafios do primeiro centenário de seu principal cancionero. Buscamos apresentar o que tem sido feito atualmente pelas Assembleias de Deus para garantir, a toda a sua membresia, seu espaço e aceitação diante de sua permanente e marcante tradicionalidade num contexto cada vez mais inclinado para a modernização litúrgica dos instrumentos e processos nos ambientes de diversas denominações pentecostais em todo o país. Contexto que desafia as novas gerações de pastores, líderes e da membresia assembleiana para uma harmoniosa repaginação de suas canções, que para muitos/as são considerados ultrapassados e dignos de serem substituídos.

2.2.1 Salmos e Hymnos⁸³, o primeiro hinário usado pelos/as assembleianos/as

Muito embora o Salmos e Hinos⁸⁴ não tenha oferecido os primeiros hinos entoados em território nacional⁸⁵, podemos afirmar com exatidão que foi por intermédio deste hinário que o processo de desenvolvimento da hinódia protestante em solo brasileiro se deu historicamente. Este saltério remonta os primórdios da hinologia evangélica brasileira, pois é o primeiro hinário em português produzido e publicado no Brasil com o intuito de servir como instrumento para o canto congregacional, tornando-se uma grande inspiração para os hinários que surgiram posteriormente e que fariam uso de muitas das canções de seu repertório para compor seus próprios saltérios. Por este motivo o Salmos e Hinos foi adotado por diversas igrejas evangélicas da época, inclusive pelas AD's, como vemos na descrição abaixo.

Nos primeiros anos de atividade, as Assembléias de Deus usavam o livro comum das várias igrejas evangélicas, o Salmos e Hinos. Porém, a vida, a atividade e a doutrina específicas exigiam o uso de hinologia Pentecostal. Pouco a pouco os valores intelectuais foram surgindo e apresentando a expressão poética da crença comum das Assembléias de Deus⁸⁶.

⁸³ Este hinário foi usado pela primeira vez em 17 de novembro de 1861 sob o título *Psalms e Hymns*, grafia utilizada na época de sua primeira publicação no Brasil, com as seguintes notas adicionais "Para o uso daqueles que nosso Senhor Jesus Cristo". FORSYTH, William B. **Jornada no império: vida e obra do Dr. Kalley no Brasil**. Tradução: Maurício Fonseca dos Santos Júnior. São José dos Campos: Editora Fiel, 2006, p. 161.

⁸⁴ A partir daqui usaremos a grafia atual, Salmos e Hinos ou apenas SH.

⁸⁵ Os primeiros hinos e hinários utilizados no Brasil foram instrumentalizados pelos primeiros grupos de protestantes que aqui aportaram durante o período colonial. Período no qual o Brasil recebeu algumas levas de protestantes vindos da Europa e que aqui se instalaram sem uma prévia autorização. Durante um curto espaço de tempo estes protestantes de tradição reformada praticaram livremente sua fé realizando regularmente seus serviços litúrgicos que foram oficializados em 1557, e, posteriormente em 1630, cerimônias religiosas que foram realizadas até quando lhes foi permitido. Os primeiros a chegarem aqui foram os huguenotes franceses que no dia 10 de março de 1557, no Forte Coligny, na ilha de Serigipe, realizaram o primeiro culto oficial protestante na Baía de Guanabara, neste ínterim, os participantes foram convidados a cantar em coro o Salmo 5, metrificado por Clement Marot e musicalizado por Louis Bourgeois, entoado conforme o Saltério de Genebra, se tornando o primeiro hino protestante cantado no Brasil, todavia, entoado em francês. Após esse período, temos uma segunda ocupação de protestantes no Brasil que aconteceu em 1630, onde reformados holandeses aqui aportaram com o objetivo de controlar o comércio de açúcar produzido no Brasil. Durante este período pastores e missionários aqui chegaram trazendo consigo seus hinários holandeses para implantação da Missão Reformada no Brasil. Provavelmente, estes períodos foram inaugurais ao considerar as primeiras canções protestantes cantadas no Brasil, mesmo que sendo hinos cantados em francês e em holandês. PÁDUA, Jorge Hage. **Cristãos louros descidos do Norte: os holandeses e o diálogo religioso no Brasil seiscentista**. São Leopoldo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, 2001, p. 7. (Série Ensaios e Monografias); CÉSAR, Elben M. Lenz. **História da evangelização do Brasil: dos Jesuítas aos Neopentecostais**. Viçosa: Ultimato, 2000, p. 38; LÉRY, Jean de. **Viagem à Terra do Brasil**. São Paulo: Martins/USP, 1972, p. 52.

⁸⁶ CONDE, 2008, p. 48.

É a partir desse e outros testemunhos dos historiadores assembleianos que relataram a influência e uso corrente do SH nos primeiros anos do assembleianismo no Brasil que nos motiva a apresentar, brevemente, o legado espiritual do Salmos e Hinos⁸⁷, a maior herança do casal de missionários, Dr. Robert Reid Kalley⁸⁸ e Sarah Poulton Kalley⁸⁹ à igreja evangélica brasileira. Todavia, além disso, o casal Kalley ainda foram importantes em outras frentes de trabalho na evangelização e consolidação do protestantismo no Brasil⁹⁰, pois, além do SH, o casal Kalley são considerados pioneiro e pioneira na organização da primeira Escola Dominical no Brasil⁹¹ e o pioneiro e a pioneira da Igreja Evangélica Fluminense (IEF) fundada por eles em 1858, uma denominação estabelecida a partir dos moldes congregacionais⁹².

Os Kalley era mui talentosos, ambos excelentes poetas e músicos. O Dr. Robert Kalley era médico⁹³ e formou-se pela Universidade de Glasgow, Escócia, recebendo em 31 de agosto de 1829 o grau de cirurgião e farmacêutico, ainda muito jovem, aos

⁸⁷ CARDOSO, Douglas Nassif. **Robert Reid Kalley**: médico, missionário e profeta. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000, p. 198. O autor oferece uma informação curiosa acerca da escolha do nome do hinário do casal Kalley. O nome Salmos e Hinos revelava uma influência da tradição evangélica escocesa, cuja a igreja venerava os Salmos e com bastante resistência e certa demora veio a admitir a inclusão de outros cânticos e hinos nos cultos.

⁸⁸ Robert Reid Kalley (1809-1888). Médico, farmacêutico, pastor, articulista, tradutor e compositor escocês nascido em Monte Floridan, era ateu, mas converteu-se ao cristianismo após o testemunho do sofrimento resignado de uma paciente cristã. Estudou teologia e decidiu se tornar missionário sendo ordenado ao ministério em 1839. Casou-se em 1835 com Margaret Crawford que veio a falecer em 1851, no ano seguinte contrai matrimônio com Sara Poulton Wilson, casamento que durou 36 anos até seu falecimento. BRAGA, 1961, p. 319, 320.

⁸⁹ Sarah Poulton Kalley (1825-1907). Musicista, escritora, tradutora, compositora e missionária inglesa nascida em Nottingham casou-se com Robert Kalley em 14 de dezembro de 1852. Foi responsável por diversas traduções e composições do hinário *Salmos e Hinos* e juntamente com seu esposo foram os fundadores da Escola Dominical em português em solo brasileiro. BRAGA, 1961, p. 322, 323.

⁹⁰ Além da alta capacidade na composição de hinos, o casal Kalley produziu inúmeros artigos para jornais da época e escreveram algumas pequenas obras (*A felicidade do lar*), além da tradução de diversos panfletos (*O ladrão da cruz; Cleon e Maria*) e livretos como por exemplo, as obras de John Bunyan, *Guerra santa* e *o Peregrino*. FORSYTH, 2006, p. 45, 165-166.

⁹¹ A primeira Escola Dominical foi realizada na cidade de Petrópolis em 15 de agosto de 1855. FORSYTH, 2006, p. 253.

⁹² KEITH, Edmond D. **Hinódia Cristã**. Tradução de Bennie May Oliver. 2 ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 1987, p. 122.

⁹³ HAHN, Carl Joseph. **História do culto protestante no Brasil**. Tradução de Antônio Gouvêa Mendonça. 2 ed. São Paulo: ASTE, 2011, p. 161. O autor também comenta que além de médico Dr. Kalley era compositor e tradutor, era também um exímio articulista e admirador de obras clássicas. Uma das suas mais importantes publicações em português, por exemplo, foi a tradução de *O Peregrino* de John Bunyan, publicada em trinta e cinco capítulos, dia sim e dia não, entre outubro e dezembro 1856. Publicada no diário *O Correio Mercantil* sob o título *A viagem do Cristão para a bem-aventurança eterna, por um de seus companheiros*. Além de diversos outros artigos acerca de diversos temas, alguns até controversos como a sua série acerca da imortalidade da alma que gerou diversas polêmicas à época.

20 anos.⁹⁴ De origem inglesa Sarah Poulton Wilson⁹⁵ era linguista, pianista e de família influente na Inglaterra⁹⁶. O casal chegou ao Brasil em 10 de maio de 1855⁹⁷, trazendo consigo alguns hinários e algumas traduções para a língua portuguesa, além de composições produzidas e organizadas pelo Dr. Robert Kalley quando este esteve servindo em Portugal, na Ilha da Madeira⁹⁸. Destes hinários, traduções e composições trazidas pelo casal Kalley deram origem a primeira edição do Salmos e Hinos que foi organizado pelo Dr. Kalley e impressa em Londres, Inglaterra.

Esta edição foi produzida no mesmo ano da chegada do casal Kalley ao Brasil⁹⁹, era uma singela edição com poucos hinos, a saber, dez salmos, dois hinos escritos por William Hepburn Hewitson¹⁰⁰, sete hinos de John Law e dois salmos e seis hinos de Robert Kalley¹⁰¹. Contudo foi no Brasil que as composições do SH se desenvolveram com maior intensidade. Propositadamente este hinário fazia parte das investidas missionárias do casal em terras brasileiras, ação potencializada com o

⁹⁴ BRAGA, 1961, p. 319; HAHN, 2011, p. 149.

⁹⁵ Sarah Poulton Wilson, nome de solteira.

⁹⁶ CARDOSO, Douglas Nassif. **Sarah Poulton Kalley (1825-1907)**: professora, missionária e poetisa. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2004a, p. 61, 82. Filha de William Wilson (1801-1866) e de Sarah Poulton Morley (1802-1825). Tanto a família Wilson quanto a família Morley pertenciam a classe de ricos industriais têxteis, adotavam um estilo de vida puritano e pertenciam a Igreja Congregacional. A família Morley, por sua vez, também possuía um belo histórico de influência e atuação política no parlamento inglês.

⁹⁷ ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do passado**: ensaio histórico do início e desenvolvimento do trabalho evangélico no Brasil, do qual resultou a fundação da “Igreja Evangélica Fluminense”, pelo Dr. Robert Reid Kalley. Primeira fase – 1855 a 1864. Volume I. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade, s/d, p. 11. Vale destacar que o Dr. João Gomes da Rocha (1861-1947), médico brasileiro, era filho adotivo do casal Kalley. Esta obra historiográfica, em quatro volumes, constitui-se como manutenção da memória do casal e de suas primeiras atividades missionárias e sociais em terras brasileiras. Capítulos deste primeiro volume, como alguns capítulos dos demais, foram anteriormente publicados na revista “O Cristão”, Órgão Oficial da Igreja Evangélica Fluminense, os quatro volumes foram lançados entre 1941 e 1957. Atualmente, em 2013, esta obra foi reeditada, motivada por diversas solicitações e por seu inegável valor historiográfico.

⁹⁸ O Dr. Robert Kalley escreveu seu primeiro hino na Ilha da Madeira, no verão de 1842. FORSYTH, 2006, p. 161.

⁹⁹ ROCHA, s/d, p. 128. Nota do autor.

¹⁰⁰ William Hepburn Hewitson (1812-1850). Foi ministro da Igreja Livre da Escócia em Dirleton. BAILLIE, John. **Memoir of the Rev. William Hepburn Hewitson**. New York: Robert Carter & Brothers, 1851, p. 4.

¹⁰¹ CARDOSO, Douglas Nassif. **“Salmos e hinos”**: uma análise da formação do primeiro hinário protestante produzido no Brasil Império. In: CAMPOS, Leonildo Silveira (Ed.). Revista semestral de estudos e pesquisas em religião. São Bernardo do Campo, Ano XVIII, Nº 27, dezembro de 2004b, p. 101. Douglas Nassif Cardoso comenta que o Dr. Robert Kalley produziu estes seus primeiros hinos em português visando o culto com os madeirenses, tratando-se da primeira hinódia evangélica produzida no eixo Portugal e Brasil. CARDOSO, 2004a, p. 254.

sistema de colportagem¹⁰² realizada nas cidades do Rio de Janeiro e Petrópolis¹⁰³. Quando a edição inglesa do SH esgotou, o casal Kalley logo providenciou a primeira edição no Brasil que foi publicado entre os meses de outubro e novembro 1861 na Tipografia Universal de Laemmert, Rio de Janeiro, com acréscimo de alguns hinos.

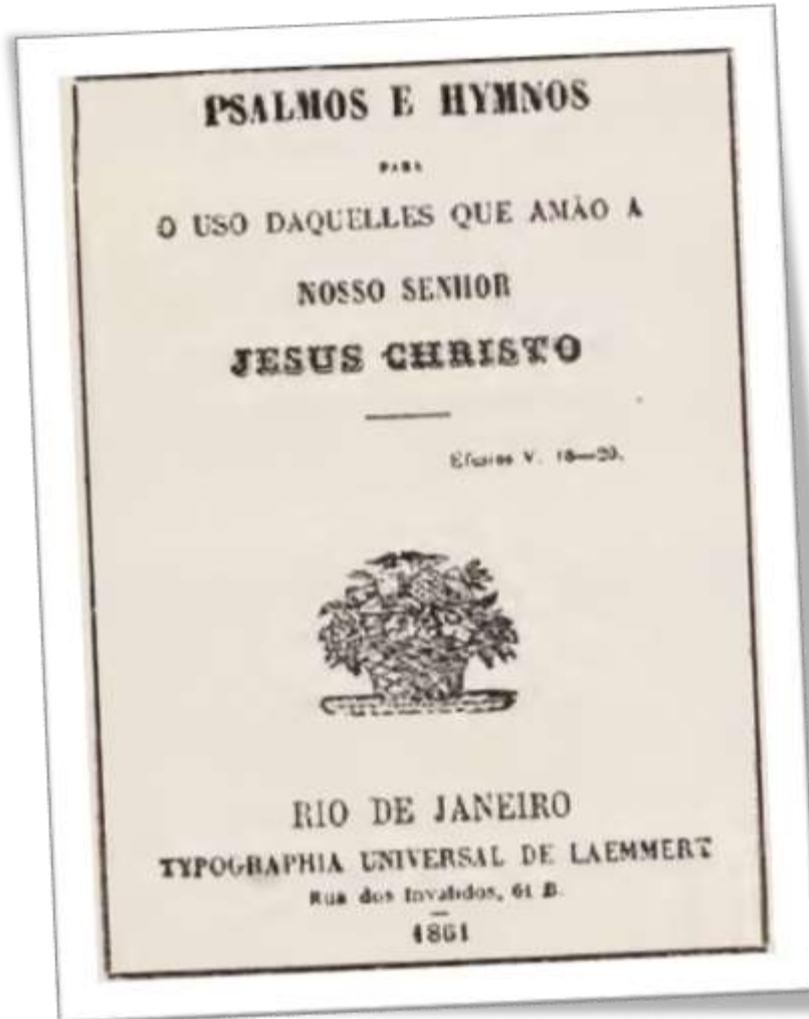


Imagem 1: Imagem da capa da primeira edição do hinário *Psalmos e Hymnos*, publicado em 1861, pelos missionários Robert e Sarah Kalley.
Fonte: Google Imagens

A primeira edição do SH lançada no Brasil foi publicada apenas com as letras de 50 músicas, dos quais a metade eram novas composições¹⁰⁴. Edição que contou com a participação direta de Sarah Kalley que preparou 16 hinos, sendo três traduções

¹⁰² REY, Alain. **Dictionnaire Le Robert micro d'apprentissage de la langue française**. Deuxième édition. Paris, 1995, p. 234. Palavra francesa que destaca a atividade do *Colporter*, aquele que transporta livros para os vender, ambulante, o que vende livros de porta em porta.

¹⁰³ CARDOSO, 2004b, p. 102.

¹⁰⁴ ROCHA, s/d, p. 167.

e 13 composições. Dos 50 títulos da primeira edição brasileira do SH, 18 eram de salmos e 36 eram hinos, a maioria com melodias clássicas da tradição germânica do século XV sendo um hino com a melodia extraída de um hinário católico. Os 83 títulos da segunda edição publicada em 1865 incluíam 36 novas canções, dentre estas 32 composições eram próprias e 4 eram traduções. Esta edição era composta de uma coletânea com 25 salmos e 58 hinos. Dentre estes títulos, Sarah Kalley inseriu um hino de Charles Wesley do século XVIII, porém com uma melodia contemporânea¹⁰⁵.

A terceira edição do Salmos e Hinos foi lançada em 1868, nesta edição Sarah Kalley inseriu apenas três hinos novos, uma composição própria e duas traduções, tal motivo se deu pela preocupação com a edição do primeiro Salmos e Hinos com música, cognominado de *Músicas Sacras*, visto que, as primeiras três edições do SH continham apenas a letra dos hinos. Outra novidade para esta edição foi a transição para um hinário que privilegiava as reuniões de avivamento com inclusão de músicas folclóricas, pois as edições anteriores eram formadas, em sua maioria, por músicas clássicas. Esta edição continha 100 títulos, sendo 25 salmos e 75 hinos¹⁰⁶. A quarta e última edição produzida no Brasil em 1873 por Sarah Kalley, incluía 39 composições novas ao repertório do SH, dos quais 8 delas eram traduções e 31 de sua autoria.

Outra característica desta edição é que a tornou diferente e mais atrativa que as edições anteriores foi o uso de um repertório bastante diversificado, formado pela inserção de músicas tradicionais da cultura alemã, galesa e grega, que foram agregadas as músicas clássicas e folclóricas, além dos demais hinos já conhecidos e publicados nas edições precedentes, todos esses detalhes foram, minuciosamente, pensados e elaborado pela Sra. Kalley. Esta edição continha 130 títulos dos quais distinguiam-se em 25 salmos e 105 hinos¹⁰⁷. Com o retorno do casal Kalley a Escócia em 1876 as demais edições do SH continuaram sendo produzidas por Sarah, mas agora publicadas na Europa (Londres e Edimburgo), sempre com um maior número de hinos, incluindo salmos e coros. Estas edições do SH foram publicadas até 1883¹⁰⁸.

Após o falecimento do Dr. Robert Kalley em 17 de janeiro de 1888, a Sra. Sarah Kalley e o seu filho adotivo Dr. João Gomes da Rocha deram prosseguimento a novas edições do já consolidado Salmos e Hinos. Contudo, os dois se preocuparam muito

¹⁰⁵ CARDOSO, 2011b, p. 106.

¹⁰⁶ CARDOSO, 2011b, p. 107.

¹⁰⁷ CARDOSO, 2011a, p. 284-287.

¹⁰⁸ HAHN, 2011, p. 168.

mais em produzir a segunda edição com músicas sacras do que apresentar uma nova edição com novos hinos, assim foi publicada a segunda edição com músicas sacras, lançada no ano de 1889, sendo a terceira edição publicada dez anos depois, em 1899, a quarta fora lançada apenas em 1919 atingindo o número de 608 títulos¹⁰⁹. Desde 1947, com o falecimento do Dr. João Gomes da Rocha, a IEF assumiu os direitos autorais do SH tornando-se responsável por suas edições e modificações. Hoje o hinário Salmos e Hinos conta com um total de 650 canções em todo o seu repertório.

Portanto, dentro deste resumo histórico do Salmos e Hinos e das especificidades de seus principais idealizadores e responsáveis, procuramos destacar os principais aspectos da relevância histórico-teológica deste cancioneiro, pois mesmo sendo um hinário criado, a princípio, para atender ao serviço litúrgico congregacional de uma igreja em particular, a IEF, e estar vinculado teológica e dogmaticamente a esta denominação, todavia, com sua projeção e popularidade nacional e por sua preeminência e precedência no cenário protestante, este hinário passou a servir, concomitantemente, a diversas denominações evangélicas não apenas neste país, mas também em outras partes do mundo, seja na época de seu surgimento e consolidação entre os séculos XIX e XX como até os dias de hoje¹¹⁰.

Esta preferência pelo Salmos e Hinos vai além de sua precedência histórica como o primeiro hinário evangélico em língua portuguesa publicado no Brasil, este saltério se tornou, com o tempo, um cancioneiro basilar muito mais por seu conteúdo teológico do que por sua primazia litúrgica, além de conceder grande quantidade de canções a muitos outros hinários publicados posteriormente por outras denominações evangélicas nacionais¹¹¹. Consequentemente, teríamos muito mais a destacar sobre o seu surgimento, bem como o desenvolvimento de suas ênfases teológicas, todavia, outros já se ocuparam nesta tarefa. O que aqui pretendemos salientar é o seu uso na AD e sua influência na HC. Contudo, um aspecto final do conteúdo teológico de suas canções pretendemos destacar, considerando o que Douglas Nassif Cardoso afirma:

A teologia de *Salmos e Hinos* era inculcada nos diversos protestantismos de missão pela contínua repetição de seus hinos nos cultos das igrejas e

¹⁰⁹ KEITH, 1987, p. 122.

¹¹⁰ CARDOSO, 2004a, p. 257. Considera ainda que o *Salmos e Hinos* também foi usado, em pequena escala, por comunidades de outros países de fala portuguesa: Trinidad & Tobago, Estados Unidos (Jacksonville; Springfield; Honolulu), Angola e Portugal.

¹¹¹ KEITH, 1987, p.124.

domésticos. A escassez de missionários no período de implantação das diversas igrejas permitia que o hinário fosse em diversas ocasiões o único material litúrgico com que contavam os líderes leigos. Sua forma de apresentação, extremamente didática, induzia a ordem dos cultos e a parte musical em ocasiões especiais¹¹².

Portanto, é impossível negar o denso conteúdo teológico que o Salmos e Hinos apresenta em seu repertório, uma coleção com um número razoável de canções acerca de Deus, do Espírito Santo e da Trindade, além dos hinos cristocêntricos, sua maioria¹¹³. Logo, o agudo material teológico presente nestes cânticos demonstra o cuidado doutrinal que o casal Kalley manteve na seleção e composição destas canções. Podemos considerar um casamento perfeito, em todos os sentidos, pois o Salmos e Hinos combina um profundo teor teológico com um refinado toque poético. Essa era uma das maiores preocupações do casal de missionários, o Dr. Robert Kalley sempre mui dedicado ao conteúdo doutrinário nas letras dos hinos, enquanto que sua esposa Sarah adornava e ilustrava esta doutrina com sua alta capacidade poética¹¹⁴.

2.3 HINÁRIOS ASSEMBLEIANOS

Como vimos anteriormente, muito antes do estabelecimento das Assembleias de Deus no Brasil, outros grupos protestantes já haviam se firmado em território nacional, e, a sua maneira, contribuindo para evangelização do país ou apenas para o próprio desenvolvimento institucional e crescimento espiritual de seus/suas fiéis, tendo em vista que o protestantismo de imigração chegou ao Brasil intencionando muito mais a atender as necessidades religiosas dos recém-chegados imigrantes do que se ocupar em qualquer projeto proselitista em terras brasileiras¹¹⁵. A forma pelo qual cada uma dessas denominações evangélicas orientava suas comunidades se dava a partir de suas especificidades doutrinárias e costumes tradicionais, seja por intermédio de suas confissões e catecismos ou através de quaisquer outros subsídios eclesiásticos.

Um bom exemplo destes subsídios eram os cânticos de seus respectivos hinários, que carregavam, substancialmente, uma linha teológico-doutrinária e

¹¹² CARDOSO, 2004b, p. 102.

¹¹³ CARDOSO, 2004a, p. 306. Entre os 140 hinos de Sarah Kalley, 36 deles são de conteúdo cristológico, cerca de 21,30% do seu conteúdo, análise feita por Douglas Nassif Cardoso da 5ª edição de Salmos e Hinos com músicas sacras de 1975.

¹¹⁴ FORSYTH, 2006, p. 161.

¹¹⁵ ROLIM, 1985, p. 21.

desempenhavam um ótimo trabalho como um instrumento regulador e disseminador destes ensinamentos. Por isso, quando as AD's se firmaram no Brasil, durante seus primeiros anos a liderança assembleiana fez uso frequente e até mesmo recomendou as canções desses hinários para a condução do canto congregacional em seus cultos. Uma dessas coleções utilizadas pelas AD's foi o cancionário Salmos e Hinos, de origem congregacional, mas adotado pela AD e por inúmeras denominações de sua época, contudo, havia um pequeno detalhe a ser superado nestes hinos do SH, pois muitas das suas canções não contemplavam as principais crenças assembleianas.

Estas canções do SH e de outros hinários evangélicos, naturalmente, exigiu um certo jogo de cintura da liderança pentecostal, pelo fato de ensinarem uma coisa e por meio dos hinos cantarem outra. Mas, com o tempo, a AD foi percebendo que seria necessário que a instituição se organizasse para ofertar ao seu público, hinos que enfocassem a doutrina e a efusão pentecostal. Dessa motivação surgiram diversos hinários que antecederam a Harpa Cristã e serviram, dentro de curtos períodos a denominação. É neste sentido que pretendemos discorrer acerca da influência dos hinários protestantes como fator que mobilizou a liderança assembleiana a organizar suas próprias canções, além reconstruir, criticamente, a trajetória histórica da formação musical nas AD's que culminou com o surgimento da atual Harpa Cristã.

2.3.1 Hinários anteriores

Sabemos que a Assembleia de Deus brasileira não nasceu com todo o aparato eclesiástico e estrutura necessários para amparar o seu surgimento como uma das primeiras denominações pentecostais de sua época, uma vez que, por exemplo, surgiu sem alguns instrumentos que viabilizassem a condução de sua liturgia, pois as AD's foi inaugurada, inesperadamente, sem um templo/sede, sem confissão de fé, sem hinário, até mesmo sem um nome característico e dentre muitas outras coisas. Além disso, vale ressaltar que a concepção das ações do Espírito no cerne do pentecostalismo também é razão que sustenta um cenário diferenciado que propicia, e, praticamente, exige um culto com grande liberdade e espontaneidade, com uma liturgia menos rígida e desapegada a padrões, principalmente em seus primórdios.

Também sabemos que atualmente até mesmo o pentecostalismo aderiu a prática de padrões litúrgicos¹¹⁶, mesmo que em muitos casos esses padrões não estejam presentes do início ao fim de um culto, mas se demonstram ao menos previsíveis e evidentes, por isso, com o tempo as necessidades compeliram a AD a se adaptar e oferecer meios que auxiliassem suas principais demandas. Dessa maneira, temos o conhecimento de algumas coleções hínicas que antecederam e de alguma maneira influenciaram a Harpa Cristã, todos estes proto-hinários surgiram durante a primeira década da AD no Brasil e foram produzidas visando questões pessoais ou para auxílio no canto comunitário, e é bem provável que essas coleções não tenham sido idealizadas para se tornarem instrumentos oficiais da denominação.

Todavia, antes do surgimento histórico e circunstancial das coleções hínicas que precederam a Harpa Cristã, temos o conhecimento de um manuscrito que antecedeu a qualquer outra coleção musical assembleiana. Alega-se que este documento tenha sido produzido pelos próprios fundadores, Gunnar Vingren e Daniel Berg, se tratando de uma singela coletânea de hinos, coleção que revelava toda capacidade e conhecimento teórico-musical que os missionários suecos possuíam¹¹⁷, no entanto,

¹¹⁶ O modelo do culto, especialmente o realizado na congregação local, adotado pelas Assembleias de Deus desde o seu início sempre dispensou a ritualística formal adotada pelas denominações mais tradicionais de sua época. Apesar disso, com algumas variações, há uma clara sequência de atos que podem mudar ou alternar dependendo de alguns fatores, como a região em que se encontra cada congregação, mas a sequência comum e mais adotada pelas Assembleias de Deus em todo o Brasil é a seguinte: Oração introdutória; Entoação comunitária dos cânticos da Harpa Cristã, entre 2 a 3 hinos; Leitura livre de um texto bíblico realizada pelo dirigente da reunião ou pessoa por ele designada, o texto inevitavelmente é lido de pé por toda a congregação que às vezes participa da leitura responsivamente ou alternadamente, o texto raramente é comentado e pode ser encerrado com uma breve oração de agradecimento; Após isso, pela influência do modelo batista, a música coral faz-se presente com a apresentação de canções avulsas entoadas por departamentos (senhoras, senhores, adolescentes e jovens, crianças ou congregação convidada); Daí em diante o púlpito pode ser franqueado a diversos oradores e cantores; Segue o momento do ofertório que geralmente acontece com a congregação assentada; Por fim, o ponto alto do culto, a pregação (oficial) da Palavra que pode ser ministrada pelo pastor local ou pessoa por ele designada antecipadamente; A mensagem segue o convite, um apelo a conversão ou reconciliação; Após avisos congregacionais, o culto é encerrado com a impetração da Bênção Apostólica, que repete o modo de fechamento da carta paulina de II Coríntios 13.13. **CONVENÇÃO da Assembleia de Deus no Brasil. História centenária da Assembleia de Deus no Brasil.** São Cristóvão: CADB, 2017, p. 31.

¹¹⁷ Além do relato deste caderno de hinos produzidos com letra e música, temos diversos outras ocasiões em que se nota a aproximação dos pioneiros no tocante a música, seja cantando ou mesmo tocando instrumentos musicais. Daniel Berg em diversos momentos é descrito tocando seu violão e Vingren na maioria das vezes aparecia cantando. Vingren descreve o seguinte relato em seu diário, contando sobre os primeiros dias em território brasileiro. “Quando nos pediram pra cantar em inglês, entoamos o hino: “Jesus Christ is made to me, all i need’ (Jesus Cristo é tudo pra mim, tudo o de que necessito, tudo o de que necessito). Cantamos o hino em duas vozes”. VINGREN, 2000, p. 37. “Eles não falavam o idioma, mas durante os cultos podiam ensaiar um dueto. Conheciam alguns hinos simples, mas ungidos, em inglês, e os cantavam, sempre que o Senhor o permitia [...] Daniel acompanhava no violão”. E ainda “Daniel achou que seria o momento ideal para pegar o violão e cantar

não podemos incluir esta coletânea entre todos os cancionários que até hoje foram produzidos pela denominação com a finalidade de orientar o canto congregacional e expressar a temática pentecostal, não podemos devido as suas particularidades e propósitos, pois esta coleção era na verdade um simples caderno particular de hinos.



Imagem 2: Caderno particular de hinos, produzido em 1917 pelos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg
Fonte: CEMP/CPAD

Além do mais, não temos muitas informações acerca deste livreto, sabemos apenas que além de ter sido produzido no ano de 1917 e escrito inteiramente pelas mãos dos missionários, este caderno de hinos continha folhas com pautas musicais, o que facilitou a sua elaboração, pois incluía em seu conteúdo não apenas a letra, mas também a música das canções. Todavia, a maior característica deste caderno e que o distingue das demais coletâneas de hinos assembleianos está no idioma escolhido para a sua elaboração, pois nenhuma de suas canções foram escritas em português, mas em língua estrangeira. No cômputo geral, este caderno contém apenas 24 músicas, sendo que 10 destes hinos foram escritos em língua inglesa e as outras 14 canções foram escritas em sueco, o que nos leva a algumas conclusões.¹¹⁸

algum hino, antes que eles dessem graças pelas bênçãos recebidas. Gunnar e Daniel, então, entoaram para os presentes um hino de louvor ao Salvador". BERG, 1995, p. 174.

¹¹⁸ CPAD. Disponível em: <http://www.harpacrista.com.br/historia.php?i=3>. Acesso em: 11 de julho de 2018. Matéria da CPAD News extraída de seu site oficial. Site que foi criado e lançado em 21 de março

Porque somente após sete anos de permanência em território nacional um caderno particular de hinos com letra e música teria sido montado e ainda em língua estrangeira? Dar-se-ia o caso deste caderno de hinos ter vindo juntamente com os missionários em suas bagagens, mas ter sido descoberto ou reescrito apenas anos mais tarde, ou seja, em 1917? E se realmente foi montado tardiamente não poderia ter sido escrito em língua portuguesa, já que de acordo com a descrição dos próprios pioneiros das AD's, após nove meses de permanência em território nacional estes já estavam ambientados ao idioma nativo?¹¹⁹ Na verdade, os relatos oficiais informam que estes pagaram um profissional de língua portuguesa para ensiná-los o português e em pouco tempo já não mais necessitavam de interpretes durante a pregação¹²⁰.

No entanto, é difícil responder satisfatoriamente a todas estas incertezas e entender precisamente todas essas declarações históricas muitas vezes imprecisas e complicadas de se admitir diante da escassez e/ou incongruência de informações que não correspondem a algumas realidades concretas da época. Todavia, não é nossa pretensão negar a existência deste caderno de hinos, o que é impossível por ter sido ele conservado até hoje. Do contrário, procuramos nos ocupar apenas com o que é necessário, a saber, preservar a história dos primórdios da hinologia assembleiana. Mas com certeza seria interessante conseguir desvendar os objetivos da montagem deste caderno de hinos. Quem sabe, os pioneiros conservavam nele sentimentos que pretendiam manter guardados não apenas na memória, mas também em tinta e papel.

Por isso, para nós a hipótese do saudosismo dos pioneiros é a melhor alternativa que pode explicar a escrita tardia desse caderno de hinos sem que se suspeite do ano de sua elaboração, principalmente numa época em que os pioneiros já estavam familiarizados com o uso do idioma local. A propósito, a particularidade deste livreto, apresentada em seu relato histórico, é uma das maiores características que explica a natureza privativa deste documento, bem como a negação de sua espetacularidade e uso comunitário. É presumível que as canções deste caderno de hinos servissem de combustível para as reminiscências de sua terra natal, a Suécia, ou do antigo país

de 2012 em comemoração aos 90 anos da HC, uma página com histórias, notícias, entrevistas, vídeos e imagens que celebram suas nove décadas.

¹¹⁹ BERG, 1995, p. 114.

¹²⁰ VINGREN, 2000, p. 38, 39.

que os acolhera por anos, os Estados Unidos, isso tudo em razão dos idiomas usados na confecção do material hínico, do contrário tudo isso não faria o menor sentido.

Menos polêmica e inquietante é a informação que temos acerca de um outro hinário também preparado no ano de 1917. Não temos muitas informações acerca deste cancionero, mas este novo relato, mesmo sendo breve e narrado por Gunnar Vingren em seu diário, é um pouco mais preciso e esclarecedor que o relato anterior, trazendo consigo informações relevantes quanto a sua data de composição e sua exata quantidade de hinos. Ao consultarmos a historiografia assembleiana percebemos, lamentavelmente, que alguns historiadores oficiais ignoraram esta notícia, é o caso de Emílio Conde e Abraão de Almeida que aparentam desconhecer ou ignorar totalmente esta informação, pois nada comentam sobre o caso, além de Vingren, apenas Isael Araújo apresenta esta notícia, anotando alguns detalhes a mais.

As duas descrições históricas a seguir informam algumas características deste proto-hinário anônimo. No primeiro relato apresentado por Vingren a menção ao hinário aparece repentinamente após a descrição de um culto assembleiano no qual uma criança ao se aproximar do pioneiro coloca a mão em seu ombro e se põe a falar em línguas espirituais, imediatamente, em seu desfecho Gunnar afirma: “Onde há despertamento também se canta bastante. Por isso prepararam um hinário, cuja impressão ficou pronta no dia 6 de outubro, e tinha 194 hinos”¹²¹. O relato de Araújo segue a mesma descrição com pequenos ajustes. “Em virtude dessa premência, os líderes da Assembleia de Deus de Belém (PA), os missionários suecos, prepararam um hinário, cuja impressão ficou pronta em 6 de outubro de 1917, e tinha 194 hinos”.¹²²

O breve relato de Gunnar Vingren considera relevante apenas informar a data da impressão do hinário e a sua quantidade de hinos, já a descrição elaborada por Isael de Araújo além de reproduzir fielmente o relato de Vingren ainda deduz algumas informações não contidas na descrição do pioneiro, acrescentando o provável preparo do cancionero pelas mãos da liderança sueca da AD na capital paraense. No entanto, não negamos o valor das informações de Isael de Araújo, tendo em vista que, até o ano de 1917, data da composição deste hinário, o número de missionários suecos e missionárias suecas na capital paraense era bastante reduzido. Isael de Araújo afirma

¹²¹ VINGREN, 2000, p. 97.

¹²² ARAÚJO, 2007, p. 342.

que além de Vingren e Berg (1910), apenas Otto e Adina Nelson (1914), Samuel e Lina Nyström (1916) e Frida Strandberg (1917) já viviam no Brasil neste período.¹²³

Mesmo sem saber explicitamente dos/as responsáveis por sua elaboração e impressão e baseando-se apenas nestas poucas informações, é perfeitamente razoável que Araújo esteja pensando apenas em Vingren e Berg como responsáveis pela elaboração do proto-hinário, de outro modo, poderíamos até mesmo incluir como colaboradores/as os/as demais missionários/as, entretanto, é certo que o domínio do idioma seria um empecilho para que eles/elas ajudassem de alguma maneira. Nada mais do que isso pode ser deduzido dos trechos apresentados, além do mais, não sabemos até que ponto este hinário tem proximidades com outros documentos do mesmo gênero. Mas pelo que entendemos, este proto-hinário não chegou a ser uma publicação oficial da AD e tampouco sabemos dos hinos que formaram esta coleção.

É presumível que alguns hinos deste saltério tenham sido incluídos em outras coleções que, de uma forma ou de outra, tiveram algum tipo de envolvimento com a AD, ao que tudo indica, as quase duas centenas de canções deste proto-hinário anônimo devem ter sido extraídas de hinários mais populares da época, seja do SH ou até mesmo do CC, o que não exclui a possibilidade de conter nele canções inéditas. Apesar disso, não sabemos de qualquer relação entre o proto-hinário e o Cantor Pentecostal (CP) ou ainda com a própria HC, mesmo assim, isso pode ter ocorrido entre o derradeiro hinário anônimo e o CP que foi publicado quatro anos depois. Notável é a diferença da quantidade de hinos entre o anônimo e o CP, visto que, o primeiro possuía 197 hinos frente os 44 do CP e isso sem somarmos os 10 corinhos¹²⁴.

É a partir dessas descrições oficiais e históricas, mas também inconclusivas, que percebemos o complexo e prolongado processo de composição dos cancionários que objetivavam servir a Assembleia de Deus em suas particularidades bíblico-doutrinárias, além de buscar oferecer uma hinologia representante para o crescente movimento pentecostal. Contudo, nos deparamos com uma quantidade insuficiente de informações sobre estes primeiros e mais antigos conjuntos de hinos assembleianos. Mas, é a partir destes relatos que notamos claramente a precoce ideia do preparo de um hinário institucional, mesmo que as informações até aqui citadas

¹²³ ARAÚJO, 2007, p. 472.

¹²⁴ ALMEIDA, 1982, p. 76; CONDE, 2008, p. 48.

sejam insuficientes e pouco nos informem acerca de maiores detalhes destes primeiros hinários e a sua utilização na AD e demais igrejas evangélicas brasileiras.

2.3.1.1 O Cantor Pentecostal: O primeiro hinário assembleiano?

Para início de conversa, como de antemão anunciamos, daremos preferência ao aparato histórico e institucional, oferecido pelos pioneiros e fundadores das AD's e pelos principais promotores da história oficial assembleiana. Logo, segundo as informações oferecidas pelo historiador e jornalista pentecostal Emílio Conde¹²⁵, o ano de 1921 foi marcado pelo surgimento de um primeiro livro de hinos intitulado de "Cantor Pentecostal" (CP), publicado um ano antes do lançamento da Harpa Cristã. Esta coletânea é considerada o primeiro hinário das AD's¹²⁶ e precursor de seu atual hinário oficial. Um pequeno saltério com poucas canções, sendo editado por Almeida Sobrinho¹²⁷, o mesmo editor do Voz da Verdade (VV)¹²⁸, jornal pentecostal que circulou em Belém em 1917¹²⁹. A seguir, apresentamos o relato descrito por Emílio Conde.

O ano de 1921 assinala, também, o aparecimento do primeiro livro de hinos cujo título era: "Cantor Pentecostal". O livrinho continha 44 hinos e 10 coros. Foi impresso na tipografia Guajarina, editado por Almeida Sobrinho e distribuído pela Assembléia de Deus, à Travessa 9 de Janeiro, 75.¹³⁰

Porém, diante do curto espaço de tempo em que serviu o canto congregacional assembleiano, quem sabe num período de um ano ou um pouco menos, é bastante

¹²⁵ Emílio Conde (1901-1971) Jornalista, escritor, historiador, compositor e músico. Foi diretor do Mensageiro da Paz, órgão oficial das Assembleias de Deus no Brasil, e comentarista da revista Lições Bíblicas da escola dominical, publicadas pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus CPAD. ARAUJO, 2007, p. 196.

¹²⁶ ARAÚJO, 2007, p. 154.

¹²⁷ José Manoel Cavalcante de Almeida Sobrinho (1875-?) Evangelista, pastor, editor, redator e compositor. ARAUJO, 2007, p. 817.

¹²⁸ Voz da Verdade, foi um noticiário que surgiu em novembro de 1917 em Belém do Pará, foi o primeiro jornal de cunho pentecostal que se tem notícia, todavia, não era órgão oficial das Assembleias de Deus, pois atendia também a três outras igrejas que eram pastoreadas por Almeida Sobrinho, o redator-responsável do jornal, tendo como auxiliar João Trigueiro. As igrejas pastoreadas por Sobrinho também estavam localizadas na cidade de Belém, e, da mesma forma, criam na doutrina pentecostal. Este jornal não conseguiu circular por muito tempo, apenas dois meses, pois, não era sustentado por nenhuma associação religiosa da época, portanto, dependia das contribuições voluntárias para o trabalho de impressão e distribuição gratuita. MENSAGEIRO DA PAZ, Rio de Janeiro, Ano 50, nº 1115, março de 1980. Ver imagem de capa do jornal Voz da Verdade nos anexos (Anexo 3).

¹²⁹ CONDE, 2008, p. 346, 347.

¹³⁰ CONDE, 2008, p. 44.

provável que este cancioneiro não tenha alcançado a abrangência e notoriedade que se esperava, talvez tenha circulado apenas na capital paraense, e, no máximo, em algumas cidades adjacentes, uma vez que, como afirma o próprio Emílio Conde, a responsabilidade quanto a distribuição do Cantor Pentecostal não teria ficado sob a tutela de seu editor, tampouco e especificamente sob a incumbência de outra pessoa em particular, mas ficou a cargo de uma congregação em Belém, o que torna bastante geral e imprecisa a responsabilidade de sua venda e/ou distribuição, o que de certa forma pode responder ao aparente insucesso de sua continuidade na Instituição.



Imagem 3: Foto da 2ª Edição do Cantor Pentecostal, publicado em 1921, seu editor-chefe foi o pastor Almeida Sobrinho.
Fonte: CEMP/CPAD

Mas, se ninguém foi citado/a como responsável por sua distribuição, quem seria o/a responsável nesta congregação? A quem se deveria procurar quando um/a interessado/a buscasse por algum exemplar? Quem levaria essa obra adiante? Emílio Conde não cita nenhuma outra pessoa além do nome de seu editor, nem mesmo o

pastor ou qualquer responsável pela congregação local¹³¹, colocando a distribuição dos exemplares deste hinário sob os cuidados da AD de Belém localizada na época no endereço supracitado¹³². Este pode ser um dos motivos da descontinuidade e desuso do CP entre os/as assembleianos/as de Belém, um hinário que tampouco chegou a alcançar abrangência nacional e por algum motivo, ainda desconhecido, foi rapidamente substituído pela atual Harpa Cristã lançada um ano após, em 1922.

Noutros escritos oficiais da Instituição não há quaisquer outras informações, além da citação em destaque, acerca desta primeira coletânea de hinos, muito menos maiores detalhes, explicações ou inferências, mesmo que em resumo. Dos atuais historiadores assembleianos citamos Isael de Araújo, mas este nada acrescenta, em sua maior obra de conteúdo historiográfico pentecostal¹³³, às declarações do também historiador Emílio Conde, e, praticamente, reproduz, palavra por palavra, a descrição escrita por seu antecessor. A repentina aparição e inesperada substituição desse “primeiro livro de hinos” pentecostal é um verdadeiro mistério, na verdade, é difícil afirmar se a Harpa Cristã foi, propositalmente, lançada para substituir oficialmente o Cantor Pentecostal. A julgar pela escassez de informações, apenas deduzimos.

O que mais sabemos acerca do CP é o conhecimento da publicação de uma segunda edição com base na imagem do frontispício¹³⁴ preservado por Conde, mas nada sabemos se passou por uma nova tiragem, nem se em algum momento de sua breve trajetória alcançou as graças do público pentecostal, tampouco sabemos se chegou a concorrer com a Harpa Cristã ou se de algum modo foi comercializado ou circulou paralelamente ao hinário oficial assembleiano. Aliás, seria a primeira edição

¹³¹ É provável que o pastor responsável pela congregação na época da publicação do Cantor Pentecostal fosse Samuel Nyström, pois até 1926 só havia uma congregação da Assembleia de Deus na cidade de Belém e apenas em 30 de outubro deste mesmo ano foi inaugurado o segundo templo na capital paraense. Nyström substituiu Gunnar Vingren neste período, tendo em vista que Vingren esteve em viagem com a família à Suécia para tratar de uma enfermidade, tendo partido do Brasil em 8 de maio de 1921 ficando na Suécia até 17 de agosto de 1922, passando pelos Estados Unidos onde ficou até 20 de janeiro de 1923. Não temos informações mais precisas quanto a data da aparição do Cantor Pentecostal, apenas o ano de sua publicação. Se seu lançamento ocorreu após o mês de maio, deve ter acontecido na gestão eclesial de Samuel Nyström. VINGREN, 2000, p. 122-127; CONDE, 2008, p. 54.

¹³² CONDE, 2008, p. 44.

¹³³ Entre todos os livros que enfatizam a história das Assembleias de Deus no Brasil escritos por Isael de Araújo, sua principal obra historiográfica é o Dicionário do Movimento Pentecostal publicado pela CPAD em 2007. Nele, o autor busca referenciar de forma exaustiva não apenas as Assembleias de Deus, mas o movimento pentecostal em si.

¹³⁴ Frontispício é uma imagem ilustrativa ou decorativa que, geralmente, aparece como folha de rosto, aparecendo logo depois da capa. Nesta folha consta várias informações como o nome do autor/editor, edição, ano e etc.

da Harpa Cristã, na verdade, a segunda edição atualizada do Cantor Pentecostal? Também não sabemos, é só mais uma nova dedução. Mas, pelo menos duas coisas podem ser ditas sobre este hinário, a saber, ou muitas coisas lhe foram omitidas ou nada de tão importante lhe aconteceu para ser considerado digno de ser noticiado.

Isso pode explicar a escassez de referências oferecidas por Conde que foi o primeiro historiador assembleiano a tocar nesse assunto ao revelar-nos o surgimento e a transitoriedade do Cantor Pentecostal, por isso suas informações são limitadas e emitidas sem muitas preocupações com o passado ou com o futuro da história assembleiana, uma vez que não haveria muita coisa relevante a adicionar sobre o que foi efêmero e que não acrescentou muita coisa a história pentecostal. Consideramos que este trecho pode ser encarado até mesmo como um apêndice, se extraído fosse, faria falta a história assembleiana? Deve ser este o motivo dos dados oferecidos pelo historiador serem demasiadamente abreviados, pois o autor dedica um curto e único parágrafo de cinco linhas para descrever e defender a existência deste cancionário.

Existe ainda um detalhe perceptível na breve citação na obra historiográfica escrita por Emílio Conde que até pode ser considerado como uma característica redacional do autor que parece mais preocupado em exibir uma descrição linear dos fatos narrados que esquece muitas vezes de conectá-los, esse, pelo menos, é um dos aspectos que identificamos na leitura da narrativa do historiador assembleiano. Em alguns momentos as descrições feitas acabam se assemelhando a uma colcha de retalhos, costuradas sim, porém desalinhadas com o todo, as vezes são várias as informações das quais o autor não soube lidar e que se tornaram histórias dentro de histórias, aliás, mesmo que buscasse ser progressivo num contexto linear, algumas vezes, antecipa histórias de outras épocas embaralhando o cerne histórico-narrativo.

Mas é o que faz também o próprio Gunnar Vingren em seu livro “Diário do pioneiro” ou melhor dizendo, é o que faz seu filho mais velho Ivar Vingren que toma os diários do pai e os publica como um livro de história que preconiza os primeiros passos do assembleianismo no Brasil. Quem sabe uma característica dos primeiros historiadores assembleianos, que demonstram pouca preocupação com os métodos e as técnicas da historiografia. Em suma, o que mais importa nesta breve descrição do Cantor Pentecostal é sua relevância na história da Assembleia de Deus, que, preferencialmente, escolhe algumas histórias, esquece propositalmente de outras e

encurta circunstancialmente as restantes, seja devido seu grau de importância ou simplesmente pela ausência de informações ou ainda pela falta de zelo por sua busca.

Entretanto, voltando ao que mais interessa, pretendemos destacar mais dois detalhes que não podemos deixar passar despercebidos e que estão presentes nesta citação, procuramos analisar cada um desses aspectos considerando o seu devido valor e relevância institucional. O primeiro detalhe e até certo ponto não muito relevante, se refere ao termo empregado para adjetivar este saltério que é chamado por Emílio Conde de “livrinho”. Provavelmente e muito naturalmente esse termo foi usado em referência ao seu tamanho, volume e quantidade de hinos e não a um sentimento de desprezo e repulsa, uma vez que continha poucas canções em seu repertório. Porém, só por esta citação não é possível chegar a conclusão se esta forma de o designar se tornou um termo genérico usado na época para referir-se ao CP.

Presumivelmente o termo “livrinho” pode ter sido usado, nesta passagem, apenas por Emílio Conde, como uma forma de se referir ao saltério, mas não significa que fosse um termo comum usado pelo público pentecostal para referi-lo na época de sua vigência. Confiamos que mesmo frente ao pouco tempo em que o “livrinho” circulou, ele foi chamado de Cantor Pentecostal, assim como a HC até hoje é chamada de Harpa Cristã. O segundo aspecto a se destacar, e o mais importante entre os dois, envolve o responsável pela edição deste hinário que segundo Conde e Araújo foi assinado pelo pastor Almeida Sobrinho, que, como destacamos anteriormente, também foi editor do Voz da Verdade, primeiro jornal pentecostal que circulou por apenas dois meses sem, no entanto, se tornar órgão oficial das AD's no Brasil¹³⁵.

Retomamos esta informação acerca do trabalho editorial de Sobrinho devido uma atitude de suspeita e desconfiança acerca da (in)compatibilidade e/ou vínculo deste saltério com as AD's, pois o caráter inoficial do Voz da Verdade para a AD é claramente informada tanto por Conde quanto reproduzida e confirmada por Araújo, como é possível observar a partir das seguintes citações. “Em 1919, Gunnar Vingren, Otto Nelson e outros, fundaram em Belém, Pará, o jornal Boa Semente, que passou a ser o órgão oficial da igreja, pois o Voz da Verdade que se publicou em 1917 deixou de existir, e não era órgão oficial da igreja”¹³⁶. E “Surgiu em novembro de 1917, em

¹³⁵ CONDE, 2008, p. 41; ARAÚJO, 2007, p. 907.

¹³⁶ CONDE, 2008, p. 346.

Belém do Pará, como o primeiro jornal pentecostal, sem ser, no entanto, órgão oficial das Assembléias de Deus, pois atendia também a três outras igrejas da cidade [...]"¹³⁷.

Não obstante, a informação quanto a oficialidade com a Assembleia de Deus não está tão clara quando se trata do Cantor Pentecostal, pois Emílio Conde nada afirma sobre a chancela denominacional do material que também teve Sobrinho como seu redator responsável. Emílio Conde apenas o chama de “primeiro livro de hinos” e não que fora o primeiro hinário da denominação, da mesma maneira, Conde noticia que este hinário foi “distribuído pela Assembleia de Deus”, mas só isso não é o suficiente para determinar o seu pertencimento institucional, visto que a história deste saltério, em muitos aspectos, é muito similar à do Voz da Verdade e pode até mesmo ter sua história confundida com a trajetória deste periódico, que como observamos na citação anterior, de igual modo foi considerado o primeiro do gênero pentecostal.

Neste sentido, assim como o Voz da Verdade não se tornou um periódico oficial para as AD's, pois de igual modo servia a outras congregações, ou seja, servia a outras igrejas pentecostais que não pertenciam a denominação, é possível que o Cantor Pentecostal também se prestasse a este mesmo objetivo. Araújo informa que estas “igrejas” das quais eram atendidas pelo Voz da Verdade eram pastoreadas por Almeida Sobrinho¹³⁸. Quem sabe, e, semelhantemente ao Voz da Verdade, o Cantor Pentecostal tenha sido criado para atender o público pentecostal como um todo e não apenas a AD. A notícia deste hinário como uma coleção de origem assembleiana foi apresentada pela primeira vez por Abraão de Almeida que além do acréscimo desta informação nada mais faz a não ser repetir a descrição elaborada por Emílio Conde.

Assim, o primeiro hinário das Assembléias [de Deus] foi lançado em 1921, com o nome “Cantor Pentecostal”. O pequeno livro continha 44 hinos e 10 corinhos. Foi impresso pela tipografia Guajarina e editado por Almeida Sobrinho. Foi distribuído pela Assembléia de Deus de Belém, PA, Travessa 9 de janeiro, 25¹³⁹.

Podemos perceber nesta citação extraída da obra organizada por Abraão de Almeida que o autor realiza uma releitura e interpretação do texto de Emílio Conde,

¹³⁷ ARAÚJO, 2007, p. 907.

¹³⁸ ARAÚJO, 2007, p. 907.

¹³⁹ ALMEIDA, 1982, p. 75, 76.

considerando que o Cantor Pentecostal foi “o primeiro hinário das Assembléias”. Araújo seguiu os mesmos passos de Almeida e da mesma forma considerou, anos mais tarde, a origem assembleiana do Cantor Pentecostal¹⁴⁰. Todavia, notamos que a história assembleiana recontada e adaptada por Almeida está carregada de um explícito ufanismo institucional, muito mais do que na história contada por Araújo que garante apenas a oficialidade do Cantor Pentecostal negando o caráter assembleiano do Voz da Verdade. É o que não faz Abraão de Almeida que, propositalmente, omite algumas informações para garantir a assembleianidade tanto do VV quanto do CP¹⁴¹.

Conquanto, daqui em diante, nos deparamos com duas opções, mas apenas uma decisão a tomar. Para prosseguir ou não nesta análise precisamos determinar em primeiro lugar, encerrar a discussão e pôr um ponto final neste debate e aceitar, de uma vez por todas que o Cantor Pentecostal foi o primeiro hinário oficialmente assembleiano ou do contrário e em segundo plano, iniciar uma discussão a começar de um novo ponto de partida. Isto é, podemos aceitar que o Cantor Pentecostal foi uma seleção de hinos cancelados pela Assembleia de Deus, ou, em contrapartida, propor que este hinário foi uma simples coletânea de hinos pentecostais de condição denominacional. A partir destes pressupostos e entre as duas opções apresentadas optamos por arriscar e dar preferência pela segunda opção em detrimento da primeira.

Mas, para prosseguirmos nesta opção faz-se necessário analisar outros trechos da obra de Conde que ajudarão a sustentar ainda mais a nossa perspectiva. Uma dessas passagens é aquela que dá sequência a citação até aqui mais discutida, nesta frase Emílio Conde revela o primeiro hinário utilizado pela AD e por outras denominações evangélicas da mesma época. Este trecho é utilizado pelo autor para explicar o que as Assembleias de Deus usavam para conduzir o seu canto congregacional até 1921, ano do “aparecimento” do Cantor Pentecostal, com isso, vejamos a citação a seguir: “Nos primeiros anos de atividade, as Assembléias de Deus usavam o livro comum das várias igrejas evangélicas, o Salmos e Hinos. Porém a vida, a atividade e a doutrina específicas exigiam o uso de hinologia pentecostal”¹⁴².

Este parágrafo sequencial dá a entender que o Salmos e Hinos fora utilizado pela Assembleia de Deus até quando foi possível, visto que era um hinário que atendia

¹⁴⁰ ARAÚJO, 2007, p. 154.

¹⁴¹ ALMEIDA, 1982, p. 67, 72, 75, 76.

¹⁴² CONDE, 2008, p. 48.

a sua demanda de canções para o canto comunitário, porém, não continha em seu repertório hinos que promovessem a doutrina pentecostal. Vale destacar que neste mesmo ano já haviam outras congregações das AD's em outras cidades do Pará, bem como em outros estados brasileiros¹⁴³, no entanto, estas não eram as únicas igrejas de orientação pentecostal da época, haja vista que o Voz da Verdade em 1917 também sustentava notícias de outras igrejas pentecostais¹⁴⁴. Com isso pretendemos sustentar a hipótese de que o Cantor Pentecostal, semelhantemente ao Salmos e Hinos, se tornou “o livro comum das várias igrejas *pentecostais*” de sua época.

Em outras palavras, assim como o Salmos e Hinos foi um hinário usado pela AD e por diversas outras denominações protestantes da época devido ao seu pioneirismo na hinologia evangélica brasileira, da mesma maneira o Cantor Pentecostal também passou a ser utilizado pela Assembleia de Deus e por outras denominações pentecostais por sua conveniente proximidade doutrinária ao passo que não podemos conferir as AD's qualquer outra relação com o Cantor Pentecostal a não ser o de usufruto das canções de seu hinário por sua identificação com a confissão de fé assembleiana. Por alguns anos, esta também foi a situação entre a AD e o SH, que se aproveitou das canções deste hinário sem qualquer relação de pertencimento ou colaboração com a denominação que idealizou e lançou o SH.

Se estivermos corretos quanto a interpretação da citação publicada por Emílio Conde, tendo em vista, que não há nela qualquer menção explícita da interferência e gênese assembleiana do Cantor Pentecostal, podemos então determinar que este cancionário, historicamente, não foi um saltério diretamente idealizado ou encomendado pela liderança assembleiana, mas foi um produto independente e

¹⁴³ Em 1912 Gunnar Vingren ordenou e enviou Isidoro Filho para pastorear uma igreja na cidade de Soure (PA). Em 1913 Gunnar Vingren ordenou e enviou Absalão Piano para pastorear uma igreja na cidade de Tajapurú (PA). Neste mesmo ano José Plácido da Costa é enviado como missionário para Portugal. Em 1914 Adriano Nobre é enviado para Uruburetama no Ceará para dar continuidade ao trabalho da Assembleia de Deus neste estado. Neste mesmo ano, Gunnar Vingren e Daniel Berg fundam uma congregação em Afuá, na Ilha de Marajó (PA). Em 1915 há notícias de que são fundadas diversas congregações da Assembleia de Deus em diversas cidades paraenses a partir da ação evangelística de Clímaco Bueno Aza. Em 1916 há notícias de congregações assembleianas nas cidades paraenses de São Luís, Capanema, Catipuru e Bragança. Neste mesmo ano contava-se pelo menos 15 congregações da Assembleia de Deus no Pará e em outros estados brasileiros. Em 1918 são fundadas congregações assembleianas nas cidades de Natal (RN) e Manaus (AM), além de uma congregação na Paraíba. Em 1920 diversas ilhas paraenses são evangelizadas por Samuel Nyström e pelo menos 14 novas congregações são abertas. Em 1921 diversas congregações são abertas e outras são consolidadas. ARAÚJO, 2007, p. 79-81; CONDE, 2008, p. 42-46; VINGREN, 2000, p. 52.

¹⁴⁴ CONDE, 2008, p. 42. Segundo Emílio Conde as três igrejas pentecostais servidas pelo jornal Voz da Verdade eram pastoreadas por Almeida Sobrinho.

produzido pelo seu editor responsável que tinha como propósito alcançar todo o público pentecostal possível, contudo, não podemos ser radicais ao ponto de descartar totalmente a sua influência indireta, e, principalmente, dogmática da denominação na idealização e produção deste cancionário, uma vez que as AD's nesta época era, indiscutivelmente, a maior denominação pentecostal brasileira.

Prova disso é que no próprio frontispício do Cantor Pentecostal temos uma informação interessante e que põe à prova a hipótese da oficialização e contribuição assembleiana na produção deste hinário. A frase preservada na capa do CP apresenta os seguintes dizeres escritos segundo a grafia da época “Nova collecção de canticos sacros dedicada ao uso de todos os que adoram a Deus em Espirito e em Verdade”¹⁴⁵. Essa informação é bastante abrangente e não menciona o Cantor Pentecostal como órgão oficial assembleiano ou tampouco revela o seu suposto pertencimento ou exclusivismo institucional, porém apenas informa que o Cantor Pentecostal ao ser criado pertencia e foi dedicado a “todos os que adoram a Deus”, isto significa, que todos/as os/as interessados/as poderiam usar essas canções indiscriminadamente.

Da mesma forma, ao analisarmos o Cantor Pentecostal e a Harpa Cristã juntos, colocando-os frente a frente podemos comparar o frontispício do Cantor Pentecostal com o da Harpa Cristã e então veremos uma evidência incontestável e que contribui, ainda mais, para o esclarecimento e conclusão deste argumento. Esta segunda prova está preservada na folha de rosto de um antigo exemplar da segunda edição da Harpa Cristã publicada no ano de 1923, ou seja, um ano após a sua primeira e oficial publicação. Além do mais, citamos o exemplar desta publicação por ser a mais antiga cópia impressa da Harpa Cristã que chegou ao nosso conhecimento, nesta capa observamos os seguintes dizeres, de acordo com a grafia da época “Para uzo das Assembléas de Deus no Brazil”¹⁴⁶, um exclusivismo claro e não encontrado no CP.

Indo mais além e nos ocupando com o fortalecimento desta evidência veremos só mais uma informação presente na contracapa de um outro e antigo exemplar da Harpa Cristã, contudo, só não mais antigo quanto ao exemplar anteriormente citado, pois é da quarta edição “corrigida e aumengtada” do ano de 1932, este hinário estampa em sua contracapa a seguinte informação “Harpa Christã das Assembléas

¹⁴⁵ HINÁRIO, **Cantor pentecostal**. 2º ed. Belem: Typ. Guajarina, 1921, p. 1.

¹⁴⁶ HINÁRIO. **Harpa Cristã**. 2 ed. Rio de Janeiro: Oficinas Irmãos Pongetti, 1923.

de Deus”¹⁴⁷, além desta, este mesmo hinário acrescenta só mais um dado que pode parecer apenas detalhe sem importância, mas é de grande relevância para nossa suposição, pois essa simples referência faz toda a diferença quando afirma “Direitos Reservados”. Não é preciso se esforçar muito para admitir que estas duas informações apenas reforçam a oficialidade da Harpa Cristã para as AD’s no Brasil.

Como acabamos de demonstrar, o toque da oficialidade assembleiana está presente em cada uma destas e outras edições antigas da Harpa Cristã, característica que pode ser comprovada pelo público pentecostal em geral, além do mais, esta informação é confirmada por todos os historiadores assembleianos que relataram em suas narrativas a chancela institucional na HC¹⁴⁸. Uma vez que esta característica é encontrada na Harpa Cristã, mas não está presente no Cantor Pentecostal abre-se margem para a dúvida e suspeição, o que nos leva a concluir que este hinário não foi produzido ou encomendado pela Instituição e por isso não pode ser considerado um hinário assembleiano. Mas foi um hinário independente preparado para uso geral nas denominações de cunho pentecostal, onde a maior delas era, sem dúvidas, as AD’s.

Existem ainda outras informações que nos ajudam a assimilar e absorver melhor nossas considerações contra a assembleianização do Cantor Pentecostal, lembrando, mais uma vez, que não temos nada contra ao hinário em si, e, tampouco, a presença e uso deste cancionário pelas pessoas assembleianas de sua época, no entanto, somos contrários ao seu forçoso processo de oficialização institucional sancionada pela própria AD. Asseguramos que as informações das quais pretendemos daqui a pouco apresentar estão baseadas nestes pressupostos. De antemão, compreendemos e reforçamos que este hinário, mesmo atuando por pouco tempo entre o público pentecostal, em certo sentido, foi mais útil para a Assembleia de Deus do que o SH, devido a identidade pentecostal do hinário e de suas canções.

Portanto, é na história de Almeida Sobrinho, preservada pela historiografia batista e assembleiana, que extraímos outra prova que põe dúvidas sobre o Cantor Pentecostal ter sido, genuinamente, encomendado e autenticado pelas Assembleias de Deus, para isso faz-se necessário apresentar alguns dados históricos dos quais, em resumo, pretendemos comentar. Estas informações revelam um pouco acerca da personalidade e inconstância de Almeida Sobrinho, memórias que foram reunidas por

¹⁴⁷ HINÁRIO. **Harpa Cristã**. 4 ed. Rio de Janeiro, 1932.

¹⁴⁸ ALMEIDA, 1982; ARAÚJO, 2007; CONDE, 2008 e etc.

Isael de Araújo, onde o autor revela suas vicissitudes e suas idas e vindas nalgumas denominações em que Sobrinho circulou. Nessas andanças é observável sua fluidez em várias congregações batistas e na própria AD, além da fundação de algumas igrejas pentecostais em Belém e que foram por ele noticiadas no periódico VV.

Araújo conta que Almeida Sobrinho, batista pernambucano, estudou na Escola Teológica Zacarias Taylor, na Bahia e em 1898 aos 23 anos partiu para Manaus, ainda inexperiente no ministério pastoral, a fim de iniciar um programa de evangelização a convite de um seringalista metodista, mesmo sem vínculo com aquela denominação. Em Manaus recebeu o convite do missionário Eurico Nelson¹⁴⁹ para pastorear a recém fundada Primeira Igreja Batista de Belém, assumindo o pastorado em 1º de agosto de 1898, mas não ficou por muito tempo, apenas 18 meses, as razões da sua saída são conhecidas, mas também imprecisas. Tudo indica que foi o seu posicionamento doutrinário acerca do Espírito Santo que culminou com seu afastamento, contudo, estas convicções não possuíam qualquer semelhança com a doutrina pentecostal¹⁵⁰.

Esta sua primeira saída da Igreja Batista o motivou a organizar a Igreja Cristã Evangélica na cidade de Belém, congregação fundada com mais 16 crentes da igreja batista que pastoreava. Aos fins de 1905 deixou o pastorado da igreja que fundara, igreja que foi posteriormente extinta em 1929, e pediu reconciliação na Igreja Batista de Belém, pois havia sido excluído em 1900. Foi recebido com sua esposa em fevereiro de 1906, mas pouco tempo depois, em março do mesmo ano, ambos pediram cartas de mudança para a Igreja Batista em Santarém onde serviu como pastor, mudando-se posteriormente para Manaus. Após pastorear a Primeira Igreja Batista em Manaus partiu rumo a Belém para retomar o pastorado na mesma igreja que havia sido afastado, isso em 1908, chegando ali no dia 1º de julho deste ano¹⁵¹.

Em 1910 abandonou o pastorado da igreja em Belém ao aceitar o convite para pastorear a Primeira Igreja Batista na Bahia, contudo, voltou a Belém em 1916 se desvinculando novamente dos batistas e dessa vez se filiando a Assembleia de Deus. Como evangelista pela AD de Belém, fundou algumas igrejas no interior do Estado. Chegou a enfrentar alguns problemas se desentendendo com uns e sendo perseguido

¹⁴⁹ Erik Alfred Nelson (1862-1939). Pastor e colportor batista que no Brasil ficou conhecido como Eurico Nelson, missionário na Amazônia brasileira e fundador de igrejas batistas no Brasil. RIBEIRO, Ezilne Nogueira. **Eurico Alfredo Nelson (1862-1939) e a inserção dos batistas em Belém do Pará.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) Universidade Metodista de São Paulo, 2011, p. 12.

¹⁵⁰ ARAÚJO, 2007, p. 817, 818

¹⁵¹ ARAÚJO, 2007, p. 819.

por outros. Pelo que parece permaneceu vinculado a Assembleia de Deus entre os anos de 1916 até 1924, sendo desconhecidas referências a seu respeito após essa data. Sobrinho, afirma Araújo, foi bastante conhecido por sua inconstância e instabilidade, seu pedido de retorno aos batistas foi rejeitado em várias ocasiões e sua vida foi manchada, não moralmente, mas ministerialmente por suas indecisões¹⁵².

Diante do histórico de instabilidade de Almeida Sobrinho descrito com detalhes por Isael de Araújo e somado as informações oferecidas por Emílio Conde fica difícil determinar qual a congregação pentecostal que este pertencia no ano da primeira edição do jornal Voz da Verdade, e, semelhantemente, torna-se penoso tentar afirmar a denominação no qual estava filiado no ano da publicação do Cantor Pentecostal. Pois, enquanto Isael de Araújo declara que Almeida Sobrinho manteve vínculos com a Assembleia de Deus entre os anos de 1916 e 1924, Conde chegou a afirmar que no ano de 1917 Almeida Sobrinho pastoreava três igrejas, inegavelmente pentecostais, e que criam nas mesmas verdades que as Assembleias de Deus sustentavam, a saber, a doutrina do Espírito Santo. À vista destas coisas, vejamos a citação a seguir:

Pelo que [...] se pode ler, verifica-se quão Pentecostal era o jornal 'Voz da Verdade', que servia à Assembléia de Deus e a três igrejas da cidade, cujo o pastor era Almeida Sobrinho, e que criam nas mesmas verdades da doutrina do Espírito Santo¹⁵³.

Fica evidente que as verdades compartilhadas entre estas denominações eram as mesmas, certamente o batismo no Espírito Santo e a sua maior evidência, o falar em outras línguas, e mais evidente ainda é saber que as congregações citadas por Conde eram distintas e não faziam parte do contexto assembleiano. Outro detalhe a se desvendar é a cidade na qual a Assembleia de Deus e as outras “três igrejas” estavam alocadas, contudo, esta tarefa é mais fácil de se descobrir, visto que, Conde está se referindo a capital paraense, ou seja, a cidade de Belém, e, na época só havia uma congregação da Assembleia de Deus na cidade, isto quer dizer que as outras três congregações pastoreadas por Sobrinho não pertenciam a denominação, pois a segunda congregação assembleiana nesta cidade foi inaugurada apenas em 1926¹⁵⁴.

¹⁵² ARAÚJO, 2007, p. 817-819.

¹⁵³ CONDE, 2008, p. 42.

¹⁵⁴ CONDE, 2008, p. 54.

Neste caso fica a dúvida. Que igrejas eram essas se não eram das AD's? Como Sobrinho poderia estar vinculado a AD e ao mesmo tempo pastorear igrejas de outra denominação? Isso não é tarefa fácil, pois conturbado é o processo de idas e vindas de Almeida Sobrinho que passou por diversas congregações batistas e ainda esteve no mínimo por oito anos entre os pentecostais, complicado também é o testemunho histórico editado por Araújo que não combina seu relato com as afirmações deixadas por Emílio Conde. Uma vez que é possível afirmar a orientação pentecostal das congregações lideradas por Almeida Sobrinho e ao mesmo tempo garantir que não eram assembleianas, pois, não seria possível, na época, Sobrinho ser autorizado como evangelista pelas AD's¹⁵⁵ e ao mesmo tempo ser pastor em outra denominação.

Seguindo este percurso iremos nos deparar com um dilema, e, neste sentido encontraremos mais dúvidas do que respostas. Mas pelo menos de uma coisa temos absoluta certeza, que essas “três igrejas da cidade” não eram assembleianas, só não temos como saber a que denominação estas congregações pertenciam, o que mais sabemos sobre elas é uma característica em comum, a sua pentecostalidade. Contudo, seriam estas congregações vinculadas a Igreja Cristã Evangélica? Também é difícil saber, o registro preservado por Araújo aponta apenas o seu desligamento desta denominação que ocorreu em 1905, além disso nada mais é registrado, mas é possível que sim, que estas congregações pudessem ter vínculos com a que Sobrinho fundou, pois foram fundadas em Belém, sendo extintas apenas no início de 1929.

Portanto, o que pretendemos é mostrar as falhas na reconstituição histórica da atuação pastoral e editorial de Sobrinho para com isso pôr à prova a identidade assembleiana do Cantor Pentecostal, pois as fontes oficiais assembleianas se confundem ao afirmar uma dupla atuação denominacional de Almeida Sobrinho, ora como evangelista das AD's atuando no interior do Estado do Pará, na Estrada de Ferro de Bragança e ora como pastor de três congregações pentecostais “anônimas” na capital paraense, lembrando que tanto uma quanto a outra atuação se deram, concomitantemente, no ano de 1917. Além destes, outras problemáticas envolveram a trajetória de Sobrinho, um detalhe inusitado e registrado em sua história e que está relacionada a um pequeno título encontrado no periódico fundado por este editor.

¹⁵⁵ ARAÚJO, 2007, p. 818.

Neste primeiro jornal de cunho pentecostal encontramos uma designação incomum e não utilizada nos círculos assembleianos¹⁵⁶, o título de Rev. (Reverendo) sendo empregado por Sobrinho e atribuído a si mesmo. Este detalhe fora brevemente apresentado por Gedeon de Alencar que apenas levanta um questionamento acerca da não aceitação desse título entre a liderança sueca assembleiana, além de inserir uma breve nota de rodapé acerca de Sobrinho ser, na época, o único “*reverendo*” assembleiano que a AD já conheceu¹⁵⁷. Diante dessas informações é perfeitamente plausível que em 1921, ano do lançamento do Cantor Pentecostal, a mesma confusão no tocante as informações sobre a filiação eclesiástica de Sobrinho possam ter se repetido, uma vez que se torna muito difícil discutir e comentar todas estas questões.

Os registros da historiografia assembleiana marcam a presença e atuação de Sobrinho entre a segunda metade da década de 1910 até a primeira metade da década de 1920, outra anotação importante acerca de Sobrinho entre os pentecostais é a menção de seu nome entre os que participaram da primeira classe da Escola Bíblica que ocorreu na AD em Belém entre 4 de março e 4 de abril de 1922. Mas também está registrado que antes deste encontro, em 1920, Sobrinho já havia solicitado seu retorno a congregação Batista em Belém, mas infelizmente não obteve boa resposta. Além do mais, Isael Araújo preserva uma fala de João Trigueiro acerca de seu comportamento ao afirmar que “ninguém sabia o que Almeida Sobrinho queria, porque ora ele estava decidido a uma coisa e de repente mudava para outra”¹⁵⁸.

Entretanto, é possível que se faça oposição aos nossos argumentos, considerando o valor desta notícia para a história assembleiana. Pois, por outro lado, pode parecer dispensável e desnecessário noticiar o surgimento de um hinário em uma obra que se conta a história da Assembleia de Deus e ainda exigir que o historiador anunciasse explicitamente que o hinário noticiado se refere a uma obra oficialmente assembleiana. Da mesma maneira, pode parecer óbvio demais divulgar o aparecimento de um hinário numa obra sancionada pela Assembleia de Deus sem que se percebesse, mesmo que implicitamente, o selo institucional neste documento.

¹⁵⁶ Por círculos assembleianos designamos tanto as diversas congregações das Assembleias de Deus no Brasil quanto os inúmeros ministérios que surgiram oriundas da Assembleia de Deus ou foram influenciadas por ela.

¹⁵⁷ ALENCAR, 2010, p. 77.

¹⁵⁸ ARAÚJO, 2007, p. 818, 819.

Quem sabe, estas alternativas ou outras semelhantes tenham sido suficientes para validar a institucionalização assembleiana do Cantor Pentecostal para Israel de Araújo.

Vale ressaltar novamente que não temos a pretensão de desvalorizar o Cantor Pentecostal, bem como negar o seu pioneirismo no cenário pentecostal brasileiro. Na verdade, nosso objetivo é apenas levantar a hipótese da não institucionalização deste cancionário por considerá-lo uma coletânea denominacional de hinos pentecostais, ou seja, um hinário sem qualquer vínculo institucional, todavia ratificamos o seu significado na história assembleiana, assim como o Salmos e Hinos, mesmo não sendo um hinário pentecostal também contribuiu para a condução do canto congregacional assembleiano quando solicitado. Portanto, o Cantor Pentecostal possui seu devido valor e merece seu espaço além de ter sua história discriminada na galeria dos hinários que serviram a Igreja Evangélica Assembleia de Deus brasileira.

Seja como for, a narrativa oferecida por Conde faz todo o sentido considerando as informações que o autor pretendia comunicar, pois tinha apenas a intenção de apresentar uma descrição completa dos diversos fatos históricos, sem se ocupar em questioná-los, fatos que ocorreram na AD desde a sua fundação até a década de 1960, ano da publicação de sua obra historiográfica. Na citação destacada que envolve fatos do ano de 1921, pretendia apenas dar ciência sobre a substituição do hinário anteriormente utilizado pela AD, o congregacional *Salmos e Hinos*, e que daquele ano em diante passaria a utilizar outra coletânea recém-publicada intitulada de *Cantor Pentecostal*, a escolha deste saltério é informada logo após, a sua hinologia pentecostal, contudo, nada é informado acerca do CP como órgão oficial da Igreja.

Neste sentido, diversas são as provas contra a assembleianização deste hinário, pois o próprio Emílio Conde silencia quanto a esse tema e até mesmo os pioneiros tampouco tocam no assunto. Diante disso, só podemos concluir que as novas obras historiográficas que surgiram se ocuparam em reler, reescrever, atualizar, e adaptar as antigas narrativas além de dar continuidade aos conteúdos ainda não contemplados. Como afirmamos de antemão a descrição do Cantor Pentecostal como um órgão oficialmente assembleiano foi apresentado, a princípio, por Israel de Araújo, no livro intitulado *Dicionário do Movimento Pentecostal*, onde menciona mais de uma vez a sua oficialidade, primeiro quando descreve uma sequência de fatos relacionados a denominação e na outra quando descreve o verbete sobre o 'Cantor Pentecostal'.

Ao descrever a cronologia histórica das Assembleias de Deus, Isael de Araújo insere várias informações que ocorreram na história da denominação, partindo do ano de 1879, ano do nascimento do missionário e pioneiro Gunnar Vingren até o ano de 2007, ano do lançamento de sua obra. Ao que se referir, especificamente, ao ano de 1921, além de outros relatos, num desses Araújo faz a seguinte descrição acerca do Cantor Pentecostal: “Lançado o *Cantor Pentecostal*, primeiro hinário oficial das Assembléias de Deus, com 44 hinos e 10 corinhos”¹⁵⁹. Por se tratar de um dicionário, a obra de Isael de Araújo é constituída de inúmeros verbetes, entre eles está a do Cantor Pentecostal, onde encontramos a seguinte descrição: “Considerado o primeiro hinário das Assembléias de Deus, lançado em 1921, com 44 hinos e 10 corinhos”¹⁶⁰.

Percebemos que existe uma certa incongruência ao compararmos as duas citações. Quem já teve o contato com a leitura de alguns dos vários verbetes inter-relacionados deste dicionário vai perceber que o autor repete, quase que minunciosamente, as informações de um verbeito em outro. No primeiro relato Araújo é bastante enfático ao afirmar que o Cantor Pentecostal é o “primeiro hinário oficial das Assembleias de Deus”, já na segunda descrição, Araújo muda o tom quando diz que o hinário é “considerado o primeiro hinário das Assembleias de Deus”. Neste segundo relato o termo “oficial” é ignorado e ocultado das características do hinário. Consideramos aqui um certo deslize do autor, pois é neste verbeito que se deveria conter a descrição mais fiel possível do CP e que precisaria carregar esta informação.

Após analisarmos todas essas evidências chegamos à conclusão que o *Cantor Pentecostal* não chegou a ser um instrumento oficial da Assembleia de Deus, talvez nem mesmo chegou a ser exclusivamente assembleiano, tampouco sabemos se Almeida Sobrinho ainda era assembleiano em 1921, ano em que o hinário foi editado. O que sabemos é que após a sua publicação acabou por atender a demanda litúrgica da AD por um breve período, mesmo que alguns de seus historiadores oficiais tenham “forçado” a sua oficialização. Na verdade, se o CP fosse um hinário autenticamente assembleiano, como se supõe, porque não investiram em sua continuidade? E ainda, se o *Cantor Pentecostal* fosse, de fato, o primeiro hinário autenticado pela AD o que teria motivado a própria Assembleia de Deus a substituir seu recém hinário por outro?

¹⁵⁹ ARAÚJO, 2007, p. 81.

¹⁶⁰ ARAÚJO, 2007, p. 154.

Na verdade, o *Cantor Pentecostal* foi apenas mais um hinário que teve seu lugar na Assembleia de Deus até quando lhe foi permitido, assim como ocorreu com o *Salmos e Hinos* e os outros hinários que antecederam a Harpa Cristã. Certo é que o *Cantor Pentecostal* foi o último hinário usado pelos/as assembleianos/as antes do surgimento e oficialização da HC, após à publicação do hinário oficial assembleiano temos unicamente o Psaltério Pentecostal, mas esse é um assunto que trataremos mais adiante. Assim, ao olharmos para a história da Assembleia de Deus conseguimos vislumbrar todos os hinários que passaram a circular internamente pela instituição e podemos perceber que antes da HC nenhum deles chegou a ser conhecido por algum nome, por isso consideramos que a Harpa Cristã foi o primeiro hinário assembleiano.

Pelo que entendemos, a breve passagem do CP como um hinário interdenominacional tem uma ligação direta com a personalidade do seu editor, sua “incontinuidade” é apenas um reflexo da inconstância e instabilidade de Sobrinho, suas idas e vindas como pastor pentecostal e batista, além da curta passagem de outros empreendimentos de sua responsabilidade, como o jornal Voz da Verdade e as três congregações que foram atribuídas apenas confirmam isso. É importante dizer que toda a história assembleiana é narrada, muitas vezes, sem qualquer inclinação para uma autocrítica ou reflexão, tendo em vista, que é uma história contada a partir de sua sobrenaturalidade, por isso, a intenção de Araújo e de outros historiadores como Almeida e Joanyr Oliveira nada mais é senão uma reprodução dessa história.

2.3.2 Hinário posterior: O Psaltério Pentecostal, uma dissidência carioca?¹⁶¹

Além dos cancioneiros que até o momento apresentamos e que até certo ponto chegaram a ser manipulados pela liderança e/ou pela membresia assembleiana, mais um relevante e controvertido hinário marcou a história da hinologia pentecostal

¹⁶¹ ALENCAR, 2010, p. 78. Gedeon de Alencar usa essa expressão para fazer um destaque, que desenvolve em apenas três parágrafos, mas que aponta para o jornal *Som Alegre*, periódico assembleiano que circulou no Rio de Janeiro, na época capital federal, entre 1929 e 1930. Este jornal saiu de circulação dando lugar ao Mensageiro da Paz. Pelo que parece a proposta de Alencar nesta pergunta retórica era mostrar o quanto à publicação deste novo periódico teria uma conotação político-religiosa, em outras palavras, a disputa de poder entre as lideranças assembleianas no Brasil. Nesta pesquisa faremos uso desta expressão para se referir a uma “*outra dissidência carioca*”, o hinário *Psaltério Pentecostal*, que no início da década de 1930 também circulou no Rio de Janeiro com a suposta tentativa de suprir as carências de cancioneiros assembleianos na região sudeste do Brasil, mas que na verdade, buscava evitar ao máximo o contato com a liderança assembleiana em Belém.

brasileira, uma vez que também chegou a circular entre os/as assembleianos/as, especificamente do sudeste do país, todavia com uma indelével diferença, este cancionero, diferente dos anteriores, não surgiu antes da publicação da Harpa Cristã, mas depois, sendo preparado nove anos após a oficialização da HC, teoricamente motivada pelo crescimento do assembleianismo nesta região do país e com o provável objetivo de atender a demanda da escassez da Harpa Cristã no sudeste brasileiro, um hinário que chegou a ser utilizado na AD concomitantemente ao uso da Harpa Cristã.

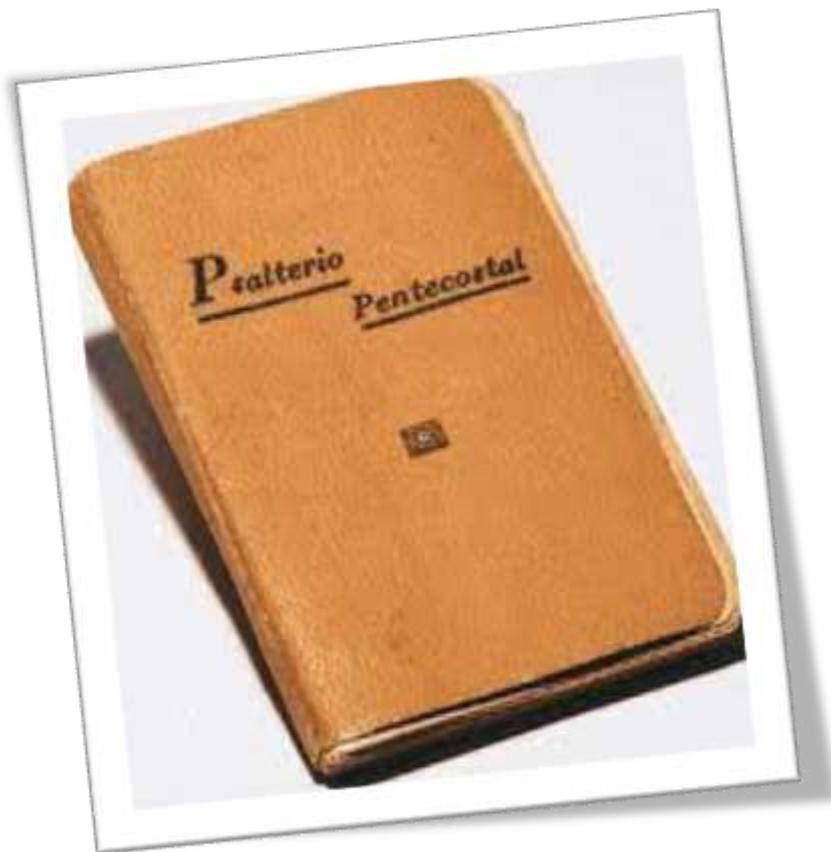


Imagem 4: Edição do Saltério Pentecostal, publicado em 1931, seu editor-chefe foi o pastor Gunnar Vingren
Fonte: CEMP/CPAD

Estamos nos referindo a coletânea de hinos publicada sob o título de “Psaltério Pentecostal”¹⁶². Este cancionero, diferentemente da Harpa Cristã e de todos os hinários que o antecederam, foi o único editado sob a responsabilidade direta de Gunnar Vingren, que não é citado como colaborador em nenhum outro cancionero

¹⁶² *Psaltério Pentecostal* grafia utilizada na época de sua primeira publicação em 1931, mas daqui em diante optaremos pelo uso da grafia atual, Saltério Pentecostal ou de sua devida abreviação (SP).

assembleiano¹⁶³. Este hinário foi lançado em junho de 1931¹⁶⁴, exatamente sete anos após a chegada do missionário e sua família ao Rio de Janeiro em junho de 1924 para fundar e pastorear a Assembleia de Deus em São Cristóvão¹⁶⁵. Entretanto, nos faltam informações mais precisas que possam nos fazer compreender com maior clareza as iniciativas e necessidades da publicação deste hinário pela AD do Rio de Janeiro, tendo em vista que a HC já circulava a nove anos como hinário oficial da AD brasileira.

Perante essas informações surgem algumas dúvidas. Porque após à publicação da HC, Vingren organiza um hinário “concorrente” para ser usado, especificamente, na AD do Rio de Janeiro? Seria possível admitir que a oficialização da HC ainda não havia sido concretizada pela Instituição ou no mínimo aceita pelo seu fundador? O lançamento do Saltério Pentecostal (SP) teria sido uma resposta à liderança de seu conterrâneo, o também missionário sueco Samuel Nyström? Não se constitui tarefa fácil responder a todos esses questionamentos satisfatoriamente, tendo em vista a escassez de informações acerca deste hinário, o que é bastante costumeiro quando se trata da preservação da história no ambiente assembleiano. Aliás, as poucas referências que dispomos ainda são conflitantes como demonstraremos mais adiante.

Ainda por cima, tudo o que conseguimos extrair no que diz respeito ao Saltério Pentecostal são apenas algumas inferências que são fornecidas por apenas dois historiadores oficiais da denominação, estas informações ainda acabam se conflitando ao serem colocadas uma frente a outra, o que torna ainda mais indefinida as questões quanto a sua atuação e abrangência no assembleianismo do sudeste do país. Entre os historiadores oficiais que se ocuparam em compor um enredo completo da Assembleia de Deus no Brasil, somente Emílio Conde e Isael de Araújo apresentaram, brevemente, alguns detalhes acerca deste cancionário, outros como Abraão de Almeida não chegaram nem perto de abordar o assunto ou talvez nem pretendiam, pois omitem totalmente, e, quem sabe, propositalmente a existência deste saltério.

De fato, Abraão de Almeida em sua obra historiográfica intitulada “História das Assembléias de Deus no Brasil” publicada em 1982, comenta abreviadamente e em

¹⁶³ É necessário explicar que, ao comentarmos acerca da colaboração de Vingren, estamos nos referindo ao ato de participar diretamente no tocante a edição, publicação e lançamento destas obras. Levando em consideração que nenhum outro hinário teve o acompanhamento e supervisão direta de nenhum dos pioneiros fundadores, além do hinário Saltério Pentecostal. A única colaboração evidente de Gunnar Vingren em todos os outros hinários institucionais são suas traduções

¹⁶⁴ ARAÚJO, 2007, p. 758.

¹⁶⁵ VINGREN, 2009, p. 81.

um pouco mais de uma página a trajetória da hinologia assembleiana, desde os seus primórdios até o início da década de 1980. Entre todos os hinários que foram utilizados pela liderança assembleiana, Almeida cita apenas alguns, ignorando outros, estes hinários são: o Salmos e Hinos, que é citado como o primeiro hinário a ser utilizado pela Assembleia de Deus em seus primeiros anos de atividade, também menciona o Cantor Pentecostal e o cita como o primeiro hinário assembleiano e por último, a Harpa Cristã que passou a ser o seu hinário oficial¹⁶⁶, mas nenhuma menção é feita ao Saltério Pentecostal que teve sua trajetória esquecida e/ou ignorada nesta obra.

O que veremos a seguir são duas citações extraídas de obras distintas, nelas veremos algumas informações com sutis diferenças, a primeira citação foi preservada por Emílio Conde em seu livro “História das Assembléias de Deus no Brasil” publicada em 1960, este livro foi a primeira obra historiográfica assembleiana oficialmente elaborada em comemoração ao primeiro cinquentenário da denominação, a outra, escrita por Isael de Araújo, não é bem uma obra historiográfica e sim lexicográfica, publicada em 2007 sob o título “Dicionário do Movimento Pentecostal”, este dicionário apresenta em um de seus inúmeros verbetes algumas declarações e interpretações acerca deste hinário¹⁶⁷. Contudo, estas obras deixam a desejar quando o quesito é informação, pois apresentam poucas referências sobre o SP como veremos a seguir.

No programa de literatura da igreja do Rio de Janeiro constava também a publicação de um hinário organizado nesses dias de intensas atividades, mas que somente foi publicado no ano de 1931. Esse hinário chamava-se “Saltério Pentecostal” e continha 220 hinos e 6 coros¹⁶⁸.

Além de Emílio Conde, Isael Araújo informa:

Lançado em junho de 1931, no Rio de Janeiro, pelo missionário Gunnar Vingren, sob o título *Psaltério Pentecostal*. O motivo seria suprir a falta de Harpas Cristãs que vinham sendo impressas desde 1922. O *Saltério* tinha 221 hinos extraídos de hinários diversos, brasileiros e estrangeiros, e.g., *Harpa Cristã*, *Hinos de Glória*, *Segertoner* e *Lovsangstoner (sueco)* e *Songs*

¹⁶⁶ ALMEIDA, 1982, p. 75, 76.

¹⁶⁷ Gedeon Alencar considera que o “Dicionário do Movimento Pentecostal” precisam ser interpretados dentro do padrão oficial assembleiano, pois são uma grande declaração do mito fundante da Assembleia de Deus no Brasil. ALENCAR, 2013, p. 32.

¹⁶⁸ CONDE, 2008, p. 232, 233.

of Victory (EUA). Foi impresso na Gráfica Fernandes & Rohe, Rua da Misericórdia 38¹⁶⁹.

Ao analisarmos, paralelamente, as duas citações anteriores veremos uma notável omissão do uso, mas não do conhecimento, da Harpa Cristã no sudeste brasileiro para esta ausência proposital existe uma razoável explicação, e cada um dos historiadores tenta esclarecer à sua maneira. Entendemos que o Saltério Pentecostal não foi elaborado sem motivos, mas foi produzido com base nas necessidades da AD no Rio de Janeiro, apesar disso os objetivos da publicação deste cancionário, em certo sentido, são conflitantes segundo o parecer de cada um dos dois autores, por este ângulo é impossível negar que o “hinário carioca” surgira em decorrência de algumas necessidades, mas quais seriam essas demandas? Seria realmente uma forma de (im)pressionar a liderança assembleiana no Norte do país?

Assim, percebemos que as duas citações apresentam opiniões divergentes, até porque encontramos nelas não apenas informação, mas igualmente interpretação, em razão disso, nosso propósito ao apresentá-las é analisar as características de cada referência em particular, mesmo entendendo que a segunda citação é, hipoteticamente, uma releitura da primeira, pois seu autor buscou, à sua maneira, preencher as lacunas deixadas pela única menção explícita, até a década de 1960, ao Saltério Pentecostal em uma obra originalmente assembleiana. Apesar das discrepâncias as duas citações convergem em pelo menos um assunto, o sentimento de apreço e estima denominacional que impediu os seus autores de apresentarem os problemas institucionais que culminaram com a publicação do Saltério Pentecostal.

Uma situação análoga a esta e bastante inusitada havia ocorrido durante este mesmo período entre os dois periódicos assembleianos, pelo que se pode perceber havia um intenso e inegável conflito, uma disputa de poder entre as lideranças de Belém e do Rio de Janeiro durante a década de 1930, rivalidades que foram marcadas e representadas pela divisão e divergência em suas principais literaturas¹⁷⁰. Não é à toa que a independência e continuidade desses periódicos foi comprometida quando se optou pelo Mensageiro da Paz em detrimento dos jornais Boa Semente que representava a ala da liderança do Norte do Brasil liderada pelo Missionário sueco

¹⁶⁹ ARAÚJO, 2007, p. 758.

¹⁷⁰ FAJARDO, 2017, p. 178.

Samuel Nyström e o Som Alegre, jornal que representava a liderança no sudeste do país que na época estava sob a liderança do missionário e pioneiro Gunnar Vingren¹⁷¹.

Com isso, vemos que a circulação paralela destes dois hinários, a Harpa Cristã no Norte e o Saltério Pentecostal no Sudeste, também possuía o mesmo significado. No entanto, o Saltério Pentecostal não teve a mesma sorte que a Harpa Cristã e chegou ao seu fim, seu esquecimento se deu logo após a ida de Vingren à Suécia em 1932 e sua morte prematura um ano depois em 1933 aos 53 anos. Quem assume o seu lugar como pastor na igreja no Rio de Janeiro é Samuel Nyström, daí em diante não foram mais feitas referências ao Saltério Pentecostal. É provável que maiores informações acerca deste cancionário tenham sido, deliberadamente, omitidas e negligenciadas para evitar o conhecimento do dissabor entre as duas principais lideranças assembleianas da época, mas este é um assunto para futuras pesquisas.

Por enquanto, resta-nos concentrar nestas citações e tecer alguns comentários com base na observação destas duas referências para entendermos as reais situações que conduziram a composição do hinário que, por algum tempo, rivalizou com a Harpa Cristã no cenário nacional. A primeira citação que fora elaborada por Conde se destaca por ser a mais antiga e ao mesmo tempo a mais breve e carente em informações, por esta começaremos. Por ser bastante concisa esta citação, por si só, não é suficiente para dela extrair em detalhes os pretextos que culminaram com o lançamento do SP, nesta citação Conde apenas comenta que o Saltério foi elaborado durante alguns “dias de intensas atividades”. Para tanto, faz-se necessário entender o cenário destes dias no contexto de outras informações fornecidas por Emílio Conde.

Reconhecendo o valor da literatura na evangelização, e entendendo que o pouco que existia não atendia às necessidades, e nem sempre era recebida em tempo oportuno, o pastor Vingren e seus auxiliares no Rio de Janeiro resolveram fundar um jornal de caráter evangélico e noticioso. Era uma tarefa difícil, trabalhosa e dispendiosa, é certo, mas se Deus ordenava que se fizesse, devia ser feito¹⁷².

É no contexto desta citação e em comparação e consonância com outras referências desta obra que se torna possível explicar o abandono do uso do Boa

¹⁷¹ CONDE, 2008, p. 232.

¹⁷² CONDE, 2008, p. 231.

Semente e da Harpa Cristã pela AD do Rio e a sua opção pelo lançamento destas duas novas literaturas, o Som Alegre e o Saltério Pentecostal. Aliás, mesmo que esta última citação faça referência direta apenas ao jornal o Som Alegre, implicitamente, ela aponta para as duas literaturas, pois o próprio Emílio Conde descreve o Saltério Pentecostal como um hinário que também fazia parte do “programa de literatura da igreja do Rio de Janeiro”. Com isso, podemos afirmar que, assim como no caso do Boa Semente, a publicação do Saltério estava relacionada a carente quantidade de Harpas Cristãs aliada a demora na chegada dos pedidos feitos por São Cristóvão.

Ou seja, podemos supor que, de acordo com Emílio Conde as razões que motivaram o surgimento do Saltério foram, sem sombra de dúvidas, os mesmos que encorajaram Vingren e seus auxiliares a fundarem o “noticioso evangélico”. Neste sentido, é razoável admitir que durante este período a escassez e demora quanto a chegada destes pedidos fosse uma realidade natural em um país de dimensões continentais e com as dificuldades de transporte e locomoção que caracterizava o Brasil da década de 1930, todavia, surgem alguns questionamentos. Porque Gunnar Vingren preferiu publicar um novo hinário ao invés de aguardar pela chegada das Harpas encomendadas? Seria realmente mais proveitoso e menos trabalhoso e dispendioso produzir e publicar uma nova coletânea de hinos do que encomendá-las?

Bem, em nossa hipótese consideramos que estes intentos estão vinculados a três aspectos fundamentais. Em primeiro lugar a urgência quanto ao uso destes materiais que objetivavam a evangelização da então capital brasileira. Se Emílio Conde dá a entender que assim como os exemplares do Boa Semente eram escassos no sudeste do país e/ou tardavam a chegar nesta região, deduzir que o mesmo acontecia com a Harpa Cristã não é nada absurdo. Por outro lado, podemos afirmar que as duas literaturas cariocas também priorizavam as conversões, que de acordo com o autor ocorriam todos os dias, esta informação é confirmada pela multiplicação da membresia em São Cristóvão, confirmada por intermédio dos batismos em águas que ali ocorriam, o que impulsionou o crescimento acelerado desta congregação¹⁷³.

Em segundo lugar, temos uma informação apresentada por Conde que destaca uma realidade muito comum entre os/as assembleianos/as, Conde comenta acerca da obediência incontestável a uma ordem expressamente divina, o que no movimento

¹⁷³ CONDE, 2008, p. 229-231.

pentecostal pode ser concebida de diversas maneiras, uma postura que até hoje é largamente adotada por inúmeros grupos evangélicos. Essa perspectiva corresponde ao entendimento que amparou o pioneiro e seus auxiliares a fundarem o cancionário carioca. Por isso, consideramos que esta ordem divina muito colaborou para a publicação do Saltério Pentecostal, ainda que o autor não esclareça como Vingren recebeu esta ordem vinda de Deus e mesmo que não seja possível determinar com precisão como essa vontade foi conhecida e recebida pelo pioneiro assembleiano.

Desta maneira, ainda que a idealização e manutenção do periódico *Som Alegre*, e, conseqüentemente, do Saltério Pentecostal, fosse uma “tarefa difícil, trabalhosa e dispendiosa”, isso não lhes concedia razão suficiente para interromper os propósitos divinos, pois uma ordem vinda da parte de Deus deveria ser observada e cumprida a qualquer custo. Emílio Conde muito tem a dizer acerca dessa dura realidade quando comenta que a organização do Saltério Pentecostal se deu em um período caracterizado por intensas atividades, e que por este motivo o interesse por sua publicação ocorreu anos mais tarde, apenas em 1931, dando a entender que a sua idealização e posterior publicação havia sido programada para uma data precedente, mas que só foi concretizada após a superação de alguns obstáculos¹⁷⁴.

Ainda sob esta perspectiva, somos informados por Emílio Conde acerca desse momento de muita intensidade na Assembleia de Deus em São Cristóvão, por certo o autor tinha em mente as inúmeras atividades eclesiais que ocupavam o dia a dia da novel igreja e membresia em particular, uma congregação que segundo o autor, alcançou o ápice de seu sucesso ministerial em apenas dois anos de atuação. Entre essas inúmeras atividades eclesiais podemos mencionar aquelas sublinhadas por Conde, a saber, as pregações ao ar livre, vigílias, evangelismos, batismos em água e até mesmo uma convenção internacional que ocorreu em 1926¹⁷⁵, o resultado disso foi um grande número de conversões, o que pôs os números dessa congregação em evidência frente as demais igrejas assembleianas espalhadas por todo o país¹⁷⁶.

¹⁷⁴ CONDE, 2008, p. 233.

¹⁷⁵ Convenção que ocorreu entre os dias 17 e 25 de julho de 1926, reunindo missionários que atuavam em todo o Brasil e Argentina, além de representantes de agências missionárias suecas. CONDE, 2008, p. 230.

¹⁷⁶ O título usado por Emílio Conde para introduzir o relato do crescimento acelerado da Assembleia de Deus em São Cristóvão é “AUMENTA O CONCEITO DA IGREJA”, título que pode estar relacionado com a tese de que a congregação assembleiana em São Cristóvão deva ter alcançado um status diferenciado por sua posição geográfica e por seus números impressionantes. CONDE, 2008, p. 230.

O que se pode concluir com essas informações é que essas diversas atividades transformaram a congregação assembleiana de São Cristóvão em uma “igreja modelo”, igreja “referência”, graças ao seu sucesso em todas as suas inúmeras atuações somada a sua ótima localização, pois estava assentada no então Distrito Federal. Esses números impressionantes podem ter alimentado um sentimento de grandeza e superioridade em relação às demais congregações assembleianas ou quem sabe em apenas uma, a congregação mãe em Belém, que já tinha sido pastoreada por Vingren, mas que na época estava sendo dirigida por Samuel Nyström, missionário assembleiano que em diversas ocasiões demonstrava ser um grande opositor do trabalho de Vingren e perseguidor de Frida, esposa do pioneiro¹⁷⁷.

Esta perspectiva nos conduz a um terceiro argumento que, do mesmo modo que os dois primeiros, tem o objetivo de explicar a legitimidade e necessidade da criação e publicação de um novo hinário que intencionava ser utilizado apenas e exclusivamente na Assembleia de Deus em São Cristóvão, mesmo diante do reconhecimento institucional que pesava sobre a Harpa Cristã, que, pelo que parece, já circulava em diversas partes do território nacional. Segundo esta perspectiva fica subentendido no relato apresentado por Conde uma certa postura e ar de superioridade e de rivalidade com outras congregações assembleianas, pois a igreja em São Cristóvão, amparada na figura do pioneiro, além de sua posição e condição ministerial, julgava que poderia ter um hinário particular de hinos que lhes servisse liturgicamente.

Essas são as primeiras impressões que podemos deduzir do testemunho de Emílio Conde, ademais, não podemos esquecer que temos poucas informações acerca deste saltério carioca. Além de Conde dispomos de uma segunda descrição apresentada por Isael de Araújo, uma vez que a narrativa de Conde não é a única, e, em comparação com a segunda, é a que menos se ocupa em pormenores, ao contrário de Isael de Araújo que é mais detalhista, uma vez que, presumivelmente, conheceu de antemão a obra historiográfica de Emílio Conde e procurou expandi-la, interpretando e acrescentando o que granjeou em suas pesquisas. É perceptível que

¹⁷⁷ Frida Vingren não era perseguida apenas por Samuel Nyström, mas também causava “indisfarçável desconforto” entre os pastores assembleianos da segunda geração, especialmente, os nordestinos, que viam em Nyström, uma figura confiável e que correspondiam as suas ideias acerca da esposa do pioneiro, aliás, a primeira convenção geral assembleiana, a de 1930, logo tratou de debater a questão do ministério feminino. ALENCAR, 2010, p. 16, 124.

Araújo buscou interpretar e acrescentar informações não contempladas por Conde e ao mesmo tempo buscou corrigi-lo, o que o pôs em uma situação de contrariedade.

Nesta direção pretendemos contrastar as informações que Isael de Araújo oferece para descrever os motivos que legitimaram Gunnar Vingren e equipe a lançarem o Saltério Pentecostal ainda sob a vigência da Harpa Cristã, essas justificativas muito diferem dos propósitos implícitos e subtendidos apresentados por Emílio Conde, pois enquanto este apenas considera, sem muitos detalhes, um tempo entre a organização e publicação do Saltério Pentecostal sem definir com precisão os reais motivos de seu lançamento, aquele ressalta a carência de Harpas Cristãs como única causa ou razão primeira para o lançamento do Saltério. É perceptível que a explicação de Araújo estivesse baseada no conhecimento prévio do primeiro relato elaborado por Conde e a singela interpretação que este autor oferece de seu contexto.

Neste sentido, Isael de Araújo oferece detalhes mais específicos que Emílio Conde, informações que vão além da data e do número de hinos deste cancionário. Na verdade, Isael de Araújo expõe com maior profundidade os motivos que cancelaram a publicação do Saltério Pentecostal, um relato que difere, em alguns aspectos, do cenário indefinido proposto por Emílio Conde, uma vez que este autor nada comenta sobre quais as razões de surgimento do Saltério Pentecostal. Ao compararmos o primeiro com o segundo relato veremos que Isael de Araújo não sente dificuldades em oferecer uma explicação que buscasse legitimar o lançamento do Saltério Pentecostal, na verdade, vemos por trás disso um interesse da parte de Araújo em preencher as lacunas deixadas por Emílio Conde em seu primeiro episódio.

É por este e outros motivos que Conde deixa a desejar como primeiro cronista assembleiano, sendo necessário a releitura de Isael de Araújo para ampliar os “fatos históricos” que culminaram com o surgimento do SP, pois o pouco comentado por Conde não supera os detalhes já comentados anteriormente. Dessa maneira, como podemos conhecer os motivos da composição deste cancionário contando apenas com as informações subtendidas por Conde? Se Isael de Araújo utilizou a obra de Conde para compor um verbete sobre o Saltério Pentecostal, como chegou a descrever com segurança os motivos de seu lançamento? Na verdade, como demonstramos antes, é pela leitura de outras porções desta mesma obra de Conde que podemos supor alguns fatos a partir destas outras situações descritas por Conde.

Em um desses casos Conde apenas relata a falta e/ou a demora dos periódicos assembleianos nessa região do país, especificamente o *Boa Semente*, razão que deve ter motivado o surgimento do *Som Alegre*, por isso chegamos à conclusão que a mesma realidade poderia facilmente ter se repetido entre os hinários Harpa Cristã e Saltério Pentecostal, ou seja, a falta e/ou a demora dos pedidos da Harpa Cristã conduziu Araújo a deduzir e acrescentar estas informações. Por isso, consideramos que essa foi a ideia extraída do contexto relatado por Conde, pois a menção acerca da escassez e demora é comentada, mas apenas se referindo ao periódico. Portanto, Isael de Araújo deve ter conjecturado esta ideia, uma vez que é provável que esses dois documentos se tratassem de artigos oficiais para o assembleianismo brasileiro.

Nesta direção Isael de Araújo é o único que comenta sobre este hinário ter sido lançado pelo pioneiro Gunnar Vingren, algo não contemplado por Emílio Conde, esse pequeno detalhe faz toda a diferença no contexto das antigas publicações oficiais assembleianas, uma vez que nenhum outro hinário assembleiano autorizado chegou a ser, nem de longe, lançado ou supervisionado por qualquer um dos pioneiros ou no mínimo atribuído aos fundadores ou a qualquer um dos missionários suecos mais relevantes, e isso durante uma fase na história da Assembleia de Deus brasileira chamada por Gedeon de Alencar de período da “dominação sueca”¹⁷⁸, época onde a Assembleia de Deus era dominada, e, praticamente, liderada apenas por missionários suecos e onde a participação dos pastores brasileiros era mínima ou até mesmo nula.

Outro pequeno detalhe acrescentado por Araújo está no mês da publicação do Saltério Pentecostal, essa informação, indubitavelmente, foi extraída da página de apresentação do próprio Saltério, que traz em seu prefácio o mês de junho como mês de seu lançamento, informação que veremos em detalhes um pouco mais adiante. Além do mais, também observamos uma das primeiras contradições entre as duas citações, em virtude de Emílio Conde comentar que o Saltério Pentecostal continha ao todo 220 hinos e 6 coros, ao passo que, segundo Isael de Araújo esse número era outro, de 221 hinos. Essa discrepância quanto a quantidade de hinos nos dois relatos pode parecer irrisória, mas lembremos que Araújo não faz referência aos coros, em outras palavras, a diferença entre os dois relatos não seria de um, mas de cinco hinos.

¹⁷⁸ ALENCAR, 2010, p. 25

Neste caso torna-se difícil explicar os motivos de tal discrepância, na verdade, consideramos até mesmo insignificante esta diferença além de não dispormos de qualquer informação de outras edições do Saltério Pentecostal, o que poderia ser uma forma de explicar esse leve contraste, mas estamos convictos de que não houve uma segunda publicação ampliada deste cancioneiro, quem sabe tenha ocorrido um equívoco no relato de Conde que Araújo tentou corrigir, mas isso nada mais é do que mera especulação. Além da quantidade de hinos do Saltério Pentecostal, Araújo acrescenta outro detalhe, uma informação relevante e que está vinculada ao desempenho de suas pesquisas, já que Isael Araújo comenta que o hinário carioca foi elaborado a partir de outros cancioneiros, entre nacionais e estrangeiros da época.

Algumas destas canções que deram origem ao Saltério Pentecostal foram extraídas da própria Harpa Cristã¹⁷⁹, o que demonstra, mais uma vez, que o hinário oficial das AD's era conhecido pelos/as assembleianos/as nesta porção do país. Além da Harpa Cristã outros hinários colaboraram para que o Saltério Pentecostal se tornasse uma realidade para o público assembleiano do Rio de Janeiro, estes hinários foram, os nacionais, Salmos e Hinos e Hinos de Glória, além da inserção de alguns hinos traduzidos dos hinários suecos Segertoner¹⁸⁰, hinário editado em 1914 e que acabou se tornando o livro de hinos mais utilizado pelo movimento pentecostal sueco na época, e Lovangstoner, além do hinário americano Songs of Victory¹⁸¹. Estes cancioneiros, segundo Isael Araújo, ajudaram Vingren a compor o seu hinário carioca.

Todavia, o que mais nos intriga entre todas as hipóteses e motivos que culminaram com a publicação do Saltério Pentecostal é um detalhe bastante curioso que produz certa desconfiança e põe em dúvida os relatos apresentados pelos historiadores assembleianos que afirmaram/deduziram que o hinário carioca surgiu em decorrência da escassez da Harpa Cristã aliada a demora dos pedidos que não chegavam em tempo oportuno à igreja em São Cristóvão. Como veremos mais

¹⁷⁹ Da Harpa Cristã foram extraídos alguns hinos e inseridos no Psaltério Pentecostal, o primeiro hino desta coletânea, por exemplo, era o hino “Adoração” que na Harpa Cristã da época recebeu o número 272, atualmente, corresponde ao número 124. Outro hino de número 472 intitulado “Em meu lugar” de autoria de Frida Vingren e o hino 126 da Harpa Cristã intitulado “Bem aventurado o que confia” ganharam uma nova numeração no Psaltério Pentecostal, esta última canção constava neste hinário sob o número 120.

¹⁸⁰ Este hinário se tornou um dos principais cancioneiros do movimento pentecostal sueco, foi editado em 1914. ALVARSSON, Jan-Ake. The Development of Pentecostalism in Scandinavian Countries. In: KAY, William K; DYER, Anne E (Ed). **European Pentecostalism**. Koninklijke Brill: Leiden, Netherlands, 2004, p. 25

¹⁸¹ ARAUJO, 2007, p. 497, 758.

adiante, somos informados que em 1923 foi lançado outra edição da HC, edição em que foram inseridos novos hinos, saltando de 100 para 300 canções, esta segunda edição passou a ser impressa em outra cidade, sendo produzida no Rio de Janeiro.¹⁸² Este é o aspecto que nos impõe certa desconfiança, seus detalhes veremos a seguir.

Por enquanto, o que mais podemos descrever da segunda edição da Harpa Cristã é que ela contou com um maior número de exemplares impressos, passando de mil para três mil exemplares, sendo produzida e preparada nas Oficinas Irmãos Pongetti¹⁸³. Também fomos informados que apenas duas cidades foram citadas como ambientes de publicação da Harpa Cristã, a primeira edição foi publicada na cidade do Recife e a partir da segunda edição passou a ser publicada no Rio de Janeiro. No demais, Araújo apenas descreve os acréscimos de hinos nas subseqüentes edições da Harpa Cristã e a quantidade de exemplares impressos sem se preocupar em apresentar o local de publicação das posteriores edições da Harpa Cristã.¹⁸⁴ Além dessas duas cidades nenhuma outra é citada, o que nos conduz a algumas reflexões.

Convenhamos que Isael de Araújo realizou um bom trabalho ao captar e reunir uma vasta bibliografia usada para montar cada um dos verbetes da sua obra sobre o movimento pentecostal, a exemplo das fontes utilizadas para compor as informações sobre a Harpa Cristã¹⁸⁵. Entretanto, evitou comentários e buscou, obviamente, uma posição favorável a Instituição, principalmente acerca de assuntos polêmicos e controvertidos, até por se tratar de uma obra lexicográfica e fomentada pela CPAD. Neste caso, Araújo somente reproduziu as obras por ele consultadas sem se importar em oferecer uma reflexão ou se ocupar em questionar a procedência, compatibilidade e legitimidade de outras informações, pois uma série de assuntos são lançados, um após a outro, sem a mínima preocupação com datas, editores e locais de publicação.

¹⁸² ARAÚJO, 2007, p. 342.

¹⁸³ ARAÚJO, 2007, p. 342; CONDE, 2008, p. 53.

¹⁸⁴ ARAÚJO, 2007, p. 342

¹⁸⁵ As fontes utilizadas por Isael Araújo foram: VINGREN, Ivar. **O diário do pioneiro**: Gunnar Vingren. Rio de Janeiro: CPAD, 1972, p. 83; CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2000, cap. 02; ALMEIDA, Abraão de. (et. all). **História das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 1982, p. 76; VINGREN, Ivar (Trad.). **Despertamento apostólico no Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 126, 127; HARPA CRISTÃ, Rio de Janeiro: CPAD, 1992; MENSAGEIRO DA PAZ, outubro de 1931, p.7; MENSAGEIRO DA PAZ, junho de 1932, p.8; MENSAGEIRO DA PAZ, julho de 1939, p. 2; MENSAGEIRO DA PAZ, 1ª quinzena de abril de 1986, p. 6; MENSAGEIRO DA PAZ, 1ª quinzena de abril de 1991, p. 2; MENSAGEIRO DA PAZ, 1ª quinzena de abril de 1986; OBREIRO, Revista. CPAD, abril-junho de 1979, p. 46.

Percebemos que a maior preocupação de Isael de Araújo e dos autores por ele utilizados não foi outra senão priorizar a quantidade de exemplares da Harpa Cristã publicados pela AD, fato que ocorria a cada edição, e no decorrer de alguns anos. Tendo em mente essas informações, pretendemos discernir a linha de raciocínio destes historiadores assembleianos e buscar nos aproximar das intenções e preocupações da preferência pelo número de exemplares da HC em detrimento de outras relevantes informações. Compreendemos que isso reflete muito mais o interesse em demonstrar o crescimento quantitativo da membresia assembleiana do que propriamente um interesse em um registro histórico. Uma vez que, uma grande quantidade de exemplares da HC era um bom indicativo do crescimento institucional.

Desta maneira, além das duas cidades anteriormente citadas nenhum outro ambiente é indicado como local de publicação da Harpa Cristã. Após ser publicada pela primeira vez na cidade do Recife a próxima cidade que recebe à publicação da Harpa Cristã é a cidade do Rio de Janeiro, no entanto, não somente a sua segunda edição, mas todas as demais edições do hinário assembleiano, das mais antigas as mais atuais edições, passaram a ser publicadas na cidade carioca, essa informação não é descrita por Isael de Araújo, mas está implícita no texto, uma vez que na sequência de publicações da Harpa Cristã só consta as edições e a quantidade de exemplares publicados, não havendo qualquer menção a outra localidade ou editores responsáveis com exceção a mudança de editora, a CPAD, como veremos a seguir.

A primeira edição da Harpa Cristã, com 100 hinos, [...] teve uma tiragem inicial de mil exemplares, impressa nas oficinas do Jornal do Comércio, e foi distribuída para todo o Brasil pelo missionário Samuel Nyström. A segunda edição da Harpa Cristã, já com 300 hinos, foi impressa nas Oficinas Irmãos Pongetti, no Rio de Janeiro, em 1923, numa tiragem de 3.000 exemplares. Na terceira edição, em 1932, tinha a Harpa Cristã 400 hinos, e foram 5.000 exemplares. A quarta edição foi de 10.000 exemplares, com 458 hinos, e a quinta, com 512 hinos, foi de 8.000 exemplares. Da quarta edição, foram publicados mais 4.000 exemplares. [...] Sucederam-se muitas outras edições, vindo a ser impressas nas oficinas da Casa Publicadora das Assembléias de Deus¹⁸⁶.

Nesta citação fica subtendido a permanência do Rio de Janeiro como lugar de impressão das edições da HC, com exceção da edição inaugural impressa em Recife, Pernambuco. A partir da segunda edição nenhum outro local é citado, subtendendo

¹⁸⁶ ARAÚJO, 2007, p. 342.

que todas as demais edições da HC foram impressas no Rio de Janeiro, havendo somente uma mudança de gráfica, passando da oficina Irmãos Pongetti para a CPAD, atual responsável por sua impressão. A nossa insistência com esta cidade não é sem sentido, em virtude da alegada carência da Harpa Cristã no sudeste do país ser incompatível com a narrativa dos historiadores assembleianos que afirmaram, categoricamente, que mesmo sendo impressa na cidade do Rio de Janeiro ainda assim havia escassez e demora na chegada da HC na própria cidade de impressão.

Este é um grande problema a ser solucionado, uma vez que somos informados dos principais motivos que resultaram na publicação do Saltério Pentecostal, todavia, estas razões e informações não coadunam com a própria narrativa oficial assembleiana, que neste caso, e em muitos outros, entram em contradição. Pois, não seria estranho concordar com a falta de um produto na cidade onde o mesmo é produzido? Se a escassez da Harpa Cristã está ocorrendo na própria cidade de sua impressão o que dizer dos demais estados brasileiros? Como podemos convergir essas informações? Como harmonizá-las sem prejuízo de uma ou de outra? Bem, um pequeno detalhe na citação anterior pode nos ajudar quanto a isso. Nela encontramos a pessoa responsável pela distribuição da Harpa Cristã em todo o território brasileiro.

Assim, de acordo com esta citação, mesmo tendo sido impressa em Recife sob o olhar editorial de Adriano Nobre, a primeira edição da Harpa Cristã “foi distribuída para todo o Brasil pelo missionário Samuel Nyström”¹⁸⁷. Conseqüentemente, não há outra maneira mais conveniente de entender como era realizada a distribuição nacional da Harpa Cristã, só podemos admitir que, de Belém, no Estado do Pará, Samuel Nyström administrava os pedidos do hinário oficial assembleiano. Então, dar-se-ia o caso de Nyström distribuir a HC para todo o Brasil e deixar faltar exemplares, propositalmente, para a AD em São Cristóvão? Seria demais admitir que Nyström fizesse essa distribuição a partir de Belém? Ou seja, Samuel Nyström levava consigo todos os exemplares impressos da HC para Belém e de lá, distribuía a todo o Brasil?

Sabemos que os missionários Samuel Nyström e Gunnar Vingren, nem sempre tiveram uma relação amistosa, a própria história assembleiana descreve a ligação entre os dois, não é à toa que diversos/as pesquisadores/as já se ocuparam em apresentar, minuciosamente, a postura radical de Nyström e sua oposição à Vingren,

¹⁸⁷ ARAÚJO, 2007, p. 342.

e, principalmente, a indisposição que este mantinha com a esposa do pioneiro¹⁸⁸. Muito embora não possamos afirmar que a escassez ou demora da HC na AD em São Cristóvão fosse motivada pela intriga entre ambos, também não julgamos apropriado atribuir o surgimento do Saltério Pentecostal ao mesmo motivo. Porém, como já temos comentado, não descartamos a possibilidade do surgimento do hinário carioca ter sido motivada por uma independência de Vingren e um certo descaso com a Harpa Cristã.

Concernente a sua distribuição não temos muitas alternativas também ou admitimos que os problemas da Harpa Cristã no Sudeste brasileiro eram problemas de logística, uma vez que sendo impressas no Rio de Janeiro eram distribuídas para todo o Brasil por Samuel Nyström a partir de Belém, pois este pastoreava a igreja nesta cidade, ou estamos diante de um equívoco na história assembleiana. Somente assim podemos aceitar ou não a validade desta declaração, tendo em vista que Nyström não poderia gerir a distribuição da Harpa Cristã em outra cidade. Não haveria outras formas de explicar a ausência e/ou escassez da Harpa Cristã nesta região do país se a impressão deste hinário ocorria na própria cidade do Rio de Janeiro. Além disso, temos ainda um outra tarefa de Nyström à frente da HC como veremos a seguir.

O nosso hinário “Harpa Cristã” já teve cinco edições desde 1920. A primeira edição foi de 1 mil exemplares com cem hinos, a segunda, de 3 mil exemplares com 300 hinos. Estas duas edições foram feitas pelo evangelista Adriano Nobre. Depois eu mesmo publiquei a terceira edição, que foi com 400 hinos e 5 mil exemplares. A quarta edição foi de 10 mil exemplares com 458 hinos e a quinta, com 512 hinos, foi de 8 mil exemplares¹⁸⁹.

Publicada em 1932, a terceira edição foi impressa somente nove anos após a segunda edição da Harpa Cristã e com uma tiragem maior que a anterior, curioso que esta edição foi publicada pelo próprio Samuel Nyström um ano após o surgimento do Saltério Pentecostal e algum tempo depois da ida de Vingren e a sua família a Suécia, de onde o pioneiro não mais voltaria. Seria essa edição uma resposta ao Saltério Pentecostal lançado alguns meses antes? Esta publicação teve o objetivo de apagar da memória assembleiana o Saltério Pentecostal? Não podemos afirmar nada a esse respeito, o que podemos garantir é que pouco sabemos acerca do hinário carioca que

¹⁸⁸ GEDEON, 2010 e FAJARDO 2017, são exemplos de autores que fazem esse tipo de abordagem.

¹⁸⁹ NYSTRÖM, Samuel. Escolas bíblicas e trabalho literário. In: VINGREN, Ivar (trad.). **Despertamento apostólico no Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 126.

por um curto período chegou até mesmo a rivalizar com a HC e por algum motivo, ainda bastante obscuro, teve sua trajetória negligenciada na historiografia pentecostal.

Para finalizar, apresentaremos duas citações que informam acerca das coleções hínicas usadas nesta época na AD em São Cristóvão, as duas passagens provam que a Harpa Cristã era um instrumento subutilizado frente outros cancionários privilegiados na época. Na primeira citação observamos os detalhes de um extenso relato deixado no livro “Diário do Pioneiro” editado por Ivar Vingren, nesta obra foi preservada algumas circunstâncias históricas do desenvolvimento litúrgico de um culto em São Cristóvão por volta da década de 1920. O episódio testemunhado por Macalão foi registrado originalmente na revista “O Semeador” do mês de maio de 1961, esta narrativa foi publicada em comemoração ao cinquentenário do movimento pentecostal no Brasil. A seguir, reescrevemos os detalhes preservados nestas obras.

Ao findar o ano de 1923 eu andava em plena busca da verdade. Foi quando achei um folheto da Igreja de Deus, conhecida como igreja do Orfanato. Indo à sua sede, na Rua São Luís Gonzaga, 12, entrei em contato com seus membros e com alguns crentes da Assembléia de Deus que tinham vindo do Norte e frequentavam esta igreja [...] Mais tarde chegou do Norte o irmão Heráclito Menezes, que estabeleceu à tarde na casa do irmão Brito uma Escola Dominical, e oração nos sábados, à noite. A reunião de oração começava às 19 horas, com cânticos do ‘Salmos e Hinos’¹⁹⁰.

Esta citação apresenta alguns detalhes da vida de Paulo Macalão e seu envolvimento com a AD carioca em 1923, podemos perceber que durante essas reuniões de oração os hinos entoados entre os/as primeiros/as assembleianos/as foram extraídos do hinário congregacional *Salmos e Hinos*. Muito embora estas reuniões fossem de certa forma embrionárias, uma vez que a inauguração da AD em São Cristóvão se deu apenas em 1924, a segunda edição da HC já começara a ser editada no Rio de Janeiro no ano de 1923. Logo, será que o argumento em favor da escassez da HC no sudeste poderia mesmo ser sustentado? Qual seria a relação destes/as irmãos/ãs com a literatura oficial da instituição? Seria apenas falta de conhecimento? Bem, veremos maiores informações iguais a estas na citação a seguir.

¹⁹⁰ VINGREN, 2000, p. 137.

O pastor inicia o cântico de um hino; todos cantam; todos se levantam; o pastor Vingren anuncia o número de um hino para ser cantado pela congregação [...] Após o hino o pastor Vingren dá oportunidade para algum irmão testificar de Jesus [...] Após o testemunho, o irmão Vingren toma um violão; dedilha algum acorde; a irmã Frida abre um livro de hinos avulsos, e os dois cantam, de forma simples mas o Espírito Santo vivifica as palavras, e crentes e descrentes sentem-se comovidos [...] O irmão Vingren encosta o violão, abre a Bíblia, lê dois versículos, olha para o alto e inicia a pregação da Palavra de Deus. [...] ao final canta-se mais um hino. Assim aconteceu num culto que o autor assistiu na rua Figueira de Melo, 363, no Rio de Janeiro¹⁹¹.

A descrição feita por Emílio Conde apresenta uma realidade comum nos cultos da Assembleia de Deus em São Cristóvão entre os anos de 1925 e 1926. O relato é de um participante atento num típico culto pentecostal conduzido pelo pastor Vingren, um culto caracterizado por sua efusividade e pelos momentos de louvor à Deus. O que nos chama atenção, mais uma vez, é a ausência da Harpa Cristã no culto assembleiano, em seu lugar vemos uma singela coletânea de hinos chamado apenas de “livro de hinos avulsos”. Não se pode afirmar que esse “hinário avulso” era o *Saltério Pentecostal*, mas é certo que não era a *Harpa Cristã*, pois seria facilmente identificada em virtude de ter sido publicada quatro anos antes, e, muito menos o *Salmos e Hinos* que em 1923 havia sido identificado na incipiente reunião de oração.

Neste caso podemos conjecturar que esse hinário era o *Saltério Pentecostal*, mesmo tendo sido publicado cinco anos mais tarde, visto que na época em que foi descrito o relato anterior se encontrava apenas em seu estágio inicial e ainda não possuía uma identificação formal. Nossa hipótese se baseia nas afirmações feitas por Conde que já havia informado que o *Saltério Pentecostal* fazia parte do programa de literatura da AD carioca e que estava em processo de organização, sendo preparado entre os períodos de intensa atividade¹⁹², neste caso, um período semelhante a este é narrado na citação anterior, por isso consideramos que o “livro de hinos avulsos” era o *Saltério Pentecostal*. Por fim, deixamos um precioso detalhe impresso nas primeiras páginas do *Saltério Pentecostal*, nele observamos as claras intenções de seu editor.

¹⁹¹ CONDE, 2008, p. 227, 228.

¹⁹² CONDE, 2008, p. 232, 233.

Aos Irmãos.

Apresentando este modesto hymnario desejamos que o mesmo seja para a glória do Senhor e utilidade do Seu povo. Que Deus abençoe os hymnos aqui contidos, a fim de que sirvam para a salvação de muitas almas, e edificação dos crentes em Jesus.

Rio de Janeiro, junho de 1931.

Gunnar Vingren

Este é um detalhe imprescindível que não poderíamos deixar de apresentar, pois são informações preservadas nas primeiras páginas do Saltério Pentecostal, nele encontramos um breve registro, um prefácio escrito por Gunnar Vingren, seu editor. Nele o pioneiro fala acerca da simplicidade do hinário e de seus principais objetivos, além de consagrar-lhe a glória de Deus e a livre instrumentalização do seu povo, provavelmente se referindo aos/as fiéis assembleianos/as. Ademais, Vingren mantém a mesma finalidade das demais literaturas publicadas pela congregação de São Cristóvão, o que neste caso difere um pouco da finalidade da Harpa Cristã, tendo em vista que é indicado não apenas para o louvor à Deus, mas também para a evangelização e a edificação da igreja¹⁹³ como podemos conferir na citação anterior.

2.4 O HINÁRIO OFICIAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS¹⁹⁴

Daqui em diante buscaremos apresentar uma reflexão histórica acerca do hinário oficial das Assembleias de Deus no Brasil, esta reflexão se estenderá desde o período que abrange o seu surgimento e estabelecimento como hinário institucional até a sua relevância e abrangência no atual cenário do assembleianismo brasileiro, contudo esta atividade não se constitui tarefa fácil, pois nos falta maiores referências acerca deste hinário, principalmente no que tange à sua formação inicial, trajetória histórica, períodos e personagens envolvidos, uma vez que é perceptível a escassez de seu registro histórico. Portanto, estaremos baseando essa reflexão nas informações oferecidas por pelos historiadores oficiais assembleianos, a saber, Emílio Conde, Abraão de Almeida e Isael de Araújo, além dos registros dos periódicos institucionais.

¹⁹³ CONDE, 2008, p. 208.

¹⁹⁴ Além de outras obras que serão referenciadas, usaremos, basicamente, para esta exposição os seguintes autores: VINGREN, 2000; ARAÚJO, 2007; ALENCAR, 2013; FAJARDO, 2017. Apesar de não serem reconhecidos pela comunidade acadêmica, são os autores que abordam com maior profundidade a história da Assembleia de Deus no Brasil.

Dessa maneira, como discorremos anteriormente, a Harpa Cristã na Assembleia de Deus, passou por um processo, de certa forma não tão longo, de formação e legitimação até que se tornasse um dos instrumentos oficiais de identificação, consolidação e divulgação da hinologia e da doutrina pentecostal bem como, e, principalmente, servisse como um mecanismo de condução da liturgia assembleiana. O desenvolvimento dessa tarefa se estendeu desde a instrumentalização que a denominação fez dos primeiros hinários evangélicos nacionais até à publicação e oficialização do hinário assembleiano aproximadamente onze anos depois da fundação da AD no Brasil. Assim veremos exclusivamente a história da Harpa Cristã, tendo em vista que já contemplamos as experiências dos hinários que a antecederam.

Assim, após alguns anos de experiências com o manuseio de hinários congregacionais e com o envolvimento (in)direto na elaboração de outros cancionários pentecostais e institucionais que no ano de 1922 na cidade de Recife, no Estado de Pernambuco, que surgiu a primeira edição da Harpa Cristã, esta publicação viria a se tornar, com o passar do tempo, o hinário oficial das Assembleias de Deus no Brasil. Em conformidade com o que destaca Maxwell Fajardo, a ideia central na legitimação e publicação de um hinário institucional se deu na necessidade de consolidação da identidade assembleiana que buscava não se confundir com as demais denominações do protestantismo histórico, e, principalmente, da Igreja Batista de onde a AD surgiu, além de oferecer algo de concreto para a manutenção da tradição assembleiana¹⁹⁵.

Dessa maneira, mesmo diante da existência de coleções anteriores, o ano de 1922 é reconhecido pela historiografia oficial assembleiana como a data que legitimou o lançamento do hinário oficial das Assembleias de Deus no Brasil, não obstante, em 2012 na cidade de Recife/PE foi realizado as comemorações dos noventa anos da Harpa Cristã, detalhes que comentaremos mais adiante. Este hinário foi publicado inicialmente com apenas 100 hinos, 540 canções a menos em relação ao número atual e foi lançado sob a orientação e edição do pastor Adriano Nobre¹⁹⁶. Esta primeira edição da Harpa Cristã teve uma tiragem inicial de mil exemplares, sendo impressa

¹⁹⁵ FAJARDO, 2017, p. 176.

¹⁹⁶ Adriano Nobre de Almeida (1883-1938). Evangelista, pastor, e pioneiro das Assembleias de Deus no Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte, fora um crente presbiteriano. Por falar inglês, serviu de intérprete para os missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg e se tornou o quinto pastor consagrado por Vingren para o serviço pastoral, na atual Harpa Cristã seu nome consta como autor da versão de quatro hinos, 2 – Saudosa lembrança, 3 – Plena Paz, 10 – Eu te louvo e 413 – Meu Pastor.

nas oficinas do Jornal do comércio e fora distribuída para todo o Brasil pelo missionário sueco Samuel Nyström¹⁹⁷ que na época era pastor responsável pela Igreja em Belém.

Um ano após, em 1923, a segunda edição da Harpa Cristã foi disponibilizada para o público assembleiano, e em relação à primeira publicação foram realizadas algumas mudanças, a primeira delas foi na sua quantidade de hinos, já que nela foram incorporadas 200 novas canções. Nesta edição encontramos a maior quantidade de inserções de hinos entre todas as publicações da Harpa Cristã, edição que saltou de 100 para 300 hinos. Outra considerável alteração foi a mudança da cidade e da casa publicadora, desta vez o hinário assembleiano foi impresso no Rio de Janeiro, nas Oficinas Irmãos Pongetti e daí por diante, suas subseqüentes edições foram, provavelmente, publicadas nesta mesma cidade. Além da quantidade de hinos somasse a isso o número de hinários, tiragem que passou de 1 mil para 3 mil exemplares¹⁹⁸.

Um aviso acerca deste acréscimo de hinos também foi divulgado pelo jornal Boa Semente que anunciou em suas páginas o seguinte “Recebemos e temos para vender ‘Harpas Christãs’, da nova edição aumentada de 200 hymnos, a 2\$500, 3\$000 e 5\$000. Pedidos a Samuel Nyström, caixa 672 – Belém – Pará ou a Adriano Nobre, Nova Cruz, R. G. do Norte”¹⁹⁹. Essa diferença na quantidade de hinários entre a primeira e a segunda edição da HC pode ter alguma relação com a militância assembleiana neste período, uma vez que as interpretações de Alencar associam essa atuação militante com a quantidade de exemplares impressos e vendidos, acrescentamos a essa informação apenas mais um detalhe, o crescimento do assembleianismo brasileiro que combina perfeitamente com este sentimento militante.

Essa militância aguerrida pode ser comprovada em dois dados concretos: as vendas de Harpas Cristãs – HC e a tiragem do *Mensageiro da Paz* - MP. Se a tiragem do MP quase se iguala ao número de membros da igreja, a da HC ultrapassa, pois, em 1934, no momento de sua 5ª edição, já temos um total de 31 mil HC publicadas, quando a estimativa de membros era de 13 mil pessoas. Evidentemente, isso se dá pelo desgaste do uso da HC, o que reforça o argumento da militância²⁰⁰.

¹⁹⁷ Lars-Erik Samuel Nyström. (1891-1960). Missionário sueco, evangelista, pastor, ensinador, escritor, pioneiro das Assembleias de Deus em Belém, Amazonas, Acre, São Paulo e Rio de Janeiro, antigo líder nacional das Assembleias de Deus e ex-presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. ARAÚJO, 2007, p. 508.

¹⁹⁸ ARAÚJO, 2007, p. 342.

¹⁹⁹ BOA SEMENTE. Belém, 31 de dezembro de 1923, ano V, nº 31, p. 04.

²⁰⁰ ALENCAR, 2013, p. 108.

A participação ativa da membresia assembleiana é uma forma plausível de responder a essa quantidade de hinários vendidos, número de exemplares que se mostram superiores a quantidade de filiados(as) da denominação durante este mesmo período. Essa militância nada mais é do que a atuação da membresia assembleiana nos inúmeros momentos litúrgicos que estes/as assembleianos/as e a liderança leiga tinha liberdade para conduzir, neste sentido o hinário ao lado da Bíblia eram um dos instrumentos mais importantes nestes encontros, seu uso contínuo gerava um desgaste natural, dessa maneira, a aquisição de um novo hinário manteria ao mesmo tempo esta ferramenta litúrgica quanto atualizava estes/as assembleianos/as das novas canções que foram sendo inseridas a cada nova publicação da Harpa Cristã.

Devido a uma quantidade razoável de exemplares da última publicação a terceira edição da Harpa Cristã demorou um pouco mais para sair do prelo. Por este motivo a terceira revisão do hinário assembleiano ocorreu somente nove anos mais tarde, em 1932, apesar disso, como nas edições anteriores, manteve o tradicional costume de acrescentar novos hinos ao seu acervo, mas contando com um número menor de inserções num total de 100 novos títulos. Foram preparados cinco mil exemplares para impressão, além disso houve também uma mudança na responsabilidade desta edição, antes sob a incumbência de Adriano Nobre, passou a ser administrada por Samuel Nyström que estava no Rio de Janeiro graças à viagem de Gunnar Vingren e família a Suécia²⁰¹. O total de hinos inseridos nesta edição foram de 400 canções²⁰².

Dobrando o número de impressões para dez mil exemplares, assim foi encaminhada a quarta edição ao público assembleiano, a coletânea semelhante as edições anteriores, foi lançada com uma quantidade maior de hinos chegando ao total de 458 títulos entre os quais 58 deles eram de canções recentemente inseridas no hinário. Podemos nos esforçar na tentativa de explicar um menor número de hinos inseridos nesta publicação, talvez por ter sido lançada no mesmo ano da terceira edição, ou seja, no ano de 1932, quem sabe alguns meses após o lançamento da terceira edição da Harpa Cristã, no entanto, nenhum dos autores consultados menciona explicitamente o ano da quarta edição, apesar dos detalhes imprecisos que constam na história da hinódia assembleiana, pelo menos esta é a nossa hipótese²⁰³.

²⁰¹ VINGREN, 2009, p. 126.

²⁰² ARAÚJO, 2007, p. 342.

²⁰³ ALMEIDA, 1982, p. 76; ARAÚJO, 2007, p. 342; VINGREN, 2009, p. 126.

A despeito de toda essa imprecisão temos apenas uma anotação de Araújo que oferece dados importantes em relação ao ano e mês de publicação da quarta edição da Harpa Cristã, referências que podem auxiliar a solucionar a questão da data de lançamento desta versão, entretanto, essa referência se trata de uma informação não confiável e provavelmente equivocada apresentada em uma outra obra de Araújo intitulada “História do movimento pentecostal no Brasil”, nesse livro o autor informa que a quarta edição da Harpa Cristã foi publicada em janeiro de 1932, neste mesmo trecho, Isael de Araújo afirma que o hino de número 418 fora composto pelo missionário “sueco” Jahn Sörheim²⁰⁴. Ora, essas informações não coadunam com a referência apresentada pelo autor em outra obra anterior a essa, vamos compará-las.

Na 4ª edição da Harpa Cristã, de janeiro de 1932, o hino 138, de autoria de José Felinto, declarava, na primeira estrofe, a salvação eterna do crente. Já o hino 418, de autoria do missionário sueco Jahn Sörheim, na última estrofe, admitia a possibilidade de o crente perder a salvação²⁰⁵. (grifo nosso)

A segunda edição da Harpa cristã, já com 300 hinos, foi impressa nas Oficinas Irmãos Pongetti, no Rio de Janeiro, em 1923, numa tiragem de 3.000 exemplares. Na terceira edição, em 1932, tinha a Harpa Cristã 400 hinos, e foram 5.000 mil exemplares. A quarta edição foi de 10.000 exemplares, com 458 hinos²⁰⁶. (grifo nosso)

Perceba o destaque na discussão da época, a doutrina da salvação eterna do crente em contraposição ao ensino assembleiano da possibilidade da perda da salvação. A discordância entre estes dois pontos de vista ocasionou a divergência entre a liderança nordestina e a liderança sueca o que ocasionou na fundação de uma nova denominação, a Igreja Assembleia de Cristo²⁰⁷. É interessante notar a ênfase no tocante aos hinos da Harpa Cristã e o amparo legal utilizado pelas lideranças de ambos os lados na fundamentação de suas perspectivas, uma vez que sua sustentação doutrinária não fora citada diretamente da Bíblia, mas das interpretações

²⁰⁴ John (Jahn) Sörheim (datas desconhecidas), missionário da missão sueca, de origem norueguesa. Foi músico, maestro e compositor. Além de dirigir e auxiliar na direção de igrejas. Sörheim cooperava escrevendo para o Mensageiro da Paz e formando músicos e corais, compondo e traduzindo hinos para a Harpa Cristã, também publicou partituras de músicas no MP. ARAÚJO, 2007, p. 820.

²⁰⁵ ARAÚJO, 2016, p. 62.

²⁰⁶ ARAÚJO, 2007, p. 432.

²⁰⁷ Denominação fundada pelo pastor Manoel Hygino de Souza em 13 de dezembro de 1932, na cidade de Mossoró (RN). Atualmente se chama Igreja de Cristo no Brasil. ARAÚJO, 2007, p. 30.

bíblicas presentes no conteúdo das canções da HC, o que demonstra cada vez mais, o uso do hinário assembleiano na cristalização e afirmação da doutrina pentecostal.

No demais, ao apresentarmos estas duas citações, referências de obras distintas do mesmo autor, pretendemos identificar a discrepância que há entre elas com o objetivo de encontrar a causa para a sua divergência. Na primeira referência, Isael de Araújo apresenta um recorte das estrofes de duas canções da coletânea oficial assembleiana, os hinos de número 138 e 418, respectivamente, com o intuito de explicar as primeiras divisões que ocorreram na Assembleia de Deus brasileira, cismas que se originaram de diferentes leituras e perspectivas doutrinárias da parte de alguns pastores assembleianos, uma dessas interpretações estava associada a doutrina da "perseverança dos santos", que em 1930 era defendida pelo pastor Manoel Hygino de Souza²⁰⁸ e por outros nomes da Assembleia de Deus no Nordeste.

Ao mesmo tempo em que tentava explicar as duas interpretações teológicas divergentes, bem como o posicionamento soteriológico tradicionalmente assembleiano, Isael de Araújo também deixava escapar uma valiosa informação, a saber, que a quarta edição da Harpa Cristã foi lançada no mês de janeiro de 1932, uma edição publicada com 458 hinos. No entanto, a segunda citação tem outros objetivos, o propósito é expor a sequência cronológica do hinário assembleiano e com isso testemunhar seu avanço e alcance denominacional, a partir da quantidade de exemplares impressos e do número cada vez maior de hinos inseridos em cada uma das suas edições. Esta referência aponta o ano de 1932 como ano de lançamento da terceira edição da Harpa Cristã, bem diferente da anterior, como isso seria possível?

À vista disso, temos um impasse a ser resolvido, uma vez que não podemos simplesmente descartar qualquer uma das duas referências em detrimento da outra, porém precisamos aproveitar cada uma das citações e buscar entender a discrepância que há entre elas, pois enquanto no "Dicionário do Movimento Pentecostal", Araújo afirma que a versão da Harpa Cristã publicada em 1932 foi a terceira edição, no livro "História do movimento pentecostal no Brasil", como vimos de antemão, o mesmo autor afirma ter sido a quarta edição. Conquanto, entre as duas edições qual delas foi realmente publicada em 1932, a terceira ou a quarta edição? Estas publicações

²⁰⁸ Manoel Hygino de Souza (1903-1975), evangelista, compositor de hinos da Harpa Cristã, antigo pastor da Assembleia de Deus e fundador da igreja Assembleia de Cristo. ARAÚJO, 2007, p. 824.

poderiam muito bem ter sido editadas no mesmo ano, todavia temos um agravo, Isael de Araújo afirma ter sido em janeiro de 1932 a data da publicação da quarta edição.

Como solucionar este problema? Pois Araújo se contradiz quando afirma ser o ano de 1932 o ano da publicação de duas edições da Harpa Cristã, tanto da terceira com 400 hinos como da quarta com 458 canções. Neste caso como poderíamos convergir essas duas informações? Seria impossível que a quarta edição do cancionário assembleiano tivesse sido lançado no mesmo ano que o lançamento da terceira versão, uma vez que o mês de janeiro é indicado como mês de publicação da quarta edição, a não ser que aceitássemos de uma vez por todas que a terceira edição, obviamente publicada antes, também tivesse sido lançada neste mesmo mês. Todavia, essa passagem se constitui num texto muito controvertido e provavelmente equivocado, pois não confere com as informações apresentadas nas obras de Araújo.

Para chegarmos a uma conclusão satisfatória sugerimos duas alternativas. A primeira delas considera que houve um certo equívoco acidental no tocante a data das duas edições, caso que poderia ser tratado como um erro particular cometido pelo autor que infelizmente confundiu informações, uma vez que seria impossível que a terceira edição da Harpa Cristã também tivesse sido publicada em janeiro de 1932 já que a informação sobre o lançamento da quarta edição corresponde a esta mesma data. Soma-se a isso o equívoco que Araújo cometeu ao citar a nacionalidade do missionário Jahn Sörheim que na verdade era norueguês e não sueco²⁰⁹, entretanto, assim como os/as demais missionários/as suecos/as, Sörheim e sua família faziam parte da missão escandinava, mais um notável impasse nas obras de Isael de Araújo.

Outra resposta viável para a solução deste pequeno impasse pode estar relacionada à duas realidades de um mesmo hinário, uma vez que temos o registro de que também fora lançado no ano de 1932 um livro de música da Harpa Cristã, um hinário mimeografado e publicado com a música de 400 hinos²¹⁰. Consideramos esta alternativa bastante interessante, entretanto, ela traz consigo um problema ainda maior e mais difícil de se resolver, pois como seria possível sustentar que um desses cancionários citados corresponderia a edição do hinário de música da Harpa Cristã, uma vez que os hinários citados parecem estar conectados sequencialmente por suas

²⁰⁹ ARAÚJO, 2007, p. 408.

²¹⁰ ARAÚJO, 2007, p. 342.

respectivas edições, a saber, a terceira e a quarta edição? Além do mais não havia até o momento outras edições da Harpa Cristã com música além da edição de 1929.

O próprio Isael de Araújo informa que na mesma época em que foi lançada a Harpa Cristã com música o hinário oficial assembleiano já se encontrava em sua quarta edição²¹¹. Essa informação faz distinção entre as duas harpas assembleianas que passaram a circular a partir de 1932, a Harpa Cristã apenas com a letra das canções e a Harpa Cristã com letra e música. Também é interessante notar que esta notícia confirma o que foi registrado nas duas referências de Araújo, contudo sem solucionar o problema em debate. Por isso, ao olharmos atentamente para as duas citações em destaque veremos que as duas se referem, tão somente, as edições sem música, ou seja, podemos descartar a hipótese de que uma das edições mencionadas nas duas citações anteriores corresponderia a edição da Harpa Cristã musicalizada.

A julgar tudo o que já vimos até o momento podemos considerar que a proposta do equívoco acidental, que encontramos nas obras de Isael Araújo, é a perspectiva que mais coaduna com as informações até aqui apresentadas. Logo, mesmo que não fosse o costume, é perfeitamente possível que tanto a terceira quanto a quarta edição da Harpa Cristã pudessem ter sido publicadas no mesmo ano, com algumas ressalvas é claro. Reconsiderando e corrigindo as informações coletadas nas duas citações de Araújo, acreditamos que a terceira edição da HC que foi lançada em janeiro de 1932 e não a quarta como afirmou o autor, esta última edição, provavelmente, foi publicada ao final do mesmo ano, uma vez que a diferença entre as duas são de apenas 58 hinos, o que é pouco, se compararmos a relação de canções nas edições anteriores.

Ainda assim, o curto espaço de tempo entre essas duas edições foi o suficiente para proporcionar experiências além do esperado, pois além da incorporação de novos hinos a quarta edição da Harpa Cristã também foi capaz de promover alguns ferrenhos debates doutrinários entre a liderança assembleiana da época. Enquanto se esperava dos seus versos apenas a fundamentação da doutrina pentecostal e o auxílio na condução do canto congregacional assembleiano, as letras de algumas dessas canções geraram dúvidas quanto a compreensão teológica da denominação na mais recente edição de seu hinário oficial. Como vimos, isso acarretou na abertura

²¹¹ ARAÚJO, 2007, p. 342.

de uma nova denominação que fora fundada em dezembro de 1932, data que se encontra dentro dos prazos de publicação das duas edições do hinário assembleiano.

Existe ainda outra forma de confirmar o ano de lançamento desta edição do hinário assembleiano. Ao contrário do convencional a referência está no frontispício desta edição, esse pequeno detalhe serve como prova para datarmos com precisão o ano de seu lançamento, além disso temos nela o acréscimo da seguinte informação: “4ª edição corrigida e aumentada”, o que indica o leve aumento de hinos em relação à edição anterior. Mais tarde foram reimpressos quatro mil exemplares desta edição, presumivelmente, para suprir a quantidade de pedidos frente o “insuficiente” número de hinários impressos, pois pelo que parece, todas as primeiras dez mil impressões desta edição foram diluídas do estoque. Aliás, o menor valor de um exemplar desta quarta edição foi vendido ao preço de três mil réis, segundo os valores da época²¹².

Para a quinta edição da Harpa Cristã também foram preparados um número bem alto de impressões, uma vez que foram elaborados oito mil exemplares para a sua distribuição e venda, além do mais, como nas edições anteriores, o número de hinos editados também foi ampliado chegando ao total de 512 cânticos, 54 hinos a mais que à edição anterior. Com o passar do tempo novas edições foram superando as anteriores sempre com algumas modificações, mas agora impressas pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus, a CPAD²¹³, até que no ano de 1941 a Harpa Cristã chegou a marca de 524 canções, 12 hinos a mais em relação à quinta edição. Ao longo do tempo esta edição acabou obtendo certa predileção entre os/as assembleianos/as, tornando-se por várias décadas a versão favorita da denominação.

Não há dúvidas que essa foi a edição da Harpa Cristã, versão com 524 hinos, que permaneceu por mais tempo conectando a memória coletiva das Assembleias de Deus²¹⁴. Foram exatos 51 anos entre 1941 a 1992 período no qual o hinário oficial assembleiano não sofreu quaisquer mudanças quanto a inserções de novos hinos como também na ordem dos seus cânticos. Por esta “estagnação”, esta edição tornou-se, entre todas as edições anteriores, o hinário que permaneceu por mais tempo no

²¹² VINGREN, 2009, p. 127.

²¹³ A CPAD surgiu com o início da redação do jornal *Mensageiro da Paz*, jornal oficial das Assembleias de Deus. Este periódico surge como resultado das discussões conciliares de 1930 em Recife (PE), onde se decidiu pela fusão de dois antigos jornais, o *Boa Semente* de Belém e o *Som Alegre* do Rio de Janeiro. ARAUJO, 2007, p. 165.

²¹⁴ FAJARDO, 2017, p. 176.

imaginário da denominação, inclusive foi considerada a versão tradicional e que mais contribuiu com a consolidação da identidade pentecostal e doutrinária da Assembleia de Deus brasileira e de outras denominações oriundas do assembleianismo nacional, membros que até hoje consideram adendo os hinos inseridos em sua atual edição²¹⁵.

Além do mais, da mesma forma que sucederia em qualquer outro hinário em construção, cada nova versão da Harpa Cristã que chegava às mãos do público assembleiano era marcada por um número cada vez maior de canções, se comparada à edição anterior, contudo com uma cifra cada vez menor de adições. Fica fácil de perceber este detalhe se compararmos a primeira edição do hinário com as versões posteriores até a edição tradicional e mais popular. Podemos afirmar com isso que gradativamente a incorporação de novos materiais hínicos que representassem a denominação estaria beirando ao fim e uma futura “canonização” da Harpa Cristã se aproximava. Isso demonstra a compreensão de que chegaria o tempo em que seu hinário oficial poderia ser encerrado e a quantidade de hinos considerada suficiente.

Das poucas e específicas modificações que foram ocorrendo ao longo de todo este período de “estagnação” do hinário assembleiano não foram efetuadas na quantidade de hinos ou em sua ordem, na verdade as mudanças que ocorreram não sucederam no hinário com letra, mas sim na Harpa Cristã com música onde ocorreram mudanças na altura das notas musicais em diversos hinos que eram executados com tons mais altos e que tiveram suas notas transpostas para tons mais acessíveis ao canto congregacional. Estas inúmeras revisões foram sendo realizadas gradualmente até que todas elas fossem revisadas²¹⁶. De resto, a edição tradicional da HC, como afirma Maxwell Fajardo, foi responsável pela preservação das ideias e da doutrina assembleiana oriundas das primeiras décadas da denominação em solo brasileiro²¹⁷.

Contudo, não podemos rotular de “estagnação” este meio século de inatividade no tocante a inserção de novos cânticos, do contrário, compreendemos que esse tempo foi bastante proveitoso e até mesmo vantajoso para a membresia assembleiana que naturalmente imaginava que seu hinário oficial tivesse sido encerrado. Este seria

²¹⁵ Mesmo sendo uma canção deveras conhecida, apreciada e cantada pelo público assembleiano atualmente, o hino de número 525 (Vencendo vem Jesus), para muitos/as assembleianos/as, ainda é considerado um adendo (acréscimo), assim como os demais 115 hinos (526 a 640) que foram acrescentados no hinário assembleiano a partir da primeira metade da década de 1990, hinos que fazem parte da Harpa Cristã atualizada.

²¹⁶ ARAÚJO, 2007, p. 342.

²¹⁷ FAJARDO, 2017, p. 176.

um sinal bastante positivo, pois seria a oportunidade de se ter em mãos, e, por muito mais tempo, um material acabado sem que houvesse a necessidade de adquirir uma versão com novos hinos, como acontecia regularmente. Foi durante esse período que iniciaram as discussões acerca da necessidade de uma atualização no acervo assembleiano, a princípio apenas na letra e na música, mas posteriormente na adição de ‘novas canções’ principalmente aquelas que já rondavam o contexto assembleiano.

Estas “novas canções” eram formadas por um conjunto de hinos que aos poucos foram sendo introduzidos no culto assembleiano e por um bom tempo continuaram a ser entoados paralelamente a sua hinologia oficial, mas não faziam parte dela, eram hinos que foram aceitos pela denominação seja por sua aprovação no contexto evangélico, seja por sua letra, que semelhantemente aos hinos da Harpa Cristã cantavam as doutrinas pentecostais. Com o tempo estes hinos alcançaram maior credibilidade, mas ainda como músicas secundárias e eram comumente rotuladas, como até hoje são, de “hinos avulsos”²¹⁸, estes hinos nada mais eram do que “canções extra-hinário interpretadas individualmente ou por conjuntos vocais”²¹⁹. A seguir destacamos uma citação que apresenta o uso destes hinos nos cultos assembleianos.

Qualquer pessoa que visita uma congregação da Assembleia de Deus rapidamente constata que esta é uma igreja que ama cantar. [...] Mesmo nas mais humildes congregações, onde não há recursos [...] encontramos violões, sanfonas, cavaquinhos e outros instrumentos mais populares, a animar os cultos no acompanhamento dos hinos oficiais e de outras composições denominadas “hinos avulsos”. Grupos de cantores e músicos em conjuntos, orquestras e bandas emprestam sua valiosa cooperação aos cultos²²⁰.

Com isso, após mais de meio século sem modificações relevantes o hinário assembleiano voltou a receber a atenção especial de seus responsáveis diretos. Este cuidado, a princípio, foi motivado por uma proposta de revisão do acervo, mas culminou com a introdução dos tão conhecidos “hinos avulsos” o que ocasionou no

²¹⁸ Fajardo comenta acerca do culto padrão assembleiano, algo bastante comum em muitas congregações das AD's no Brasil, sem generalizações, é claro. Durante a liturgia, principalmente dos ministérios mais “clássicos”, a execução de dois ou mais hinos da Harpa Cristã, imutavelmente no início do culto, é algo indispensável e está ligado a uma das marcas da tradicionalidade assembleiana. Apenas depois da execução das tradicionais canções do hinário oficial que se abre oportunidade para os chamados “hinos avulsos”, que podem ser entoados individualmente ou por conjuntos vocais. FAJARDO, 2017, p. 176, 177.

²¹⁹ FAJARDO, 2017, p. 176.

²²⁰ SANTANA, 2016, p. 15.

surgimento de uma nova edição do hinário após anos de desinteresse por acréscimos e revisões. Nesta nova edição encontramos uma declaração relevante, uma breve explicação acerca das músicas que foram inseridas e que comumente já eram cantadas nas diversas congregações assembleianas do país, canções que, oficialmente, não faziam parte da Harpa Cristã, mas eram hinos “que há várias décadas fazem parte do louvor de nossas igrejas, mas não constavam no hinário”²²¹.

Prosseguindo com as mudanças que foram ocorrendo na Harpa Cristã, voltamos para os detalhes históricos da retomada editorial do hinário assembleiano. Por longos anos a HC se limitou apenas a sucessivas reimpressões, porém, urgia o tempo de uma nova revisão nas letras e nas músicas de suas canções, essas correções sucederam a partir de 1979, revisões que se deram em resposta a uma resolução prescrita pela Assembleia Geral Ordinária da CGADB realizada em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS), neste encontro o Conselho Administrativo da CPAD, responsável pela editoração e publicação do hinário assembleiano por ser detentora dos direitos autorais da Harpa Cristã, acatou a proposta apresentada pelo pastor Adilson Soares da Fonseca que sugeriu uma revisão mais acurada das canções do hinário na época.

Para realização desta empreitada foi constituída uma comissão formada por pastores destacados, além de alguns poucos profissionais habilitados, juntos, estes se tornaram os responsáveis por conduzir aquela que seria a primeira revisão geral da Harpa Cristã que se tem notícia chancelada pela Assembleia de Deus, esta comissão editorial se dedicou, por alguns anos, em revisar as 524 letras do seu hinário e suas respectivas músicas, uma tarefa que foi desempenhada no decorrer de treze anos, desde 1979 até o ano de 1992. Esse foi o segundo grande exame revisional dado pela AD que reconheceu a necessidade de um exame musical e literário em seu acervo de hinos, tendo em vista a atuação litúrgica da Harpa Cristã no movimento pentecostal ao longo de quase seis décadas de sua circulação no território nacional²²².

Dos pastores que foram convocados inicialmente para este fim citamos: Paulo Leivas Macalão, Túlio Barros Ferreira²²³, Nicodemos José Loureiro, Antônio Gilberto e João Pereira, outros também auxiliaram a comissão neste serviço, entre os quais

²²¹ HARPA CRISTÃ, 2010.

²²² ARAÚJO, 2007, p. 342.

²²³ Túlio Barros Ferreira (1921-2007), evangelista, pastor, ensinador, antigo dirigente de Assembleias de Deus no Acre, Rondônia e Rio de Janeiro, ex-presidente da CGADB. ARAÚJO, 2007, p. 311.

podemos citar os pastores Gustavo Frederico Kessler²²⁴ e Joanyr Ferreira de Oliveira²²⁵, por exemplo. O pastor e jornalista Joanyr Oliveira, provavelmente, foi chamado muito mais pela experiência que possuía com os versos, uma vez que era considerado um dos mais renomados poetas da literatura evangélico-pentecostal de sua época. Não se pode deixar de notar que essa tarefa de revisão se desenvolveu com certo teor amadorista, uma vez que a maioria das pessoas convocadas para esta missão era formada apenas por pastores sem muita experiência musical e gramatical.

Outros nomes também podem ser acrescentados nesta vasta lista de obreiros assembleianos, em virtude de terem colaborado de alguma forma em algum momento desta longa empreitada, entre eles estão os pastores: Manoel Luís Filho, Graciliano Gomes A. Filho, Cyro Mello, Horácio da Silva Jr, Antonio Mardônio Nogueira, Geremias do Couto²²⁶ e Alcebíades Pereira de Vasconcelos²²⁷. Boa parte destes pastores integraram o último grupo que auxiliou na revisão final dos hinos da Harpa Cristã. Outro personagem importante nesta tarefa foi o pastor Nemuel Kessler²²⁸, que na época, em 1984, acabara de assumir a diretoria de publicações da CPAD, deste modo, uma de suas primeiras decisões foi exigir a retomada dos trabalhos de revisão do hinário assembleiano, tarefa que estava paralisada por pelo menos cinco anos²²⁹.

Aí está um dos motivos da lentidão nos trabalhos revisionais do hinário assembleiano, uma vez que essa empreitada demorou mais de uma década para ser realizada. Além disso, no sentido técnico-musical esta atividade revisional contou com poucos especialistas, pois a equipe editorial contava muito mais com a participação de pastores do que de uma equipe com formação teórica e especializada. Apesar

²²⁴ Gustavo Frederico Kessler (1912-1995), pastor pioneiro de congregações da Assembleia de Deus no Rio de Janeiro, antigo secretário da CGADB, comentarista de Lições Bíblicas da escola dominical, ex-funcionário e articulista de periódicos da CPAD. Licenciado em Letras, nas modalidades Português e Língua Portuguesa. ARAÚJO, 2007, p. 410, 411.

²²⁵ Joanyr Ferreira de Oliveira (1933-), jornalista, escritor, poeta, compositor e advogado, ex-diretor de publicações da CPAD, colunista do Mensageiro da Paz e de A Seara, pastor da Assembleia de Deus em Goiás e Distrito Federal. ARAÚJO, 2007, p. 524.

²²⁶ Geremias dos Santos Couto (1954-), pastor, escritor, articulista, comentarista de lições bíblicas, conferencista de grandes eventos e membro de vários órgãos da CGADB. ARAÚJO, 2007, p. 230.

²²⁷ Alcebíades Pereira de Vasconcelos (1914-1988), foi um pastor, teólogo, antigo diretor de publicações da CPAD e líder das Assembleias de Deus em diversos estados brasileiros. Chegou a presidir a CGADB no período entre 1987 e 1988. Pastor Alcebíades ou apenas APV como era carinhosamente conhecido na cidade de Manaus onde pastoreou em duas oportunidades em 1948 e 1972. VASCONCELOS, 2003, p. 65, 93, 101.

²²⁸ Nemuel Kessler (1940-), pastor, escritor, ex-secretário-adjunto da CGADB e ex-diretor de publicações da CPAD. ARAÚJO, 2007, p. 411.

²²⁹ CPAD. Disponível em: <http://www.harpacrista.com.br/historia.php?i=6>. Acesso em: 11 de julho de 2018.

disso dentre os membros do corpo editorial dois nomes são mencionados como especialistas em suas áreas de atuação, a saber, João Pereira e Gustavo Kessler. O primeiro se tornou responsável pela correção e adaptação das músicas da HC, já Gustavo Kessler, mesmo sendo pastor, se ocupou na revisão das letras, em virtude de sua formação em Letras e de sua vasta experiência nesta área do conhecimento²³⁰.

Entretanto, o trabalho da comissão não se limitou apenas a revisão das músicas e das letras da hinódia pentecostal, mas também envolveu a adição de novos hinos que foram somados aos que já faziam parte do acervo assembleiano, além do mais, uma diferente sequência numérica foi preparada para essa nova versão e distribuída em seis grandes eixos temáticos. Para essa nova edição foram preparados 104 novos hinos, que somados as canções do hinário tradicional trouxe à tona a *Harpa Cristã atualizada* que foi lançada ao público pentecostal no ano de 1992 com um total de 628 hinos. No entanto, essa mudança não agradou a maior parte da membresia assembleiana que ainda preservava em sua memória afetiva a sequência numérica da edição anterior e acabou optando pela manutenção do cancionário tradicional²³¹.

A adição de novos hinos nunca foi um problema para os/as assembleianos/as, uma vez que estavam acostumados com este ritmo em seu mais popular cancionário. O hinário sempre foi de fácil manuseio, assim como a busca pelas canções e suas numerações, tendo em vista que os hinos que iam sendo adicionados eram sempre acrescentados no final do hinário, o que não causava qualquer tipo de interferência nas numerações anteriores. A única exceção foi a que ocorreu na década de 1990 com a *Harpa Cristã atualizada*, conforme comentamos a pouco, esta foi a única edição da Harpa Cristã que ofereceu uma nova numeração aos hinos que vingavam por décadas e por este motivo foi desprezada, uma vez que modificou o número e a ordem dos hinos que marcaram a identidade musical assembleiana ao longo de setenta anos.

A preferência pela permanência da antiga sequência numérica na atual Harpa Cristã, sugeriu uma nova revisão e readequação de seu hinário que muito pode ser explicada devido a força da memória popular da membresia assembleiana que via em muitos de seus hinos e sua respectiva numeração a recordação de boas lembranças e experiências advindas do entoar destas canções em várias ocasiões como fielmente

²³⁰ ARAÚJO, 2007, p. 342.

²³¹ ARAÚJO, 2007, p. 342; FAJARDO, 2017, p. 179.

representam Gedeon Alencar e Maxwell Fajardo, respectivamente. “Faz parte da natureza assembleiana situar sua vida a partir dos números dos hinos: ‘aceitei Jesus quando ouvi o 330’; ‘no meu batismo cantaram o 412’”²³². “Frases como ‘me converti quando ouvi o hino 15’, ou ‘naquela ocasião cantei o 467’, ou ‘minha igreja foi inaugurada ao som do 212’ são comumente ouvidas nos círculos assembleianos”²³³.

Perante a rejeição da *Harpa Cristã atualizada* somado ao sentimento de saudosismo se fez necessário uma segunda convocação da comissão editorial, em virtude de se ver em uso nos círculos assembleianos a antiga e a nova edição²³⁴. Por isso, para assegurar o uso do hinário tradicional e agradar ao seu público exigente foi necessário manter a ordem numérica convencional dos primeiros 524 hinos, inserindo logo após essa ordem as 104 canções preparadas para a *Harpa Cristã atualizada* e complementando esta lista com mais doze músicas, perfazendo um total de 116 novos hinos. Esta segunda revisão do hinário pentecostal deu origem a atual *Harpa Cristã ampliada*, publicada quatro anos mais tarde, em 1996, uma edição que até hoje é conhecida por seus 640 títulos, tudo isso após dezessete anos de extensa revisão.²³⁵

Apesar da conclusão dos trabalhos e do surgimento da mais nova versão do hinário assembleiano, o lançamento oficial deste hinário só se deu três anos mais tarde durante a 34ª Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil que ocorreu na cidade de São Paulo entre os dias 11 a 15 de janeiro de 1999²³⁶. Durante as assembleias convencionais, a CPAD promoveu o lançamento da Harpa Cristã ampliada além de outros materiais de interesse litúrgico-institucional, entre eles o Manual da Harpa Cristã (MHC) que nada mais é do que um livro de orientação litúrgica para a membresia assembleiana que fora elaborado pelo pastor Claudionor Corrêa de Andrade²³⁷, o manual foi produzido com uma finalidade, auxiliar a liturgia do culto pentecostal, sugerindo canções da Harpa Cristã para inúmeras ocasiões litúrgicas²³⁸.

²³² ALENCAR, 2013, p. 210.

²³³ FAJARDO, 2017, p. 179.

²³⁴ ALENCAR, 2013, p. 210.

²³⁵ ARAÚJO, 2007, p. 342.

²³⁶ ARAÚJO, 2007, p. 213.

²³⁷ Claudionor Corrêa de Andrade (1955-), pastor da Assembleia de Deus, escritor, conferencista e comentarista da revista *Lições Bíblicas* da escola dominical publicada pela CPAD. ARAÚJO, 2007, p. 20.

²³⁸ CPAD. Disponível em: <http://www.harpacrista.com.br/historia.php?i=6>. Acesso em: 11 de julho de 2018.

Atualmente, a Harpa Cristã se encontra com os mesmos 640 hinos em seu acervo e não sabemos, até o momento, de nenhuma outra significativa mudança ocorrida ao longo destes vinte e quatro anos após as últimas alterações que ocorreram na década de 1990, e pelo que se percebe tampouco pode-se esperar que haja outra atualização ou introdução de novos hinos como ocorrera no passado. Sabe-se que a Assembleia de Deus por intermédio da sua casa publicadora tem buscado a cada dia consolidar o hinário oficial assembleiano como instrumento nacional da hinologia pentecostal por intermédio da divulgação e venda deste produto, procurando estimular a geração do século 21 a buscar interesse no cancioneiro que está perto de completar seu primeiro centenário. Esse desafio tem sido bastante árduo como veremos adiante.

Por enquanto citamos apenas algumas características encontradas nas canções da *Harpa Cristã ampliada*, pois nela foram inseridos alguns hinos pátrios, músicas que estão entre as últimas canções do hinário e são elas: O Hino à Bandeira Nacional (637), o Hino Nacional Brasileiro (638), o Hino da Independência (639) e o Hino da Proclamação da República (640). Uma explicação para a inserção de hinos pátrios pode se dar pela identificação com a nação e seu sentimento patriótico, mas é mais provável que seja pelo fácil acesso a estes hinos nacionais, uma vez que a entrada e/ou hasteamento das bandeiras, nacional, estadual, municipal e denominacional, além do entoar do Hino Nacional Brasileiro é bastante comum nas comemorações de aniversário das congregações locais e de grandes eventos das Assembleias de Deus.

Outra singularidade encontrada na Harpa Cristã diz respeito a três melodias estrangeiras que foram inseridas no hinário assembleiano, melodias que foram extraídas de hinos nacionais de outros países, a saber, o hino 40 intitulado '*Cidade de Deus*' segue a mesma melodia do hino nacional alemão, já o hino 185 nomeado de '*Invocação e Louvor*', mantém a mesma melodia do hino nacional britânico, além desses dois hinos, um terceiro também foi inspirado numa melodia estrangeira e é um dos hinos mais apreciados nos círculos assembleianos, qual seja, o hino 212 que foi inspirado no hino nacional das Ilhas Fiji. Há ainda pelo menos um bocado de canções de outros hinários nacionais, como o *Salmos e Hinos*, do *Cantor Cristão* e do *Hino de Louvores e Súplicas a Deus*, hinário que pertence a Congregação Cristã no Brasil.

Com o transcorrer do tempo a Harpa Cristã foi ganhando forma e notabilidade e bem podemos atribuir o seu atual formato aos muitos/as compositores/as,

tradutores/as e editores/as do hinário assembleiano. Um dos grandes contribuintes na composição deste hinário foi o missionário Samuel Nyström que traduziu inúmeras canções para o hinário oficial assembleiano tendo traduzido muitas dessas canções diretamente da vasta hinódia de tradição escandinava. Entre os mais conhecidos cancioneiros desta tradição que influenciaram na formação da Harpa Cristã podemos citar os hinários suecos Svenska Söndagsskolsångbok de 1929²³⁹ e Segertoner de 1930²⁴⁰, por exemplo²⁴¹. No entanto, o pouco conhecimento que Nyström possuía da língua portuguesa o forçou a traduzir muitas canções praticamente ao pé da letra²⁴².

Neste caso, a literalidade com que estes hinos foram traduzidos por Nyström, entre outros/as tradutores/as não contribuiu muito para uma harmonia entre a letra e a música no hinário assembleiano, por isso foi necessário que o pastor e músico Paulo Leivas Macalão²⁴³ empreendesse a tarefa de adaptação dos textos às suas músicas, tornando-se por este feito, o principal adaptador do hinário assembleiano. Não é à toa que as iniciais *P.L.M* são bem conhecidas dos/as assembleianos/as e não precisa se esforçar muito para encontrar estas iniciais no rodapé de algumas das 244 canções que foram atribuídas a Paulo Macalão, mesmo que na maioria dos casos esses hinos não se tratassem de composição, mas de tradução e/ou adaptação, assim é possível explicar a farta aparição das iniciais de Macalão na coletânea oficial assembleiana.

Além do mais, assim como vários outros hinários evangélicos no Brasil, o hinário assembleiano ficou bastante conhecido pela diversidade de suas canções, mas da mesma forma por seus/suas compositores/as, pois foi escrita por pessoas de várias confissões evangélicas, nacionalidades e épocas distintas, além de apresentar a sua maior peculiaridade, a pentecostalidade assembleiana. Por esta razão, Maxwell

²³⁹ O Svenska Söndagsskolsångbok (Cancioneiro da Escola Dominical Sueca) é um cancionário sueco composto por 300 canções e criado em 1929. Este hinário teve como antecessor o livro homônimo publicado em 1908 que era composto por 350 hinos. SVENSKA Söndagsskolsångbok. Disponível em: [https://psalmerna-se.translate.google.com/Wiki/index.php?title=Svensk_s%C3%B6ndagsskols%C3%A5ngbok_\(1929\)&_x_tr_sl=sv&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc](https://psalmerna-se.translate.google.com/Wiki/index.php?title=Svensk_s%C3%B6ndagsskols%C3%A5ngbok_(1929)&_x_tr_sl=sv&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc). Acesso em: julho de 2019.

²⁴⁰ O Segertoner (Tons de vitória) é um cancionário do movimento pentecostal sueco, publicado desde 1914 em versões gradualmente expandidas. O hinário teve Lewi Petrus como editor-chefe na edição de 1930 e também contou com Paul Ongman como membro da equipe editorial. SEGERTONER sångbok. Disponível em: <https://psalmerna.se/Wiki/index.php?title=Segertoner>. Acesso em: 20 de julho de 2019.

²⁴¹ ARAÚJO, 2007, p. 758.

²⁴² ARAÚJO, 2007, p. 342, 497.

²⁴³ Paulo Leivas Macalão (1903-1982). Evangelista, músico, compositor, pastor, fundador do Ministério da Assembleia de Deus de Madureira e antigo líder nacional da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. ARAÚJO, 2007, p. 437.

Fajardo classificou em quatro tipos a edição mais popular da Harpa Cristã entre o público assembleiano, esses quatro agrupamentos de hinos correspondem a uma análise geral e não sequencial das 524 canções, hinos que são formados por: 1. Traduções de hinários norte-americanos; 2. Traduções de hinários suecos; 3. Versões brasileiras de melodias estrangeiras, e, por último; 4. Letras e músicas originais²⁴⁴.

Podemos ainda destacar o diferencial proporcionado pela denominação na instrumentalização da Harpa Cristã como uma ferramenta que tornou possível a consolidação nacional da hinologia pentecostal. Pois esta consolidação só foi possível mediante uma característica imprescindível, o fato de cada pessoa assembleiana ter a liberdade de possuir e manusear seu próprio exemplar do hinário, seja para levá-lo a congregação ou para qualquer outro lugar que pretendesse ir. Do contrário, essa tendência marcante entre a membresia assembleiana não é um aspecto observado por outras denominações evangélicas mais tradicionais, sejam nacionais, europeias ou norte-americanas onde é mais comum ver os exemplares dos seus hinários disponíveis no templo para toda comunidade utilizá-lo apenas no momento litúrgico²⁴⁵.

Entretanto, a instrumentalização da HC se tornou uma marca não apenas para as AD's, mas inclusive para o movimento pentecostal como um todo, uma vez que várias gerações de pessoas cristãs e pequenas denominações pentecostais viram no hinário sua identificação doutrinária. Este público cada vez mais crescente de pessoas pentecostais acabou por despertar o interesse de um mercado que passou a negociar uma harpa similar, uma cópia fiel da Harpa Cristã e que pode ser encontrada no mercado gospel sob os títulos, "Harpa Avivada e Corinhos", "Harpa Pentecostal" entre outros. Um hinário genérico que se serve da hinologia assembleiana acrescentando-lhes somente alguns "corinhos", hinos comuns a toda comunidade evangélica, como propaganda este hinário afirma ser um "Hinário adotado nas igrejas pentecostais"²⁴⁶.

Mesmo assim, a Harpa Cristã foi sendo aperfeiçoada para servir com maior amplitude e comodidade o público assembleiano, mas também os diversos grupos de pentecostais que até hoje se servem dos seus cânticos, entretanto, os/as maiores interessados/as por uma versão do hinário com letra e música foram aqueles/as responsáveis pela condução do canto durante o culto pentecostal, especialmente as

²⁴⁴ FAJARDO, 2017, p. 179.

²⁴⁵ ARAÚJO, 2007, p. 342.

²⁴⁶ ALENCAR, 2013, p. 210.

congregações da Assembleia de Deus que se serviam de orquestras. Por este motivo, percebemos nos registros históricos oficiais da denominação que a liderança assembleiana não tardou em apresentar uma versão do hinário musicalizado, assim surgiram a partir do ano de 1929, as primeiras tentativas de apresentar a Harpa Cristã com letra e música, história que apresentaremos com maiores detalhes mais adiante.

Para complementar e finalizar essa etapa da pesquisa e com o propósito de proporcionar uma maior compreensão acerca do desenvolvimento histórico da hinologia pentecostal-assembleiana²⁴⁷, preparamos um esquema abreviado que apresenta, de forma breve e contínua, os principais cancionários analisados até aqui com suas respectivas edições, hinários que foram de alguma forma utilizados e/ou produzidos pela liderança assembleiana entre os anos de 1917 até 1996, um período de quase oitenta anos que se iniciou com a elaboração dos primeiros hinários produzidos pelas mãos dos pioneiros-fundadores, passando pela elaboração e utilização do Cantor Pentecostal, pelo surgimento e oficialização da Harpa Cristã, pelo excuro do Saltério Pentecostal até chegar a formação do atual hinário assembleiano.

HINÁRIOS NA ASSEMBLEIA DE DEUS ENTRE 1917 À 1996						
HINÁRIO	EDIÇÃO	ANO	Nº DE HINOS	EXEMPLARES	LOCAL	EDITOR
SEM NOME ESPECÍFICO	EDIÇÃO ÚNICA	1917	24	1	BELÉM (PA)?	GUNNAR VINGREN E DANIEL BERG
SEM NOME ESPECÍFICO	EDIÇÃO ÚNICA	1917	194	1?	BELÉM (PA)	GUNNAR VINGREN E DANIEL BERG
CANTOR PENTECOSTAL	1ª	1921	44 HINOS E 10 CORINHOS	?	BELÉM (PA)	ALMEIDA SOBRINHO
HARPA CRISTÃ	1ª	1922	100	1.000	RECIFE (PE)	ADRIANO NOBRE

²⁴⁷ *Pentecostal-assembleiano/a* é um conceito que será largamente utilizado nesta pesquisa para representar um conjunto de ideias, crenças, costumes, doutrinas, forma de governo e representações que caracterizam a Assembleia de Deus no Brasil. Sabendo que a AD é a maior representante do movimento pentecostal brasileiro, porém não é a única, perdendo sua hegemonia por volta da década de 1950. Por isso suas peculiaridades devem ser distintas de outras igrejas pentecostais que podem até manter o mesmo esquema teológico, mas divergem em outros aspectos aqui citados.

HARPA CRISTÃ	2ª	1923	300	3.000	RIO DE JANEIRO (RJ)	ADRIANO NOBRE
SALTÉRIO PENTECOSTAL	EDIÇÃO ÚNICA	1931	220/221? 6 COROS	?	RIO DE JANEIRO (RJ)	GUNNAR VINGREN
HARPA CRISTÃ	3ª	1932	400	5.000	RIO DE JANEIRO (RJ)	SAMUEL NYSTRÖM
HARPA CRISTÃ	4ª	1932 ?	458 ²⁴⁸	10.000 + 4.000	RIO DE JANEIRO (RJ)	SAMUEL NYSTRÖM
HARPA CRISTÃ	5ª	?	512	8.000	RIO DE JANEIRO (RJ)	SAMUEL NYSTRÖM?
HARPA CRISTÃ	6ª	?	512	?	RIO DE JANEIRO (RJ)	SAMUEL NYSTRÖM?
HARPA CRISTÃ	7ª	1937	512	?	RIO DE JANEIRO (RJ)	SAMUEL NYSTRÖM?
HARPA CRISTÃ ²⁴⁹	8ª	1939	512?	?	RIO DE JANEIRO (RJ)	SAMUEL NYSTRÖM?
HARPA CRISTÃ COM MÚSICA ²⁵⁰	1ª	1941	524	?	RIO DE JANEIRO (RJ)	CPAD
HARPA CRISTÃ	HC ATUAL. ²⁵¹	1992	628	?	RIO DE JANEIRO (RJ)	CPAD
HARPA CRISTÃ	HC AMP. ²⁵²	1996	640	?	RIO DE JANEIRO (RJ)	CPAD

Tabela 1 - Hinários na Assembleia de Deus entre 1917 à 1996
Fonte: Tabela elaborada pelo autor

²⁴⁸ Edição com 11 corinhos. ARAÚJO, 2007, p. 342.

²⁴⁹ Edição conhecida como "8ª Edição Reformada da Harpa Cristã".

²⁵⁰ Primeira edição com música autorizada pela CGADB e organizada pela CPAD.

²⁵¹ Harpa Cristã Atualizada.

²⁵² Harpa Cristã Ampliada.

2.4.1 A Harpa Cristã com música²⁵³

Separamos este item para analisá-lo a parte, mas não podemos desconectá-lo do seu contexto maior. Assim, pretendemos continuar e aprofundar nossa reflexão histórica sobre a Harpa Cristã, mas agora e especificamente acerca do hinário com música. Sabemos que a AD, desde seu início, se mostrou preocupada e ocupada com a música sacra, buscando apresentar subsídios que auxiliassem na formação e capacitação de sua membresia para a prática do canto congregacional e de maneira bem executada. Prova disso é a origem da HC em 1922, que antes de ser declarada como hinário oficial para a AD, chegou a ser antecedida por outros hinários, como o *Salmos e Hinos*, os cadernos de música preparados por Vingren e Berg em 1917, além do *Cantor Pentecostal* em 1921, informações já contempladas nesta pesquisa.

Para além de sua coletânea oficial, outro item indispensável e que sem dúvida se tornou uma das maiores marcas da dedicação assembleiana pela música bem arranjada foi a produção da cópia do seu hinário acrescido da música. Ademais, a história assembleiana é repleta de situações que demonstram claramente o lugar da música bem executada e muitas vezes profissional no contexto pentecostal. Uma citação extraída da obra de Emílio Conde apresenta uma informação relevante que serve como ilustração para fundamentar o interesse da liderança assembleiana das primeiras gerações no tocante a música harmoniosa. “Nos dias 31 de outubro a 14 de novembro de 1937, Camocim hospedou a Escola Bíblica que oferecia aos alunos os seguintes cursos: Estudo da Bíblia, solfejo de música, Geografia Bíblica, etc.”²⁵⁴.

Solfejo é um conceito muito utilizado na música e nada mais é do que a arte de saber ler as notas que estão numa pauta, conferindo ao/a leitor/a a possibilidade de cantar um trecho de música apenas e a partir das notas musicais²⁵⁵. O estudo foi escolhido como curso a ser ministrado em uma Escola Bíblica que ocorreu no ano de 1937, encontro que foi sediado em Camocim, município do Ceará. A Escola Bíblica, sem dúvidas, buscou integrar em seu currículo apenas o que seria interessante para que seus/suas estudantes pudessem pôr em prática. Provavelmente, outros temas também foram abordados, mas foi o estudo sobre o “solfejo de música”, que teve o

²⁵³ A Harpa Cristã com música é assim designada pela casa publicadora da instituição para se referir ao hinário com partitura.

²⁵⁴ CONDE, 2008, p. 127.

²⁵⁵ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5 ed. Curitiba: Positivo, 2010, p. 1972.

destaque de Conde. Por esta e outras razões compreendemos o lugar da música nas Assembleias de Deus, e, principalmente, para a liderança sueca da primeira geração.

Consideramos a Harpa Cristã com música um desdobramento natural do hinário assembleiano com letra, uma ferramenta que inevitavelmente começaria a surgir para aperfeiçoamento do canto congregacional e para atender a demanda e exigências dos instrumentistas e corais que logo começaram a fazer parte da liturgia nas maiores congregações assembleianas do país, uma vez que a liderança sueca se mostrava inclinada para a educação musical de suas comunidades eclesiais. Nota-se então uma profunda dedicação e um alto conceito pela música bem arranjada e inclusive com a utilização de alguns instrumentos incomuns em cultos nos dias de hoje como é o caso do violino, que na época era normalmente instrumentalizado para execução dos cânticos da HC, entre outras canções comumente chamadas de “hinos avulsos”.

O pastor Paulo Leivas Macalão é um exemplo desse vasto universo musical assembleiano, talentoso e exímio musicista, vários registros históricos divulgam e confirmam seus dotes musicais, junto ao seu violino, por muitos anos colaborou com o desenvolvimento da música e do canto congregacional na Assembleia de Deus em São Cristóvão. Além de Paulo Macalão, outros personagens como Gunnar Vingren e sua esposa Frida Vingren, são nomes que constantemente aparecem vinculados a música no ambiente assembleiano. É óbvio que nem todas as congregações assembleianas possuíam essa gama de músicos e instrumentos musicais, em muitos lugares os instrumentos usados na condução da música eram bem simples, tais como o violão, cavaquinho, acordeão, pandeiro e triângulo ou simplesmente a capella²⁵⁶.

É inegável que o uso de um ou outro instrumento musical muitas vezes dependia das regionalidades e costumes característicos de cada região do país e isso quando havia músicos e/ou instrumentos nas congregações locais, porém, mesmo na ausência destes, o que não poderia faltar era um exemplar da HC nas mãos da membresia assembleiana, o hinário que por muitos anos se tornou o único e sempre presente instrumento utilizado para conduzir a liturgia pentecostal. Além do mais, diversos outros nomes não poderiam ser esquecidos neste processo de construção da hinologia assembleiana, indivíduos que se tornaram vultos da música pentecostal

²⁵⁶ ARAÚJO, 2007, p. 497.

colaborando direta ou indiretamente com a música sacra na AD, além de contribuírem para a idealização da HC com música através da introdução e organização dos corais.

Acreditamos que é com a formação dos primeiros corais e orquestras na Assembleia de Deus que os primeiros passos para uma futura concretização do projeto de musicalização²⁵⁷ da Harpa Cristã se tornariam uma realidade, uma vez que algumas habilidades musicais, tais como, a leitura de partituras e saber solfejar seriam as mais básicas competências exigidas daqueles/as que integrassem os grupos de músicos/as e coristas da instituição. Em tal caso, alguns se notabilizaram por buscarem esse profissionalismo na liturgia pentecostal, neste sentido, citamos Julião Silva²⁵⁸, considerado o primeiro assembleiano que se tem notícia, a organizar, em 1926, um coral com dezessete componentes na Assembleia de Deus em Belém²⁵⁹, entre os/as coristas alguns nomes conhecidos, tais como Lina e Samuel Nyström²⁶⁰.

Estas transformações que ocorreram no cenário litúrgico pentecostal a partir da segunda metade da década de 1920 demandaram uma maior atenção da liderança sueca dispensada a Harpa Cristã, em virtude de seu aparente atraso frente a modernização do aparato musical assembleiano, uma vez que se esperasse que a Harpa Cristã acompanhasse, simultaneamente, o crescimento do número de corais e orquestras nas congregações locais assembleianas. Com isso, a introdução da partitura musical no hinário assembleiano proporcionou um desenvolvimento sincronizado entre o hinário oficial e o profissionalismo musical nas Assembleias de Deus brasileiras. Assim, foi com a inclusão dos primeiros corais e das orquestras na liturgia assembleiana que a Harpa Cristã foi aperfeiçoada visando sua musicalização.

Além do primeiro coral em Belém organizado em 1926, temos ainda o relato do trabalho realizado pelo missionário Jahn Sörheim no ano de 1928 quando este servia

²⁵⁷ Aqui o termo musicalização deseja comunicar o processo de inserção da partitura musical nos hinos da Harpa Cristã.

²⁵⁸ Julião Pereira da Silva (1824-1938), pastor e músico, era sargento músico da brigada militar da polícia. Como músico, formou o primeiro coral da AD de Belém que cantou pela primeira vez em 25 de dezembro de 1925, mas foi fundado oficialmente em 28 de outubro de 1926. Participou ativamente da terceira edição da Harpa Cristã, em 1932, pelas músicas que compôs e outras que arranjou, harmonizando-as e escrevendo os primeiros 400 hinos que foram mimeografados. ARAÚJO, 2007, p. 804.

²⁵⁹ Os demais quinze nomes são: Etervina Bloise, Ercília Guimarães, Capitolina Soares, Agostinho Rodrigues, Severina Rodrigues de Carvalho, Ester Ribeiro da Silva, Elvira Freitas, Antonio Mendes Garcia e Alberta Garcia que era organista. Neste mesmo período, Catarino Varjão, que era músico, compositor e maestro, organizou o primeiro coral na AD de São Cristóvão no Rio de Janeiro. ARAÚJO, 2007, p. 498, 893.

²⁶⁰ ARAÚJO, 2007, p. 498.

na AD de Santos (SP). Nesta congregação, Sörheim desempenhou um profícuo trabalho na formação de músicos e na organização de corais, tanto nesta igreja como em outras congregações locais. Seu trabalho até hoje dá resultados e se estende atualmente através da Associação Musical Jahn Sörheim, uma escola de música fundada em 10 de junho de 1988 com o objetivo de possibilitar educação musical para crianças, adolescentes e jovens²⁶¹. Mas foi na década de 1960, que se tornou mais comum em diversas congregações das AD's o equilíbrio entre o canto congregacional e o canto coral, corais que frequentemente eram organizados por idade e por gênero.

Assim, os registros assembleianos apontam para o ano de 1929, um ano histórico para as Assembleias de Deus, pois marca o surgimento da primeira Harpa Cristã com música que se tem notícia, o hinário foi impresso e lançado em Belém na mesma gráfica em que se imprimia o jornal Boa Semente e que na época funcionava à Travessa 9 de Janeiro, 75. Este primeiro hinário com música foi lançado sete anos após o surgimento da Harpa Cristã e foi publicada sob a orientação e supervisão editorial de Samuel Nyström e Julião Silva²⁶². A bem da verdade, este hinário possuía suas particularidades e por isso acabou por se tornar distinto de todos os outros que o sucederam, uma vez que os seus organizadores publicaram uma cópia da Harpa Cristã sem a letra das canções, mas apenas com a música e com o título dos hinos²⁶³.

Mas qual o motivo do primeiro hinário com música da AD não ter sido impresso com a letra dos hinos? Neste caso, deveria haver uma explicação razoável para essa peculiaridade, Isael de Araújo somente informa que não foi possível imprimir a letra com a sua música, sem apresentar maiores explicações ou razões para essa “impossibilidade”. Poderíamos dizer que se tratava de uma coletânea experimental, daí a ausência da letra na harpa, visto que seria apenas um hinário teste para uma

²⁶¹ A Associação Musical Jahn Sorheim foi fundada em 10 de junho de 1988, como resultado do desejo da Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Ministério do Belem, atualmente representada pela pessoa do Pastor Jose Wellington Bezerra da Costa, dos Maestros da Orquestra, Coral e Banda, em oportunizar o acesso ao ensino musical para crianças, adolescentes e jovens por meio da ampliação de suas atividades, oferecendo cursos de música, de instrumentos e encontros de filarmônicas. O Pastor José Wellington, presidente de honra da Associação Musical, dispôs a estrutura da Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Ministério do Belém – Sede para ministração das aulas e eventos. Como instituição sem fins lucrativos, a Associação Musical também busca promover seminários, concertos, atividades culturais ligadas à música, instituir, incentivar e manter grupos corais, orquestras, bandas e conjuntos musicais em geral. Além de promover festivais, palestras e workshop. O que a torna uma importante instituição de ensino à prática musical. AMJSAD. **Associação Musical**. Disponível em: <http://amjsad.com.br>. Acesso em: 18 de janeiro de 2020.

²⁶² Julião Pereira da Silva (1874-1938). Pastor, músico, dirigente da Assembleia de Deus no Pará e antigo pastor da Assembleia de Deus de Fortaleza (CE). ARAÚJO, 2007, p. 803.

²⁶³ ARAÚJO, 2007, p. 342.

posterior impressão, além disso, não podemos negar o aspecto logicamente espesso que o hinário teria, o que poderia onerar sobremaneira o valor atribuído para a sua comercialização. Resumindo, a falta de recursos financeiros deve ter sido o empecilho da inserção da letra junto com a música, entretanto isso também é mera especulação.

A ausência de maiores referências acerca deste hinário é um detalhe a mais a ser observado, pois o que se sabe a seu respeito não é o suficiente para reconstituirmos a sua história, detalhes importantes como a quantidade de hinos que o compunham não aparecem nos registros assembleianos, que embora fossem escassos, não deveriam deixar passar essa informação básica. Podemos, nas entrelinhas da história, tentar nos aproximar da provável quantidade de canções deste hinário, tendo em vista que no ano do seu surgimento a edição da HC que estava em vigor, publicada em 1923, se encontrava em sua segunda edição e contava com uma coletânea de 300 hinos. A carência destas informações acaba tornando este hinário irrelevante para a AD mesmo diante da relevância de sua primazia para a instituição.

Três anos após o surgimento do primeiro hinário assembleiano com música, foi lançado no Rio de Janeiro, em 1932, mais uma obra histórica para a Assembleia de Deus, esta obra semelhantemente a anterior, trazia em seu bojo a música das canções da Harpa Cristã, porém, correspondendo as exigências, trouxe um acréscimo que superou seu antecessor, uma vez que este mais novo cancionário fora impresso com a letra e a música do hinário oficial assembleiano e fora intitulado de *Livro de música da Harpa Cristã*, um livro mimeografado²⁶⁴ que reunia a música de 400 hinos da coletânea assembleiana. Foi nesse período que começaram a circular na Assembleia de Deus duas Harpas com funções distintas, o hinário com música para atender as bandas e coristas e o hinário apenas com letra que já chegava a sua quarta edição²⁶⁵.

Foi somente no ano de 1937 que as mudanças na Harpa Cristã com música passaram a ter a interferência e participação direta da CGADB²⁶⁶, o historiador Emílio Conde considerou esta reunião convencional “uma das melhores Convenções até

²⁶⁴ O mimeógrafo era um antigo instrumento usado para fazer cópias de papel escrito e que, basicamente, utilizava álcool e o papel estêncil, um tipo de papel usado para auxiliar nessas reproduções.

²⁶⁵ ARAÚJO, 2007, p. 342.

²⁶⁶ Convenção que surgiu a partir da necessidade de congregar em encontros periódicos pastores, missionários, evangelistas e demais obreiros. A primeira assembleia geral da CGADB aconteceu entre os dias 5 a 10 de setembro de 1930 em Natal (RN). ARAÚJO, 2007, p. 207, 213.

então realizadas, em razão das resoluções da mesma”²⁶⁷, esse comentário do autor reflete a sua apreciação e juízo de valor em relação à 6ª Assembleia Geral da CGADB sediada em São Paulo e realizada pela denominação até aquela ocasião. É absolutamente natural que um número significativo de discussões pudesse ter mantido os convencionais bastante ocupados durante os quinze dias de intensas reuniões em assembleia, foram no total vinte e duas resoluções discutidas no decorrer da Convenção que se estendeu entre os dias 3 a 17 de outubro do ano supracitado²⁶⁸.

Não obstante, a opinião preservada por Emílio Conde reflete o posicionamento de alguém que foi incumbido para tal serviço, pois dá ênfase a uma resolução em particular, a autorização da publicação do livro *Harpa Cristã com música*. A decisão tomada em assembleia foi a de nomear uma comissão para editar e imprimir o livro de música assembleiano. Os nomeados foram: Emílio Conde, Samuel Nyström, Paulo Leivas Macalão, Jahn Sörheim e Nils Kastberg²⁶⁹, além da colaboração do Dr. Carlos Brito²⁷⁰. Não é sem sentido suspeitar que esta resolução tenha ocorrido durante a Convenção Geral de 1937, uma vez que o pastor Paulo Leivas Macalão se tornara o presidente da CGADB naquele ano. Por ser músico profissional o próprio Pastor Macalão fez questão de integrar a comissão responsável pela publicação do hinário.

Levando em consideração o que apresentamos até o momento, podemos chegar as seguintes conclusões. Pelo que entendemos até aqui, as duas experiências anteriores, a de 1929 e a de 1932, buscaram elaborar um hinário com música da Harpa Cristã, mas se tornaram tentativas “isoladas” e/ou “não oficiais”, mesmo sendo realizadas por pastores assembleianos, uma vez que estas investidas não estavam amparadas por um conselho geral ou pela convenção nacional da denominação. Se levarmos em conta as discussões que ocorreram durante os encontros convencionais da CGADB, veremos que o assunto “Harpa Cristã” só se tornou pauta a ser discutida,

²⁶⁷ CONDE, 2008, p. 267.

²⁶⁸ DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 292.

²⁶⁹ Nils Kastberg (1896-1978). Missionário sueco, evangelista, pastor das Assembleias de Deus de Belo Horizonte (MG) e do Rio de Janeiro (RJ), ensinador, redator do Mensageiro da Paz, comentarista de Lições Bíblicas da escola dominical e escritor. ARAÚJO, 2007, p. 408.

²⁷⁰ Carlos Brito era advogado e foi o primeiro brasileiro a ocupar o cargo de diretor do jornal Mensageiro da Paz, tendo exercido esse cargo de 1934 a 1940, quando foi fundada a Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Também colaborou na revisão da Harpa Cristã quando foi escolhido pela Convenção de 1937. ARAÚJO, 2007, p. 140.

entre pastores e missionários assembleianos, apenas na Assembleia Geral de 1935, nada antes desta data foi registrado sobre a Harpa Cristã nos arquivos da CGADB²⁷¹.

Estamos certos que os primeiros esforços para uma musicalização da Harpa Cristã surgiram de iniciativas bem-intencionadas, porém independentes ainda que realizadas por figuras assembleianas notáveis, como é o caso de Samuel Nyström, além do mais suspeitamos que os resultados desses esforços acabaram caindo no esquecimento ou nem mesmo se tornaram conhecidas da maior parte do público assembleiano, uma vez que não foram autorizados pela denominação, não possuindo a chancela institucional o que tornaria estes hinários conhecidos, divulgados e distribuídos nacionalmente. Possivelmente, os hinários com música circularam na AD apenas nos lugares em que foram produzidos e impressos, ou seja, em Belém e mais tarde na cidade do Rio de Janeiro, o que justifica as poucas informações sobre eles.

Ainda assim, estes hinários favoreceram as congregações da AD de Belém e do Rio de Janeiro no que diz respeito a música profissional tornando-se, historicamente, os primeiros intentos que revelaram a aptidão musical da membresia assembleiana entre 1929 e 1932. Podemos supor que a notícia de um hinário com música circulando em algumas congregações das AD's pelo Brasil poderia ter provocado a discussão do assunto na CGADB de 1935. Outro detalhe é a suposta responsabilidade editorial de Samuel Nyström sobre as duas edições, isto fica claro na edição de 1929 publicada em Belém, porém fica apenas subtendido no hinário que fora publicado no Rio de Janeiro em 1932, a julgar pela liderança de Samuel Nyström que assumiu a AD do Rio após a viagem da família Vingren para a Suécia em agosto deste mesmo ano²⁷².

Finalmente, a primeira edição da HC com música autorizada pela CGADB foi lançada como propriedade exclusiva da Casa Publicadora das Assembleias de Deus em janeiro de 1941, após mais de três anos de intensa dedicação de sua comissão editorial. Entretanto, o hinário foi impresso na gráfica da Imprensa Metodista, levando em conta que a CPAD tinha acabado de completar um ano de fundação e não possuía sede própria e nem mesmo uma gráfica apropriada, pois ainda funcionava nas dependências da AD de São Cristóvão. Esta edição oficial do hinário com música foi publicada com os 524 hinos da coletânea tradicional e sob a coordenação do pastor

²⁷¹ ARAÚJO, 2007, p. 215.

²⁷² ARAÚJO, 2007, p. 342; VINGREN, 2000, p. 229.

Paulo Macalão²⁷³. Todavia, o percurso até a sua definitiva publicação passou por alguns impasses, como informou em nota, o pastor Macalão, no MP de julho de 1939.

[...] tem sido demorado, por achar-me sozinho, na correção da letra e música dos hinos [...] É um serviço glorioso que Deus me proporcionou, mas que para concluí-lo, necessito das orações de todos os que amam a causa de Cristo, em virtude de ser grande a responsabilidade que me pesa: sinto-me, às vezes, bastante atarefado; creio, porém, que se todos os irmãos orarem neste sentido, Deus me ajudará, em breve, a terminar o nosso hinário, que servirá para atrair muitos pecadores aos pés de Cristo²⁷⁴.

Nesta declaração, Macalão revela achar-se sozinho com o trabalho de correção da letra e da música da Harpa Cristã, tarefa que deveria ter sido compartilhada por toda ou pelo menos por parte de sua equipe editorial. O editor acrescenta ainda outras “lutas e angustias, quando, sozinho, tinha que resolver sobre a escolha, correção de hinos e a colocação das letras em suas respectivas músicas”²⁷⁵. Seriam estas alegações demasiadamente exageradas ou refletiriam fielmente as realidades vividas pelo editor? Em contrapartida, Araújo se opõe a essas declarações ao afirmar que o trabalho fora realizado em conjunto e a revisão dos primeiros hinos efetuada pelo missionário e músico Jahn Sörheim, Conde teria auxiliado na correção de outros hinos e o professor Antonio F. Farias se ocupado na harmonização de outras canções²⁷⁶.

No entanto, estas duas declarações não precisariam entrar em conflito uma com a outra, pois é perfeitamente possível que as duas histórias estivessem baseadas em situações verdadeiras, porém refletissem tempos distintos, uma vez que, no primeiro ano dos trabalhos revisionais, Paulo Macalão, provavelmente deve ter compartilhado as tarefas de correção da Harpa com a sua comissão, mas também não é difícil de se imaginar que tenha permanecido sozinho durante os últimos anos deste serviço. O que sabemos até aqui é que a incumbência da comissão não se limitou a confecção do hinário com música, pois para que isso acontecesse foi necessário uma revisão do acervo assembleiano que até 1937 contava com 512 hinos, além do mais, neste mesmo ano aconteceu algo inesperado que não constava nos planos da comissão.

²⁷³ ARAÚJO, Isael de. **100 acontecimentos que marcaram a história das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 182.

²⁷⁴ MENSAGEIRO DA PAZ, Rio de Janeiro, Ano 9, nº 196, julho de 1939, p. 2.

²⁷⁵ MENSAGEIRO DA PAZ, 1939, p. 2.

²⁷⁶ ARAÚJO, 2011, p. 120.

O que sucedera inesperadamente foi o esgotamento da 6ª edição da Harpa Cristã, o que provavelmente ocorreu devido aos muitos pedidos feitos de todas as partes do Brasil, o que forçou os membros da comissão a tomarem uma providência imediata. Perante o grande trabalho que a comissão tinha pela frente, a solução mais viável foi a impressão de uma edição da Harpa Cristã sem quaisquer alterações, apenas mantendo a quantidade de hinos da edição anterior, em outras palavras, o que ocorreu foi a reimpressão da 6ª edição da HC com os mesmos 512 hinos, reimpressão que foi batizada de 7ª edição da Harpa Cristã²⁷⁷. Essa foi a mais sensata decisão a ser tomada pela equipe, que daí em diante se ocuparia exclusivamente na produção da nova edição da Harpa Cristã com letra, mas agora também com música.

Anos mais tarde, em novembro de 1939, o esgotamento dos exemplares da Harpa Cristã se repetiu novamente, uma vez que a quantidade de impressões do hinário assembleiano não havia sido o suficiente para atender a alta demanda de pedidos, o que obrigou a liderança da AD a tomar mais uma decisão. Assim, após dois anos de intensa dedicação, a letra e a música de muitas canções do hinário já haviam sido revisados e pelo menos 300 deles já se achavam prontos para uma futura publicação. No entanto, o lançamento destas canções foi antecipado, porquanto, Samuel Nyström e o Dr. Carlos Brito decidiram enviar para impressão da nova edição da HC a letra dos 300 hinos que já haviam sido preparados para a Harpa Cristã com música. Esta edição ficou conhecida como a 8ª Edição Reformada da Harpa Cristã²⁷⁸.

Todos os episódios até aqui mencionados sucederam durante a fase de produção da Harpa Cristã com música, num intervalo de um pouco mais de três anos, entre outubro de 1937 a janeiro de 1941. Entre as principais ocorrências deste período demos o devido destaque ao lançamento da sétima e oitava edição do hinário oficial assembleiano e a mobilização da AD para suprir a carência de exemplares da HC, além dos impasses relacionados ao testemunho do pastor Paulo Macalão que, de uma forma ou de outra, entrara em conflito com Araújo. Isso porque Macalão reclamara da solidão e do asoerbadado trabalho que realizara, em contrapartida, Araújo informava aqueles que auxiliaram na revisão, correção e harmonização dos hinos. Mas como notificamos de antemão, cada depoimento se apegou em uma fase desta empreitada.

²⁷⁷ ARAÚJO, 2011, p. 179.

²⁷⁸ ARAÚJO, 2011, p. 182.

Em relação às duas edições e a persistência quanto a escassez de exemplares, podemos destacar dois aspectos que podem explicar os motivos de tais carências terem ocorrido “inesperadamente”. É obvio que a quantidade de exemplares não foi o suficiente e isso pode ter acontecido devido as carências da própria instituição, uma vez que até o final da década de 1930 as AD's não possuíam uma gráfica própria e de fato dependiam da colaboração de outras instituições parceiras. Isso também pode estar relacionado a uma atitude subestimada da denominação que não imaginava que os exemplares de seu hinário seriam tão rapidamente esgotados, soma-se a isso o crescimento da denominação e a atitude cada vez mais militante de sua membresia que diariamente “gastava” seus hinários nas mais diversificadas atuações litúrgicas²⁷⁹.

Não obstante, temos ainda uma segunda proposta que poderia responder a insuficiente quantidade de exemplares do hinário assembleiano. Esta escassez estaria relacionada aos contínuos acréscimos nas sucessivas edições da Harpa Cristã que alteravam constantemente o número dos seus hinos, tornando imediatamente obsoleta as edições anteriores do hinário. Com a chegada das novas edições os/as assembleianos/as eram praticamente “forçados/as” a adquirirem a sua mais nova versão, no entanto, essa opção está fora de cogitação, pois não corresponderia a realidade da elaboração do hinário com música, uma vez que entre a 5ª e a 8ª edição da Harpa Cristã não houveram mudanças no número de hinos, isso nos leva aceitar que a atuação militante dos/as assembleianos/as se constitui a resposta mais viável.

No mais, o que podemos dizer desse novo empreendimento é que dele surgiu a mais popular de todas as edições da Harpa Cristã, versão com os tradicionais 524 hinos que se notabilizaram entre os/as assembleianos/as e demais simpatizantes da fé pentecostal, se tornando a primeira edição do hinário assembleiano com letra e música, oficialmente autorizado e produzido por sua casa publicadora. Com o tempo outros investimentos foram realizados para revisar e aperfeiçoar a coletânea assembleiana, mas sempre sob a supervisão da CPAD. Um desses exemplos foi a segunda revisão geral que a HC sofreu quase quarenta anos depois da primeira, revisão que teve início em 1979 e se estendeu até o ano de 1992 com prorrogação até 1996. Os detalhes deste trabalho revisional foram desenvolvidos no item anterior.

²⁷⁹ ALENCAR, 2013, p. 108.

Além das edições históricas até aqui apresentadas outras versões do hinário foram publicadas visando atingir um público ainda não alcançado, com partituras para instrumentos específicos que ainda não haviam sido contemplados. Destes esforços surgiram dois hinários lançados com música e publicados em 1983 pela CPAD e direcionados para alguns instrumentos utilizados em orquestras sinfônicas. Estas foram as primeiras edições da Harpa Cristã com partitura em Mi Bemol (Eb) e em Si Bemol (Bb). Estas harpas foram preparadas especificamente para os instrumentos de sopro que dão o tom em Mi Bemol (Eb), que são a Reuinta, Sax Alto, Tuba, Clarone Alto, Sax Horn, (Genis) e Sax Barítono. Dos instrumentos que dão o tom em Si Bemol (Bb) temos o Trompete, Clarinete, Sax Tenor, Sax Soprano, Barítono e Tuba Sib²⁸⁰.

Estas harpas foram publicadas com uma finalidade, atender a instrumentistas específicos ao oferecer-lhes a leitura da partitura da Harpa Cristã, assim como as edições anteriores foram preparadas especificamente para instrumentos em Dó, como o teclado, a flauta, o piano e o violino. Apesar da relevância destas publicações, sabemos que nem todos/as aqueles/as que se ocupavam com a música sacra nas inúmeras congregações assembleianas eram músicos/as profissionais, e, por isso, dificilmente saberiam fazer a leitura da mais simples partitura do hinário assembleiano. Até onde sabemos, além das mega-congregações assembleianas e suas orquestras completas, haviam ainda, e, em números maiores, diversas micro-congregações formadas por cantores/as e músicos/as leigos/as sem qualquer formação profissional.

Essa realidade foi se tornando cada vez mais comum durante as atuais décadas do assembleianismo brasileiro quando o seu profissionalismo musical começou a ficar em baixa, realidade retratada na disparidade entre as grandes e pequenas congregações da instituição, desequilíbrio que a cada dia se acentua ainda mais. Em outras palavras, queremos apenas dizer que os/as que integravam e até hoje integram estes conjuntos musicais na maior parte das congregações locais das AD's são formadas por instrumentistas de cordas e teclas sem formação e sem conhecimentos básicos sobre teoria musical, noções que possibilitariam a leitura das

²⁸⁰ HINÁRIO. **Harpa Cristã com música em Mi Bemol (Eb)**: para requinta, sax alto, tuba, clarone alto, sax horn, sax barítono. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 3; HINÁRIO. **Harpa Cristã com música em Si Bemol (Bb)**: para trompete, clarinete, sax tenor, sax soprano, barítono e tuba sib. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p.3.

partituras da HC e o melhoramento na execução musical, por isso, estão limitados/as a utilização dos mais simples instrumentos, como guitarras, violões, teclados e bateria.

Isto posto, o que podemos dizer dessa grande parcela de músicos/as e cantores/as leigos/as da denominação? Como estes/as poderiam atuar em suas comunidades locais se dedicando a tocar e cantar, semanalmente, as canções de seu hinário oficial? A solução mais viável encontrada pela CPAD para abarcar este público de músicos/as leigos/as foi o lançamento da Harpa Cristã com cifras²⁸¹, uma publicação com notação musical simplificada e bem mais fácil de ler, uma vez que cada acorde é representado apenas por letras. Neste caso, o hinário cifrado se tornou a melhor alternativa para estes/as músicos/as, tendo em vista que o número de leigos/as acostumados/as a ler cifras só têm crescido ultimamente, ainda mais com a facilidade e quantidade de conteúdos disponibilizados em diversos sites pela internet.

Nesse meio tempo, foi lançada em 2007 a primeira Harpa Cristã cifrada, publicada vinte e quatro anos depois dos últimos hinários com letra e partitura. Como já se esperava, o hinário cifrado foi preparado para os seguintes instrumentos: violão, guitarra, piano, teclado e contrabaixo²⁸², instrumentos comumente adotados nas congregações assembleianas mais simples e com reduzido aparato musical. Esta harpa, semelhantemente, foi destinada à instrumentistas iniciantes e sem um profícuo conhecimento em leitura de partituras, em outros termos, uma harpa com letra e cifra preparada para músicos/as sem formação musical, uma infeliz realidade em muitos ministérios pentecostais. Além do mais, a harpa era acompanhada de um manual de cifras com acordes e suas posições para os instrumentos de cordas e com teclas²⁸³.

No entanto, vale ressaltar, que antes do surgimento da Harpa Cristã com cifras, uma distinta obra fora lançada pela casa publicadora assembleiana, entretanto, essa obra não se tratava de mais uma versão da HC, tampouco de uma nova edição do hinário com letra e música, mas se tornou uma publicação de razoável relevância para a hinódia pentecostal brasileira, uma literatura que buscava oferecer auxílio a toda pessoa interessada num conhecimento mais profundo e no bom uso do hinário

²⁸¹ Cifra é um sistema que usa as notações musicais para representar os nomes dos acordes executados por um determinado instrumento, se constitui uma das maneiras mais simples para identificação de notas e é usado frequentemente por músicos iniciantes.

²⁸² HINÁRIO. **Harpa Cristã cifrada**: para violão, guitarra, piano, teclado e contrabaixo. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 3.

²⁸³ ANDRADE, Claudionor Correa. **Manual da Harpa Cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 16.

assembleiano. Nos referimos ao Manual da Harpa Cristã, um livro encomendado pela CPAD e escrito pelo pastor Claudionor Correa de Andrade. A obra foi preparada, especificamente, para servir ao processo de instrumentalização da Harpa Cristã, principalmente no que tange à sua composição e seu uso na liturgia pentecostal²⁸⁴.

O manual da HC foi publicado a partir de uma decisão tomada durante a Convenção Geral das Assembleias de Deus, realizado na cidade de São Paulo no ano de 1999. Durante a reunião conciliar foi sugerido à publicação de um material que buscasse dar ênfase e maior sentido ao culto pentecostal tornando-se mais um instrumento para auxiliar na condução e consolidação da liturgia assembleiana. No que diz respeito as canções do hinário, o manual procurou fazer distinção entre os principais assuntos e seus respectivos conteúdos, direcionando os hinos para ocasiões especiais, além de fornecer subsídios de ordem bíblico-teológica e modelos que orientassem as várias cerimônias contempladas na vida da igreja²⁸⁵, de igual modo, o Manual da Harpa Cristã buscou oferecer instruções de natureza homilética.

Voltando-nos para as edições da Harpa Cristã com letra e música, podemos tecer algumas considerações. Entendemos que elas foram lançadas com objetivos distintos, objetivos que foram ganhando novos contextos e realidades conforme o tempo. A princípio, o hinário foi criado, exclusivamente, para suprir as exigências musicais das orquestras e dos corais assembleianos que se tornaram cada vez mais comuns a partir da segunda metade da década de 1920, e, com o desenrolar dos anos, já na década de 1980, as novas edições que sobrevieram, chegaram para atender a uma razoável demanda, a de instrumentos outrora não contemplados nas edições anteriores, por fim, a alta concentração de músicos/as leigos/as a frente da liturgia pentecostal, de igual modo, trouxe consigo outras edições da HC com música.

Mas esta realidade relacionada a baixa produtividade assembleiana na formação de músicos/as e cantores/as profissionais foi apenas um dos motivos que proporcionaram a queda e a manutenção dos corais e orquestras nas AD's, e, conseqüentemente, em novas publicações do hinário com música e/ou sua ampliação para novos instrumentos. Entretanto, outros fatores poderiam ser melhor abordados para tentar explicar esta forte tendência, uma vez que, um certo afastamento dos hinos

²⁸⁴ ANDRADE, 1999, p. 11.

²⁸⁵ ANDRADE, 1999, p. 11.

oficiais assembleianos já começavam a ser observados em paralelo com o advento de inúmeros grupos musicais com canções mais modernas e com o uso cada vez mais reduzido de instrumentos usados em orquestras, resgatando assim uma antiga rivalidade com outras músicas congregacionais, as tão conhecidas músicas avulsas.

O assunto acerca do período das grandes orquestras e corais nas Assembleias de Deus bem como a mudança para os pequenos conjuntos musicais bem que poderiam ser aprofundados em novas pesquisas, na tentativa de dirimir quaisquer dúvidas quanto a outras razões desta transição, por enquanto nos restringiremos a estes evidentes e pequenos detalhes. Uma vez que a presença dos conjuntos formados por músicos/as leigos/as acabou por se tornar uma realidade cada vez mais comum, tanto as AD's quanto sua casa publicadora se viram "forçadas" a providenciar uma leitura musical simplificada de seu principal hinário, se tornando, aliás, uma das últimas edições com música do hinário assembleiano. Essa simplificação do hinário ocorreu efetivamente com a publicação da primeira edição da Harpa Cristã com cifras.

Estes novos contextos foram determinantes para a idealização destas últimas harpas com música, harpas que proporcionaram uma ótima oportunidade para uma parcela significativa da membresia assembleiana, porém, de outra forma, o que mais podemos acrescentar é que todas essas oportunas edições da Harpa Cristã acabaram por possibilitar um ótimo caminho de retorno financeiro para a editora assembleiana, visto ser este um dos seus maiores e atuais objetivos, a saber, a comercialização dos hinários e demais materiais de identificação assembleiana como produtos altamente lucrativos. Não podemos negar que todas essas edições, desde a primeira delas, chegaram a conceder um retorno financeiro para a denominação e posteriormente para casa publicadora assembleiana, guardando é obvio as suas devidas proporções.

EDIÇÕES DA HARPA CRISTÃ COM MÚSICA ENTRE 1929 À 2007

EDIÇÃO	ANO	Nº DE HINOS	INSTRUMENTOS	LOCAL	EDITOR
?	1929	?	?	BELÉM (PA)	SAMUEL NYSTRÖM E JULIÃO SILVA

?	1932	400	?	RIO DE JANEIRO (RJ)	?
1ª	1941	524	?	RIO DE JANEIRO (RJ)	CPAD (P.L.M)
HARPA EM SI BEMOL	1983	640	Requinta, sax alto, tuba, clarone alto, Sax horn, (genis) e sax barítono	RIO DE JANEIRO	CPAD
HARPA EM MI BEMOL	1983	640	Trompete, clarinete, sax tenor, sax soprano, barítono e tuba sib	RIO DE JANEIRO	CPAD
HARPA CIFRADA	2007	640	Violão, guitarra, piano, teclado e contrabaixo	RIO DE JANEIRO	CPAD

Tabela 2 - Edições da Harpa Cristã com Música entre 1929 à 2007
Fonte: Tabela elaborada pelo autor

2.4.2 Outras publicações da Harpa Cristã

Além das conhecidas edições da Harpa Cristã com suas respectivas finalidades litúrgicas e mercadológicas e dentre os inúmeros instrumentos publicados para auxiliar o culto pentecostal, temos o conhecimento de outros materiais comercializados pela CPAD e inspirados no hinário assembleiano. Percebemos que estas publicações tiveram dupla finalidade, seja manter viva a memória institucional do cancionário assembleiano, mas também propor novos projetos comerciais da instituição ao público pentecostal, produtos que privilegiassem uma identidade assembleiana. Em função disso, foi lançado no ano de 2008, um compacto com algumas canções da Harpa Cristã, esta publicação destinava-se a um grupo diferente e inusitado, especificamente, aos filhos e as filhas de qualquer pessoa pentecostal.

Estamos nos referindo a Harpa Cristã para bebês, um CD instrumental que reproduz ao velho estilo “caixinha de música” algumas músicas da atual Harpa Cristã,

dez canções no total para ser mais preciso²⁸⁶. O instrumental foi lançado pela gravadora CPAD Music, uma gravadora evangélica de orientação pentecostal vinculada a Assembleia de Deus e que possui o selo fonográfico da CPAD. As informações acerca deste compacto foram divulgadas pela editora no seu canal oficial no YouTube, canal chamado de “CPAD vídeo”²⁸⁷ um ambiente com mais de 150 mil inscritos que busca, com o auxílio de vídeos, divulgar diariamente os produtos CPAD. O slogan usado na divulgação do CD instrumental expressava o desejo de cada pai e de cada mãe assembleiano/a ao afirmar que “seus bebês vão ninar como anjinhos”.

O que podemos depreender do lançamento deste primeiro volume é o impulso que deveria causar nos pais e nas mães assembleianos/as ao familiarizarem seus/suas filhos/as desde a mais tenra idade com as canções de seu hinário oficial, pelo menos, essas foram as intenções que conseguimos extrair das poucas informações disponíveis do canal, se bem que, não tínhamos condições de afirmar se os/as bebês de pais e mães assembleianos/as teriam condições de lembrar ou de no mínimo identificar a assembleianidade destas canções, porém como comentamos anteriormente, não podemos descartar totalmente os intentos puramente comerciais embutidos na venda deste compacto, principalmente, pelos demais volumes que surgiriam posteriormente, mesmo desconhecendo qualquer outro volume após esse.

Vale destacar que durante este período, diversas outras iniciativas continuaram a serem tomadas para estimular e resgatar o uso congregacional e litúrgico da Harpa Cristã entre os/as assembleianos/as e demais denominações pentecostais no Brasil, outra delas foi a criação do Manual da Harpa Cristã Instrumental lançado em 2007, manual que não pode ser confundido com a obra homônima escrita, anos antes, em 1999, por Claudionor Corrêa de Andrade, ainda que alguns de seus trechos tenham sido, total ou parcialmente, extraídos do MHC²⁸⁸. A primeira consistia em um manual de orientação para o uso litúrgico de 120 canções selecionadas da HC, distribuídas

²⁸⁶ Os dez hinos no instrumental da Harpa Cristã para bebês são: 04 – Deus velará por ti; 07 – Cristo cura sim; 08 – Cristo, o Fiel Amigo; 33 – Com tua mão segura; 100 – O bom Consolador; 120 – Noite de paz; 131 – De valor em valor; 151 – Fala Jesus querido; 154 – Doce nome de Jesus; 156 – A ovelha perdida.

²⁸⁷ O site CPAD vídeo contava com mais de 150 mil inscritos na data em que foi realizada este acesso. CPAD Vídeo. **Harpa Cristã para bebês**. Publicado em: 26 de março de 2008. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=imN0jxqC6_w. Acesso em 8 de março de 2019.

²⁸⁸ MANUAL da Harpa Cristã Instrumental. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 03.

²⁸⁸ ANDRADE, 1999, p. 11.

em uma coletânea com doze CD's, 10 músicas em cada compacto, gravados com orquestra e com arranjos elaborados por maestros da música evangélica brasileira²⁸⁹.

Por ora, estes seriam os principais materiais produzidos e comercializados pela CPAD, todos vinculados ao hinário assembleiano. Salienta-se ainda, que todos estes produtos, sejam manuais, CD's ou instrumentais, apenas confirmam o que temos apresentado até o momento. Que a princípio, a instituição fazia uso apenas da Harpa Cristã como único instrumento hínico de divulgação da confissão de fé assembleiana e uma das principais ferramentas de disseminação da teologia pentecostal brasileira no século XX. Entretanto, com o tempo, outros materiais foram sendo incorporados no cotidiano assembleiano, servindo como instrumentos propulsores da cultura pentecostal no Brasil. Além de fundamentar a doutrina pentecostal essas mercadorias também se tornaram produtos vendáveis e com um ótimo retorno financeiro a CPAD.

E se estamos tratando da comercialização de Harpas Cristãs, então não podemos esquecer do seguinte detalhe, a partir do ano de 1976, a CPAD começou a investir em uma nova estratégia que impulsionou a comercialização das duas literaturas mais importantes para a comunidade assembleiana, nesse mesmo ano a casa editora começou a produzir e a comercializar uma combinação bem aceita na época e que se mantém muito atrativa até os dias de hoje, pelo menos entre os/as assembleianos/as mais tradicionais que antes estavam acostumados a ter em mãos as duas obras distintas. Estamos nos referindo a combinação entre a Bíblia e a Harpa Cristã com letra. Contudo, para que este casamento se concretizasse foi necessário realizar algumas adaptações na Harpa Cristã das quais nós destacamos a principal.

Um ano antes, em 1975, a CPAD já havia produzido uma Harpa Cristã em tamanho médio, isso ocorreu para atender aos pedidos da própria membresia assembleiana. Contudo, essa mesma edição do hinário teve que passar por uma pequena adaptação para poder unir-se a Bíblia na versão revista e corrigida, a tradução preferida dos/as assembleianos/as, com isso necessário ampliar ainda mais o tamanho da HC para que ela se encaixasse no formato das bíblias vendidas na época. A princípio, este trabalho de acabamento da combinação entre a Bíblia e a Harpa Cristã foi realizada por terceiros, pois a casa editora assembleiana não

²⁸⁹ Alexandre Brasolim, Misael Passos, Misael Passos Júnior, Ezequiel Matos, Ronaldo de Oliveira e Gilberto Massambani.

possuía até o momento pessoal capacitado para este tipo de trabalho, principalmente em relação a um dos modelos mais vendáveis, os exemplares de capas com zíper.

A união, Bíblia e hinário, foi bastante proveitosa, principalmente, ao público mais antigo, quanto aos mais jovens, continuaram a se ver cada vez mais distantes da HC, sobretudo, frente ao cenário imposto pela modernização e o advento das novas tendências e estilos musicais, uma realidade cada vez mais comum nas igrejas evangélicas a partir das duas últimas décadas do século XX. Com isso a tendência natural da juventude assembleiana era o abandono e/ou o afastamento gradual das canções que compõem a HC, uma vez que a modernidade não chegou a atingir a membresia tradicional que sempre buscou manter o uso litúrgico dos hinos da HC.²⁹⁰ Outro aspecto a se observar foi a praticidade no tocante ao uso da HC, que nunca chegou a incomodar os/as assembleianos/as em si, algo que veremos mais adiante.

2.4.3 A Harpa Cristã na atualidade

A partir dos anos 2000 algumas ações foram organizadas pela CGADB em parceria com a CPAD com o intuito de impulsionar o uso litúrgico da Harpa Cristã. Uma dessas ações ocorreu em 2012 e buscou comemorar os noventa anos da Harpa Cristã e estimular sua circulação entre o público pentecostal. Além disso, um site exclusivo para a Harpa Cristã foi criado em 21 de março do mesmo ano, a página tinha como objetivo contar a história do hinário assembleiano se tornando um ambiente de busca onde pessoas assembleianas e demais interessados/as irão encontrar variadas informações sobre o surgimento e desenvolvimento do cancionário. Vídeos, notícias, imagens, são alguns dos conteúdos encontrados no site, além é claro, do histórico do cancionário pentecostal mais popular do Brasil²⁹¹.

Não obstante, antes do lançamento da página eletrônica, um evento foi organizado para celebrar o seu nonagenário aniversário. A solenidade, segundo o testemunho dos próprios organizadores, acabou por se tornar um dos encontros mais memoráveis para a instituição, pois o que havia sido planejado era muito mais que uma comemoração e sim um culto em gratidão a Deus celebrado entre os dias 12 e

²⁹⁰ CPAD. Disponível em: <http://www.harpacrista.com.br/historia.php?i=7>. Acesso em: 11 de junho de 2018.

²⁹¹ CPAD. Disponível em: http://www.harpacrista.com.br/interna_noticia.php?i=38. Acesso em: 11 de julho de 2018.

13 de março de 2012 no templo-central da Igreja Assembleia de Deus na cidade do Recife, Pernambuco. O local foi apropriadamente escolhido por ter sido o marco histórico da primeira publicação da Harpa Cristã que ocorreu nesta cidade. Neste sentido, a primeira atitude da CGADB em consonância com a CPAD foi promover um culto em ações de graça em comemoração ao nono decenário de seu hinário oficial²⁹².

No entanto, podemos considerar que a festividade não buscava apenas a comemoração de mais um ano de atuação do hinário pentecostal, mas também procurava reafirmar o patrimônio litúrgico e dogmático que o hinário assembleiano representa para o movimento pentecostal. Por esta razão o encontro foi importante por dar visibilidade a um dos elementos que marcam a tradicionalidade assembleiana, além de buscar despertar nas novas gerações de assembleianos/as uma experiência mais próxima com o hinário institucional, procurando gerar um bom resultado e uma ótima impressão para as gerações vindouras, na busca de consolidar o vínculo sentimental e litúrgico da Harpa Cristã com a membresia assembleiana que nas últimas décadas estava em baixa, comparando o seu uso pelas gerações passadas.

Vale destacar que a solenidade também oportunizou a lembrança de um outro marco histórico para o assembleianismo brasileiro, uma vez que a festividade principal, compartilhou a celebração com o festejo dos setenta anos da primeira reunião de oração de mulheres assembleianas que deu origem ao primeiro Círculo de Oração²⁹³ que se tem notícia. Segundo a história oficial do movimento pentecostal, a criação do Círculo de Oração ocorreu em 6 de março de 1942, momento que reuniu sete assembleianas que clamaram pela cura de uma jovem que padecia de uma enfermidade que a impossibilitava de andar, coincidentemente a oração ocorreu na cidade de Recife, tal como à publicação da HC. Por isso, a capital pernambucana se tornou palco destes “dois eventos históricos para a Assembleia de Deus no Brasil”²⁹⁴.

²⁹² MENSAGEIRO DA PAZ, Rio de Janeiro, Ano 81, nº 1523, abril de 2012, p. 4.

²⁹³ Reuniões de oração, durante o dia ou à noite sob a direção de mulheres nas Assembleias de Deus. Pensa-se que tenha começado em 2 de junho de 1911, em Belém do Pará, 16 dias antes da fundação da Assembleia de Deus. Mas acredita-se que oficialmente tenha iniciado em 6 de março de 1942, quando 7 irmãs da AD em Recife (PE) se reuniram em oração na congregação do bairro da Casa Amarela em favor de uma jovem enferma e acamada sem conseguir andar e falar, mas que foi curada e ainda viveu até os 49 anos. Esta reunião foi chamada de “Círculo de Oração” e até hoje é realizada em diversos templos das ADs no Brasil sempre com uma característica, a oração é dirigida por irmãs. ARAUJO, 2007, p. 189, 190.

²⁹⁴ MENSAGEIRO DA PAZ, 2012, p. 5.

Nesta mesma ocasião, foram lançadas três obras de domínio e interesse institucional, uma vez que todas elas foram lançadas por sua casa editora e inegavelmente produzidas e programadas para serem lançadas durante o período de festividades, tudo isso com o claro intuito de enaltecer e perpetuar os grandes momentos da história assembleiana, bem como, com um inegável interesse na divulgação e nas vendas destes produtos. Concernente as obras, entendemos que a primeira e mais importante delas foi a edição especial da Harpa Cristã lançada com um selo comemorativo de 90 anos, outra novidade impressa nesta edição foi o acréscimo de uma breve introdução descritiva enriquecida com inúmeras imagens que apresentam a trajetória e evolução histórica do mais importante hinário assembleiano.

A segunda obra lançada no evento foi o livro intitulado “A história dos hinos que amamos” escrita pelo pastor e jornalista Silas Daniel, a obra faz menção a inúmeros/as autores/as renomados/as e conta a história por trás das composições de 117 hinos clássicos que fazem parte da hinódia cristã mundial, dentre os quais 103 estão presentes na atual Harpa Cristã. Um livro com forte apelo emocional com a intenção de superar o distanciamento do/a assembleiano/a e a Harpa Cristã, um divórcio provocado pela ação do tempo. A terceira e última publicação da ocasião foi a *Bíblia Círculo de Oração*, destinada a mulher pentecostal com estudos que aprofundam o envolvimento e a prática diária da oração com artigos e apontamentos que destacam os mais relevantes episódios da vida de oração de alguns personagens bíblicos²⁹⁵.

A Harpa Cristã atualmente adentra o seu primeiro centenário, são ao todo cem anos de intensa atividade no movimento pentecostal brasileiro, e, durante esses cem anos de atuação passou por diversas fases e modificações até que alcançasse seu atual formato, detalhes que já foram pontualmente e exaustivamente apresentados nesta pesquisa. Dessa forma, o que mais podemos comentar a esse respeito, é que ao longo de todos esses anos, todas as ações que têm sido realizadas e implementadas nas mais diversas esferas e ambientes institucionais, sejam pela CPAD e CGADB ou particularmente por algumas congregações assembleianas no Brasil, sempre tiveram intenção de celebrar o seu legado litúrgico-dogmático e preservar a sua história institucional, apesar dos fins comerciais que era submetida.

²⁹⁵ MENSAGEIRO DA PAZ, 2012, p. 5.

A seguir, pretendemos apresentar outras ações que objetivam expandir a difusão e utilização da Harpa Cristã por seu público interno, principalmente, entre a nova geração de assembleianos e assembleianas no Brasil. Supomos que essas diversas iniciativas buscaram, além do evidente retorno comercial, facilitar a instrumentalização da Harpa Cristã garantindo sua permanência na liturgia assembleiana frente a disputa acirrada dos mais variados estilos de música gospel nacional e internacional que, gradativamente, tem marcado presença até mesmo entre as inúmeras congregações assembleianas mais tradicionais. Estas novas ações têm procurado estender a permanência da Harpa Cristã no cenário nacional, tendo em vista os seus cem anos de atuação litúrgica entre assembleianos/as e pentecostais.

2.4.4 Missão Harpa

Em seus cem anos de história institucional, sabemos que a HC tem passado por distintos períodos que propiciaram, a este conjunto de hinos assembleianos, diversas inserções, edições, adaptações, correções, renumerações, atualizações e etc. Enfim, foram diversas as circunstâncias que conduziram a Harpa Cristã ao seu formato atual com os seus 640 hinos. Sua história recente tem sido marcada por altos e baixos, principalmente quando nos referimos a sua aceitabilidade pela geração mais recente formada por jovens assembleianos/as²⁹⁶. Por mais que estes/as estejam vinculados a membresia da instituição, ainda assim, buscam sua identidade musical, na maioria dos casos, não nos hinos da Harpa Cristã, mas nas tendências que impulsionam o louvor contemporâneo através de estilos musicais como o worship²⁹⁷.

Mesmo que esse não seja o foco da pesquisa, não se pode deixar de notar que este é um dos problemas identitários que as AD's como um todo vem sofrendo atualmente, problema que vem se acentuando a cada dia. Não obstante, é sabido que alguns ministérios assembleianos mais conservadores tem buscado manter com "pulso firme" o uso contínuo da Harpa Cristã durante o culto público, e, religiosamente,

²⁹⁶ Há um número crescente de evangélicos entre a faixa dos 16 aos 24 anos. É o que tem demonstrado algumas matérias baseadas em pesquisas, entre elas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). GOSPEL Prime. Disponível em: <https://www.gospelprime.com.br/jovens-evangelicos-16-e-24-anos/>. Acesso em 12 de julho de 2019.

²⁹⁷ Worship, literalmente, adoração em português. É um estilo musical gospel contemporâneo que tem se tornado bastante popular e tem sido utilizado por diversas denominações em todo o país. Música com melodia simples, poucos acordes e caracterizadas pelas constantes repetições que se tornam fáceis de captar e se assimilar.

tem mantido a execução de dois ou mais cânticos da Harpa em sua liturgia²⁹⁸, outras congregações, porém, acabaram tão logo substituindo as canções da Harpa Cristã por músicas mais atuais e melodias mais modernas satisfazendo aos anseios de suas comunidades por letras, que, por via de regra, não condizem com a teologia assembleiana e que, casualmente, apelam para um antropocentrismo exacerbado²⁹⁹.

Apesar disso, e pensando na perpetuação do uso litúrgico de seu hinário, nota-se um esforço hodierno das Assembleias de Deus em não permitir que seu cancionário oficial caia no esquecimento, pois é notória que à medida que o tempo vai passando a geração de jovens, daqueles/as que compõem os/as filhos/as dos/as assembleianos/as vai se tornando cada vez “menos assembleianos/as”, e, a cada dia que passa mais distantes e/ou menos favoráveis a adesão dos hinos que seus pais cantaram na época quando eram jovens assembleianos/as. Em função disso, nesses últimos anos, novos investimentos têm sido direcionados para outro público específico, não obstante, considerado um grupo ainda mais exigente, neste caso, essas novas intervenções têm buscado aproximar a Harpa Cristã do público infantil.

Consideramos que a busca por este novo público e a mudança de estratégia se resume em alcançar uma faixa etária que possibilitasse dar prosseguimento no propósito de preservação dos hinos da Harpa Cristã, agora focando para um público ainda mais jovem, e, por este motivo, mais dependente de seus responsáveis, o que permitiria um maior controle sobre este público em detrimento da geração que se encontra na faixa da juventude. Além do mais, não apenas as crianças de pais assembleianos se tornariam alvos desta nova estratégia institucional, tendo em vista que os hinos da Harpa Cristã ao serem adaptadas para o público infantil também

²⁹⁸ FAJARDO, 2017, p. 176.

²⁹⁹ Numa matéria da Revista Ultinato observamos as seguintes declarações do seu autor Cláudio Henrique S. Fontenele sobre a relação da juventude assembleiana e a Harpa Cristã: “diante da massificação dos evangélicos no Brasil, percebe-se uma ampliação da cultura musical gospel, um segmento lucrativo que nem sempre está comprometido com a Palavra de Deus. Na verdade, grande parte das músicas pertencentes a esse nicho comercial foi feita exclusivamente para ser vendida e acompanhar as tendências e modismos do seu público-alvo [...] precisamos resgatar as belas canções em nossos cultos e reuniões. Os hinos clássicos possuem letras ricas e glorificam a obra de Cristo em toda a sua plenitude, não permitindo lacunas para a exaltação antropocêntrica. Além disso, também fortalecem as principais doutrinas cristãs, tais como: fé, arrependimento, salvação, justificação, remissão, santificação, segunda volta de Jesus, etc. Desse modo, o cristão fertiliza as suas raízes espirituais e rejeita as pragas e enxertos heréticos do seu tempo. [...] (os jovens) reconheceram a necessidade urgente de valorizarem os marcos históricos da Fé, em especial através do louvor congregacional celebrado por meio dos hinos da Harpa Cristã”. FONTENELE, Cláudio Henrique S. **De volta às raízes da Harpa Cristã**. Ultinato, 29 de março de 2018. Disponível em: <http://ultinato.com.br/sites/jovem/2018/03/29/de-volta-as-raizes-da-harpa-crista/>. Acesso em: 4 de maio de 2019.

poderiam agradar os pais e mães dos/as pequenos/as assembleianos/as devido os ritmos variados com que os hinos do cancionero assembleianos foram regravados.

Neste sentido, em parceria com a Rede Boas Novas³⁰⁰, a OincFilmes, uma produtora de animações que já havia desenvolvido os projetos infantis *3Palavrinhas* e *Krozz*³⁰¹ duas marcas cristãs já consolidadas no mercado evangélico, lançaram em 31 de outubro de 2017 uma série de vídeos de cunho cristão, disponíveis na plataforma do YouTube e direcionadas ao público infantil. Uma forma diferente das crianças assembleianas aprenderem as canções da Harpa Cristã e se sentirem interessadas por seu conteúdo. As canções ganharam uma versão em desenho animado com o intuito de tornar a Harpa Cristã conhecida do público infantil e de um modo mais atrativo, além de se tornar um facilitador na consolidação da identidade e doutrina pentecostal, um auxílio para pais e professores/as de Escolas Dominicais³⁰².

A Missão Harpa é uma história de aventura dos nossos heróis, Vini e Theo, que viajam pelo tempo para resgatar os tesouros perdidos da Harpa Cristã. Uma história emocionante para toda a família, que une gerações e busca no passado a chave para mudar o futuro³⁰³.

Ambientado num futuro distante, essa história gira em torno de uma descoberta arqueológica do que compreende ser a Harpa Cristã, a data da escavação e descoberta pode parecer até mesmo absurda, em comparação com a época da fundação da AD, já que é retratada em 16 de junho de 2811 na cidade de Belém do

³⁰⁰ Rede de Comunicação (TV e Rádio) com sede na Região Norte do Brasil, especificamente na cidade de Manaus.

³⁰¹ 3Palavrinhas e Krozz fazem parte de um projeto cristão evangélico destinado a proporcionar diversão com conteúdo evangélico ao público infantil. O primeiro, focado especialmente em crianças de 0 a 7 anos de idade e seus responsáveis o projeto surgiu para modernizar e eternizar canções que fazem parte do universo infantil das pessoas cristãs brasileiras com músicas que repercutem os valores e princípios cristãos, além de ajudarem na alfabetização das crianças, pois seus vídeos contêm legendas que auxiliam neste processo. O segundo, é inspirado numa banda de pop-rock cristão infanto-juvenil composta por três adolecentes, Kako, líder e guitarrista com 12 anos, Lina, baixista e vocalista com a mesma idade de Kako e Juba, baterista que possui 13 anos, juntos formam a banda Krozz, provavelmente com alusão a Cruz, onde, diferentemente das 3Palavrinhas, reúne canções inéditas, todas referente à Bíblia com o cuidado de transmitir valores morais de forma lúdica e divertida. 3 PALAVRINHAS. **Sobre nós**. 2017. Disponível em: <https://www.3palavrinhas.com.br/sobre-o-3-palavrinhas>. Acesso em: 12 de julho de 2018.

³⁰² PONTES, Paulo. **Missão Harpa**: hinos da Harpa Cristã para a nova geração. Seara News. Publicado em: 1 de novembro de 2017. Disponível em: <http://www.searaneWS.com.br/missao-harpa-hinos-da-harpa-crista-para-a-nova-geracao/>. Acesso em: 11 de julho de 2018.

³⁰³ Trecho extraído do canal Missão Harpa da plataforma de vídeos do YouTube, canal com 61 mil inscritos na data do acesso. Acesso em 17 de janeiro de 2020.

Pará, o que estende uma margem de pelo menos 900 anos, partindo do período histórico da fundação da Assembleia de Deus até a data em que o achado arqueológico foi encontrado. Vale lembrar que o período que marca a fundação da AD no Brasil se deu entre os dias 13 à 18 de junho de 1911, que parte da expulsão dos missionários e exclusão de alguns membros da Primeira Igreja Batista de Belém que ocorreu no dia 13 até o dia 18 de junho quando ocorre o culto inaugural assembleiano.



Imagem 5: Equipe da Missão Harpa (da esquerda para direita, Vini, Adriano e Theo)
Fonte: Google Imagens

Dessa maneira, a **Missão Harpa**, nome dado ao projeto, possui o objetivo de resgatar os hinos que representaram a hinologia evangélico-pentecostal brasileira, mas agora voltando-se para um público, que ao nosso ver, dá um novo fôlego ao antigo projeto da denominação na recuperação da identidade do assembleianismo brasileiro. O enredo onde é narrada a história é ambientado numa comunidade cristã do futuro onde a Harpa Cristã, e, provavelmente, outras bases do cristianismo estão correndo o risco de caírem no esquecimento. Deste modo, com os fragmentos da Harpa Cristã em mãos, dois irmãos, Vine, o mais velho e Theo o mais moço,

orientados por seu avô que responde pelo nome Adriano, percorrem uma aventura no tempo na busca pelas melodias da Harpa Cristã que acabaram relegadas ao passado.

A propósito, entre tantos aspectos que podemos citar, um primeiro detalhe nos chama a atenção nessa história, uma curiosidade interessante acerca da escolha do nome do personagem que é avô dos dois adolescentes. Resta-nos saber, se o nome usado para protagonizar o ancião no Missão Harpa foi escolhido intencionalmente ou não, isso porque um certo indivíduo chamado Adriano Nobre de Almeida ficou gravado na história assembleiana, e, principalmente da Harpa Cristã. Como pontuamos anteriormente, o pastor Adriano Nobre, de acordo com a história oficial assembleiana, foi o editor responsável pela publicação da primeira edição da Harpa Cristã em 1922. Desse modo, ainda permanece a dúvida se o que houve foi uma ocasionalidade ou uma intencional lembrança e homenagem feita pelos responsáveis pelo curta infantil.

Essa história de aventura e de viagens ao passado é narrada em um vídeo com 56 minutos e 57 segundos de duração, somando os créditos. Até o momento da produção desta pesquisa o vídeo contava com mais de um milhão e duzentos e setenta mil visualizações na data do seu último acesso³⁰⁴. A película foi subdividida em algumas cenas que intercalavam o diálogo dos três principais personagens do curta (Adriano, Vine e Theo) e a história da descoberta da melodia de 10 hinos da HC³⁰⁵, feito que só se tornou possível com o regresso ao passado numa espécie de máquina do tempo batizada de *Loopy*. O principal objetivo da missão era descobrir as músicas (melodia e ritmo) das canções encontradas no achado arqueológico uma vez que as suas letras já haviam sido decodificadas a partir dos fragmentos descobertos.

³⁰⁴ Novembro de 2019.

³⁰⁵ Nossa Esperança (300), A Face Adorada (304), Rude Cruz (291), Alvo Mais Que a Neve (39), Vencendo Vem Jesus (525), Firme nas Promessas (107), Os Guerreiros se Preparam (112), Trabalhai e Orai (115), Vencerá (372), Ao Passar o Jordão (509).

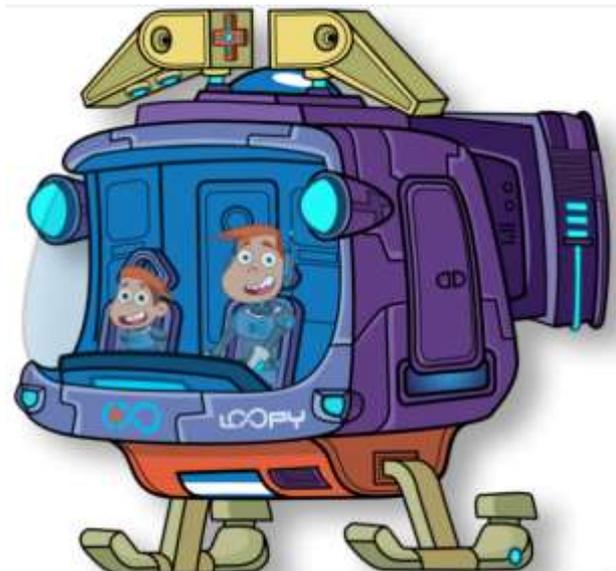


Imagem 6: Vini e Theo no interior da Loopy, a máquina do tempo
Fonte: YouTube

Logo na primeira cena, vemos a imagem de um indivíduo, não nomeado no vídeo, mas que aparenta ser um arqueólogo e membro da Missão Harpa identificado apenas por sua indumentária, ele tem seu rosto encoberto pelo reflexo da luz que ilumina o interior de uma escavação onde foi encontrada os fragmentos da Harpa Cristã, como vimos anteriormente, a história é ambientada no século XXIX. A primeira palavra pronunciada no vídeo é “encontramos!”, o brado carrega em si o alívio e o encerramento das escavações com o descobrimento do achado. Devido a situação em que se encontrava o antigo hinário é necessário um robô de remoção para tirá-lo do interior da escavação. Após isso, o cenário se abre em um novo ambiente, o laboratório da Missão Harpa onde os fragmentos do hinário estão sendo examinados.



Imagem 7: Ícone do Missão Harpa e imagens da escavação dos fragmentos da Harpa Cristã
 Fonte: Recortes do YouTube elaborado pelo autor

O que se vê após isso é a intensa e exclusiva atividade de Adriano e seus netos, considerando que suas aparições na animação são intercaladas com o descobrimento da melodia de dez hinos do recém descoberto hinário assembleiano. Mas antes de iniciarem a série de viagens que farão através do tempo, Adriano prepara o coração e a mente de seus netos, apresentando-lhes após isso uma pequena amostra dos objetivos da Missão Harpa. Seu avô relata que nos momentos em que a máquina do tempo estava sendo preparada, ele havia feito uma simulação com um instrumento chamado “processador temporal”, através dele foi possível restaurar a melodia completa de um hino da Harpa Cristã, mas isso só foi possível após alcancem sucesso no processo de restauração dos fragmentos da Harpa Cristã.

O hino 300 intitulado “Nossa esperança”, é o primeiro hino restaurado e apresentado pelo avô aos seus netos antes da viagem começar. A canção não poderia ser outra, pois relata sobre a esperança cristã, uma representação daquilo que se aguardava na comunidade cristã futurista que Adriano costuma chamar de “resistência”, mas porque resistência? Quem sabe um recado daqueles que ainda resistem e insistem na instrumentalização litúrgica do hinário assembleiano. Na plataforma de lançamento, num ambiente que se assemelha ao interior de uma caverna ou um vale profundo ladeado por montanhas, está a tal “resistência” que

aguarda com expectativa o lançamento da *Loopy*. Mas antes do lançamento e despedida dos pioneiros da Missão Harpa, Adriano elabora um emocionante discurso.

E assim, pela graça de Deus e um trabalho impecável de todos, nesse grande dia vamos poder resgatar uma parte importante daquilo que o mundo perdeu, a essência do primeiro amor, o evangelho de Jesus cantado nessas canções que transformaram a vida dos homens que as escreveram e hoje pela tecnologia que o Senhor nos permitiu desenvolver podemos recuperar a essência direto em sua fonte e trazer a chama do passado para iluminar o nosso futuro³⁰⁶.

Essa é obviamente uma mensagem institucional proferida através dos lábios do personagem Adriano, podemos vislumbrar em seu conteúdo o agradecimento pelo empenho daqueles que se esforçam por manter viva do trabalho incansável Podemos perceber nesse curta a intenção da instituição em alcançar o público mais jovem, uma vez que a história é protagonizada por personagens que representassem o público infanto-juvenil, ou seja, uma criança e um pré-adolescente, eles são os heróis que partem para uma viagem ao passado com o objetivo de decifrar as melodias das canções do antigo hinário assembleiano produzido no início do século XX, mas que 900 anos mais tarde havia sido esquecido da memória da comunidade cristã futurista.

³⁰⁶ Extraído do trecho da animação. Aos 9 minutos entre os segundos 16 à 47.

3 A DECLARAÇÃO DE FÉ DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL: UMA CONFISSÃO DE FÉ PENTECOSTAL

Uma declaração de fé é um documento eclesiástico que oferece uma interpretação autorizada das Escrituras Sagradas aprovada por uma instituição religiosa, que procura, por intermédio da redação de seus artigos uniformizar as doutrinas características de determinada denominação. Este documento de compleição bíblico-sistemático-confessional não busca equiparar-se a Escritura Sagrada, entretanto, quando elaborado, procura torna-se um interposto entre a pessoa do/da fiel e sua instituição eclesiástica.

Por muitos anos a Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil esteve à margem de muitas denominações evangélicas deste país no que se referia a uma expressão formal de sua fé conjugada e alinhada à sua doutrina pentecostal. Todavia, nestes últimos anos, se mobilizou para proporcionar a toda sua membresia uma declaração de fé sucinta que abarcasse todas as doutrinas professadas desde seu surgimento no contexto nacional.

Desta maneira, a CGADB³⁰⁷ no ano de 2017³⁰⁸ apresentou oficialmente uma interpretação das Escrituras Sagradas, documento reconhecido e autorizado pelas AD's brasileiras para servir doutrinariamente a denominação em todo o país. Todavia, este processo de oficialização do seu credo se deu apenas 106 anos após a sua fundação, pois, até então, as AD's não possuíam, oficialmente, uma declaração de fé que a representasse e expusesse em conjunto seu corpo oficial de doutrinas.

Contudo, isso não quer dizer que os artigos atualmente contemplados em sua regra de fé não fossem antes observados e ensinados desde a sua fundação e estabelecimento em território nacional. É o que podemos entender na descrição que consta no preâmbulo de sua Declaração de Fé, onde é explicado os antecedentes históricos desta confissão de fé.

³⁰⁷ Até à publicação da Declaração de Fé, só haviam duas grandes convenções que congregavam fraternalmente as AD's em todo o território nacional e no exterior, a Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil – Ministério de Madureira CONAMAD e a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil CGADB.

³⁰⁸ O protótipo desta declaração de fé foi entregue a vários líderes nacionais representantes das AD's no Brasil em julho de 2016 para apreciação e sugestões, durante todo o restante do corrente ano esta confissão passou por diversas revisões até seu texto final ser entregue a toda liderança nacional durante a 43ª CGADB que ocorreu em abril de 2017.

A obra Declaração de Fé (das Assembleias de Deus) é um documento eclesiástico que organiza, de forma escrita e sistemática, as crenças e práticas das Assembleias de Deus no Brasil que já são ensinadas nas igrejas desde a chegada ao país dos missionários fundadores, Daniel Berg (1884-1963) e Gunnar Vingren (1879-1933). O contexto social e político por si só exige uma definição daquilo em que a Igreja crê e daquilo que professa desde suas origens³⁰⁹.

Assim surgiu a Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil (DF), uma confissão de fé com vinte e quatro artigos de orientação pentecostal que abrangem as principais doutrinas ensinadas pelas Assembleias de Deus ao longo deste mais de um século de existência e consolidação no Brasil. O que pretendemos apresentar neste capítulo, o processo de acepção, adaptação e organização desta confissão desde seu ponto inicial até sua produção final, bem como um resumo do conteúdo de cada um de seus artigos. Contudo, não antes de uma apresentação histórica dos credos anteriores que representam atualmente a cristandade desde seus primórdios como é o caso do Credo Apostólico³¹⁰.

Pretende-se ainda fazer uma breve exposição do processo histórico do surgimento das grandes confissões cristãs evangélicas que surgiram após a Reforma Protestante, principalmente as que surgiram no período das confissões de fé, período que foi caracterizado pelo advento dos catecismos e confissões de fé protestantes que revelaram a inclinação denominacionalista do protestantismo do século XVI e XVII, com o objetivo de delimitar as ideias da Reforma e evitar confusões.³¹¹

³⁰⁹ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil. **Declaração de fé das Assembleias de Deus:** Jesus salva, cura, batiza no espírito Santo e breve voltará. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 17.

³¹⁰ O Credo Apostólico tem suas raízes nas múltiplas e sucintas confissões batismais trinitárias que se formularam durante os primeiros séculos. Especificamente, ele remonta ao antigo credo batismal romano, já empregado na segunda do século II. A forma atual deste credo parece ter se fixado no século V. entre os séculos VII e IX, ele foi incorporado à liturgia da igreja do Ocidente, onde ainda hoje ocupa um lugar central. GASSMANN, Günther; HENDRIX, Scott. **As confissões luteranas:** uma introdução. Tradução: Ênio Mueller. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 42.

³¹¹ MCGRATH, Alister. **Teologia sistemática, histórica e filosófica:** uma introdução à teologia cristã. Tradução: Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p. 109, 110. Em termos gerais, os teólogos protestantes desta época reconheciam a existência de três níveis ou categorias de autoridade: as Escrituras Sagradas, considerada autoridade suprema em matéria de dogma e conduta; os Credos ecumênicos, considerados como representativos do consenso da igreja primitiva e como interpretações autorizadas das Escrituras e as Confissões de Fé, documentos tidos como oficiais por determinados grupos.

3.1 DECLARAÇÕES DE FÉ ANTERIORES: DOS CREDOS ÀS CONFISSÕES

Durante os primeiros anos do surgimento da Igreja não havia nenhuma composição doutrinária que servisse as primeiras comunidades cristãs primitivas e que organizassem os ensinamentos apostólicos perpassados, a princípio, pela tradição oral, todavia, com o surgimento do texto neotestamentário e seu posterior e longo processo de canonização veio à tona um texto autoritativo considerado como regra de fé e prática para toda a cristandade.

Todavia, as diversas interpretações da Escritura permitiram que o cristianismo se dividisse e colocasse em cheque a sua unidade doutrinária e estrutura hierárquica, tendo em vista que cada qual interpretava a Bíblia a sua maneira, pois até o quarto século a Igreja não havia se posicionado oficialmente quanto a definição de algumas doutrinas centrais para a fé cristã. Temendo pelo pior, a Igreja³¹², por intermédio das reuniões conciliares, buscou resolver controvérsias, bem como, sistematizar, consolidar e perpetuar as doutrinas ortodoxas. Deste modo, quem não concordasse com as decisões dogmáticas da Igreja poderia ser considerado herege e sua doutrina seria anatematizada.

Foi apenas entre os séculos IV e VI que o magistério da Igreja nos diversos Concílios ecumênicos e seus respectivos Credos³¹³, resultado dos encontros conciliares, irromperiam o cristianismo na busca por uniformidade doutrinária. Esses Credos ecumênicos foram os primeiros documentos cristãos que buscavam avaliar e caracterizar a verdadeira Igreja e afastá-la das heresias que a ameaçavam. Entretanto, estes documentos precisavam ser aperfeiçoados e aprofundados, e foi esse esforço que deram origem as grandes confissões de fé no protestantismo dos séculos XVI e XVII.

Isto posto, consideramos este momento controverso de elaboração das grandes confissões de fé no período posterior a Reforma Protestante como a era das Confissões ou simplesmente confessionalismo. Neste estágio o protestantismo já havia se dividido em diversos grupos, e as Escrituras estavam sendo estudadas para um determinado fim, ou seja, a Bíblia era examinada com o objetivo de encontrar na

³¹²Os primeiros concílios, conhecidos como Concílios Ecumênicos, foram convocados e organizados por Imperadores, mesmo que estes não participassem diretamente das decisões, votos e discussões.

³¹³ Os principais Concílios foram, o Concílio de Nicéia em 325 que deu origem ao Credo Niceno, o Concílio de Constantinopla em 381 que deu origem ao Credo Niceno-constantinopolitano, o Concílio e o Credo de Calcedônia e entre outros.

Escritura verdades incluídas em confissões que representavam os movimentos protestantes que haviam surgido neste tempo³¹⁴.

A partir desta realidade foram despontando as diversas confissões de fé procedentes da Reforma Protestante. Essas declarações foram surgindo gradativamente, a começar da Confissão de Fé de Augsburgo escrita em 1530 por Filipe Melanchton³¹⁵ estendendo-se até a Confissão de Fé de Westminster escrita por um grupo de teólogos da Assembleia de Westminster 1647³¹⁶. Por conseguinte, apresentamos as principais Confissões de Fé, não em ordem cronológica, mas pelas famílias que representam essas confissões de fé consideradas obrigatórias por suas denominações ou instituição religiosa de determinada região³¹⁷.

Dentre esses grupos de confissões citamos os mais conhecidos: a família alemã, formada pela confissão de Augsburgo (1530) escrita por Melanchton, a Apologia da Confissão de Augsburgo (1531) também escrito por Melanchton, os Artigos de Esmalcalde (1537), escritos por Lutero, o Catecismo Maior e o Catecismo Menor (1529), também escritos por Lutero, a Fórmula de Concórdia (1577), escrita após a morte de Lutero e posteriormente o Livro de Concórdia (1580), redação coordenada por Jacó Andreae;

Da família suíça, representada pela Primeira e Segunda Confissão Helvética (1536 e 1566), e a Fórmula de Consenso Helvética (1675); na família anglo-escocesa, representada pela Confissão da Escócia (1560), pelos Trinta e Nove Artigos (1563), pela Confissão de Fé de Westminster (1646-1647), e pelos Catecismos Maior e Breve de Westminster (1647); e a família germânica-holandesa, representada pelas Três

³¹⁴ BERKHOF, Louis. **Princípios de interpretação bíblica**: para a orientação no estudo das Escrituras e para uso em seminários e institutos bíblicos. Tradução: Denise Meister, 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 24, 25.

³¹⁵ Mais famoso professor e colega de Lutero em Wittemberg. Esta confissão estava baseada nos artigos de fé redigidos por teólogos luteranos e especialmente pelo próprio Lutero. A doutrina que se encontra em toda a confissão é o ensino de Lutero. HEIMANN, Leopoldo (Ed.). **As Confissões Luteranas**. São Leopoldo: Departamento de Comunicação da Igreja Evangélica Luterana no Brasil, 1980, p. 25.

³¹⁶ Desde julho de 1643 até fevereiro de 1649, reuniu-se em uma das salas da Abadia de Westminster, na cidade de Londres, o Concílio conhecido na história pelo nome de Assembleia de Westminster. Concílio convocado pelo parlamento inglês, para o preparo de uma nova base de doutrinas, forma de culto e governo eclesiástico que devia servir a Igreja do estado nos três reinos. MARRA, Cláudio Antônio Batista. **A Confissão de Fé de Westminster**. 17 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, 07.

³¹⁷ MCGRATH, 2005, p. 109. Brakemeier também comenta acerca da territorialidade de algumas instituições religiosas que dominam a Europa no século VXII, que ao norte era predominantemente protestante, o sul era católico, ortodoxo a leste e anglicano e calvinista a oeste. BRAKEMEIER, Gottfried. **Preservando a unidade do Espírito no vínculo da paz**: um curso de ecumenismo. São Paulo: ASTE, 2004, p. 31.

Formas de Unidade: a Confissão de Fé Belga (1561), o Catecismo de Heidelberg (1563) e os Cânones de Dort (1618-1619)³¹⁸.

Todas essas confissões buscaram em seus textos normatizar suas doutrinas e distinguir-se dogmaticamente, seja para defesa de seus preceitos ou para sustentar sua personalidade. Assim, outras confissões e declarações de fé aqui não contempladas, mesmo não mencionadas possuem sua representatividade no cristianismo evangélico. Todavia, muito mais que listar as confissões de fé representantes do protestantismo histórico, pretendemos apontar suas influências na Declaração de Fé assembleiana.

3.1.1 A influência das confissões de fé do protestantismo histórico na Declaração de Fé assembleiana

Vimos anteriormente que desde a fundação da AD no Brasil até a oficialização da DF assembleiana passaram-se 106 anos de um longo processo de elaboração que posteriormente será melhor detalhado, por enquanto, nos atentamos para o ponto de intercessão entre a motivação da criação da DF até a sua efetiva publicação. Esta ocasião que antecede o processo de produção redacional foi encarada, pelos seus responsáveis, como um período de profunda reflexão, estudo e análise, ora do credo assembleiano e de suas principais doutrinas, ora dos credos ecumênicos e declarações de fé dos movimentos oriundos da Reforma.

Desta maneira e para reforçar este propósito citamos a palavra de um dos membros do comitê responsável pela confecção da confissão assembleiana, onde se afirma que o conselho “pesquisou os credos ecumênicos e as principais confissões de fé históricas durante mais de um ano inteiro, examinando seu conteúdo, forma e apresentação³¹⁹”. Em vista disso, nos propomos em apresentar e discutir apenas três características principais entre todos detalhes encontrados na redação desta confissão, detalhes que foram inspirados de algumas confissões de fé do protestantismo histórico mencionados no item anterior. Estas declarações serviram de exemplo e serão citadas, assim como suas respectivas influências, pormenores que inspiraram a redação da DF assembleiana.

³¹⁸ GASSMANN; HENDRIX, 2002, p. 42-50; BEEKE, Joel R; FERGUSON, Sinclair B. **Harmonia das confissões de Fé Reformada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 06.

³¹⁹ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 19.

Desta forma, após uma simples folheada nas primeiras páginas desta declaração nos deparamos com uma frase latina que logo chama a atenção, “*Soli Deo Gloria*” um antigo pilar estabelecido pelos herdeiros da Reforma. Estes herdeiros, com duplo objetivo, buscaram resumir os pontos centrais de sua fé frente os ataques do Concílio de Trento, bem como identificar sua fé diante dos movimentos que surgiam no protestantismo pós-reforma, portanto, de forma ampla elaboraram aquilo que nós conhecemos como as Cinco ‘Solas’ da Reforma, quais sejam, *sola fide*, *sola Scriptura*, *solus Christus*, *sola gratia* e *soli Deo gloria*³²⁰, esta última consta na DF assembleiana.

Para ser mais exato, apenas *sola fide*, *sola gratia* e *sola Scriptura* aparecem nos escritos dos reformadores do século XVI, entretanto, *solus Christus* e *soli Deo gloria* surgiram posteriormente. Todavia, a ausência da expressão nos escritos dos reformadores não implica a falta do conceito, pois, as cinco *solas* refletem o núcleo das convicções teológicas da Reforma que surgiram em um momento posterior³²¹.

Como resultado, a frase *soli Deo gloria* foi inserida na DF assembleiana, esta epígrafe repousa isolada e imponente como porta de entrada que oferece boas-vindas aos artigos desta declaração, todavia, não há qualquer tipo de texto explicativo ou qualquer menção posterior a este lema da Reforma. Assim, resta saber a intenção da comissão na escolha deste slogan que não possui qualquer identificação imediata com esta confissão pentecostal.

No entanto, esta frase pode ter sido inserida com uma ou duas intenções primárias, no entanto, pode transmitir diversas realidades. A primeira, perante nossa observação, está diretamente relacionada ao significado da frase e sua tradução, ou seja, glória somente à Deus, uma expressão que pode refletir o agradecimento a Deus pela conclusão e publicação de uma obra de extrema relevância para as AD’s, quiçá para o protestantismo brasileiro.

Desse modo, mesmo que este sentimento de glorificação e gratidão exclusiva à Deus esteja presente no discurso, nos púlpitos e na literatura assembleiana, todavia, ela não é, e pelo que parece nunca foi, em toda a sua história, expressa por esta frase

³²⁰ Somente a Fé, somente a Escritura, somente Cristo, somente a graça e glória somente à Deus.

³²¹ VANHOOZER, Kevin J. **Autoridade bíblica pós-reforma**: resgatando os *solas* segundo a essência do cristianismo protestante puro e simples. Tradução: A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 51.

representativa, nem por esta ou por qualquer outra, talvez apenas por um singelo “graças à Deus”.

Apesar disso, não foi por acaso que esta frase foi utilizada nesta forma e principalmente em latim, pois este lema inserido na DF também apresenta pistas do desejo ou afirmação da proximidade e/ou dos vínculos que o assembleianismo tem como uma denominação que possui suas raízes na Reforma do século XVI, já que explicitamente a comissão responsável pela elaboração deste material se mostrou simpática com as confissões de fé herdeiras da Reforma.

O segundo detalhe observável e que não pode passar despercebido nesta DF assembleiana, são os três verbos conjugados na primeira pessoa do plural do presente do indicativo, a saber, *cremos*, *professamos* e *ensinamos*. Esta mesma sequência é conjugada e reproduzida na introdução de cada um dos vinte e quatro artigos da redação desta confissão.

Esta sentença confessional muito se assemelha ao modelo apresentado na redação do Livro de Concórdia³²², que em sua composição apresenta a seguinte afirmação na introdução de seus artigos de fé: *cremos*, *ensinamos* e *confessamos*³²³. Pode parecer muita coincidência, mas não é. Pois, a possibilidade da declaração assembleiana não ter sido influenciada pelo texto desta confissão luterana ou de outras confissões evangélicas, é anulada pela alegação do próprio comitê responsável pela DF como vimos anteriormente.

Por fim, outra semelhança entre as confissões evangélicas herdeiras da Reforma e o texto final da DF assembleiana é o uso dos Cremos ecumênicos que representam todos os grupos de cristãos e do qual todas as confissões conhecidas estão amparadas. Estes Cremos são: o Credo Apostólico, datado do século II; o Credo

³²² O Livro de Concórdia é a coleção normativa de textos confessionais que foi reconhecida oficialmente em igrejas da Reforma luterana. Sua forma tem suas raízes na ideia de uma coleção de documentos normativos, um corpo de doutrina, que remonta a década de 1530. GASSMANN; HENDRIX, 2002, p. 40.

³²³ LIVRO de Concórdia. As confissões da Igreja Evangélica Luterana. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

Niceno³²⁴ de 325 d. C; o Credo Niceno-constantinopolitano³²⁵ de 381 d. C; o Credo de Calcedônia³²⁶ de 451 d.C e o Credo Atanasiano³²⁷, datado do ano 500 d. C. Estes Credos universais estão inseridos no apêndice desta DF sem nenhuma nota adicional, mas apenas uma breve inferência na introdução desta confissão que diz:

Os credos considerados universais são conhecidos como “credos ecumênicos”, visto que a sua aceitação é ampla e não se restringe a uma ou outra região [...] Seu conteúdo consta aqui neste Apêndice, demonstrando que temos muitos pontos em comum com os primeiros cristãos. Esses credos são geralmente aceitos por católicos romanos, ortodoxos gregos e protestantes, pois seu conteúdo é comum às principais religiões que ostentam a bandeira de Cristo. As seitas ou grupos religiosos heterodoxos rejeitam esses credos³²⁸.

Podemos considerar que a inserção destes credos universais na DF assembleiana demonstra a preocupação da Instituição em se aproximar destes documentos assim como fizeram os filhos da Reforma na formulação de suas confissões, pois se uma confissão de fé se ocupa em oferecer uma interpretação autorizada das Escrituras, esta interpretação deve advir da Bíblia Sagrada e/ou de alguma outra fonte autorizada.

Consequentemente, a fonte principal destas declarações é a Escritura, e em segundo plano estes credos ecumênicos. Além do mais, como a própria citação acima

³²⁴ O Credo Niceno tem, essencialmente, o mesmo conteúdo doutrinário do Credo Apostólico. A diferença é que ele confessa, mais detalhadamente, a doutrina do Deus Triúno e sua graciosa obra salvadora. O Credo Niceno, em sua forma mais primitiva, foi adotado pela igreja cristã no seu primeiro Concílio ecumênico ou geral, que se reuniu no ano de 325, em Nicéia, Ásia Menor. O propósito inicial do Credo foi rejeitar os erros da Santíssima Trindade, especialmente a divindade de Cristo. Este credo, ano mais tarde foi ampliado para apresentar, com maior clareza, a deidade do Espírito Santo e sua obra santificadora. HEIMANN, 1980, p. 14.

³²⁵ O Credo Nicenoconstantinopolitano confessa a origem e natureza divina de Jesus Cristo em oposição ao ensino de Ário de que o Filho era inferior ao Pai. Este credo foi expandido em 381, para incluir também uma referência a natureza pessoal e divina do Espírito Santo. Foi endossado pelo Concílio de Calcedônia, em 451, e, então, pelas igrejas do Oriente e do Ocidente. HENDRIX; GUSSMANN, 2002, p. 42.

³²⁶ O Credo calcedoniano foi o resultado da resolução das controvérsias acerca da encarnação e das duas naturezas de Jesus. Embora ferida por certa heterogeneidade, a definição do concílio oferecia uma fórmula dogmática capaz de expressar claramente a unidade e a distinção em Cristo, evitando os riscos tanto do nestorianismo quanto do monofisismo, contornando suas exigências com a solução inspirada na busca de equilíbrio entre elas. ALBERIGO, Giuseppe (Org). **História dos concílios ecumênicos**. Tradução: José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1995, p. 100-102.

³²⁷ O Credo Atanasiano, por incrível que pareça, não foi formulado por Atanásio, mas surgiu provavelmente durante o século 5 ou 6. Ele pressupõe e professa o desenvolvimento, no século 4, do dogma da trindade e do dogma das duas naturezas de Cristo, no século 5. Ele ganhou um lugar importante na igreja medieval do Ocidente e, assim, também foi recebido pelos reformadores. HENDRIX; GUSSMANN, 2002, p. 42.

³²⁸ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 16.

informa, o afastamento ou abandono destes credos resultaria numa aproximação e identificação do assembleianismo com uma seita ou um grupo heterodoxo qualquer como antes a denominação já fora taxada³²⁹.

Logo, somente com o retorno às fontes dogmáticas do cristianismo no período patrístico e a influência reformada³³⁰ garantiria a legitimidade de um documento mais elaborado e legalmente institucionalizado, mas, que obrigatoriamente, tenha extraído suas bases dos credos universais e da tradição reformada. Assim como os movimentos advindos dos séculos XVI e XVII garantiram a oficialização das suas confissões a partir do seu vínculo com a Reforma e com a tradição conciliar.

Em outras palavras, seriam considerados interpretações oficiais e legítimas apenas os grupos que demonstrassem a devida crença na Escritura Sagrada como autoridade de caráter primário e universal, similarmente nos Credos como autoridade secundária e universal, enquanto que as confissões de fé, resultado da consulta destas tradições, asseverariam sua autoridade de caráter terciário e denominacional³³¹. Portanto, torna-se relevante citar que os mesmos processos de produção destas confissões anteriores também foram adotados pela Assembleia de Deus que, mesmo tardiamente, reabriu as portas da era das confissões para apresentar, até o presente momento, a derradeira publicação de uma confissão de fé oriunda da tradição protestante.

3.1.2 “Antes tarde do que nunca”³³²: mas porque demorou tanto?

A Declaração de Fé das Assembleias de Deus brasileiras passou por um longo período de recepção, adaptação e construção até o seu “acabamento final”, um processo que durou 106 anos para ser “concluído”. Diante deste contexto, podemos

³²⁹ Quando no início de seu estabelecimento no Brasil era chamada de seita pentecostista. Ver ALENCAR, 2010, p. 48.

³³⁰ A influência reformada nesta pesquisa está relacionada a toda a herança deixada por Lutero e os demais responsáveis pela Reforma que acometeu a Alemanha no século XVI.

³³¹ MCGRATH, 2005, p. 109, 110.

³³² LÍVIO, Tito. **História de Roma**. Volume I. São Paulo: Editora Paumape, 1989, p. 303. “*potiusque sero quam numquam*”, expressão latina que pode ser traduzida como (antes tarde do que nunca). Extraída do livro *Ab Urbe condita libri* (Desde a fundação da cidade) traduzido no Brasil por (História de Roma) escrito por Titus Lívius (Tito Lívio) em 27 a. C. Em outras palavras essa expressão pode ter o seguinte sentido. É melhor produzir determinada coisa, de certa forma, atrasado do que não a fazer nunca. Esse é o caso da Declaração de Fé das Assembleias de Deus, que demorou para ser oficialmente produzida, mas que hoje prefigura como instrumento, mesmo que tardio, da manutenção da unidade doutrinária assembleiana.

levantar, dentre muitas, ao menos duas hipóteses que pretendam responder a razão da demora da produção/finalização deste documento, uma delas de âmbito ideológico e a outra por convicções espirituais.

A primeira destas hipóteses pode estar relacionada a uma ideia atrelada a uma convicção, a aversão ao academicismo teológico que a denominação sempre sofreu e manteve por muito tempo e que foi amenizado mais não encerrado a partir de 1958, com a fundação do Instituto Bíblico das Assembleias de Deus (IBAD)³³³, fundado pelo casal de missionários, João Kolenda Lemos³³⁴ e Ruth Dóris Lemos³³⁵.

Neste contexto, a figura dos missionários e pastores das AD's, tinham a convicção de que qualquer estudo teológico, sistemático e pormenorizado das Escrituras que não tivesse uma ênfase espiritual e que não culminasse para a evangelização, apenas atrapalharia a ação de Deus na vida da igreja e, especificamente, em sua liderança³³⁶. Não é à toa que qualquer estudo bíblico realizado na época, além de breve, era empregado como preparação para o envio missionário.

Assim, até este momento todo e qualquer ensino bíblico formal, com ou sem ênfases teológicas, mas de teor espiritual e ministerial é administrado pela liderança sueca e ministrado nas Escolas Bíblicas (EB)³³⁷, onde é aliada a teoria e a prática do que fora ensinado. Geralmente a temática básica priorizada nestes breves encontros de estudo bíblico era de ênfase escatológica, o que nos dá margem para trazer à baila a discussão acerca da segunda hipótese.

³³³ Instituto de ensino teológico com ênfase missionária fundado em 1958, pelo casal João Kolenda Lemos e Ruth Dóris Lemos. A primeira instituição de ensino teológico formal permanente, com aulas presenciais e com regime de internato, entre as Assembleias de Deus.

³³⁴ João Kolenda Lemos (1922-2012), brasileiro, missionário da Missão Norte-americana nas Assembleias de Deus, pastor, pedagogo, e fundador, juntamente com sua esposa, do Instituto Bíblico das Assembleias de Deus em Pindamonhangaba.

³³⁵ Ruth Dóris Lemos (2009) pastora ordenada pelas Assembleias de Deus norte-americana.

³³⁶ É importante destacar que a aversão ao ensino teológico das AD's no Brasil na época estava relacionada ao contexto anterior destes (as) missionários (as) suecos (as). Pois em seu país, o domínio de uma igreja estatal se estendia ao domínio do sistema escolar, em especial o teológico, pois assim, mais do que ensinar teologia, é manter o controle do poder. Portanto, ser de uma "igreja livre" é o mesmo que negar todo e qualquer processo de institucionalização, daí se iniciando pela formação teológica. Consequentemente, os batistas suecos são contra toda e qualquer forma de oficialização da igreja como denominação. ALENCAR, 2013, p. 112.

³³⁷ A Escola Bíblica nas Assembleias de Deus eram escolas de estudo bíblico e de curta duração que preparavam obreiros e obreiras para a atuação na evangelização do país. Quando começou a ser realizada durava um mês e tinha como principal propósito a formação bíblico-espiritual e ministerial dos e das participantes. ARAÚJO, 2007, p. 282.

Mas antes, é interessante destacar que um dos fundadores das AD's no Brasil, o pioneiro Gunnar Vingren, tinha formação teológica³³⁸, talvez o único diplomado com o estudo teológico entre os (as) suecos (as), recebendo seu diploma em maio de 1909 pelo Swedish Theological Seminary, seminário teológico sueco que funcionava na Universidade de Chicago nos Estados Unidos.

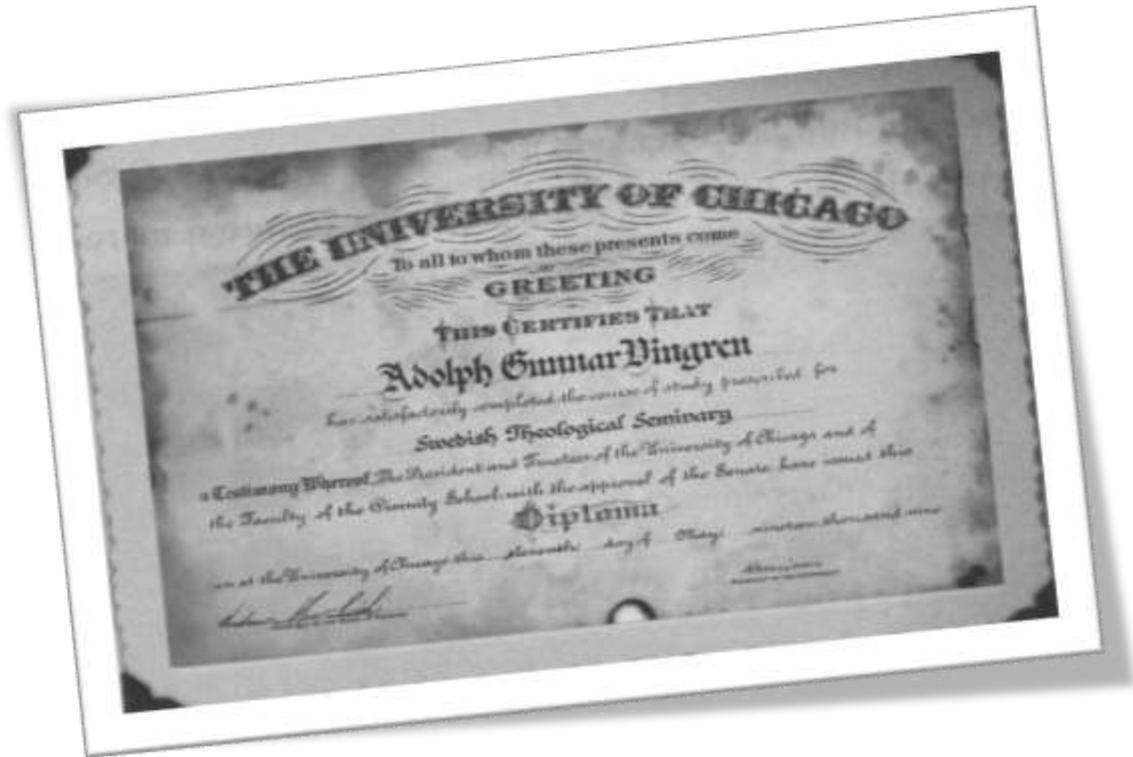


Imagem 8: Cópia do Diploma de graduação em Teologia de Gunnar Vingren expedido em 11 de maio de 1909 pelo Swedish Theological Seminary, da Universidade de Chicago nos Estados Unidos
Fonte: CEMP/CPAD

A outra hipótese acerca da delonga quanto produção de uma regra de fé, se refere ao forte realce escatológico que permeia a concepção da liderança da AD. Pois a forte ênfase quanto ao retorno iminente de Cristo era conteúdo quase que exclusivo nos primeiros encontros de estudo bíblico, e que combinavam prontamente com a

³³⁸ Contando o período entre 1910 a 1976 somam-se 64 missionários e missionárias da Missão Livre Sueca no Brasil. Entre os missionários suecos e as missionárias suecas que aportaram no Brasil, somam 19 casais e suas famílias, 06 missionários solteiros e 20 missionárias solteiras, nenhuma dessas pessoas, exceto Gunnar Vingren, tinha uma formação teológica concluída em quatro anos. É provável que os (as) missionários (as) suecos (as) tivessem ao menos uma formação bíblica em algum Instituto Bíblico, é o caso de Samuel Nyström que cursou o Instituto Bíblico em 1914; Gustavo Bergstom que estudou num seminário norte-americano entre 1929 e 1931 e Nils Taranger que estudou no Instituto Bíblico de Londres entre 1931 e 1932. Gunnar Vingren estudou teologia entre 1906 e 1909 na Swedish Theological Seminary, nos Estados Unidos. ARAÚJO, 2007, p. 282, 472, 509; ALENCAR, 2013, p. 109, 112.

brevidade destas primeiras classes de EB nas AD's, que geralmente, duravam apenas um mês de estudo ininterrupto.

Ou seja, dedicar-se no preparo de uma Declaração de Fé era vista como “perca de tempo”, pois enquanto se “perde tempo” estudando e preparando confissões de fé, as “almas” vão perecendo e o ide de Jesus vai sendo negligenciado. Pois, Jesus não havia chamado a sua igreja para que esta preparasse confissões e regras de fé, mas a convocou para cumprir com a tarefa de agência missionária.

Assim, consideramos que estas hipóteses, combinadas a muitas outras questões institucionais impediram um estudo mais condensado, acurado e expositivo de uma declaração de fé que identificasse a própria convicção da Instituição. Aliado ao temor que os missionários suecos tinham de tornar a AD uma denominação meramente burocrática, processo na qual algumas igrejas na Escandinávia haviam sofrido³³⁹. Assim, diante desta realidade apresentamos todo o percurso desta regra de fé assembleiana e o processo que culminou com a sua publicação oficial. Itinerário que, a princípio, passou da tradição oral para a tradição escrita, e concomitantemente pela fase da informalidade à sua oficialização, mas que nesse ínterim, sofreu acréscimos, alterações e revisões até chegar ao seu arranjo final.

3.1.3 A identidade assembleiana na Declaração de Fé: algumas características peculiares

Por se tratar de um documento oficial, autorizado por uma denominação eclesiástica, a DF assembleiana mantém as formalidades e características peculiares a todo e qualquer tipo de documento com esta finalidade, no entanto, é preservada nesta declaração algumas características inerentes a Instituição. Vejamos alguns destes apontamentos.

A princípio, além da expressão latina *Soli Deo Gloria*, já comentada anteriormente, a DF sustenta um subtítulo, como uma epígrafe, que soa, ou pelo menos deveria soar, como familiar a toda pessoa assembleiana. A inscrição “Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará”³⁴⁰ presente nas primeiras páginas

³³⁹ ALENCAR, 2013, p. 112.

³⁴⁰ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 3.

desta declaração faz devido destaque ao anúncio das verdades pentecostais pelos pioneiros fundadores da denominação, e, do mesmo modo, faz uma associação direta aos primórdios da confissão de fé assembleiana.

Não é sem sentido a inserção desta inscrição, pois, este lema, era basicamente usado como um esboço nas mensagens pregadas pelos fundadores das AD's. Logo, é relevante frisar que esta breve confissão de fé preliminar não poderia ficar de fora deste documento oficial, pois durante os primeiros anos das AD's esta frase era reproduzida e disseminada como um credo, fazendo parte da primeira etapa da DF no período que abrange a fase da oralidade em transição para a tradição escrita, como veremos mais adiante. Além do mais, é possível confirmar pela leitura da DF que as quatro partes dessa assertiva foram diluídas no conteúdo de seus artigos de fé.

Prosseguindo na análise da DF, observamos que antes de iniciar a exposição dos pontos cardeais desta declaração uma nota marginal chama a atenção na seção de abreviaturas. Seria apenas uma informação desinteressante no canto inferior direito desta página, que facilmente passaria despercebida e seria ignorada, porém, reflete uma singularidade característica da tradição das AD's, uma antiga preferência da Instituição, vejamos o que diz a nota.

As referências bíblicas citadas nesta obra são da Versão de João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida, 4ª edição de 2009, as demais são indicadas pelas seguintes abreviaturas: ARA (Almeida Revista e Atualizada, 2016) e TB (Tradução Brasileira, 2010) todas as edições da Sociedade Bíblica do Brasil³⁴¹.

Isso seria apenas uma simples nota de rodapé em qualquer outra obra literária que se propusesse em citar integral ou parcialmente alguns textos bíblicos nela contidos. Todavia, para a pessoa assembleiana e para a Instituição em si, os detalhes quanto a escolha da versão a ser utilizada por este documento oficial é de fundamental relevância e de valor sentimental, seja pessoal ou denominacional.

³⁴¹ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 11.

Visto que, a versão Almeida Revista e Corrigida (ARC), está no imaginário e no coração do assembleiano e da assembleiana³⁴², por ser a versão bíblica mais antiga³⁴³ e que por mais tempo foi utilizada pela Assembleia de Deus em sua liturgia, além das demais publicações realizadas pela CPAD na comercialização de Bíblias e literatura cristã evangélica que até hoje são preferencialmente publicadas nesta versão. A oficialização do uso desta tradução também chegou a ser um assunto em debate durante a 34ª Assembleia Geral Ordinária (AGO) da CGADB de 1999, que adotou a ARC como texto oficial para a leitura pública nas Assembleias de Deus brasileiras, o objetivo da escolha era padronizar e facilitar a leitura comunitária durante os cultos assembleianos, contudo, sem impor restrições a outras versões³⁴⁴.

Ou seja, a escolha da versão utilizada e priorizada na produção da declaração assembleiana não se deu por acaso ou pela simples seleção aleatória, na verdade é prioritária e afetiva. Nesta versão está contida sentimentos e lembranças que remontam a tradição assembleiana e seu processo de identificação. Por exemplo, uma das Bíblias que representam o assembleianismo e quiçá o movimento pentecostal é a Bíblia de Estudo Pentecostal³⁴⁵, esta Bíblia comentada está entre as mais vendidas entre assembleianos e assembleianas, além da pessoa adepta do

³⁴² Esta informação é válida quando se considera as pessoas mais antigas na denominação, mesmo que haja pessoas novas convertidas que manifestam o interesse por esta versão. Não estamos com isso afirmando que haja uma recomendação da liderança assembleiana no tocante a escolha desta ou daquela tradução, todavia, a atitude demonstrada pode se manifestar, meramente, pela lembrança afetiva de cada indivíduo que logo após o contato com a primeira leitura bíblica realizada depois do ato da conversão passa a preferir essa ou aquela tradução que primeiro lhe chega as mãos. Essa condição emocional pode ainda ser acentuada com o início do processo de memorização de versículos, comum a novos (as) convertidos (as). Atualmente há um número excessivo de traduções que amplia as escolhas individuais e denominacionais, além do mimetismo como característica presente no protestantismo atual que também acaba diluindo algumas dessas preferências no assembleianismo atual. Há ainda outro aspecto que pode explicar a preferência pela ARC, a escassez de traduções bíblicas no período em que a editora oficial da Assembleia de Deus é inaugurada (1940). Como não havia tantas versões e traduções bíblicas nessa época, a preferência pela ARC poderia ser explicada, tradução que também prefigura como a primeira versão em língua portuguesa (1898) a circular no Brasil.

³⁴³ A ARC é uma das versões mais antigas em português utilizada até hoje em território nacional. Versão publicado em 1898, ocasião em que recebeu o popular nome Revista e Corrigida por uma sociedade bíblica estrangeira, produzida a partir do texto traduzido por João Ferreira de Almeida publicado em 1750, passando, posteriormente, por quatro revisões elaboradas pela Sociedade Bíblica do Brasil, em 1949, 1969, 1995 e 2009. ver PAROSCHI, Wilson. **Origem e transmissão do texto do Novo Testamento**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012, p. 129.

³⁴⁴ SOARES, Esequias. **O texto padrão da Bíblia das Ads**. In: OBREIRO, Aprovado. Revista Evangélica trimestral: liderança, teologia, prática. Ano 36, nº 62. Rio de Janeiro: CPAD, 2º trimestre de 2013, p. 18.

³⁴⁵ Bíblia de estudo cuja as notas de estudo e comentários bíblicos foram produzidas pelo pastor e missionário norte americano, enviado ao Brasil, Donald Carrel Stamps (1938-1991). ARAÚJO, 2007, p. 829.

movimento pentecostal. Esta Bíblia é editada e publicada pela CPAD que faz uso da ARC para perpetuar sua tradição e valores pentecostais.

Por conseguinte, observamos o discurso da presidência da CGADB³⁴⁶ que, em linguagem sermonal, faz uma breve descrição apresentando a relevância da DF assembleiana, todavia, maior destaque se dá a introdução apresentada pelo organizador da DF³⁴⁷ que apresenta um histórico dogmático como um esforço contínuo de aproximar a DF assembleiana dos grandes Credos e Confissões de Fé do protestantismo histórico. Um traço histórico que só é concluído com a apresentação da DF das AD's no Brasil e com a explicação de sua apresentação tardia que é recuperada a partir da menção dos credos e proto-confissões que gestaram a atual DF assembleiana³⁴⁸, como vimos anteriormente.

Logo a seguir, foi colocado à disposição do leitor e da leitora o texto completo do “Cremos”, redação que consideramos ser parte do penúltimo estágio da DF assembleiana, como veremos mais adiante. Esta declaração foi apresentada neste formato com seus dezesseis artigos por ser, na linha sucessória, o elo mais próximo da atual confissão oficial assembleiana. Assim, o Cremos foi apresentado na íntegra, sem quaisquer comentários ou nota explicativa, dessa maneira, o interesse da apresentação neste formato pode ser explicado da seguinte maneira.

A comissão responsável decidiu lançar à comunidade assembleiana os artigos na íntegra como eram publicados mensalmente no jornal Mensageiro da Paz, esta disposição, sem quaisquer explicações ou notas é admissível, tendo em vista, que estes artigos estão inseridos, em sua totalidade, na DF, daí a não necessidade de maiores explicações. Vejamos o texto a seguir.

Cremos

1. Na inspiração divina verbal e plenária da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé e prática para a vida e o caráter cristão (2 Tm 3.14-17);
2. Em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas distintas que, embora distintas, são iguais em poder, glória e majestade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo; Criador do Universo, de todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, e, de maneira especial, os seres humanos, por um ato sobrenatural e imediato, e não por um processo evolutivo (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29; Gn 1.1; 2.7; Hb 11.3 e Ap 4.11);

³⁴⁶ Na época pastor José Wellington Bezerra da Costa.

³⁴⁷ Pastor Esequias Soares da Silva

³⁴⁸ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 15-19.

3. No Senhor Jesus Cristo, o Filho Unigênito de Deus, plenamente Deus, plenamente Homem, na concepção e no seu nascimento virginal, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e em sua ascensão vitoriosa aos céus como Salvador do mundo (Jo 3.16- 18; Rm 1.3,4; Is 7.14; Mt 1.23; Hb 10.12; Rm 8.34 e At 1.9);
4. No Espírito Santo, a terceira pessoa da Santíssima Trindade, consubstancial com o Pai e o Filho, Senhor e Vivificador; que convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo; que regenera o pecador; que falou por meio dos profetas e continua guiando o seu povo (2 Co 13.13; 2 Co 3.6,17; Rm 8.2; Jo 16.11; Tt 3.5; 2 Pe 1.21 e Jo 16.13);
5. Na pecaminosidade do homem, que o destituiu da glória de Deus e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo podem restaurá-lo a Deus (Rm 3.23; At 3.19);
6. Na necessidade absoluta do novo nascimento pela graça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus para tornar o homem aceito no Reino dos Céus (Jo 3.3-8, Ef 2.8,9);
7. No perdão dos pecados, na salvação plena e na justificação pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26; Hb 7.25; 5.9);
8. Na Igreja, que é o corpo de Cristo, coluna e firmeza da verdade, una, santa e universal assembleia dos fiéis remidos de todas as eras e todos os lugares, chamados do mundo pelo Espírito Santo para seguir a Cristo e adorar a Deus (1 Co 12.27; Jo 4.23; 1 Tm 3.15; Hb 12.23; Ap 22.17);
9. No batismo bíblico efetuado por imersão em águas, uma só vez, em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19; Rm 6.1-6; Cl 2.12);
10. Na necessidade e na possibilidade de termos vida santa e irrepreensível por obra do Espírito Santo, que nos capacita a viver como fiéis testemunhas de Jesus Cristo (Hb 9.14; 1 Pe 1.15);
11. No batismo no Espírito Santo, conforme as Escrituras, que nos é dado por Jesus Cristo, demonstrado pela evidência física do falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7);
12. Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme sua soberana vontade para o que for útil (1 Co 12.1-12);
13. Na segunda vinda de Cristo, em duas fases distintas: a primeira — invisível ao mundo, para arrebatá-la sua Igreja antes da Grande Tribulação; a segunda — visível e corporal, com a sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1 Ts 4.16, 17; 1 Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5; Jd 1.14);
14. No comparecimento ante o Tribunal de Cristo de todos os cristãos arrebatados, para receberem a recompensa pelos seus feitos em favor da causa de Cristo na Terra (2 Co 5.10);
15. No Juízo Final, onde comparecerão todos os ímpios: desde a Criação até o fim do Milênio; os que morrerem durante o período milenial e os que, ao final desta época, estiverem vivos. E na eternidade de tristeza e tormento para os infiéis e vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis de todos os tempos (Mt 25.46; Is 65.20; Ap 20.11-15; 21.1-4).
16. Cremos, também, que o casamento foi instituído por Deus e ratificado por nosso Senhor Jesus Cristo como união entre um homem e uma mulher, nascidos macho e fêmea, respectivamente, em conformidade com o definido pelo sexo de criação geneticamente determinado (Gn 2.18; Jo 2.1,2; Gn 2.24; 1.27)³⁴⁹.

³⁴⁹ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 21-24. Esta declaração não tem relação com o conjunto de 16 verdades fundamentais das Assembleias de Deus norteamericana, documento produzido no ano de 1916.

Imediatamente após a disposição do credo acima apresentado, inicia o processo de exposição das matérias de fé assembleiana. Esta etapa é introduzida com a mesma frase introdutória “Cremos, professamos e ensinamos ...”, esses três verbos conjugados na primeira pessoa do plural do presente do indicativo muito se assemelham ao estilo de outras confissões de fé, como pontuamos anteriormente. Esta convocação descreve o apelo da Instituição, um chamamento a pessoa de cada assembleiano e de cada assembleiana no cumprimento das responsabilidades que lhes são exigidas por esta Declaração de Fé. Isto quer dizer que, cada pessoa assembleiana deve:

CRER e julgar como correta cada interpretação dos artigos de fé apresentadas minuciosamente em cada uma das palavras desta declaração. Mas não aceitar sem refletir, tendo em vista que cada artigo é apresentado em uma exposição sistemática e fundamentada numa perspectiva pentecostal. PROFESSAR publicamente e estar convicto em cada matéria de fé como representante legítima do pensamento e interpretação assembleiana. Esta confissão deve ser uma realidade reproduzida seja na comunidade religiosa, mas, principalmente no “mundo”³⁵⁰. ENSINAR e explicar minuciosamente cada uma das doutrinas que representam o assembleianismo. Esta instrução pode acontecer em todas as esferas de atuação da pessoa assembleiana, uma obrigação exigida por esta confissão de fé.

Outro detalhe característico da DF assembleiana é a despreocupação quanto a indicação das referências bibliográficas e notas de rodapé, exceto as citações bíblicas, únicas citações indicadas como notas no fim do texto. Alguns pais da igreja e credos ecumênicos são claramente citados, entretanto, sem qualquer preocupação com a citação que referencie estas obras citadas. Peculiar é a quantidade de referências bíblicas mencionadas, único conteúdo que consta nas notas no fim do texto.

³⁵⁰ O “mundo” no contexto assembleiano e pentecostal é uma esfera de influência maligna, onde os poderes constituídos pelo sistema mundano agem desfavoravelmente aos e as fiéis. Este ambiente exige constantemente, uma postura moral do e da crente em Cristo, que deve explicitamente externalizar este comportamento e lutar, com armas espirituais, contra as suas paixões. Esta interpretação está baseada em alguns textos bíblicos dos quais destacamos alguns joaninos: I João 2. 15 “Não ameis o mundo, nem o que no mundo há”; I João 5.19 “...o mundo jaz no maligno”; João 16.33 “No mundo tereis aflições...”

3.2 AS DUAS TRADIÇÕES NA DECLARAÇÃO DE FÉ ASSEMBLEIANA: DA ORALIDADE À TRADIÇÃO ESCRITA

A tradição que antecede a fixação dos textos vétero e neotestamentários é conhecida como tradição oral³⁵¹. Por intermédio desta tradição, habituada apenas à linguagem falada, o conhecimento acerca das personagens e episódios bíblicos é transmitido as gerações posteriores. No entanto, com o decorrer do tempo, esta forma de conservar as narrativas bíblicas foi sendo substituída pela tradição escrita. Em decorrência disto, este texto estável, ao longo da história da igreja, sofreu um prolongado e controverso processo de seleção e canonização.

Assim como o conteúdo destes textos sagrados passaram, gradativamente, da tradição oral para a tradição escrita, da mesma maneira, a DF também passou pela mesma transição, num contexto assembleiano e brasileiro, no entanto, com algumas pequenas diferenças. Pois, enquanto na Escritura as tradições oral e escrita conservaram, de um modo ou de outro e durante muito tempo, as experiências e a caminhada de fé de cada qual das personagens bíblicos, entretentes, na DF, o assembleianismo, assentou e aprimorou, também pelas vias verbal e escrita, não suas vicissitudes ou personagens históricos, mas a declaração de fé assembleiana, ou seja, a particular interpretação dos dogmas e doutrinas que atualmente formam o texto da confissão assembleiana.

Em outras palavras, enquanto a Bíblia apresenta a caminhada de fé do povo hebreu e cristão, a DF apresenta a confissão de fé do povo assembleiano. Além disso, é conveniente acentuar o elemento característico que difere a DF das demais confissões religiosas, a transição da fase da oralidade para a tradição escrita. Tendo em vista que as confissões de fé oriundas ou não da Reforma, nasceram juntamente com suas denominações ou do contrário, as confissões de fé do protestantismo pós-reforma que causaram a fragmentação do movimento evangélico dando origem as inúmeras denominações protestantes.

³⁵¹ GASS, Ildo Bohn (Org). **Uma introdução à Bíblia**: porta de entrada. 2 ed. Volume 1. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2012, p. 18; SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 38, 39; CULLMANN, Oscar. **A formação do Novo Testamento**. Tradução: Bertoldo Weber. 7 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 15.

Desta forma, ao prosseguir neste estudo pretendemos apresentar algumas particularidades destas duas tradições e as intenções que conduziram a transição da fase da oralidade para a tradição escrita na confissão de fé do assembleianismo brasileiro.

3.2.1 A oralidade no assembleianismo brasileiro

Assim como diversas sociedades humanas surgiram e foram sustentadas primeiramente e por muito tempo apenas pelo uso da oralidade³⁵², a AD também iniciou a prática da divulgação de suas doutrinas por intermédio desta tradição, mas não apenas. Na verdade, podemos identificar na história das AD's no Brasil, duas tradições responsáveis por perpetuar as principais doutrinas que formam atualmente a confissão de fé no assembleianismo brasileiro³⁵³.

Dessa maneira, entre estas duas tradições, a oralidade foi a primeira que assentou e desenvolveu a declaração de fé assembleiana pela via da linguagem falada. Atualmente estas duas tradições caminham lado a lado, numa interação que envolvem as duas formas de instrução doutrinária, todavia, ainda com aguda preferência pela transmissão verbal.

Deste modo, foi com a chegada dos pioneiros fundadores ao Brasil em 1910 que a fase primária dessa declaração foi estabelecida. Este período foi instaurado e consolidado, basicamente, através da pregação, ensino da Palavra e do testemunho individual, período que se estendeu até 1919 quando outra tradição iniciou seu desenvolvimento e exercício, porém, não substituindo a anterior, e, por isso, atualmente, caminha paralelamente à tradição oral, todavia, nos ocuparemos no estudo detalhado desta tradição mais adiante.

Logo, foi a partir da pregação, ensino e do testemunho pessoal dos fundadores e pioneiros da AD que a fase da oralidade iniciou-se com o anúncio que consistia

³⁵² ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Tradução: Enid Abreu Dobránzky. Campinas: Papyrus, 1998, p. 10.

³⁵³ Consideramos nesta pesquisa apenas as tradições oral e escrita como as primeiras culturas usadas no processo de doutrinação da confissão de fé pelo pioneirismo assembleiano. Não descartamos a Bíblia Sagrada como fonte de tradição escrita e que tenha antes passado pela tradição oral, todavia, entendemos que a Escritura é uma fonte da tradição cristã e não exclusiva do assembleianismo brasileiro. Portanto, contamos como fonte verbal e documental, exclusivamente, o resultado produzido pela linguagem falada e escrita no assembleianismo brasileiro.

basicamente na interpretação bíblica continuísta da atuação do Espírito Santo na vida da igreja e na experiência que eles haviam desfrutado ao receberem o dom do Espírito Santo³⁵⁴ com a sua principal evidência, o falar em outras línguas como demonstração do poder de Deus, desta forma, os primórdios da DF assembleiana foram alicerçadas, propaladas pela tradição oral e confirmada pela atuação do Espírito Santo na vida de cada pessoa assembleiana.

Apesar dessa realidade meramente verbal e pautada na experiência subjetiva, esta tradição possui até hoje a sua legitimidade e o seu lugar como uma característica fundante no assembleianismo brasileiro. Pois as primeiras pessoas assembleianas criam que seu testemunho e sua pregação eram autorizados não por um documento institucionalizado, mas pelo Espírito Santo que confirmava com sinais³⁵⁵ subsequentes ao testemunho, pregação e anúncio do credo pregado pelos pioneiros e pelas pioneiras e por todo assembleiano e toda assembleiana.

Consideramos a relevância da oralidade na doutrinação de todo o assembleiano e de toda a assembleiana, pois esta fase antecede a fundação da própria Instituição. Esta tradição tinha como base exclusiva apenas às Escrituras em sua interpretação pentecostal, e, não se reportava a qualquer documento oficial escrito e/ou autorizado pela denominação.

Dessa maneira, mesmo que o exercício da pregação e ensino dos artigos essenciais da confissão de fé assembleiana não fossem apoiadas, até o momento, por um documento oficial, sua transmissão por intermédio da cultura verbal não resultavam em descaso institucional ou em doutrinação e interpretação aleatória por parte do fiel assembleiano e da fiel assembleiana, pois o que se propagava estava fortemente respaldado nas palavras dos pioneiros fundadores e na formulação da primitiva confissão verbal que rezava o seguinte: “Jesus Cristo salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará³⁵⁶.”

³⁵⁴ Os pioneiros fundadores contam em seus diários como se deu na vida deles o recebimento de poder, ou seja, quando e como receberam o batismo no Espírito Santo, além dos diversos casos de curas relatados minuciosamente em seus diários. Se os relatos vividos por estes pioneiros foram registrados em suas agendas é inegável que não o fizessem através da oralidade. BERG, 2008, 51; VINGREN, 2000, p. 25.

³⁵⁵ Salvação, curas e batismos no Espírito Santo

³⁵⁶ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 3.

Consequentemente, esta proto-confissão, mesmo sendo breve, está relacionada a um conjunto de significados no contexto teológico pentecostal, assim, podemos perceber a incipiente teologia ensinada pela AD brasileira com a chegada dos pioneiros fundadores, uma teologia básica reproduzida através da oralidade, teologia com forte inclinação para a cristologia³⁵⁷, pois ela é formada unicamente por quatro das inúmeras obras de Cristo na vida da Igreja.

Esta tendência que acentua a pessoa e obra de Jesus Cristo, muito se assemelha a principiante teologia desenvolvida pela igreja primitiva que, desde os seus primórdios, priorizava, em maior tom, a deidade, personalidade e atuação de Jesus Cristo em contraste com a primeira e a terceira pessoas da Trindade³⁵⁸, sem, contudo, desmerecê-las.

Esta evidência pode ser demonstrada pela ordem trinitária presente em algumas passagens da Escritura Sagrada³⁵⁹ que apresentam uma disposição teológica prioritariamente cristológica, ou seja, iniciam sua fórmula doutrinária com a pessoa do Deus Filho³⁶⁰, e muito diferente da ordem vigente encontradas e perpetuadas nas posteriores confissões de fé geradas nos Concílios Ecumênicos no qual encabeçam a redação de seus credos com a pessoa de Deus Pai. Esta proto-declaração cristológica assembleiana consta, em sua versão ampliada, na atual DF assembleiana, confissão que expandiu seus artigos de fé acrescentando mais vinte artigos aos quatro originais transmitidos, anteriormente, pela comunicação oral.

Ora, esta proto-declaração de fé constitui-se como a primeira e mais simples forma conhecida de propagação do credo assembleiano. Deste modo, esta breve configuração atravessou gerações e até hoje é divulgada pelos membros das AD's brasileiras, muitas vezes olvidando outras crenças pentecostais. No entanto, como podemos explicar os motivos que conduziram a AD na predileção por esta tradição?

³⁵⁷ Estudo que se ocupa em analisar sistematicamente a pessoa e a obra de Jesus Cristo.

³⁵⁸ A ordem trinitária, Deus Pai, Deus Filho, e Deus Espírito Santo, respectivamente, primeira, segunda e terceira pessoa da Trindade, atualmente adotada por toda a pessoa cristã é fruto das decisões conciliares do cristianismo do quarto século. Todavia, esta ordem não é comum no texto neotestamentário.

³⁵⁹ "A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós". (2 Co 13.13). Almeida Revista e Atualizada (ARA).

³⁶⁰ CULLMANN, Oscar. **The Christology of the New Testament**. Translated by Shirley C. Gunthrie and Charles A. M. Hall. Philadelphia: Westminster Press, 1963, p. 7, 8. O autor demonstra através de evidências neotestamentárias que as fórmulas mais antigas que resumiam a fé cristã no cristianismo primitivo eram inclinadas à cristologia. Muito diferente das fórmulas nas confissões posteriores: Deus, Cristo e o Espírito Santo.

Como esclarecer o sucesso na utilização deste modelo de propagação da confissão assembleiana usada antes da fundação da própria denominação?

Neste contexto, Claiton Pommerening responde a esses e outros eventuais questionamentos pontuando os principais motivos da Assembleia de Deus doutrinar os seus e as suas fiéis, especialmente, por intermédio da tradição oral. A predileção pela oralidade e seus resultados estariam relacionados à funcionalidade do exercício desta cultura em sua prática comunitária que apela para a memória e a abstração, se tornando a única tradição não hermética capaz de adaptar-se as necessidades dos e das ouvintes³⁶¹.

Esta característica é bem peculiar na Assembleia de Deus e visível na sua interpretação quanto a ação do Espírito Santo no pentecostalismo, competência que não pode ser regulada e cerrada por qualquer Instituição. Esta forma de comunicação foi e ainda é privilegiada nos círculos assembleianos e pentecostais. Portanto, foi através desta forma de teologia oral combinada com a repetição contínua nos círculos litúrgicos que serviu de recurso mnemônico para implementação e memorização da teologia presente na proto-confissão de fé assembleiana³⁶².

Além do mais, Claiton Pommerening também apresenta outra familiaridade no uso desta tradição que se adaptou através das circunstâncias e realidades da maioria da membresia assembleiana, visto que, pelo fato da Assembleia de Deus ter surgido entre as classes mais pobres e marginalizadas de sua época, seus/suas primeiros/as adeptos/as não tiveram acesso a uma educação formal.

Neste contexto, apenas uma configuração menos elaborada e teologicamente compreensível de um credo, afastada, se necessário, do estudo sistemático e oficialmente acadêmico seria mais provável e naturalmente concebida, melhor recepcionada e divulgada pelas primeiras pessoas assembleianas³⁶³. Todavia, nem por este ou por qualquer outro motivo, a relevância e legitimidade desta declaração de fé deve ser ignorada no assembleianismo brasileiro.

³⁶¹ POMMERENING, Claiton Ivan. **Oralidade e escrita na teologia pentecostal: acertos, riscos e possibilidades.** Revista eletrônica do Núcleo de estudos e Pesquisas do Protestantismo da Faculdades EST. Protestantismo em Revista, São Leopoldo, v. 24, jan-abr, 2011, p. 117, 118.

³⁶² POMMERENING, 2011, p. 119

³⁶³ POMMERENING, 2011, p. 119.

Acerca disso, Pommerening acrescenta mais uma informação, a saber, que esta configuração da tradição pode também ser reconhecida como 'literatura oral', uma forma de expressar a teologia somada a fé através da oralidade³⁶⁴. Assim, através da tradição oral, por meio dos relatos de experiência, testemunhos, pregação e/ou ensino da Palavra, foi divulgada por intermédio dos pastores, missionários, diáconos e diaconisas, obreiros e obreiras ou de cada pessoa leiga assembleiana, sem exceção, as bases desta DF, em outras palavras, todos e todas tinham a autorização de perpetuar esta confissão, através do único meio de se propagar e ensinar (in) formalmente os artigos de fé a toda a pessoa assembleiana.

3.2.2 A tradição escrita no assembleianismo brasileiro

Algumas denominações evangélicas, principalmente as que possuem vínculos diretos com o protestantismo histórico, mantêm muitos costumes que lhes são peculiares, alguns destes perduram desde a sua fundação. Uma dessas práticas perpetuadas até os dias de hoje se refere ao compromisso exigido de cada pessoa cristã que demonstra interesse em seguir a Cristo, estas tem a incumbência de apresentar-se perante sua comunidade local e devem professar publicamente o que creem ao declararem os pontos mais importantes de sua fé baseadas na confissão escrita da denominação a que pertencem.

Outra prática semelhante, que também se repete até hoje, está associada as exigências recomendadas ao candidato e a candidata ao sacerdócio durante sua entrevista ministerial. Estas pessoas aspirantes ao ministério devem prometer cumprir seu compromisso ministerial e serem fiéis aos artigos presentes na redação de suas declarações de fé. Ou seja, estes e estas deviam publicamente declarar lealdade a confissão de fé da denominação na qual pertencem.

Assim, nos contextos dessas denominações essas realidades apresentadas são possíveis e mais fáceis de se encontrar, pois estas sustentam por meio da tradição escrita suas declarações de fé, garantindo assim uma pública profissão de fé das pessoas cristãs adeptas e/ou candidatas ao ministério. No entanto, o mesmo,

³⁶⁴ POMMERENING, 2011, p. 120.

difícilmente poderia suceder, até o presente momento, na AD brasileira ou em qualquer outra denominação de orientação pentecostal no Brasil.

Isto porque a maioria dessas instituições evangélicas não baseiam suas crenças em uma declaração escrita e produzida historicamente para estas ou outras finalidades, todavia, estas denominações fundamentam sua doutrina baseadas em sua própria interpretação da Escritura movida pela inspiração e orientação do Espírito Santo e ao transmitirem o resultado desta interpretação geralmente o fazem por intermédio da oralidade³⁶⁵. Desse modo, qualquer exigência solicitada do e da fiel se dá por outros meios de comprometimento institucional e ministerial³⁶⁶.

No entanto, com o tempo a Assembleia de Deus foi percebendo o potencial que poderia ser extraído da tradição escrita, adotando a imprensa e todas as vantagens que ela poderia oferecer, entendendo que através de seu usufruto poderia obter um maior alcance e melhores resultados na divulgação da doutrina pentecostal e na evangelização do país, mesmo num país em que as taxas de analfabetismo se mostravam altíssimas neste período.

Para se ter uma ideia, em 1920 o Brasil sofreu seu quarto recenseamento geral da população brasileira. Este censo mostrou as taxas de analfabetismo neste período, que segundo o IBGE foram consideradas mais altas que a dos dados estatísticos do recenseamento anterior realizado em 1900 que marcavam 669 analfabetos a cada 1000 habitantes, enquanto que no censo de 1920 notavam índices elevadíssimos com cerca de 691 analfabetos a cada 1000 habitantes³⁶⁷.

Considerando a taxa de analfabetismo por Estado percebemos particularmente a situação do Estado do Pará frente a estes dados estatísticos, pois, mais da metade da população nesta época, com idade igual ou superior a 15 anos, não sabiam ler e escrever, para ser mais preciso, 58,2% da população desta faixa etária. Se

³⁶⁵ Pommerening apresenta em seu artigo as formas convencionais e não convencionais de transmissão doutrinal na AD brasileira. POMMERENING, 2011, p. 120-129.

³⁶⁶ Vale ressaltar que a confissão pública de fé no assembleianismo acontece por intermédio do batismo em águas. É neste momento que a pessoa cristã recém convertida confessa publicamente sua fé em Jesus, mas sem qualquer necessidade do conhecimento prévio do credo institucional, tendo apenas ciência de seus pecados e de sua necessidade de perdão, além de seu compromisso com Jesus na evangelização e testemunho de vida pessoal e a busca pela santificação.

³⁶⁷ MINISTERIO DA AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO, Directoria Geral de Estatistica. **Recenseamento do Brazil:** População do Brazil por Estados, Municipios e Districtos, segundo o gráo de instrucção, por idade, sexo e nacionalidade. Realizado em 1 de setembro de 1920. Volume IV. Republica dos Estados Unidos do Brazil. Rio de Janeiro: Typ. da Estatistica, 1929, p. 9.

considerarmos que a membresia assembleiana vinha exatamente das classes mais baixas e menos instruídas da sociedade brasileira da época³⁶⁸. Com certeza, essas taxas seriam ainda maiores se pudéssemos analisar, à época, a taxa de analfabetismo apenas no contexto assembleiano.

O próprio missionário Samuel Nyström, na segunda metade da década de 1930, tece o seguinte comentário ao falar acerca da edição e assinatura anual de um dos periódicos oficiais das Assembleias de Deus, de circulação nacional e que nesta época era produzido e editado no Rio de Janeiro. “Não é fácil aumentar a edição, porque é grande o analfabetismo”³⁶⁹. Todavia, mesmo diante desta triste realidade, a promessa de grandes resultados alcançada por intermédio da comunicação escrita foi expressada da seguinte maneira por Emílio Conde, considerado o apóstolo da imprensa evangélica no Brasil, em uma das suas inúmeras obras³⁷⁰, onde afirma que a Assembleia de Deus “voltou-se para um novo campo de ação, isto é, a literatura, a palavra escrita, a mensagem impressa”³⁷¹.

Deste modo, surgiu a tradição escrita na Assembleia de Deus, uma prática que não se opôs a tradição oral, mas se pôs a circular paralelamente e conjuntamente a oralidade. Um pouco antes da primeira década de atuação da Assembleia de Deus no Brasil se encerrar, a imprensa pentecostal já havia conquistado seu espaço a partir das literaturas e dos periódicos publicados no assembleianismo brasileiro.

Foi assim que a imprensa pentecostal proporcionou diversos meios, principalmente os periódicos, que gradativamente foram utilizados para impulsionar a disseminação e consolidação da doutrina assembleiana. Foi neste ínterim que surgiram os primeiros jornais pentecostais, à vista disso, mencionamos aqui pelo

³⁶⁸ MINISTERIO DA AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO, 1929, p. 14.

³⁶⁹ VINGREN, 2009, p. 126.

³⁷⁰ Emílio Conde foi o autor de diversas obras, das quais listamos: Pentecostes para todos; O testemunho dos séculos; Asas do ideal; O homem; Igrejas sem brilho; Nos domínios da fé; Caminhos do mundo antigo; Flores do meu jardim; Tesouros de conhecimentos bíblicos e Estudos da palavra. Além da obra citada nesta pesquisa, A história das Assembleias de Deus no Brasil. Além do mais, foi comentarista da revista Lições Bíblicas da escola dominical e articulista do Jornal Mensageiro da Paz. ARAÚJO, 2007, p. 198.

³⁷¹ CONDE, 2008, p. 44. Desde o início, como até os dias de hoje, os líderes assembleianos tem o costume de chamar os lugares onde fixam alguma congregação ou trabalho evangelístico de “campo”. Esta nomenclatura coaduna perfeitamente com as palavras de Jesus encontradas no evangelho de João 4.35 “erguei os vossos olhos e vede os *campos*, pois já branquejam para a ceifa” ARA. Este é o conceito de campo adotado pelo assembleiano Emílio Conde quando se refere a comunicação escrita, como um novo *campo* de atuação missionária adotada pela AD para evangelização em massa da nação brasileira e a doutrinação massiva de seus e suas fiéis.

menos quatro destes jornais, dentre os quais três foram considerados oficiais para a Instituição, todavia, nenhum deles, exceto o Mensageiro da Paz (MP), chegou a atingir uma abrangência nacional, pois circularam limitadamente somente em algumas regiões brasileiras.

Assim, o primeiro destes periódicos foi o jornal Voz da Verdade, que circulou por apenas dois meses na cidade de Belém e teve como redator responsável o pastor Almeida Sobrinho e como auxiliar João Trigueiro³⁷². Este noticiário foi lançado em novembro de 1917, todavia, como não surgiu a partir de uma iniciativa assembleiana, não possuía a chancela de órgão oficial das Assembleias de Deus do Brasil³⁷³, mesmo assim, este jornal chegou a noticiar alguns informes sobre a AD em Belém e em outras cidades do Norte do país, além de notícias de outras três congregações da capital paraense pastoreadas por Sobrinho³⁷⁴.

Logo em seguida, também em Belém, surgiu o jornal Boa Semente (BS), fundado em dezembro de 1918. Este noticiário, lançado por Gunnar Vingren, foi o primeiro jornal oficial das Assembleias de Deus no Brasil. Foi neste periódico que foi publicado em 1919 de forma concisa, a primeira confissão de fé na qual apresentava as verdades fundamentais da AD brasileira, conjunto de doutrinas que se tornaram a base doutrinal assembleiana, como veremos detalhadamente mais adiante.

Além deste periódico, outro jornal de origem assembleiana também se mostrou responsável pelo impulso e divulgação da fé pentecostal no Brasil, todavia, diferentemente dos dois jornais anteriores que circularam no Norte do país, este circulou no Sudeste brasileiro. Estamos nos referindo ao extinto jornal O Som Alegre (SA)³⁷⁵, este periódico também foi fundado pelo missionário Gunnar Vingren, alguns anos após sua chegada ao Rio de Janeiro em 1924 para o estabelecimento de uma congregação assembleiana na então capital da República.

³⁷² João Trigueiro (1888-1978), pastor, ensinador, redator e articulista de periódicos das Assembleias de Deus. Escreveu inúmeros artigos para os periódicos, Voz da Verdade, Boa Semente e Mensageiro da Paz. ARAÚJO, 2007, p. 798.

³⁷³ Em sua primeira página encontramos as seguintes palavras, de acordo com a grafia da época "Orgam devotado a propagar a Fé Apostólica". VOZ DA VERDADE, Belém, Ano I, nº. 1, 1917.

³⁷⁴ CONDE, 2008, p. 41, 42.

³⁷⁵ O jornal O Som Alegre foi fundado pelo missionário Gunnar Vingren no Rio de Janeiro em novembro de 1929 e chegou a circular até outubro de 1930 quando deu lugar, juntamente com o Boa Semente, ao jornal Mensageiro da Paz. CONDE, 2008, p. 231, 232.

Em consequência disso, o missionário sueco Samuel Nyström assumiu o seu lugar como diretor responsável do jornal Boa Semente que ainda funcionava em Belém e também era distribuído para algumas regiões do Nordeste, na verdade, desde a viagem empreendida pela família Vingren à Suécia em 1921, Nyström já havia assumido tanto o controle da congregação em Belém quanto da redação do jornal Boa Semente. Estes fatos são testemunhados por diversos historiadores do assembleianismo brasileiro³⁷⁶.

De acordo com Emílio Conde a fundação de um novo periódico por Gunnar Vingren tinha objetivos convincentes. Um desses motivos seria para atender algumas demandas específicas, uma delas seria devido à escassez de literatura evangélica na capital do Brasil, assim, em novembro de 1929 foi publicado a primeira edição do jornal O Som Alegre³⁷⁷. Todavia, muito se discute as razões da publicação deste jornal que circulou paralelamente ao BS como jornal legitimamente oficial, tendo em vista que foi lançado pelo fundador da denominação.

No entanto, alguns pesquisadores das AD's brasileiras como Gedeon Freire de Alencar veem esses fatos com outro olhar, sugerindo em suas obras, o levantamento de algumas hipóteses, uma delas é esta: com a publicação do jornal SA estaria iniciando na AD brasileira uma possível dissidência carioca³⁷⁸. Outras tensões semelhantes a estas, relacionadas a questões de disputas por poder e divergências de opiniões são comuns na história da AD e se repetem em novos cenários e com outros personagens, como destaca Maxwell Fajardo acerca da era Vingren e Nyström e ainda a era Canuto e Macalão³⁷⁹.

Podemos diante disso, levantar uma série de questionamentos, entre os quais. Havia mesmo uma rixa entre os missionários suecos Gunnar Vingren e Samuel Nyström? O que levou Gunnar Vingren a fundar um novo jornal, que de certa forma, se tornou concorrente do primeiro fundado por ele mesmo? O que seria mais viável e menos dispendioso, enviar pedidos e solicitar uma maior tiragem do jornal Boa Semente ou lançar um novo periódico? Não seria mais interessante tornar concreta a

³⁷⁶ ARAÚJO, 2007; CONDE, 2008; VINGREN, 2000.

³⁷⁷ CONDE, 2008, p. 231.

³⁷⁸ ALENCAR, 2010, p. 78.

³⁷⁹ Ver FAJARDO, 2017, 134-144

possibilidade de tornar corrente em todo o país um jornal que já circulava como órgão oficial da denominação?

Muito se discute a tensão que havia entre estes dois missionários suecos, principalmente no que tange às divergências quanto ao trabalho desenvolvido pelas mulheres, pois enquanto Nyström, sustentado pela ala de pastores nordestinos da segunda geração e fiéis leitores do BS, se mostra claramente resistente a participação das mulheres no ministério³⁸⁰, do contrário, Gunnar se mostra favorável ao trabalho feminino, assim ele mesmo descreve seu parecer sobre o assunto.

As irmãs têm todo o direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e a sua salvação, e também ensinando quando for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma igreja ou de ensinadora, salvo em casos excepcionais mencionados em Mateus 12. 3-8. Assim deve ser somente quando não existam na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar³⁸¹.

Mesmo com certas reservas quanto a abrangência do ministério feminino e a aparente preocupação com o real “perigo” de que a presença e atuação da mulher poderia eclipsar a atuação e o ministério pastoral masculino, Gunnar demonstra que a ação do Espírito atingia a todos e a todas sem distinção, por isso concedia total abertura para o desenvolvimento do trabalho de Frida e das mulheres que mais se destacavam³⁸². Não é por acaso que sua esposa, Frida Vingren se mostra bastante ativa no ministério pastoral junto ao esposo.

Frida, além de ter sido a única mulher a participar da 1ª Convenção Geral da AD no Brasil, foi redatora e articulista do Boa Semente, Som Alegre e Mensageiro da Paz, foi compositora e tradutora de hinos, Frida também tocava e era a pessoa que tomava a frente da congregação na ausência do esposo em viagens ou em períodos de constante enfermidade, além de dirigir os cultos que aconteciam ao ar livre³⁸³.

³⁸⁰ ALENCAR, 2010, p. 16.

³⁸¹ VINGREN, 2000, p. 168.

³⁸² Enquanto Gunnar atuava como pastor na condução dos trabalhos no Brasil, outras mulheres, além de Frida Vingren, tiveram espaço nos serviços realizados majoritariamente por homens. Quando serviu no Rio de Janeiro Gunnar chegou a separar para o serviço diaconal Emília Costa, pouco se sabe a seu respeito, mas ela é a primeira diaconisa da Assembleia de Deus no Rio de Janeiro que se tem notícia. Emília trabalhou ativamente da evangelização e realizava cultos nas cadeias da cidade. VINGREN, 2009, p. 86; ARAÚJO, 2007, p. 222, 223.

³⁸³ ALENCAR, 2010, p. 124; ARAÚJO, 2007, p. 904; VINGREN, 2000, p. 131.

A partir do momento que Nyström assume as rédeas das principais instituições assembleianas, ou seja, a principal congregação paraense (igreja-mãe) e o jornal Boa Semente, inicia, mesmo que acidentalmente ou não, uma quebra de braço entre os dois suecos e principais líderes da primeira geração, que desenvolvem seus trabalhos medindo forças e com ideias e resultados dispares. Não é sem sentido que a ida de Gunnar Vingren ao Rio de Janeiro tenha resultado, não apenas, no surgimento de um novo periódico, mas também, de um novo cancionero, o Psaltério Pentecostal. Seria essa uma forma de renovação do assembleianismo brasileiro?

Agora, Pará (Nyström) e Rio de Janeiro (Vingren), temporariamente, se opõem e medem forças na conquista espiritual da nação ou seria da Instituição? Apesar disso, essa tensão é minimizada apenas em 1930 na primeira CGADB, quando os dois jornais se fundem dando origem ao MP publicado até os dias de hoje. A história assembleiana mostra que houve um tempo em que circularam na Assembleia de Deus dois jornais e dois hinários oficiais, indicando uma possível cisão no movimento pentecostal assembleiano na segunda metade da década de 1920. Todavia, a discussão entre essas duas personalidades assembleianas e seus ideais opostos demandaria muito mais tempo e pesquisa, o que não se constitui foco de nosso trabalho, tarefa que pode ser desenvolvida posteriormente, mesmo que já tenha sido abordada de forma exaustiva em muitas pesquisas sobre as relações de poder na AD.

Além destes periódicos oficiais, a imprensa pentecostal assembleiana também chegou a publicar diversos folhetos, calendários, hinários, lições bíblicas, opúsculos entre outros materiais dos quais eram todos distribuídos gratuitamente. O primeiro destes opúsculos impresso foi publicado na tipografia do BS sob o título “A salvação em Jesus Christo é para todos”³⁸⁴, um singelo folheto com apenas 4 páginas traduzido por Gunnar Vingren³⁸⁵.

Entretanto, a tradição escrita assembleiana e o seu uso da imprensa pentecostal não se limitaram a estes periódicos, pois, os próprios hinários se mostraram uma das

³⁸⁴ Opúsculos são pequenos livros com poucas páginas e eram utilizados na evangelização e divulgação da doutrina pentecostal. De acordo com Isael de Araújo além deste primeiro opúsculo foram impressos também muitos outros com um número bem maior de páginas: “Conselhos aos convertidos” com 8 páginas, “Jesus Christo e este crucificado” com 41 páginas e escrito pelo pastor sueco Sven Lidman e traduzido por Samuel Nyström, “O segundo advento de Christo” com 78 páginas e escrito por Samuel Nyström e ainda “O batismo com o Espírito Sancto” em duas edições com 14 páginas e traduzido do espanhol por Manoel Maria Rodrigues. ARAÚJO, 2007, p. 134.

³⁸⁵ ARAÚJO, 2007, p. 134.

maiores fontes de divulgação da doutrina assembleiana, um item essencial nas mãos de toda pessoa assembleiana e até hoje se constitui como uma das literaturas mais produzidas e vendidas pela CPAD. É surpreendente a informação oferecida por Gedeon Alencar acerca da quantidade de Harpas Cristãs publicadas nas primeiras gráficas da imprensa assembleiana.

Por exemplo, em 1934, ano em que a HC já estava em sua 5ª edição, o hinário chegou a alcançar a impressionante tiragem de 31 mil publicações. Quando neste mesmo período a estimativa de membros da AD era apenas de 13 mil pessoas. Para Gedeon Alencar esses dados apenas reforçam o argumento da militância que se dá pelo desgaste no uso contínuo da HC na participação efetiva das diversas frentes de trabalho de uma pessoa assembleiana³⁸⁶.

Contudo, podem revelar ainda outro dado, que combinado a este e não contemplado por Alencar, apenas potencializa esta hipótese, o da fragilidade da matéria-prima frente ao amadorismo e/ou precariedade dos materiais utilizados na produção dos hinários. Estes hinários poderiam ser produzidos com materiais de baixo custo para oferecer a sua membresia um material mais acessível, mais barato, porém, mais frágil e desgastante.

Todavia, nesta pesquisa já foi analisado em um capítulo à parte. Além destas obras e da manutenção do MP que circulava desde 1930, a AD impulsionou a divulgação das verdades pentecostais através de outros meios, agora parte do investimento foi direcionado para a publicação de revistas para diferentes públicos e com variadas temáticas abordadas, assim surgiram as revistas, A Seara, O Obreiro e a revista Jovem Cristão, vejamos brevemente acerca de cada uma delas.

A revista A Seara, foi primeira revista publicada pela Casa Publicadora assembleiana, lançada em setembro de 1956 com uma tiragem surpreendente de 11.000 exemplares em sua primeira edição, chegou a ultrapassar a marca de 20.000 exemplares em seu terceiro número³⁸⁷. Estes números são realmente surpreendentes considerando o grupo-alvo específico e conservador que é o público assembleiano. Todavia, o sucesso deste periódico muito se deu também pela aceitação da revista

³⁸⁶ ALENCAR, 2013, p. 108.

³⁸⁷ ARAÚJO, 2007, p. 773.

por pessoas de outras denominações evangélicas que simpatizaram com o conteúdo por ela veiculado.

Esta revista abriu as portas para uma nova era de informação nas Assembleias de Deus no Brasil, sempre marcada por seu estilo conservador, contudo, a Seara trouxe em sua nova roupagem uma nova forma de ver a cultura e a sociedade, agora mais de perto e por outros ângulos. Esta postura da AD através deste e outros periódicos também foi modificando a forma como a denominação era vista pela sociedade e por outras denominações evangélicas.

A Seara também foi responsável por ampliar as atividades e “campos” de atuação da AD no Brasil, pois ao longo de toda a sua história passou por cinco fases de transformação, atuando alternadamente com artigos sobre diversos temas, a saber, sobre a família, reportagens relevantes para as inúmeras denominações evangélicas e a sociedade em geral, além da publicação de artigos sobre sua maior ênfase, temas acerca de evangelismo e missões³⁸⁸.

A segunda e terceira revistas publicadas pela CPAD foram, respectivamente, os periódicos, *Obreiro*³⁸⁹ e *Jovem cristão*, estes periódicos editados pela CPAD foram lançados para atingir não apenas o público assembleiano, mas também “é destinada à liderança pentecostal de modo geral”³⁹⁰. Consideramos que a história dessas duas revistas faz parte de um planejamento minuciosamente idealizado pela Instituição, não é por acaso que a terceira revista foi lançada exatamente um ano após à publicação da segunda, isso pode refletir o sucesso dimensional da revista *Obreiro*, que se não ocorresse em um ano, abortaria ou adiaria o lançamento da revista *Jovem Cristão*.

Dessa maneira, a revista *Obreiro* foi lançada pela primeira vez em outubro de 1977, este periódico é uma publicação trimestral destinada para a edificação de ministros e oficiais das Assembleias de Deus e das demais denominações simpatizantes da fé pentecostal. A revista oferece conteúdo específico relacionado ao

³⁸⁸ ARAÚJO, 2007, p. 774.

³⁸⁹ Com o tempo a revista *Obreiro* foi recebendo diversas e leves adaptações, geralmente estendendo sua nomenclatura, mantendo o nome *Obreiro* como termo insubstituível e recebendo novas adequações, por exemplo: *Obreiro Liderança Pentecostal*, *Manual do Obreiro* e *Obreiro Aprovado*, nome adotado atualmente.

³⁹⁰ OBREIRO, *Aprovado*. **Revista Evangélica trimestral**: liderança, teologia, prática. Ano 36, nº 63. Rio de Janeiro: CPAD, 3º trimestre de 2013, p. 3.

aperfeiçoamento de toda a pessoa “obreira”³⁹¹, ou seja, aqueles e aquelas que muitas vezes desempenham um trabalho eclesialístico leigo e voluntário. Com o sucesso do lançamento da Obreiro, exatamente um ano após, em outubro de 1978, é lançado a revista o Jovem Cristão, primeiro periódico publicado totalmente em cores pela CPAD e destinado inteiramente ao público jovem assembleiano e demais interessados e interessadas³⁹².

Além destes jornais e revistas outros materiais do mesmo ramo foram editados e alguns deles até hoje são publicados pela CPAD, estamos nos referindo as revistas Geração JC, uma revista com temas específicos para adolescentes e jovens; Resposta Fiel, de conteúdo apologético dentre os mais variados temas seja do contexto cristão ou secular; Ensinador Cristão, uma revista de interesse de pastores, superintendentes, professores e professoras de EBD e departamento infantil, seminaristas e demais lideranças que se ocupam nas mais diversas áreas de ensino eclesialístico e ainda a revista Mulher, Lar e Família Cristã, como o tríplice nome já informa, é uma revista para mulher cristã que se ocupa no cumprimento de diversos papéis e em vários contextos.

Há ainda outras formas de divulgação da confissão assembleiana, dentre os quais a revista Lições Bíblicas se encontra entre as principais. Esse periódico, em seu formato atual, é uma publicação trimestral com 13 ou 14 lições elaboradas a partir de temas bíblicos diversos e em perspectiva pentecostal para serem estudadas semanalmente, geralmente aos domingos. Atualmente esta revista, entre todos os materiais publicados pela CPAD, é considerado o principal periódico institucional de divulgação das crenças assembleianas³⁹³.

Todavia, destaca-se que, no início, as primeiras Escolas Bíblicas aconteciam todos dos dias, ininterruptamente, durante o período de um mês e tinha o objetivo de preparar bíblico e ministerialmente os participantes, que imediatamente após o

³⁹¹ O termo “obreiro” é utilizado pela Assembleia de Deus, bem como por outras denominações pentecostais, para designar em geral, diversas pessoas da liderança leiga que exercem serviço, voluntário ou remunerado, em diversas funções eclesialísticas.

³⁹² ARAÚJO, 2007, p. 386.

³⁹³ Atualmente há diversas revistas direcionadas ao estudo bíblico adotadas pelas Assembleias de Deus no Brasil além daquelas que já são editadas pela CPAD, casa publicadora vinculada a CGADB, portanto, citamos apenas algumas: A revista *Betel Dominical*, uma revista trimestral adotada pela Assembleia de Deus ministério de Madureira; A revista *Lições da Palavra de Deus*, revista trimestral publicada pela editora Central Gospel que serve a Assembleia de Deus Vitória em Cristo; A *Revista da Escola Dominical* do PECC – Programa de Educação Cristã Continuada, revista trimestral que circula entre os ministérios da Assembleia de Deus que estão vinculadas a CADB.

período de capacitação eram enviados as cidades e aldeias mais próximas como evangelistas, num estilo muito semelhante ao adotado pelos pentecostais suecos da Igreja Filadélfia de Estocolmo liderada por Lewi Pethrus³⁹⁴.

Neste sentido, a primeira Escola Bíblica aconteceu entre os dias 4 de março e 4 de abril de 1922 abordando os seguintes temas: autoridade divina e histórica da Bíblia, as dispensações e os livros de Efésios e Apocalipse³⁹⁵. Estes encontros para estudos bíblicos continuaram a funcionar neste formato por alguns anos, no entanto, com o tempo, outros períodos de estudos foram sendo adotados para melhor conciliar a participação dos interessados e interessadas nos estudos bíblicos.

Posteriormente, para que houvesse um melhor aproveitamento dos estudos bíblicos, estes encontros passaram a ser realizados em uma jornada de uma semana, geralmente durante o período das convenções que eram convocadas regularmente no intervalo de dois a quatro anos. Atualmente as Escolas Bíblicas funcionam semanalmente em muitas AD's em todo o território brasileiro atingindo pessoas de todas as idades, frequentemente divididas em classes que distinguem gênero e faixas etárias.

Assim, toda esta vasta literatura apresentada nesta pesquisa faz ou já fez parte da tradição escrita no assembleianismo brasileiro, além é claro, de uma infinidade de livros autorizados para a publicação após serem avaliados pelo Conselho de Doutrina da CGADB. Dessa forma queremos apenas destacar que ao referimos a tradição escrita na Assembleia de Deus, não fazemos referência a Bíblia Sagrada em si, mesmo sabendo que a Escritura também faz parte de uma tradição escrita por ser um documento elaborado por mãos humanas, no entanto, estamos considerando apenas as interpretações oficiais autorizadas pela denominação a partir da leitura e particular compreensão da Escritura

3.3 AS TRÊS FASES DA DECLARAÇÃO DE FÉ ASSEMBLEIANA: DA INFORMALIDADE À OFICIALIZAÇÃO

Além das duas tradições que se tornaram um palco onde tramitam, até os dias atuais, a confissão de fé assembleiana, distinguimos ainda as três fases desta

³⁹⁴ ARAÚJO, 2007, p. 282.

³⁹⁵ BOA SEMENTE. Belém, março e abril de 1922, ano IV, nº 17 e 18, p. 5; VINGREN, 2009, p. 125.

declaração que incorporam o processo que culminou com a sua publicação no ano de 2017. Resumidamente, estas três fases percorreram os ciclos da recepção, adaptação e publicação do texto, a seguir, veremos cada uma dessas etapas.

Informalidade. Assim chamamos esta primeira etapa da recepção inicial do credo assembleiano, um período que durou nove anos, de 1910 a 1919, partindo da chegada dos pioneiros fundadores ao Brasil e o início da divulgação dos principais aspectos da confissão da fé pentecostal, seja na Igreja Batista de Belém ou em outros momentos de estudo e oração, período que antecede a fundação da própria denominação e é caracterizada por sua oralidade pois é sustentada e perpetuada por intermédio da tradição oral.

Formalidade. Assim chamamos a segunda etapa de adaptação do credo assembleiano, que parte de 1919 e se estende até 2017, ano de sua publicação, período mais longo desta tradição que durou em torno de noventa e oito anos para a sua consolidação. Durante este extenso período o texto desta confissão de fé sofreu diversas alterações e adaptações até atingir seu estágio final. Esta etapa foi sendo sustentada e divulgada pelas duas tradições assembleianas, todavia, destaca-se a tradição escrita e os meios de comunicação oficializados pelas AD's brasileiras, como os jornais Boa Semente, O Som Alegre e Mensageiro da Paz, a própria Harpa Cristã, onde nela circula os hinos que cantam esta declaração de fé, as decisões convencionais, pois vemos nelas os vestígios de sua oficialidade.

E por fim, a **oficialização** a terceira e última etapa desta regra de fé que parte de sua publicação oficial em 2017 até os dias atuais. Esta fase se distingue por ser a etapa dos cânones, semelhante àquelas superadas pelas confissões de fé anteriores do período confessional. Fase de acomodação do credo, contudo, isso não significa estagnação e pacificidade. Em outras palavras, mesmo sendo uma declaração de fé oficial de representatividade assembleiana pode ser alvo de críticas e dissolução, dada seu caráter falível e indiscutivelmente humano.

3.3.1 1ª Fase - A concepção do Credo assembleiano (1910-1919): da informalidade à formalidade

A concepção e propagação da declaração de fé assembleiana se tornou uma realidade quando, a partir da informalidade, o anúncio do conteúdo deste credo

começou a ser difundido por intermédio das primeiras pregações dos pioneiros fundadores do movimento pentecostal no Brasil, pois foi por intermédio da pregação e testemunho pessoal que eles buscaram divulgar os principais pontos da atual doutrina assembleiana, aspectos elaborados a partir de uma interpretação bíblica pentecostal que atualmente foram sancionados na Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil.

No entanto, antes que este processo de divulgação da fé pentecostal fosse formalmente institucionalizado pela Assembleia de Deus brasileira e divulgado por seus meios oficiais, era antes transmitido apenas por intermédio da informalidade. Dessa maneira, a informalidade da oralidade foi o principal veículo de condução da doutrina pentecostal que predominou, por quase nove anos, como o único e exclusivo instrumento pelo qual o anúncio das doutrinas assembleianas foi desde o início transmitidas.

Desse modo, até que a DF começasse a circular entre a membresia assembleiana através de um documento formalmente escrito, a informalidade foi o primeiro terreno que esta confissão pisou em seus primeiros anos, sendo fixada inicialmente pelo uso constante da oralidade até que alcançasse uma nova projeção com a formalização de uma regra de fé propagada e consolidada através de outros instrumentos. Na verdade, o uso informal da oralidade não foi planejado pela Instituição, mas foi usada naturalmente como a única forma de transmissão da doutrina pentecostal assembleiana.

Como comentamos anteriormente, duas foram as tradições responsáveis pelo assentamento, desenvolvimento e transmissão do credo assembleiano. Deste modo, esta primeira forma de difusão e perpetuação do credo teve seu início em 1910 logo após a chegada dos pioneiros fundadores ao Brasil. Estes missionários, através da pregação, ensino e testemunho pessoal, transmitiram por intermédio da linguagem verbal a doutrina pentecostal. A tradição escrita como uma nova modalidade de difusão da confissão assembleiana se desenvolveu e caminhou lado a lado da comunicação oral somente após gradativa transição entre a oralidade e o início da tradição escrita. Tradição oral que iniciou logo após a chegada dos missionários ao

Brasil em novembro de 1910 até o surgimento da tradição escrita e publicação do credo assembleiano em abril de 1919³⁹⁶.

Desta maneira, este único e particular formato de propagação da confissão assembleiana conseguiu se manter por algum tempo, predominando com exclusividade por quase uma década, ora por intermédio da liderança da denominação, ora por meio de cada qual dos seus e das suas fiéis, todavia, a exclusividade dessa forma de transmissão foi interrompida após a formalização das crenças pentecostais que se cristalizaram através do lançamento do jornal *Boa Semente*, publicado pela primeira vez em dezoito de janeiro de 1919, vindo a circular até novembro de 1930³⁹⁷.

Assim transcorreu a transição entre as duas tradições assembleianas que, de início, partiu da informalidade para a formalização e cristalização da doutrina pentecostal. O período entre uma e outra tradição transcorreu após quase nove anos da chegada dos missionários e oito anos da fundação da AD brasileira que nessa época empregava apenas a transmissão oral como único meio de evangelização e de propagação de suas doutrinas. Dessa maneira, Gunnar Vingren descreve na primeira página do jornal o seu desejo pessoal ou mesmo institucional, da publicação escrita da fé assembleiana como descreve a redação da primeira edição com a seguinte matéria de capa “A razão da nossa publicidade”.

A igreja pentecostal do Brasil, sentindo ha tempos a necessidade de uma publicação de sua fé, em a qual melhor pudesse conhecer os ensinamentos escriptos da Bíblia Sagrada, vem hoje preencher esta necessidade, com o presente jornal. Tal é o motivo que traz á luz a ‘Bôa semente’³⁹⁸.

Assim, esta primeira edição do jornal *Boa Semente* trouxe como manchete um conteúdo tão difundido durante a fase de implantação da AD brasileira. A matéria

³⁹⁶ Poucos dias após a chegada dos missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg ao Brasil em 19 de novembro de 1910 temos o relato do testemunho dos pioneiros na Igreja Batista em que estavam hospedados, “começaram, logo depois da sua chegada, a testificar na igreja batista, em inglês, através de um tradutor”. Portanto, desde a chegada ao Brasil no final do ano de 1910 até à publicação da segunda edição do jornal *Boa Semente* em 16 de abril de 1919 se passaram quase nove anos de proclamação informal da doutrina pentecostal por intermédio da oralidade. BERG, 1995, p. 74, 75; VINGREN, 2009, p. 11.

³⁹⁷ ALMEIDA, 1982, p. 72, 73.

³⁹⁸ BOA SEMENTE. Belém, ano I, nº 01, 18 de janeiro de 1919.

publicada teve o seguinte tema: “*O Batismo no Espírito-Santo*”³⁹⁹, doutrina que se tornou um dos grandes pilares do movimento pentecostal moderno, tema este que faz parte do terceiro artigo de fé da proto-confissão oral assembleiana, “*Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará*”.

Dessa forma, através desse periódico, a doutrina assembleiana continuou a ser difundida, mas agora amparada e formalizada por uma nova modalidade de propagação, a linguagem escrita. Assim, o BS circulou por muito tempo publicando material de orientação pentecostal através de artigos, canções, testemunhos de fé, curas e milagres, depoimentos de conversões e de abertura de novos trabalhos, batismos em água e no Espírito Santo, enfim, toda atividade relacionada a vida da denominação, tudo dentro de uma perspectiva pentecostal.

Vale ressaltar que a regra de fé assembleiana continuou a ser difundida por intermédio da informalidade da tradição oral, no entanto, não mais como método predominantemente exclusivo, pois a formalização da tradição escrita, agora somada a informalidade da oralidade, seguiu ampliando a mensagem pentecostal paralelamente a tradição oral, contudo, os meios de comunicação escrita concederam maior visibilidade e abrangência da fé pentecostal em âmbito nacional.

Sendo assim, o pontapé inicial desta nova fase na Assembleia de Deus foi efetivamente principiado na publicação da segunda edição do jornal Boa Semente em 16 de abril de 1919, três meses após o lançamento da primeira publicação, esta data constitui-se um marco histórico no que tange à criação do primeiro credo assembleiano divulgado pela tradição escrita. Pois, nesta edição foi lançado o primeiro conjunto de crenças da fé assembleiana que se tem notícia, uma proto-confissão ampliada e escrita da antiga confissão pentecostal que anteriormente era reproduzida apenas por intermédio da oralidade⁴⁰⁰.

³⁹⁹ *Ipsis litteris*

⁴⁰⁰ Consideramos nesta pesquisa, distintamente, a proto-confissão oral e a proto-confissão escrita assembleiana. A primeira contém as quatro verdades fundamentais no pentecostalismo, *Jesus Salva, Cura, Batiza no Espírito Santo e Breve Voltará*. A segunda constitui-se uma ligeira ampliação da proto-confissão oral, que inclui mais quatro artigos de fé.

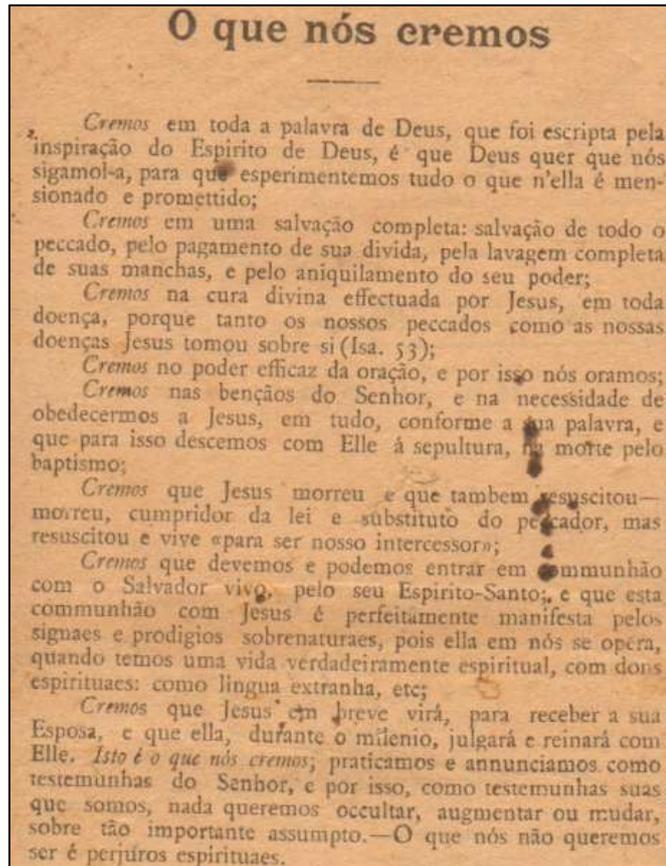


Imagem 9: Recorte do jornal Boa Semente de 16 de abril de 1919⁴⁰¹
 Fonte: Acervo da Faculdade Boas Novas.

Todavia, destacamos que a primeira regra de fé assembleiana foi anunciada pela primeira vez por meio da oralidade, por este motivo, nesta pesquisa batizamos este credo de *proto-confissão oral*, uma regra de fé que fora anunciada antes da fundação da própria Instituição, ou melhor dizendo, foi essa primitiva confissão de fé que serviu de “pedra fundante” para o estabelecimento da Assembleia de Deus no Brasil, pois, sua fundação foi motivada pela insistência no anúncio desta confissão. Por conseguinte, apresentamos o primeiro credo assembleiano que inaugura a tradição escrita, credo que chamamos de *proto-confissão escrita*, lançado na segunda edição do jornal impresso Boa Semente e claramente escrito a partir da grafia da época.

O que nós cremos

Cremos em toda a palavra de Deus, que foi escripta pela inspiração do Espírito de Deus, e que Deus quer que nós sigamol-a, para que experimentemos tudo o que n'ella é mencionado e prometido;

⁴⁰¹ Ver a página completa desta edição do jornal Boa Semente nos anexos (anexo 4).

Cremos em uma salvação completa: salvação de todo o peccado, pelo pagamento de sua divida, pela lavagem completa de suas manchas, e pelo aniquilamento do seu poder;
Cremos na cura divina effectuada por Jesus, em toda doença, porque tanto os nossos peccados como as nossas doenças Jesus tomou sobre si (Isa. 53);
Cremos no poder efficaz da oração, e por isso nós oramos;
Cremos nas bençãos do Senhor, e na necessidade de obedecermos a Jesus, em tudo, conforme a sua palavra, e que para isso descemos com Elle á sepultura, na morte pelo baptismo;
Cremos que Jesus morreu e que tambem resuscitou – morreu, cumpridor da lei e substituto do pecador, mas resuscitou e vive “para ser nosso intercessor”;
Cremos que devemos e podemos entrar em communhão com o Salvador vivo, pelo seu Espirito-Santo; e que esta communhão com Jesus é perfeitamente manifesta pelos signaes e prodigios sobrenaturaes, pois ella em nós se opera, quando temos uma vida verdadeiramente espiritual, com dons espirituaes: como lingua extranha, etc;
Cremos que Jesus em breve virá, para receber a sua Esposa, e que ella, durante o milenio, julgará e reinará com Elle. *Isto é o que nós cremos*; praticamos e annunciamos como testemunha do Senhor, e por isso, como testemunhas suas que somos, nada queremos occultar, augmentar ou mudar, sobre tão importante assumpto. – O que nós não queremos ser é perjuros espirituaes⁴⁰²

Assim sendo, ao nos depararmos com esta citação podemos deduzir dela algumas inferências que intencionamos pontuar. Todavia, antes de a analisarmos, pretendemos considerar o contexto em que se encontra a citação extraída do jornal supracitado, pois percebemos um pormenor que poderia facilmente passar despercebido ao leitor desatento e a leitora desatenta.

Deste modo, encontramos nesta edição do BS matérias diversificadas, sem, contudo, tornar-se possível identificar um padrão ou repetição nos elementos veiculados no periódico devido a recém inauguração do jornal que se encontrava, na época, em sua segunda edição. À vista disso, anotamos os principais conteúdos publicados nesta edição que são, basicamente formadas por hinos, notícias institucionais, recomendações, ditos proverbiais e até mesmo uma corrigenda da primeira edição⁴⁰³.

Além destes elementos, encontramos o que é de mais essencial nestes periódicos que são as publicações dos artigos. Deste modo, quatro artigos foram publicados neste jornal, todavia, um detalhe chama atenção e que não poderia passar despercebido, que um desses artigos ou melhor dizendo a matéria que apresenta o

⁴⁰² BOA SEMENTE, 1919, p. 01.

⁴⁰³ Uma corrigenda se trata de correções de um documento, comumente chamada de errata. BOA SEMENTE, 1919, p. 04.

conjunto de oito artigos de fé citado anteriormente e publicado sob o título “O que nós cremos” não foi assinado, tornando-se uma incógnita a sua autoria, em contrapartida, os três outros artigos foram devidamente assinados e apontados como sendo, um de uma autora e os outros dois de seus respectivos autores e/ou tradutores⁴⁰⁴.

A ausência dessa assinatura traz à tona alguns questionamentos, neste caso apresentamos aqueles dentre os quais julgamos serem os principais. Portanto, a não identificação da autoria destes artigos de fé seria, porventura, uma omissão intencional ou acidental do redator-chefe? A autoria desses artigos teria sido esquecida ou subtraída propositadamente? A publicação desses artigos teria sido motivada por algum interesse, seja ele particular ou institucional?

Bem, uma investigação acurada desses aspectos não se constituiria uma tarefa tão difícil ao ponto de não conseguirmos apresentar uma resposta satisfatória a estes questionamentos, contudo, pretendemos antes, levantar uma ou outra suspeita e ventilar uma ou outra consideração hipotética que nos leve a uma conclusão razoável para esta questão. Desse modo, apresentamos algumas possíveis razões deste artigo ser o único, nesta edição, a não receber assinatura autoral ou institucional.

Subtendemos, neste contexto, que este conjunto de oito artigos só pode se tratar de uma publicação da autoria de Gunnar Vingren, pois além de ser o diretor responsável pelo periódico era também o fundador e líder vigente da denominação. Ou seja, a garantia autoral de Vingren era óbvia e estava baseada nestas três realidades que garantiriam a ele a paternidade dos artigos e a não necessidade de identificar-se.

Além disso, podemos outra informação a esta tese que de acordo com nosso parecer aprofunda ainda mais essa questão, e, do mesmo modo, aponta a autoria “vingreniana” da *proto-confissão escrita* assembleiana, uma vez que, a ausência da assinatura não se tratou de desleixo ou simples omissão de seu autor, visto que esta publicação não refletia apenas a conveniente crença de um indivíduo e sua particular interpretação.

⁴⁰⁴ Os artigos são: Como “Ensor” roubava de Deus: uma história verdadeira, escrito por E. Zarkir e traduzido do sueco por Otto Nelson; A segunda vinda do Senhor do reverendo Wm. A. Coxe traduzido por Gunnar Vingren; Nosso Testemunho escrito por Maria Alves Brazil. Apenas o artigo “O que nós cremos” não foi assinado nesta edição. BOA SEMENTE, 1919, p. 1, 3 e 4. Ver jornal completo nos anexos (anexos 1, 4, 5 e 6).

Todavia, estes artigos representam muito mais a fé de cada pessoa assembleiana, não foi à toa que o periódico surgiu para se tornar um “órgão da igreja pentecostal”⁴⁰⁵, e, por consequência disso não precisaria ter sua confissão assinada, visto que a igreja como denominação pertence a Deus, enquanto que a sua interpretação bíblica pentecostal possui também, por si só, a autenticidade e assinatura divina.

Deste modo, esta compreensão não configuraria um sério lapso do seu editor-chefe, pois na verdade, estes artigos foram eximidos de responsabilidade humana, pois teriam uma origem divina, visto que foram concebidos pelo Espírito Santo, sendo a figura humana mera receptora destas regras de fé. Esta perspectiva coaduna perfeitamente com a fé pentecostal. Supõem-se que estas considerações estariam no imaginário da liderança assembleiana.

Podemos basear esta hipótese a partir de informações obtidas nesta edição do jornal. Uma vez que, na seção chamada de “Expediente”, o diretor Gunnar Vingren, encoraja as pessoas interessadas a enviar seus artigos para publicação no Boa Semente. Contudo, a apreciação e aceitação destes artigos seria baseada em dois pequenos critérios seletivos e eliminatórios. Dessa maneira, só seriam aceitas nas colunas do jornal as matérias que estivessem de acordo com a “sã doutrina”, ou seja, em conformidade com os artigos de fé em perspectiva pentecostal, além de serem identificados pelo nome de seus devidos autores e autoras como descreve o texto descrito abaixo a partir da grafia da época.

Expediente

Como em nosso primeiro numero, só aceitaremos em nossas columnas os artigos que tenham assignatura de seus proprios autores e que estejam em conformidade com a sã doutrina. Estamos grandemente agradecidos a Deus pelo apoio que achamos entre os interessados pelo evangelho, pois que já hoje pode ser publicado o segundo numero deste humilde jornalsinho⁴⁰⁶.

⁴⁰⁵ A partir do ano de 1922, agora sob a direção do missionário Samuel Nyström, o jornal Boa Semente passa a declarar-se como um “Órgão das Assembleas de Deus”, BOA SEMENTE, 1922, p. 1. Todavia, isso não significa que antes não fosse, mas antes apenas se apresentava como representante da igreja pentecostal.

⁴⁰⁶ BOA SEMENTE, 1919, p. 01. Trecho extraído da segunda edição do jornal Boa Semente. Ver anexos (anexo 4).

Contudo, porque um destes aspectos apresentados pelo diretor responsável não foi criteriosamente observado no artigo manchete desta edição? A resposta a esta pergunta pode estar relacionada com aquilo que estamos supondo. Esses critérios surgiram, a princípio, para apresentar o padrão com que cada qual das pessoas interessadas poderiam colaborar na divulgação das doutrinas pentecostais por intermédio de artigos publicados neste periódico.

Da mesma maneira, podemos afirmar, como já discutimos anteriormente, que além de servir de critério para o envio de artigos ao jornal BS, a publicidade da *proto-confissão escrita* também serviu como um direcionamento formal a membresia assembleiana. Assim, os oito pontos cardeais da fé pentecostal serviram de base para cada assembleiano e assembleiana, logo, esta publicação se torna um patrimônio com a chancela da Instituição, pois o veículo que o transmite é órgão oficial da denominação.

Numa primeira leitura deste periódico entrevemos estas intenções em sua publicação, uma condicionada a outra. Percebemos ainda o intento transicional, pois é compreensível a necessidade da transição de uma tradição para outra, ou pelo menos, da utilização simultânea da comunicação escrita em parceria com a tradição oral, como uma forma de potencializar e cristalizar a transmissão oral das doutrinas pentecostais, além, é claro, da obrigação do oferecimento de uma resposta mais aprofundada das crenças pentecostais às demais denominações cristãs, sejam elas evangélicas ou católicas, que até este período, não haviam recepcionado com condescendência o recém movimento no Brasil.

Outro detalhe presente nesta citação nos conduz a observarmos e compararmos a informal *proto-confissão oral* com a formalizada *proto-confissão escrita*. Percebemos a transição entre as duas tradições e a gradativa evolução e desenvolvimento destas declarações, visto que, quase dez anos depois, a AD amplia seu conjunto doutrinal dobrando a quantidade de seus artigos de fé, juntando os quatro artigos já existentes da *proto-confissão oral*, com o acréscimo de mais quatro pontos doutriniais, fazendo saltar para oito o total das doutrinas assembleianas na primeira *proto-confissão escrita* e formalizada pela Assembleia de Deus brasileira.

No entanto, em meio a essas oito linhas mestras das crenças pentecostais, um detalhe nos chama a atenção na primeira aparição escrita destas doutrinas

pentecostais. Entre essas oito doutrinas, pontuamos a omissão da doutrina basilar pela qual foi alicerçado o movimento pentecostal clássico brasileiro, a saber, a doutrina do batismo no Espírito Santo. Seria o caso de um descuido por parte do pioneiro? Ou pode-se pensar numa doutrina tão óbvia para a instituição e bem divulgada pela tradição oral que seria desnecessário citá-la explicitamente no primeiro formato do Cremos institucional? É possível sair em defesa de Gunnar?

Bem, podemos deduzir algumas questões que queremos aqui explicitar. Na verdade, sem tentar muitas manobras, podemos afirmar que sim, Gunnar Vingren deixou escapar a doutrina mais importante para o pentecostalismo moderno. Em contrapartida, mesmo que Gunnar afirme expressamente “nada queremos occultar”⁴⁰⁷, é possível encontrar essa doutrina implícita, oculta na redação do texto, assim, vemos este fundamento provavelmente subtendido na sétima linha da lista desta proto-confissão de fé. Deste modo, ao final do sétimo ‘cremos’ lemos o seguinte:

Cremos que devemos e podemos entrar em comunhão com o Salvador vivo, pelo seu Espírito-Santo; e que esta comunhão com Jesus é perfeitamente manifesta pelos signaes e prodigios sobrenaturaes, pois ella em nós se opera, quando temos uma vida verdadeiramente espiritual, com dons espirituaes: como *lingua extranha*, etc;⁴⁰⁸

Sabemos que o pentecostalismo clássico, principalmente, em sua fase de implantação no Brasil⁴⁰⁹ nunca deixou de ensinar a doutrina do batismo no Espírito Santo, visto que, esta doutrina se tornou um princípio vital para o movimento. Neste sentido, o ensino deste fundamento, quando proclamado, nunca esteve desassociado do anúncio de sua evidência física inicial, ou seja, o falar em outras línguas. Pelo sim, pelo não, como saber, de acordo com a interpretação tradicional, se alguém foi realmente batizado no Espírito Santo? Quando a partir de uma ação sobrenatural, e sem qualquer conhecimento prévio, esta pessoa começasse a falar em línguas, ou melhor, línguas estranhas.

Deste modo, pretendemos chegar a uma conclusão plausível, para tanto, precisamos captar a interpretação deixada por Gunnar quando este menciona a

⁴⁰⁷ BOA SEMENTE, 1919, p. 01.

⁴⁰⁸ BOA SEMENTE, 1919, p. 01.

⁴⁰⁹ Para Gedeon de Alencar esta primeira fase da presença do assembleianismo no Brasil é a fase da implantação do movimento que inicia em 1911 e se estende até 1930. ALENCAR, 2010, p. 48.

comunhão que as pessoas cristãs podem e devem ter com Cristo, uma união mediada pelo Espírito Santo, assim o resultado do alcance dessa perfeita comunhão produz uma vida genuinamente espiritual e abundante que proporciona, segundo Gunnar, a manifestação de sinais e prodígios sobrenaturais com dons espirituais. Entre tantos, a língua estranha é citada a título de exemplo. Seguindo este percurso, ao buscar discernir a interpretação deixada por Vingren chegamos a duas alternativas possíveis.

A primeira delas é a seguinte, a língua estranha mencionada por Gunnar poderia ser uma outra forma de falar do batismo no Espírito Santo, ou seja, perguntar a uma pessoa se esta fala em línguas estranhas não seria o mesmo que perguntar se ela é batizada no Espírito Santo? Talvez assim esteja pensando Gunnar ao não explicitar o batismo no Espírito Santo entre seus artigos de fé. Porém, diferente da primeira, a segunda alternativa que chegamos é esta. As línguas estranhas mencionadas por Vingren podem estar ligadas aos nove dons espirituais⁴¹⁰, dentre os quais, apenas a variedade de línguas é mencionada, pois ficam no ar alguns detalhes, quais sejam, a menção feita aos dons espirituais, a citação de um destes dons e a interrupção sequencial de uma lista barrada pela abreviatura da expressão de origem latina *etc.*

Seja como for, adotando uma ou outra interpretação, consideramos que as duas alternativas culminam para a mesma conclusão, como dois rios que desaguam no mesmo oceano. Pois, a interpretação pentecostal e tradicional sobre os dons espirituais considera que a possibilidade da concessão destes dons a alguém só acontece após o derramamento do Espírito, em outras palavras, o acesso aos dons espirituais é o segundo passo para quem já deu o primeiro, para quem já recebeu o batismo no Espírito Santo e recebeu concomitantemente o dom de línguas estranhas.

Outros aspectos poderiam ainda ser extraídos desta proto-confissão de fé, da análise das outras doutrinas contidas nesta declaração, todavia, para chegarmos a outras conclusões razoavelmente satisfatórias, precisamos prosseguir na análise histórica e progressiva da construção desses artigos de fé até seu contexto atual, bem como perceber suas influências e tendências no contexto assembleiano. O que até aqui observamos constitui-se apenas uma parte do processo que, gradativamente, foi

⁴¹⁰ “Porque a um pelo Espírito é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência; E a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar; E a outro a operação de maravilhas; e a outro a profecia; e a outro o dom de discernir os espíritos; e a outro a **variedade de línguas**; e a outro a interpretação das línguas. I Coríntios 12. 8-10. Almeida Revista e Corrigida ARC.

concedendo a Assembleia de Deus um corpo consistente das doutrinas essenciais da atual DF assembleiana.

O que podemos concluir das observações até aqui apresentadas é esta. Que atualmente, estas duas tradições, o oral e a escrita, caminham paralelamente, numa interface que envolvem as duas formas de instrução doutrinária, todavia, mesmo que haja, atualmente, uma aguda preferência pela transmissão verbal, isso não prejudicará o caráter de igualdade entre a reflexão oral e a escrita⁴¹¹.

3.3.2 2ª Fase - A adaptação e construção da confissão de fé assembleiana, o *Cremos* (1919-2017): da formalidade à oficialização

O *Cremos*, como declaração de fé assembleiana, foi apresentado pela primeira vez em um pequeno artigo do jornal Mensageiro da Paz (MP) em junho de 1969⁴¹², essa versão do *Cremos* assembleiano, inicialmente formado por um conjunto de quatorze artigos de fé que, posteriormente, após ser submetido a algumas revisões, ganhou mais dois artigos saltando para dezesseis temas doutrinários que passaram a ser publicados, obrigatoriamente, a partir da década de 1990 em todas as edições dos MP's, iniciando a partir de então, o processo da popularização da confissão de fé pentecostal entre as pessoas assembleianas.

Logo, o que pretendemos, a seguir, é dar continuidade a nossa apresentação e análise do contexto histórico e doutrinário em que se desenvolveu a Declaração de Fé Assembleiana no seu segundo e mais longo período de composição dogmático-institucional. De abril de 1919 até abril de 2017⁴¹³ foram ao todo exatos noventa e oito anos de uma fase marcada por estagnação e retrocesso, mas também por um avanço gradativo da construção e adaptação do credo assembleiano que neste período transicionou do ambiente de formalização até alcançar o status de documento oficial com a chancela da Instituição.

⁴¹¹ POMMERENING, 2011, p. 132.

⁴¹² MENSAGEIRO DA PAZ, Rio de Janeiro, Ano 39, nº 13, junho de 1969, p. 4.

⁴¹³ De abril de 1919 a abril de 2017. Foram exatos noventa e oito anos de um período que abrange a segunda fase da construção da Declaração de Fé Assembleiana, que parte da publicação de oito artigos de fé na segunda edição do jornal Boa Semente até aprovação e suscetível publicação do texto final da DF durante a 43ª Assembleia Geral Ordinária AGO da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil CGADB.

Infelizmente, parte da história da Assembleia de Deus está associada a um retrocesso, ou pior, a busca pelo retardo ou o engavetamento deste grande projeto que intencionava a tão sonhada oficialização da DF assembleiana. Os personagens que se opuseram a este propósito trouxeram graves prejuízos a denominação, pois sua contumaz postura apenas resultou no prolongamento desta segunda fase, que esteve concatenada, a oposição ferrenha de muitos pastores assembleianos que buscaram impedir, de muitas formas e muitas maneiras, principalmente nos encontros convencionais, a oficialização de um documento que buscava somente harmonizar o discurso assembleiano e representar dogmaticamente a Instituição. No entanto, é uma história demeritória que não pode deixar de ser registrada.

Deste modo, profundos debates se desenvolveram em várias ocasiões entre as décadas de 1960 e 1980, discussões que insistiam muito mais na manutenção dos usos e costumes assembleianos em detrimento da formulação de um credo. Esta preferência pela conservação dos usos e costumes nas AD's é sem dúvidas uma inegável realidade preservada nos registros convencionais⁴¹⁴ que, por vezes, se demonstrava muito mais preocupada com o padrão comportamental de seus membros em prejuízo do aprendizado das doutrinas bíblicas fundamentais, assim, a maioria destes embates entre os pastores se desenrolaram durante as assembleias gerais da CGADB, mesmo que informalmente, visto que este tema nunca esteve entre os itens oficiais inseridos nos temários convencionais.

Conseqüentemente, estes conflitos internos entre a liderança assembleiana dividiram opiniões e culminaram com a formação de dois blocos entre a liderança pentecostal, de um lado estavam aqueles que faziam parte da ala mais antiga que resistiam e desaprovavam a criação do credo, do outro lado, a ala mais jovem formada por aqueles que apoiavam e militavam a favor de sua elaboração e publicação, a exemplo dos pastores Otoniel e Oziel Moura de Paula que apresentavam seus argumentos pertinentes a criação do credo⁴¹⁵.

⁴¹⁴ Entre as convenções gerais que discutiram o assunto estão as AGO de 1946, 1968, 1973, 1975, 1985 e 1995. DANIEL, 2004. O tema acerca dos usos e costumes continua sendo um assunto bastante discutido nas Assembleias de Deus no Brasil, e, até hoje é possível perceber uma oscilação e desníveis entre ministérios assembleianos, uns mais e outros menos tradicionais. Profundos acirramentos e afrouxamentos são característicos destes encontros é ainda assim, o assunto é amplamente discutido e sem previsão de seu esgotamento.

⁴¹⁵ ARAÚJO, Israel de. **História do “Cremos” das ADs**. In: OBREIRO, Aprovado. Revista Evangélica trimestral: liderança, teologia, prática. Ano 38, nº 75. Rio de Janeiro: CPAD, 2º trimestre de 2016, p. 56.

Em contrapartida, o principal argumento usado pelos pastores opositores era o da incorporação de um costume contrário a tradição assembleiana, pois estes julgavam que o uso de credos era uma prática comum da Igreja Católica e das denominações evangélicas tradicionais, consideravam ainda que a busca por credos poderia trazer uma desvalorização da Escritura Sagrada, tendo em vista o discurso de que a Bíblia era o único credo tradicionalmente assembleiano⁴¹⁶.

Além dessas questões, no cerne dessa trajetória, coexistiram também outros fatores que se impuseram como empecilhos na tarefa de reconstrução histórica do desenvolvimento desta segunda etapa da DF assembleiana. Pois, o ambiente contextual em que repousa a tradição escrita assembleiana não se constitui uma tarefa assim tão fácil de se reconstruir e isso se dá por alguns motivos. A princípio porque lidamos com um número significativo de publicações entre os jornais considerados oficiais pelas Assembleias de Deus no Brasil⁴¹⁷, dos quais dois entre os três periódicos conhecidos saíram de circulação a quase noventa anos.

Outro motivo, que está diretamente ligado a este e que também impõe dificuldades para uma perfeita reconstrução histórica da confissão de fé do assembleianismo brasileiro está na ausência de algumas edições ou na dificuldade de acesso a algumas tiragens destes jornais, pois existem lacunas entre uma e outra edição destes periódicos, como um quebra-cabeças que não pode ser concluído pela falta de peças. Além de outra característica marcante, a falta de um costume ou melhor dizendo o exercício de um mau costume entre grupos de pentecostais brasileiros, a saber, a pouca preocupação com a preservação e perpetuação de sua obra e história.

No entanto, é importante destacar a louvável atitude que a AD tem demonstrado atualmente, pois em parceria com a CPAD tem se mobilizado para proteger a identidade e a memória assembleiana a partir da preservação de sua própria história. Por este motivo, inaugurou em setembro de 2009 o Centro de Estudos do Movimento Pentecostal (CEMP)⁴¹⁸, centro que atualmente tem sido responsável pela preservação

⁴¹⁶ ARAÚJO, 2016, p. 56.

⁴¹⁷ O Boa Semente, O Som Alegre e o Mensageiro da Paz.

⁴¹⁸ O Centro de Estudos do Movimento Pentecostal foi inaugurado em 2009, com o objetivo de preservar a memória assembleiana, porém, também tem servido inúmeros pesquisadores e pesquisadoras, interessados e interessadas na história do assembleianismo brasileiro e do movimento pentecostal, tendo o pastor Isael de Araújo como responsável. O Cemp é responsável pela guarda, conservação, organização, catalogação e desenvolvimento de todo o material da CPAD gerado e reunido no passado

da história do movimento pentecostal, tornando-se uma fonte permanente de pesquisa e exposição da história assembleiana. Este centro também mantém uma campanha chamada “Amor Pela Nossa História” na qual solicita dos interessados e das interessadas em colaborar o envio de materiais que contribuam para a manutenção, preservação e exposição da história do movimento⁴¹⁹.

Assim, mesmo diante dessas realidades, apresentamos uma breve exposição e desenvolvimento histórico através dos materiais que dispomos. Dessa forma, após a primeira fase do desenvolvimento do credo assembleiano que parte da concepção desta confissão adentrando o campo da informalidade com amparo da tradição oral e transpondo a formalização do credo no curso da tradição escrita. Chegamos agora a fase que transcende a formalização do credo assembleiano, ou seja, a fase de sua oficialização.

e no presente e que se encontra fisicamente guardado na Biblioteca, no Memorial Gunnar Vingren. O arquivo é composto de fotos, imagens, fitas cassetes, vídeos, CDs, DVDs, filmes, produtos, documentos impressos da editora, coleções de periódicos e revistas da Escola Dominical. Todo esse material se constitui no acervo e na memória histórica, não somente da CPAD, mas das Assembleias de Deus no Brasil. CPAD. Disponível em: <http://www.editoracpad.com.br/cemp/quemsomos.php>. Acesso em 27 de janeiro de 2020.

⁴¹⁹ CPAD. Disponível em: <http://www.editoracpad.com.br/cemp/historia.php>. Acesso em: 27 de janeiro de 2020.

Deste modo, foi com a publicação da proto-confissão escrita no jornal Boa Semente que foi inaugurada a utilização de uma nova tradição pelas mãos da liderança assembleiana, nos referimos a transição da tradição oral para a tradição escrita. Além do mais, a utilização da confissão escrita também impôs o surgimento da primeira etapa na construção histórica da DF assembleiana, com a passagem da informalidade para a formalidade, como já observamos. Vale ressaltar que a mesma confissão assembleiana lançada em 1919 foi publicada posteriormente em outro periódico assembleiano, o jornal O Som Alegre. Essas matérias de fé foram lançadas novamente quase onze anos depois, na quarta edição do referido periódico, nele como veremos mais adiante, encontramos integralmente os oito artigos da proto-confissão escrita assembleiana, na época lançados pela segunda vez em março de 1930.

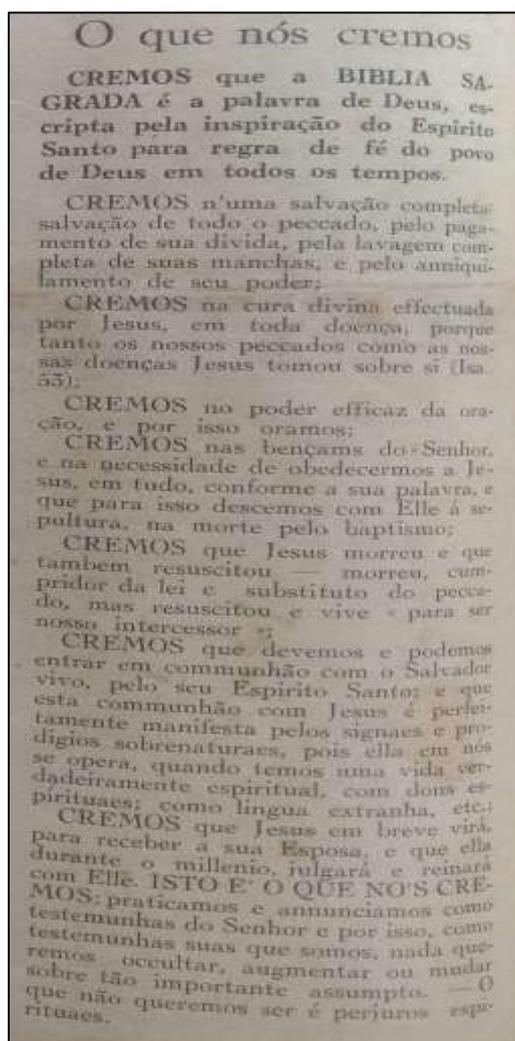


Imagem 10: Recorte do periódico O SOM ALEGRE de março de 1930⁴²⁰
Fonte: Acervo da Faculdade Boas Novas

⁴²⁰ O SOM ALEGRE. Rio de Janeiro, março de 1930, ano I, nº 04, p. 6. Ver a página completa deste trecho do jornal nos anexos (anexo 7).

Na época o responsável pelo periódico era Gunnar Vingren, que já havia publicado esta mesma confissão de fé quando foi diretor do jornal Boa Semente. Percebemos que, do mesmo modo como no Boa Semente, a publicação lançada no Som Alegre não revela nenhuma inquietação da parte de seu responsável em oferecer maiores explicações teológicas aos seus leitores e as suas leitoras, pois as mesmas matérias de fé são simplesmente listadas, uma após a outra, sem qualquer preocupação quanto uma exposição mais detalhada destas crenças assembleianas, refletindo, deste modo, um certo sinal de estagnação ou, no mínimo, uma despreocupação em apresentar maiores explicações a membresia da denominação que deveria apenas crer, confessar e praticar estes ensinamentos, sem tampouco questioná-los ou até mesmo compreendê-los.

Neste sentido, ao nos aprofundarmos nos períodos históricos da construção e desenvolvimento doutrinário das Assembleias de Deus perceberemos um número razoável de artigos que longe dos propósitos de se tornarem uma confissão oficial, mas pautados somente nas boas intenções de seus autores, buscaram apresentar a membresia assembleiana os aspectos centrais da fé pentecostal. Estas publicações foram produzidas e lançadas, muitas vezes aleatoriamente, por diversos personagens assembleianos, geralmente missionários e pastores que mantinham a prática de escrever artigos e colunas para os periódicos oficiais da denominação, principalmente ao Mensageiro da Paz.

Todavia, vale ressaltar que estes artigos, quando publicados, inseriram uma ou mais linhas mestras a fé pentecostal, e, aos poucos, mesmo que indiretamente, colaboraram para a composição e a futura oficialização (in)definitiva da confissão de fé assembleiana. Dessa maneira, consideramos que estas publicações tiveram o simples objetivo de guiar os leitores assembleianos e as leitoras assembleianas no tocante a uma regra de fé que os e as orientasse na compreensão destas doutrinas para melhor testemunharem, seja no ambiente social e/ou comunitário.

Do mesmo modo, percebe-se neste período, um certo nível de despreparo da liderança nacional das Assembleias de Deus, pois em nossa compreensão, deveria partir desta liderança a orientação doutrinária e necessária para cada pessoa assembleiana. Pois, até aquele tempo, a última orientação doutrinária que partiu de

uma liderança nacional foi exatamente a de Gunnar Vingren que publicara a proto-confissão assembleiana nos dois jornais que chegou a ser responsável.

Outro detalhe perceptível é a não participação dos pastores brasileiros no tocante a publicação destes credos, pois todas as confissões da qual apresentaremos, exceto uma da qual temos dúvidas quanto à sua composição autoral, foram produzidas/traduzidas por missionários suecos e norte-americanos, demonstrando a forte atuação estrangeira no país, pelo menos em seus primeiros anos.

Dessa maneira, a próxima publicação, que tenha chegado ao nosso conhecimento, orientada por uma liderança nacional assembleiana seria publicada somente noventa e oito anos depois da primeira publicação de autoria vingreniana⁴²¹, estamos nos referindo a atual Declaração de Fé das Assembleias de Deus, que mesmo não tendo sido produzida pelas mãos da presidência da CGADB, mas foi recomendada e chancelada por esta liderança nacional.

Neste sentido, pretendemos dar continuidade a este cenário histórico e doutrinário somado ao objetivo de esclarecer estes aspectos até aqui mencionados, para isso, apresentamos em ordem cronológica, uma descrição detalhada e linear desta segunda fase da confissão de fé assembleiana a partir da presença e atuação do novel periódico oficial das Assembleias de Deus no Brasil, o jornal Mensageiro da Paz, lançado em 1930.

Através deste periódico podemos perceber a evolução da confissão de fé assembleiana que atravessa a história da instituição por intermédio dos artigos lançados neste noticiário. Estes artigos, quando publicados, foram motivados por diferentes situações, muitas vezes sem qualquer intenção de se tornar um instrumento legítimo para a consolidação doutrinária da instituição, mas que ao todo, contribuíram para a maturação e oficialização da Declaração de Fé Assembleiana.

Por conseguinte, a próxima figura notável entre os pastores e missionários da liderança assembleiana a publicar um artigo acerca das principais crenças pentecostais foi Otto Nelson⁴²². Este missionário sueco publicou no MP de janeiro de 1931 um artigo intitulado “O que ensinamos”. Nesta publicação, Otto Nelson, que

⁴²¹ De abril de 1919 até junho de 1969.

⁴²² Otto Nelson (1891-1982), foi um missionário sueco, pastor e antigo líder das Assembleias de Deus nos Estados de Alagoas, Bahia e Rio de Janeiro. Nelson chegou a ser presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. ARAÚJO, 2007, p. 503.

provavelmente conheceu a proto-confissão escrita por Gunnar Vingren, estendeu para onze, os artigos que representavam as principais crenças do movimento pentecostal, ao fazê-lo explicou com maior clareza seus aspectos essenciais.

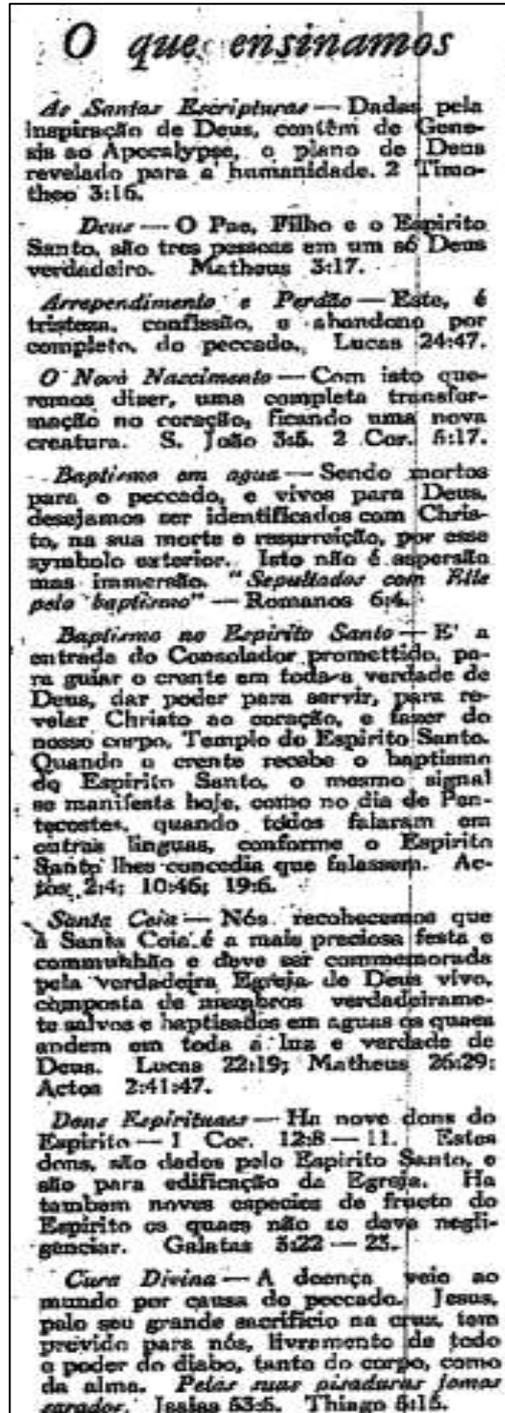


Imagem 11: Recorte do jornal Mensageiro da Paz, órgão das Assembleias de Deus no Brasil de 15 de janeiro de 1931⁴²³

Fonte: Acervo da Faculdade Boas Novas

⁴²³ Ver a página completa deste trecho do jornal nos anexos (anexo 8).

Muito provavelmente, este artigo surgiu, para atender as carências da membresia assembleiana, que praticava muitas vezes estes ensinamentos, ou os popularizava através da oralidade, sem, contudo, melhor compreendê-los. No entanto, consideramos que esta necessidade poderia ou deveria ser atendida por outra figura no meio pentecostal, o então presidente nacional da Instituição, o pastor Cícero Canuto de Lima⁴²⁴, presidente da recém-criada CGADB, que tinha acabado de assumir a liderança das Assembleias de Deus no Brasil.

No entanto, a redação deste texto elaborada pelo missionário sueco Otto Nelson, pelo que parece, não causou qualquer tipo de preocupação ou constrangimento a liderança nacional das AD's da época, que parecia estar mais ocupada com outras demandas da denominação. O mesmo acontece com outras lideranças nacionais como veremos mais adiante. Assim, os nove artigos lançados nesta publicação são: As Santas Escrituras, Deus, arrependimento e perdão, o novo nascimento, batismo em água, batismo no Espírito Santo, Santa Ceia, dons espirituais e cura divina. A seguir, deixamos a transcrição do artigo na íntegra, de acordo com a grafia da época.

O que ensinamos

As Santas Escripuras – Dadas pela inspiração de Deus, contem de Gênesis ao Apocalypse, o plano de Deus revelado para a humanidade. 2 Timotheo 3:16.

Deus – O Pae, Filho e o Espirito Santo, são tres pessoas em um só Deus verdadeiro. Matheus 3:17

Arrependimento e Perdão – Este, é tristeza, confissão, e abandono por completo do peccado. Lucas 24:47.

O Novo Nascimento – Com isto queremos dizer, uma completa transformação no coração, ficando uma nova creatura. S. João 3:5, 2 Cor. 5:17.

Batismo em agua – Sendo mortos para o peccado, e vivos para Deus, desejamos ser identificados com Christo, na sua morte e ressurreição, por esse symbolo exterior. Isto não é aspersion, mas immersão, “*Sepultados com Elle pelo baptismo*” – Romanos 6:4.

Batismo no Espirito Santo – É a entrada do Consolador prometido, para guiar o crente em toda a verdade de Deus, dar poder para servir, para revelar Christo ao coração, e fazer do nosso corpo, Templo do Espirito Santo. Quando o crente recebe o baptismo no Espirito Santo, o mesmo signal se manifesta hoje, como no dia de Pentecostes, quando todos falaram em outras linguas, conforme o Espirito Santo lhes concedia que falassem. Actos 2:4; 10:46; 19:6.

Santa Ceia – Nós reconhecemos que a Santa Ceia é a mais preciosa festa e communhão e deve ser commemorada pela verdadeira Igreja do Deus vivo, composta de membros verdadeiramente salvos e baptisados em aguas aos quaes andem em toda a luz e verdade de Deus. Lucas 22:19; Matheus 26:29; Actos 2:41:47.

⁴²⁴ Cícero Canuto de Lima (1893-1982), foi um pastor e antigo líder nacional das Assembleias de Deus no Brasil, se tornando o primeiro presidente da CGADB. ARAÚJO, 2007, p 423.

Dons Espirituaes – Ha nove dons do Espírito – I Cor. 12:8-11. Estes dons são dados pelo Espírito Santo, e são para a edificação da Igreja. Ha tambem nove especies do fructo do Espírito os quaes não se deve negligenciar. Galatas 3:22-23.

Cura Divina – A doença veio ao mundo por causa do peccado. Jesus, pelo seu grande sacrificio na cruz, tem provido para nós, livramento de todo poder do diabo, tanto do corpo, quanto da alma. *Pelas suas pisaduras fomos sarados*. Isaias 53:5, Thiago 5:15.⁴²⁵

Neste artigo elaborado por Otto Nelson foram incluídas algumas doutrinas não abordadas nos artigos anteriormente lançados nos periódicos que antecederam esta edição do Mensageiro da Paz, como por exemplo: uma breve exposição acerca da pessoa de Deus que se manifesta a partir da Trindade, o arrependimento e perdão, o novo nascimento e a ordenança da Santa Ceia, bem como uma menção mais clara acerca do princípio vital para o pentecostalismo clássico, o batismo no Espírito Santo, não apresentado explicitamente por Vingren, que menciona apenas a sua evidência física, o falar em outras línguas⁴²⁶. O texto de Otto Nelson ainda difere dos anteriores num detalhe essencial, o uso de fundamentação bíblica para cada artigo de fé, pois Vingren usa apenas algumas referências para fundamentar um ou outro artigo.

Na sequência temos Theodore Richard Sthor⁴²⁷, missionário norte-americano, que chegou ao Brasil em 1936, ele foi o próximo assembleiano a publicar no MP de outubro de 1938 a tradução de um artigo intitulado na grafia da época “Em que crêem os pentecostais”⁴²⁸. Nesta época o pastor que presidia a CGADB era o missionário Samuel Nyström. O artigo traduzido e adaptado por Theodore Sthor é melhor elaborado e deve ter sido baseada na Declaração de Verdades Fundamentais das Assembleias de Deus norte-americanas⁴²⁹.

Todavia, mesmo não sendo uma elaboração autenticamente produzida a partir do contexto nacional, mesmo assim, a tradução deste texto deve ter sido adaptada para se encaixar perfeitamente a alguma realidade que ensejou a sua publicação, não obstante, este artigo prefigura entre as tentativas de amadurecimento de uma

⁴²⁵ MENSAGEIRO DA PAZ, Rio de Janeiro, Ano 1, nº 2, de 15 janeiro de 1931, p. 6.

⁴²⁶ BOA SEMENTE, 1919, p. 1.

⁴²⁷ Theodore Richard Sthor (1915-2000), foi um missionário norte-americano vinculado às Assembleias de Deus no Brasil. Pastoreou no interior de São Paulo as Assembleias de Deus em Ribeirão Preto, Igarapava e em cidades vizinhas. ARAÚJO, 2007, p. 833.

⁴²⁸ MENSAGEIRO DA PAZ, Rio de Janeiro, Ano 8, nº 187, 2ª quinzena de outubro de 1938, p. 2.

⁴²⁹ Conjunto de preceitos bíblico-teológicos em que se baseavam as denominações filiadas à Convenção das Assembleias de Deus norte-americanas.

confissão pentecostal e atualmente faz parte da galeria de publicações que colaboraram para o advento da Declaração de Fé assembleiana.

EM QUE CRÊEM OS PENTECOSTAIS
(NO EVANGELHO INTEGRAL)

O movimento pentecostal é, de fato, grandemente ignorado. Varias concepções errôneas têm surgido, acerca dessa obra, difamando-a, ou procurando difamá-la.

Ninguém julgue que esse movimento possa ser confundido com o espiritismo, com alguma "ciência cristã" ou mesmo, que se trate de idéas novas. Não. O nosso fundamento é a fé, na Salvação pela obra expiatória de Jesus Cristo, como nosso substituto, no Calvário. Igualmente, o movimento pentecostal não admite o fanatismo das predestinações e salvação incondicional; mas, se adstringe à Palavra de Deus, aceitando e pregando a Salvação pelo sangue de Jesus; o batismo no Espírito Santo; a cura Divina, e a anunciação da segunda vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo. Essas são as verdades que defendemos, em harmonia perfeita com todas as demais disposições bíblicas.

Acceptamos a santa inspiração das Escrituras; reconhecemos a degradação moral e espiritual do homem, pelo pecado; sabemos, sim, que todos estávamos destituídos da glória de Deus, mas que, aos que aceitam o sacrifício de Cristo e buscam o arrependimento, Deus tem feito participantes das bênçãos perdidas pela desobediência.

Crêmos em um único Deus verdadeiro, manifesto em Tres Pessoas distintas: Pai, Filho e Espírito Santo; todos, com o mesmo poder, a mesma glória e majestade, porém, com officios diferentes.

Quanto aos mandamentos do Evangelho, crêmos e praticamos o batismo de imersão, não como uma ordenança salvadora, mas, sim, como um ato de obediência, fé e testemunho público e razo, da transformação que em nós se operou, bem como da nossa disposição de sepultar a velha criatura.

Crêmos na ceia do Senhor, em cuja presença participamos do pão e do vinho, anunciando a Sua vinda. (I Cor. 11:26).

Crêmos que a unção com azeite, nos enfermos, em nome do Senhor, lhes traz cura física. (Tiago 5:14-15, Mar. 6:15-18).

Crêmos, sobretudo, no novo nascimento, como obra divina e sobrenatural, a qual transforma o pecador, num homem são, dando-lhe poder para viver de modo puro e agradável a Deus, em Cristo.

Crêmos na vida santa dos discípulos, (mesmo contemporâneos nossos). Não permitimos que tomem partes em nossos côros, orquestras, etc. aquêles que não tenham passado pela experiencia viva do novo nascimento. Excluimos da comunhão (em absoluto) aquêles que seja fumante ou seja bebedor ou que frequente teatros, cinemas, bailes, jogos, e tantas outras misérias do mundo. Os tais não podem fazer parte do santo corpo de Cristo, que é a Igreja.

Acêrca do necessário á manutenção do trabalho, também, não nos afastamos das Escrituras, cumprindo, assim, a doutrina do d'zimo e oferta voluntárias. Jamais consentimos nos bazares, e nas reuniões sociais, como chás, etc para incentivo da obra. Não precisamos disto. Deus é o nosso incentivo. Aleluia!

O movimento pentecostal sustenta todos êsses pontos, porém, não nos poderíamos responsabilizar pelo mal testemunho que um ou outro crente possa dar com a sua vida discrepante. Como sempre aconteceu no Cristianismo, ha e haverá os causadores de escândalos, a respeito dos quais Jesus profetizou (Mat. 18:).

Essa obra, está longe de ser perfeita, por isso que somos humanos. Uma coisa, porém, afirmamos sem receio de contradição: é que êsse movimento é absolutamente bíblico, nos mais íntimos detalhes da doutrina. E', portanto, são e seguro (dizemos são, baseados em Apo. 22:11).

Tal despertamento nasceu em oração e vive, dêsse modo, até hoje. E' na atmosfera da oração que temos respirado o puro ar celestial, que nos revigora e nos conduz como Igreja missionária, triunfante!

N. da R.— Eis, em poucas palavras, o que representa o combatido "pentecostismo".
(Tradução de T. Stohr).

Imagem 12: Recorte do jornal Mensageiro da Paz, órgão das Assembleias de Deus no Brasil, publicado na segunda quinzena de outubro de 1938⁴³⁰.

Fonte: Acervo da Faculdade Boas Novas

Percebemos que o contexto em que surge esta confissão é diferente dos artigos que o antecederam, sua natureza apologética fica evidente a partir da leitura do primeiro parágrafo que é introdutório. Neste prólogo o tradutor descreve a realidade em que se originou a intenção de expor, em três colunas e em poucas linhas, as crenças que defende, militando em favor da causa pentecostal. Sthor afirma que o movimento pentecostal é ao mesmo tempo ignorado, difamado e mal interpretado, para ele talvez isso acontecia devido à escassez de informações acerca do movimento que até aquele tempo era denominado de "pentecostismo".

O artigo traduzido e adaptado por Theodore Sthor tem o objetivo de apresentar em uma perspectiva bíblica pentecostal as principais crenças do movimento e sua

⁴³⁰ Ver a página completa do trecho deste jornal nos anexos (anexo 9).

fundamentação teórica e quem sabe até mesmo se tornar um veículo esclarecedor sobre as errôneas concepções e interpretações que se tem acerca do pentecostalismo da época ou até mesmo ser utilizado para propor um diálogo para com aqueles e aquelas que se opõem e difamam equivocadamente o movimento⁴³¹.

No entanto, não está explícito nesta publicação a origem da difamação e má compreensão que se tem do movimento, pode ser de origem religiosa ou pública e política, mas é bem provável que parta de pessoas cristãs, sejam estas católicas ou evangélicas de matriz histórica. Desconfiamos que a publicação deste artigo seja uma resposta ao catolicismo ou a qualquer denominação protestante da época, pois sabemos que entre os inúmeros problemas externos que o assembleianismo enfrentara em seus primeiros anos, em sua fase de implantação, um deles era a ferrenha perseguição que sofria, seja da Igreja Católica, seja das próprias denominações protestantes⁴³².

Todavia, mais convictos ainda estamos de uma resposta direta as denominações evangélicas ligadas a fé reformada, uma vez que o articulista, quando defende a bandeira da salvação afirma que “o movimento pentecostal não admite o fanatismo das predestinações e salvação incondicional”⁴³³. Temas que são bíblicos, mas de maior fluidez e de interpretação peculiar entre as denominações de cunho reformado, neste caso o articulista faz referência direta a duas dessas doutrinas, a predestinação e a eleição incondicional⁴³⁴ que no artigo é nomeado de “salvação incondicional”. Esses temas não compõem o conjunto de doutrinas de realidade católico-romana e tampouco pentecostal.

Todas essas questões estão implícitas no texto e podem ser deduzidas a partir das hipóteses apresentadas, mas o que fica explícito nesta redação é a confusão/comparação do movimento pentecostal com o espiritismo ou com outras novas ideias religiosas que se propagavam na época, questões que são negadas enfaticamente pelo articulista. Logo após esta etapa introdutória de defesa, negação

⁴³¹ MENSAGEIRO DA PAZ, 1938, p. 2.

⁴³² ALENCAR, 2010, p. 52

⁴³³ MENSAGEIRO DA PAZ, 1938, p. 2.

⁴³⁴ A eleição incondicional, é o segundo dos cinco pontos do calvinismo, que considera uma decisão irrevogável da soberania de Deus na escolha daqueles e daquelas que Ele deseja conceder a salvação.

e afirmação, Theodore Sthor apresenta a sua interpretação pentecostal a partir da convicção de fé assembleiana.

Após uma breve leitura destas convicções, concluímos que as primeiras quatro doutrinas apresentadas neste artigo estão diretamente relacionadas com as quatro verdades fundamentais da proto-confissão oral assembleiana, no entanto, não na mesma ordem. Não é por acaso que Sthor encerra este parágrafo afirmando que “essas são as verdades que defendemos, em harmonia perfeita com todas as demais disposições bíblicas”⁴³⁵.

Ou seja, Sthor reconhece o valor destas verdades fundamentais considerando a primazia destas doutrinas no pentecostalismo assembleiano. Desta maneira, este artigo se constitui uma resposta ao que já afirmamos anteriormente, que a inauguração de uma nova tradição na propagação das doutrinas pentecostais por intermédio dos periódicos institucionais não impediu ou invalidou o trânsito legal da tradição oral que continuou a circular por muito tempo e paralelamente a tradição escrita, mesmo na segunda metade da década de 1930.

Visto que, ainda em 1938, ano da publicação deste artigo no Mensageiro da Paz, praticamente vinte oito anos após a primeira divulgação da fé assembleiana⁴³⁶ reproduzida pelos pioneiros por meio da oralidade, a redação deste texto transcreve fielmente através da tradição escrita as verdades fundamentais uma vez anunciadas pela tradição oral. Outra alternativa é admitir que, com o tempo, a tradição oral foi sendo, gradativamente, não substituída, mas inserida e cristalizada pela tradição escrita. Pois, com apenas dois anos e nove meses da chegada do missionário Theodore Sthor ao Brasil, o missionário já se vê inteirado dessas verdades que são listadas em sua publicação no MP.

No entanto, diante destas afirmações surgem novos questionamentos, a saber, sendo redação deste texto fruto de uma tradução e não de uma produção original do seu tradutor, isso nos leva a crer que não importa o que Theodore Sthor tenha recebido da tradição oral ou da tradição escrita no assembleianismo do contexto brasileiro, pois esta redação é provavelmente uma obra de algum articulista norte-americano. Todavia, não podemos esquecer que a confissão da fé pentecostal aqui

⁴³⁵ MENSAGEIRO DA PAZ, 1938, p. 2.

⁴³⁶ De novembro de 1910 até outubro de 1938. Desde a chegada dos fundadores pioneiros até à publicação deste MP.

anunciada foi importada da América do Norte através dos missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg, pois mesmo sendo suecos migraram para os Estados Unidos e ali foram fortemente influenciados pelo movimento pentecostal que legou a estes missionários os fundamentos da fé pentecostal anunciados em terras brasileiras.

Assim, prosseguindo na análise do artigo traduzido e adaptado por Theodore Sthor, conseguimos visualizar um total de treze doutrinas, quatro a mais em relação ao artigo publicado por Otto Nelson em 1931. No entanto, comparando os dois artigos percebemos na publicação de Sthor a omissão da doutrina sobre os dons espirituais citado por Nelson em sua publicação. Entretanto, Sthor acrescenta cinco doutrinas não contempladas por Otto Nelson, a saber, a salvação expiatória de Jesus Cristo, segunda vinda, unção dos enfermos, dízimos e ofertas voluntárias e santificação.

Além do acréscimo destas doutrinas observamos, nesta comparação, o início do processo de adaptação e maturação de outras duas, por exemplo, a crença em Deus em Nelson é citada por Sthor, porém a reafirmação do monoteísmo recebe a amplificação do conceito da existência de Deus manifesto em três pessoas, ou seja, a Trindade, e ainda, o batismo em águas mencionado por Sthor recebe a adição do método da imersão não contemplado por Nelson.

Feitas estas observações, de agora em diante, queremos nos debruçar na análise da redação mais relevante entre todas as regras de fé que abrangem a segunda etapa da confissão de fé pentecostal, seu destaque se dá por ser parte do penúltimo estágio da DF assembleiana. Uma declaração de fé batizada pelas AD's de *Cremos* e que foi repetidas vezes publicada nas edições do MP a partir de junho de 1969. Esta declaração composta, em primeira mão, por quatorze artigos de fé, foi apresentada desta forma ao público assembleiano, e, é considerada na linha sucessória, o elo mais próximo da atual confissão oficial assembleiana.

Entre as respectivas edições de Theodore Sthor em 1938 e o *Cremos* de 1969 se passaram mais de trinta anos sem que a Assembleia de Deus no Brasil se pronunciasse através de uma nova publicação em seu órgão oficial que pusesse em lista uma confissão de fé que a identificasse. Diante destas condições, o que nos resta é comparar o *Cremos* com a publicação que o antecedeu, o artigo publicado por Sthor. Observemos então as seguintes modificações e adaptações.

O artigo intitulado de “Cremos” tinha quatorze artigos em sua formação original, ou seja, um a mais que o artigo publicado por Sthor. Todavia, no tocante a preocupação quanto a estética de uma confissão de fé, nem se compara ao anterior ou aos demais que o antecederam, pois se mostra melhor elaborado e mais interessado em ensinar e compartilhar as sólidas convicções de uma instituição, pois, apresenta em cada um dos seus artigos de fé, referências bíblicas que sustentam a sua fundamentação e interpretação da Escritura num teor pentecostal. Aliás, é óbvio que estas preocupações um dia viriam à tona, pois, deste dia em diante, o Cremos, iria sintetizar e representar doutrinariamente as crenças assembleianas.

Frente à publicação de Theodore Sthor percebemos que o “Cremos” desbanca uns artigos, mantém alguns, insere seis e reinterpreta outros, além da notória ampliação, adaptação e fundamentação de todos que permaneceram, vejamos. As doutrinas não abordadas pelo Cremos e que foram apresentadas por Sthor são: Cura divina; Ceia do Senhor; Unção dos enfermos e Dízimos e ofertas voluntárias. Vale ressaltar que por não serem observadas pelo Cremos, não significa que estes aspectos estavam sendo desautorizados ou banidos oficialmente pela instituição.

É presumível que a ideia fosse, em resumo, dar preferência as doutrinas apontadas como primárias, aquelas consideradas secundárias e todas as que estivessem vinculadas a estas em seus desdobramentos poderiam estar embutidas em qualquer um destes quatorze artigos, e que estariam, de uma forma ou de outra, presentes no “Cremos” e ainda mais, nunca deixariam de ser anunciadas e perpetuadas por intermédio da oralidade.

É o caso, a título de exemplo, da cura divina, que sempre este presente em todas as confissões anteriores, desde a proto-confissão oral até as posteriores confissões escritas, assim, mesmo que a doutrina da cura divina esteja ausente no Cremos, ela está implícita na doutrina sobre a atualidade dos dons, pois entre todos os dons espirituais⁴³⁷, um deles se destaca, os dons de curar. Mais adiante veremos que a cura divina faz parte, atualmente, da declaração oficial das AD's que ampliou sua DF para vinte e quatro artigos⁴³⁸.

⁴³⁷ Palavra da Sabedoria; Palavra do Conhecimento; Fé; Dons de curar; Operação de Milagres; Profecia; Discernimento de espíritos; Variedade de línguas e Interpretação das línguas. I Coríntios 12. 8-10.

⁴³⁸ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 179.

Entre os artigos que se repetem no Cremos estão: O batismo no Espírito Santo; segunda vinda de Cristo; inspiração das Escrituras; a degradação moral e espiritual da humanidade pelo poder do pecado; Deus e Trindade; batismo por imersão; novo nascimento e santificação. Estes artigos são mantidos, mas não da mesma maneira, pois todos recebem após si, o embasamento de duas ou três referências bíblicas, além de serem ampliados e adaptados. Vale a pena destacar que todos os quatorze artigos recebem o mesmo tratamento e embasamento bíblico.

Entre os artigos que são ampliados e adaptados citamos um, o batismo em águas, que no Cremos, recebe um item a mais, elemento que não foi contemplado em nenhum dos artigos anteriores a este. Contudo, tanto no artigo de Sthor quanto no Cremos é indicado a imersão como método que deve ser empregado na realização desta ordenança, no entanto, apenas no Cremos, além do método a ser utilizado, é inserido uma fórmula, pois o batismo em águas deve ser administrado tanto por imersão quanto em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.

Dos artigos que são inseridos e aparecem exclusivamente no Cremos estão: O nascimento virginal de Jesus Cristo, sua morte vicária e expiatória, sua ressurreição corpórea e ascensão aos céus; Perdão dos pecados, salvação e justificação; Atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja; Comparecimento de toda pessoa cristã perante o Tribunal de Cristo; Juízo vindouro para justificação das pessoas fiéis e condenação das infiéis e por último a Vida eterna.

Como vimos, em comparação com seu ancestral mais próximo o Cremos pode até não conter tantas doutrinas assim, pois possui apenas uma doutrina a mais, todavia, possui um conteúdo mais elaborado, embasado bíblicamente e com características que demonstram estar bem mais perto de uma legítima confissão de fé ante a todas as confissões que o antecederam, além de abordar “novas doutrinas” não apontadas anteriormente. Diante de todos esses fatos, percebemos que o “Cremos”, em detrimento das declarações que lhe antecederam, é a que apresenta maior quantidade de artigos de fé, além de possuir um maior e melhor embasamento bíblico-teológico. Foi dessa forma que o “Cremos” se tornou a partir de 1969 a confissão de fé com o carimbo da Assembleia de Deus.

Consequentemente, desde o final da década de 1960 o “Cremos”, foi publicado em cada edição do jornal Mensageiro da Paz, e se manteve por muitas décadas como

a única declaração oficializada pelas Assembleias de Deus que prescrevia seu posicionamento doutrinário. Esta breve declaração de verdades fundamentais permaneceu por muito tempo praticamente intacta, sofrendo algumas leves e pontuais adaptações em alguns dos seus conceitos e termos⁴³⁹ e em sua ortografia devido as exigências dos novos acordos ortográficos, além do acréscimo de duas doutrinas, uma adição recente que ocorreu num período bem próximo do processo de concepção da atual declaração de fé.

Assim como nas publicações anteriores, não foi sem motivos que o *Cremos* foi publicado e ainda legitimado pelas Assembleias de Deus. Essa nova característica desta publicação nos conduz a profundas reflexões no contexto histórico e doutrinário das AD's. Pois, além de chancelado pela instituição ele era republicado em cada nova tiragem do MP, marcando presença sempre nas primeiras páginas de suas edições mensais. A vista disso, o que levou as Assembleias de Deus a mudar de ideia quanto a uma publicação autorizada pela instituição? Isael de Araújo nos auxilia na obtenção de respostas para compreendermos os motivos desta publicação que somente cinquenta e oito anos após a fundação da denominação recebeu a sua chancela institucional.

Assim, Isael de Araújo nos informa que à publicação do *Cremos* no jornal *Mensageiro da Paz* se deu após a chegada do pastor Alcebíades Pereira de Vasconcelos, o APV, na redação da CPAD⁴⁴⁰. APV já havia sido redator desta casa publicadora nos idos de 1958 e 1959, anos mais tarde quando pastor em Belém, recebeu o convite de Emílio Conde que desejava ser substituído, devido agravamento de seu estado de saúde. Diante disso, APV deixa o pastorado em Belém e em 10 de janeiro de 1969 fora empossado como diretor de publicações da CPAD, cargo que exerceu até 10 de agosto de 1972⁴⁴¹.

⁴³⁹ Por exemplo, comparando o MP de 1969 e o MP de 2014, houve uma leve modificação no termo usado para descrever o nascimento sobrenatural de Jesus. No MP de 1969 onde se lia "Cremos...no nascimento virginal de Jesus...", no MP de 2014 se lê "Cremos...na concepção virginal de Jesus...". Uma mudança pontual de nascimento para concepção de uma edição de um MP para o outro. *MENSAGEIRO DA PAZ*, 1969, p. 4; *MENSAGEIRO DA PAZ*, Rio de Janeiro, Ano 83, nº 1553, outubro de 2014, p. 2.

⁴⁴⁰ ARAÚJO, 2016, p. 58.

⁴⁴¹ VASCONCELOS, Alcebíades Pereira. **Estadista e embaixador da obra pentecostal no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 93.

mensageiro da paz **CREMOS**
Órgão das Assembleias de Deus no Brasil

**ÓRGÃO OFICIAL DAS
ASSEMBLEIAS DE DEUS
NO BRASIL**

*Publicação quinzenal
EXPEDIENTE*

Diretor: A. P. Vasconcelos
 Redator: Geziel Gomes
 Diretor-Honorário:
 Emílio Conde

Diretor da Casa
Publicadora
Altimires S. da Cunha

Assinatura Anual

Registr. via terrestre NCr\$ 5,00
 Via terrestre, simples NCr\$ 4,00
 Via aérea, simples NCr\$ 6,00

Redação e Oficinas:
**CASA PUBLICADORA
 DAS ASSEMBLEIAS DE
 DEUS**, Rua São Luiz Gon-
 zaga, 1951 — Caixa Postal
 15 — ZC-08, Rio de Ja-
 neiro — GB.

Toda a correspondência
 para publicação, deve ser
 enviada à Redação do
MENSAGEIRO DA PAZ,
 Caixa Postal, 15 — ZC-08
 — Guanabara.

A DIREÇÃO É REPONSÁ-
 VEL perante a Lei por
 toda a matéria publicada.
 Perante a Igreja os artigos
 assinados são de respon-
 sabilidade dos seus auto-
 res, não representando
 necessariamente a opi-
 nião do Jornal.

Em um só Deus, eternamente subsis-
 tente em três pessoas: o Pai, o Filho
 e o Espírito Santo. Deut. 6:4, Mat. 28:19,
 Mar. 12:29. Na inspiração verbal da
 Bíblia Sagrada, única regra infalível
 de fé normativa para a vida e o cará-
 ter cristão. II Tim. 3:14-17. No aca-
 tamento virginal de Jesus, em sua morte
 vicária e expiatória em sua resurrei-
 ção corporal dentre os mortos e em
 sua ascensão vitoriosa aos céus. Isa.
 7:14, Rom. 8:34, Atos 1:9. Na pecami-
 nosidade do homem que o destituiu
 da glória de Deus, e que somente o
 arrependimento e a fé na obra expia-
 tória e redentora de Jesus Cristo é que
 o pode restaurar a Deus. Rom. 3:23,
 Atos 3:19. Na necessidade absoluta do
 novo nascimento pela fé em Cristo e
 pelo poder atuante do Espírito Santo
 e da Palavra de Deus, para tornar o
 homem digno do reino dos céus. João
 3:3-8. No perdão dos pecados, na sal-
 vação presente e perfeita e na eterna
 justificação da alma recebidos gratui-
 tamente de Deus pela fé no sacrifício
 efetuado por Jesus em nosso favor.
 Atos 10:43, Rom. 10:13, 3:24-26, Heb.
 7:25; 5:9. No batismo bíblico efetuado
 por imersão do corpo inteiro uma só
 vez em águas, em nome do Pai, e do
 Filho e do Espírito Santo, conforme de-
 terminou o Senhor Jesus Cristo. Mat.
 28:19, Rom. 6:1-6, Col. 2:12. Na neces-
 sidade e na possibilidade que temos de
 viver vida santa mediante a obra
 expiatória e redentora de Jesus no
 Calvário, através do poder regenerador,
 inspirador e santificador do Espírito
 Santo, que nos capacita a viver como
 fiéis testemunhas do poder de Cristo.
 Heb. 9:14, I Ped. 1:15-16. No batismo
 bíblico com o Espírito Santo que nos
 é dado por Deus mediante a interces-
 são de Cristo, com a evidência inicial
 de falar em outras línguas, conforme
 a Sua vontade. Atos 1:5; 2:4; 10:44-46;
 19:16. Na atualidade dos dons espiri-
 tuais distribuídos pelo Espírito Santo
 à Igreja para sua edificação, conforme
 a Sua soberana vontade. I Cor. 12:1-12.
 Na segunda vinda distinta: Primeiro —
 invisível ao mundo, para arrebatá-
 los à Sua Igreja. Hal da terra, antes da gran-
 de tribulação; Segundo — visível e
 corporal, com Sua Igreja glorificada,
 para reinar sobre o mundo durante mil
 anos. I Tes. 4:15, 17; I Cor. 15:51-54.
 Apoc. 20:4, Zac. 14:5, Jud. 14. Que todos
 os cristãos comparecerão ante o tribu-
 nal de Cristo, para receberem a recom-
 pensa dos seus feitos em favor da
 causa de Cristo na terra. II Cor. 5:10.
 No juízo vindouro que justificará os
 fiéis e condenará os infieis. Apoc. 20:11-
 15. E na vida eterna de gozo e felici-
 dade para os fiéis e de tristeza e tor-
 mento eterno para os infieis. Mat. 25:46.

Imagem 13: Recorte do periódico Mensageiro da Paz de 15 agosto de 1969, p. 3⁴⁴².
 Fonte: Acervo da Faculdade Boas Novas

Foi após seis meses à frente das publicações desta casa e como atual diretor do MP que surgiu a confissão que influenciaria a atual DF assembleiana. Por outro lado, até hoje, não foi possível descobrir o autor do Cremos, pois não há provas suficientemente convincentes para indicar o(s) legítimo(s) autor(es) destes quatorze artigos de fé, talvez tenha sido o próprio APV, que diferente de muitos líderes de sua época, sempre buscou conhecimento e ampliação de sua cultura bíblica, é sabido que

⁴⁴² Ver a primeira página completa do jornal Mensageiro da Paz nos anexos (anexo 10).

APV iniciou um curso de teologia por correspondência que durou três anos, o curso foi realizado em espanhol pelo Seminário Teológico Latino-americano de San José, Costa Rica, curso que concluiu em 1953⁴⁴³.

Assim, mesmo sem ter ciência da autoria do Cremos, é possível pelo menos, rastrear os motivos de sua publicação e deduzir uma de suas possíveis causas. Araújo faz lembrar que um ano antes, em 1968, houve um debate acalorado acerca de alguns temas doutrinários, o principal, a doutrina da Trindade. Estes embates aconteceram durante a convenção deste mesmo ano. Isael de Araújo informa que nas atas das reuniões convencionais consta que muitos obreiros assembleianos combatiam a doutrina da Trindade, entre estas pessoas, um funcionário da CPAD. Todavia, os convencionais reafirmaram a crença nesta doutrina e reconheceram a necessidade de maiores investimentos na educação teológica⁴⁴⁴.

De acordo com Isael de Araújo, o que também afirmamos, é possível deduzir que estas tensões tenham motivado a liderança da Assembleia de Deus a autorizar a publicação de um documento que se tornou oficial e padrão para toda pessoa assembleiana. Divergências teológicas têm reunido a cristandade desde os tempos remotos, não é por acaso que o primeiro Concílio Ecumênico se reuniu em 325 em Nicéia pelo mesmo motivo, uma reunião conciliar que gerou em meio as discussões um documento capaz de conciliar e unificar o discurso até então dividido.

É factível as diversas mudanças em todos os artigos de fé analisados nesta pesquisa, seja em seu conteúdo, a partir da inclusão e exclusão de temas, seja na ordem dos artigos. Todavia é razoavelmente admissível que o próprio Cremos sirva como prova para atestar a realidade que determinou a oficialização desta confissão, pois o Cremos publicado em 1969 é o primeiro e o único, entre todos os artigos anteriores e posteriores a esta confissão, a iniciar em seu primeiro artigo uma defesa

⁴⁴³ Pastor Alcebíades, além de pastor foi escritor e se tornou um homem a frente de seu tempo, pois viveu num período em que a ignorância, para muitos líderes assembleianos era considerada uma virtude. Além deste curso teológico, APV realizou outro, um curso de bacharelado em teologia pela Universidade aberta norte-americana denominada Oklahoma City Southwestern College, curso que concluiu em 1978, recebendo o diploma pelo Instituto Bíblico Pentecostal do Rio de Janeiro e isso aos 64 anos. Falava inglês e espanhol, além de ser conhecedor de grego e hebraico, além de ser bastante “viajado”, pois fez diversas viagens a vários países, algumas dessas viagens eram para suas pesquisas e produção de literatura, como a viagem que fez a Europa, Ásia e Israel em julho de 1969. VASCONCELOS, 2003, p. 66, 98, 158.

⁴⁴⁴ ARAÚJO, 2016, p. 58.

acerca da Trindade, como se lê: “Cremos em um só Deus, eternamente subsistente em ter pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo...”⁴⁴⁵.

Estes quatorze artigos serviram de base para a atual Declaração de Fé Assembleiana, confissão que passando por algumas revisões, sofreu recentemente a inclusão de mais dois artigos, inseridos a partir da adequação de algumas realidades pelas quais a denominação se viu impulsionada a confessar e se posicionar, como é o caso dos artigos 8 e 16 que rezam respectivamente.

Cremos

Na Igreja, que é o corpo de Cristo, coluna e firmeza da verdade, una, santa e universal assembleia dos fiéis remidos de todas as eras e todos os lugares, chamados do mundo pelo Espírito Santo para seguir a Cristo e adorar a Deus (1 Co 12.27; Jo 4.23; 1 Tm 3.15; Hb 12.23; Ap 22.17);

Cremos, também, que o casamento foi instituído por Deus e ratificado por nosso Senhor Jesus Cristo como união entre um homem e uma mulher, nascidos macho e fêmea, respectivamente, em conformidade com o definido pelo sexo de criação geneticamente determinado (Gn 2.18; Jo 2.1,2; Gn 2.24; 1.27)⁴⁴⁶.

Deste modo, encerramos a segunda e mais longa etapa da construção e adaptação da Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil. Os atuais dezesseis artigos que formaram o Credo assembleiano serviram de extrato e fundamentação dogmática e teórica para a elaboração da DF que atualmente representa a denominação. A seguir, deixamos a nível de esclarecimento, uma tabela com cada um dos artigos que fizeram parte desta segunda fase da confissão de fé assembleiana.

⁴⁴⁵ MENSAGEIRO DA PAZ, 1969, p. 4.

⁴⁴⁶ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 22, 24.

DESENVOLVIMENTO DA DECLARAÇÃO DE FÉ ASSEMBLEIANA EM SUA SEGUNDA FASE					
	Gunnar Vingren 1919	Otto Nelson 1931	Theodore Sthor 1938	Cremos (APV) 1969	Atual "Cremos" 2016
1.	Palavra inspirada de Deus	As Santas Escrituras	Salvação expiatória de Cristo	Deus e Trindade	Inspiração verbal da Bíblia Sagrada
2.	Pecado e salvação em Jesus Cristo	Deus	Batismo no Espírito Santo	Inspiração verbal da Bíblia Sagrada	Deus e Trindade
3.	Cura divina	Arrependimento e perdão	Cura divina	Nascimento virginal de Jesus Cristo, sua morte vicária e expiatória, sua ressurreição corpórea e ascensão aos céus	Nascimento virginal de Jesus Cristo, sua morte vicária e expiatória, sua ressurreição corpórea e ascensão aos céus
4.	O Poder eficaz da oração	O novo nascimento	Segunda vinda de Jesus Cristo	Pecaminosidade humana, arrependimento e fé	Espírito Santo, a terceira pessoa da Santíssima Trindade
5.	Batismo em água	Batismo em água	Inspiração das Escrituras	Necessidade do novo nascimento	Pecaminosidade humana, arrependimento e fé
6.	Morte e ressurreição de Jesus Cristo que vive e se tornou	Batismo no Espírito Santo	A degradação moral e espiritual da humanidade pelo pecado	Perdão dos pecados, salvação e justificação	Necessidade do novo nascimento

	intercessor do seu povo				
7.	Comunhão com Jesus que proporciona dons espirituais, língua estranha, sinais e prodígios sobrenaturais	Santa ceia	Deus e a Trindade	Batismo em águas por imersão, realizado uma só vez e em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo	Perdão dos pecados, salvação e justificação
8.	Segunda vinda de Cristo e milênio	Dons espirituais	Batismo por imersão	Necessidade e possibilidade de uma vida de santidade	Igreja como corpo de Cristo, coluna e firmeza da verdade, una, santa e universal
9.		Cura divina	Ceia do Senhor	Batismo com o Espírito Santo com a evidência inicial do falar em outras línguas	Batismo em águas por imersão, realizado uma só vez e em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo
10.			Unção dos enfermos	Atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja	Necessidade e possibilidade de uma vida de santidade
11.			Novo nascimento	Segunda vinda premilenial em duas fases distintas: 1ª invisível e antes do arrebatamento	Batismo no Espírito Santo, conforme as Escrituras, dado por Jesus Cristo, demonstrado

				e tribulação e 2ª visível e corporal com sua igreja glorificada para reinar durante o milênio	pela evidência física do falar em outras línguas,
12.			Santificação	Comparecimento de toda pessoa cristã perante o Tribunal de Cristo	Atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja
13.			Dízimos e ofertas voluntárias	Juízo vindouro para justificação das pessoas fiéis e condenação dos infiéis	Segunda vinda em duas fases distintas: 1ª invisível e antes do arrebatamento e tribulação e 2ª visível e corporal com sua igreja glorificada para reinar durante o milênio
14.				Vida eterna para os fiéis.	Comparecimento de toda pessoa cristã arrebatada perante o Tribunal de Cristo
15.					Juízo Final, onde comparecerão todos os ímpios: desde a Criação até o fim do Milênio; os que

					<p>morrerem durante o período milenial e os que, ao final desta época, estiverem vivos. E na eternidade de tristeza e tormento para os infiéis e vida eterna de alegria e felicidade para os fiéis de todos os tempos</p>
16.					<p>Casamento como instituição Divina, ratificado por Jesus Cristo como uma união entre um homem e uma mulher, nascidos macho e fêmea, respectivamente, em conformidade com o definido pelo sexo de criação geneticamente determinado</p>

Tabela 3 - Desenvolvimento da Declaração de Fé Assembleiana em sua Segunda Fase - 1919 à 2016
 Fonte: Tabela elaborada pelo autor

3.3.3 3ª Fase- A Declaração de Fé das Assembleias de Deus: da oficialização a uniformização? (2017- Atual)

Atualmente as Assembleias de Deus se veem fragmentadas em diversos ministérios independentes, muitos desses ainda mantem alguns vínculos institucionais, outros apenas mantem a tradição, alguns costumes talvez até mesmo uma singela doutrina assembleiana. Todavia, estes grupos se organizam eclesialmente a partir dos critérios que regem a sua independência. O fato é, que as AD's no Brasil se tornou a maior denominação pentecostal no Brasil e no mundo⁴⁴⁷, e essas dimensões não são tão fáceis de administrar, num contexto vasto e cheio de influencias.

Com a publicação da atual Declaração de Fé Assembleiana, a denominação alcança um novo fôlego e a consolidação de sua identidade, e, principalmente de sua composição doutrinária, isso tudo para manter-se firme em meio a uma constelação de ministérios e grupos pentecostais, neopentecostais, pós-pentecostais, “quase-pentecostais”, encurraladas ainda por aquelas comunidades que com o passar do tempo foram se carismatizando, tornando ainda maior a enxurrada de denominações entusiásticas que se acotovelam buscando alcançar novos/as adeptos/as que se perdem em meio ao cenário brasileiro de tantas denominações que se caracterizam e se descaracterizam facilmente impulsionadas por tendências múltiplas e pelas exigências de uma membresia cada vez mais flutuante.

Partido de seus mais recentes dezesseis artigos de fé a construção da DF se deu seguindo a mesma sequência de assuntos de sua última versão do Cremos com acréscimo de outros oito artigos sobre os mais variados que tratam de temas muito antes ensinados pela Igreja, mas que não faziam parte do “Cremos”.

O nosso ‘cremos’, publicado em cada edição do Jornal *Mensageiro da Paz*, tem sido o único documento oficial da igreja que expressa nosso pensamento doutrinário. Agora, o referido texto passa a ser o extrato da *Declaração de Fé*, como verdades centrais de nossa denominação. Os dezesseis artigos de fé do ‘Cremos’ são explicados aqui na *Declaração de Fé* na mesma sequência de assuntos, sendo às vezes intercalados com alguns capítulos que tratam de temas ensinados pela igreja, porém ausentes no ‘Cremos’⁴⁴⁸.

⁴⁴⁷ ALENCAR, 2010, p. 21.

⁴⁴⁸ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 18,19.

Os vinte e quatro artigos, referendados e chancelados pela CGADB, trazem em seu bojo um documento alicerçado neste olhar interpretativo que caracterizam a fé assembleiana. Desta maneira, o credo assembleiano representam a Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil. Como vimos, seu longo processo de produção trouxe um grande resultado benéfico para as AD's brasileiras que hoje dispõe de um documento eclesiástico oficial que reúne, sistematiza e organiza suas principais doutrinas. "O documento identifica nossa marca pentecostal como denominação"⁴⁴⁹ é o que afirma a própria DF assembleiana. Será que após a oficialização de seu credo o eu a denominação pretende é a uniformização do seu discurso?

3.4 O PANO DE FUNDO HISTÓRICO: A FORMULAÇÃO E OFICIALIZAÇÃO DO DOCUMENTO

Como parte do longo processo secular de recepção, adaptação e formulação dos artigos de fé que objetivavam representar as AD's no Brasil, um derradeiro, porém mais curto processo encerraria, de uma vez por todas, a concepção final destas regras de fé e orientação pentecostal. Este último e mais breve processo iniciou-se entre os dias 6 e 7 de julho de 2016, quando um seleto grupo de pastores representaram as AD's brasileiras reunindo-se em um hotel na cidade do Rio de Janeiro sob a responsabilidade do presidente da CGADB, pastor José Wellington Bezerra da Costa⁴⁵⁰.

Na ocasião foi entregue as mãos destes poucos representantes um protótipo do documento, uma primeira versão da que se tornaria a Declaração de Fé assembleiana. A entrega destes exemplares tinha um propósito, seria parte do último processo de avaliação e revisão final dos textos desta regra de fé. Assim, cada pastor se comprometeu a ler o referido texto e, após o tê-lo analisado, enviar sugestões para o aprimoramento desta confissão de fé.

Durante o encontro foi acordado um prazo para o envio destas sugestões que deveriam ser encaminhadas até o dia 6 de setembro a uma Comissão Especial

⁴⁴⁹ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 19.

⁴⁵⁰ José Wellington Bezerra da Costa (1934-), pastor presidente do Ministério da Assembleia de Deus de Belenzinho (São Paulo), presidente da Convenção Fraternal e Interestadual das Assembleias de Deus do Ministério do Belém em São Paulo (Confradesp) e presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB).

(CE)⁴⁵¹, formada por dezoito pastores assembleianos de dez estados brasileiros, entre os vinte e seis da federação, a maioria da região sul e sudeste do país, que se encarregariam de avaliar as sugestões e apresentar, em prazo previamente definido, o texto revisado, de preferência, antes do início dos trabalhos convencionais da 43ª Assembleia Geral Ordinária (AGO) da CGADB para, a partir de então, submetê-lo à aprovação dos convencionais. Esta AGO aconteceu na cidade de São Paulo, capital, no dia 26 de abril de 2017.

Todavia, antes de chegar a sua oficialização como documento referendado pela CGADB e autorizado a toda a comunidade assembleiana, o texto passou por rigorosa série de revisões, seja de cunho teológico, seja gramatical. Assim, após serem admitidas as propostas entregues a Comissão Especial e tendo sido incorporadas ao texto ainda irresoluto, este documento prévio foi lido para uma subcomissão formada por profissionais da língua portuguesa, da teologia, da filosofia e demais profissionais competentes de áreas afins, estas pessoas foram convidadas com especial objetivo, o de auxiliar a CE em uma revisão gramatical e doutrinária.

O lugar escolhido para a realização deste primeiro exame e revisão do texto provisório, foi a cidade de Recife, em Pernambuco, cidade escolhida a convite do Pr. Ailton José Alves, um dos membros da CE. O referido pastor ao receber uma resposta positiva de sua hospitalidade, deixou a disposição da subcomissão o espaço físico de sua congregação local.

De acordo com o relato dos membros da Comissão Especial, para que o documento eclesiástico pudesse ser entregue em tempo hábil, foi necessário intensificar os encontros de revisão do texto. Assim, em parceria com a equipe de

⁴⁵¹ A Comissão Especial encarregada desta tarefa foi formada, especificamente, por dezoito pastores assembleianos de algumas regiões brasileiras especialmente da região sul e sudeste e com pouca representatividade do norte do país, apresentando a disparidade peculiar nestas comissões, assembleias e convenções. A estes pastores foi concedida a responsabilidade de captação e inserções das sugestões que deveriam ou não ser implementadas na Declaração de Fé das Assembleias de Deus, bem como também foram os responsáveis pela apresentação do texto final levado à apreciação aos convencionais durante a 43ª Assembleia Geral Ordinária AGO da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil CGADB que ocorreu em abril de 2017. A seguir, listamos os respectivos nomes dos membros da Comissão Especial: O presidente da Comissão Especial, Esequias Soares da Silva, SP; o vice-presidente, Paulo Roberto Freire da Costa, SP; o secretário Jesiel Padilha de Siqueira, SP; o sub-secretário Alexandre Coelho, RJ; o relator Douglas Roberto Baptista, DF; o sub-relator Claudionor Corrêa de Andrade, RJ. Além dos demais colaboradores, Ailton José Alves Júnior, PE; Alberto Alves da Fonseca, SP; Antonio Xavier dos Santos Vale, TO; Elienai Cabral, DF; Eliezer Morais, RS; Elinaldo Renovato de Lima, RN; Emanuel Barbosa Martins, SP; Emmanuel Silva, RJ; João Maria da Silva Hermel, RS; José Gonçalves da Costa Gomes, PI; Nemias Pereira da Rocha, GO e Océlio Nauar de Araújo, PA. CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 215.

assessoramento e revisão teológica e gramatical, foram realizados um processo árduo de revisão que se estendeu durante os três turnos do dia, no espaço de uma semana.

Desse modo, logo após a primeira etapa de revisão, a primeira subcomissão foi dispensada e uma nova avaliação foi solicitada, agora por outra comissão revisora também formada por profissionais da língua portuguesa, de teologia e de outras áreas afins. Na época essa comissão corretora se reuniu na cidade de Campinas em São Paulo, na congregação local do Pastor Paulo Roberto Freire da Costa, vice-presidente da Comissão Especial. Semelhantemente, a nova subcomissão iniciou suas atividades procurando se concentrar na correção da Declaração de Fé, mas agora, se concentrando no esclarecimento de algumas pendências que ainda permaneciam no documento, tudo isso para chegar a um texto claro e definitivo.

Após serem realizadas as duas revisões, e chegando a um texto satisfatório, a Comissão Especial conduziu o texto finalizado da Declaração de Fé das Assembleias de Deus à Secretaria Geral da CGADB. Por conseguinte, esta secretaria, enviou uma cópia digital ao correio eletrônico de alguns líderes das AD's em 29 de dezembro de 2016. A seguir, a CPAD, casa publicadora oficial das AD's no Brasil, enviou um exemplar físico desta declaração as mãos de cada qual destes líderes.

Assim, passados um pouco mais de seis meses após todo esse processo, em 24 de janeiro de 2017, na presença da liderança nacional das AD's no auditório do mesmo hotel no Rio de Janeiro, foi apresentado formalmente o texto da Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil. Uma vez lida em voz alta e de forma alternada pelo relator Douglas Roberto Baptista e pelo sub-relator Claudionor Corrêa de Andrade, membros da CE, a todas as pessoas presentes, ou seja, a mesma seleta liderança que contribuiu na concepção do documento meses antes.

Todavia, o que antes era apenas um texto inconcluso, deu lugar a um documento consistente distribuído em vinte e quatro artigos que reafirmam a confissão de fé assembleiana. Assim, uma vez concluída a leitura do texto e tendo sido aprovado pela liderança presente, o documento eclesiástico foi ratificado pela CGADB ao ser disponibilizado no site da Convenção Geral.

Contudo, é importante destacar, como afirma a CE, que a primeira versão da Declaração de Fé assembleiana foi disponibilizada no site da CGADB logo após o

encontro que ocorreu em julho de 2016, texto preliminar que só foi substituído pela Declaração de Fé oficial.

Neste sentido, afirma a CE, que mesmo sendo poucos aqueles que participaram do primeiro e do último encontro formal que culminou com a elaboração da Declaração de Fé assembleiana, o esboço da primeira versão da declaração de fé apresentada como proposta, esteve, o tempo todo, integral e originalmente a disposição no site da convenção geral para a apreciação de toda a liderança que desejasse propor suas críticas e comentários na colaboração do documento final.

Contudo, é certo que nem todas as sugestões apresentadas pela liderança denominacional seriam acolhidas. Consequentemente, tendo o conhecimento de que algumas dessas proposições não foram inseridas no texto final, os responsáveis pela Comissão Especial, por sua vez, garantiram que, as poucas propostas que não puderam ser acatadas, receberiam um retorno a seus respectivos autores comunicando a não inclusão no texto da declaração e explicando com clareza a razão da não inclusão de suas sugestões.

Assim, de acordo com os responsáveis diretos pela oficialização da Declaração de Fé assembleiana, a concessão de ampla liberdade e divulgação concedida pela CGADB na interferência deste documento era o meio mais viável de se discutir e aprimorar o conteúdo desta regra de fé, de forma a apresentar aos convencionais um texto atualizado de forma democrática para que desta forma representasse a liderança e fiéis das AD's brasileira⁴⁵².

Assim, o texto foi oficialmente homologado pela liderança nacional das Assembleias de Deus no Brasil no dia 26 de abril de 2017 durante a 43ª AGO da CGADB instando para que seja usado como parâmetro doutrinário para as Igrejas em todo o território nacional, além de ser uma contribuição para a uniformidade quanto ao pensamento teológico assembleiano⁴⁵³.

⁴⁵² CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 209, 210.

⁴⁵³ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 4. Ver imagem da Declaração de Fé nos anexos (anexo 11).

3.4.1 Os 24 artigos da Declaração de Fé: uma síntese crítica da confissão assembleiana⁴⁵⁴

A Assembleia de Deus é uma denominação pentecostal que possui uma perspectiva teológica invariavelmente fundamentalista⁴⁵⁵ e que desde sua fundação, priorizou e ensinou os pontos cardeais desta confissão de fé pautadas nesta atitude de ler e interpretar as Escrituras, fruto da herança norte-americana dos seus pioneiros fundadores⁴⁵⁶. Além da perspectiva fundamentalista o princípio interpretativo escolhido pela Instituição como método por excelência, é o método histórico-gramatical⁴⁵⁷, mesmo que o fizesse, a princípio, de forma velada ou inconsciente.

3.4.1.1 Capítulo 1 – Sobre as Sagradas Escrituras⁴⁵⁸

O primeiro artigo de fé assembleiano descreve a interpretação da denominação acerca da Escritura. A forma como o título é apresentado sobre a égide de *Sagradas Escrituras*, em si, já demonstra uma forma peculiar de interpretá-la tendo por base princípios ortodoxos⁴⁵⁹. Não é sem motivo que foi eleito como primeira matéria a ser exposta, dado a relevância deste manual de fé para o assembleianismo, grupo que

⁴⁵⁴ Nesta fase da pesquisa pretendemos trazer um resumo acerca dos vinte e quatro artigos de fé que constam na Declaração de Fé das Assembleias de Deus. Portanto, este será o texto base a ser utilizado nesta etapa da pesquisa.

⁴⁵⁵ O ambiente onde o fundamentalismo se desenvolve se encontra no protestantismo norte-americano, que surgiu em meados do século XIX. O termo foi cunhado pela primeira vez em 1915, quando alguns professores de teologia da Universidade de Princeton publicaram uma pequena coleção de doze livros sob o título *Fundamentals: a testimony of the Truth* (1909-1915). Neles se propunham um cristianismo extremamente religioso, ortodoxo, dogmático, como orientação contra a avalanche de modernização de que era tomada a sociedade norte-americana. Não só modernização tecnológica, mas modernização de espíritos, do liberalismo, da liberdade das opiniões, contratando fundamentalmente com a seguridade que a fé cristã sempre oferecerá. A principal tese do fundamentalismo no contexto religioso é esta: afirmar que a Bíblia constitui o fundamento básico da fé cristã e deve ser tomada ao pé da letra (o fundamento de tudo para a fé protestante é a Bíblia). Ou seja, cada palavra, cada sílaba e cada vírgula é inspirada por Deus. Como Deus não pode errar, então tudo na Bíblia é verdadeiro e sem qualquer erro. Como Deus é imutável, sua Palavra e suas sentenças também são. Valem para sempre. BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: sextante, 2002, p. 12, 13.

⁴⁵⁶ Destaca-se a figura de Gunnar Vingren, um dos pioneiros das AD's no Brasil. Gunnar estudou no Seminário Batista

⁴⁵⁷

⁴⁵⁸ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 25-30.

⁴⁵⁹ A visão ortodoxa das Escrituras é a perspectiva mais conservadora quanto ao processo de inspiração bíblica, segundo este ponto de vista a Bíblia é a Palavra de Deus, todavia, esta perspectiva não é a única opinião existente, porém é a mais adotada pela maioria das denominações cristãs e prevaleceu soberana por dezoito séculos. Contudo, ao longo da história surgiram novas concepções acerca da Escritura, a saber, a perspectiva liberal, de que a Bíblia contém a Palavra de Deus e a perspectiva neo-ortodoxa que afirma que a Bíblia se torna a Palavra de Deus. GEISLER, Norman; NIX, William. **Introdução bíblica: como a Bíblia chegou até nós**. Tradução: Oswaldo Ramos. São Paulo: Editora Vida, 2006, p. 15, 16.

representa o pentecostalismo clássico, pois neste ambiente a Bíblia é tratada como Palavra de Deus, única revelação especial de Deus à humanidade, escrita por homens, mas inspirada por Deus⁴⁶⁰ (2 Tm 3.16). Assim todo o texto bíblico é igual em grau de inspiração, inerrância, infalibilidade, confiabilidade e autoridade, deste modo, distinta de toda e qualquer literatura

A DF também deixa claro a perspectiva da AD quanto a recepção do texto de sua única regra de fé e prática, que segundo a opinião da Igreja foi recebido mediante inspiração verbal e plenária⁴⁶¹, respeitada a personalidade de cada um dos autores (2 Pe 1.21). Assim, por ser de origem divina, não falha, e, por conseguinte, não pode ser anulada (Jo 10.35). Quanto a sua estrutura e classificação a DF divide a Bíblia em duas partes, o Antigo e o Novo Testamentos, cada testamento com sua particular divisão⁴⁶², além do mais, aceita somente 66 livros, chamados de canônicos⁴⁶³, 39 na primeira parte e 27 na segunda, todos vindos da parte de Deus e com autoridade canônica, ou seja, apenas nestes livros é reconhecido a autoridade de Divina.

Ainda de acordo com a DF estas obras foram escritas por cerca de 40 homens num período estimado de 1600 anos, pessoas que viveram em períodos diferentes e em lugares distintos. Todavia, a DF considera que a pluralidade quanto ao número, lugares e culturas dos autores bíblicos em nada compromete a singularidade da Escritura, pois mesmo diante da característica diversificada da Escritura, o seu autor é um só, Deus. Portanto, na Declaração de Fé, os propósitos de Deus são, basicamente, revelar-se a si mesmo mediante a sua Palavra (Hb 1.1) e expressar sua

⁴⁶⁰ Essa é concepção assembleiana da dupla autoria (autoria divino-humana) da Bíblia Sagrada. GILBERTO, Antonio (Ed.). **Teologia sistemática pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 20.

⁴⁶¹ Inspiração verbal e plenária é a doutrina que assegura ser a Bíblia um produto da inspiração divina. Essa inspiração é plenária, pois todos os livros da Bíblia são igualmente inspirados e verbal, pois o Espírito Santo guiou, não apenas, as ideias dos autores, mas também quanto as palavras. GILBERTO, 2011, p. 31.

⁴⁶² O **Antigo Testamento** é dividido em: **Lei** – Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio; **Históricos** – Josué, Juízes, Rute, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, 1 e 2 Crônicas, Esdras, Neemias e Ester; **Poéticos** – Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares; **Proféticos** – Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel, Daniel, Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. O **Novo Testamento** é dividido em: **Evangelhos** – Mateus, Marcos, Lucas e João; **Histórico** – Atos dos Apóstolos; **Epístolas** – Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, Tito, Filemon, Hebreus, Tiago, 1 e 2 Pedro, 1, 2 e 3 João e Judas; **Revelação** – Apocalipse.

⁴⁶³ A canonicidade é o processo pelo qual a Bíblia recebeu sua aceitação definitiva. A palavra canôn procede do hebraico *kannesh*, que significa vara ou cana de medir. GEISLER; 2006, p. 61; GILBERTO, 2011, p. 29.

vontade redentora à humanidade (Rm 1.17). Assim, os dois propósitos de Deus são objetivados na pessoa de Jesus Cristo.

Quanto aos livros que não foram considerados canônicos, ou seja, não foram inspirados, a posição assembleiana é bastante enfática e radical. Nesta DF esse tipo de literatura é chamada de apócrifos e pseudoepígrafos⁴⁶⁴, não sendo reconhecida nelas a autoridade divina. Essas obras foram rejeitadas por inúmeros motivos, dentre os quais a DF cita alguns: apresentam erros históricos e geográficos⁴⁶⁵, além de ensinarem falsas doutrinas e práticas que divergem com os textos autorizados.

Por fim, a DF assembleiana considera que a mensagem bíblica pode ser transmitida de forma clara, objetiva e compreensível. Isso se dá por intermédio de uma interpretação correta da Escritura mediada pelo Espírito Santo. A DF considera que a Bíblia é completa e suficiente para chegar a seu objetivo central, persuadir a pessoa pecadora, a partir de uma ação sobrenatural do Espírito Santo, que encaminha essa pessoa ao arrependimento genuíno, conduzindo a uma confissão de Jesus Cristo como único e suficiente Salvador e Senhor.

3.4.1.2 Capítulo II – Sobre Deus⁴⁶⁶

O segundo artigo de fé desta confissão assembleiana trata sobre Teontologia, ou seja, um estudo acerca de Deus. A princípio, na parte introdutória, a DF menciona apenas alguns nomes dos quais, no Antigo Testamento, Deus é identificado⁴⁶⁷. A seguir, ao exaltar sua personalidade e virtudes a DF faz uma breve apresentação dos

⁴⁶⁴ Obras que foram rejeitadas pela Igreja por não ser encontrado nelas a inspiração divina. O termo apócrifo significa, algo oculto ou escondido, enquanto que o termo pseudoepígrafo significa falso escrito. Essas obras foram questionadas pela igreja e por estemotivo não fazem parte do cânon bíblico. GEISLER, 2006, p. 87.

⁴⁶⁵ É interessante notar que alguns livros canônicos, como os evangelhos, também discordam entre si quanto algumas informações geográficas, entre outras, contudo, as explicações dadas para dar confiabilidade a estes livros em detrimento dos apócrifos e/ou pseudoepígrafos é simples. As supostas “discordâncias”, que na verdade pode ser melhor chamada de “discrepâncias”, já que a Bíblia não possui erros ou “discordâncias”, quanto as informações canônicas podem ser explicadas da seguinte maneira: seja recorrendo ao original, sabendo que os originais não possuem erros, mas não há como provar o que lá estava escrito, tendo em vista, que eles não mais existem ou ainda com explicações que combinam/completam as informações de um e de outro evangelista. Ainda é possível explicar de outra maneira, atribuindo as “discrepâncias” aos erros, na maioria acidentais, dos copistas em sua tarefa de copiar a Escritura Sagrada, pois a Escritura foi inspirada, não os copistas. ver GEISLER, Norman; HOWE, Thomas. **Manual popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia**. Tradução: Milton Azevedo Andrade. São Paulo: Mundo Cristão, 1999, p. 345, 346.

⁴⁶⁶ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 31-38.

⁴⁶⁷ Deus Altíssimo (Gn 14.19), Deus Todo-poderoso (Êx 6.3), Jeová (Sl 83.18) e Senhor (Is 6.1).

atributos de Deus⁴⁶⁸ dentre os quais se destaca: os atributos naturais⁴⁶⁹, os atributos morais⁴⁷⁰ e os atributos de poder⁴⁷¹.

No entanto, deixa a desejar quando o assunto é exposição, pois uma série de referências e citações bíblicas, uma após outra, são mencionadas sem qualquer preocupação com uma explanação mais profunda e detalhada. Na verdade, é perceptível, pelo menos nesta etapa, que a DF se ocupa em apresentar diversos atributos que são, em sequência, mencionados, em cada uma das listas de virtudes, todos eles fundamentados, no mínimo, em uma passagem ou referência bíblica. Entretanto, sem o devido cuidado de explicar o que são os atributos, e, tampouco, a preferência pelas categorias usadas nesta confissão.

Após as categorias e listas de atributos citadas, a DF reabre a discussão acerca dos nomes de Deus que ocupa novamente a atenção, mas agora, com maior profundidade e abrangência. Pois, nesta etapa, são mencionados os diversos nomes de Deus dos quais Ele se revela, tanto no Antigo Testamento (AT)⁴⁷² quanto no Novo Testamento (NT)⁴⁷³, aliás, nomes e títulos, bem como a justificativa para a menção deles e sua conexão com o estudo dos atributos.

Dessa maneira, além da menção direta a vários desses nomes bíblicos, seja no hebraico, seja no grego, esta confissão de fé traz uma breve explicação, inclusive histórica, acerca de alguns dos principais nomes utilizados para se referir à Deus e seus usos nos múltiplos contextos dos povos bíblicos, como por exemplo o nome *EI* (Gn 33.20), além, é claro, da tradução dos termos em seus respectivos idiomas.

Por conseguinte, o capítulo é encerrado fazendo destaque às obras de Deus, seus decretos e desígnios⁴⁷⁴. Todavia, diferentemente da cessão dos atributos, as

⁴⁶⁸ Os atributos de Deus são propriedades ou qualidades, virtudes ou perfeições próprias de um ser. Este termo, no contexto teológico, é aplicado a Deus em referência às suas características e qualidades essenciais. GILBERTO, 2011, p. 65.

⁴⁶⁹ Uma forma de categorizar os atributos próprios da pessoa de Deus que não são compartilhados com nenhuma de suas criaturas, podem ser chamados de atributos comunicáveis.

⁴⁷⁰ Diferentemente dos atributos mencionados anteriormente, estas características próprias do ser de Deus podem ser compartilhadas com suas criaturas, mesmo que em graus e proporções menores. Estes atributos também podem ser chamados de atributos comunicáveis.

⁴⁷¹ Os atributos de poder, são perfeições exclusivas de Deus e que são, por exemplo: onipotência, onisciência e onipresença.

⁴⁷² EI, Eloah, Elohim, Elyon, Shadday, Adonay, Yaweh entre outros.

⁴⁷³ Basicamente o termo mais utilizado no grego para se referir a Deus é o *theós*.

⁴⁷⁴ Os decretos ou conselhos divinos são: a criação, a encarnação do Verbo, a eleição de Jesus como Salvador, a eleição de Israel e da sua igreja, entre outros.

obras de Deus, tal como seus decretos e conselhos, são sistematicamente apresentadas, explicadas e fundamentadas, tanto é que, apenas uma ou outra referência bíblica são citadas diretamente no texto da declaração, a maioria das citações na redação da DF foram transportadas para as notas de referência, para que se dedicasse mais espaço para a exposição destes decretos divinos.

Isto posto, lamentamos apenas a escassez de maiores explicações quanto aos atributos de Deus e suas categorias, no entanto, mesmo sabendo que esta confissão de fé não tem a mesma finalidade de uma obra de teologia sistemática, ainda assim deveria se ocupar em tecer alguns comentários e propor algumas considerações elucidativas acerca da matéria em questão. Pois, apesar de ser um compêndio doutrinal elaborado de forma sintética, esta obra busca representar uma denominação e servir como um manual de ensino oficial das AD's no Brasil.

3.4.1.3 Capítulo III – Sobre a Trindade⁴⁷⁵

O terceiro artigo de fé desta confissão assembleiana trata acerca da doutrina da Trindade⁴⁷⁶. Esta matéria de fé é abordada de forma sucinta e simplificada, mas muito se aproxima de abordagens anteriores elaboradas por outras confissões de fé, pois está baseada nas decisões conciliares que se desenvolveram durante o século IV⁴⁷⁷, e, especificamente alicerçada no resultado final dessas reuniões, ou seja, no Credo Niceno-constantinopolitano⁴⁷⁸. Em vista disso, mesmo se tratando de uma confissão cristã, logo em seu início, afirma categoricamente, mas com devida cautela, que se trata de uma declaração que promove o ensino do monoteísmo bíblico⁴⁷⁹.

Esta assertiva, para alguns, pode parecer um tanto desnecessária e/ou sem sentido, mas está carregada de um contexto histórico-dogmático digno de nota e que

⁴⁷⁵ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 39-47.

⁴⁷⁶ Trindade não é um termo bíblico, mas sim teológico, foi cunhado por Tertuliano e usado posteriormente durante as discussões que ocorreram no Concílio de Nicéia. Tertuliano foi o primeiro a utilizar este vocabulário que com o passar do tempo tornou-se comum, sendo considerado o pai das doutrinas ortodoxas da Trindade. GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo**: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. Tradução: Hans Udo Fuchs e Key Yuasa. Volume 1, 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 83; OLSON, 2001, p. 93.

⁴⁷⁷ Nos referimos, especificamente, as discussões que relacionam os dois grandes concílios ecumênicos que se ocuparam diretamente na discussão acerca das três pessoas da Trindade. O Concílio de Nicéia em 325 e o Concílio de Constantinopla em 381, que juntas originaram o Credo Niceno-constantinopolitano.

⁴⁷⁸ Este Credo está no apêndice desta Declaração de Fé.

⁴⁷⁹ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 39.

deveria ser melhor dissertado ao longo desta confissão, mesmo que de forma resumida, para melhor compreensão acerca de todo o processo que culminou com a aceção desta doutrina basilar para cristandade.

Talvez é o que deixa a desejar neste capítulo da DF, onde se observa apenas lampejos e vislumbres das decisões conciliares, bem como a referências a algumas 'heresias' condenadas pela igreja na época, todavia, esta matéria de fé e sua abordagem, se mostra nesta declaração assembleiana, uma forma simples de compreender uma doutrina tão complicada de ensinar e entender.

Desta maneira, esta confissão se propõe a explicar a unidade de Deus, em essência e substância, em uma natureza que subsiste eternamente em três pessoas, a saber, o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Mt 28.19). Esta declaração expressa a matéria considerando a interpretação que a Assembleia de Deus sustenta em todas as suas premissas, partindo de uma explicitação sucinta que explica a unidade na trindade como veremos a seguir.

À vista disso, a DF assembleiana inicia a sua abordagem acerca da Trindade afirmando que a unidade de Deus não implica em uma unidade absoluta, mas em uma unidade composta e dinâmica, e, da mesma maneira, segue em mencionar os diversos textos bíblicos que sustentam esta perspectiva e que procuram, de igual modo, sustentar a não apenas a unidade, mas também a pluralidade na unidade como principal característica da Trindade.

Em seguida, a DF assembleiana, apresenta, entre muitos, apenas três conceitos equivocados quanto a compreensão da Trindade, objetivando nesta exibição a refutação, desfundamentação⁴⁸⁰ e desvalorização de preceitos que se constituem em ameaças para o seu conjunto de doutrinas. Vamos utilizar o exemplo deste capítulo para apresentar como se desenvolve o processo de refutação e defesa da fé assembleiana apoiado nesta declaração confessional.

Assim se manifesta um dos elementos básicos da apologia assembleiana, uma prática comum de negação explícita e combate expositivo no enfrentamento as 'heresias' que se constituem ameaças para a denominação, neste caso são citados o

⁴⁸⁰ Desfundamentar, o uso deste termo não se refere a retirada do fundamento em si, para a inserção de um novo fundamento, já que o estabelecimento de um novo fundamento descaracterizaria o uso do termo e seu conceito, todavia é um processo de ridicularização do fundamento que permanece junto ao seu termo e conceito que permanece inalterado, contudo como fundamento falho e equivocado.

unicismo sabelianista, como também, o unitarismo e o triteísmo. Todos esses temas são apresentados, esclarecidos e refutados nesta mesma ordem, a saber, introdução, negação e ‘heregetização’⁴⁸¹ vejamos a seguir.

Negação ao unicismo, unitarismo e triteísmo. Negamos o unicismo sabelianista e moderno, ou seja, que o Pai, o Filho e o Espírito Santo sejam três modos de uma mesma pessoa divina, porque está escrito que as três pessoas são distintas. Negamos também o unitarismo, pois essa doutrina afirma que somente o Pai é Deus, negando, assim, a divindade do Filho e do Espírito Santo, ao passo que as Escrituras Sagradas ensinam a divindade do Filho e do Espírito Santo. Também negamos o triteísmo, ou seja, que existam três deuses separados, pois a Bíblia revela a existência de um único Deus verdadeiro: “há um só Deus e que não há outro além dele” (Mc 12.32); “todavia, para nós há um só Deus” (1 Co 8.6). Essa doutrina monoteísta tem implicação para a salvação: “E a vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17.3). cremos que a doutrina da santíssima Trindade é uma verdade bíblica, conforme definida no Credo de Atanásio: “A fé universal é esta: que adoremos um Deus em trindade, e trindade em unidade; não confundimos as Pessoas, nem separamos a substância”. Os triteístas acreditam em mais de um Deus, os unicistas confundem as pessoas, e os unitaristas separam a substância. São crenças inadequadas que estão em desacordo com a fé cristã bíblica e histórica, razão pela qual nós as rejeitamos. Há um só Deus que subsiste em três pessoas distintas, definidas e identificadas com a mesma natureza divina⁴⁸².

Antes de tudo, na etapa introdutória, é apresentado nominalmente, geralmente em sequência, a doutrina que se pretende refutar e desvalorizar, logo após, segue a fase da negação, com uma breve apresentação do conceito, antecipado pelo verbo “Negamos” seguido do nome da doutrina, nesta etapa já se permite uma certa indisposição aos princípios apresentados e suas respectivas referências. Por isso, é ainda nesta etapa que leituras e referências bíblicas são apresentadas para contrapor as usadas equivocadamente.

É relevante enfatizar que o verbo utilizado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo, é uma forma de identificação, bem como o meio pelo qual a denominação fala por toda pessoa assembleiana. Assim como o “Cremos”, como vimos anteriormente, no início de cada capítulo apresenta a identidade da pessoa assembleiana que crê. Dessa maneira, ao dizer “Negamos”, como uma lítotes⁴⁸³, a

⁴⁸¹ Heregetização, ato ou efeito de tornar herege ou apresentar como herege o que já é de fato herético para certo grupo eclesialístico.

⁴⁸² CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 41.

⁴⁸³ Lítotes é uma figura de retórica que consiste numa frase suavizada ou negativa para expressar uma afirmação. ZUCK, 1994, p. 183.

DF, no lugar da pessoa assembleiana, passa a afirmar, mesmo negando, ou seja, o “Negamos” é o mesmo que “Não creio” e ao negar ela está afirmando e confirmando o que não crê ao mesmo tempo que afirma o que crê.

A próxima e última etapa em sequência é o desmonte e desvalorização dos conceitos negados e de sua fundamentação bíblica equivocada, muitas vezes com ridicularização e rejeição imediata, processo que leva a ‘heregetização’ do conceito contestado. Sem interesse na reinterpretação dos textos a ideia é negá-los, contrariá-los e indicar seu abandono. Este processo culmina com a apresentação do verdadeiro e genuíno conceito e seus legítimos fundamentos bíblicos, em detrimento dos conceitos em desacordo com esta DF.

Por conseguinte, a DF encerra a abordagem quanto a doutrina trinitária apresentando as respectivas funções das três pessoas da Trindade, considerando uma absoluta igualdade sem subordinação das três pessoas, evitando assim qualquer ideia de hierarquia divina. As principais funções reveladas ao Pai no texto da declaração são, a paternidade operada por intermédio do Filho e do Espírito Santo, a proclamação das palavras criadoras e o planejamento da redenção.

Acerca do Filho, antes que suas funções sejam apresentadas a redação desta confissão expressa algumas de suas características, a saber, que o Filho foi concebido sem pecado, que se fez carne antes de estar entre nós e que morreu e ressuscitou para que o mundo fosse salvo por Ele. Além disso, a DF menciona algumas de suas funções, quais sejam, o Filho é o único mediador entre Deus e a humanidade, é o propiciador e único salvador.

Por fim, esta DF explica que o Espírito Santo, terceira pessoa da Trindade deu prosseguimento as obras de Jesus Cristo e que possui os papéis de regenerar, purificar e santificar o homem e a mulher, além de convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo. Processo se desenrola com uma série peculiar de citações bíblicas.

3.4.1.4 Capítulo IV – Sobre a identidade do Senhor Jesus Cristo⁴⁸⁴

O quarto artigo de fé desta confissão assembleiana se debruça na abordagem da identidade de Jesus Cristo como Filho de Deus, Mediador, Salvador e demais

⁴⁸⁴ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 49-58.

detalhes de sua vida e ministério, além da ênfase a outras características já contempladas em artigos anteriores. Porém, este capítulo da DF procura se aprofundar em outros assuntos ainda não contemplados, como, seus nomes e títulos, sua dupla natureza e seus ofícios entre outras informações relevantes para esta declaração confessional como veremos mais adiante.

Logo na abertura, há um parágrafo introdutório, como um Credo, onde consta uma síntese da trajetória da vida e ministério terreno de Jesus, detalhes que partem da crença em sua concepção e nascimento virginal culminando com a sua ascensão e entronização nos céus de onde intercede por sua igreja e aguarda o instante de retornar a esta terra para a buscar. Em todas estas etapas de seu ministério são acrescentados versículos bíblicos para a sua fundamentação.

Creemos na concepção e no nascimento virginal de nosso Senhor Jesus Cristo, conforme as Escrituras Sagradas e anunciado de antemão pelo profeta Isaías, e que ele foi concebido pelo Espírito Santo no ventre da virgem Maria. Gerado do Espírito Santo no ventre dela, nasceu e viveu sem pecado: *“como, nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado”* (Hb 4.15); que foi entregue nas mãos dos pecadores para ser crucificado pelos nossos pecados, mas ressuscitou corporalmente dentre os mortos ao terceiro dia e ascendeu ao céu, onde está à direita do Pai, e de onde intercede por nós e voltará para buscar a sua Igreja⁴⁸⁵.

Este parágrafo muito se assemelha ao Credo dos Apóstolos⁴⁸⁶, provavelmente inspirado nele, pois mantém a sua mesma estrutura, com acréscimos e omissão de alguns poucos detalhes. Este credo apostólico consta no apêndice desta declaração, é o primeiro da lista dos cinco credos ecumênicos⁴⁸⁷ que ali constam, mas não há qualquer menção explícita a ele neste capítulo.

Creio em Deus, o Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi

⁴⁸⁵ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 49.

⁴⁸⁶ O Credo dos Apóstolos não foi escrito pelos apóstolos, mas é assim chamado por conter a doutrina apostólica. A forma integral do que conhecemos hoje como Credo dos Apóstolos teve sua origem em torno do século VIII na Gália, atual França – mencionado num sermão de Cesário de Arles. Entretanto, partes dele já eram bem mais antigas e se acham nos escritos de alguns Pais da Igreja, e eram chamados de “regra de fé” ou “tradição”. FERREIRA, Franklin. **O credo dos apóstolos**: as doutrinas centrais da fé cristã. São José dos Campos: Editora Fiel, 2015, p. 19.

⁴⁸⁷ Os cinco credos são: Credo dos Apóstolos, Credo Niceno, Credo Niceno-constantinopolitano, Credo de Calcedônia e o Credo Atanasiano.

crucificado, morto e sepultado; desceu à mansão dos mortos; ressuscitou ao terceiro dia; subiu aos céus; está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo, a santa Igreja católica, a comunhão dos santos, a remissão dos pecados, a ressurreição da carne, a vida eterna. Amém⁴⁸⁸.

Após essa introdução, segue o objetivo do capítulo, iniciado por uma breve apresentação dos nomes e títulos de Jesus. Considerando os vários nomes e títulos que Jesus recebe no texto neotestamentário, citamos apenas alguns, como *Kyrios* traduzido por Senhor, além do nome mais utilizado para se referir a Ele, o nome *Jesus* que vem do hebraico Yehoshua ou Yeshua, podendo ser traduzido por Josué.

Contudo, a declaração comenta que na Septuaginta⁴⁸⁹ o nome empregado a Jesus é *Iesous*, enquanto que o nome 'Cristo' significa o ungido. Esses são os nomes mais empregados e mais utilizados pelo Novo Testamento. Consideramos que este trecho da declaração é de caráter mais informativo e dogmático do que propriamente teológico, não obstante, de abordagem superficial, porém necessária.

Isto posto, o assunto melhor abordado, mas não com tanta plausibilidade, teológica é acerca da pessoa de Jesus Cristo e a relação entre as suas duas naturezas, a natureza humana e a natureza divina. No entanto, semelhantemente ao capítulo anterior que falha ao não mencionar o contexto histórico e a decisão conciliar de Nicéia sobre a pessoa do Espírito Santo, de igual modo, neste capítulo, esta Declaração de Fé não menciona o conjunto de circunstâncias que foram discutidas durante o Concílio de Calcedônia tampouco, o processo bíblico-teológico desenvolvido ali que poderia ser utilizado nesta abordagem⁴⁹⁰.

⁴⁸⁸ Extraído da obra FERREIRA, 2015, p. 18.

⁴⁸⁹ Septuaginta ou versão dos setenta, nome que se dá a tradução do Antigo Testamento para o grego produzida entre os séculos II e II a. C, muito embora fosse aplicado estritamente ao Pentateuco, que foi o único trecho da Bíblia hebraica que foi traduzido durante o período de Ptolomeu II Filadelfo, essa palavra viria a denotar a tradução para o grego de todo o Antigo Testamento. GEISLER, 2006, p. 196.

⁴⁹⁰ Entre alguns assuntos que foram resolvidos no Concílio de Calcedônia, o principal, as duas naturezas de Cristo, como resultado temos a seguinte declaração da doutrina de Cristo "Portanto, seguindo os santos Pais, todos de comum acordo, ensinamos aos homens a confessarem um e o mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito na deidade e também perfeito na varonilidade; vero Deus e também vero homem, de alma racional e corpo; consubstanciai com o Pai segundo a Deidade, e consubstanciai conosco segundo a varonilidade; em todas as coisas semelhante a nós mas sem pecado; gerado antes de todas as eras da parte do Pai segundo a deidade, e, nestes últimos dias, para nós e para nossa redenção, nascido da virgem Maria, a mãe de Deus, segundo a varonilidade; um só e o mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigénito, devendo ser reconhecido em duas naturezas, inconfundivelmente (asuggutos), imutavelmente (atreptos), indivisivelmente (adiairetos), inseparavelmente (achoristos), em que a distinção de naturezas sob hipótese alguma foi eliminada pela união, mas antes, a propriedade de cada natureza foi preservada, concorrendo juntamente em uma

Logo, a DF assembleiana ocupa muito mais tempo citando textos bíblicos em sua redação do que explicando a relação entre as duas naturezas de Cristo, a quantidade, muitas vezes, exagerada de textos estão ali, praticamente, para informar o que a Bíblia ensina, sem, contudo, se ocupar em explicar. Ou seja, todos os textos e referências bíblicas estão ali para provar, ao mesmo tempo, quão humano e quão divino Jesus foi, o que faz com invejável propriedade.

Ainda assim, deveria explicar melhor seu posicionamento teológico, mesmo que de maneira simples e didática, pois a relação entre a humanidade e divindade de Jesus não é uma matéria simples de se abordar e pode ser mal compreendida apenas com a citação de textos bíblicos. Assim, se limita a oferecer um tom bastante espiritual acerca desta questão, quando afirma que “em sua natureza humana, Jesus participou de nossa fraqueza física e emocional, mas não de nossa fraqueza moral e espiritual”⁴⁹¹.

Na sequência, a DF destaca o propósito da vinda de Jesus Cristo ao mundo para redenção de pessoas pecadoras, considerando que o exercício de seu ministério terreno poderia ser melhor definido a partir da trilogia: ensinar, pregar e curar. Dessa forma, observamos que o texto da declaração considera a simplicidade de seu ensino, e de sua pregação por meio de um método que até hoje chega a impressionar, seja por sua originalidade, mas, principalmente, pelo altíssimo nível que alcançou, e, portanto, não pode ser superado.

Porém, frente ao ensino e a pregação, a DF oferece uma ênfase especial na exposição dos milagres, compreensível por se tratar de uma confissão de fé pentecostal, pois foram estas manifestações sobrenaturais que se tornaram a maior prova de que ele era o Messias esperado, além de mostrar o poder que tinha, não apenas sobre as enfermidades, mas também sobre a natureza, bem como sobre o pecado, sobre o diabo, sobre a morte e o inferno (Mt 28.18).

A DF só é mais profunda ao explicar o significado de Jesus como Filho de Deus, considerando que sua filiação ao Pai não o torna inferior ao Pai, entretanto são

Pessoa e em uma subsistência, não partida ou dividida em duas pessoas, porém um só e o mesmo Filho, o Unigênito, Deus a Palavra, o Senhor Jesus Cristo; conforme os profetas desde o princípio declararam acerca dEle, conforme o próprio Senhor Jesus Cristo nos ensinou, e conforme o Credo dos santos Pais no-lo transmitiu”. BERKHOF, Louis. **A história das doutrinas cristãs**. Tradução: João Marques Bentes e Gordon Chown. São Paulo: PES, 2015, p. 98; OLSON, 2001, p. 235-237.

⁴⁹¹ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 51.

pessoas da mesma substância, cabendo aqui a discussão que se desenrolou em Nicéia, entre Ário e Atanásio. Todavia, longe dessas considerações históricas, o fundamento básico destacado pela DF está no termo *monogénés*, composto de *monós* único e *genós* raça, tipo, termo neotestamentário usado para se referir a Jesus como Filho de Deus. Esse termo em detrimento do termo *genéa* foi utilizado por refletir a ideia de natureza, ou seja, unigênito significa, “o único da espécie” o filho de Deus que possui a mesma natureza do Pai (Jo.3.16; 10.30).

Por fim, a DF encerra os esclarecimentos acerca da identidade de Jesus discorrendo sobre o tríplice ofício de Cristo como, profeta, sacerdote e rei, considerando que eram os ofícios mais importantes em Israel no tempo do AT e que foram exercidos por Cristo em seu ministério terreno. Com um abreve explicação acerca da instituição do profetismo em Israel, bem como do sacerdócio araônico e da efemeridade dos reinos humanos frente o sempiterno reinado de Cristo, a DF assembleiana baseado em um número significativo de referências bíblicas, sendo quatorze do NT e nove do AT, mostra o exercício e excelência destes ofícios no ministério terreno de Cristo.

3.4.1.5 Capítulo V – Sobre as obras de Cristo⁴⁹²

O quinto artigo de fé da confissão assembleiana apresenta a segunda etapa de abordagem sobre a pessoa de Cristo, mas agora especificamente no trato de suas obras, entre essas obras estão a morte e ressurreição de Jesus, que para esta declaração são consideradas “a viga mestra e o pilar da fé cristã”. A exposição feita pela DF se limita, entre as inúmeras obras de Cristo, a morte, ressurreição, ascensão e as implicações teológicas de sua morte vicária e expiatória.

O significado da morte vicária de Jesus para a DF é esclarecido como um sacrifício realizado como oblação pelos pecados da humanidade, que foi proposto e recebido por Deus, deste modo, um sacrifício perfeito no qual a vítima do sacrifício e seu sangue foram suficientes para a aplacar a ira divina. Todos os detalhes desta obra foram anunciados pelo AT, seja por intermédio das figuras e tipos, quer pelos profetas.

⁴⁹² CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 59-66.

A explicação da morte vicária e substitutiva de Jesus é antecipada por uma breve exposição da prática veterotestamentária de substituição e transferência da culpa do pecador através do sacrifício de animais. É a partir deste cenário que a doutrina da expiação vicária é explicada, a vida do inocente no lugar da vida da pessoa pecadora. Neste sentido a DF afirma que o sacrifício de Jesus possui valor infinito e ilimitado, capaz de expiar os pecados de toda a humanidade, interpretação que compreende a perspectiva da teologia arminiana sobre o valor da expiação.

Para a DF, os pecados da humanidade recaíram sobre Ele, assim Jesus Cristo morreu por toda a humanidade como cordeiro pascoal (1 Co 5.7). Este sacrifício foi recebido por Deus que aceitou a morte de seu Filho como expiação e para propiciação, em outras palavras, este ato foi recebido para purificação dos pecados da humanidade e para apaziguar a ira divina satisfazendo a santidade e justiça de Deus. Acerca da ressurreição e ascensão de Cristo esta declaração afirma que tudo foi preanunciado, seja pelo AT e ainda pelo próprio Cristo. A DF afirma ainda que a morte vicária de Cristo não teria significado teológico se Jesus tivesse permanecido na sepultura.

3.4.1.6 Capítulo VI – Sobre o Espírito Santo⁴⁹³

O sexto artigo de fé desta confissão assembleiana destaca a sua concepção acerca do Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade. Ao reafirmar as posições já apresentadas no capítulo três, neste capítulo à parte, são aprofundadas outras questões ainda não contempladas. Para esta declaração, o Espírito Santo é Deus, sendo sua deidade validada e fundada na Bíblia segundo a interpretação de Atanásio das Escrituras⁴⁹⁴. Em vista disso, a DF resume sua exposição acerca do Espírito Santo apresentando seus nomes e títulos, deidade, atributos, personalidade e símbolos.

A DF afirma que, em geral, a terceira pessoa da Trindade é chamada de Espírito Santo, Espírito de Cristo, Espírito do Senhor ou ainda Consolador, entretanto, isso

⁴⁹³ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 67-75.

⁴⁹⁴ O que o Pai é, o mesmo é o Filho, e o Espírito Santo. O Pai é não criado, o Filho é não criado, o Espírito Santo é não criado. O Pai é ilimitado, o Filho é ilimitado, o Espírito Santo é ilimitado. O Pai é eterno, o Filho é eterno, o Espírito Santo é eterno. Contudo, não há três eternos, mas um eterno. Portanto não há três (seres) não criados, nem três ilimitados, mas um não criado e um ilimitado. Extraído da obra de ANGLADA, Paulo. **Sola scriptura:** a doutrina reformada das Escrituras. São Paulo: Knox Publicações, 2016, p. 180.

não o torna uma emanção ou influência impessoal, uma interpretação tendenciosa repudiada por esta declaração. Sua deidade é confirmada por diversas passagens da Escritura e já abordada em capítulos anteriores.

Acerca dos atributos conferidos ao Espírito Santo, a DF considera que as virtudes apresentadas no capítulo dois também devem ser imputadas a terceira pessoa da Trindade e não apenas os atributos, mas ainda todas as suas obras. Entretanto, a característica principal do Espírito Santo, mencionada nesta confissão é o de Consolador. Este termo grego usado no NT é *paráklitós* que significa defensor, advogado, intercessor. Logo, o Espírito Santo como Paracleto foi enviado por Deus em nome de Jesus Cristo.

Vale lembrar da deficiência histórica no tocante a abordagem dos dogmas e dos concílios nesta confissão de fé, que não se preocupa em apresentar as discussões que ocorreram nestas assembleias ecumênicas dada a relevância na construção de muitas doutrinas defendidas até hoje, inclusive para as AD's e a maioria dos pentecostais. Similarmente, nesta exposição, se limita a citar apenas o último parágrafo do Credo Niceno-constantinopolitano⁴⁹⁵ do ano de 381, sem apresentar qualquer esclarecimento a toda a pessoa assembleiana e simpatizantes acerca deste concílio.

Finalmente, a DF apresenta sua compreensão acerca dos símbolos do Espírito Santo e seu significado para a Instituição. Considerando uma lista dos principais símbolos do Espírito que são, fogo, água, vento, óleo entre outros. Como uma denominação pentecostal, a ênfase e explicação dada ao fogo, como símbolo do Espírito é óbvia e quase inevitável, salientando a passagem de (Lc 3.16), todavia, quando faz a citação, apenas revela a ação do fogo no processo de purificação. Assim, encerra a DF assembleiana, explicando cada um dos demais símbolos e suas respectivas referências bíblicas.

⁴⁹⁵ Creemos “No Espírito Santo, o Senhor e Vivificador, o que procede do Pai e do Filho, o que juntamente com o Pai e o Filho é adorado e glorificado, o que falou por meio dos profetas”. CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 219.

3.4.1.7 Capítulo VII – Sobre o Homem⁴⁹⁶ (humanidade)

O sexto artigo de fé desta confissão assembleiana apresenta a compreensão da Instituição acerca do homem (humanidade) ⁴⁹⁷. Observamos que não há qualquer intenção de adotar uma linguagem que proponha a igualdade dos gêneros nesta declaração. A figura masculina, enfatizada em todo o texto, chamada repetidas vezes apenas por *homem*, é o meio pelo qual a DF representa toda a humanidade, ou seja, homens e mulheres.

A DF assembleiana concebe a humanidade como criação divina, um ser inteligente feito à semelhança de Deus. Tanto homens quanto mulheres foram dotados de livre-arbítrio, ou seja, de escolher o bem ou o mal, atributo que mantém mesmo após a queda. A humanidade é a coroada da criação divina, não sendo qualquer outro ser vivo compara a esta criação.

Segundo a DF o ser humano é constituído de três substâncias, corpo, alma e espírito. Essa perspectiva é reforçada pelas referências bíblicas apresentadas por esta declaração, portanto, orienta-se que toda a pessoa assembleiana também seja tricotomista⁴⁹⁸. Para as AD's o corpo é tratado como um invólucro do espírito e da alma humana, entretanto, a DF rejeita a ideia de que o corpo é uma prisão da alma e do espírito como defendia o gnosticismo, mas exalta esta dimensão física como o templo do Espírito Santo.

A DF ensina que a alma é distinta do espírito humano, mesmo que sejam, às vezes, confundidos, mesmo tolerando que tudo o que a Bíblia afirma sobre a alma também o diz do espírito, considerando que são os dois elementos que abandonam o corpo após a morte da matéria. Todavia, a distinção entre as duas partes imateriais é explicada da seguinte maneira. A operação do Espírito Santo só se dá em conexão com o espírito humano, mas nunca com a alma (Rm 8.16). De outra forma, apenas a alma pode ser perdida, mas não há qualquer menção sobre o mesmo quanto ao espírito humano (Mt 16.26).

⁴⁹⁶ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 77-84.

⁴⁹⁷ O termo *HOMEM*, nesta declaração de fé assembleiana é usado livremente para representar a humanidade. Todavia, substituímos o termo *homem* por *humanidade* para melhor representar a igualdade entre os gêneros, mesmo sabendo que não é o termo privilegiado por esta declaração.

⁴⁹⁸ Perspectiva que distingue a estrutura humana em três partes, a saber, corpo, alma e espírito.

A DF também busca fazer distinção da vida humana e da vida dos animais. Ensina que, segundo Gênesis, os animais foram criados, cada qual a sua própria espécie (1. 21, 24, 26), todavia, os seres humanos foram criados a imagem de Deus (1.27). Afirma ainda que a natureza física do ser humano é a única coisa que há de comum entre estes e os animais e as plantas, todavia os seres humanos possuem uma estrutura física muito mais complexa.

Mas o que a DF ensina acerca do destino final humano? A princípio, a DF ensina sobre a separação entre a parte material e imaterial do ser humano, ou seja, a alma e o espírito são separados do corpo pela morte física. Assim, a DF afirma que, após a morte, só há dois destinos para os seres humanos, o céu ou o inferno, rejeitando todo e qualquer ensino sobre reencarnação e comunicação com os mortos. Assim, Deus tem um lugar preparado para toda a pessoa salva por Cristo, enquanto a perdição eterna está reservada a toda pessoa que rejeita a graça concedida por Jesus Cristo.

3.4.1.8 Capítulo VIII – Sobre as criaturas espirituais⁴⁹⁹

O oitavo artigo de fé assembleiano descreve a opinião da denominação sobre estes seres espirituais, sejam anjos ou demônios, doutrina conhecida como angelologia⁵⁰⁰. Os anjos, de acordo com os termos usados no AT e no NT, são mensageiros, mas este mesmo termo que pode ser usado para designar seres humanos e até mesmo anjos maus (2 Pe 2.4). A DF instrui que estes seres celestes foram criados por Deus antes da fundação do mundo e que frente as demais criaturas, apenas os anjos e os seres humanos, possuem a mesma natureza racional e espiritual.

Porém, os anjos diferem dos seres humanos nas seguintes características: são seres espirituais com poderes sobrenaturais, possuem status superior, recusam adoração, sendo invisíveis aos olhos humanos, podendo se manifestar de forma visível somente mediante vontade divina. Seus principais ofícios são a adoração à Deus, a execução das obras divinas, além de serem responsáveis por comunicarem a mensagem de Deus aos seres humanos, bem com a trabalhar em favor dos que

⁴⁹⁹ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 85-96.

⁵⁰⁰ A doutrina bíblica que aborda a existência e atuação dos anjos no Antigo e Novo Testamentos.

temem à Deus. Todas essas características dos anjos e seus ofícios são ensinadas por esta DF com base em referências bíblicas.

Algo mais sobre estes seres celestiais, as AD's por intermédio desta declaração repudiam e rejeitam a ideia acerca de anjos da guarda, considerando o fato da escassez de sustentação bíblica para atestar esta suposta doutrina. Considerando que as passagens de (At 12. 14,15 e Mt 18.10) não se constituem como base para a sua fundamentação bíblica. Entretanto, afirma que estes seres angelicais estão organizados em forma hierárquica revelando níveis de autoridade distinta, além das funções que lhes são atribuídas, desse modo, sejam anjos, arcanjos, querubins ou serafins, todos estes seres estão a serviço de Deus em favor de seu povo.

Outro detalhe perceptível na DF é o ensino quanto aos demônios, chamados nesta declaração de anjos caídos, espíritos malignos, espíritos imundos e etc. O estudo destes seres poderia ser estudada num capítulo à parte, entretanto como a concepção assembleiana entende que estes seres também são anjos, eles estão inseridos neste capítulo desta confissão, mesmo se tratando de anjos que caíram do seu estado de graça. Desta maneira, esta confissão ensina que os demônios eram anjos que foram criados originalmente bons, mas dotados de livre-arbítrio, pecaram e se rebelaram contra Deus sob a direção de Satanás, o principal inimigo de Deus chamado também de diabo, tentador, inimigo, opositor, entre outros.

Estes espíritos, semelhante aos anjos bons, são desprovidos de corpos e podem, quando possível, possuir corpos humanos. A Escritura atesta em várias referências a possessão demoníaca que pode causar diversos efeitos maléficos na pessoa possuída, entre eles, a principal que é a autodestruição, seja de ordem física ou de ordem moral. Entretanto, não se pode considerar que as enfermidades físicas, todas elas, estão relacionadas a ação demoníaca.

Assim, em um item a parte, esta declaração de fé se destina ao ensino acerca do maioral dos demônios, trata-se do principal inimigo de Deus, o Diabo, ele foi criado perfeito, como todos os demais anjos, mas seu orgulho o levou a tentar se igualar à Deus e por este motivo foi expulso do céu.

Os detalhes quanto ao estado anterior a sua queda, bem como de seu orgulho e intento estão contidos nos textos de Is 14.12-15 e Ez 28.12-19, essas passagens bíblicas são interpretadas por esta declaração de fé como sendo alusivas a figura de

Lúcifer, chamado assim a partir do emprego do termo latino que significa ‘portador de luz’, tradução do termo ‘filho da alva’ encontrado na versão da Vulgata Latina⁵⁰¹. Todavia, o levante de Lúcifer e suas investidas são limitadas, pois o poder de Deus sobre os demônios é total e absoluto.

3.4.1.9 Capítulo IX – Sobre o pecado e suas consequências⁵⁰²

O nono artigo de fé da confissão assembleiana apresenta uma resumida descrição hamartiológica⁵⁰³ em perspectiva pentecostal do pecado como transgressão da Lei de Deus e suas consequências para a humanidade. Entre os inúmeros termos do AT e do NT, o termo neotestamentário *hamartia* e seu correspondente veterotestamentário *chatá* no hebraico tem sido usado para representar os termos genéricos para pecado, esses termos oferecem o sentido de “errar o alvo”, termos que são inseridos dentro do contexto moral. Outro detalhe é a universalidade do pecado e a necessidade do novo nascimento com um dos pontos altos desta confissão de fé.

Dessa maneira, a DF inicia sua exposição pelas origens, refletindo sobre a origem do pecado que já existia antes da criação do primeiro casal, Adão e Eva. Segundo esta declaração, o pecado teve uma origem angelical antes de atingir a humanidade, pelo pecado de orgulho que ascendeu no coração de Lúcifer, como vimos na exposição do capítulo anterior. Neste sentido, é importante destacar o que afirma a DF assembleiana, que o pecado não teve uma origem divina, pois não foi causado por Deus (Tg 1.13).

Logo, a ‘queda’, termo teológico que representa o instante em que o pecado entra na humanidade, é ensinado da seguinte maneira. O primeiro casal foi criado em perfeita inocência, sem pecado e dotados de livre-arbítrio, com a capacidade para obedecer ou desobedecer, contudo, escolheram desobedecer a um mandamento divino, pois foi dado a eles a ordem de não comerem do fruto que produziria neles o conhecimento do bem e do mal. Tendo sido enganados pela serpente, que é o diabo, permitiram que o pecado entrasse na humanidade, causando os seus feitos em si

⁵⁰¹ Vulgata Latina, versão traduzida por Sofrônio Eusébio Jerônimo (340-420), recebeu a incumbência desta tradução por volta de 382 tendo concluída em 405. GEISLER, 2006, p. 213,214.

⁵⁰² CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 97-107.

⁵⁰³ Hamartiologia é a doutrina bíblica que desenvolve seus estudos acerca dos efeitos do pecado na humanidade.

mesmos e em seus descendentes e assim por diante a toda raça humana. Esta condição que nascem todos os seres humanos é chamada de pecado original.

Isso quer dizer que todas as pessoas nascem contaminadas e degeneradas pelo pecado, ou seja, todas as pessoas nascem nesta condição, com uma tendência natural e inclinação pessoal para o pecado, contudo, Deus prometeu ali mesmo no Jardim do Éden, onde tudo aconteceu, a promessa de restauração dessa condição. No entanto, a condição humana é esta, sofrer as penalidades impostas pela desobediência do primeiro casal. As sanções estão diretamente relacionadas ao afastamento total de Deus, como penalidade aplicada a toda a raça humana.

Entrementes, algo chama a atenção na exposição desta declaração, a condição dos recém-nascidos e das crianças. Para a DF, todas as crianças nascem nesta condição ainda que não conheçam experimentalmente o pecado, deste modo, por possuírem a natureza pecaminosa irão manifestar, cedo ou tarde, as características desta condição. Todavia, em relação à responsabilidade pessoal, a DF ensina que, como a Bíblia não define uma idade para a manifestação clara desta inclinação, não é possível atribuir-lhes culpa até que estas cometam o mal conscientemente. Desta forma, a DF entende que a obra da redenção em Jesus Cristo produz salvação às crianças que vierem a falecer em tenra idade.

Prosseguindo, entre muitas, a maior consequência do pecado é a morte, além de sua punição e castigo. Por este motivo, todas as pessoas estão condenadas a experimentar este golpe, entretanto, outro tipo de morte acomete a humanidade, todos e todas nascem nessa condição, a morte espiritual, este é o atual estado da pessoa pecadora sem Cristo. Desta maneira, quem recebe a Jesus Cristo como Salvador passa da morte para a vida e não passarão pela morte eterna. A morte eterna é a extensão da morte espiritual para as pessoas que rejeitarem a vida eterna em Jesus.

3.4.1.10 *Capítulo X – Sobre a salvação*⁵⁰⁴

O décimo artigo de fé assembleiano descreve a interpretação da denominação no tocante a sua soteriologia⁵⁰⁵. Esta perspectiva possui uma inclinação muito clara

⁵⁰⁴ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 109-117.

⁵⁰⁵ Soteriologia, doutrina que apresenta os aspectos que norteiam o plano de Deus para a salvação da humanidade.

para a teologia arminiana⁵⁰⁶. Pois considera que a salvação em Jesus Cristo é concedida por Deus, sem exceção, a todas as pessoas que creem. Esta DF fundamenta-se em todos os textos bíblicos que manifestam uma tendência para esta interpretação e uma rejeição ao calvinismo, mesmo que não haja menção explícita a Armínio e a Calvino e o desenvolvimento de suas teologias nesta declaração de fé, uma tendência bastante peculiar desta confissão.

Assim, alguns termos bíblicos são explicados nesta confissão, termos e suas devidas aplicações que enfrentam a perspectiva calvinista, contrariando diretamente os cinco pontos do calvinismo⁵⁰⁷, como a interpretação acerca da predestinação que diz respeito a salvação, que para esta DF esta condicionada a fé em Cristo, estando relacionada a presciência de Deus, ou seja, no conhecimento prévio que Deus tem daqueles e daquelas que irão responder positivamente a mensagem do evangelho pregado. Esta declaração rejeita explicitamente a tendência calvinista, mesmo que não a mencione, quando afirma que Deus não predestinou nenhuma pessoa a condenação eterna, todavia, deseja que todas as pessoas possam chegar ao arrependimento e receberem a vida eterna.

Essas assertivas não são as únicas, por isso, separamos alguns trechos desta declaração de fé que revelam essa tendência anti-calvinista, característica marcante da soteriologia assembleiana, declarações que estão espalhadas em todo o texto da redação desta confissão, vejamos os exemplos:

Deus, contudo, não deseja a perdição de ninguém: “que quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade” (1 Tm 2.4). [...] O Evangelho contempla a todos e a ninguém exclui: “Porque a graça de Deus

⁵⁰⁶ A teologia arminiana provém das reflexões do teólogo reformado holandês Jacó Armínio, seus discípulos, os remonstrantes, chamados assim devido ao documento de protesto chamado de *Remonstrantia*, que apresentaram em oposição a teologia calvinista combatida no Sínodo de Dort. OLSON, 2001, p. 465.

⁵⁰⁷ Os cinco pontos do calvinismo também conhecido por seu acróstico TULIP são: 1. Depravação total (Total depravation). Os seres humanos estão mortos em seus delitos e pecados antes de Deus os regenerar soberanamente e lhes outorgar a dádiva da salvação (o que, em geral, implica na negação do livre-arbítrio); 2. Eleição incondicional (Unconditional election). Deus escolhe alguns seres humanos para serem salvos, antes e independentemente de qualquer coisa que façam por conta própria (com isso, fica em aberto a questão se Deus ativamente predestina alguns para a perdição ou simplesmente os deixa em sua perdição merecida); 3. Expição limitada (Limited atonement). Cristo morreu somente para salvar os eleitos e sua morte expiatória não é universal, para a humanidade toda; 4. Graça irresistível (Irresistible grace). Não é possível resistir à graça de Deus. Os eleitos a receberão e serão salvos por ela. Os réprobos nunca a receberão; 5. Perseverança dos santos (Perseveratue of the saints). Os eleitos perseveram inevitavelmente para a salvação final (eterna segurança). OLSON, 2001, p. 470, 471.

se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens” (Tt 2.11). Por conseguinte, a salvação está disponível a todos os que creem. Sim, todos nós, sem exceção, podemos ser salvos através dos méritos de Jesus Cristo, pois todos nós fomos criados à imagem de Deus. O Soberano Deus não predestinou incondicionalmente pessoa alguma à condenação eterna, mas, sim, almeja que todos, arrependendo-se, convertam-se de seus maus caminhos: “Mas Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, em todo lugar, que se arrependam” (At 17.30). [...] a predestinação dos salvos é precedida pelo conhecimento prévio de Deus daqueles que, diante do chamamento do Evangelho, recebem a Cristo como o seu Salvador pessoal e perseveram até o fim. A predestinação do crente leva-o a ser conforme a imagem de Cristo; assim sendo, todos somos exortados a perseverar até o fim: “aquele que perseverar até ao fim será salvo” (Mt 24.13). A graça de Deus é manifestada salvadoramente maravilhosa, perfeita; entretanto, não é irresistível, pois não são poucos os que, ignorando o Evangelho de Cristo, resistem ao Espírito da graça.⁵⁰⁸

Todas estas assertivas procuram refutar diretamente a maioria dos cinco pontos do calvinismo, a saber, a eleição incondicional, a expiação limitada, a graça irresistível e a perseverança dos santos. Assim, outros aspectos importantes fazem parte do processo soteriológico presente nesta confissão, alguns benefícios concedidos por Deus a pessoa salva, são eles a regeneração, a santificação e a glorificação. A regeneração é a transformação da pessoa pecadora, poder do Espírito Santo que a torna uma nova criatura, uma obra conhecida no NT como novo nascimento (Jo 3.3).

Logo após a ação regeneradora do Espírito um ato progressivo se inicia, este ato é chamado de santificação, que de acordo com a DF é o ato de separar-se do pecado para dedicar-se a Deus⁵⁰⁹. Já a glorificação é a última etapa da salvação de acordo com a teologia pentecostal. Trata-se de uma promessa dada por Deus, a futura transformação do corpo mortal que receberá a imortalidade e incorruptibilidade (1 Co 15. 43, 49).

Por último, a DF discute acerca da perda da salvação, um elemento já vislumbrado no início desta confissão, mas aprofundado apenas no final deste capítulo. A DF manifesta claramente ser contrária a perspectiva que afirma a perseverança dos santos, considerando à luz das Escrituras, como um ensinamento falho e sem respaldo bíblico. Para a esta confissão assembleiana, não há dúvidas

⁵⁰⁸ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 110.

⁵⁰⁹ Na teologia pentecostal, a santificação é vista em três tempos: 1. A santificação passada e instantânea. É um aspecto posicional, isto é, o crente estando ‘em Cristo’; 2. A santificação presente e progressiva. É temporal e vivencial, ela também é experimental, pois está baseada na experiência humana. 3. A santificação futura e completa. É plena e trata-se da santificação final do crente. GILBERTO, 2011, p. 364, 365.

quanto à possibilidade da pessoa salva vir a perder a sua salvação, seja temporariamente ou até mesmo eternamente. Assim, a DF afirma, categoricamente, que embora a salvação tenha sido concedida gratuitamente a todas as pessoas, entretanto, uma vez adquirida, deve ser preservada, zelada e confirmada.

3.4.1.11 Capítulo XI – Sobre a igreja⁵¹⁰

Estamos no décimo primeiro artigo de fé assembleiano que se ocupa em apresentar a sua perspectiva eclesiológica. Muito embora sua interpretação se dê em um contexto pentecostal, todavia, muito se assemelha as concepções eclesiológicas das demais confissões de fé que consideram a Igreja una e indivisível. Não desvalorizando o uso e as aplicações dos termos usados para se referir a Igreja, saltamos para o que realmente interessa nesta declaração.

De acordo com a DF a igreja é formada por todas as pessoas que Deus chamou para fora do mundo, portanto, corrobora com a ideia de que a verdadeira igreja é formada por pessoas regeneradas de todas as épocas e lugares, pessoas salvas que formam o corpo místico de Cristo, corpo que foi formado por intermédio do Espírito Santo, todavia, não sustenta a ideia de uma vida solitária, pois afirma que nenhum membro pode sobreviver por muito tempo isolado e fora do corpo. Por isto, insiste na comunhão do corpo de Cristo em uma comunidade local e o contato direto com outros membros deste corpo.

Esta confissão distingue a igreja em dois grupos, a igreja atuante e a igreja militante, isto é, a igreja atuante, formada por pessoas que seguem a Cristo e que buscam vencer a luta contra a carne, contra o mundo e contra satanás. Já a igreja triunfante é formada pelas pessoas cristãs que já partiram, mas que estão aguardando a bendita esperança em Cristo Jesus.

Esta confissão também afirma seu posicionamento no tocante as ordenanças instituídas por Cristo e concedidas à sua igreja, a saber, o batismo em águas e a Ceia do Senhor, contudo, faremos a exposição destas duas cerimônias mais adiante, já que elas serão discutidas, cada uma delas em um capítulo à parte⁵¹¹.

⁵¹⁰ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 119-125.

⁵¹¹ Estes assuntos serão tratados nos capítulos seguintes, capítulos XII e XIII.

Assim, entre todas as funções que a igreja, como representante de Cristo, nesta terra deve exercer, é o exercício da glorificação à Deus. Este ato pode ser realizado de diversas formas e maneiras. Seja como um ato de adoração, seja no trabalho social, seja na edificação do corpo no ministério local. Todavia, a primordial missão da igreja nesta terra é a de proclamar o evangelho de salvação a toda a criatura. Nisto fica óbvio a marca pentecostal desta confissão.

O anúncio de que Jesus Cristo salva, cura, batiza com o Espírito Santo e que em breve voltará. Este evangelho deve ser proclamado sem distinção alguma de povos, língua, cor, cultura ou classe social. Essa é a reponsabilidade missionária da igreja, além de sua responsabilidade na edificação por meio do ensino da Palavra e no cuidado dos pobres e necessitados.

3.4.1.12 *Capítulo XII – Sobre o batismo em águas*⁵¹²

O décimo segundo artigo de fé assembleiano, como citamos no capítulo anterior, descreve o posicionamento das AD's no tocante a uma das ordenanças instituídas por Jesus Cristo, dentre as últimas recomendações dadas a sua Igreja antes de sua ascensão aos céus, isto é, o batismo em águas. Um ato importante para o cristianismo e repleto de significados espirituais.

Esta DF afirma que o batismo deve ser administrado pela Igreja à toda a pessoa que tenha recebido a Jesus como Salvador e Senhor, mediante arrependimento e confissão de fé. Entretanto, algumas recomendações são dadas para a administração desta ordenança que deve ser efetuada somente dentro dos padrões exigidos pela denominação, critérios que impõem um método e uma fórmula batismal para que o batismo seja devidamente aceito e validado, como veremos a seguir.

A imersão, ato de mergulhar o corpo inteiro uma única vez em águas é o método recomendado. Essa é exigência está baseada no uso do termo 'batismo' que significa, mergulho, imersão. Outro detalhe deste ato é a sua publicidade. O batismo deve ser ministrado como um ato público de confissão de fé, simbolizando o sepultar da vida antiga e o ressurgir com Cristo para uma nova vida. Quanto a fórmula, a ordem é de batizar em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo (Mt 28.19). Batismo realizados

⁵¹² CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 127-130.

em nome de Jesus ou em nome do Senhor⁵¹³ são veementemente rejeitados, e recomenda-se o rebatismo⁵¹⁴.

Para a AD o batismo não é sinônimo de regeneração, e não confere salvação ou perdão de pecados, pois o perdão está conectado ao arrependimento que precede ao batismo. Neste caminho, vemos o posicionamento da DF no tocante ao batismo de infantes, um ato não praticado e pela Instituição. A razão da rejeição do pedobatismo⁵¹⁵ está pautada na condição necessária exigida para a pessoa que recebe o batismo, pois esta deve manifestar consciência de pecado, uma condição necessária para que ocorra o arrependimento. À vista disso, indivíduos em estado pueril não preenchem esses requisitos.

3.4.1.13 *Capítulo XIII – Sobre a ceia do Senhor*⁵¹⁶

O décimo terceiro artigo de fé assembleiano apresenta a interpretação das AD's quanto a celebração da Santa Ceia, um rito de comunhão que comunica a comunidade a continuidade da vida espiritual. Esta ordenança foi instituída por Cristo durante a sua última refeição de páscoa com seus discípulos. Da mesma maneira como o batismo em águas, esta ordenança deve ser administrada somente dentro da compreensão institucional que interpreta de forma particular os elementos, pão e vinho, utilizados durante esta celebração.

As expressões “isto é o meu corpo” (Mt 26.26) e “isto é o meu sangue” (Mt 26.28) empregadas por Jesus e pertinentes aos elementos da Ceia do Senhor devem ser interpretadas como uma linguagem metafórica, abstendo-se de toda e qualquer interpretação literal desses elementos, tendo em vista, que, Cristo ainda estava pessoalmente entre eles no instante da celebração.

Esta solenidade possui uma regularidade, porém a DF não determina um prazo entre uma e outra celebração, todavia, considerando que os primeiros cristãos celebravam toda a semana (At. 20.7), o que se recomenda é que a regularidade quanto a esta frequência seja suficiente para se evitar intervalos longos entre uma e

⁵¹³ Em nome de Jesus, geralmente é a fórmula utilizada por denominações unicistas.

⁵¹⁴ Ato de batizar em águas novamente a pessoa outrora já batizada.

⁵¹⁵ Batismo de crianças.

⁵¹⁶ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 131-133.

outra cerimônia. A DF, contudo, recomenda que as pessoas participantes da Santa Ceia sejam batizadas em águas e que estejam em comunhão no corpo de Cristo da comunidade local, por isso, esta ordenança exige um autoexame, uma reflexão da conduta moral da pessoa comungante.

Entretanto, esta DF fica devendo quando o assunto é a perspectiva assembleiana desta celebração, talvez supondo que cada pessoa assembleiana já compreenda bem a interpretação memorialista desta ordenança, pois o memorialismo⁵¹⁷ é a perspectiva adotada por esta Instituição. Portanto, a breve exposição sobre a Ceia poderia ser melhor desenvolvida, tendo em vista as divergentes interpretações cristãs quanto a presença de Cristo durante a celebração desta ordenança prefigurada nos seus elementos constituintes.

3.4.1.14 Capítulo XIV – Sobre a forma de governo⁵¹⁸

O décimo quarto artigo de fé assembleiano apresenta uma descrição bíblica dos oficiais eclesiásticos nos diversos ministérios das AD's no Brasil. Todavia, deixa a desejar quando o assunto é sistema de governo, pois não há qualquer informação direta nesta declaração a forma de governo adotada ou sugerida pela Instituição. O texto desta declaração se limita apenas a apresentar a sua estrutura organizacional e hierárquica, uma lista de cinco oficiais: pastores, evangelistas, presbíteros, diáconos e cooperadores e suas respectivas funções na comunidade local.

Algo que conseguimos notar Declaração de Fé assembleiana é a falta de profundidade e esclarecimentos a respeito do sistema de governo adotado pela instituição. Não a nada a respeito descrito nesta confissão de fé, nem mesmo uma sugestão ou orientação as congregações assembleianas, talvez a intenção fosse a

⁵¹⁷ O memorialismo foi a visão expressa pelo líder dos reformadores Ulrich Zwínglio (1484-1531), a visão memorial (simbólica) sobre a Ceia do Senhor afirma que o serviço da Comunhão é primeiramente uma comemoração da morte de Cristo na cruz, de acordo com as suas palavras "Fazei isto em memória de mim" (LC 22.19). A maioria das igrejas que adotam o memorialismo preferem chama-la de ordenança em lugar de sacramento quando se referem ao rito da Santa Ceia do Senhor. Simbolicamente, o valor dos elementos se encontra simplesmente em receber pela fé os benefícios da morte de Cristo. A Ceia do Senhor é uma lembrança visual. Como Jesus estava presente sob a forma corporal quando a Ceia do Senhor foi instituída, será absurdo afirmar que os elementos que Ele segurava nas mãos, o pão e o vinho, fossem o seu corpo e sangue físicos. GEISLER, Norman. **Teologia Sistemática**. Tradução: Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 640. Vol. 2 (Pecado, salvação, a igreja e as últimas coisas).

⁵¹⁸ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 135-141.

concessão de liberdade quanto a escolha de um modelo bíblico adotado pela igreja local, modelo que atendesse às demandas eclesíásticas e administrativas de cada comunidade local.

Na pior das hipóteses, isso pode ser configurado como omissão ou algo ainda pior, uma vez que, depois de tanto tempo, fica difícil para instituição uniformizar ou mesmo tentar controlar ou adaptar um sistema de governo eclesíástico que identifique a própria denominação. Atualmente, devido seu crescimento pujante, a Assembleia de Deus no Brasil perdeu o controle quanto a um sistema de governo padrão adotado pela instituição, na verdade, podemos afirmar inequivocamente, que a falta de padrão quanto ao sistema de governo eclesíástico é uma marca do assembleianismo brasileiro.

Até mesmo quando o assunto é a estrutura hierárquica institucional não há uma uniformização ou um padrão, tendo em vista que há mudanças significativas observadas de região para região⁵¹⁹. Por isso, a orientação denominacional quanto a uma observância bíblica além de geral é superficial, apresentando-se como a única maneira de escapar de sua responsabilidade e ingerência. Quanto a isso, na redação da DF assembleiana encontramos apenas esta simples declaração:

A forma de governo da Igreja é bíblica e define quem exerce autoridade no que diz respeito ao serviço do culto coletivo e às questões doutrinárias e administrativas. Nossa estrutura constitui-se de pastores, evangelistas, presbíteros, diáconos e cooperadores; estes últimos identificados também como auxiliares ou trabalhadores de acordo com a região. O termo 'obreiro' é genérico e usamos praticamente para todos os cargos e funções na Igreja. Nosso modelo de governo de Igreja tem por base as Escrituras Sagradas⁵²⁰.

⁵¹⁹ Na CEADAM (Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Amazonas) não há ordenação para o presbitério (presbítero), o que consiste num problema para a igreja no norte do país, uma vez que, transferidos para a Igreja no Amazonas, esses “presbíteros” só tem dois destinos, quais sejam, “subir” eclesiasticamente sendo ordenados a pastores ou “descer” sendo reconduzidos ao ministério diaconal, a primeira opção é preferível, em contrapartida, por vezes, demorada. A formação do ministério nesta convenção fica restrita aos seguintes cargos eclesíásticos: pastores/as, evangelistas e diáconos/diaconisas, também são separados auxiliares para ajudarem no serviço litúrgico, estes cooperadores se restringem, durante a liturgia, a direção (em alguns casos), oração e pregação. Contudo, oficialmente, esses colaboradores não fazem parte do ministério eclesíástico da igreja e são contados apenas entre a membresia, desta maneira, não podem ministrar Santa Ceia e nem mesmo ser responsáveis por uma congregação eclesíastica.

⁵²⁰ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 135.

Podemos perceber a superficialidade no tocante ao que se pretende encontrar no texto desta confissão. Neste caso, nossa leitura desta declaração também nos leva a concluir que o entendimento institucional acerca da forma de governo eclesiástico se limita a cargos e funções na comunidade local e não a sua administração em si. Outro detalhe que chama a atenção na citação supracitada é a menção ao modelo escriturístico do governo da igreja, ou seja, uma ideia limitante e abrangente ao mesmo tempo, pois não revela qualquer especificidade quanto a escolha de uma forma de gerir uma comunidade local, isto é, ela deve ser apenas bíblica, isso nos conduz a pensar nos vários modelos bíblicos de administração eclesiástica adotados pelas denominações cristãs hoje em dia.

Finalmente, levantamos outro questionamento, a ausência de qualquer alusão ao ministério feminino entre as funções eclesiásticas citadas no texto da DF assembleiana. Isso reflete um posicionamento bastante tradicional e radical desta declaração de fé, pois nem mesmo a função de diaconisas são mencionadas, sabendo que algumas congregações das AD's separam mulheres para o ministério diaconal, todavia, se as diaconisas não são citadas na redação desta confissão, tampouco seria citado o ministério pastoral feminino. É importante destacar que uma das razões do recente cisma que ocorreu na CGADB meses após à publicação desta Declaração de Fé, envolve o reconhecimento do ministério feminino e da ordenação de pastoras ao ministério da Igreja pela recém-formada convenção a CADB⁵²¹.

3.4.1.15 Capítulo XV – Sobre a verdadeira adoração⁵²²

O décimo quinto artigo de fé desta confissão assembleiana reflete o posicionamento da AD quanto a prática da adoração e o serviço litúrgico. Dando devido destaque à reunião solene como principal meio para a adoração pública, pois é na coletividade que a comunidade recebe alguns benefícios como: despertamento, exortação, edificação e comunhão. Desta forma, o texto desta declaração apresenta, além da adoração coletiva, outras formas reverentes de adoração à Deus como a adoração individual.

⁵²¹ CADB – Convenção das Assembleias de Deus no Brasil, fundada em dezembro de 2017, esta convenção ordena mulheres ao ministério diaconal e pastoral.

⁵²² CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 143-148.

Desta maneira, basicamente, a DF apresenta os elementos constituintes do culto público, que, geralmente, incluem orações, cânticos, ofertas, além da pregação e o ensino da Palavra de Deus. Na adoração individual, os e as crentes se ocupam na adoração sincera que surge de um coração obediente e agradecido. Esta presente declaração inibe e condena toda e qualquer atitude que possa avaliar a espiritualidade de alguém pelo uso efetivo dos dons espirituais. Deste modo a adoração é considerada uma atividade espiritual que pelo poder do Espírito Santo efetua a formação do caráter de Cristo na vida da pessoa adoradora, evitando assim, toda hipocrisia e aparência de piedade.

Por ser de orientação pentecostal, esta DF traduz a liturgia pentecostal que consiste, variavelmente, nesta ou noutra ordem: oração, louvor, leitura bíblica, testemunho, contribuição financeira e exposição das Escrituras, ajuizando que a falta de um ou outro desses elementos, exceto por circunstâncias desfavoráveis, tornaria incompleta a adoração como experiência coletiva. Por fim, um particular destaque é dado ao jejum como prática frequente entre pentecostais e adotado como elemento individual ou mesmo coletivo na adoração individual ou coletiva.

3.4.1.16 *Capítulo XVI – Sobre a igreja e o Estado*⁵²³

O décimo sexto artigo desta DF traz o abreviado posicionamento da denominação quanto a sua postura frente a relação da Igreja e o Estado. Tendo em vista o posicionamento das Escrituras quanto a constituição de autoridades responsáveis pelo gerenciamento da vida em coletividade (Rm 13.1), isto é, a igreja não pode esquivar-se no que se refere a sua vida pública e suas obrigações políticas.

A compreensão básica deste posicionamento está no reconhecimento e legitimidade das autoridades terrenas constituídas. Assim, requer de cada pessoa cristã a obediência e submissão a estas autoridades, além das demais obrigações civis, pois a igreja é uma organização eclesial, mas também civil, e que não está desvinculada de sua submissão ao Estado.

Portanto, como direito de todo o cidadão e de toda a cidadã, deve-se recomendar e ensinar o direito ao voto, seja de votar ou ser votado, bem como a participar da

⁵²³ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 149, 150.

organização e das atividades que regem o poder estatal. Consideramos apenas um pequeno detalhe que acrescentaria e muito ao capítulo dezesseis desta declaração. Uma abordagem sobre cidadania, além dos direitos e deveres do cidadão e da cidadã.

3.4.1.17 Capítulo XVII e XVIII – Sobre a Lei e Sobre os dez mandamentos⁵²⁴

O décimo sétimo e décimo oitavo artigos desta DF assembleiana trazem uma compreensão básica acerca destas porções veterotestamentárias e sua aplicabilidade para o contexto cristão, isto é, a Lei de Moisés e os dez mandamentos⁵²⁵. Esta declaração confessa a legitimidade divina da Lei de Moisés e dos mandamentos contidos nesta lei, como preceitos jurídicos e com profundo significado espiritual. Estes preceitos são divididos em três partes distintas, isto é, preceitos morais, cerimoniais e civis, todavia, salienta que essa distinção é tardia e surgiu apenas na Idade Média. Assim, esta declaração apresenta seu parecer acerca desta parte da Escritura para delas extrair suas aplicações teológicas para o Novo Testamento.

Assim, a DF considera a validade da Lei de Moisés para os judeus, pois foi o meio pelo qual Deus desejou comunicar sua verdade ao povo de Israel. Todavia, destaca que a lei não possuía a função salvífica e tampouco de justificação a partir das obras da lei, ela servia apenas para revelar o pecado no ser humano. Deste modo, esta declaração salienta a liberdade que temos em Cristo, isso significa que a pessoa cristã não é mais controlada pela lei, mas sim, pela graça. Este é o sentido transitório da lei que esta confissão de fé destaca, pois, todo o sistema mosaico foi abolido por Jesus, visto que Ele cumpriu todos os preceitos da lei, desobrigando toda a pessoa cristã a cumpri-lo também.

⁵²⁴ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 151-163.

⁵²⁵ Os dez mandamentos inseridos nesta confissão talvez façam alusão ao catecismo maior de Martin Lutero que trazia, em sua primeira parte, o ensino expositivo e contínuo dos dez mandamentos de Êxodo 20 com o objetivo de instruir toda a pessoa cristã o conhecimento da vontade de Deus. LUTERO, Martin. **Catecismo maior ou doutrina cristã fundamental**. Tradução: Zaqueu A. de Carvalho. São Paulo: Livraria Fittipaldi Editora, 1965, p. 13-99.

3.4.1.18 **Capítulo XIX – Sobre o batismo no Espírito Santo**⁵²⁶

O décimo nono artigo de fé assembleiano apresenta uma descrição bíblica em perspectiva pentecostal do batismo no Espírito Santo como revestimento de poder do alto, promessa concedida por Deus ao seu povo, tendo como evidência inicial, o falar em outras línguas, esta manifestação sobrenatural é interpretada como uma benção resultante da obra de Jesus Cristo em sua igreja.

Para esta confissão de fé o batismo no Espírito Santo é distinto da salvação, e, portanto, diverso do novo nascimento, isso quer dizer que a pessoa que recebe o batismo, só o recebe porque já possui o Espírito Santo, ou seja, esta pessoa já é uma pessoa salva, pois é o Espírito Santo que conduz a pessoa pecadora a Cristo. Assim, o batismo no Espírito, para esta declaração está relacionada a obra de expansão do evangelho, além de impulsionar a pessoa cristã para uma vida vitoriosa.

Podemos identificar o sinal específico desta ação sobrenatural do Espírito Santo na vida dos primeiros discípulos e das primeiras discípulas. O derramamento do Espírito se manifestou com este sinal, o falar em outras línguas (At. 2.4). Entretanto, esta promessa não ficou restrita as primeiras pessoas cristãs, mas a todos e a todas que acreditarem e buscarem esta promessa. Assim, as AD's afirmam a continuidade desta manifestação nos dias atuais. Esta certeza pentecostal está baseada na profecia de Joel (Jl 2.28).

A DF assembleiana interpreta a expressão “outras línguas” usada pelo NT para se referir a natureza dos idiomas concedidos na descida do Espírito Santo a cada qual das pessoas cristãs durante a festa de Pentecostes, essa expressão, segundo esta confissão, dá a entender um tipo diferente de línguas, interpretação que afirma ser de origem espiritual. Todavia, em Pentecostes é possível afirmar que houve ali uma ação sobrenatural, mas a concessão das línguas é claramente de origem humana⁵²⁷.

Essa é uma discussão que se arrasta até hoje entre grupos pentecostais, afirmar o que houve em Pentecostes, se glossolalia ou xenolalia⁵²⁸. Todavia, esta declaração afirma que a glossolalia pode ser usada tanto para indicar idiomas humanos quanto celestiais. Entretanto, existem outras referências a descida do Espírito Santo e a

⁵²⁶ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 165-170.

⁵²⁷ Atos 2. 9-11.

⁵²⁸ Fenômeno sobrenatural no qual o Espírito Santo concede que alguém passe a falar um idioma estrangeiro sem conhecimento prévio.

repetição do derramar do Espírito semelhante a Pentecostes, como a experiência de Cornélio em (At 10.46). Assim, esta declaração sustenta a doutrina pentecostal e afirma que as línguas cessarão quando vier o que é perfeito (1 Co 14.39).

3.4.1.19 Capítulo XX – Sobre os dons do Espírito Santo⁵²⁹

O vigésimo artigo de fé assembleiano dá prosseguimento as discussões que envolvem a experiência que iniciou em Pentecostes e que caracterizam o cerne da teologia pentecostal, a manifestação do Espírito Santo por intermédio do batismo e o continuísmo dessa ação por meio dos seus dons. Estes dons são recursos sobrenaturais operados pelo Espírito de Deus por intermédio de sua Igreja. Estas dádivas são concedidas para a edificação espiritual do corpo de Cristo.

Os dons, segundo esta confissão pentecostal, são diversificados, e podem ser perfeitamente distinguidos, tanto em suas manifestações quanto em sua classificação⁵³⁰. No tocante aos dons, esta declaração de fé defende a sua atualidade como concessão da graça de Deus conforme a medida da fé de cada qual, contudo, concedidos para um fim proveitoso. Assim, como já confirmamos anteriormente, estes dons não podem ser interpretados como atestado de espiritualidade e santidade, tampouco podem garantir a salvação daqueles ou daquelas que os possuem.

Esta declaração de fé, ao final da redação deste capítulo faz uma ótima e resumida exposição acerca de cada dom espiritual, suas manifestações e utilidade no corpo de Cristo, estes nove dons do Espírito Santo são encontrados em uma lista na epístola de 1 Co 12. 8-10. Entretanto, existem outras listas de dons, aqui não contempladas, que são apresentados em outras referências neotestamentárias⁵³¹. Todavia, não são contempladas nesta declaração de fé, algo que poderia ser melhor desenvolvido na redação desta confissão.

⁵²⁹ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 171-177.

⁵³⁰ Os dons do Espírito podem ser distinguidos em três classes: Os Dons Espirituais (I Coríntios 12. 4-11); Os Dons de Serviço (Romanos 12. 6-9) e os Dons Ministeriais (Efésios 4.11).

⁵³¹ Todas as referências neotestamentárias acerca dos dons espirituais são apresentadas nas seguintes passagens bíblicas: Rm 12.6-9; 1 Co 12. 4-11, 28-30; Ef 4. 11 e I Pe. 4. 10, 11.

3.4.1.20 **Capítulo XXI – Sobre a cura divina**⁵³²

O vigésimo primeiro artigo desta DF faz referência a cura divina como ato soberano de Deus, para restauração física e/ou emocional de toda a pessoa que manifesta sua fé em Cristo. As curas foram parte integrante do ministério terreno de Cristo e acompanhavam a glorificação à Deus quando a restauração do corpo sucedia o poder de sua declaração. É nesta perspectiva que esta declaração de fé desenvolve sua compreensão acerca da cura divina como meio da intervenção divina para a restauração do corpo físico.

Para compreender melhor a cura como um ato de Deus, a DF traz uma breve explicação sobre as enfermidades. Elas são o resultado da ação do pecado na humanidade, como consequências da queda e desobediência do primeiro casal. Esta DF também ensina que algumas enfermidades são resultado da ação direta de Satanás e seus demônios (Lc 13.16).

Segundo esta confissão de fé a cura divina é um benefício da obra expiatória e redentora de Cristo, além disso, um dos dons que Deus concede a sua Igreja, por intermédio do seu Espírito é um dom chamado dons de curar, este dom está exatamente no plural, pois sua manifestação é capaz o suficiente para curar toda a sorte de enfermidades que acometem o corpo físico. A própria Bíblia insiste na prática da oração pelos enfermos visando a restauração de suas enfermidades físicas.

3.4.1.21 **Capítulo XXII e XXIII – Sobre o mundo vindouro e Sobre a vinda de Cristo**⁵³³

O vigésimo segundo e o vigésimo terceiro artigo desta DF, juntos destacam o último item da proto-confissão de fé assembleiana divulgado largamente na fase que abrangia a tradição oral. *Jesus em breve voltará*, esse anúncio era e ainda é a máxima declaração de fé da doutrina pentecostal assembleiana, chamada quantas vezes de *a bendita esperança*.

Portanto, a segunda vinda de Cristo tem em si uma interpretação oferecida por esta declaração de fé que coaduna, perfeitamente, com a convicção e teologia

⁵³² CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 179-184.

⁵³³ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 185-202.

pentecostal. Assim, o estudo acerca da segunda vinda de Cristo requer devida atenção, pois é estudada, particularmente, a partir de uma interpretação pré-tribulacionista⁵³⁴ e pré-milenista⁵³⁵ da ordem dos eventos que culminarão com o retorno triunfal de Cristo a esta Terra.

O primeiro destes eventos, segundo esta confissão de fé, é chamado de arrebatamento da Igreja, também conhecido pelo termo “rpto”. Este evento é interpretado por esta declaração de fé da seguinte maneira: as pessoas mortas que estiverem em Cristo, ressuscitarão primeiro, recebendo um novo corpo, em seguida, as pessoas que estiverem vivas serão transformadas. Todas, juntas se encontrarão com Cristo nos ares, de onde Ele estará as aguardando.

Este evento se dará num piscar de olhos, numa fração de segundos. Fenômeno que será invisível aos olhos humanos, porém seus efeitos serão notórios. Outro detalhe confirmado por esta confissão assembleiana é o seu retorno iminente, isto é, será um evento repentino e precedido por sinais indicadores anunciados previamente por Cristo em seu vaticínio conhecido como o princípio das dores.

Na sequência, dois eventos prosseguem neste quadro escatológico, no céu, o tribunal de Cristo e as Bodas do Cordeiro, na Terra, a grande tribulação. Logo após o arrebatamento, Jesus receberá as pessoas salvas e lhes dará boas-vindas. Nesta ocasião também será estabelecido o Tribunal de Cristo, onde será julgada as obras realizadas por toda a pessoa cristã, neste tribunal não haverá condenação eterna, apenas o galardoamento da pessoa cristã salva, em seguida, as bodas do Cordeiro será o ambiente onde Jesus servirá um banquete em celebração da união de Cristo com sua noiva, a igreja.

Enquanto isso, na Terra, a grande tribulação se prolongará por sete anos, período em que o anticristo irá se manifestar. É apenas após os sete anos da grande tribulação que a segunda vinda de Jesus Cristo em glória se cumprirá. Jesus virá com a sua igreja glorificada. Daí por diante o milênio será estabelecido, mas não antes do aprisionamento de satanás. Vale destacar que este período de mil anos é interpretado nesta confissão de fé como um período literal de mil anos.

⁵³⁴ Perspectiva que afirma o arrebatamento da igreja se dará antes dos sete anos literais de tribulação.

⁵³⁵ Perspectiva que afirma a segunda vida de Cristo se dará antes da instauração do período literal de mil anos.

Adentrando no estudo acerca do capítulo vinte e três, sobre o mundo vindouro, temos a expectativa de toda a pessoa salva, contudo, também o juízo para toda a pessoa perdida. De acordo com esta declaração de fé, a Escritura fala acerca de duas ressurreições, uma para a vida e outra para a morte. Nesse sentido, esta DF professa o destino final que ocorrerá logo após ao milênio, este evento pode ser chamado de juízo final ou ainda de Grande Trono Branco.

Este último estágio do cenário escatológico findará com a condenação de toda a pessoa incrédula para a danação no inferno que será lançado juntamente com a morte e o Diabo no lago de fogo, enquanto que as pessoas justas terão vida eterna em Jesus Cristo. O estabelecimento de novos céus e uma nova terra está no imaginário de toda a pessoa cristã que crê em Jesus, nela será firmada a Nova Jerusalém que descera dos céus, lugar de toda a pessoa salva, isso é, de todas aquelas pessoas que reconheceram Cristo como Senhor e Salvador pessoal.

3.4.1.22 Capítulo XXIV – Sobre a família⁵³⁶

O vigésimo quarto e último artigo de fé desta confissão assembleiana apresenta o posicionamento denominacional referente à família, uma instituição criada por Deus e constituída de pai, mãe e filhos e filhas. Todavia, destaca-se que esse artigo de fé não aparece no Credo assembleiano e nem em qualquer outra confissão de fé oficial, exceto em algumas obras publicadas por pastores assembleianos, mas sem a devida chancela institucional⁵³⁷.

É notório que a eleição deste artigo de fé e sua inclusão nesta declaração esteja relacionado a uma resposta assembleiana aos grandes ataques que a família tradicional⁵³⁸ vem sofrendo no cenário nacional como declara Elinaldo Renovato,

⁵³⁶ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 203-208.

⁵³⁷ Em 1983, por uma editora independente, Raimundo F. de Oliveira publica uma obra que reivindica ser uma declaração de fé das Assembleias de Deus no Brasil. Nesta obra há um pequeno trecho acerca da família, no capítulo 12, último capítulo da obra, acerca da experiência cristã, que diz quanto a família: “Cremos na família cristã como uma associação de pessoas com propósitos espirituais definidos e estabelecidos na Bíblia, onde Deus é o elemento central, onde o pai, além de supridor das necessidades domésticas, tem a dupla função de sacerdote e profeta, onde a esposa e mãe é de inestimável valor e onde os filhos vivem, obedecem e são amados”. OLIVEIRA, Raimundo Ferreira de. **Pontos salientes da nossa fé:** uma declaração de fé das Assembleias de Deus no Brasil. Campinas: Edições Pentecostal, 1983, p. 91.

⁵³⁸ Família tradicional, conhecida também por família nuclear, é formada por pai, mãe e filhos (as).

pastor, escritor e comentarista de lições bíblicas publicadas pela CPAD, órgão oficial das AD's no Brasil.

No século XXI, a família está sob ataque das forças do inferno de maneira sistemática e insidiosa. Em todos os tempos, esse ataque tem sido real. Mas nunca como nos dias presentes. Satanás tem conseguido mobilizar governos, sistemas judiciários, escolas e faculdades, para minar as bases da instituição familiar. Só em Cristo a família pode resistir às investidas satânicas. Formadores de opinião trabalham para a destruição da entidade familiar, tal como Deus a criou, pela união de um homem e de uma mulher, através do casamento. A sociedade sem Deus admite outros “arranjos” de família. O Supremo Tribunal Federal do Brasil aprovou lei que considera a união homossexual “união estável”, ou, o que é pior, “entidade familiar”, torcendo e distorcendo o sentido de família, de acordo com a Constituição do País. O que significa isso? Total desprezo à Palavra de Deus, que considera tais uniões “abominação ao Senhor” (Lv 18.22; 20.13)⁵³⁹.

Assim, não apenas as AD's em todo o Brasil, como também outras instituições cristãs, sejam católicas ou evangélicas, têm lutado para preservar a perspectiva bíblica acerca da instituição família, buscando a manutenção de princípios éticos e morais pautados na Escritura. Daí a resposta em relação à inclusão deste artigo nesta DF que se tornou motivo de preocupação para esta denominação na transição do século XX para o século XXI, período no qual também se vê envolvido práticas abusivas e antibíblicas a respeito da manipulação da reprodução humana.

Deste modo, esta DF inicia seu texto exaltando a união matrimonial e a opção bíblica pela heterossexualidade. Considera pecado e repudia todo e qualquer outro princípio que não reverbera com a Escritura Sagrada. Portanto, reconhece apenas o casamento civil e o religioso com efeitos civis que não afronte os preceitos bíblicos, ou seja, abona apenas a união oficial entre um homem e uma mulher.

No tocante a relação entre pai, mãe e filhos (as), esta declaração sustenta como dever do pai e da mãe a condução da disciplina, instrução moral e espiritual dos filhos e das filhas decorrentes de união matrimonial ou de adoção, que devem, a todo o custo, honrar as figuras paterna e materna. Repudia a relação extraconjugual, por configurar um desvio moral, espiritual e de conduta bíblica.

⁵³⁹ RENOVATO, Elinaldo de Lima. **A família cristã e os ataques do inimigo**. Rio de Janeiro: CPAD, 2013, p. 40.

A DF considera o padrão bíblico heterossexual e monogâmico da procriação excetuando a busca da medicina quando a causa da infertilidade de uma ou ambas as partes não permitir a geração de descendentes. Desta forma, se posicionando favorável às técnicas de reprodução humana, isto é, a fertilização, desde que não desrespeitem o processo de fecundação natural que deve ocorrer no interior do ventre materno, e apenas nele. Rejeitando toda e qualquer manipulação de embriões no risco de serem descartados, comercializados ou usados em experimentos.

3.4.2 Os credos ecumênicos

Os credos ecumênicos podem ser considerados um patrimônio histórico-dogmático para toda a cristandade, um legado a todas as denominações cristãs. Não foi à toa que estes documentos influenciaram diretamente a composição das principais confissões protestantes conhecidas atualmente, e, por este motivo, são parte integrante no texto desta confissão assembleiana.

Todavia, estes credos ecumênicos foram introduzidos no texto desta declaração de fé, não apenas por este motivo, mas também, e muito provavelmente, por outras razões, pois é perceptível que foram inseridos com inegável propósito de identificação e postura denominacional ao escolher seguir os mesmos passos das demais confissões de fé anteriores. Dessa maneira, cinco credos ecumênicos foram inseridos nesta confissão e foram introduzidos no apêndice da DF nesta seguinte sequência: o Credo dos Apóstolos, o Credo Niceno, o Credo Niceno-Constantinopolitano, o Credo de Calcedônia e o Credo de Atanásio.

Estes respectivos credos foram introduzidos com o objetivo de encurtar a distância entre a DF e as confissões de fé do protestantismo histórico, mas principalmente, segundo nossa interpretação, como uma forma (in)consciente de aproximar a confissão assembleiana da ortodoxia cristã, devido à inegável demora de sua produção prejudicada pela relutância da AD brasileira na elaboração e oficialização de uma confissão que a representasse doutrinariamente.

Notamos que os conteúdos dos credos foram inseridos na íntegra e com poucos comentários ou notas explicativas, são apenas quatro notas de rodapé das quais, três foram utilizadas para explicar os seguintes termos da língua grega:

καθολικην, *katholikén* que significa “universal”, ομοουσιος *homooúsios* que significa “consustancial” e Θεοτοκος *theotókos* que significa “portadora de Deus”.⁵⁴⁰

No demais, há apenas poucas menções diretas a um ou outro destes credos no corpo do texto desta confissão, além mais, somente o relato do presidente da comissão responsável pela elaboração desta confissão que destaca a consulta constante, tanto dos credos ecumênicos, quanto das confissões de fé anteriores a esta declaração.

⁵⁴⁰ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 223.

4 “CANTAREI COM O ESPÍRITO, MAS TAMBÉM CANTAREI COM O ENTENDIMENTO”: CANTAR A DECLARAÇÃO DE FÉ DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS ATRAVÉS DA HARPA CRISTÃ

Sabemos do papel que a Harpa Cristã tem desempenhado durante os seus 100 anos de existência no cerne litúrgico das Assembleias de Deus, mesmo nos cenários mais favoráveis ou desfavoráveis ela sempre teve seu espaço e lugar de honra no que tange à liturgia pentecostal. Até o momento foi possível observar, no decorrer de sua história centenária, os ambientes, circunstâncias e personagens que favoreceram seu surgimento no contexto pentecostal, além de suas variadas formatações até que atingisse sua configuração atual. Percebemos também, o esforço e desempenho denominacional na manutenção de sua história e preservação do seu legado litúrgico ao conceber e executar inúmeras estratégias para salvaguardar este ícone da hinologia pentecostal entre as gerações mais recentes do assembleianismo brasileiro.

Mas agora, para além de seu legado histórico e utilização litúrgica, e muito além dos projetos de preservação, pretendemos analisar a Harpa Cristã bíblico-teologicamente dentro do contexto pentecostal e observar seu papel doutrinário no processo de propagação e consolidação da declaração de fé assembleiana, deixando momentaneamente de lado a memória afetiva que este hinário produz, no entanto, sem os excluir, uma vez que sabemos dos efeitos emocionais que a letra e a melodia dessas canções podem proporcionar em toda a sua subjetividade em cada pessoa assembleiana. Atentando para o que afirma Araújo, que as canções desse hinário possuem “uma função vital na experiência religiosa do crente pentecostal [...] mas não somente isso, ela tem exercido poderosa influência sobre os conceitos teológicos”⁵⁴¹.

Considerando que uma pessoa assembleiana, no convívio denominacional, facilmente se habituaria a ouvir e cantar o repertório musical em uma congregação tradicionalmente assembleiana, inevitavelmente, entoaria alguns hinos da Harpa Cristã durante a liturgia, dois ou três no total. Neste caso, esta pessoa, mesmo sem perceber, julgaria estar apenas louvando a Deus ao se ocupar na simples leitura das composições de um antigo hinário, quiçá, com as letras em sua memória. Entretanto, muito mais do que isso, estaria cantando ao longo dos anos diversos temas bíblico-teológicos que identificam a crença pentecostal-assembleiana, não importando, se

⁵⁴¹ ARAÚJO, 2007, p. 496.

esta pessoa crê ou não naquilo que se está cantando. Pois é isso o que acontece todas as vezes que uma pessoa assembleiana louva a Deus em um culto pentecostal.

Assim, o que se pretende aqui é extrair alguns hinos da Harpa Cristã, analisar seu conteúdo doutrinário e os principais temas bíblico-teológicos defendidos pela instituição, temas expressos em sua declaração de fé. Neste caso, faz-se necessário, de antemão, apresentar que tipo de amostragem pretendemos utilizar e quais temas bíblico-teológicos intencionamos nos servir para composição desta etapa da pesquisa, entre os atuais vinte e quatro artigos de fé assembleianos. Diante disso, ao falar da confissão de fé assembleiana privilegamos os artigos que fazem parte da fase inicial dessa declaração, que nesta pesquisa é considerada como a primeira etapa da Declaração de Fé das Assembleias de Deus e que no estágio da oralidade tinha em seu bojo os seguintes temas: Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e voltará⁵⁴².

3.1 A HARPA CRISTÃ E A TÉTRADE CONFISSÃO DE FÉ ASSEMBLEIANA

A preferência por esses quatro temas não é sem sentido e podemos fundamentar a sua escolha da seguinte maneira. Em primeiro lugar estas quatro declarações de fé são primordiais para o pentecostalismo moderno, pois se tornaram as bases históricas que fizeram emergir o movimento pentecostal no início do século XX, elas também se tornaram as primeiras bases usadas pelos pioneiros para alicerçar o assembleianismo no Brasil ainda em sua fase oral. Em segundo lugar essas quatro verdades pentecostais, no contexto da tradição escrita, de uma forma ou de outra, estão presentes em todas as declarações de fé assembleianas, desde as mais antigas até a mais moderna⁵⁴³. E em terceiro lugar, essas bases fundamentais são consideradas o tronco no qual está organizado toda a teologia pentecostal como afirma José Bonino.

⁵⁴² CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 3.

⁵⁴³ Na declaração de fé elaborada por Gunnar Vingren em 1919 esses temas teológicos estão arrolados da seguinte maneira: 2ª Pecado e salvação em Jesus Cristo; 3ª Cura divina; 7ª Comunhão com Jesus que proporciona dons espirituais, língua estranha sobrenaturais (batismo no Espírito Santo), sinais e prodígios e 8ª Segunda vinda de Cristo e milênio. Na declaração escrita por Otto Nelson em 1931 os temas estão nesta ordem: 3ª Arrependimento e perdão (salvação); 6ª Batismo no Espírito Santo; 9ª Cura divina e 10ª Segunda vinda de Cristo. Na declaração publicada por Theodore Sthor em 1938 os artigos estão nesta ordem: 1ª Salvação expiatória de Cristo; 2ª Batismo no Espírito Santo; 3ª Cura divina e 4ª Segunda vinda de Cristo. Na confissão conhecida como a primeira versão do *Cremos* editada por Alcebiades Pereira Vasconcelos em 1969 os artigos estão na seguinte ordem: 6ª Perdão dos pecados, salvação e justificação; 9ª Batismo com o Espírito Santo com evidência inicial do falar em outras línguas; 10ª Atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja (neste artigo está contemplada implicitamente a cura divina evidenciada por dois dons espirituais, a saber, *dons de curar e operação de milagres*) e 11ª Segunda vinda premilenial em duas fases distintas: 1ª invisível e

A salvação, pela graça de Deus, obtida pela morte vicária de Jesus Cristo - o sangue redentor - e recebida pela fé. Aqui é central a experiência da conversão, pois, se é verdade que a graça é gratuita e para todos, a experiência pessoal dessa graça, muitas vezes mas nem sempre associada a uma conversão dramática e biograficamente identificável, confere realidade pessoal à salvação.

O batismo do Espírito Santo, interpretado como uma "segunda experiência", testemunhada pelo "dom de línguas" e vinculada à santificação, que às vezes é entendida como um processo de crescimento e outras como um dom divino concedido numa experiência única e definitiva. Embora nem todos os pentecostais atribuam o mesmo peso ao "dom de línguas", para todos o "receber poder" é central para o batismo do Espírito ou no Espírito.

A saúde divina como promessa para todos os crentes, que se toma realidade na comunidade da igreja, habitualmente mediante a oração e a imposição de mãos. Deve-se reconhecer que a ênfase na saúde não é igual nos diversos ramos do pentecostalismo.

Uma escatologia apocalíptica, quase sempre pré-milenarista, cujos subtemas costumam ser: a ressurreição, a segunda vinda e o Reino milenar, o juízo e o Reino eterno⁵⁴⁴.

Muito embora possa haver uma divergência quanto as convicções que permeiam a teologia pentecostal, tendo em vista que a fragmentação do pentecostalismo, da mesma forma, ocasionou algumas variantes teológicas no movimento, todavia, não em relação à essas doutrinas, considerando o reconhecimento delas no pentecostalismo mundial. Dessa maneira, considera-se que essas quatro verdades fazem parte do esquema no qual outros temas no movimento pentecostal estão conectados. Também é importante reconhecer, como afirma Bonino, que o privilégio que se dá a esses temas basilares não implica em uma negação das demais doutrinas clássicas sustentadas pelo pentecostalismo moderno, mas parece razoável sustentar que esse padrão quádruplo representa bem a tradição comum do pentecostalismo⁵⁴⁵.

Por isso, pretendemos fazer um recorte das canções do hinário assembleiano considerando a abordagem que suas letras fazem do sistema doutrinário quádruplo

antes do arrebatamento e tribulação e 2ª visível e corporal com sua igreja glorificada para reinar durante o milênio. Na segunda versão do *Cremos* publicada pela CPAD os artigos de fé estão na seguinte ordem: 7ª Perdão dos pecados, salvação e justificação; 11ª Batismo no Espírito Santo, conforme as Escrituras, dado por Jesus Cristo, demonstrado pela evidência física do falar em outras línguas; 12ª Atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja (da mesma maneira como na primeira versão do *Cremos*, neste artigo de fé está contemplado implicitamente a cura divina evidenciada por dois dons espirituais, a saber, *dons de curar e operação de milagres*) e 13ª Segunda vinda em duas fases distintas: 1ª invisível e antes do arrebatamento e tribulação e 2ª visível e corporal com sua igreja glorificada para reinar durante o milênio. Na última e atual versão batizada de Declaração de Fé das Assembleia de Deus esses artigos de fé estão dispostos na seguinte ordem: 10ª Sobre a salvação; 19ª Sobre o batismo no Espírito Santo; 21ª Sobre a cura divina e 22ª Sobre a segunda vinda de Cristo.

⁵⁴⁴ BONINO, José Miguez. **Rostos do protestantismo Latino-americano**. Tradução Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 60.

⁵⁴⁵ BONINO, 2002, p. 59, 60.

adotado pelo movimento pentecostal moderno e como podem ser interpretados segundo a teologia pentecostal-assembleiana. Sabemos que a Assembleia de Deus, desde seus primórdios utilizou diversos instrumentos para a propagação e consolidação de seu sistema doutrinário, como as escolas bíblicas e os periódicos, por exemplo, assim, não seria diferente com a Harpa Cristã que surgiu em decorrência das necessidades bíblico-teológicas que os hinários anteriormente usados pela instituição não sustentavam. No mais, as experiências pentecostais vivenciadas pelo povo assembleiano eram cantadas na liturgia e no cotidiano como veremos a seguir.

Antes disso, para melhor nos situar na abordagem que intencionamos realizar, estabelecemos um roteiro e manteremos o mesmo procedimento tanto na exposição, quanto na interpretação e análise de cada um dos quatro eixos temáticos anteriormente definidos, neste caso, procederemos da seguinte maneira. A princípio, iremos selecionar e disponibilizar na íntegra alguns hinos da Harpa Cristã que se encaixam em cada um dos quatro princípios pentecostais, a saber, salvação, cura, batismo no Espírito Santo e a volta de Jesus. Logo após, faremos um recorte nestes hinos para extrair deles apenas as porções bíblico-teológicas que objetivam a pesquisa, faremos isso para dar ênfase apenas aos temas abordados, e, por fim, a interpretação desses fragmentos hínicos a partir da declaração de fé assembleiana.

Outro detalhe determinante nesta etapa da pesquisa é a preferência que daremos para a versão da Harpa Cristã publicada em 1941⁵⁴⁶ com os seus tradicionais 524 hinos em detrimento da atual Harpa Cristã Ampliada publicada em 1996 com suas 640 canções. A versão editada em 1941 se tornou referência por mais de cinquenta anos na Assembleia de Deus, sendo substituída somente em 1992 dando lugar a Harpa Cristã Atualizada. No entanto, não houve uma boa aceitação desta penúltima versão da harpa por parte da membresia assembleiana, em virtude da mudança na sequência numérica tradicional de seus hinos, sequência que os/as assembleianos/as já estavam habituados/as. A escolha pela edição de 1941 se dá por ela ser conhecida como a versão que melhor sintetiza a teologia pentecostal-assembleiana clássica.

⁵⁴⁶ Essa versão da Harpa Cristã até hoje é considerada a versão mais tradicional e que melhor representa doutrinariamente o assembleianismo clássico.

3.1.1 “Jesus salva...”

A primeira verdade fundamental sustentada pela égide pentecostal-assembleiana é “Jesus salva”. Dentro do conceito soteriológico adotado pelas Assembleias de Deus, defendido em sua recente Declaração de Fé, e também expresso em alguns hinos da Harpa Cristã, percebe-se a inclinação da instituição para o arminianismo, sistema que privilegia o livre-arbítrio e rejeita as concepções calvinistas sobre a dupla-predestinação. De acordo com essa confissão de fé “a salvação é o livramento do poder da maldição do pecado, e a restituição do homem à plena comunhão com Deus, a todos os que confessam a Jesus Cristo como seu único Salvador”⁵⁴⁷. Segundo a confissão assembleiana a salvação é ofertada a todas as pessoas, por meio de Cristo, sem qualquer distinção ou escolha divina antecipada.

A Declaração de Fé assembleiana considera, além disso, que a salvação humana dos efeitos espirituais do pecado é um ato da graça realizada por Deus através dos méritos de Cristo e não por intermédio de obras humanas. Além disso, adota o conceito de predestinação bíblica, mas o interpreta a partir da perspectiva assembleiana, que relaciona a predestinação à presciência de Deus, ou seja, pelo conhecimento prévio, e não por uma escolha soberana divina, Deus conhece antecipadamente aqueles/as que responderão ao evangelho confessando a Jesus como Salvador, compreendendo a graça como algo resistível. Estes, após terem sua salvação concedida por Jesus Cristo devem perseverar por sua salvação, uma vez que a denominação não sustenta a premissa “uma vez salvo, salvo para sempre”⁵⁴⁸.

Outro detalhe expresso na Declaração de Fé assembleiana e também frequentemente vislumbrado nos hinos soteriológicos da Harpa Cristã é o destino das pessoas salvas em Jesus Cristo. Tanto a Declaração de Fé das Assembleias de Deus quanto a Harpa Cristã confirmam que o céu é o destino dessas pessoas, ou seja, o destino da igreja, um lugar perfeito e perpétuo proporcionado por Deus que garantirá a experiência de sua eterna presença a sua igreja. Vale ressaltar que a letra das canções do hinário assembleiano, quando se referem a salvação, o fazem com dupla intenção, ora oferecendo a salvação ao perdido/a pecador/a, ora exortando a igreja a

⁵⁴⁷ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 109.

⁵⁴⁸ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 109, 110.

manter-se firme perseverando por sua redenção, levando em conta que a perda da salvação é ensinado tanto na Harpa Cristã quanto na confissão de fé assembleiana⁵⁴⁹.

Vários são os hinos da Harpa Cristã que apelam para uma abordagem soteriológica, algo que também é confirmado na pesquisa elaborada por Souza Júnior que constatou a presença de variados hinos da harpa cujo tema central é a salvação, entretanto, o próprio Souza Júnior considera que os hinos que trazem uma abordagem exclusivamente soteriológica perfazem apenas 4,6% do total dos hinos da Harpa Cristã tradicional⁵⁵⁰. Essa baixa porcentagem de hinos na amostragem feita por Souza Júnior pode até mesmo nos surpreender, tendo em vista que isso corresponde a apenas 8 hinos de um total de 524 canções da tradicional Harpa Cristã⁵⁵¹. É claro que não se pode negar que a busca por salvação ou o esforço contínuo por mantê-la é uma constante encontrada nos versos e refrãos de muitos hinos da Harpa Cristã.

O que Souza Júnior pretende mostrar na sua pesquisa é a exclusividade em que esta temática é desenvolvida nesses poucos hinos, não considerando o fato de várias outras canções da Harpa Cristã abordarem a temática da salvação unida a outros assuntos doutrinários, pois inúmeros são os hinos assembleianos que trazem consigo variadas abordagens teológicas, o que dificulta ainda mais o processo de catalogação do hinário. Vale ressaltar o que afirma Souza Júnior, que “todos os cânticos que se referem a temas como conversão, proselitismo, escatologia, parousia, dentre outros, estão diretamente ligados ao princípio soteriológico”⁵⁵². Isto posto e de agora em diante, daremos o devido destaque a alguns hinos da Harpa Cristã com o objetivo de analisar suas letras e o conteúdo bíblico-teológico relacionado a temática em debate.

⁵⁴⁹ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 112-114. Ver, João 14. 1-3.

⁵⁵⁰ A pesquisa elaborada por Souza Júnior considera apenas a edição mais tradicional e preferida entre os/as assembleianos/as, a edição com os tradicionais 524 hinos. Vale lembrar que atualmente a Harpa Cristã possui um total de 640 canções.

⁵⁵¹ Os hinos que perfazem esta porcentagem são: O Precioso Sangue (29); O Grande Amor (35); Rocha Eterna (47); Aleluia! Já creio (49); Jesus Quebrou os Meus Grilhões (69); Há um Caminho Santo (97); Glória, Aleluia, Glória! (174) e Salvo Estou (177).

⁵⁵² SOUZA JUNIOR, 2011, p. 172.

Conversão (15)⁵⁵³	Aleluia! Já creio (49)⁵⁵⁴	Sou um Soldado (418)⁵⁵⁵
<p style="text-align: center;">1</p> <p>Oh! Quão cego andei e perdido vaguei Longe, longe do meu Salvador! Mas do céu Ele desceu, e Seu sangue verteu Pra salvar um tão pobre pecador</p> <p style="text-align: center;">Refrão</p> <p><i>Foi na cruz, foi na cruz Onde um dia eu vi meu pecado castigado em Jesus Foi ali, pela fé, que os olhos abri E agora me alegro em sua Luz</i></p> <p style="text-align: center;">2</p> <p>Eu ouvia falar dessa graça sem par Que do céu trouxe nosso Jesus Mas eu surdo me fiz, converter-me não quis</p>	<p style="text-align: center;">1</p> <p>Deus tem prometido a salvação dar, A quem em seu filho Jesus confiar</p> <p style="text-align: center;">Refrão</p> <p><i>Aleluia! Já creio em Cristo Jesus E salvo já estou, pelo sangue da cruz!</i></p> <p style="text-align: center;">2</p> <p>Foi tal seu amor, que me substituiu E sobre o calvário, minh'alma remiu!</p> <p style="text-align: center;">3</p> <p>Não posso jamais desse amor duvidar Não posso senão aos seus pés me prostrar</p> <p style="text-align: center;">4</p>	<p style="text-align: center;">1</p> <p>Sou um soldado de Jesus E servo do Senhor Não temerei levar a cruz Sofrendo grande dor</p> <p style="text-align: center;">Refrão</p> <p><i>Depois da batalha me coroará Deus me coroará, Deus me coroará Depois da batalha me coroará Na celestial mansão Lá verei o meu Rei E terei meu galardão Depois da batalha me coroará Na cidade de Sião</i></p> <p style="text-align: center;">2</p> <p>Lutaram outros sem temor Mui forte hei de ser</p>

⁵⁵³ HARPA CRISTÃ, 1981, p. 19.

⁵⁵⁴ HARPA CRISTÃ, 1981, p. 39.

⁵⁵⁵ HARPA CRISTÃ, 1981, p. 239.

<p>Ao Senhor, que por mim, morreu na cruz</p> <p style="text-align: center;">3</p> <p>Mas um dia senti meu pecado, e vi Sobre mim a espada da lei Apressado fugi, em Jesus me escondi E abrigo seguro n'Ele achei</p> <p style="text-align: center;">4</p> <p>Quão ditoso, então, este meu coração Conhecendo o excelso amor Que levou meu Jesus a sofrer lá na cruz Pra salvar a um tão pobre pecador</p>	<p>E, quando, na glória, eu vir meu bom rei</p> <p>Com todos os santos ali cantarei</p>	<p>Pelejarei por meu Senhor Confiando em seu poder</p> <p style="text-align: center;">3</p> <p>Se eu for fiel ao meu Jesus E não voltar atrás Alcançarei o céu de luz Lugar de santa paz</p>
--	---	---

De agora em diante passaremos a analisar, respectivamente, alguns versos dos três hinos anteriormente selecionados para examinar o seu conteúdo bíblico-teológico em conformidade com as verdades fundamentais defendidas pelo pentecostalismo clássico e expressos na Declaração de Fé das Assembleias de Deus. A primeira canção separada para essa finalidade é o hino de número 15, intitulado “Conversão”, hino traduzido pelo missionário inglês Henry Maxwell Wright⁵⁵⁶. A

⁵⁵⁶ Henry Maxwell Wright – H.M.W (1849-1931) Foi missionário na Inglaterra, Escócia e Estados Unidos, Portugal, Açores e Brasil. Durante mais de 50 anos evangelizou povos de fala portuguesa. Foi pregador, cantor e hinólogo, compondo e traduzindo em torno de 200 hinos presentes em diversos hinários evangélicos do Brasil. NASSAU, Rolando de. **Henry Maxwell Wright (1849-1931)**. Publicado em: 01 de julho de 2015. Disponível em: <http://www.hinologia.org/henry-maxwell-wright/>. Acesso em: 23 de agosto de 2019. Chegam a 50, os hinos da Harpa Cristã escritos e/ou traduzidos por H. Maxwell Wright: Na Maldição da Cruz (06); Conversão (15); O Convite de Cristo (19); Amor que Vence (27); O Precioso Sangue (29); Não Sou Meu (30); Glória ao Meu Jesus (31); Meu Cristo! Meu Cristo! (32); Com Tua Mão Segura (33); Milícia de Jesus (34); O Grande Amor (35); Cristo Pra Mim (37); O Senhor é Rei (38); Alvo

segunda estrofe deste hino apresenta a seguinte letra: **“Eu ouvia falar dessa graça sem par; Que do céu trouxe nosso Jesus; Mas eu surdo me fiz, converter-me não quis; Ao Senhor, que por mim, morreu na cruz”**. A partir de uma interpretação pentecostal-assembleiana deste recorte chegamos as seguintes considerações.

Segundo a confissão de fé assembleiana a salvação dos efeitos espirituais do pecado é uma concessão de Deus por intermédio de Jesus Cristo, contudo, esse presente gratuito de Deus conhecido simplesmente por “graça” pode ser resistido como afirma a presente declaração. “A graça de Deus é manifestada salvadoramente maravilhosa, perfeita, entretanto, não é irresistível, pois não são poucos os que, ignorando o Evangelho de Cristo, resistem ao Espírito da graça”⁵⁵⁷. Pois é isso que afirma esse verso da canção quando cantado pelo/a fiel assembleiano/a. Pelo que se pode perceber, o hino relata a jornada espiritual de um indivíduo que em algum momento da sua vida ouviu a mensagem do evangelho, mas se fez surdo (resistiu) a mensagem vinda “do céu”, este ato culminou com a decisão de **“não se converter”**.

Na segunda canção, o hino de número 49, denominado de “Aleluia! Já Creio”, também de autoria de Henry Maxwell Wright, encontramos uma mensagem doutrinária subentendida em seu primeiro verso, **“Deus tem prometido a salvação dar, A quem em seu filho Jesus confiar”**. Esta declaração afirma, categoricamente, que a salvação em Cristo é destinada a todas as pessoas, sem exceção, bastando uma postura de confiança, por parte do/a fiel, na obra realizada por Jesus Cristo. O que é defendido tanto neste hino quanto na Declaração de Fé das Assembleias de Deus é o seguinte, “Deus, contudo, não deseja a perdição de ninguém [...] O soberano Deus não predestinou incondicionalmente pessoa alguma à condenação eterna, mas, sim, almeja que todos, arrependendo-se, convertam-se de seus maus caminhos”⁵⁵⁸.

Mais Que a Neve (39); A Cidade do Bom Deus (40); A Cristo Coroai (41); Doce Lar (43); Oh! Que Glória (44); Redentor Onipotente (45); Um Pendão Real (46); Rocha Eterna (47); O Dia do Triunfo de Jesus (48); Aleluia! Já Creio (49); Sempre Fiéis (50); Adoração Reconhecida (51); Tudo Está Bem (52); A Esperança da Igreja (53); Louvemos ao Redentor (54); Mais Perto da Tua Cruz (55); Tudo em Cristo (56); Vivifica-nos Senhor (57); Não Temas (58); Exultação do Crente (60); Acordai, Acordai (63); De Todo o Mundo: Aleluia! (64); Quem Irá (65); Pronto a Salvar (66); Há Trabalho Pronto (93); Eis o Dia a Declinar (99); Glória ao Salvador (189); Louvai a Deus (216); Seguirei a Cristo (452); Glória ao Salvador (462); Pela Graça (464); O Rei da Glória (522). Além dessas canções do hinário tradicional outros hinos foram acrescentados posteriormente em edições posteriores: Vivifica a Tua Igreja (530); Amigo Sem Igual (536); História de Cristo (542); Riquezas do Céu (598); Triunfo (606).

⁵⁵⁷ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 110. Ver, Mateus 24. 13; Efésios 2. 8; Marcos 16. 16.

⁵⁵⁸ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 110. Ver, Romanos 10.9.

Podemos perceber que a perspectiva soteriológica destes hinos é compatível com a postura doutrinária adotada pela denominação que assevera a salvação como um ato de total e exclusiva iniciativa de Deus e com o intuito de concedê-la a toda a humanidade, mas aplicada apenas aqueles/as que creem, o que não incorre em perda do livre-arbítrio, e, tampouco, na limitação da soberania de Deus, pois para que isso suceda, faz-se necessário que cada pessoa individualmente e não por escolha divina, decida no seu íntimo receber a Cristo como único Salvador. É o que fica evidente nos versos desses hinos e na doutrina assembleiana a seguir: “Deus proveu a salvação para todas as pessoas, mas essa salvação aplica-se somente àquelas que creem [...] Nesse sentido, não há conflito entre a soberania de Deus e a liberdade humana”⁵⁵⁹.

Por fim, temos mais um hino para analisar, o de número 418 e intitulado “Sou um Soldado”, uma canção traduzida por José Teixeira de Lima⁵⁶⁰. O trecho deste hino que mais reflete a soteriologia assembleiana está em sua última estrofe, em seus versos encontramos a seguinte declaração **“Se eu for fiel ao meu Jesus; E não voltar atrás; Alcançarei o céu de luz; Lugar de santa paz”**. Estes versos nos dizem muito acerca de uma das maiores concepções soteriológicas defendida pelas Assembleias de Deus, estamos nos referindo aquilo que podemos chamar de “perda da salvação”. Daí a pergunta: “É possível um cristão perder a salvação? Essa é uma indagação comum e ao mesmo tempo polêmica e que circunda particularmente os grupos pentecostais. Vamos verificar o que afirma a Declaração de Fé assembleiana.

Primeiramente, queremos esclarecer que não pretendemos analisar a validade desta doutrina, tampouco determinar se ela revela com exatidão o que ensina a Bíblia Sagrada e assim defendê-la ou repugná-la, na verdade, essa doutrina nem é uma exclusividade assembleiana, pois traduz uma leitura bíblica legitimada por uma

⁵⁵⁹ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 113. Ver, Jonas 2. 9; Romanos 3. 22; 11. 6; João 7. 17.

⁵⁶⁰ Não encontramos qualquer referência a este autor, mas em uma análise rápida no índice de autores e tradutores da Harpa Cristã, notamos que ele foi um dos colaboradores na formação do hinário, na maioria dos casos com traduções. Os hinos que identificamos com as siglas J.T.L (José Teixeira de Lima) são: Meus Pecados Levou (484); Sou Um Soldado (418); Bastante Para Mim (417); Eu Vou Com Jesus (294); O Pastor e as Ovelhas (283); Na Mansão do Salvador (271); Doce é Crer em Cristo (265); Jesus Me Guiará (194); Soldados de Cristo (153); Pela Cruz Ao Céu Irei (152); No Rol do Livro (133); Entrega Teu Coração (128); Quem Dera Hoje Vir? (125); Cristo Voltará (123); Fogo Divino(122); Noite de Paz (120); Inesgotável É Seu Amor (119); Face a Face (118); O Senhor Salva a Todo o Pecador (117); Livre Estou (116); Trabalhai e Orai (115); Aceita o Perdão de Jesus (114); Pelejar Por Jesus (108). Silas Daniel o chama apenas de “compositor assembleiano”. DANIEL, 2016, p. 290.

hermenêutica pentecostal. Em defesa desse princípio temos não apenas a própria denominação, mas a Harpa Cristã, seus documentos oficiais, além de diversos outros grupos pentecostais que interpretam a Bíblia dessa maneira. O que se pretende aqui é analisar a presença desse ensinamento na Harpa Cristã, por isso, vamos analisar os pormenores dessa doutrina, tendo por base o que afirma o verso da canção e tentar entender o que significa soteriologicamente e assembleianicamente “*não voltar atrás*”.

Precisamos, a princípio, observar o que reza a Declaração de Fé assembleiana onde lê-se os termos a seguir: “entendemos à luz das Sagradas Escrituras que, depois de experimentar o milagre do novo nascimento, o crente tem a responsabilidade de zelar pela manutenção da salvação a ele oferecida gratuitamente”⁵⁶¹. Além do mais afirma ainda que “não há dúvidas quanto à possibilidade do salvo perder a salvação, seja temporariamente ou eternamente. Mediante o mau uso do livre-arbítrio, o crente pode apostatar da fé, perdendo, então, a sua salvação”⁵⁶². Baseado nestas citações percebemos que a instituição defende a possibilidade do crente perder a sua salvação, importante considerar que neste processo de conservação da salvação a santificação é uma peça chave imprescindível, assim, vamos examinar agora o verso da canção.

A canção retrata a história de um soldado de Cristo a serviço do Reino de Deus, essa temática da batalha é comumente usada em muitos hinos da Harpa Cristã com os seus inúmeros desdobramentos⁵⁶³. Por muito tempo, principalmente no processo de evangelização do território brasileiro, o discurso de guerra foi considerado pelo pentecostalismo clássico como a melhor maneira de representar a ação da igreja na terra. Na maioria dos casos essa batalha representava ou o conflito contra as trevas (diabo) no serviço de evangelização dos/as perdidos/as ou ainda a batalha interna de cada pessoa cristã na luta contra os seus desejos pecaminosos e a intensa busca pela santificação que resultaria em seu acesso ao céu. Neste último hino o sentido do discurso de guerra, dependendo da estrofe, compreende essas duas representações.

Somente para efeito de informação a primeira estrofe deste hino traz a representação da batalha como um árduo processo de evangelização, o “*levar a cruz*”

⁵⁶¹ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 114. Ver, Hebreus 4. 12.

⁵⁶² CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 114. Ver, Ezequiel 18. 24 e I Coríntios 10. 12.

⁵⁶³ Alguns hinos da Harpa Cristã que representam a luta contra os poderes metafísicos (espirituais) são: Marchai Soldados de Cristo (09); Os Guerreiros se Preparam (212); Sê Valente (225); Campeões da Luz (305); Sou um Soldado (418); Crentes, Avançaí (448); O Povo de Deus na Terra (455); Avançaí Fiéis (471); Vencendo com o Bom Capitão (501).

nesta estrofe pode significar tanto a não negação dos ensinamentos de Cristo que exige uma postura de não importar com os resultados que isso pode acarretar “*sofrendo grande dor*”, quanto pode significar, da mesma maneira, carregar a mensagem das boas novas, que não deixa de ser uma tarefa laboriosa, principalmente, ao considerar o território de evangelização que este/a militar é enviado/a. Em contrapartida, a ênfase e exame que pretendemos fazer desta canção está em sua terceira estrofe que carrega o mesmo sentido de uma batalha espiritual, mas com uma definição soteriológica e não mais proselitista como veremos a seguir.

Na terceira e última estrofe desta canção vemos a postura do soldado que declara a sua fidelidade a Jesus Cristo e seu medo de o abandonar ao cogitar “*não voltar atrás*”, pois se isso ocorrer, o combatente não alcançará o que tanto almeja “*o céu de luz, lugar de santa paz*”. Podemos perceber que este verso canta a possibilidade do crente perder a salvação, uma vez que “*voltar atrás*” traz um sentido de retorno, de abandono, ou melhor, voltar ao estado anterior, fazendo-o perder o que tanto anseia, a saber, a salvação. Quanto ao lugar de chegada do/a fiel militante não precisamos nos esforçar para aceitar que se trata do destino final das pessoas salvas em Jesus Cristo, aquelas que perseveraram até o fim. Portanto, encontramos o devido respaldo teológico num hino que ensina que a pessoa fiel pode perder a sua salvação.

3.1.2 “... Jesus cura...”

A segunda verdade fundamental sustentada pela teologia pentecostal-sembleiana é “Jesus cura”. No que concerne a doutrina assembleiana sobre esta realidade notemos a seguinte declaração, “a cura divina é um ato da soberania, graça e misericórdia divina, que, através do poder do Espírito Santo, restaura, física e/ou emocionalmente aqueles que demonstram fé em Jesus Cristo”⁵⁶⁴. Sabemos que a cura física foi uma doutrina tão logo ensinada pelos pioneiros ao chegarem ao Brasil. Diversos testemunhos de cura são descritos pelos missionários em seus diários e outros documentos de domínio institucional. O primeiro relato de cura física descrito

⁵⁶⁴ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 179. Ver, Salmos 103. 3; Marcos 1. 40, 41; Mateus 14. 14; Atos 3. 16; 10. 38; 14. 8-10; Lucas 4. 18, 19.

por Vingren foi sobre a cura de Celina Albuquerque que sofria de uma enfermidade nos lábios, mas logo após a oração dos pioneiros ela se viu completamente curada⁵⁶⁵.

Conforme a Declaração de Fé assembleiana, na maioria dos casos, a cura divina advém sobre as pessoas enfermas mediante a oração, baseando-se nos variados relatos neotestamentários que confirmam essa prática comum e constante entre as primeiras pessoas cristãs, prática que visava não apenas o bem-estar físico, mas também o bem-estar emocional e espiritual da sua igreja. A própria manifestação do Reino de Deus estava relacionada com essa realidade, uma vez que, este sinal acabou por se tornar uma revelação do governo messiânico de Cristo sobre a igreja e sobre os povos, por este motivo tal prática deve ser repetida até os dias de hoje, porém deve ser realizada segundo o que descreve a Escritura, o que também não representa uma negação ao tratamento médico, como atesta a presente declaração de fé⁵⁶⁶.

Uma particularidade recomendada pela Bíblia Sagrada no tocante a prática da oração pelas pessoas enfermas se refere ao costume da unção com óleo, uma doutrina ensinada e fundamentada no Novo Testamento. Vale destacar que a Declaração de Fé das Assembleias de Deus defende a ministração da unção com óleo sobre os enfermos, mas o faz a partir de dois critérios básicos. Em primeiro lugar, a denominação entende que a ênfase e resultados positivos que podem ocorrer a partir deste rito estão na oração feita com fé e não no uso do azeite em si⁵⁶⁷. Além do mais, a presente declaração ensina, em segundo lugar, que a reponsabilidade da unção com óleo sobre as pessoas enfermas é de total e restrita incumbência dos ministros que exercem a liderança na igreja (presbíteros, evangelistas e pastores)⁵⁶⁸.

Outro detalhe que não podemos deixar escapar e que consiste numa das grandes marcas do pentecostalismo moderno, e, por conseguinte, da Assembleia de Deus é a doutrina bíblica acerca da atualidade dos dons espirituais defendida pela instituição. Portanto, se a cura divina está relacionada a prática da oração e da unção das pessoas enfermas, de outra maneira, a cura pode ser potencializada pelo exercício de um dom, o dom de curar, descrito na lista de Dons do Espírito em I

⁵⁶⁵ VINGREN, 2000, p. 40.

⁵⁶⁶ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 182. Ver, Tiago 5. 14, 15; Colossenses 4. 14; Mateus 9. 12; I Timóteo 5. 16.

⁵⁶⁷ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 182. Ver, Marcos 6. 3; Tiago 5. 14;

⁵⁶⁸ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 181, 182.

Coríntios 12. 8-10. Entre os nove dons descritos nesta passagem três deles se encaixam na categoria chamada por muitos pentecostais de *dons de poder*, que incluem, o dom da fé, o dom de operação de milagres e os *dons de curar*⁵⁶⁹. Neste caso vamos verificar o que ensina a confissão assembleiana acerca desse assunto.

Esses dons são capacitações especiais e sobrenaturais concedidas pelo Espírito de Deus ao crente para serviço especial na execução dos propósitos divinos por meio da igreja. [...] São recursos sobrenaturais do Espírito Santo operados por meio dos seres humanos, os crentes em Jesus, enquanto a igreja estiver aqui na terra, pois, no Céu, não precisaremos mais deles⁵⁷⁰.

Fica evidente, a partir da citação acima, a atualidade e finalidade dos Dons do Espírito Santo defendida na confissão de fé assembleiana, agora, especificamente quanto ao dom da cura, a atual declaração de fé fundamenta que os dons de curar “operam de maneira multiforme para cura de doenças e enfermidades do corpo, da alma ou psicossomáticas, sempre concedidas pelo Espírito Santo à pessoa que irá ministrá-la, pois é Deus quem cura e somente a Ele pertence a glória”⁵⁷¹. Percebemos, segundo a presente declaração, que o/a portador/a desse dom é apenas um instrumento pelo qual Deus manifesta a sua cura a pessoa doente. Em vista disso, selecionamos alguns hinos da Harpa Cristã que abordam a doutrina da cura divina com o propósito de analisar o conteúdo bíblico-teológico relacionado a essa temática.

⁵⁶⁹ RENOVATO, Elinaldo de Lima. **Dons Espirituais e Ministeriais**: servindo a Deus e aos homens com poder extraordinário. Rio de Janeiro: CPAD, 2014, p. 41-51.

⁵⁷⁰ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 171. Ver, Atos 2. 38, 39; I Coríntios 12. 1, 7.

⁵⁷¹ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 174. Ver, I Coríntios 12. 9.

Cristo Cura, Sim! (07)⁵⁷²	Jesus Te Quer Curar (415)⁵⁷³	A Riqueza Divinal (510)⁵⁷⁴
<p style="text-align: center;">1</p> <p>Contra os males deste mundo Deus nos vale só Não há mal que Deus não cure Pois de nós tem dó</p> <p style="text-align: center;">Refrão</p> <p style="text-align: center;"><i>Cristo cura, sim Cristo cura, sim Seu amor por nós é imenso Ele cura, sim!</i></p> <p style="text-align: center;">2</p> <p>Derramou seu sangue puro Pra remir a mim Quando ungido sou de azeite Sou curado, enfim!</p> <p style="text-align: center;">3</p> <p>Só nossa alma é bem segura Oculta em Jesus</p>	<p style="text-align: center;">1</p> <p>A terna voz do Salvador Te fala comovida; “Ó vem ao médico de amor, Que dá aos mortos vida”!</p> <p style="text-align: center;">Refrão</p> <p style="text-align: center;"><i>Cristo Jesus te quer curar, E tem poder p’ra te curar, Dos males todos te livrar, Se nEle confiases!</i></p> <p style="text-align: center;">2</p> <p>Crê tu, a quem já Satanás Há anos tem ligado; A fé te salva, vai-te em paz, De todo o mal curado!</p> <p style="text-align: center;">3</p> <p>Os surdos ouvem, cegos veem, Pois Cristo é poderoso! os coxos saram e andam</p>	<p style="text-align: center;">1</p> <p>Um dom real Deus despertou Nos seus fiéis – Dom de curar! Toda a doença Deus sarou, E sara ainda e vai sarar; Por Jesus, por Jesus, Oh! Não falhou, nem vai falhar!</p> <p style="text-align: center;">Refrão</p> <p style="text-align: center;"><i>Oh! Que riqueza divinal, Eu gozo já por fé e luz, Por visão triunfal, Mais gozarei com meu Jesus!</i></p> <p style="text-align: center;">2</p> <p>És cego? Crê, que tu verás, És mudo? Crê, que vais falar; És surdo? Crê que ouvirás, És coxo? Crê, que vais andar;</p>

⁵⁷² HARPA CRISTÃ, 1981, p. 14.

⁵⁷³ HARPA CRISTÃ, 1981, p. 237.

⁵⁷⁴ HARPA CRISTÃ, 1981, p. 286.

<p>Ele, o bálsamo da vida Derramou na cruz</p> <p style="text-align: center;">4</p> <p>Glória a Deus! Eterna glória Demos-Lhe louvor Glória, cânticos e hosanas Dai ao Redentor!</p>	<p>bem. Por Seu poder glorioso!</p> <p style="text-align: center;">4</p> <p>Sinais pra sempre seguirão Aos verdadeiros crentes! Demônios, sim, expulsarão, E curarão as gentes.</p>	<p>Fé em Deus, fé em Deus, Crê que Jesus te vai curar!</p> <p style="text-align: center;">3</p> <p>De que sofreis? Dos rins, pulmões? De febre, gripe, ou coração? De tosse, nervos, ou lesões? De pele, dentes, defluxão? Sarareis, sarareis, Pelo poder da oração!</p> <p style="text-align: center;">4</p> <p>Deixai as capas e vereis, As maravilhas do Senhor! Tirai a pedra e gozareis As grandes bênçãos do amor!</p> <p>Fé em Deus, Fé em Deus, A quem rendemos o louvor!</p> <p style="text-align: center;">5</p> <p>Quando a doença a nós vem ter; Em Deus devemos confiar, Pois Jesus Cristo tem poder, Pra num momento nos curar; Glória a Deus, glória a Deus. Que é poderoso pra sarar.</p>
---	--	--

O primeiro hino selecionado para essa finalidade é a canção de número 07, denominada “Cristo Cura, Sim!”, o hino foi escrito por Robert Harkness⁵⁷⁵, mas não foi possível saber quem traduziu e adaptou a letra da canção. O cântico pode facilmente ser contado entre os hinos que se referem a cura divina como tema central, pois cada uma de suas estrofes fazem esse tipo de abordagem. Nele o autor fala acerca da superioridade divina sobre toda sorte de males, compreendendo não apenas moléstias físicas, mas também psicoemocionais, e tudo isso motivado por seu amor, como também afirma a confissão assembleiana ao declarar que “a vontade de Deus é, portanto, curar tanto a alma como o corpo, [...] faz parte da natureza divina curar os enfermos, e Deus assim o faz para demonstrar o seu poder e amor pelos afligidos”⁵⁷⁶.

De todo o hino separamos apenas a segunda estrofe para examinar em detalhes, trecho que traz em seus versos a seguinte situação: **“Derramou seu sangue puro; Pra remir a mim; Quando ungido sou de azeite; Sou curado, enfim!”**. No trecho dessa canção fica explícita a doutrina da cura divina e o uso do óleo no processo de restauração física e/ou psicoemocional da pessoa enferma. Não é possível saber quem realiza o ato de derramar o óleo sobre a pessoa doente, como determina a confissão de fé assembleiana, mas sabe-se pela leitura do verso que esta pessoa não promoveu em si mesmo uma “auto unção”. Outro detalhe que se pode perceber é o processo de cura se confirmando na vida do/a que ficara doente, no entanto, deve-se entender que isto não ocorreu pelo derramamento do óleo e sim por vontade divina.

O segundo hino separado para análise é o hino de número 415 intitulado “Jesus Te Quer Curar”, canção atribuída ao pastor Paulo Leivas Macalão⁵⁷⁷, esse cântico

⁵⁷⁵ Robert Harkness (1880-1961), foi um músico australiano talentoso, com vários anos de treinamento e experiência como organista de igreja e diretor de coral. Escreveu mais de 2.000 hinos e canções evangélicas durante sua vida. Disponível em: HINOS avulsos CCB. <http://hinosavulsosccb.blogspot.com/2001/04/robert-harkness.html>. Acesso em: 23 de novembro de 2021.

⁵⁷⁶ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 179.

⁵⁷⁷ É atribuído ao pastor Paulo Leivas Macalão 244 canções da Harpa Cristã, essa quantidade corresponde a quase 50% de todo o cancionário. Para ser mais preciso, são 46,5% das canções do hinário assembleiano. Esse percentual corresponde a 188 traduções e 56 hinos autorais. Por ser pastor e músico foi peça fundamental não apenas na elaboração e tradução de hinos, mas na compilação de muitas outras canções do hinário, por este motivo se tornou o principal adaptador do hinário oficial assembleiano. Além do mais, participou ativamente do criação da primeira Harpa Cristã com letra e música, além de participar da comissão responsável pela revisão geral da Harpa Cristã atualizada. SANTIAGO, Jacó Rodrigues. **Paulo Leivas Macalão (1903-1982)**. Publicado em: 04 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.hinologia.org/paulo-leivas-macalao/>. Acesso em: 17 de novembro de 2020. Entre as composições originais e traduções de Paulo Macalão estão os seguintes hinos: Glória A Jesus (23); Deus Tomará Conta De Ti (61); Achei Jesus (62); Quem Quer Ir Com Cristo? (67); Gozo de Ter

Salvação (68); Jesus Quebrou Os Meus Grilhões (69); Cristo Jesus Vai Voltar (70); Santo És Tu, Senhor (71); Vem, Vem A Mim (73); Cristo Virá (74); Em Jesus Tens A Palma da Vitória (75); Vem Ó Pródigo (76); Guarda O Contacto (77); Meu Forte Redentor (78); Cristo Te Chama (80); O Bom Consolador (100); A Unção Real (101); Jesus Procura A Ovelha (104); A Gloriosa Esperança (105); Viva A Cristo (106); Venha A Jesus (109); Clama: Jesus, Jesus! (110); Que Mudança! (111); De Valor Em Valor (131); Obreiros do Senhor (132); Jesus À Porta Do Coração (134); O Nome Precioso (135); Jesus, Nosso Socorro (136); Liberto da Escravidão (137); Quem Bate É Jesus Cristo (138); Jesus, Meu Eterno Redentor (139); A Segurança do Crente (140); A Cidade Celeste (142); O Verdadeiro Amigo (143); Vem À Assembléia De Deus (144); União Do Crente Com Seu Senhor (145); Caminho Brilhante (134); Canto Do Pescador (149); Doce Nome De Jesus (154); Deus Nos Quis Salvar (160); Cristo Morreu Por Mim (163); Paz, Luz E Amor (164); A Armadura Cristã (165); Deixa Entrar O Rei Da Glória (166); Meus Irmãos, Nos Jubilemos (168); Oh! Jesus Me Ama (169); Ao Calvário de Horror (170); Um Pecador Remido (171); Ó Vem Te Entregar (172); Os Santos Louvam Ao Senhor (173); Irmãos Amados (175); Sacerdotes Do Senhor (176); Gloriosa Paz (178); Redentor Formoso (179); Em Cristo Fruímos A Paz (180); Jesus No Getsêmane (182); Ressuscitou (183); Meu Jesus! Meu Jesus! (184); De Valor Em Valor (186); O Meu Jesus (191); Pelo Sangue (192); A Alma Abatida (193); O Peregrino Na Terra (204); Graça, Graça (205); O Clarim Nos Alerta (206); Jerusalém Divina (207); Vem A Cristo (208); A Voz Do Bom Pastor (209); Vem A Deus (211); Os Guerreiros Se Preparam (212); Sobre A Terra Vou Andando (213); Ver-nos-emos (215); Ouve A Sua Voz (217); Dá Teu Fardo A Jesus (218); O Amor Do Criador (219); Ide Segar (220); Opera Em Mim! (221); Na Minh'alma Reina Paz (223); É O Tempo De Segar (224); Cristo, Teu Santo Amor (226); Jesus, Ó Meigo Salvador (229); Nós Vogamos Nesta Nau (230); Não Foi Com Ouro (231); O Gozo Dos Santos (234); Já Sei, Já Sei (235); Já Nos Lavou (236); O Gozo De Estar Preparado (237); Ó Pecador Desalentado (238); Imploramos O Consolador (239); Marchemos Sem Temor (241); Eu Confio Firmemente (242); Ao Abrir O Culto (243); Louvai A Jesus (244); Paz De Deus Em Jesus Encontrei (245); Hosana e Glória (248); Ó Vem, Senhor, e Habita (249); Noiva De Jesus, Apronta-te (250); Ao Culto Não Faltar (251); Santo, Santo És Tu, Senhor (252); Avante, Ó Crentes (253); Abandona Este Mundo de Horror (256); O Perdão Sem Igual (257); Creio Eu Na Bíblia (259); Avante Com O Nosso Capitão (260); Alma Triste, Abatida (261); Senhor, Estás Comigo (262); Ao Fim do Culto (263); Ó Pai Celeste (264); Jesus, Minha Força (267); Confiante Em Deus (268); Louvarei Ao Meu Amado (269); Louvando Ao Nosso Criador (270); Quando Jesus Aparecer (272); Só A Ti Recorrerei (273); Jesus É A Luz do Mundo (274); Ó Acorda, Desperta! (275); Em Canaã Eu Entrarei (276); Salvo Estás? Limpo Estás? (277); Levar A Cruz (278); Ali Quero Ir, E Tu? (279); Ó Jesus Te Suplico (280); Vem Sem Tardar (281); Que Sangue Precioso (282); Bendito Cristo, Eis-me Aqui (284); Tu És O Meu Gozo (285); Não Tarda Vir Jesus (286); Sob O Sangue Teu (289); Qual O Preço Do Perdão (292); Avante, Servos De Jesus (298); Há Um Canto Novo (299); "Vem Cear" (301); A Face Adorada De Jesus (304); Louvor Ao Deus Trino (307); Avante Eu Vou (310); Louvor À Trindade (313); O Pai Bondoso (314); Oh! Amor Bendito (315); Jesus Vem Triunfante (317); Ao Lar Paternal (318); Só Em Jesus (321); As Santas Escrituras (322); Levantai Vossos Olhos (323); Oh! Meu Jesus (326); O Pão da Vida (328); Jesus É A Minha Paz (329); Ó Caro Salvador (331); O Céu, Meu Lar (333); Oração de Elias (336); Ó Bom Jesus (337); Quero Jesus, Tua Luz (338); Um Povo Forte (340); A Aspiração Da Alma (341); Abre O Coração (343); Oh! Tenho Gozo (345); É Meu O Céu (346); Vem A Cristo (347); Longe De Jesus (348); Os Dons do Céu (349); A História da Cruz (350); Jesus, Nossa Esperança (352); Vem, Ó Pródigo (353); O Cuidado da Alma (354); Vem A Mim, Pecador (359); A Preciosa Fonte (360); O Espírito Diz: Vem! (362); Consagração (363); Oh, Que Paz! (364); Confiança Em Jesus (365); Espírito Consolador (367); Grato A Ti (370); Breve Vem O Dia (371); Vem a Teu Salvador (373); Vida Abundante (374); As Promessas Que Não Falham (377); As Pisadas do Mestre (378); Abraão e Seu Sacrifício (380); O Cordeiro De Deus (381); O Sustento da Alma (383); Sinto Vida do Senhor (384); Amemos O Senhor (385); Vencidos Os Combates (386); Canta, Ó Crente (388); Lava-me, Ó Deus (389); Há Um Amigo Mui Chegado (393); Perto do Meu Redentor (398); Terra de Jesus (399); Em Jesus (400); Ao Gólgota (402); Gozo Real (403); Em Glória Virá (404); Queres Perdão? (405); Á Sombra do Meu Redentor (406); Ó Criador Bendito (407); Abre Os Meus Olhos (408); Trabalhadores do Evangelho (409); Jesus, Meu Rei Glorioso (410); Tem Compaixão do Pecador (414); Jesus Te Quer Curar (415);

também tem a doutrina da cura divina como tema gerador e é caracterizado por uma letra que descreve a Jesus como um médico curador de todas as doenças e a atuação de satanás como um possível causador de muitos desses males (enfermidades). Mas, o que mais nos chama a atenção nesta letra está em sua quarta estrofe, que apresenta os seguintes versos: **“Sinais pra sempre seguirão; Aos verdadeiros crentes! Demônios, sim, expulsarão; E curarão as gentes”**. Este trecho certamente foi inspirado no evangelho de Marcos 16. 17, 18⁵⁷⁸, versos que correspondem a uma das marcas do pentecostalismo moderno, a crença na atualidade dessas manifestações.

O terceiro e último cântico que separamos para examinar a representatividade da Declaração de Fé assembleiana é o hino de número 510 e que tem por título “A Riqueza Divinal”, não sabemos nada acerca do/a compositor/a deste hino, muito menos se se trata de uma tradução, o mesmo ocorre em relação a outros hinos da Harpa Cristã da qual se desconhece totalmente a autoria ou tradução⁵⁷⁹. Mas o que mais importa é saber que esta canção apresenta uma profunda declaração da intervenção divina ao conceder ao seus fiéis a graça da cura física. Em seus versos encontramos provas que sustentam a doutrina da cura física no contexto da confissão

O Que Buscas Ansioso? (420); União dos Irmãos (426); Vai Orando (427); A Estrela da Alva (428); Escuta O Evangelho (429); O Evangelho da Salvação (430); Cristo Chama O Pecador (431); Consagrado Ao Senhor (432); Sois Bem-vindos (433); A Teus Pés (434); Jesus Me Levantou (435); O Dom Celeste (437); "Voltai-vos Para Mim" (438); Aos Pés De Cristo (439); Faze Já O Seu Querer (440); A Chuva Do Consolador (441); Breve Verei O Bom Jesus (442); Larga O Mundo! (443); Escuta Pobre Pecador (444); Jesus Chorou Sobre Jerusalém (461); Ao Estrugir A Trombeta (469); Avançai, Fiéis (471); Outro Bem Não Acharei (473); Paz, Doce Paz (474); O Cego de Jericó (476); Fim do Ano (480); Cristo E Sua Humilhação (481); Ora Vem, Jesus (483); Chegai Para Adorar (489); Passando Está (490); Ao Pai Voltai (493); Jesus Me Tirou da Lama (496); Meu Bom Salvador (497); Guia-me Ó Salvador (498); A Santa Bíblia (499); O Pastor Bendito (502); Vidas Consagradas Ao Trabalho (503); Momento Solene (504); As Palavras de Jesus (505); Bíblia Sagrada (506); Jesus Salva (507); Sua Palavra Revelada (508); O Amor Inesgotável (512); Em Glória Esplendente (514); Cura Divina (517); Salvas (518); Cristo, A Fonte Escondida (523).

⁵⁷⁸ Estes sinais hão de acompanhar aqueles que creem: em meu nome, expelirão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados. Marcos 16:17, 18. BÍBLIA, 1993.

⁵⁷⁹ Os hinos da Harpa Cristã escritos e traduzidos por autores/as desconhecidos/as são: Deus Velará Por Ti (04); Cristo Cura, Sim! (07); Marchai Soldados de Cristo (09); Pensando em Jesus (17); Rasgouse o Véu (72); Satisfeito Com Cristo (202); (86); Revela a Nós Senhor (88); Fala, Jesus Querido (151); A Ovelha Perdida (156); Lugar de Delícias (202); Deixai as Ilusões (203); Resgatados Fomos (266); Jesus, o Melhor Amigo (324); A Fé dos Santos (330); O Fim das Lutas (357); Ele Sofreu Por Mim (465); Comunhão (482); Há Poder No Sangue de Jesus (491); A Riqueza Divinal (510), estes hinos fazem parte do hinário tradicional, além dos hinos da última edição que são: Dominador é Deus (527); O Evangelho (554); Sempre Feliz (563); Ó Pai Bondoso (574); Em Fervente Oração (577); Herdeiro do Reino (599); Vitória Deus Dará A Mim (609); Quanto Anelo (617); Juntos, no Céu (621).

assembleiana. A começar pelo seu título, que por si só, já reflete um dos grandes ideais da denominação ao comparar “um dom real” a uma riqueza de origem divinal.

Antes de mais nada, vamos observar os trechos que separamos para examinar a presença da confissão assembleiana nos versos dessa canção. **“Um dom real Deus despertou; Nos seus fiéis – Dom de curar! Toda a doença Deus sarou; E sara ainda e vai sarar; Por Jesus, por Jesus; Oh! Não falhou, nem vai falhar!”**. Esses versos fazem parte da primeira estrofe do hino e demonstram aquilo que comentamos logo no início, a atualidade dos dons espirituais na vida da igreja, neste caso sendo representado especificamente por um dos nove dons espirituais. Esta canção reproduz a atividade de Deus em meio ao seu povo, curando toda a sorte de enfermidades, através do/a portador/a dos “dons de curar”, inclusive, para ilustrar, o/a autor/a listou uma série de moléstias, provavelmente, as mais comuns em sua época.

Perante o exposto, verificamos que os três cânticos do hinário assembleiano que selecionamos para esta etapa da pesquisa, seja em parte ou em sua totalidade, abordam os princípios ensinados e sustentados pela Declaração de Fé das Assembleias de Deus acerca da doutrina bíblica da cura divina. Estas canções fazem parte de uma pequena amostragem, pois além destes, alguns outros hinos do cancionário assembleiano procuram fazer a mesma abordagem, mesmo que não o façam como seu tema central, mesmo assim, expressam em seus versos a atuação de Deus em sua igreja, agindo através da cura física ou espiritual do seu povo. Portanto, passemos agora para mais um alicerce que faz parte da confissão assembleiana, o terceiro desta sequência e os hinos que cantam esta declaração.

3.1.3 “... Jesus batiza no Espírito Santo...”

A terceira verdade fundamental sustentada pela teologia pentecostal-assembleiana é “Jesus batiza no Espírito Santo”. Este ensino foi profusamente difundido nos primeiros anos do estabelecimento do pentecostalismo no Brasil, e ainda hoje é amplamente ensinada nas igrejas pentecostais. Na verdade, a primeiro pentecostalismo a se instalar no Brasil no início do século XX, o pentecostalismo clássico⁵⁸⁰, foi amplamente responsável, mais do que qualquer outras formas de

⁵⁸⁰ O pentecostalismo clássico, também conhecido como pentecostalismo de primeira onda, é representado por duas denominações que surgiram no Brasil no início do século XX, a primeira,

pentecostalismo posteriores⁵⁸¹, por difundir esta doutrina bíblica em território brasileiro. Foi o ensino desta doutrina que impulsionou os pioneiros suecos a virem ao Brasil e posteriormente fundarem a Assembleia de Deus. Por isso, na regra de fé assembleiana, a doutrina do batismo no Espírito Santo possui seu lugar de destaque.

O batismo no Espírito Santo é um revestimento de poder do alto [...] É, também uma promessa divina aos salvos. [...] Trata-se de uma experiência espiritual que ocorre após ou junto à regeneração, sendo acompanhada da evidência física inicial do falar em outras línguas. [...] O batismo no Espírito Santo é uma benção resultante da obra de Cristo no Calvário⁵⁸².

Como vimos, a Declaração de Fé das Assembleias de Deus ensina que o batismo no Espírito Santo é caracterizado como um revestimento de poder vindo da parte de Deus como promessa divina a sua igreja. Uma experiência que toda a pessoa salva pode ter, mas apenas após ter passado pelo processo de regeneração. Vale ressaltar que esse recebimento de poder espiritual não é sem propósitos, pois é definido como uma capacitação de Deus para a realização da obra ligada a proclamação do evangelho, além de proporcionar uma vida de vitória e de plena adoração à Deus⁵⁸³. Esse revestimento de poder é evidenciado pelo falar em outras línguas, um idioma celestial concedido por Deus a pessoa batizada. Considera-se que esse fenômeno é a evidência mais clara de uma pessoa batizada no Espírito Santo.

Em alguns casos, o batismo no Espírito Santo pode ser representado apenas por sua evidencia inicial, ou seja, uma pessoa que “fala em línguas” é obviamente uma pessoa que passou por essa experiência pentecostal. Esse fenômeno também é conhecido por “línguas estranhas”, uma forma particularmente encontrada em algumas canções da Harpa Cristã⁵⁸⁴, ou ainda, pode ser chamada de *glossolalia*

Congregação Cristã no Brasil surgiu em 1910 e a segunda, Assembleia de Deus surgiu em 1911. O pentecostalismo clássico, entre muitos aspectos, é mais conhecido pela ênfase que dá ao batismo no Espírito Santo e o falar em línguas como sua evidencia inicial. Foi essa convicção que os pioneiros assembleianos trouxeram em suas bagagens quando chegaram ao Brasil em novembro de 1910.

⁵⁸¹ No Brasil, durante a década de 1950, o pentecostalismo passou a se fragmentar com maior frequência fazendo surgir o que muitos chamam de pentecostalismo autônomo ou deutero-pentecostalismo, seu centro irradiador é São Paulo. Após esse “tipo” de pentecostalidade surge um novo modelo de pentecostalismo diferente dos anteriores, que ficou conhecido como neopentecostalismo, movimento que surge no final da década de 1970, mas ganha força na década de 80, esse novo pentecostalismo surge em outro estado, o Rio de Janeiro.

⁵⁸² CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 165.

⁵⁸³ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 166.

⁵⁸⁴ Esta expressão é encontrada em alguns hinos que abordam o batismo no Espírito Santo, por exemplo: Meu Testemunho (87); O Dom Celeste (437) e Eis-me, Jesus (478).

palavra usada para designar as línguas concedidas sobrenaturalmente por Deus, sejam elas de natureza humana ou espiritual⁵⁸⁵. Na Bíblia, as “línguas” ainda aparecem como um dom do Espírito, estamos nos referindo ao dom de “variedade de línguas” que está em I Coríntios 12. 10, neste caso, de acordo com o pentecostalismo, esse dom é apresentado como dádiva executada e aliada a outros dons espirituais⁵⁸⁶.

Fica evidente, na presente declaração, que o batismo no Espírito Santo é um evento distinto da salvação e que ocorre paralelamente ou após a conversão, o que torna esse ensino distinto de outras perspectivas pneumatológicas e soteriológicas defendidas por outras denominações protestantes. Uma vez que o batismo no Espírito Santo é ensinado como algo distinto da salvação faz-se necessário tecer os seguintes esclarecimentos acerca da pneumatologia pentecostal. Em primeiro lugar, é ensinado que no ato da regeneração a pessoa convertida é salva e recebe o que é chamado de selo do Espírito Santo, momento no qual também recebe o poder de Deus, após o novo nascimento a pessoa convertida pode passar por uma outra experiência ao receber um revestimento de poder, ato único e chamado de batismo no Espírito Santo.

Poder Pentecostal (24)⁵⁸⁷	Meu Testemunho (87)⁵⁸⁸	O Dom Celeste (437)⁵⁸⁹
1	1	1
No Pentecostes sucedeu O que Jesus falou, Pois de repente lá do céu Um vento assoprou, Que veio a casa toda encher	Justificado estou Cristo Jesus me livrou Ele é meu Mediador Também, meu bom Salvador	Assim que Deus me batizou, A minha alma viu mais luz, Pois dom celeste o Pai mandou, P’ra dar louvor ao meu Rei Jesus,

⁵⁸⁵ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 168.

⁵⁸⁶ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 169. No texto de I Coríntios 12. 10, além do dom de “variedade de línguas” temos também o dom de “interpretação de línguas”, na perspectiva pentecostal, esses dons combinados proporcionam uma melhor comunicação da vontade divina, o que fica evidente em I Coríntios 14. 1-5.

⁵⁸⁷ HARPA CRISTÃ, 1981, p. 24.

⁵⁸⁸ HARPA CRISTÃ, 1981, p. 59.

⁵⁸⁹ HARPA CRISTÃ, 1981, p. 250.

<p>E os corações com mui poder.</p> <p>Refrão</p> <p><i>Poder, poder, poder pentecostal.</i></p> <p><i>Ó vem nos Inflamar;</i></p> <p><i>Também nos renovar;</i></p> <p><i>Ó vem, sim, vem, ó chama divinal,</i></p> <p><i>Teus servos batizar.</i></p> <p>2</p> <p>Em cada um veio repousar A preciosa luz;</p> <p>O Preceptor que veio ficar Co'os servos de Jesus;</p> <p>Foi o fogo santo do Senhor. Que os encheu com Seu vigor.</p> <p>3</p> <p>E começaram a falar, Repletos de poder, Em outras línguas exaltar Ao que mandou trazer Os ricos dons do Seu amor E o poder consolador.</p> <p>4</p>	<p>Refrão</p> <p><i>Jesus, sou Teu, e Tu és meu;</i></p> <p><i>Me guiarás para o céu</i></p> <p><i>Com graça e paz me satisfaz</i></p> <p><i>Cristo, meu Mestre veraz</i></p> <p>2</p> <p>Santificado fiquei Quando a Ele roguei Ele me disse: Tomai De minha graça usai</p> <p>3</p> <p>Fui redimido, também Obra do meu Sumo Bem Tudo de graça ganhei Nada por obras da lei</p> <p>4</p> <p>Ele a promessa me deu Do Guia santo do céu Também me disse: Ficai E o batismo esperai</p> <p>5</p> <p>Quando a Ele busquei E batizado fiquei</p>	<p>Sou testemunha do meu Senhor, E sempre dEle vou falar; Também do selo de amor, Que o meu cálice faz transbordar.</p> <p>Refrão</p> <p><i>Louvado seja Jesus, o Cristo,</i></p> <p><i>Que continua a batizar,</i></p> <p><i>Com língua estranha, nós temos visto,</i></p> <p><i>O dom celeste, o Pai mandar!</i></p> <p>2</p> <p>O bom caminho vou trilhar, Se eu quiser obedecer Ao Evangelho, à luz sem par, Aonde vida vou receber, De Jesus Cristo eu falarei, que é dos homens Salvador; Ó vinde hoje e recebei, Divina graça do meu Senhor.</p>
--	---	---

<p>E quem deseja receber Esta água salutar. Que é prometida ao que crer E humilde esperar; Perseverando em oração, Terá poder seu coração.</p>	<p>Línguas estranhas falei E meu Senhor exaltei</p>	
--	---	--

A partir de agora, vamos examinar os hinos selecionados e sua compatibilidade com a Declaração de Fé das Assembleias de Deus. O primeiro cântico que selecionamos para este fim é o hino de número 24, intitulado “Poder Pentecostal”, canção escrita por José Manoel Cavalcante de Almeida Sobrinho, na época, popularmente conhecido apenas por Almeida Sobrinho. Como pontuamos nesta pesquisa o pastor Almeida Sobrinho foi o responsável pela edição do Cantor Pentecostal, suas iniciais (A.S.) constam em pelo menos 19 hinos da Harpa Cristã⁵⁹⁰, entre composições originais e traduções. O referido hino reescreve a história narrada em Atos 2, uma das passagens bíblicas preferidas do público pentecostal, história que descreve a descida do Espírito Santo sobre os primeiros discípulos em Pentecostes.

Na canção os eventos sobrenaturais são enfatizados, mas vento e fogo são elementos naturais que ganham destaque, dado a sua inesperada aparição antes da ação do Espírito Santo, é somente após o surgimento repentino e improvável desses elementos naturais, que surgem inesperadamente de forma sobrenatural, que o Espírito Santo vem sobre os discípulos concedendo a estes o “poder pentecostal”. Pentecostes, apesar de ser apenas uma festividade judaica à época, acaba por dar nome ao movimento que exalta o derramamento do Espírito de Deus e o falar em outras línguas como evidencia inicial do batismo no Espírito Santo. Não é à toa que

⁵⁹⁰ Além do hino Poder Pentecostal (24), Almeida Sobrinho também foi o autor e/ou tradutor dos seguintes hinos: Vem Já Pecador (12); Grata Nova (18); Estarás Vigindo? (98); Crê na Promessa (102); Caminhemos na Luz (103); A Fonte Salvadora (129); Imploramos Teu Poder (155); Glória, Aleluia, Glória (174); O Gozo do Céu (188); Sê Valente (225); Os Bem Aventurados (232); Oh Dia Alegre (240); Senhor, Manda Teu Poder (358); Vencerá (372); De Ti Preciso Mais (423); O Povo de Abraão (463); Ao Passar o Jordão (509); Vem o Passo Dar! (521).

este episódio é retratado em outras canções do hinário assembleiano⁵⁹¹ com o claro objetivo de fundamentar a experiência pentecostal narrada no segundo tratado lucano.

Os trechos da canção que separamos para dar destaque fazem parte das estrofes 1, 2 e 3 que descrevem o processo do derramamento do Espírito sobre os/as discípulos/as em Pentecostes. **“No Pentecostes sucedeu; O que Jesus falou; Pois de repente lá do céu; Um vento assoprou; Que veio a casa toda encher; E os corações com mui poder”**, e **“Em cada um veio repousar; A preciosa luz; O Preceptor que veio ficar; Co’os servos de Jesus; Foi o fogo santo do Senhor; Que os encheu com Seu vigor”**, e mais **“E começaram a falar, Repletos de poder; Em outras línguas exaltar; Ao que mandou trazer; Os ricos dons do Seu amor; E o poder consolador”**. Os aspectos descritos neste e noutros hinos da Harpa Cristã pretendem claramente apresentar as bases nas quais o pentecostalismo é amparado.

Mesmo que se trate de um texto narrativo, a interpretação pentecostal-assembleiana da passagem de Atos 2. 1-4 é compreendida de forma literal e tem caráter normativo, uma experiência que deve ser buscada até ser alcançada, daí a relevância de constantemente pregar, ensinar e até mesmo cantar esse evento, pois as bases do movimento pentecostal se sustentam nesse episódio, mais do que em qualquer outro trecho do mesmo livro, que da mesma maneira, narram o falar em outras línguas e descrevem a descida do Espírito Santo sobre os/as discípulos/as que fazem parte de outros grupos étnicos, como foi com os/as samaritanos/as em Atos 8. 14-17, como ocorreu com Cornélio, seus parentes e amigos/as em Atos 10.44-46 e como foi com os doze discípulos que habitavam em Éfeso narrado em Atos 19. 6-7.

A segunda canção separada para análise é o hino de número 87 que tem por título “Meu Testemunho”, canção traduzida pelo missionário Samuel Nyström, que colaborou como compositor/tradutor em outras 18 ocasiões⁵⁹². Este hino concentra nas estrofes 3, 4 e 5 algumas doutrinas pentecostais defendidas pela confissão de fé assembleiana. **“Fui redimido, também; Obra do meu Sumo Bem; Tudo de graça**

⁵⁹¹ Alguns exemplos de hinos da Harpa Cristã que cantam as ações do Espírito Santo em Pentecostes são: Poder Pentecostal (24); Um Povo Forte (340); Senhor, Manda Teu Poder (358); Vamos Todos Trabalhar (376); Jesus no Monte da Ascensão (391).

⁵⁹² Além do hino Meu Testemunho (87), os hinos que possuem as iniciais de Samuel Nyström são: Jesus Comprou-me (13); Um Meigo Salvador (82); Não Posso Explicar (83); Nívea Luz (91); O Bondoso Salvador (92); As Testemunhas de Jesus (167); Vem à Jesus, ó Perdido! (222); A Palavra da Cruz (288); Teu Espírito Vem Derramar (290); Jesus no Calvário (293); Nossa Esperança (300); Para o Céu Eu Vou (332); Quando o Povo Salvo Entrar (416); Alegrai-vos ó Remidos (454); A Fonte Transbordante (456); As Firmes Promessas (459); Jerusalém Celestial (494); Glorioso Deus (511).

ganhei; Nada por obras da lei”, e “Ele a promessa me deu; Do Guia santo do céu; Também me disse: Ficai; E o batismo esperai”, e “Quando a Ele busquei; E batizado fiquei; Línguas estranhas falei; E meu Senhor exaltei”. Estes versos narram a jornada espiritual de uma pessoa cristã, desde sua conversão, passando pelo processo de santificação, culminando com recebimento do batismo no Espírito.

Ao ler as três primeiras estrofes deste hino é possível notar que o batismo no Espírito Santo é apresentado como um evento distinto da salvação como defende a regra de fé assembleiana. Nestes versos a salvação é abordada junto a outros benefícios que a redenção traz à vida da pessoa regenerada como a “justificação” e a “santificação”, é somente após essa primeira experiência salvífica que a doutrina do batismo no Espírito Santo é ensinada e apresentada como uma “promessa” posterior a aplicação da graça na vida da pessoa salva. O testemunho expresso no hino parece desenvolver a história de uma pessoa assembleiana que após ter recebido a salvação, se dispôs a buscar e aguardar por uma segunda benção, o batismo no Espírito Santo, que quando alcançado foi confirmado com a principal evidência, as línguas estranhas.

O terceiro e último cântico para exame é o hino de número 437, canção denominada “O Dom Celeste”, um hino atribuído ao pastor Paulo Leivas Macalão, um dos maiores colaboradores do hinário assembleiano. Separamos a primeira estrofe e o refrão desse hino para extrair deles algumas expressões comumente usadas para representar a experiência do derramar do Espírito Santo, além do que ensina a confissão de fé assembleiana. **“Assim que Deus me batizou; A minha alma viu mais luz; Pois dom celeste o Pai mandou [...]; Sou testemunha do meu Senhor; E sempre dEle vou falar; Também do selo de amor; Que o meu cálice faz transbordar”** e ainda em sua estrofe **“Louvado seja Jesus, o Cristo; Que continua a batizar; Com língua estranha, nós temos visto; O dom celeste, o Pai mandar!”**.

Este cântico, da mesma maneira que o anterior, apresenta em seus versos um breve testemunho onde nele é narrado a história de uma pessoa cristã que passou por uma experiência posterior a salvação, ocasião em que recebeu o “dom celeste”, termo usado para se referir ao batismo no Espírito Santo⁵⁹³. Percebe-se o uso de um

⁵⁹³ A expressão “dom do Espírito Santo”, “dom celeste” ou “dom celestial” são expressões usadas no ambiente pentecostal que exemplificam a ocorrência do batismo no Espírito Santo na vida de uma pessoa. Essas expressões são baseadas na leitura de alguns textos bíblicos, como por exemplo: Atos 2. 38; 10. 45 e Hebreus 6. 4.

linguajar peculiarmente pentecostal para representar o derramar do Espírito Santo, uma vez que a pessoa batizada, representada na canção, “viu mais luz” ao receber o “dom celeste”, em outras palavras, esta pessoa ao confessar Jesus Cristo recebeu a luz, isto é, recebeu poder, mas ao ser batizada no Espírito Santo, recebeu mais luz ainda, isso é o que no pentecostalismo se pode chamar de *revestimento de poder*.

Há ainda dois detalhes a se destacar nesta canção, a extensão da promessa do derramamento do Espírito Santo e o sinal externo conferido a pessoa batizada, duas doutrinas defendidas pela confissão de fé assembleiana e que estão presentes na letra deste hino. A canção afirma que Jesus “continua a batizar”, isto é, o que se deu em Pentecostes pode se repetir nos dias de hoje, mas isso não significa a reprodução exata de todas as ocorrências que sucederam naquele dia, como por exemplo, o vento e o fogo, pois eles foram “sinais particulares que não se repetiram posteriormente nos batismos no Espírito Santo subsequentes, pois se tratava de um evento solene e único”⁵⁹⁴. Deste modo, o mais importante na promessa não são esses elementos, mas a descida do Espírito sobre a igreja, como afirma a Declaração de Fé assembleiana.

Essa experiência se repete na vida da igreja [...]. Isso porque a experiência pentecostal não ficou restrita ao dia de Pentecostes; ela acontece no cotidiano da igreja de Cristo na terra ao longo dos séculos [...] Jesus disse que é uma dádiva do Pai para qualquer crente que crê e busca, homens e mulheres de todas as idades, independentemente de seu status social. A promessa do Espírito Santo diz respeito principalmente aos “últimos dias” (At. 2.17), e não somente à era dos apóstolos⁵⁹⁵.

Além da crença na extensão da promessa do derramamento do Espírito sobre a vida da igreja nos dias de hoje, a regra de fé assembleiana defende ainda “o falar em línguas” como evidencia inicial na vida da pessoa batizada, como afirma o hino 437, “com língua estranha, nós temos visto, o dom celeste, o Pai mandar!”. Esses versos se referem ao “falar em línguas” como sinal externo e audível do revestimento de poder sobre a igreja, a forma mais “visível” de reconhecer uma pessoa batizada. Essa evidencia inicial aponta para uma contínua presença especial do Espírito Santo na manifestação do fruto e dos dons do Espírito⁵⁹⁶, contudo, não se pode negar os sinais

⁵⁹⁴ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 167.

⁵⁹⁵ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 167, 168.

⁵⁹⁶ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 165.

internos provocados na vida dos/as que recebem o batismo. À vista disso, passemos agora para a última verdade fundamental sustentada pela regra de fé assembleiana.

4.1.1 “... Jesus voltará”

A quarta e última verdade fundamental defendida pelo pentecostalismo clássico apresenta a seguinte assertiva “Jesus voltará”, esta declaração está no contexto das crenças assembleianas sobre a escatologia⁵⁹⁷, doutrina que para ser compreendida nesta pesquisa deve desenvolvida em uma perspectiva pentecostal. Desse modo, ao folhear as páginas da Harpa Cristã é possível perceber o frequente uso de palavras que versam sobre o destino da humanidade, dentre outros termos que estão associados ao escatologismo pentecostal. Por esta razão, torna-se difícil identificar alguns desses hinos com o objetivo de separá-los em categorias. Apesar disso, Souza Júnior conseguiu identificar 62 canções da Harpa Cristã⁵⁹⁸ com predominância da temática escatológica, o que representa 11,9% das canções do hinário tradicional⁵⁹⁹.

Desta forma, assim como nas abordagens anteriores, tencionamos fazer uma exposição dos principais conceitos teológicos defendidos pela Declaração de Fé das Assembleias de Deus e analisar sua compatibilidade com os conteúdos popularizados pelos versos do hinário assembleiano a partir de uma interpretação pentecostal. Para tanto, faz-se necessário apresentar um resumo, em ordem cronológica, dos principais eventos escatológicos defendidos e interpretados pela Assembleia de Deus, antes de nos aproximarmos dos conteúdos teológicos inseridos nos hinos da Harpa Cristã.

⁵⁹⁷ Ensino que promove reflexões acerca dos últimos dias da humanidade na terra.

⁵⁹⁸ Jesus, Comprou-me (13); Gozo em Jesus (14); Pensando em Jesus (17); Formosa Jerusalém (26); Glória ao Meu Jesus (31); Com Tua Mão Segura (33); Milícia de Jesus (34); O Exilado (36); A Cidade do Bom Deus (40); Doce Lar (43); Revela a Nós, Senhor (88); Na Jerusalém de Deus (94); Face a Face (118); No Rol do Livro (133); A Cidade Celeste (142); O Verdadeiro Amigo (143); Pela Cruz ao Céu Irei (152); Navegando pra Terra Celeste (161); Redentor Formoso (179); De Valor em Valor (186); Mais Perto, Meu Deus, de Ti! (187); O Gozo do Céu (188); A Alma Abatida (193); O Lar da Glória (197); Lugar de Delícias (202); O Peregrino na Terra (204); Jerusalém Divina (207); Desejamos ir Lá (214); Ver-nos-emos (215); O Gozo de Estar Preparado (237); Eu Confio Firmemente (242); Santo, Santo És Tu, Senhor (252); Na Mansão do Salvador (271); Em Canã eu Entrarei (276); Ali Quero Ir e Tu? (279); A Face Adorada de Jesus (304); Campeões da Luz (305); Avante Eu Vou! (310); O Pai Bondoso (314); Oh! Amor Bendito (315); Em Busca de Sião (316); Para o Céu Eu Vou (332); O Céu é o Meu Lar (333); O Fim Vem, Cuidado! (334); É Meu o Céu (346); O Fim das Lutas (357); O Peregrino e a Glória (361); Breve Vem o Dia (371); Peregrinos Somos (392); Terra de Jesus (399); Em Glória Virá (404); Quando o Povo Salvo Entrar (416); No Céu Não Entra Pecado (422); Breve Verei o Bom Jesus (442); O Festim de Glória (457); O Povo de Abraão (463); Ao Estrugir a Trombeta (469); Andando Para o Céu (485); Jerusalém Celestial (494); Quero Ver a Cristo (500); Ao Passar o Jordão (509); Minha Alma Te Quer (513).

⁵⁹⁹ SOUZA JUNIOR, 2011, p. 164.

Desse modo, o primeiro aspecto a se observar é acerca da realidade da segunda vinda de Jesus Cristo na terra, um evento que, de acordo com a regra de fé pentecostal-assembleiana, deve acontecer, repentinamente, em duas fases distintas.

A primeira fase assinala o arrebatamento da igreja⁶⁰⁰ que deve ocorrer antes da “grande tribulação”, momento em que as pessoas que morreram salvas, e somente elas, ressuscitarão primeiro com um corpo incorruptível, logo após, mas em instantes, as pessoas que estiverem vivas serão transformadas e também receberão um novo corpo, para juntas irem ao encontro de Jesus⁶⁰¹. Destaca-se a ação velada da pessoa de Jesus nesta fase, instante em que Ele receberá a sua igreja, encontrando-se com ela nos ares. Vale ressaltar que estes episódios ocorrerão sem que seja manifestada a presença física e visível de Jesus a todas as pessoas que ainda permanecerão na terra. Aliás, quanto ao termo “arrebatamento” se tornou a expressão comumente utilizada no ambiente pentecostal-assembleiano para se referir ao rapto da igreja⁶⁰².

Já na segunda fase é previsto o que se pode chamar de “vinda em glória”, momento no qual Cristo se mostrará visível aos olhos humanos. É nesta fase da segunda vinda que Cristo voltará para terra com a sua igreja glorificada para dar início ao seu governo milenar, mas não antes de derrotar o diabo e aprisioná-lo por mil anos. Até este instante alguns eventos já terão passado, tanto no céu quanto na terra, são eles, a “grande tribulação” que de acordo com a interpretação pentecostal se constitui um período de sete anos literais que sucederá na terra para as pessoas que ficarem, concomitantemente, no céu ocorrerá o “tribunal de Cristo” lugar onde as pessoas salvas receberão recompensas pelas obras realizadas por Cristo e logo após, as “bodas do Cordeiro”, um banquete que celebrará a união de Cristo com sua igreja⁶⁰³.

Existem ainda outros eventos escatológicos citados na regra de fé assembleiana, como a manifestação do anticristo, a futura vitória de Cristo sobre a besta e o falso profeta, o milênio e o juízo final. São assuntos bem fundamentados na confissão

⁶⁰⁰ Neste cenário escatológico é relevante salientar os dois estados de uma mesma igreja. A igreja triunfante, formada pelas pessoas salvas que morreram em Cristo e a igreja militante, formada por aqueles/as que permanecem vivos/as.

⁶⁰¹ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 185. Ver, I Tessalonicenses 3. 13; 4. 16, 17; Apocalipse 1. 6.

⁶⁰² O arrebatamento ou rapto da igreja será um evento repentino e secreto, apenas seus efeitos na terra serão perceptíveis. Além do mais, por não saber ao certo quando ocorrerá, faz-se necessário preparo da igreja no aguardo desse dia.

⁶⁰³ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 186-187. Ver, Mateus 24. 21; Romanos 14. 10; II Coríntios 14. 10; Apocalipse 19. 9; 22. 12.

assembleiana, mas que não receberam o destaque dos compositores/tradutores da Harpa Cristã. Os temas ocasionalmente citados foram sobre o anticristo, juízo final e o milênio, enquanto outros nem mesmo foram lembrados como a besta e falso profeta. Vale frisar que tão importante quanto o assunto é o processo de interpretação usado no contexto pentecostal que faz uso da literalidade como um princípio básico e interpretativo, principalmente no que tange aos períodos citados no texto apocalíptico, como os sete anos de tribulação e os mil anos do reinado de Jesus Cristo na terra.

<p>Quem Dera Hoje Vir! (125)⁶⁰⁴</p>	<p>Nossa Esperança (300)⁶⁰⁵</p>	<p>A Vinda de Cristo (312)⁶⁰⁶</p>
<p style="text-align: center;">1</p> <p>Vem, outra vez, nosso Salvador; Quem dera hoje vir! Para reinar com poder e amor! Quem dera hoje vir! Já por Sua Esposa, vem esta vez; Que O espera em oração; Fora do mundo de entremez; Quem dera hoje vir!</p> <p style="text-align: center;">Refrão</p> <p>Glória, glória, gozo sem fim, trará; Glória, glória, ao coroar o</p>	<p style="text-align: center;">1</p> <p>Jesus, sim, vem do céu, em glória Ele vem! Ecoa a nova pelo mundo além; Oh esperança que a Sua Igreja tem! Dai glória a Deus, Jesus em breve vem!</p> <p style="text-align: center;">Refrão</p> <p>Nossa esperança é Sua vinda O Rei dos reis vem nos buscar; Nós aguardamos, Jesus, ainda,</p>	<p style="text-align: center;">1</p> <p>Subiu triunfante p'ra o céu, o Senhor: Assim mesmo há de voltar; “Eis que venho breve”, diz o Salvador, Quando o alarido ecoar.</p> <p style="text-align: center;">Refrão</p> <p>Com muita prudência eu quero estar Esperando por meu Senhor, E sempre alerta aqui vigiar. Té que venha o meu Salvador.</p>

⁶⁰⁴ HARPA CRISTÃ, 1981, p. 79.

⁶⁰⁵ HARPA CRISTÃ, 1981, p. 176.

⁶⁰⁶ HARPA CRISTÃ, 1981, p. 182.

<p style="text-align: center;">Rei; Glória, glória, nos arrebatará; Glória, glória! Cristo vem Outra vez!</p> <p style="text-align: center;">2</p> <p>Terminará o poder do mal; Quem dera hoje ser! Começará o prazer sem igual; Quem dera hoje ser! Todos os mortos em Cristo serão Arrebatados por seu Senhor; Quando estas glórias aqui virão? Quem dera hoje ser!</p> <p style="text-align: center;">3</p> <p>Em santidade nos deve achar, Eis quEle pode vir. Todos, velando, com gozo e paz, Eis quEle pode vir. Multiplicados os sinais estão; No oriente se vê o alvor; Breve, os crentes subirão; Quem dera hoje vir!</p>	<p style="text-align: center;">Té a luz da manhã raiar. Nossa esperança é Sua vinda O Rei dos reis vem nos buscar; Nós aguardamos, Jesus, ainda, Té a luz da manhã raiar.</p> <p style="text-align: center;">2</p> <p>Jesus, sim, vem, os mortos esperando estão; O gran momento da ressurreição E do sepulcro em breve se levantarão! Dai glória a Deus, Jesus em breve vem!</p> <p style="text-align: center;">3</p> <p>Jesus, sim, vem do céu cercado de esplendor, Aniquilando a corrupção e a dor, Quebrando os laços do astuto usurpador, Dai glória a Deus, Jesus em breve vem!</p> <p style="text-align: center;">4</p>	<p style="text-align: center;">2</p> <p>Com Cristo encontrar-me, gozoso irei. Quando Ele nas nuvens descer, Corpo igual ao Seu, nesse dia terei; Que dia de glória há de ser.</p> <p style="text-align: center;">3</p> <p>Bendizendo a Cristo, no céu entrarei; Irei no milênio ingressar; Só com meu Jesus, eu aqui voltarei. Pois todas nações vem julgar.</p> <p style="text-align: center;">4</p> <p>Vem sobre o Teu povo reinar, ó Senhor! Teu reinado aqui gozo traz, Ó vem, proteção nos trazer, Salvador! Vem, Jesus, com justiça e paz!</p> <p style="text-align: center;">5</p> <p>Vem, Cristo, meu Rei, Tua Esposa buscar;</p>
---	--	---

	<p>Jesus, sim, vem, completamente restaurar O mundo que se arruína sem parar; Sim, todas as coisas vem depressa transformar Dai glória a Deus, Jesus em breve vem!</p> <p style="text-align: center;">5</p> <p>Jesus, sim, vem, e sempiterna adoração Daremos nós ao Rei de coração; Ao grande autor da nossa eterna salvação, Dai glória a Deus, Jesus em breve vem!</p>	<p>Eu quero contigo subir; Um canto perene Te quero entoar, E a glória eternal fruir.</p>
--	--	---

De agora em diante vamos analisar os recortes dos hinos selecionados para examinar a conformidade de seu conteúdo bíblico-teológico com as verdades fundamentais defendidas pela regra de fé assembleiana. O primeiro cântico selecionado para este fim é o hino de número 125, denominado “Quem Dera Hoje Vir!”, canção escrita por José Teixeira de Lima, autor/tradutor já mencionado nesta etapa da pesquisa. A canção retrata algo comum à época, um discurso predileto dos/as pentecostais, a negação do mundo e o desejo ardente pelo retorno de Cristo. Por seu título já podemos perceber este anseio pelo regresso e reinado imediato de Jesus Cristo, retorno que daria fim aos problemas circunstanciais desta vida dando início a um ambiente de benesses em detrimento das tribulações vividas na terra.

Separamos as duas últimas estrofes deste hino que afirmam **“Terminará o poder do mal; Quem dera hoje ser! Começará o prazer sem igual; Quem dera hoje ser! Todos os mortos em Cristo serão arrebatados por seu Senhor; Quando**

estas glórias aqui virão? Quem dera hoje ser!” e ainda ***“Em santidade nos deve achar; Eis quEle pode vir. Todos, velando, com gozo e paz; Eis quEle pode vir. Multiplicados os sinais estão; No oriente se vê o alvor; Breve, os crentes subirão; Quem dera hoje vir!”***. Uma avaliação dessas estrofes traz à tona diversas realidades defendidas pela regra de fé assembleiana, contudo, nos restringiremos apenas aquelas citadas no recorte. A princípio vemos a menção ao rapto da igreja, embora apenas parte dela seja citada, os mortos em Cristo, ou seja, a igreja triunfante.

Outro princípio ensinado tanto na confissão assembleiana como por este hino é a iminência do retorno de Cristo a terra, um regresso que não pode ser datado, mas apenas vislumbrado a partir dos sinais anunciados por Jesus na sua exortação sobre o princípio das dores⁶⁰⁷. A iminência desta vinda é ensinada nos trechos que afirmam ***“em santidade nos deve achar”*** e ***“velando, com gozo e paz”***. É perceptível a atenção que se deve dar ao seu regresso, uma vez que não se pode determinar quando isso irá ocorrer, sendo assim, não resta outra alternativa à igreja a não ser estar em todo o tempo preparada, daí a necessidade de ser encontrada em santidade. Além do mais, o segundo recorte do hino aponta o comportamento de uma sentinela que permanece em constante vigilância, o termo ***“velar”***, usado neste hino corrobora está perspectiva.

Por fim, outro detalhe que se pode notar nesse hino é a perspectiva pré-tribulacionista do arrebatamento da igreja defendida pela instituição, observamos nos seguintes versos essa visão ao ler, ***“glória, glória, nos arrebatará”*** e ***“todos os mortos em Cristo serão arrebatados por seu Senhor”*** e ainda ***“breve, os crentes subirão”***. Como pontuamos anteriormente, a confissão assembleiana defende que a igreja, formada por pessoas vivas e mortas em Cristo serão raptadas, isso irá ocorrer antes do início da ***“grande tribulação”*** na primeira fase da segunda vinda de Cristo, neste caso, a igreja será preservada da tribulação que atingirá toda a terra. Nesses versos é possível notar que os crentes vivos e mortos ***“subirão”***, ou seja, irão ao céu, pois em sua vinda em glória, Cristo irá partir do céu para a terra com a sua igreja glorificada.

⁶⁰⁷ O princípio das dores é um termo cunhado por Jesus para representar um conjunto de sinais que ocorrerão na terra (guerras, fomes, pestes e terremotos), na vida social (aumento das preocupações de ordem material), moral (multiplicação da iniquidade e esfriamento do amor) e religiosa (perseguições e falsas doutrinas), estes sinais devem ocorrer antes do seu retorno, episódios registrados no capítulo 24 do evangelho de Mateus. A intensificação desses sinais são conhecidos por preanunciarem o retorno de Cristo sem, no entanto, datá-lo, pois configuram-se apenas em sinais de alerta. O termo está baseado na situação de uma parturiente e nos sintomas que antecedem a concepção de um bebê.

O segundo cântico separado para exposição é o hino de número 300 que tem por título “Nossa Esperança”, uma das 19 canções traduzidas/compostas pelo missionário sueco Samuel Nyström e um dos hinos mais conhecidos e cantados da Harpa Cristã pelo pentecostalismo nacional. O seu conteúdo em muito se assemelha a canção analisada anteriormente, pois canta em seus versos a maior esperança da igreja, isto é, a ansiosa expectativa pela segunda vinda de Cristo. Em cada estrofe do cântico é retratado os resultados do regresso do Senhor a esta terra, tais como, a ressurreição dos mortos em Cristo, o arrebatamento da igreja, a vitória contra as trevas e a restauração da terra e estabelecimento do seu Reino milenar, entretanto, vamos analisar e interpretar apenas os assuntos que separamos no recorte a seguir.

“Nossa esperança é Sua vinda; O Rei dos reis vem nos buscar; Nós aguardamos, Jesus, ainda; Té a luz da manhã raiar”, e ainda **“Jesus, sim, vem, os mortos esperando estão; O gran momento da ressurreição; E do sepulcro em breve se levantarão! Dai glória a Deus, Jesus em breve vem!”**. Esses versos correspondem ao refrão e a segunda estrofe do hino em análise. Podemos perceber neles os dois públicos envolvidos no arrebatamento, a expressão *“o Rei dos reis vem nos buscar”* demonstra a alegria da pessoa do/a fiel que canta com expectativa o retorno de Cristo, enquanto que o trecho que versa sobre o *“momento da ressurreição”* enquadra as pessoas que morreram em Jesus Cristo, em outras palavras, esses trechos comunicam a realidade da segunda vinda apresentada em sua primeira fase.

O terceiro e último cântico para encerrarmos esta análise é o hino de número 312, canção denominada “A Vinda de Cristo”, um hino atribuído a Domingos Lins, todavia, pouco se sabe acerca da pessoa deste autor/tradutor, além deste hino, suas iniciais (D.L.) são encontradas em outros cinco hinos na Harpa Cristã⁶⁰⁸. Além disso, não sabemos se o hino em análise se trata de uma tradução ou de uma obra original, tampouco sabemos maiores detalhes acerca da vida deste autor/tradutor. Quanto a letra do hino, da mesma forma que os anteriores, dá destaque à variados temas escatológicos em uma perspectiva pentecostal, os temas privilegiados são: a segunda vinda em duas fases, a transformação do corpo das pessoas salvas que estiverem vivas, o julgamento das nações, o estabelecimento do período milenar, entre outros.

⁶⁰⁸ Os cânticos da Harpa Cristã atribuídos a Domingos Lins são: Para Casamentos (150); A Vinda de Cristo (312); Oração Dominical (356); Perdido Andei (425); Em Belém (475) e Ao Raiar do Novo Ano (479).

Para a análise e interpretação desta canção, separamos o recorte associado ao refrão que descreve o seguinte: **“Com muita prudência eu quero estar; Esperando por meu Senhor; E sempre alerta aqui vigiar; Té que venha o meu Salvador”**. Além do refrão separamos também as estrofes 2 e 3 que afirmam **“Com Cristo encontrar-me, gozoso irei; Quando Ele nas nuvens descer; Corpo igual ao Seu, nesse dia terei; Que dia de glória há de ser”** e ainda **“Bendizando a Cristo, no céu entrarei; Irei no milênio ingressar; Só com meu Jesus, eu aqui voltarei; Pois todas nações vem julgar”**. Na sequência veremos que este cântico, trata de maneira bem simples, diversos assuntos escatológicos ensinados na Declaração de Fé das Assembleias de Deus, os recortes aqui realizados nos guiarão no exame pretendido.

O primeiro aspecto doutrinário que podemos citar se refere a iminência do retorno de Cristo retratada na canção, uma peculiaridade encontrada em outros cânticos do hinário, o uso habitual de termos como vigilância, prudência, aguardar e esperar são frequentemente utilizados para representar nessa doutrina a postura de toda a pessoa cristã em relação ao regresso de Jesus Cristo. Além do mais, temos outros aspectos que marcam os preceitos da confissão assembleiana e estão presentes na segunda e terceira estrofe que descrevem, passo à passo, os detalhes de como esse processo deverá ocorrer segundo a confissão assembleiana, a princípio, temos Cristo descendo nas nuvens para se encontrar com a sua igreja (*quando Ele nas nuvens descer*), isso corresponde a primeira fase da segunda vinda.

Logo após, vemos a ressurreição das pessoas que morreram em Cristo e a transformação e incorruptibilidade dos corpos das demais pessoas cristãs (*corpo igual ao Seu, nesse dia terei*), e, imediatamente, a entrada da igreja no céu (*bendizando a Cristo, no céu entrarei*), após isso seguem, naturalmente, as demais etapas do cenário escatológico. Antes, percebe-se que a vinda em glória de Cristo não é citada nas estrofes deste hino, mas é importante frisar que mesmo não havendo uma menção explícita à segunda fase do regresso do Senhor com a sua igreja glorificada, este episódio fica subtendido na própria canção. Por fim, a terceira estrofe é finalizada com o estabelecimento e entrada da igreja no milênio (*irei no milênio ingressar*), e ainda, o julgamento das nações inimigas de Israel (*pois todas as nações vem julgar*)⁶⁰⁹.

⁶⁰⁹ CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil, 2017, p. 185-189.

4.2 A HARPA CRISTÃ E A DECLARAÇÃO DE FÉ DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS: UMA BREVE AVALIAÇÃO

A tarefa até aqui empreendida teve como objetivo primordial apresentar o recorte de alguns hinos da Harpa Cristã com o interesse de analisar e interpretar as letras dessas canções em conformidade com o que ensina a atual Declaração de Fé das Assembleias de Deus, destacando apenas aquelas canções que expressam em seus versos os quatro pontos cardeais que sustentam as bases do pentecostalismo moderno, a saber, “Jesus Cristo salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará”, bases essas que foram preliminares no estabelecimento do assembleianismo no Brasil e estão presentes na atual declaração, por isso a preferência por essas quatro verdades fundamentais da doutrina pentecostal-assembleiana em detrimento dos demais vinte artigos que compõem a atual e institucional declaração de fé pentecostal.

É certo que a Harpa Cristã agrega em seu acervo canções que foram reunidas ao longo de décadas pelas lideranças sueca e brasileira da instituição, foram em torno de 129 autores/as e tradutores/as⁶¹⁰, além de figuras desconhecidas que colaboraram

⁶¹⁰ A.A. – Antônio Almeida; A.A.S. – Antônio Alves dos Santos; A.B.S. – Alfred B. Smith; A.C. – Antônio Cabral; A.C.B. – Augusto C. Barbosa; A.E. – Angelina Eulina; A.G.F. – Antônio G. de Figueiredo; A.J.S.N. – Antonio José dos S. Neves; A.H.S. – Alfredo H. da Silva; A.M. – A. Mignão; AMNV – Antônio Mardônio Nogueira Vieira; A.N. – Adriano Nobre; A.O.D. – Alice O. Denyszczuk; A.R.S. - Annie R. Smith; A.S. – Almeida Sobrinho; A.T.G. – Antônio Torres Galvão; A.T.S. – A. Teixeira da Silva; B.G.; B.S. – Bruno Skolimowski; C.M.E. Carver; D.H.J; D.A.; D.L. – Domingos Lins; D.M.H. – D.M. Hazlett; D.P.A. – Dario P. Araújo; E.C. – Emílio Conde; E.E.H – Elisa E. Hewitt; E.F.C. – Edson F. Coelho; E.G. – Ernst Gebhardt; E.J.-Erik Janson; E.K.-Eufrosine Kastberg; E.V.; E.W. – Ernesto Wootton; F.A.B.; F.F.M. – Francisca F. Menezes; F.J.C.; F.N.Q. – Francisco N. de Queiroz; F.P.N. – Francisco Pereira do Nascimento; F.R.H. – Frances Ridley Havergal; F.M.S.; F.V. – Frida Vingren; F.W.S. – FW. Sulfield; F.X. – Francisco Xavier; G.G. – Gloria Gaither; G.V. – Gunnar Vingren; G.W.O. – Guido W. de Oliveira; H.E.N - Hedwig Elizabeth Nordlund; H.I.D. – Harold I. Donnelly; H.M.W - H. Maxwell Wrigth; H.N. – Herbert Nordlund; I.A.F. – Ingrid Anderson Franson; I.S.; I.W. – Isaac Watts; Ja.S; J.B. – John Bowring; J.B.A. – Jonathan Bush Atchinson; J.B.C.- José B. Cavalcante; J.C. – José Calazans; J.Car. – Joel Carlson; J.C.B. – Jane Catherine Bonar; J.D. – João Dieners; J.F.J – J.F. Jamieson; J.F. – José Felinto; J.G.R. – João G. da Rocha; J.G.W. – John G. Whittier; J.H.M -J. Herbert Melleberg ;J.H.N. – Justus H. Nelson; J.H.Y – John H. Yates; J.I.O; J.I.F - J.I. Freire; J.J.S; J.J. – John Josey; J.O - Joanyr d’Oliveira; J.P.; J.P.C. – José Pimentel de Carvalho; J.P.Q. – João P. Queiroz; J.P.S. – Julião P. da Silva; J.R. - José Rodrigues; J.R.R. – John R. Rice; J.S - Joseph Scriven; J.T.H - J.T. Houston; J.T.L. – José T. de Lima; J.W.H. – Julia Ward Howe; K.- Kalley; K.L.B. – Katharine L. Bates; K.L.C. – Kenneth L. Cox; L.A.M; L.B. – Lydia Baxter; L.E.C. – Lucy E. Campbell; L.V.F. – Luiz V. Ferreira; L.W.J. – Loretta Wilcox James; M.A.B. Mary Ann Baker; M.A.N. – Manuel Augusto Das Neves; M.A.S. Manuel Avelino de Souza; M.C.G. Mary C. Gates; M.L.Y; M.L. Martin Luther; M.S.B. – Manuel Sabino Bezerra; N.J.L. Nicodemos José Loureiro; N.J.N. – Nils J. Nelson; O.N. – Otto Nelson; O.B.; O.S.B - O. S. Boyer; P.C – Phoebe Cary; P.J.O. – Priscilla J. Owens; P.L.M. – Paulo Leivas Macalão; R.C.H. – Raymond C. Helsing; R.H. – Richard Holden; R.H.M - R. H. Moreton; R.N. – Raimundo Nonato; R.P – Ray Palmer; R.R.K – R.R. Kalley; S.B; S.E.M’N – S.E. McNair; S.J.N. – Sebastião J. Nóbrega; S.K.H. – Stuart K. Hine; S.L. – Simon Lundgren; S.N. – Samuel Nyström; S.P.K. – Sarah Poulton Kalley; S.F.B – Sanford Filmore Bennett; S.S. – Severino Silva; T.O.C – Thomas Obediah Chishom; T.H – Tora Hedlund; V.R.S - Venâncio R. Santos; W.A - W. Anglin; W.C – William Cowper; W.E.E. William Edwin Entzminger; W.L.M - Will L. Murphy; W.S - William Shaw.

na sua produção. Sabemos ainda que nos primórdios da hinologia assembleiana, bem antes da construção de sua confissão de fé, estes hinos foram sendo gradativamente selecionados como o propósito de representar a doutrina pentecostal que na época não dispunha de total representatividade nos hinários que o antecederam, entretanto, dentre as 640 canções que compõem a atual Harpa Cristã analisamos apenas os cânticos que faziam parte da edição mais popular entre os/as assembleianos/as, a versão com os tradicionais 524 hinos publicados originalmente na década de 1940.

Quanto a outros detalhes, não podemos deixar de reconhecer que a Harpa Cristã, para a Assembleia de Deus, se tornou um instrumento indispensável tanto na liturgia pentecostal quanto na propagação da confissão de fé assembleiana, e, por este motivo, pode ser comparada a um manual bíblico-teológico, embora não sistemático, no qual cada pessoa assembleiana pode usar livremente e continuamente nos diversos cenários em que se torne possível a sua instrumentalização. A maneira pelo qual esse processo de doutrinação se desenvolve é potencializado, com efeito, pelo uso da música que sempre se mostrou uma forma autêntica não apenas de entretenimento, mas também um meio de expressar sentimentos, além de ser um método eficiente de irradiação de pensamentos e ideias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Harpa Cristã e a Declaração de Fé das Assembleias de Deus são dois documentos oficialmente assembleianos que se tornaram a representação da fé pentecostal no que se refere ao assembleianismo brasileiro. O mais antigo desses ícones já alcançou o seu espaço como um emblema que identifica a própria instituição, muito embora no ano que alcança seu primeiro centenário venha experimentando um processo de desvalorização interna após várias décadas de auge que proporcionaram uma longa hegemonia na liturgia pentecostal, mas que atualmente tem mobilizando várias frentes assembleianas para manutenção de sua imagem no ambiente denominacional. O segundo e mais recente terá que encontrar seu espaço, uma vez que sua publicação já havia sido intensamente discutida até a sua atual oficialização.

A princípio, o que objetivamos apresentar nesta pesquisa foram algumas constatações e contestações refletidas na história e no desenvolvimento institucional da Harpa Cristã e sua representação doutrinária na confissão de fé pentecostal, desde a época em que as bases fundamentais do assembleianismo brasileiro eram de tal maneira incipiente como informal. Quando nos referimos a incipiência e situação informal da égide pentecostal estamos levando em consideração o que denominamos nesta pesquisa de *oralidade*, a primeira tradição usada para a divulgação da regra de fé assembleiana, somado ao primeiro estágio de sua formação que intitulamos de fase da *informalidade* no qual o breve conjunto de artigos de fé assembleiano era formado pela tétrade confissão “Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e em breve voltará”.

Neste sentido, buscamos alcançar os mesmos objetivos ao analisar a Declaração de Fé das Assembleias de Deus, considerando a despreocupação da instituição, para não dizer omissão, quanto à publicação de um credo devidamente autorizado, uma vez que as doutrinas que sustentam a fé pentecostal já circulavam livremente e informalmente entre as primeiras pessoas pentecostais antes mesmo da fundação da própria instituição, como garantimos a pouco. Embora se possa alegar que a recém igreja necessitasse de mais tempo para pensar e redigir uma confissão de fé assembleiana, uma vez que o estabelecimento da denominação se deu de forma repentina e inesperada, entretanto, tempo suficiente se passou e somente após 106 anos de sua inauguração um credo acabou por emergir no contexto assembleiano.

A princípio, nossas primeiras constatações e contestações se deram a partir de uma reflexão histórico-crítica do surgimento da Harpa Cristã num período anterior a sua primeira publicação até sua atual situação no contexto institucional, desse modo, foi fundamental compreender as necessidades litúrgicas da igreja e ao mesmo tempo sua busca por identificação teológica. Para tanto, foi necessário recorrer as primeiras publicações assembleianas onde foi possível observar essa preocupação e os primeiros vestígios da compilação de um material hínico teologicamente associado a Assembleia de Deus. Como parte dessa análise discutimos sobre uma possível 'rejeição' do *Cantor Cristão*, hinário oficial batista e a 'preferência' pelo cancionário congregacional *Salmos e Hinos*, uma escolha provavelmente feita pelos fundadores.

Como eram de origem batista e foram recebidos por esta denominação ao chegarem ao Brasil era presumível que os fundadores da Assembleia de Deus, já habituados a esse contexto, continuassem a utilizar o *Cantor Cristão* que obviamente era utilizado na liturgia batista, mas que a partir da inesperada abertura da nova denominação deixa de ser utilizado na recém liturgia assembleiana, que a princípio era formada exclusivamente por ex-membros/as da Primeira Igreja Batista de Belém, pelo menos é o que afirma a historiografia oficial assembleiana. Essa mesma historiografia manifesta o uso e a preferência dos pioneiros pelo *Salmos e Hinos*, sem apresentar qualquer razão que justificasse a sua instrumentalização a não ser o fato deste cancionário também ser utilizado por diversas igrejas evangélicas de sua época.

Ainda assim, esse simples argumento por si só não explica e tampouco justifica a utilização do *Salmos e Hinos* por estes/as assembleianos/as, a ausência de maiores informações quanto essa questão foi ignorada e deveria ter sido melhor explicada por sua historiografia oficial. A hipótese apresentada nesta pesquisa se fundamenta nos problemas institucionais entre os pioneiros e a Igreja Batista de Belém como motivo do rompimento de qualquer vínculo entre as duas denominações, aliás, entendemos que qualquer coisa que associasse a novel igreja com os batistas deveria ser rejeitada o que incluía o *Cantor Cristão*. Neste caso ou se admite esta hipótese ou ao contrário do que se pensa, podemos acatar a ideia de que os batistas de Belém também utilizavam o *Salmos e Hinos* em sua liturgia, o que seria uma absurda incongruência.

Ainda concernente ao ambiente que antecedeu o surgimento da Harpa Cristã conseguimos chegar a algumas constatações, principalmente ao nos deparar com

algumas pistas deixadas nos periódicos institucionais, nesses jornais os pioneiros demonstraram o anseio por uma coletânea de hinos que representassem a instituição, isso tudo aconteceu alguns anos antes da publicação da primeira edição da Harpa Cristã. Entre notícias, testemunhos e matérias publicadas no jornal *Boa Semente* encontramos uma mensagem de Gunnar Vingren aos/as leitores/as do periódico, nele Vingren exorta os/as assembleianos/as a lembrança de colecionarem os hinos que seriam publicados gradativamente em cada edição do jornal, o ano dessa publicação era 1919, ou seja, uns três anos antes do surgimento do hinário oficial assembleiano.

Fica evidente na mensagem deixada pelo pioneiro e editor do jornal *Boa Semente* a intenção de preparar a membresia assembleiana para os objetivos futuros da instituição. Enquanto os/as leitores/as do jornal colecionavam os hinos deixados em cada edição do periódico, a igreja se mobilizava na composição, apropriação e compilação dos hinos que conferiam com a fé pentecostal e que futuramente fariam parte do hinário oficial assembleiano. Antes disso, em 1921, um ano antes da publicação da Harpa Cristã nos deparamos com uma série de informações conflituosas acerca de um hinário considerado pela historiografia pentecostal como o 'primeiro' hinário assembleiano, estamos nos referindo ao *Cantor Pentecostal* hinário editado por Almeida Sobrinho, um personagem contestado no ambiente pentecostal.

Ao avaliar todas as referências que conseguimos captar acerca do *Cantor Pentecostal*, informações que foram extraídas exclusivamente da historiografia assembleiana, nos deparamos com aquilo que consideramos ser um equívoco ecoado na história institucional e que por este motivo buscamos contestar. Em nossa observação consideramos ser duvidosa a suposta 'primogenitura' deste hinário, uma primazia defendida pelos historiadores assembleianos. Porém, com base nessas informações e na oscilante personalidade de seu editor afirmamos exatamente o contrário, que este hinário se tratou muito mais de uma obra independente do que um projeto institucional, evidenciando assim algumas falhas na reconstituição histórica da hinologia assembleiana e nas atividades pastorais e editoriais de Almeida Sobrinho.

Entretanto, o que mais nos chama a atenção em toda a cronologia da Harpa Cristã, não está relacionada as incongruências de alguns desses fatos históricos, uma vez que esse tipo de inconsistência também é comum na reconstituição histórica de outros documentos antigos. O que nos chama a atenção neste caso é o envolvimento

da Harpa Cristã que foi usada como uma forma de ocultar a disputa pelo controle e poder religioso no contexto brasileiro e como a história deste hinário foi manipulada pela historiografia assembleiana com o objetivo de esconder essa triste realidade. Nossa assertiva está baseada na publicação de outro hinário assembleiano, o *Saltério Pentecostal*, uma coletânea de hinos que diferentemente das iniciativas anteriores, foi publicada posteriormente em 1931, nove anos após a oficialização da Harpa Cristã.

Mas, é obvio que a mera publicação do *Saltério Pentecostal*, por si só, não sustentaria a disputa pelo poder no ambiente institucional, mas pelo menos colocava em dúvida a harmonia da liturgia pentecostal e a exclusividade de um hinário que consolidava sua oficialidade por quase dez anos no ambiente assembleiano. É a informação quanto a escassez de exemplares da Harpa Cristã apresentada pela historiografia assembleiana que é usada como forma de justificar a publicação de um novo hinário no sudeste brasileiro. Não obstante, os registros históricos institucionais apresentam uma realidade que contraria a validade de suas próprias informações, uma vez que a Harpa Cristã, a partir de sua segunda edição, passou a ser publicada no Rio de Janeiro, lugar onde havia uma alegada falta de exemplares da Harpa Cristã.

Foi possível notar que a escassez de exemplares do hinário assembleiano não foi o motivo que impulsionou a publicação do *Saltério Pentecostal*, pois seria mais fácil aceitar a escassez de exemplares da Harpa Cristã em qualquer outra parte do país do que admitir essa falta na cidade onde os hinários eram publicados, aliás, Vingren, que por sinal, foi um dos fundadores da denominação e na época pastoreava a igreja que se encontrava na então capital do país, provavelmente não teria seu pedido negado ao solicitar a quantidade necessária para abastecer a igreja que pastoreava em São Cristóvão. Julgamos que a história da suposta escassez surgiu apenas para esconder a rivalidade entre dois ícones da liderança sueca das Assembleias de Deus que disputaram o poder eclesiástico durante a primeira metade da década de 1930.

De resto, quanto mais avançamos na análise e desenvolvimento da história da Harpa Cristã adentramos numa esfera da pesquisa muito mais descritiva do que reflexiva, pois nos deparamos em um recorte histórico do qual extraímos apenas informações sobre as inúmeras alterações ocorridas em cada publicação do hinário. Além disso, como foi possível constatar é impossível negar os momentos de altos e baixos que o hinário assembleiano passou em toda a sua história, sejam pelas

inúmeras inovações que o hinário recebeu ao longo do tempo ou pela infeliz e perceptível desvalorização interna do hinário pelas gerações de jovens assembleianos/as. Por isso as inúmeras investidas institucionais que procuravam a manutenção da Harpa Cristã foram pensadas para atender esse seletto público.

Quanto as questões específicas em torno da Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil foi possível notar uma impressionante demora na publicação de uma confissão assembleiana, essa atitude apenas demonstrou a falta de preocupação da denominação em adotar um documento confessional que representasse doutrinariamente a instituição, uma tarefa que por um longo período foi desempenhada pela Harpa Cristã e por outros escritos e documentos institucionais. Consideramos que teria sido mais interessante para a instituição ter se ocupado na elaboração de uma particular declaração de fé no ato do seu surgimento o que a notabilizaria não apenas como movimento dissidente, mas principalmente como instituição religiosa com ideais e interpretações diferentes da igreja que fizera parte.

A princípio nossa ideia foi repetir o mesmo processo histórico realizado com a Harpa Cristã produzido no segundo capítulo, mas agora buscando uma reconstituição histórica e crítica acerca da construção do credo assembleiano e de todo o cenário que possibilitou a sua recente publicação. Para chegar a esta finalidade fez-se necessário revisitar o passado assembleiano onde encontramos em seus primórdios os vestígios de uma confissão de fé pentecostal associada a denominação. Nossa reconstituição buscou apresentar os primeiros documentos institucionais que carregaram em seu bojo uma espécie de proto-confissão de fé assembleiana, mas não antes de expor as principais declarações de fé do protestantismo histórico que chegaram a influenciar, de alguma forma, a atual declaração de fé assembleiana.

Por se tratar de um assunto relativamente novo devido à recente publicação da Declaração de Fé das Assembleias de Deus que ocorreu apenas em 2017, e, portanto, ainda não muito debatido e ao mesmo tempo pouco pesquisado, foi necessário realizar alguns procedimentos iniciais e dividir o período que compreende o surgimento e o desenvolvimento da confissão de fé assembleiana entre duas tradições e três fases. No tocante as duas tradições consideramos a forma como esse credo foi perpetuado entre a membresia assembleiana, a princípio pela tradição oral e logo após, mas não apenas, pela tradição escrita. Além das duas tradições

apontamos ainda três fases em que os documentos escritos foram se desenvolvendo alcançando em cada etapa um novo formato e envolvendo novos personagens.

Quanto as três fases da confissão assembleiana fizemos um recorte histórico baseada na análise dos documentos que buscaram representar distintamente toda a confessionalidade assembleiana. A princípio dividimos todas as fases considerando seu início, atuação e extensão, neste caso a primeira fase chamamos de *informalidade*, período inicial do credo assembleiano que se desenvolveu com a chegada dos pioneiros ao Brasil e se baseou no caráter informal de sua propagação, a segunda fase é a da *formalidade*, período no qual diversas versões do credo assembleiano foram publicadas nos periódicos institucionais e formalmente passaram a apresentar o que cria a instituição no, e, por fim, consideramos de período da *oficialização*, fase em que a confissão de fé assembleiana foi publicado oficialmente.

Além dessas questões históricas nossa pesquisa buscou compreender as razões que fizeram tardar a oficialização de um credo que já circulava, mesmo que não oficialmente, na esfera assembleiana isso se deu por uma série de discordâncias e divergências que partiram de uma parcela significativa da liderança assembleiana que se mostrou contrária a ideia de uma confissão de fé com a pretensão que isso causaria uma desvalorização da Bíblia Sagrada. Mesmo assim, foi possível observar uma série de credos elaborados individual ou institucionalmente, credos que acabaram por influenciar e estabelecer as bases para a futura declaração de fé assembleiana publicada em 2017.

Com o objetivo de confirmar a relação da Harpa Cristã com a Declaração de Fé das Assembleias de Deus, realizamos ainda a análise de alguns hinos da Harpa Cristã, contudo, seria demasiadamente exaustivo realizar uma exposição dos hinos que amparam doutrinariamente todos os vinte e quatro artigos que compõem o atual credo assembleiano, por isso, selecionados alguns hinos com base na mais antiga confissão de fé assembleiana, a téttrade pentecostal. A partir desta proto-confissão, selecionamos três hinos da Harpa Cristã e extraímos de suas letras os ensinamentos que sustentam as mais antigas doutrinas do pentecostalismo moderno. A partir dessa etapa da pesquisa foi possível constatar a proximidade desta confissão com o hinário assembleiano, considerando um irradiador das doutrinas pentecostais.

REFERÊNCIAS

- 3 PALAVRINHAS. **Sobre nós**. 2017. Disponível em: <https://www.3palavrinhas.com.br/sobre-o-3-palavrinhas>. Acesso em: 12 de julho de 2018.
- ALBERIGO, Giuseppe (Org). **História dos concílios ecumênicos**. Tradução: José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1995.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. **Assembleia de Deus: origem, implantação e militância**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. **Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011**. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2013.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. **Protestantismo tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira**. 2 ed. São Paulo: Arte Editorial, 2007.
- ALMEIDA, Abraão (org.) **História das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.
- ALMEIDA, João Carlos de (s.c.j.). **Cantar em espírito e em verdade! Porquê, como, o quê, quando cantar?** São Paulo: Loyola, 1990.
- ALVARSSON, Jan-Ake. The Development of Pentecostalism in Scandinavian Countries. In: KAY, William K; DYER, Anne E (Ed). **European Pentecostalism**. Leiden, Netherlands: Koninklijke Brill, 2004.
- AMJSAD. **Associação Musical**. Disponível em: <http://amjsad.com.br>: Acesso em: 18 de janeiro de 2020.
- ANDRA, Helmut. **Heliodor Eoban Hesse, o co-fundador do Rio de Janeiro**. Revista de História do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, v. 2, nº 5, 1951.
- ANDRADE, Claudionor Correa. **Manual da Harpa Cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- ANGLADA, Paulo. **Sola scriptura: a doutrina reformada das Escrituras**. São Paulo: Knox Publicações, 2016.
- ARAUJO, Isael de. **100 acontecimentos que marcaram a história das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

ARAUJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

ARAUJO, Isael de. **Frida Vingren**: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

ARAUJO, Isael de. História do “Cremos” das ADs. In: OBREIRO, Aprovado. **Revista Evangélica trimestral**: liderança, teologia, prática. Ano 38, nº 75. Rio de Janeiro: CPAD, 2º trimestre de 2016.

ARAUJO, Isael de. **História do movimento pentecostal no Brasil**: o caminho do pentecostalismo brasileiro até os dias de hoje. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

ARAUJO, Isael de. **José Wellington**: biografia. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

ASSEMBLIES of God. **Statement of fundamental truths**. Publicado em: 24 de novembro de 2011. Disponível em:

https://web.archive.org/web/20111124205321/http://agchurches.org/Sitefiles/Default/RSS/AG.org%20TOP/Beliefs/SFT_2011.pdf. Acesso em: 02 janeiro de 2020.

ASSOCIAÇÃO Cristã Editora. **Hinário Hinos e Cânticos**: um patrimônio das “Casas de Oração” para ser amado, conservado e amado. São Paulo: Associação Cristã Editora, março de 2016. Disponível em: <https://hinosecanticos.com.br/>. Acesso em 11 de julho de 2018.

BAILLIE, John. **Memoir of the Rev. William Hepburn Hewitson**. New York: Robert Carter & Brothers, 1851.

BALEIRO, Aliomar. **Constituições brasileiras 1891**. 3 ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012.

BARLÉU, Gaspar. **O Brasil Holandês sob o Conde Maurício de Nassau**. Tradução: Cláudio Brandão. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940.

BARTLEMAN, Frank. **Azuza Street**: el principio del pentecostalismo em el siglo XX. Traducción: Virginia Lopez Gradjean. Colombia: Editorial Peniel, 1996.

BASTIAN, Jean-Pierre. **Historia del protestantismo**. México: Casa Unida Publicaciones, 1986.

BASURKO, Xabier. **O canto cristão na tradição primitiva**. Tradução Celso Márcio Teixeira. São Paulo: Paulus, 2005.

BECKER, Jürgen. **Apóstolo Paulo, vida, obra e teologia**. Tradução Irineu J. Rabuske. São Paulo: Academia Cristã Ltda, 2007.

BECKWITH, Roger T. **Daily and weekly worship: jewish to christian**. Bramcote: Grove Books, 1987.

BEEKE, Joel R; FERGUSON, Sinclair B. **Harmonia das confissões de Fé Reformada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

BERG, David. **Daniel Berg**: enviado por Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BERKHOF, Louis. **A história das doutrinas cristãs**. Tradução: João Marques Bentes e Gordon Chown. São Paulo: PES, 2015.

BERKHOF, Louis. **Princípios de interpretação bíblica**: para a orientação no estudo das Escrituras e para uso em seminários e institutos bíblicos. Tradução Denise Meister. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BLUMHOFER, Edith L. Waldvogel. **The Assemblies of God**: a chapter in the story of american pentecostalism. Vol. 1- To 1941. Missouri: Gospel Publishing House, 1989.

BOA SEMENTE. Belém, ano I, nº 01, 18 de janeiro de 1919.

BOA SEMENTE. Belém, ano I, nº 02, 16 de abril de 1919.

BOA SEMENTE. Belém, ano IV, nº 17 e 18, março e abril de 1922.

BOA SEMENTE. Belém, ano V, nº 31, 31 de dezembro de 1923.

BOA SEMENTE. Belém, ano VI, nº 36, maio de 1924.

BOA SEMENTE. Belém, ano VI, nº 39, agosto de 1924.

BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo**: a globalização e o futuro da humanidade. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

BOHLMANN, Ralph A. **Princípios de interpretação bíblica nas confissões luteranas**. Tradução Mário L. Rehfeldt. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, 1970.

BONINO, José Miguez. **Rostos do protestantismo Latino-americano**. Tradução Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BONNARD, Pierre; MASSON, Charles. L'Épître de Saint de Saint Paul aux Colossiens. **L'Épître de Saint Paul aux Philippiens**: Neuchatel: Delachaux & Niestlé S.A, 1950. (Commentarie du Nouveaus Testament 10).

BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. **Música sacra evangélica no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1961.

BRAKEMEIER, Gottfried. **Preservando a unidade do Espírito no vínculo da paz: um curso de ecumenismo**. São Paulo: ASTE, 2004.

BRASIL, **Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 24 de fevereiro de 1891**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.htm. Acesso em: 10 de janeiro de 2020.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**. Uma história da igreja cristã. Tradução Israel Belo de Azevedo. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CÂMARA dos Deputados. **Carta régia de 28 de janeiro de 1808**. 28 de janeiro de 1808. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/carreg_sn/anterioresa1824/cartaregia-35757-28-janeiro-1808-539177-publicacaooriginal-37144-pe.html. Acesso em: 22 de janeiro de 2020.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro**: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. Revista USP, nº 67 (set.-nov. 2005).

CARDOSO, Dario de Araujo. **A influência do saltério de Genebra na solidificação da fé reformada**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

CARDOSO, Douglas Nassif. "Salmos e hinos": uma análise da formação do primeiro hinário protestante produzido no Brasil Império. In: CAMPOS, Leonildo Silveira (Ed.). **Revista semestral de estudos e pesquisas em religião**. São Bernardo do Campo, Ano XVIII, Nº 27, dezembro de 2004.

CARDOSO, Douglas Nassif. **Robert Reid Kalley**: médico, missionário e profeta. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

CARDOSO, Douglas Nassif. **Sarah Poulton Kalley (1825-1907)**: professora, missionária e poetisa. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2004.

CÉSAR, Elben M. Lenz. **História da evangelização do Brasil**: dos Jesuítas aos Neopentecostais. Viçosa: Ultimato, 2000.

CÉSAR, Salustiano Pereira. **O congregacionalismo no Brasil**: fatos e feitos históricos. Rio de Janeiro: Ordem dos Ministro Evangélicos do Brasil, 1983.

CHAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. 11 ed. Vol. 1 A-C. São Paulo: Hagnos, 2013.

CHAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. 11 ed. Vol. 5 P-R. São Paulo: Hagnos, 2013.

COLLIN, Matthieu. **El libro de los Salmos**. Estella: Editorial Verbo Divino, 1997. (Cuadernos Biblicos, 92).

CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. 6 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

CONSELHO de doutrina da CGADB. **Manual de doutrina das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

CONVENÇÃO da Assembleia de Deus no Brasil. **História centenária da Assembleia de Deus no Brasil**. São Cristóvão: CADB, 2017.

CONVENÇÃO Geral das Assembleias de Deus no Brasil. **Declaração de fé das Assembleias de Deus**: Jesus salva, cura, batiza no espírito Santo e breve voltará. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

CORREA, Marina Aparecida O. dos Santos. **Assembleia de Deus**: Ministérios, carismas e exercício de poder. São Paulo: Fonte editorial, 2013.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Eu creio no Pai, no Filho e no Espírito Santo**. São Paulo: Edições Parakletos, 2002.

COTHENET, Édouard. **As epístolas aos Colossenses e aos Efésios**. Tradução: José Maria da Costa Villar. São Paulo: Paulus, 1995. (Cadernos Bíblicos, 67).

CPAD. Disponível em: <http://www.editoracpad.com.br/cemp/historia.php>. Acesso em 27 de janeiro de 2020.

CPAD. Disponível em: <http://www.cpadnews.com.br/43%C2%AA-ago-da-cgadb/39160/convencionais-aprovam-contas-da-cgadb-e-debatem-declaracao-de-fe-da-denominacao.html>. Acesso em: 20 janeiro de 2020.

CPAD. Disponível em: <http://www.editoracpad.com.br/cemp/quemsomos.php>. Acesso em: 27 de janeiro de 2020.

CPAD. Disponível em: <http://www.harpacrista.com.br/historia.php?i=3>. Acesso em: 11 de julho de 2018.

CPAD Vídeo. **Harpa Cristã para bebês**. Publicado em: 26 de março de 2008. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=imN0jxqC6_w. Acesso em 8 de março de 2019.

CRISPIN, Jean. **A tragédia de Guanabara ou Historia dos Protomartyres do Christianismo no Brasil**. Tradução: Domingos Ribeiro. Rio de Janeiro: Typo-Lith, Pimenta de Mello & C, 1917.

CULLMANN, Oscar. **A formação do Novo Testamento**. Tradução: Bertoldo Weber. 7 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

CULLMANN, Oscar. **The Christology of the New Testament**. Translated by Shirley C. Gunthrie and Charles A. M. Hall. Philadelphia: Westminster Press, 1963.

DANIEL, Silas. **A história dos hinos que amamos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

DEISSMANN, Gustav Adolf. **St. Paul: a study in social and religious history**. London: Hodder and Stoughton, 1912.

DI SANTE, Carmine. **Israel em oração: as origens da liturgia cristã**. Tradução: João Aníbal Garcia Soares Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1989. (Biblioteca de estudos bíblicos).

DOTRO, Ricardo Pascual; HELDER, Gerardo García. **Diccionario de liturgia**. 3 ed. Buenos Aires: Amico, 2006.

DUNN, James D. G. **A teologia do apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2003.
Tradução: Monika Ottermann.

ESKEW, Harry; McELRATH, Hugh T. **Cantare con el entendimento**: uma introducción a la himnología Cristiana. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1994.

FAJARDO, Maxwell. **Onde a luta se travar**: uma história das Assembleias de Deus no Brasil. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

FAZOLI FILHO, Arnaldo. **História do Brasil**. São Paulo: Editora do Brasil, 1977.

FERNANDES, Rubem César (et. al). **Novo nascimento**: os evangélicos em casa, na igreja e na política. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Franklin. A presença dos reformados franceses no Brasil colonial. In: **Vox Scripturae**. Revista Teológica Internacional. v. 10, nº 1, dezembro de 2000.

FERREIRA, Franklin. **O credo dos apóstolos**: as doutrinas centrais da fé cristã. São José dos Campos: Editora Fiel, 2015.

FLOR, Geovano Prudencio. **A dúvida razoável e o princípio do in dubio pro reo**. Jus.com.br. 15 de novembro de 2016. Disponível em:
<https://jus.com.br/artigos/53826/a-duvida-razoavel-e-o-principio-do-in-dubio-pro-reo>.
Acesso em: 06 de março de 2020.

FOLEY, Edward. **Foundations of christian music**: The music of pre-constantinian christianity. Collegeville: The Liturgical Press, 1996.

FONTENELE, Cláudio Henrique S. **De volta às raízes da Harpa Cristã**. Ultimato, publicado em: 29 de março de 2018. Disponível em:
<http://ultimato.com.br/sites/jovem/2018/03/29/de-volta-as-raizes-da-harpa-crista/>.
Acesso em: 4 de maio de 2019.

FORSYTH, William B. **Jornada no império**: vida e obra do Dr. Kalley no Brasil. Tradução: Maurício Fonseca dos Santos Júnior. São José dos Campos: Editora Fiel, 2006.

FOULKES, Francis. **Efésios**: introdução e comentário. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. **Cantos para o culto cristão**: Critérios de seleção a partir da tensão entre tradição e contemporaneidade. São Leopoldo: Sinodal, 2001. (Teses e Dissertações, 16).

FRESTON, Paul. **Protestantismo e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1993.

GALVÃO, Helder Corrêa. **Harpa Cristã, atravessando fronteiras**. In: Pentecostes. Rio de Janeiro, ano 2, nº 15, Setembro, 2000.

GANDRA, Valdinei Ramos; WESTPHAL, Euler Renato. Assembleia de Deus: questões identitárias na criação do Centro de Estudos do Movimento Pentecostal. CEMP. In: **Revista Estudos Teológicos**. Programa de Pós-Graduação em Teologia. São Leopoldo, v.53, nº 2, jul/dez 2013.

GASS, Ildo Bohn (Org). **Uma introdução à Bíblia**: porta de entrada. 2 ed. Volume 1. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2012.

GASSMANN, Günther; HENDRIX, Scott. **As confissões luteranas**: uma introdução. Tradução: Ênio Mueller. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

GEISLER, Norman. **Teologia Sistemática**. Tradução: Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. Vol. 2 (Pecado, salvação, a igreja e as últimas coisas).

GEISLER, Norman; HOWE, Thomas. **Manual popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia**. Tradução: Milton Azevedo Andrade. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

GEISLER, Norman; NIX, William. **Introdução bíblica**: como a Bíblia chegou até nós. Tradução: Oswaldo Ramos. São Paulo: Editora Vida, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GILBERTO, Antonio (Ed). **Teologia sistemática pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

GILBERTO, Antonio. **Doutrina bíblica e usos e costumes na igreja**. Rio de Janeiro: CPAD, s/d.

GINSBURG, Salomão L. **Um judeu errante no Brasil**: autobiografia. Tradução: Manoel Avelino de Souza. 2 ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1970.

GIRALDI, Luiz Antonio. **História da Bíblia no Brasil**. 2 ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

GISEL, Pierre (Org). **Enciclopédia do protestantismo**: teologia, eclesiologia, filosofia, história, cultura, sociedade, política. Tradução: Norma Cristina G. Braga Venâncio. São Paulo: Hagnos, 2016.

GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo**: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. Tradução: Hans Udo Fuchs e Key Yuasa. Volume 1, 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GOSPEL Prime. Disponível em: <https://www.gospelprime.com.br/jovens-evangelicos-16-e-24-anos/>. Acesso em 12 de julho de 2019.

GOURGUES, Michel. **Os hinos do Novo Testamento**. Tradução: José Maria da Costa Villar. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção cadernos bíblicos, 66).

GRANDES Personagens da Nossa História. **Nassau**. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

HAHN, Carl Joseph. **História do culto protestante no Brasil**. Tradução de Antônio Gouvêa Mendonça. 2 ed. São Paulo: ASTE, 2011.

HEIMANN, Leopoldo (Ed.). **As Confissões Luteranas**. São Leopoldo: Departamento de Comunicação da Igreja Evangélica Luterana no Brasil, 1980.

HINÁRIO, **Cantor Cristão**. 36 ed. Edição revista e documentada. Rio de Janeiro: JUERP, 1986. (Edição com 581 títulos).

HINÁRIO, **Cantor Cristão**. 4 ed. com música. Edição revista e documentada. Rio de Janeiro: JUERP, 1971.

HINÁRIO, **Cantor pentecostal das igrejas pentecostais do Brasil**. 7º ed. São Paulo, 1966.

HINÁRIO, **Cantor Pentecostal**. 2º ed. Belem: Typ. Guajarina, 1921.

HINÁRIO, **Salmos e Hinos**. São Paulo: Editôra Livraria Evangélica Presbiteriana Ltda, 1956. (Nova edição com 608 títulos).

HINÁRIO. **Harpa Cristã cifrada**: para violão, guitarra, piano, teclado e contrabaixo. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

HINÁRIO. **Harpa Cristã com música em Mi Bemol (Eb)**: para requinta, sax alto, tuba, clarone alto, sax horn, sax barítono. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

HINÁRIO. **Harpa Cristã com música em Si Bemol (Bb)**: para trompete, clarinete, sax tenor, sax soprano, barítono e tuba sib. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

HINÁRIO. **Harpa Cristã**. 2 ed. Rio de Janeiro: Oficinas Irmãos Pongetti, 1923.

HINÁRIO. **Harpa Cristã**. 4 ed. Rio de Janeiro, 1932.

HINÁRIO. **Harpa Cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 1981.

HINÁRIO. **Psalmos e Hymnos**. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1861. (Primeira edição com 50 títulos).

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HINOS avulsos CCB. Disponível em:

<http://hinosavulsosccb.blogspot.com/2001/04/robert-harkness.html>. Acesso em: 23 de novembro de 2021.

HUGHES, Philip Edgcumbe (Ed.). **The register of the company of pastors of Geneva in the time of Calvin**. Eugene: Wipf & Stock Publishers, 2004.

IBGE. **Censo, amostra – religião**. 2010. Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>. Acesso em: 12 de julho de 2019.

JEREMIAS, Joachim. **Jerusalem em tiempos de Jesus**: Estudio economico y social del mundo del Nuevo Testamento. Traducción: J. Luis Ballines. 2 ed. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1980.

JOANYR, Oliveira. **As Assembleias de Deus no Brasil**: sumário histórico ilustrado. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

JUBILUT, Lílíana Lyra; GODOY, Gabriel Gualano (Org's). **Refúgio no Brasil**: comentários à lei 9.474/97. São Paulo: Editora Quartier Latin do Brasil, 2017.

KALLEY, Sarah Poulton. **A alegria da casa**: ou raios de luz sobre a vida familiar. 5 ed. Lisboa: Barata & Sanches, 1894.

KEITH, Edmond D. **Hinódia Cristã**. Tradução de Bennie May Oliver. 2 ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.

KIRST, Nelson. **Culto Cristiano**: Historia, teología y formas. Quito: CLAI, 2000. (Serie colmena 1/2).

KROZZ Band. Disponível em: <https://www.oincfilmes.com.br/marcas/krozz-band>. <http://krozz.com.br/sobre/>. Acesso em: 12 de julho de 2018.

LEONARD, Émile-Guillaume. **O protestantismo brasileiro**: um estudo de eclesiologia e história social. In: Revista de História do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo USP, v. 35, nº 72, 1967.

LÉRY, Jean de. **Viagem à Terra do Brasil**. São Paulo: Martins/USP, 1972.

LÍVIO, Tito. **História de Roma**. Volume I. São Paulo: Editora Paumape, 1989.

LIVRO de Concórdia. **As confissões da Igreja Evangélica**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

LUTERO, Martin. **Catecismo maior ou doutrina cristã fundamental**. Tradução: Zaqueu A. de Carvalho. São Paulo: Livraria Fittipaldi Editora, 1965.

MANUAL da Harpa Cristã instrumental. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

MARIS, Cecilia Loreto. Pentecostalismo: mudança do significado de ter religião. In: **Revista do Instituto Humanista Unisinos**. São Leopoldo: IHU On-Line, nº. 400, ago. 2012.

MAROT, Clement; BEZE, Theodore. **Les Pseaumes de David, mis em Rime Francoise**. Paris: 1565.

MARRA, Cláudio Antônio Batista. **A Confissão de Fé de Westminster**. 17 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

MARTIN, Ralph P. **Adoração na Igreja Primitiva**. Tradução: Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982.

MARX, Alfred. **Los sacrificios del Antiguo Testamento**. Tradução Pedro Barrado Fernández e María Pilar Salaz Pérez. Estella: Editorial Verbo Divino, 2002. (Cuadernos Biblicos, 111).

MAXWELL, William D. **El Culto Cristiano**: su evolución y sus formas. Buenos Aires: Methopress Editorial y Grafica, 1963.

MCGRATH, Alister. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução à teologia cristã. Tradução: Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

MEEKS, Wayne A. **Los primeros cristianos urbanos**. El mundo social del apostol Pablo. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1988.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. A crise do culto protestante no Brasil. In: MARASCHIN, Jaci Correia (Ed.). **Revista semestral de estudos e pesquisas em religião**. São Bernardo do Campo, Ano I, Nº 2, outubro de 1985.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MENSAGEIRO da Paz. Rio de Janeiro, Ano 1, nº 2, janeiro de 1931.

MENSAGEIRO da Paz. Rio de Janeiro, Ano 2, nº 17, junho de 1932.

MENSAGEIRO da Paz. Rio de Janeiro, Ano 8, nº 187, outubro de 1938.

MENSAGEIRO da Paz. Rio de Janeiro, Ano 9, nº 196, julho de 1939.

MENSAGEIRO da Paz. Rio de Janeiro, Ano 39, nº 13, junho de 1969.

MENSAGEIRO da Paz. Rio de Janeiro, Ano 50, nº 1115, março de 1980.

MENSAGEIRO da Paz. Rio de Janeiro, Ano 56, nº 1188, abril de 1986.

MENSAGEIRO da Paz. Rio de Janeiro, Ano 81, nº 1523, abril de 2012.

MENSAGEIRO da Paz. Rio de Janeiro: Ano 83, nº 1548, maio de 2014.

MENSAGEIRO da Paz. Rio de Janeiro, Ano 83, nº 1553, outubro de 2014.

MENSAGEIRO da Paz. Rio de Janeiro, Ano 86, nº 1569, fevereiro de 2016.

MESQUITA, Antônio Neves de. **História dos batistas do Brasil**: de 1907 até 1935. Volume II. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

MICHAUD, Jean-Paul. A Palestina do primeiro século. In: MAINVILLE, Odette (Org.). **Escritos e ambiente do Novo Testamento**: Uma introdução. Tradução Lúcia

Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2002.

MÍGUEZ, Nestor O. La sinagoga en el Nuevo Testamento. In: RIBLA. Revista de interpretación Bíblica Latinoamericana. **Lectura judía y relectura cristiana de la Biblia**. Quito: Ribla, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MINISTERIO DA AGRICULTURA, INDUTRIA E COMMERCIO, Directoria Geral de Estatística. **Recenseamento do Brazil: População**. Realizado em 1 de setembro de 1920. Volume IV, População do Brazil por Estados, Municipios e Districtos, segundo o gráo de instrucção, por idade, sexo e nacionalidade. Republica dos Estados Unidos do Brazil. Rio de Janeiro: Typ. da Estatística, 1929.

MONTEIRO, Simeide Barros. **O cântico da vida: análise de conceitos fundamentais expressos nos cânticos das igrejas evangélicas no Brasil**. São Bernardo do Campo: ASTE, 1991.

NASSAU, Rolando de. **Henry Maxwell Wright (1849-1931)**. Publicado em: 01 de julho de 2015. Disponível em: <http://www.hinologia.org/henry-maxwell-wright/>. Acesso em: 23 de agosto de 2019.

NYSTRÖM, Samuel. Escolas bíblicas e trabalho literário. In: VINGREN, Ivar (trad.). **Despertamento apostólico no Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

O SOM ALEGRE. Rio de Janeiro, março de 1930, ano I, nº 04.

OBERACKER JÚNIOR, Carlos Henrique. **A contribuição teuta à formação da nação brasileira**. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

OBREIRO, Aprovado. **Revista Evangélica trimestral: liderança, teologia, prática**. Ano 2, nº 5. Rio de Janeiro: CPAD, abril-junho de 1979.

OBREIRO, Aprovado. **Revista Evangélica trimestral: liderança, teologia, prática**. Ano 36, nº 62. Rio de Janeiro: CPAD, 2º trimestre de 2013.

OBREIRO, Aprovado. **Revista Evangélica trimestral: liderança, teologia, prática**. CPAD, Ano 36, nº 63. Rio de Janeiro: CPAD, 3º trimestre de 2013.

OBREIRO, Aprovado. **Revista Evangélica trimestral: liderança, teologia, prática**. Ano 38, nº 75. Rio de Janeiro: CPAD, 2º trimestre de 2016.

OLIVEIRA, Joanyr. **As Assembleias de Deus no Brasil: sumário histórico ilustrado.** Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

OLIVEIRA, Raimundo Ferreira de. **Pontos salientes da nossa fé: uma declaração de fé das Assembleias de Deus no Brasil.** Campinas: Edições Pentecostal, 1983.

OLSON, Roger. **História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas.** Tradução: Gordon Chown. São Paulo: Editora Vida, 2001.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra.** Tradução Enid Abreu Dobránazky. Campinas: Papyrus, 1998.

PACOMIO, Luciano (Ed.). **Dicionário teológico enciclopédico.** São Paulo: Loyola, 2003.

PÁDUA, Jorge Hage. **Cristãos louros descidos do Norte: os holandeses e o diálogo religioso no Brasil seiscentista.** São Leopoldo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, 2001. (Série Ensaios e Monografias).

PAROSCHI, Wilson. **Origem e transmissão do texto do Novo Testamento.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

PASSOS, João Décio. **Pentecostais: origens e começo.** São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção temas do ensino religioso).

PETHRUS, Lewi. **Lewi Pethrus: A vida e obra do missionário sueco que expandiu a mensagem pentecostal no Brasil e no mundo.** Tradução Samuel e Tommy Nelson. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

POMMERENING, Claiton Ivan. Oralidade e escrita na teologia pentecostal: acertos, riscos e possibilidades. Revista eletrônica do Núcleo de estudos e Pesquisas do Protestantismo da Faculdades EST. *In: Protestantismo em Revista.* São Leopoldo, v. 24, jan-abr, 2011.

PONTES, Paulo. **Missão Harpa: hinos da Harpa Cristã para a nova geração.** Seara News. Publicado em: 1 de novembro de 2017. Disponível em: <http://www.searanews.com.br/missao-harpa-hinos-da-harpa-crista-para-a-nova-geracao/>. Acesso em: 11 de julho de 2018.

PORTAL luteranos. **Saltério de Genebra.** Publicado em: 29 de junho de 2012. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/salterio-de-genebra>. Acesso em: 23 de janeiro de 2020.

PORTO, Humberto. **Liturgia judaica e liturgia cristã.** São Paulo: Paulinas, 1977.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMOS, Adejarlan. Harpa Cristã: importância histórica e teológica. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro: Ano 84, nº 1548, p. 23, Maio de 2014.

RAMOS, Lincoln (Org). **Fragmentos dos evangelhos apócrifos**. Petrópolis: Vozes, 1989. (Coleção Bíblia apócrifa).

REICH, Christa. O hino sacro. *In*: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich (Eds.). **Manual de ciência litúrgica: Ciência litúrgica na teologia e prática da igreja**. Tradução Luís Marcos Sander e Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/Centro de Recursos Litúrgicos da Faculdades EST, 2016. Volume 4 (Práticas especiais do culto cristão).

REILY, Duncan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984.

RENOVATO, Elinaldo de Lima. **A família cristã e os ataques do inimigo**. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

RENOVATO, Elinaldo de Lima. **Dons Espirituais e Ministeriais: servindo a Deus e aos homens com poder extraordinário**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

REVISTA Exame. **Onde estão os católicos do mundo**. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/onde-estao-os-catolicos-do-mundo/>. Acesso em: 23 de abril de 2019.

REY, Alain. **Dictionnaire Le Robert micro d'apprentissage de la langue française**. Deuxième édition: Paris, 1995.

REYNIER, Chantal. **Para ler o apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2012.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo e cultura brasileira: aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil Monárquico 1822-1888: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1973. (Biblioteca Pioneira de Estudos Brasileiros).

RIBEIRO, Domingos. **Origens do evangelismo brasileiro**. Esboço histórico. Rio de Janeiro: Est. Graf. Apollo, 1937.

RIBEIRO, Ezilne Nogueira. **Eurico Alfredo Nelson (1862-1939) e a inserção dos batistas em Belém do Pará**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) Universidade Metodista de São Paulo, 2011.

RIBEIRO, Reyth da Cunha. **A influência helenística na vida, obra e teologia do apóstolo Paulo e a concepção de Oscar Cullmann sobre a imortalidade da alma e a ressurreição dos mortos na teologia paulina**. 2014. Dissertação (Mestrado em Teologia). Faculdades EST. São Leopoldo.

RIGGS, Ralph M. **Nós cremos**. Adaptado por Judy Bartel. Campinas: Instituto de Correspondência Internacional, 1997.

ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do passado**: ensaio histórico do início e desenvolvimento do trabalho evangélico no Brasil, do qual resultou a fundação da “Igreja Evangélica Fluminense”, pelo Dr. Robert Reid Kalley. Primeira fase – 1855 a 1864. Volume I. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade, s/d.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil**: uma interpretação sócio-religiosa. Petrópolis: Vozes, 1985.

ROLOFF, Jürgen. O culto no Protocristianismo. *In*: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich (Eds.). **Manual de ciência litúrgica**: Ciência litúrgica na teologia e prática da igreja. Tradução: Luis Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal/Centro de Recursos Litúrgicos da Faculdades EST, 2011. v. 1 (Fundamentos do culto cristão).

ROUTLEY, Eric. **Music leadership in the church**: A conversation chiefly with my american friends. New York: Abingdon Press, 1967.

SANTANA, Mário Sergio de. Reportagem sobre a AD em 1945: Jornalistas seculares da época mostram como era a Assembleia de Deus. *In*: **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, ano 86, nº 1569, fevereiro de 2016.

SANTIAGO, Jacó Rodrigues. **Paulo Leivas Macalão (1903-1982)**. Publicado em: 04 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.hinologia.org/paulo-leivas-macalao/>. Acesso em: 17 de novembro de 2020.

SANTOS, Gilmar. **Do Salmo 5 ao “Atos 2”**: uma panorâmica sobre o Salmos e Hinos na música evangélica no Brasil. Ex Code. 2006. Disponível em: <http://http://www.hinologia.org/do-salmo-5-ao-atos-2-uma-panoramica-sobre-salmos-e-hinos-na-musica-evangelica-no-brasil-gilson-santos/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2020.

SCHALKWIJK, Frans Leonard. **Igreja e estado no Brasil Holandês (1630-1654)**. 2 ed. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1989.

SCHALKWIJK, Frans Leonard. Índios evangélicos no Brasil Holandês. *In*: BOOCART, Ernerst van Den; TEESNMA, Benjamim Nicolas; SCHALKWIJK, Frans Leonard (Org's). **Viver e morrer no Brasil Holandês**. Recife: Massangana, 2005.

SCHLESINGER, Hugo. **Pequeno vocabulário do judaísmo**. São Paulo: Paulinas, 1987.

SCHLIER, Heinrich. **La carta a los efésios**: comentário. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1991.

SCHMIDEL, Ulderico. **Viage al Rio de La Plata y Paraguay**. Buenos Aires: Imprenta Del Estado, 1836.

SCHNEEBERGER, Carlos Alberto. **Manual compacto de história do Brasil**. São Paulo: Editora Rideel, 2003.

SCHNELLE, Udo. **Paulo**: vida e pensamento. São Paulo: Paulus, 2010. Tradução: Monika Ottermann.

SEGERTONER sångbok. Disponível em: <https://psalmerna.se/Wiki/index.php?title=Segertoner>. Acesso em: 20 de julho de 2019.

SENDA DO CRISTÃO, A. São Bernardo do Campo, janeiro à março de 2016, ano 56, nº 212.

SILVA JÚNIOR, Joaquim O. P. da. **Comparativo da Harpa Cristã com outros hinários**. s/d.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000.

SOARES, Esequias. A razão da nossa fé: assim cremos, assim vivemos. **Lições bíblicas – Adultos (Professor)**. Rio de Janeiro: CPAD, 3º trimestre, jul-set de 2017.
SOARES, Esequias. **A razão da nossa fé**: assim cremos, assim vivemos. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

SOARES, Esequias. **Credos e confissões de fé**: Breve guia histórico do cristianismo. Recife: Editora Bereia, 2013.

SOARES, Esequias. O texto padrão da Bíblia das Ads. *In*: OBREIRO, Aprovado. **Revista Evangélica trimestral**: liderança, teologia, prática. Ano 36, nº 62. Rio de Janeiro: CPAD, 2º trimestre de 2013, p. 18.

SOUZA JUNIOR, Milton Rodrigues de. **Cantai e multiplicai-vos...**: estudo da harpa cristã como instrumento de expansão da missão no pentecostalismo no Brasil (1910-1970) Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2011.

SOUZA JUNIOR, Milton Rodrigues de. **Música sacra, mas nem tanto...**: a história das origens da música evangélica no Brasil e o equívoco no conceito de sacralidade musical. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

STADELMANN, Luís I. J. **Hinos e preces do Novo Testamento**. Petrópolis: Vozes, 2000.

STADEN, Hans. **Hans Staden, suas viagens e captivo entre os selvagens do Brasil**. Edição comemorativa do 4º centenario. Tradução da primeira edição original com anotações explicativas. São Paulo: Instituto Historico e Geographico de São Paulo, 1900.

STARK, Rodney. **O crescimento do cristianismo**: um sociólogo reconsidera a história. Tradução: Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Paulinas, 2006.

STEIN, Robert H. **Guia básico para a interpretação da Bíblia**: interpretando conforme as regras. Tradução: Adão Pereira da Silva. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

SVENSKA Söndagsskolsångbok. Disponível em: [https://psalmerna-se.translate.google.com/Wiki/index.php?title=Svensk_s%C3%B6ndagsskols%C3%A5ngbok_\(1929\)&_x_tr_sl=sv&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc](https://psalmerna-se.translate.google.com/Wiki/index.php?title=Svensk_s%C3%B6ndagsskols%C3%A5ngbok_(1929)&_x_tr_sl=sv&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc). Acesso em: 20 de julho de 2019.

SYNAN, Vilson. **O século do Espírito Santo**. 100 anos do avivamento pentecostal e carismático. Tradução: Judson Canto. São Paulo: Editora Vida, 2009.

UNTERMAN, Alan. **Dicionário judaico de lendas e tradições**: 222 ilustrações. Tradução: Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

VANHOOZER, Kevin J. **Autoridade bíblica pós-reforma**: resgatando os solas segundo a essência do cristianismo protestante puro e simples. Tradução: A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2017.

VASCONCELOS, Alcebíades Pereira. **Estadista e embaixador da obra pentecostal no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

VAUX, Roland de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. Tradução: Daniel de Oliveira. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História geral e do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Scipione, 2013.

VINGREN, Gunnar. **O diário do pioneiro**. Tradutor: Ivar Vingren. 5 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

VINGREN, Ivar (org). **Despertamento apostólico no Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

VITÓRIO, Jaldemir. Os estudos bíblicos em novas perspectivas. *In: Revista Perspectiva Teológica*. Departamento de Teologia do Programa de Pós-Graduação em Teologia. Belo Horizonte, v. 31, nº 85, set/dez de 1999.

VOZ DA VERDADE, Belém, Ano I, n. 1, 1917.

WÄTJEN, Hermann. **O domínio colonial holandês no Brasil**. Um capítulo da história colonial do século XVII. Tradução: Pedro Celso Uchôa Cavalcanti. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

WHITE, James F. **Protestant worship: traditions in transition**. Kentucky: Westminster John Knox Press, 1989.

WULFHORST, Ingo. **O pentecostalismo no Brasil**. *In: Revista Estudos Teológicos*. Programa de Pós-Graduação em Teologia. São Leopoldo, v.35, nº 1, 1995, p. 08, 1995.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica: meios de se descobrir a verdade da Bíblia**. Tradutor: Cesar de F. A. Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994.

ANEXOS

2 BOA SEMENTE

ciente como estava o povo por allí. Esse lhe disse: talvez o senhor ainda não ouviu falar da perda de Ensor?

—Como então? —Sim. O senhor sabe que elle tinha um cavallo muito bom, de valor de 250 dollars, e uma dessas noites passadas, elle experimentando o saltar uma cerca, não lhe aconteceu o melhor que uma vara entrou no lado do cavallo, e foi preciso matal-o em seguida.

Muitos annos depois, quando já o pregador tinha se mudado para outra cidade, um dia, quando lia, sentado na varanda de sua casa, viu um homem sujo, de vestes ruggadas, com um velho cachimbo na bocca, se approssimar do logar em que estava, querendo se assentar nos degraus da varanda.

Elle vinha de uma viagem, que fizera para mendigar, e por isso queria demançar. Mas o pregador, ao approssimar-se d'elle, para fallar-lhe, notou que esse homem lhe parecia conhecido, e buscou recordar-se em mente, contintou a examinar o seu semblante, quando teve plena certeza de que elle era o seu antigo amigo Ensor. E para que elle não negasse, falou logo de seu nome. O homem respondeu, embora não sem gozo, mas quando viu que era conhecido não se occultou.

—E onde mora? perguntou o pregador. Eu não móro em canto nenhum. —Onde está sua esposa? —Ella morreu. —E o que resta do seu sitio? —Eu não tenho sitio... não tenho nada... tudo se foi! —Ensor, disse o pregador, o senhor se lembra, quando começou a roubar de Deus, quando roubaras a terra crecida no campo que tinha promettido a Deus!

O homem ficou como se estivesse morto e o seu cachimbo cahiu nos degraus de pedra e quebrou-se em muitos pedacos. Quando tornou novamente a si, disse: «Eu queria saber o que aquella terra para fazer com isso?» E o pregador fez tudo para que aquella verdade chegasse áquella consciencia endurecida, usou por palavras de amor, como por palavras de justiça. Mas, Ensor, sangrado porque perdeu o seu cachimbo, levantou-se e foi-se embora, sangrado com o pregador e com Deus.

Depois o pregador soube que, depois que Ensor perdera o seu cavallo, botou a familia do seu proprio filho para fora da casa, porque o filho não podia pagar o aluguel que estava devendo.

Permitta Deus que o leitor guarde esta historia em seu coração.

Nós somente podemos negociar com os talentos que o Senhor nos deu ou nos dá. Não podemos, porem, é roubar do Senhor.

Amen.

Traduzido do sueco por
Otto Nelson.

Apresentamos a exemplo, semo rolado, para fazermos uma pequena advertencia. Lembramos aos amados irmãos, que nos leem, que acerca da doçura e offerta deus, ha não apenas uma simples obrigação e nada mais.

Haç, porem, que vivamos sob a lei da graça e do amor, na disposição do Novo Testamento, e não comprehendamos que para darmos, para a propagação da Evangelho, devemos fazê-lo de maneira que contribuamos, não só com os talentos e as offerta da obrigação antiga, como também com aquillo que a nós mesmos pertence.

Queremos assim lino dizer, que devemos dar com abundancia, pois comprehendemos que o amor, que em obras ou outra qualque manifestação, é grande e superabundante em todos e em todos, sem cessarmos nem fadarmos.

E verdade que se nem com talentos e offerta contribuimos, tornando-nos desconfiança de Deus, como «Esau», como haver amor em nós? ou como fadado ao pouco alheio, como xeremos fidei no muito que nos pertence? Se alguém não ouzara e que é obrigado, como pôde fazer aquillo que é voluntario, um acto de vontade, sem gozo franco de amor? Não fiquemos assim, sejamos amados e liberados. Christo Jesus disse: «Se amais os que vos amam, que galardão haveis?» (Math. 5: 46). Assim, se amos fidei disposições de Christo, damos aquillo que não nos pertence, pois o deu a nós e a proprio Senhor, que assignou a fidei da nossa propria parte? Que galardão teremos se darmos ao estrangeiro fidei-seo o que nos foi entregue? Jesus, falando de um servo que foi servido pelo seu servo, disse: «Permitta-me agraças ao tal servo, por se comprido com o que lhe foi mandado? Não por não. Assim, também nós, quando fidei: tudo o que

vos foi mandado, disse: amos servos imutes, porque fidei: o que deviamos fazer (Luc. 17: 9, 10).

Todos nós sabemos que quanto ao darmos os nossos bens (não os do Senhor), para o Evangelho não é lei estranha, mas por esta facio, nós—os servos verdadeiros de Christo Jesus, que buscamos permanecer em seu amor e nos suas palavras—achamos até que seja um privilegio, para termos oportunidade de darmos uma prova evidente do amor que temos a nra. Bendito Salva-nos Jesus-Christo.

Cremos, porem, que um crente fiel e abundante a Christo-Jesus, não limita os seus talentos a simples doçura e offerta, mas dá-las ao além de suas posses, para que todos os pozadores possam ouvir o Evangelho da Salvação. Assim, um crente do Novo Testamento, deve ser mais adiantada que aquelles do Velho Testamento, pois Christo o disse, falando dos que ensinam e cumprem os seus mandamentos: «Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e pharisaeos, não podereis entrar no ceo» (Math. 23: 23).

«Al de vos escribas e pharisaeos? que dizeis a herdeis, o endro e o contido, e despreza o mais importante do lei, o juizo, a misericordia e a fidei: dades fidei: com talis e não ouzais aquillo» (Math. 23: 23).

Para prova do que dizeis, veja-se:—no Velho Testamento: Prov. 11: 24; 19: 17; 1: 9, 10; Nehem. 10: 38; 13: 12; Mal. 3: 10; e no Novo Testamento: Math. 6: 20; 14: 40; Marc. 12: 41-44; 1: 12; 1: 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10; Luc. 11: 29; Rom. 15: 26; Gal. 3: 10; Act. 3: 13, 14.

Deus que abenço estas palavras. Amem. (Nota do Red.)

VICTORIA DO CRENTE

(Música: (Psal. — Hym. n.º 401)

Não se riu, oh! coação,
Me busca, oh! tu, sempre-fiel,
Fui fecho a bocca do leão,
Na cova estou com Daniel.

Coro

Sou eu aquelle o Grande «EU SOU»,
E onde estas também estou...
Não disse eu ha muito já:
«Pedi, pedi... dar-se-vou-lha»,
Pedi, em vos dades depressa,
O Espirito-Santo da Promessa.

Quem segue as pisadas da fé
De Abrahão, sempre venceu,
Quem quer estar sempre em pé,
Precisa crer como elle creu.

A um terremoto, e logo após
Fogo do ceo, muito furor,
Ouviu Elias minha voz:
Voz de Esposo, voz de amor.

Só uma vez Estevão viu
Meu ceo aberto, e viu-me a Mim;
Apedrejado, inda sorriu,
E foi fiel até o fim.

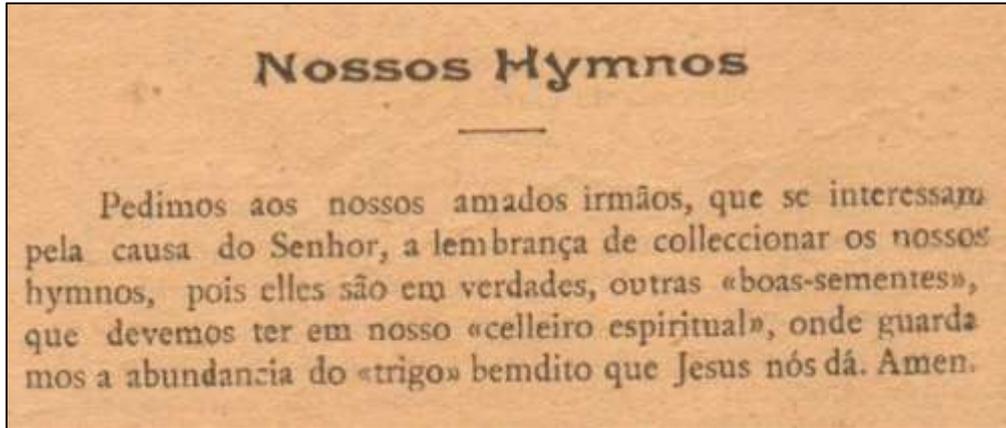
Pedi meu sangue contra o mal,
E n'elle as vestes, sim, levei:
Buscae o LAR CELESTIAL,
Que é a casa de Meu Pai.

Pará-1919

José Rodrigues

Anexo 1: Página 2 da segunda edição do Jornal Boa Semente de 16 de abril de 1919. Na página pode-se ver o hino nº 401 do Salmos e Hinos, intitulado *Victoria do crente*.

Fonte: Acervo da Faculdade Boas Novas



Anexo 2: Recorte da página 4 da segunda edição do Jornal Boa Semente de 16 de abril de 1919. Fonte: Acervo da Faculdade Boas Novas



Anexo 3: Primeira página do jornal Voz da Verdade de 1917. Fonte: CEMP/CPAD

BOA SEMENTE

«O reino de Deus é semelhante ao homem que semear a semente no seu campo.» — Mat. 13:24.

ORGÃO DA EGREJA PENTECOSTAL

Direcção de Gunnar Vingren

Redacção: Trav. 9 de Janeiro, 75

Anno I

Para-Belem, 16 de Abril de 1919

Num. 2

O que nós cremos

Cremos em toda a palavra de Deus, que foi escripta pela inspiração do Espírito de Deus, e que Deus quer que nós sigamos-a, para que experimentemos tudo o que n'ella é mencionado e prometido;

Cremos em uma salvação completa: salvação de todo o peccado, pelo pagamento de sua divida, pela lavagem completa de suas manchas, e pelo aniquilamento do seu poder;

Cremos na cura divina effectuada por Jesus, em toda doença, porque tanto os nossos peccados como as nossas doenças Jesus tomou sobre si (Isa. 53);

Cremos no poder efficaz da oração, e por isso nós oramos;

Cremos nas bênçãos do Senhor, e na necessidade de obedecermos a Jesus, em tudo, conforme a sua palavra, e que para isso descemos com Elle á sepultura, e morre pelo baptismo;

Cremos que Jesus morreu e que também ressuscitou—morreu, cumpridos da lei e substituto do peccador, mas ressuscitou e vive «para ser nosso intercessor»;

Cremos que devemos e podemos entrar em comunhão com o Salvador vivo, pelo seu Espírito-Santo, e que esta comunhão com Jesus é perfeitamente manifesta pelos sinais e prodigios sobrenaturaes, pois ella em nós se opera, quando temos uma vida verdadeiramente espiritual, com dons espirituaes: como lingua estranha, etc;

Cremos que Jesus «em breve virá, para receber a sua Esposa, e que ella, durante o milenio, julgará e reinará com Elle. Isto é o que nós cremos, praticamos e annunciamos como testemunhas do Senhor, e por isso, como testemunhas suas que somos, nada queremos occultar, augmentar ou mudar, sobre tão importante assumpto.—O que nós não queremos ser é perjurados espirituaes.

EXPEDIENTE

Como em nosso primeiro numero, só acceptaremos em nossas columnas os artigos que tenham assignatura de seus proprios autores e que estejam em conformidade com a doutrina.

Estamos grandemente agradecidos a Deus pelo apoio que achamos entre os interessados pelo evangelho, pois que já hoje pode ser publicado o segundo numero deste humilde jornalzinho. Por isso insistimos em dizer que só podemos continuar com a sua publicação pela efficacia das orações dos crentes em nosso Senhor Jesus Christo, no sentido de que elle dê prosperidade a este trabalho, assim como, todos oram pelo nosso amado irmão José Rodrigues, nosso auxiliar para que o Senhor lhe dê graça, força e saúde, para que elle continue a dar-nos tão importante auxilio como o que nos vem prestando. Tambem pedimos aos que se interessam pela propagação do Santo Evangelho, para que dirijam suas contribuições para o nosso director Gunnar Vingren, Caixa Postal 672, Belem-Pará.

Como «Ensor» roubava de Deus

(Uma historia que é verdadeira)

Por E. Zorhir.

«Pensas vós que um homem pode roubar de Deus? E disse, em que te roubamos? Sim, nos dizimos e offerus alçadas.» Mal. 3: 8.

Um Servo do Senhor, no Estado de Matá, da America do Norte, tinha na sua igreja um homem, que se dizia convertido, mas que era muito amante do dinheiro. Elle desejava receber todas as bênçãos que o Evangelho contem, mas, o que parece é que elle não queria comprehender o mandamento: «de graça vobes e de graça dae.» O pregador teve vontade de ajudar o homem; mas sempre que elle lhe falou alguma coisa, para que elle contribuísse para o trabalho do Evangelho em sua terra ou nos países pagãos, foi sempre encontrado com a desculpa: que tinha a sua familia para sustentar e por isto não tinha dinheiro para dar.

Um dia quando o pregador sa de viagem, sentido em seu campo, viu o homem (queremos chamal-o «Ensor»), que estava em seu campo, pelo que parou o carro para conversar com elle. O pregador, então, deu-lhe conselhos para que elle separasse um pedaço do campo e o traxesse da melhor forma, para dar depois o seu producto ao Senhor.

Ensor prometeu fazer assim, e o pregador ficou satisfeito e foi-se alegre. E «Ensor» começou a plantar o campo separado para o Senhor e a semente plantada começou a crescer maravilhosamente. Quando o pregador o viu outra vez, elle disse: que nunca tinha visto uma semente tão boa para crescer, e mais lhe admirava porque o terreno plantado era o peor de todo o campo.

Então o pregador lhe disse: Sim, é o Senhor que tem abençoado a sua lavoura, e você sabe que tem prometido tudo para o Senhor.—«Não! eu não sei disso, disse Ensor. Em momento esperava ter 4 arrobas, mas vou ter ao menos 30. E eu vou dar só as 4 arrobas que eu esperava, e o resto eu preciso para o sustento da minha familia.» O pregador falou contra isto, mas não pôde convencer o lavrador avarento. E com algumas palavras, deixou-o ir.

Algumas semanas depois, veio, fora do tempo, uma noite de muito frio. E quando o pregador se encontrou com Ensor, perguntou-lhe se o frio havia estragado a sua lavoura.

—«Estragou, sim, disse elle rangendo... toda a lavoura está estragada, excepto o pedaço separado...—«Oh! o quinhão do Senhor está guardado! interrompeu dizendo o pregador.

—Eu comprehendo o que chama «quinhão do Senhor», mas eu o chamo «meu quinhão», disse Ensor. Porque eu penso de usar cada espiga para mim e ninguém deve esperar que eu dê alguma coisa, quando eu tenho tão sorte tão ruim.»

—Meu irmão—disse o bondoso pastor—nada ha neste mundo que se chame «sorte ruim». O que o homem semear, isto tambem ceifará. Veja, pois, como semeia...

Um mez mais tarde, entrando o pregador numa loja da vizinhança de Ensor, para fazer compras, indagou do nego-

A segunda vinda do Senhor

(de rev. Wm. A. Cox)

«Eis que presto venho», Apo. 22

Vamos ler alguma cousa que a Escripura nos ensina sobre a segunda vinda de Jesus.

I

A realidade da sua vinda

A vinda de Christo é um dos factos mais mencionados na palavra de Deus. Muito mais frequentemente mencionado é elle no Velho Testamento do que a encarnação ou crucificação, salvação, santificação, cura divina, ou ainda qualquer outro thema. O pensamento dominante, pois, em todo o Novo Testamento é a segunda vinda de Jesus, e lá ella é mencionada mais de 180 vezes.

Quando Jesus, do monte de Olivetis, subiu ao ceu, desceram dois cardeos do paiz da Gloria, e fallaram aos Apóstolos, dizendo: «Galileus, porque estais olhando para o ceo? esse Jesus que dentre vós foi recebido ao ceo, assim virá do modo como o vistes ir para o ceo.» Job disse: «Sei porém que o meu redemptor vive, e o que vem depois de mim se levantará sobre o pó; e depois de destruída esta minha pelle, mesmo fora da minha carne verei a Deus: vel-o-hei ao meu lado, e os meus olhos o contemplarão, não mais como adversário: eis que os meus rins desfalleceram dentro de mim» (Job. 19: 23-27. trad. do orig. grego). No monte da transfiguração, Jesus mostrou um retrato do vivo da sua vinda, que S. Pedro diz: «Pois não seguimos fabulas engenhosas, quando vos fizemos conhecer o poder e a vinda de Nosso Senhor Jesus Christo; mas nós fomos testemunhas oculares da sua magestade» (2 Pedro 1: 16). E o Psalmista diz: «Seja eu, quando acordar, entificado com a tua semelhança» (Ps. 17: 15).

II

A paz da delle e que vem

Muitas opiniões e idéias tem sido propostas sobre o futuro, mas que não são fundadas na palavra de Deus. Quando creança eu fui dirigido a crer que eu seria um anjo e que Jesus é um espirito.

Mas, ainda peor, é que Jesus Christo, nestes últimos dias, é proposto como se não existisse de maneira alguma. Ha homens que não creem nem ensinam a resurreição do corpo ou a vinda personificada de Christo.

Eu creio, porém, que uma corrente de acontecimentos, que estão em conexão com Jesus-Christo, revelará o que é e quem é que podemos esperar, ao tempo da sua vinda. Houve um homem que foi crucificado, sepultado, e que depois resuscitou (S. Math. c. 27: 45 a c. 28: 19). Houve um homem que appareceu perante os Apóstolos no Cenaculo, e disse:

«Olhae para as minhas mãos e os meus pés, pois sou o mesmo» (Luc. 24: 39). Houve um homem que Estevão viu a dextra de Deus (Act. 7). Houve um homem que S. Paulo viu no caminho de Damasco, quando foi cercado por uma luz (Act. 9). Houve um homem que subiu, num carro de nuvem, para a Gloria, o qual é mencionado nos Act. 1: 11. E, assim, um homem que voltará em nuvens de gloria (Apo. 1: 7).

III

A nossa attitude perante a sua vinda

Qual deve ser a nossa attitude perante a sua vinda?

Nós devemos estar vigiando

«O que digo a vós, digo a todos: Vigia» (Marc. 13: 37). Devemos ter o nosso oculo de alcance, apontado para o ceu,

sempre aguardando a vinda do nosso Esposo; sempre olhando para cima, para as estrellas, esperando vel-o. Devemos, também, orar, para abreviarmos a sua volta: «Pae nosso que estaes no ceo, santificado seja o teu nome; venha a nós o teu reino, seja feita a tua vontade assim na terra como no ceu.» A vontade de Deus não pode ser executada na terra antes que Jesus tenha voltado. Também devemos estar em actividade. Thiago diz: «Mostra-me a tua fé sem as obras e eu te mostrarei a minha fé pelas obras.» S. Paulo diz: «Rememora o tempo porque os dias são máos» Devemos estar vigiando e activos, para apressarmos a vinda de Jesus.

IV

O nosso estado, na sua vinda

Devemos estar promptos a encontrá-lo, em qualquer momento em que elle venha. Um bello exemplo nos é dado em S. Math. 23: 1-10, na narração das virgens. Dez virgens sahiram a encontrar o esposo. Cinco foram prudentes e preparadas; cinco foram loucas e não preparadas, quando foram encontrá-lo em sua vinda. Cinco, não somente levariam uma lampada acesa comalho, como também levariam um vaso com óleo, que symbolisa o Espirito-Santo. As outras cinco apenas levaram uma lampada acesa. As cinco virgens prudentes representam aquelles que são salvos, lavados e cheios do Espirito-Santo; e as cinco virgens loucas aquelles que são salvos, mas não limpos nem cheios de Espirito-Santo. Nós cremos que, para estar-se preparado para a vinda de Jesus, o que requer-se é: estar limpo.

«Bemaventurados os limpos de coração, porque elles verão a Deus.» S. Paulo escreveu aos Corinthios: «Pois vos zelo com zelo de Deus, porque vos desposi com um só esposo, para vos apresentar a Christo com uma virgem pura» (2 cor. 11: 2). Enquanto S. João escreveu: «Todo o que nelle tem esta esperança, purifica-se a si mesmo, como elle é puro» (1 João 3: 3).

(Continúa)

Gunnar Vingren.

Noticias alegres

De Maceió (Alagoas), onde pastorea o rebanho do Senhor, escreve-nos o nosso presado irmão e cooperador Otto Nelson, acerca da ultima viagem que fez, visitando o nosso extremo norte.

E-nos grato relatar como o nosso irmão falla das impressões que teve, da alegria que o dominou vendo a obra do Senhor Jesus; da alegria dos crentes nos lugares onde visitou, e tambem do seu jubilo em ter conhecimento pessoal com uma multidão accrescida de novos irmãos no Senhor.

Tambem, por nova vez, cabe nos alegrarmos-nos no Senhor, pela graça que concedea ao seu servo de poder connosco gloriar-se na cruz de nosso Amado e Bemdito Salvador, pois ha mais de tres annos viviamos apartados do convívio de nosso amado irmão; e apraz-nos convidá-lo a muy breve repetir a sua visita, para que se recitem os nossos corações.

O nosso irmão nos conta que durante sua estadia no Pará, baptizou dois irmãos em aguas, e permitiu o Senhor que aquil fosse elle mais uma vez testemunha das maravilhas do Senhor, em um baptismo no Espirito-Santo, a que assistiu, e no Estado do Ceará, foram sepultados em agua 21 pessoas, na morte pelo baptismo para andar em novidade de vida. Alli o Senhor Jesus baptizou no Espirito-Santo 8 pessoas, inclusive uma irmã que o esperava durante 4 longos annos, em meio de um culto de pregação, quando se levantou para testificar do santo nome do Senhor Jesus, foi ella baptizada, conforme a promessa do nosso Amado e Bemdito Salvador.

Por tantas e taes novas alegres que sempre o Senhor Jesus nos dá, para repouso e edificação nossa, queremos dar honra e gloria, hoje e para todo o sempre. Amen.

Nosso Testemunho

(Concluído)

Pois "aquelle que está em Christo Jesus, nova creatura é: passou o que era velho e tudo se fez novo". Assim, as testemunhas de Jesus-Christo só devem testificar de sua graça, de seu amor e de sua misericórdia. Aquelle que pertence a Jesus, diz o Psalmista, tem a sua vontade na lei do Senhor, e nella mora de dia e de noite. E quem que já viu a luz bendita (verdade) de Nosso Senhor Jesus-Christo deseja ficar nas trevas (peccado)?

S. João na sua 1ª. epis. cap. 1: 1 diz: "Porém se nós andamos na luz, como elle mesmo também está na luz, temos mutuamente sociedade, e o sangue de Jesus-Christo nos purifica de todo o peccado". E já que conhecemos o caminho da Salvação, pois Jesus disse: "vós... já sabeis o caminho (João 14: 4. despartimo-nos das obras das trevas, e nos visões das armas da luz. Jesus disse aos seus discipulos: (S. João. 5: 14, 16)". Vós sois a luz do mundo. Não pode esconder-se uma cidade que está edificada sobre um monte: Nem os que accendem uma luzerna a mettem debaixo do alqueire, mas põem-a sobre o candelieiro, afim de que ella dê luz a todos os que estão na casa. Assim luz a vossa luz diante dos homens: que elles vejam as vossas obras, e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus." E elle, Jesus é a nossa luz. — "Eu sou a luz do mundo: o que me segue não anda em trevas, mas terá o lume da vida" (João 8: 12).

Façamos tudo em humildade de coração e quebrantamento do espirito, para que possamos mostrar as nossas obras em mansidão de sabedoria, dizendo com S. Paulo: "Em Christo digo a verdade, não mintro (dando-me testemunho juntamente com a minha consciencia no Espírito-Santo.) Rom. 1: 1. Graças a Deus que o mesmo apóstolo ha muito testificou: "Porque nós não somos, como muitos falsificadores da palavra de Deus, antes fallamos DE CHRISTO COM SINCERIDADE, CRUO DE DEUS NA PRESENÇA DE DEUS (2 cor. 2: 17). Por isso, o amor de Deus nos constrange fazer como os primitivos discipulos em Jerusalém: "E todos os dias não cessavam de ensinar e pregar a Jesus-Christo, no templo e pelas casas". act. 5: 42. Testificando a verdade contida nas palavras de S. Pedro, quando disse de Jesus: "E não ha salvação em nenhum outro, porque do céu abaixo nenhum outro nome foi dado aos homens em que devamos ser salvos. Act. 4: 12, queremos aqui lançar o nosso humilde testemunho, dobrando nossos joelhos diante d'aquelle que é bendito eternamente", a quem seja dado honra, gloria, dominio e magestade, desde agora e para sempre. Amen.

Abrimos espaço para o testemunho de uma serva do Senhor Jesus.

«Meu testemunho. "Justificados pois pela fé, tenhamos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus-Christo.

Que a fé não vem de nós mesmos, mas é dom de Deus, eu posso testemunhar, pois quando eu não possuía esse dom, sentia o peso da condemnação eterna, mas Deus, que é rico em misericórdia, deu paz ao meu coração, revelando o seu amado Filho Jesus. De posse dessa certeza, Jesus-Christo

mostrou-me que quem possui a Elle tem a vida eterna. Fazem seis annos que recebi o baptismo no Espírito-Santo, e a paz de Jesus, desde então, tem habitado em meu coração.

Se não tenho liberdade de me congregar com os meus amados irmãos, e se ainda não pude testemunhar uma santa ceia, tenho muito desejo, todavia, peço aos meus amados irmãos, que leem estas linhas, de orarem pela minha liberdade. Gloria a Jesus! que Elle é o senhor que tem todo o poder no céu e na terra, e o que diz: "TUDO É POSSIVEL AO QUE CRÊ."

(Rio Preto-Ilhas.)

Maria Alves Brazil

Poucas palavras

Mentiroso é aquelle que contesta a Verdade.

Um sabio, nunca contende, mas sempre entende. Um louco, nunca entende, mas sempre contende.

A sabedoria que é mel na bocca do entendido, é amargosa nos labios do tolo.

«Melhor é alguém ouvir a reprehensão do sabio, do que ouvir alguém a canção do tolo» Eec. 7: 5.

Duvidar de Jesus, é tornar Deus mentiroso. E, segundo a Biblia, os mentirosos não têm parte no reino dos céus.

Nossos Hymnos

Pedimos aos nossos amados irmãos, que se interessam pela causa do Senhor, a lembrança de colleccionar os nossos hymnos, pois elles são em verdades, outras «boas-sementes», que devemos ter em nosso «calleiro espiritual», onde guardamos a abundancia do «trigo» bendito que Jesus nós dá. Amen.

CORRIGENDA—Em o nosso primeiro numero, escaparam alguns senões de revisão. Citamos os mais dignos de nota, e os outros o leitor intelligente corrigirá por si—No artigo «Expediente», onde se lê: «possa tomar-o uma benção para a sua norma e gloria», leia-se: para tomar-o uma benção para a sua honra e gloria—No artigo «o Baptismo no E-Santo, onde se lê: «o que não parece duvida», leia-se: o que não padece duvida. No artigo «o Senhor é o nosso medico», onde se lê —Isa. 53: 5, leia-se—Isaías 53: 5, etc.

Anexo 6: Quarta página da segunda edição do jornal Boa Semente de 16 de abril de 1919. Fonte: Acervo da Faculdade Boas Novas.



NA VESPERA DA VINDA DE CRISTO

S. Paulo escreve aos Thoms. 2.3, que antes do dia do Senhor, virá a apostasia, e a Timotheos, — que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos, e haverá homens maus e enganadores, os quaes irão de mal a peor.

Essa apostasia não é a respeito da educação nem da belleza dos templos, nem do pouco da capacidade dos ministros.

Tambem não se refere ao numero dos membros, nem ao progresso espiritual e material.

Mas a apostasia predicta da igreja viravel é a respeito da fé, e da negação do poder de Deus, manifestado pelo Espirito Santo.

Ha presentemente quasi uma universal inclinação para o "Higher critics" — alta critica ou criticismo, o que verdadeiramente é infidelidade "baixa", e negação da obra sobrenatural da regeneração, da revelação das coisas divinas para a alma, em virtude do Espirito Sancto, e da definitiva resposta da oração.

No entanto, podemos dizer que essas coisas foram fundamentos da religião dos apóstolos e a causa do seu grande progresso.

Depois da apostasia manifestada, espera-nos a revelação de enganos e ilusões!

Se for possível até os proprios esculhidos do Senhor serão seduzidos.

Temos tambem de esperar grandes males e obstaculos provenientes daquelles que toem a forma de piedade.

A fé, que uma vez foi entregue aos santos, não vai diminuir somente pelo mundanismo e pela negação das Escripturas, como tambem pelas importantes iniciativas da fé, cobrando como poder enganoso.

Certo pastor disse: "Esses movimentos serão uma influencia invisivel nos ares, uma atmosphera cheia de espiritos maus, pesada duma oppressão infernal.

Esses espiritos maus farão todo o possível para offender, damnificar, desencaminhar e confundir os filhos de Deus.

Temos de sentir essa influencia em nosso corpo, em nossas mentes e em nossas almas.

Os nossos corpos hão de ser molestados, a nossa mente impressionada e a nossa alma opprimida.

Ainda mais: grandes necessidades e provações peculiares virão ao nosso encontro.

Sem duvida, Satanaz, com um poder mysterioso, opprimirá a nossa mente e vontade, tornando muito difficil andar-se perto do Senhor e muito facil andar-se na carne.

Elle nos ameaçará com o poder que pôde usar contra nós.

Será difficil servir a Deus com fidelidade e orar com fervor.

Todas as coisas interiores e exteriores conspirarão para nos impedir de seguir a Christo, induzindo-nos a não entrarmos em compromissos.

Seremos cercados duma atmosphera que nos levará a nos afastar de Deus, querendo tambem matar os nossos sentimentos espirituales para as coisas celestes, impedindo assim a gloriosa presença de nosso Senhor.

Será facil dormir, mas difficil guardar a communhão entre nós e o céo.

Já estamos sentindo o principio destas coisas.

Mundanismo, em varias formas, com o seu expansivel poder, está entrando em muitas igrejas.

Coisas, que para outra geração seriam impossiveis, agora são não somente permittidas, mas organizadas.

Existe uma verdadeira loucura para o theatre, cinemas e danças.

Em muitos logares a grande agitação pelos divertimentos está ligada ao culto divino, o que resulta em destruição da verdadeira espiritualidade, dando fim ás revivificações, favorecendo assim compromissos entre a igreja e certas coisas, e entre tambem associações duvidosas.

Existe uma terrivel decadencia da fé e da verdadeira religião em todo o mundo neste presente momento.

Não ha negar que existem algumas excepções, mas, olhando em geral, o presente estado das igrejas é um triste quadro.

Tudo isto não clama fortemente aos verdadeiros servos do Senhor, para acostarem e trabalharem com affincos nestes cortos dias de oportunidades?

O Senhor em breve lhes vem chamar, e cada um dará contas do seu trabalho deante do tribunal de Christo...

Trad. do inglez por F. V.

ESPERANÇA

Segertoner 288

Glorioso dia para nós virá
Vaigem penosa breve acabará
Ao acordarmos no celeste lar
Gloria devemos ao Cordeiro tributar.

Coro:

Hei de encontrar-O na celeste gloria,
A Jesus Christo louvarei como convem.
Por sua graça, por seu grande amor
Eternamente louvarei o meu Senhor.

Harmonioso dia vem raiar
Longo será tristeza e chorar,
Mangões celestes hei de possuir
Gozo eternamente com Jesus unir.

Tenho saudade deste dia já,
Quando Jesus me ceu me abraçará,
Muitos queridos hei de ver também
Eternamente cantaremos gloria, amen.

F. V.

O que nós cremos

CREMOS que a **BIBLIA SAGRADA** é a palavra de Deus, escripta pela inspiração do Espirito Santo para regra de fé do povo de Deus em todos os tempos.

CREMOS n'uma salvação completa, salvação de todo o peccado, pelo pagamento de sua divida, pela lavagem completa de suas manchas, e pelo amiquilamento de seu poder.

CREMOS na cura divina effectuada por Jesus, em toda doença, porque tanto os nossos peccados como as nossas doenças Jesus tomou sobre si (Isa 53).

CREMOS no poder efficaz da oração, e por isso oramos;

CREMOS nas bençãos do Senhor, e na necessidade de obedecermos a Jesus, em tudo, conforme a sua palavra, e que para isso descemos com Elle á sepultura, na morte pelo baptismo;

CREMOS que Jesus morreu e que tambem resuscitou — morreu, cumpridor da lei e substituto do peccado, mas resuscitou e vive para ser nosso intercessor;

CREMOS que devemos e podemos entrar em communhão com o Salvador vivo, pelo seu Espirito Santo; e que esta communhão com Jesus é perfeitamente manifesta pelos signaes e prodigios sobrenaturaes, pois ella em nós se opera, quando temos uma vida verdadeiramente espiritual, com dons espirituales; como lingua extranha, etc.

CREMOS que Jesus em breve virá para receber a sua Esposa, e que ella durante o millenio, julgará e reinará com Elle. **ISTO É O QUE NÓS CREMOS;** praticamos e annunciamos como testemunhas do Senhor e por isso, como testemunhas suas que somos, nada queremos occultar, augmentar ou mudar sobre tão importante assumpto. — O que não queremos ser é perjuros espirituales.

to E se
pe
pe
fi
a
ta
m
di
m
te
de
a
or
F
de
da
14
de
hi
no
pe
lo
mu
da
do
no
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

U
dad
espi
pos,
U
Sede
liste
tudo
pão,
dos
acha
onde
1422
do
cheg
os o
sado
pedo
mim
atray
de
Evan
para
mald
hora
niata
Qu
sida
A
RIO
O
cheu
zu-se
baptis
gidos
Santo.
Ao
vam h
Em
Espira
VICTO
O
do Esp
salvam
pieto
o bapt
NOVA
O
consta
contim
se tem
do an
no Esp
mento
ali e p
RIO B
De
grieta
do Rio
Que
de Ch
alegrin
Jesus
e a no
de nu
Senhor
par. A
e to se
se com
enudo

Anexo 7: Página 6 do Jornal O Som Alegre de março de 1930.
Fonte: CEMP/CPAD

A TRINDADE O que ensinamos

É este um assumpto um tanto difficil de explicar. Para o homem que deseja perceber o que não lhe compete, naturalmente, tal assumpto, será para sempre, um mysterio.

As Sagradas Escrituras ensinam que ha tres pessoas distinctas na trindade — o Pai, o Filho e o Espirito Santo;

São tres em pessoa, porém, na essencia, ou na qualidade. Esta unidade pode ser symbolizada com a unidade entre marido e mulher, ou melhor, com a unidade entre os membros do corpo de Christo. Podemos baptizar-nos num corpo, porém, somos muitas membros.

Assim como Jesus criou "Eu não rogi somente por estas, mas tambem, por aquelles que pela sua palavra hão de creder em mim — para que todos sejam um, COMO TU, ó Pai, és unido ao Filho, e eu ao Pai; para que todos sejam um em nós" — João 17:20,21.

Quando as Escrituras falam da Trindade, usam de três palavras em hebraico, que significam "unidade, unidade".

A Palavra un, ha sentido duplo, não é usada concernente a trindade.

Portanto, são tres pessoas distinctas, e a unidade não extingue a personalidade de cada uma das tres pessoas. Isto, é, em resumo, o que nós cremos acerca de Trindade.

Ha, em dia, apparecem pessoas que querem perverter os rectos caminhos do Senhor, ensinando doutrinas falsas, segundo o que diz na primeira epistola de S. João 2:18-23. São os antichristos que hão de apparecer nas ultimas tempos. Com pretextos de humildade e santidade falsa, elles vêm ensinando que Deus é tudo; Deus é o Pai — Como se nós não o, embalsamamos. Mas, o que elles não sabem, é "confessar o Filho", e o apostolo S. João diz que "aquello que não confessa o Filho, tambem não tem o Pai". Pelas suas vidas e pelas suas obras, mostram que ainda que se consideram filhos de Deus, são filhos do Diabo. São hypocritas e phariseus, que não sabem o que é arrependimento nem experimentar o novo nascimento.

Convem attentarmos para o que diz no II João verso 10: "Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina,

das Santas Escrituras — Dadas pela inspiração de Deus, contém de Genuino ao Apocalypse, o plano de Deus revelado para a humanidade. 2 Timotheo 3:15.

Deus — O Pai, Filho e o Espirito Santo, são tres pessoas em um só Deus verdadeiro. Mathews 3:17.

Arrependimento e Perdão — Este, é tristeza, confissão, e abandono por completo, do peccado. Lucas 24:47.

O Novo Nascimento — Com isto queremos dizer, uma completa transformação no coração, ficando uma nova creatura. S. João 3:3. 2 Cor. 5:17.

Baptismo nas aguas — Sendo mortos para o peccado, e vivos para Deus, desejamos ter identificações com Christo, na sua morte e resurreição, por esse symbolo exterior. Isto não é esperada mas immersão. "Sepultados com Elle pelo baptismo" — Romanos 6:4.

Baptismo no Espirito Santo — É a entrada do Consolador prometido, para guiar o crente em toda a verdade de Deus, dar poder para servir, para revelar Christo no coração, e fazer do nosso corpo, Templo do Espirito Santo. Quando o crente recebe o baptismo do Espirito Santo, o mesmo signal se manifesta hoje, como no dia de Pentecostas, quando todos falaram em outras linguas, conforme o Espirito Santo lhes concedia que falassem. Actos 2:4; 10:46; 19:6.

Santa Ceia — Nós reconhecemos que a Santa Ceia é a mais preciosa festa e commoção e deve ser commemorada pela verdadeira Egreja de Deus vivo, composta de membros verdadeiramente salvos e baptizados em aguas e que creem em toda a luz e verdade de Deus. Lucas 22:19; Mathews 26:29; Actos 2:41-47.

Deus Espirito — Ha nove dons do Espirito — I Cor. 12:8-11. Estes dons, são dados pelo Espirito Santo, e são para edificação da Egreja. Ha tambem nove especies de fruto do Espirito as quaes não se deve negligenciar. Galatas 5:22-23.

Cura Divina — A doença, vem ao mundo por causa do peccado. Jesus, pelo seu grande sacrificio na cruz, tem provido para nós, livramento de todo o poder do diabo, tanto do corpo, como da alma. Pela sua preciosa sangue lavado. Isaías 53:5. Thimoteo 3:16.

(doutrina de Christo) não o recebam em casa, nem lhe ponha o saudação".

Quem perverter na doutrina de Christo, esse tem assim, o Pai, como Filho.

F. P.

Segunda vinda de Christo — No momento da Assumpção de Jesus, vieram dois Anjos, vestidos de branco, e os quaes, deram esta gloriosa promessa aos discipulos: Easo Jesus, que dentre vós foi recebido em cima do Céu, ha de vir, assim como para o Céu o vistes ir. Actos 1:11. É clara, que estamos chegando perto do fim desta dispensação. Profecias e signas estão sendo cumpridos com grande rapidez. Estas vós promptos para encontrardes o vosso Deus? Um povo redimido, separado e cheio do Espirito Santo, está se apromptando para encontrar Jesus no ar. O leitor deseja ser um d'elles? I Thes. 4:16-17. Ephesios 6:67.

O castigo eterno para os ímpios — A Bíblia Sagrada nos ensina muito claro esta verdade. Lê com attenção, Apocalypse 14:9; 11; 20:10; S. Mathews 25:41 — 46; Marcos 9:43-48.

Socorro em Christo existe um caminho para fugir da ira vindoura.

O. N.

TESTEMUNHO

"Chegue-vos a defender a vossa causa, diz o Senhor; allegai as vossas razões, se accusa a tentos, diz a rei de Jacob" — Is. 41:21.

"Ovi o que diz o Senhor Levantate, deixando a tua casa em Judah contra os montes, e occupa os outeiros a tua vida" — Miquias, 6:1.

Durante 21 annos, vivi neste mundo peccaminoso, nas mais densas trevas, bebendo, jogando, fumando, visitando os antros de corrupção, nas maiores orgias, sendo portanto, um homem depravado no mais alto grau de miséria e peccados. São estas coisas, tudo o que o mundo seductor e abominavel tem com abundancia, para offerecer aquelles que não conhecem a Verdade, aos corações obcecados pelo peccado.

Reverendo de inimigos e "amigos" da mesma tempera, sem um abrigo, sem um lenitivo, sem conforto, cego, desviado, apalmando as trevas que me encumbriam, orphão, mendigando o pão, sem conhecer de Deus, fazer uma palavra que sciuisse a forma de que estava possuida a minha alma, e o estado em que eu me achava.

Quando, porém, no dia 8 de Dezembro de 1927, eu festejava numa das maiores orgias o primeiro anniversario de minha filha Iscarye, vi entrar, pela porta de minha humilde choupana, um monastio da palavra de Deus, sobrenadando uma Bíblia, o qual me disse: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o seu Filho Unigenito, para que todo o que nullo creu não pereça, mas tenha a vida eterna." — João 3:16. Foi então, que senti o peso dos meus peccados e a neces-

JESÚS

Através de todas as épocas, os homens têm preferido, a respeito da personalidade de Jesus, diferentes julgamentos. A velha história da cruz, o sofrimento no Gólgota, são fatos que a humanidade repete, como um grande acontecimento. Assim, todas as vezes que os anos, mesmo aqueles que não possuem nenhum sentimento cristão, correm ás casas de diversões para contemplar a Paixão de Cristo, através de uma tela ou de um palco.

E para muitos, Jesus fica sendo somente o filho do humilde carpinteiro de Nazaré e, para outros, um profeta. Finalmente, muitos pararam aí, sem dar o real valor. A' qualé que deixou o Seu lar de gloria, para, numa cruz maldita, expor a culpa de uma humanidade corrupta e distancada de Deus.

Certa ocasião, falando para uma jovem acérra da obra redentora, ella me disse: "Por que Deus não vem ao meu encontro?"

Assim como aquella infeliz cristã, muitos estão caídos, além do caminho, feridos pelas setas do Maligão, completamente alheios ás confortadoras palavras de Cristo: "Tu do céu és chamado."

Que temos, então, de fazer para

a nossa salvação, quando todo já está feito? Apenas, aceitar Jesus como nosso Salvador, como o que carregou toda a nossa carga de pecados. Mas, os infelizes, os que não têm visto em Jesus nenhum valor, os que nada têm dado á Sua obra, continuam nos seus vícios e misérias, levando uma existência de toda lastimavel.

Leitor e amigo: Que penzans de Jesus, hoje?

É interessante, quando, percorrendo as páginas sagradas, consideramos os diversos pensamentos dos que falaram a respeito de Jesus.

Saulo de Tarso, ainda caído por terra, perguntára a Jesus: "Quem és Senhor?"

Quando reconheceu o todo poderoso, Aquelle que havia de tirar de seus olhos as escamas, dando-lhe vista e tornando-o num apóstolo, Saulo disse: "Que queres que eu faça?"

O etíope, mordomo-mór da rainha de Candace, quando, ainda confuso lia o Livro de Isaias, perguntou a Filipe: "De quem dizes isto o profeta? De ti ou de algum outro?" Ao receber luz do céu, confessou: "Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus".

A mulher samaritana, a quem o Mestre oferecera agua, dissera: "É

tu maior que nosso pai Jacob, que nos deu o poço?" — Mas, quando toda a sua vida pecaminosa appareceu diante de si, instantaneamente, disse, admirada: "Senhor, objo que és profeta?"

Natanael, o grande israelita, ao ouvir falar de Jesus, perguntou: "Póde ser alguma coisa boa de Nazaré?" Porém, diante da consciência de Cristo, teve que confessar: "Rabbi, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!"

O centurião, que presenciara antes os blasfemos, em torno da cruz de Cristo, mandaram que Este se salvasse, si fizesse Deus, confessou, ao ver o meio Jesus perder o espirito: "Na verdade, Este homem era justo".

Leitor, que pensas de Jesus, hoje, não sei; porém, uma coisa tens a fazer, si possues uma consciência contaminada e uma vida infeliz longe sobre Cristo todos os teus próprios pensamentos, as tuas doutrinas, a tua religião; enfim, toda a tua carga, que sentirás o efeito das gloriosas palavras de Jesus: "Vinde a mim todos vós que estais cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei".

Zélia Brito Macalão

EM QUE ORÊM OS PENTECOSTAIS (NO EVANGELHO INTEGRAL)

O movimento pentecostal é, de fato, grandemente ignorado. Varias concepções errôneas têm surgido, acerca dessa obra, difamando-a, ou procurando difamá-la.

Ninguém julgue que esse movimento possa ser confundido com o espiritismo; com alguma "ciência cristã" ou mesmo, que se trate de idéas novas. Não. O nosso fundamento é a fé, na Salvação pela obra expiatória de Jesus Cristo, como nosso substituto, no Calvário. Igualmente, o movimento pentecostal não admite o fanatismo das predestinações e salvação incondicional; mas, se adstringe á Palavra de Deus, aceitando e pregando a Salvação pelo sangue de Jesus; o batismo no Espírito Santo; a cura Divina, e a annunciação da segunda vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo. Essas são as verdades que defendemos, em harmonia perfeita com todas as demais disposições bíblicas.

Acceptamos a santa inspiração das Escrituras; reconhecemos a degradação moral e espiritual do homem, pelo pecado; sabemos, sim, que todos estamos destituídos da gloria de Deus, mas que, nos que aceitam o sacrificio de Cristo e buscam o arrependimento, Deus tem feito participantes das bênçãos perdidas pela desobediência.

Creemos em um único Deus verdadeiro, manifestado em Tres Pessoas distintas: Pai, Filho e Espírito Santo; todos,

majestade, porém, com officios diferentes.

Quanto aos mandamentos do Evangelho, creemos e praticamos o batismo de imersão, não como uma ordenança salvadora, mas, sim, como um ato de obediência, fé e testemunho público e razo, da transformação que em nós se operou, bem como da nossa disposição de sepultar a velha criatura.

Creemos na ceia do Senhor, em cuja presença participamos do pão e do vinho, annunciando a Sua vinda. (I Cor. 11:25).

Creemos que a unção com azeite, nos enfermos, em nome do Senhor, lhes traz cura física. (Tiago 5:14-15, Mar. 6:15-18).

Creemos, sobretudo, no novo nascimento, como obra divina e sobrenatural, a qual transforma o pecador, num homem sã, dando-lhe poder para viver de modo puro e agradável a Deus, em Cristo.

Creemos na vida santa dos discípulos, (mesmo contemporâneos nossos). Não permitimos que tomem partes em jogos cêros, arquetras, etc. aquelles que não tenham passado pela experiencia viva do novo nascimento. Excluimos da comunhão (em absoluto) aquelle que seja fumante ou seja bebedor ou que frequente theatros, cinemas, bailes, jogos, e tantas outras misérias do mundo. Os tais não podem fazer parte do santo corpo de Cristo, que é a Igreja.

Arreio do necessário é manutenção

do trabalho, também, não nos afastamos das Escrituras, cumprindo, assim, a doutrina do d'zimo e oferta voluntárias. Jamais consentimos nos bazares, e nas reuniões sociais, como chá, etc para incentivo da obra. Não precisamos disto: Deus é o nosso incentivo. Aleluia!

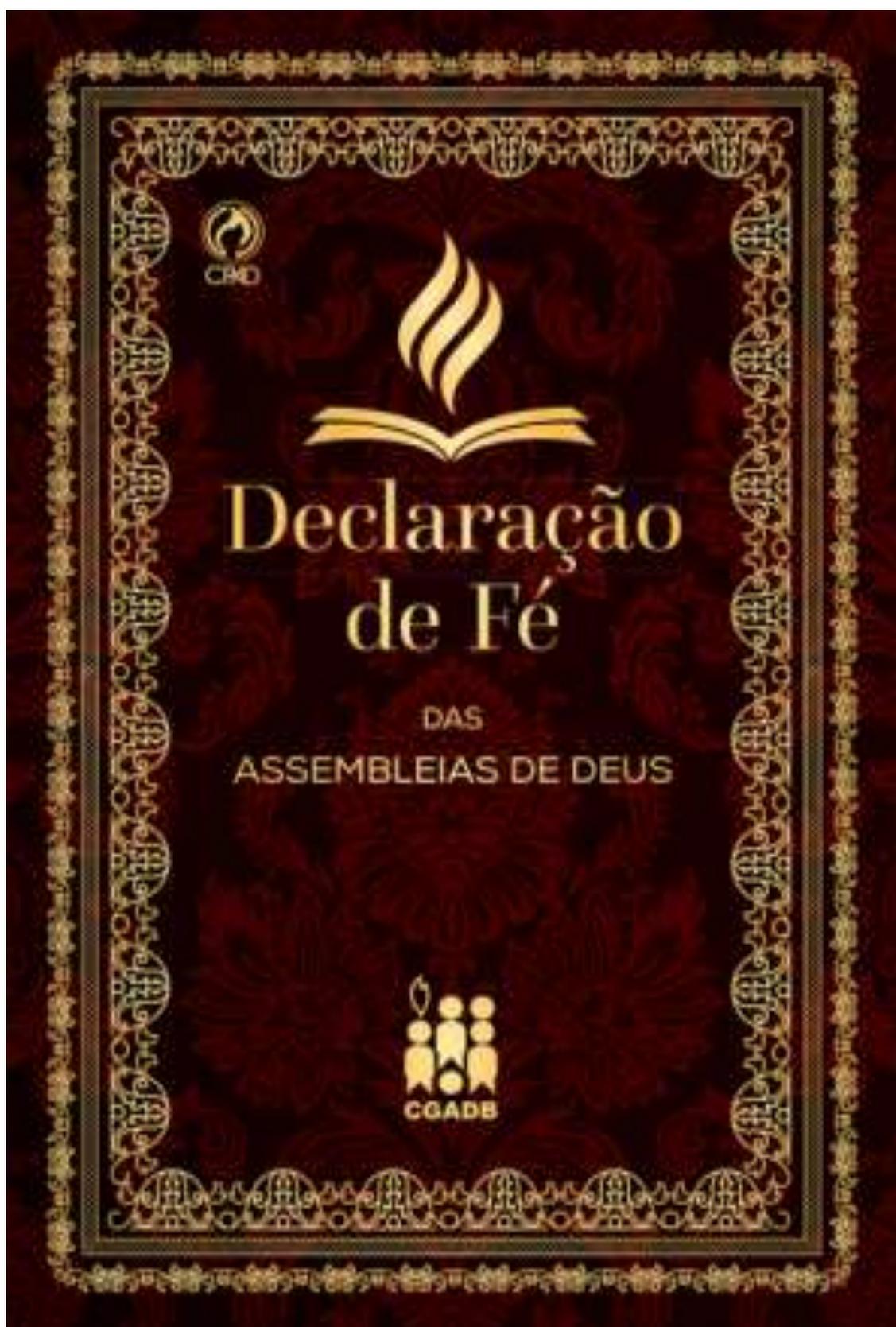
O movimento pentecostal sustenta todos esses pontos, porém, não nos poderíamos responsabilizar pelo mal testemunho que um ou outro crente possa dar com a sua vida discrepante. Como sempre aconteceu no Cristianismo, ha e haverá os cantadores de escândalos, a respeito dos quais Jesus profetizou (Mat. 18:3).

Essa obra, está longe de ser perfeita, por isso que somos humanos. Uma coisa, porém, afirmamos sem receio de contradição: é que esse movimento é absolutamente bíblico, nos mais íntimos detalhes da doutrina. E', portanto, sã e seguro (dizemos isto, baseados em Apo. 22:1).

Tal despertamento nasceu em oração e vive, desse modo, até hoje. E' a atmosfera da oração que temos respirado o puro ar celestial, que nos revigora e nos conduz como Igreja missionária, triunfante!

N. da R. — Eis, em poucas palavras, o que representa o combatido "pentecostismo".

(Tradução de T. Stehr).



Anexo 11: Capa da Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil.
Fonte: Google imagens.